upload

Índice

Sobre o autor

Página de título

Dedicação

Mapa

Epígrafe

Prólogo: Prisca

1: PRISCA

2: A RAINHA

3: LORIANO

4: MADÍNIA

5: A RAINHA

6: PRISCA

7: MADÍNIA

8: PRISCA

9: MADÍNIA

10: PRISCA

11: LORIANO

12:PRISA

13: PRISCA

14:PRISA

15:PRISA

16:PRISA

17:PRISA

18: ASÍNIA

19: MADÍNIA

20: MADÍNIA

21:PRISA

22: LORIANO

23: A RAINHA

24:PRISA

25: A RAINHA

26: ASÍNIA

27: MADÍNIA

28:PRISA

29: ASÍNIA

30: ASÍNIA

31:PRISA

32: PRISCA

33: PRISCA

34:PRISA

35: A RAINHA

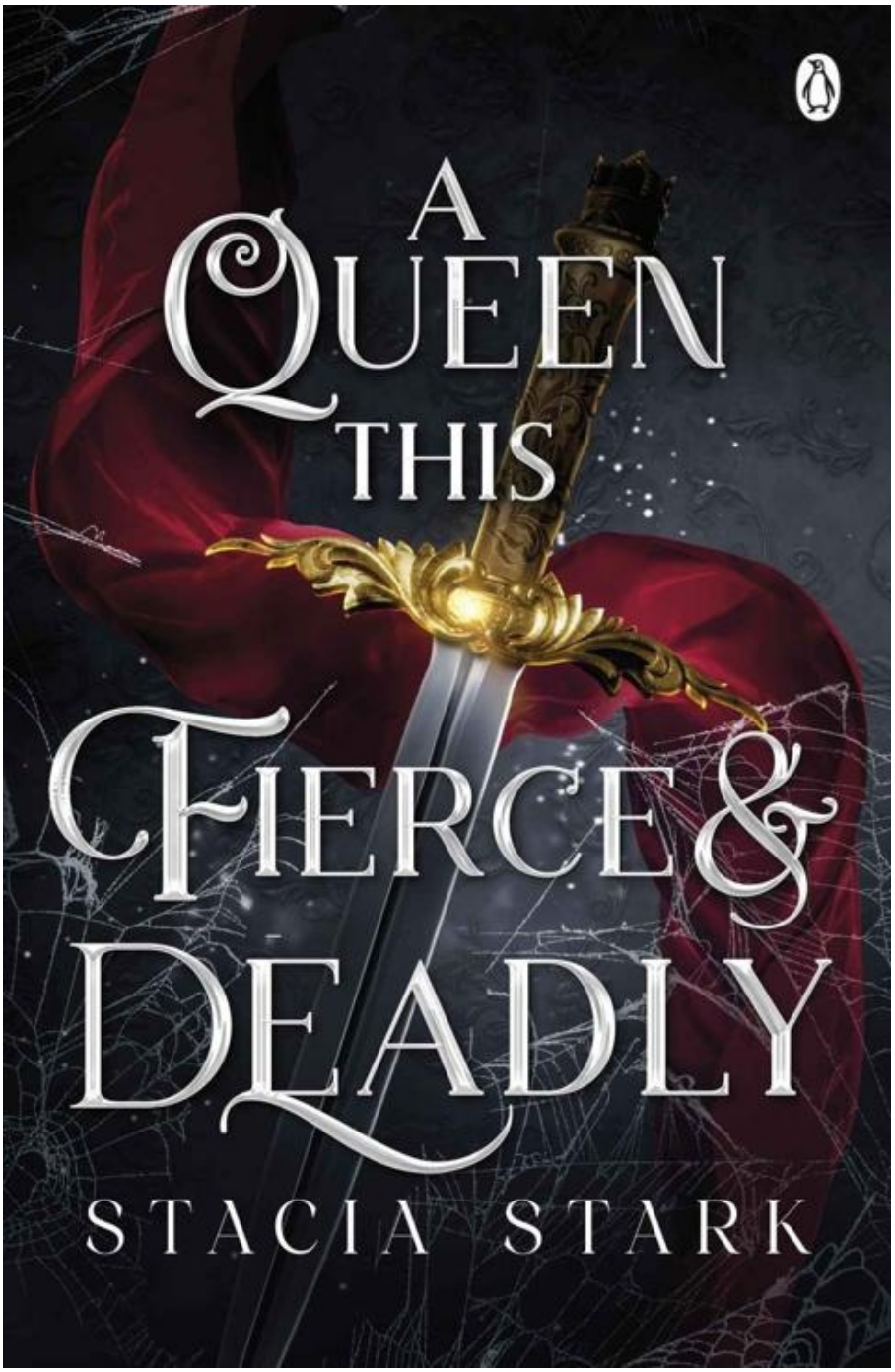
36: PRISCA

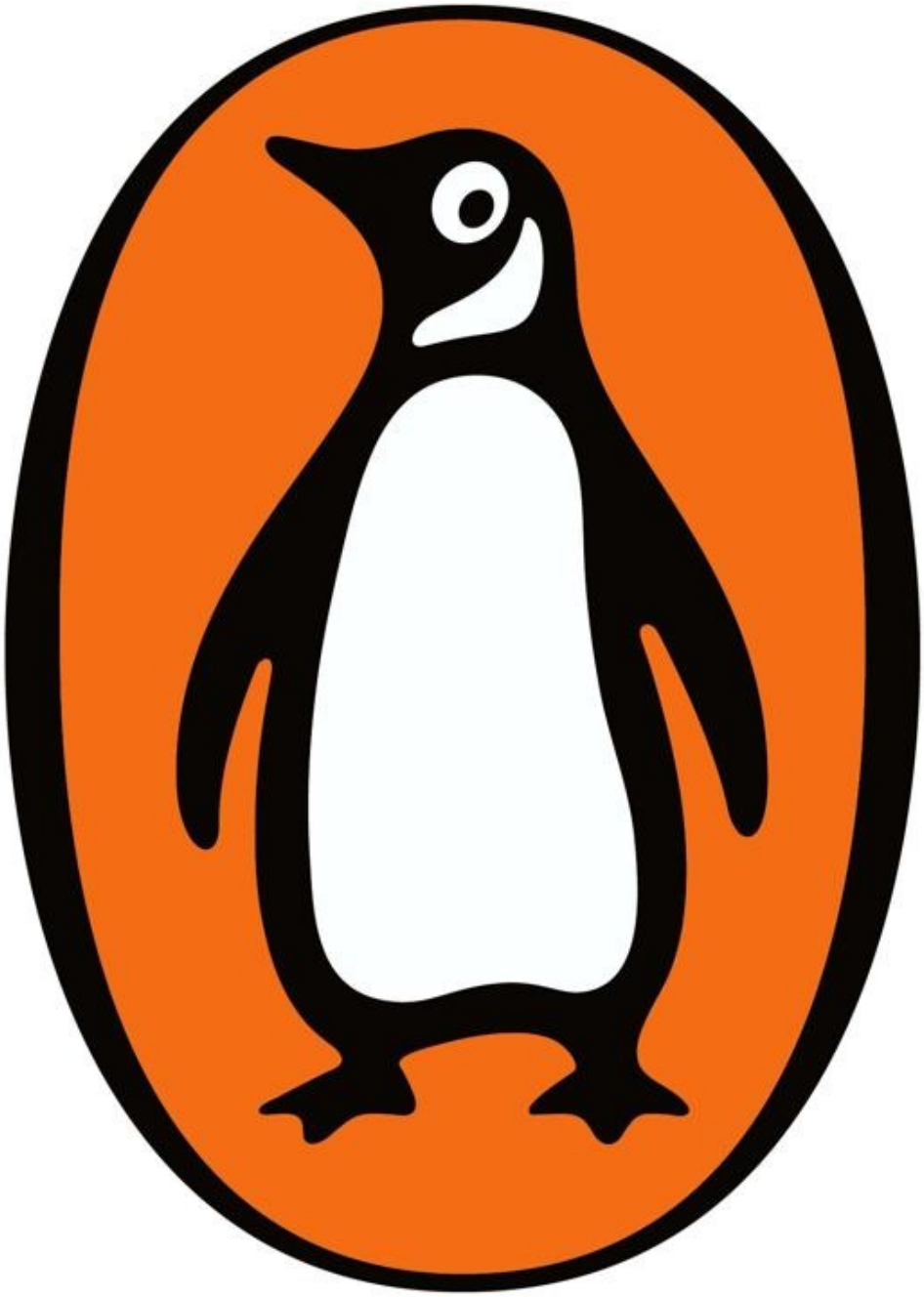
37: LORIANO

Epílogo: Prisca

Agradecimentos

Direitos autorais


A
QUEEN
THIS
FIERCE &
DEADLY
STACIA STARK



Sobre o autor

Stacia Stark é uma autora de romances de fantasia que adora escrever sobre famílias encontradas, heroínas autossuficientes e heróis taciturnos e mal-humorados. Originária da Nova Zelândia, Stacia passou mais de uma década viajando e morando em vários países ao redor do mundo como redatora freelancer e atribui seu desejo de viajar e criatividade a essas aventuras. Quando não está viajando ou escrevendo, Stacia costuma se perder nas páginas de um

bom livro.

Venha dizer oi no Facebook: facebook.com/groups/starksociety Ou saiba mais em Staciastark. com



Stacia Stark

AQUEENTHISFIERCEANDDE AD LY

Para Cristina Weiner.

Eu entraria furtivamente na masmorra de um rei tirano por você.







A vida é principalmente espuma e bolha, Duas coisas permanecem como pedra,

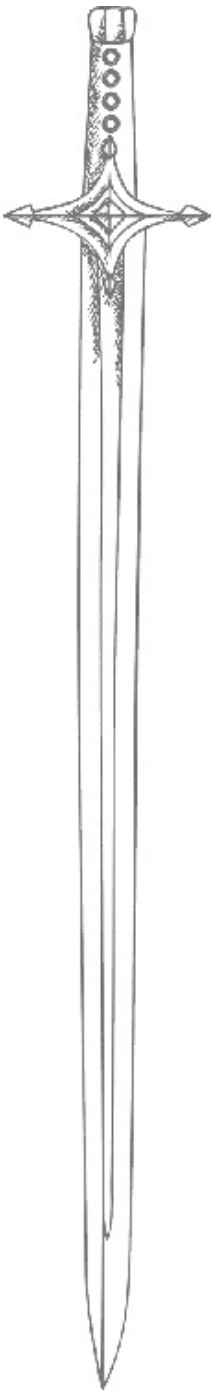
Bondade nos problemas dos outros,

Coragem por conta própria.

—Adam Lindsay Gordon

PRÓLOGO

Prisca



Egner se abaixou e, juntos, Regner, Zathrian e Eadric ergueram um objeto que Rthey mantinha cuidadosamente escondido.

Um espelho.

Quando as ondas são coagidas…

E a reflexão engana…

O poder de Conreth atingiu o vidro. Mas em vez de congelar e explodir, aquele espelho refletia seu poder.

O medo explodiu em minhas entranhas. Eu arrastei meu poder para mim.

Não funcionou.

O tempo não parou.

Eu não estava fora. Eu ainda tinha energia sobrando. No navio ao lado de Regner, meu primo sorriu para mim.

Ele me *neutralizou* .

É por isso que ele estava aqui. Ele salvou seu poder apenas para isso.

Um truque. Regner sacrificou algumas de suas pessoas mais importantes, garantindo que suas proteções parecessem inúteis, garantindo que Conreth não pudesse deixar de usar seu poder...

Esse poder estava voltando em direção às nossas linhas. Mas em vez de Conreth, foi dirigido a nós.

Eu me lancei em Lorian

Assim como o poder de seu irmão o atingiu no peito.

Lorian olhou para mim e a compreensão brilhou em seu lindo rosto.

Eu o vi formando as palavras.

“Em outra vida.”

Ele estava virando gelo, os olhos vazios. Perdido.

Por um único momento, senti-o ao meu lado, sua alma acariciando a minha.

Eu te amo.

O gelo explodiu em milhares de pedaços.

Conreth gritou o nome do irmão.

Todo mundo estava gritando, esquivando-se para se proteger.

Mas o som diminuiu.

Não.

Não, Lorian não tinha ido embora.

Ele havia prometido.

“Eu quero que você sinta o quanto eu te amo. Estarei sempre com você, Prisca.

Somos você e eu.

Minha mão foi para a ampulheta. Atrás de mim, Telean gritava.

“Não, Nelayra, não! Isso vai te *matar* !

Parei o tempo com um mero pensamento. Pude sentir Zathrian tentando me neutralizar e o ignorei. Ele usou todo o seu poder para me neutralizar uma vez.

E um dia, ele pagaria e pagaria e pagaria…

Foi a raiva que me levou agora, trovejando através do meu corpo. Através da minha alma.

Eu congelei o tempo, mas não foi suficiente.

Não, se o tempo recomeçasse agora, Lorian ainda teria partido.

A voz de Telean pareceu ecoar em minha mente.

“O mundo deve ser equilibrado.”

Eu não me importava com o mundo.

Os avisos que recebi martelavam repetidamente em meus ouvidos.

Ysara, simpatia brilhando em seus olhos. “ *Aproveite seu tempo com seu fada príncipe. Mas saiba disso: você não pode ficar com ele.*

A vidente da rainha, sua voz prosaica. *“O Príncipe Sanguinário irá morrer."*

Os deuses poderiam ter exigido sua morte. Eles conseguiram o que queriam. Mas eu o traria de volta.

Eu não me importava que isso fosse impossível. Isso, no mínimo, era proibido.

Que se eu conseguisse, os deuses poderiam me castigar pela minha audácia.

Jogando a cabeça para trás, gritei, puxando cada gota de poder para mim.

Eu tinha tão pouco e ainda assim tirei isso de cada parte da minha alma. E quando não sobrou nada, peguei mais.

A agonia tomou conta de mim. E por um breve momento, a presença de Lorian estava ao meu lado mais uma vez.

"Deixe ir," ele sussurrou. E havia tanto amor nessas duas palavras que de repente senti como se meu peito estivesse sendo esmagado.

Eu não deixei ir. Eu cavei mais fundo. Eu puxei com mais força.

Imaginei a alma de Lorian reentrando em seu corpo. Imaginei os pequenos e quebrados pedaços dele se reformando.

A ampulheta esquentou, como se até mesmo o artefato antigo estivesse gritando para eu parar. A dor explodiu na minha cabeça, me deixando de joelhos. Rangendo os dentes, eu segurei. Ele não conseguiu me deixar. Ele não—

Sangue jorrou do meu nariz, vazou dos meus ouvidos. Não estava funcionando.

Mesmo assim, eu aguentei.

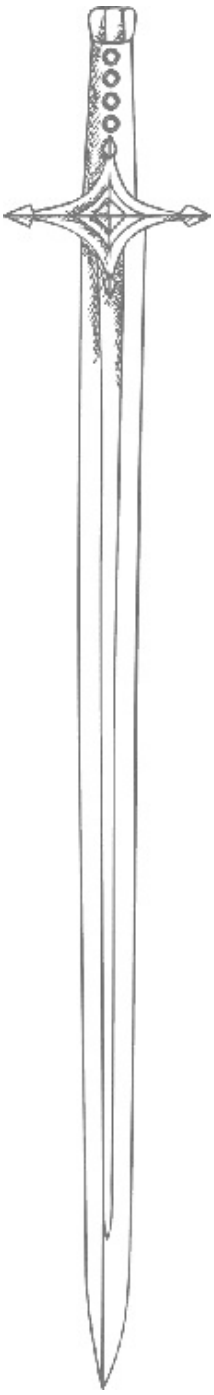
"Em todas as vidas, gato selvagem. Não importa o que aconteça, você se apega a isso. Isso é você e eu em todas as vidas."

Mostrei os dentes e empurrei tudo o que tinha para desafiar as leis da natureza e dos deuses.

Em todas as vidas, Lorian.

1

Prisca



Pedaços de Lorian pairavam no ar, a estátua glacial de seu corpo como um Pvase quebrado congelado no momento do impacto.

Eu tinha perdido muito. Repetidamente. Mas eu não poderia perdê-lo. Não aguentei isso. Isso me quebraria em pedaços tão pequenos quanto os cacos de gelo que eu olhava agora. Então agarrei minha ampulheta até minha mão doer e continuei a agarrar meu poder com tudo que tinha.

As bordas da minha alma começaram a incinerar, pequenos pedaços virando cinzas e indo embora. Piscando para afastar o sangue que escorria dos meus olhos, concentrei-me em meu companheiro.

Finalmente, um único segundo retrocedeu. E depois outro. As bordas da minha visão escureceram. Eu não conseguia respirar. Não consegui pensar. Mas usei minha magia como uma corda me amarrando a ele.

E eu aguentei.

Eu não poderia falhar com ele. Eu *recusei* .

Mas uma onda estranha e vertiginosa percorreu meu corpo. E de repente duas mulheres estavam paradas a poucos passos de distância, no navio, com feições assustadoramente semelhantes às minhas.

Um soluço sacudiu meu peito. A mulher da esquerda… Se não fosse pelas linhas tênues ao redor dos olhos, poderíamos ser gêmeas.

Antigamente, eu odiava Ysara por não me mostrar seu rosto.

Agora, eu sabia que via isso todos os dias no espelho.

Esta era minha mãe. Minha verdadeira mãe.

Uma parte de mim esperava que ela tivesse conseguido sair daquela casa na noite em que desapareci. Que ela estava viva em algum lugar. Eu não tinha percebido até agora quão tolamente me agarrei a essa esperança.

Deixar isso doer.

A mulher ao lado dela também olhou para mim com olhos exatamente da mesma cor que os meus. Mas aqueles olhos eram velhos e perversos, o sorriso brincando em sua boca sugerindo que ela conhecia os segredos do mundo – e não estava impressionada com eles. Esta foi a mulher que usou seu poder para envelhecer seus inimigos. Aquela que atacou nos últimos momentos, transformando a capital de Eprotha na Cidade Amaldiçoada.

Minha avó.

Minha mãe estendeu a mão, como se fosse acariciar minha bochecha. Mas nenhum calor irradiava de sua pele. Eu nunca conheceria seu toque.

“Deixe ir, Nelayra. Isso é proibido por um motivo.” Sua voz era suave.

Gentil.

"Não posso."

Seus olhos se encheram de tanta dor, meu peito apertou.

"Eu amo ele. Eu... sinto muito.

A boca da minha avó se curvou. “Deixe a criança escolher seu próprio destino.

Assim como nós fizemos.

Ambos estavam mortos. Isso foi um aviso? Continuei a atrair meu poder para mim e minha avó riu, olhando para minha mãe. “Tal desrespeito imprudente pelas leis. É como olhar para o meu eu mais jovem.”

Meu peito ficou vazio. A raiva da minha avó arrasou uma cidade inteira.

Essa destruição foi meu destino?

“Por favor, Nelayra”, implorou minha mãe. “Se você fizer isso…”

Minha avó lançou-lhe um olhar duro e depois voltou o olhar para mim.

“No caso improvável de você não se juntar a nós na vida após a morte, haverá consequências. Graves consequências.”

Eu soube disso no momento em que usei a ampulheta para começar a retroceder o tempo. E nada me impediria. Nada.

Ela balançou a cabeça para mim e pena brilhou em seus olhos. “Você acha que sabe o que é sofrer. Você viverá com as repercussões dessa escolha pelo resto da sua vida.”

“Não posso salvar nosso reino sem ele.” Eu não poderia *viver* sem ele.

Seu olhar endureceu. “Não tente justificar suas ações dessa maneira para mim, garota. Você é meu sangue. E espero mais da minha neta do que de uma rainha que entrega seu poder a *alguém* .”

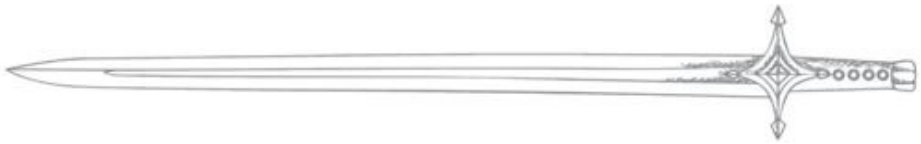
A vergonha tomou conta de mim e abaixei a cabeça. Minha mãe se aproximou e, desta vez, quase pude sentir o calor de sua mão enquanto ela segurava meu rosto.

“Eu amei seu pai da mesma maneira. Eu também não teria ouvido. Ela hesitou e então seus lábios se firmaram. Ela estendeu a mão e uma bola de luz âmbar apareceu, da cor exata de todos os nossos olhos. Com um movimento do pulso, ela o pressionou contra meu peito e observei aquela luz desaparecer dentro de mim.

Quando ela olhou para minha avó, a mulher mais velha revirou os olhos.

“Ah, muito bem.”

Seu próprio fogo âmbar ardia ainda mais forte. “Mude o mundo, neta. E cure nosso reino.”



LORIANO

Tive a vaga sensação de que algo havia dado terrivelmente errado. Uma sensação de... inquietação que percorreu meu peito.

Bum!

Eu me virei. Uma onda de alegria tomou conta de mim quando a barreira caiu, e alguns dos humanos nos esquifes começaram a brilhar, atacando a frota de Regner com seu poder devolvido.

Deixei escapar uma risada triunfante.

O cheiro de Prisca me atingiu antes dela. Eu esperava ver alegria, mas seu rosto estava mortalmente pálido. Ela lutou como o gato selvagem que eu dei a ela, atacando, seu pé movendo-se atrás do meu na tentativa de me fazer tropeçar.

Algo estava errado.

Permiti que ela me empurrasse vários passos para trás no convés, enquanto estendia a mão para segurar seu rosto.

A nave abaixo de nós explodiu.

Eu tive um único momento para alcançá-la, agarrá-la...

Seus olhos estavam selvagens e ela saltou em minha direção, apenas para ser jogada no ar.

Torci meu corpo na tentativa de pegar um de seus membros. Mas ela voou de lado, atingindo a água gelada em algum lugar do lado oposto do navio.

Gritos fraturaram o ar ao meu redor, imediatamente substituídos pelo rugido abafado da água em meus ouvidos.

Mas eu já estava nadando em direção a ela, a água salgada sufocando meus sentidos.

Onde ela estava, onde ela estava, onde ela estava?

“Prisca!” Eu rugi.

Partes do navio estavam queimando em cima da água, e a fumaça preta dificultava ainda mais minha visão. Abaixei-me, mergulhando fundo, semicerrando os olhos na água agitada. Meu batimento cardíaco, alto e irregular em meus ouvidos, parecia sincronizar com o de outra pessoa.

Prisca.

Minha cabeça girou de alívio. Meus pulmões queimaram como se estivessem em chamas, mas deixei meus instintos me guiarem. Cada sombra, cada silhueta flutuante, trazia uma onda de esperança, seguida pelo peso esmagador da decepção.

Desesperado, agarrei-me ao vínculo entre nós.

O vínculo que estava desaparecendo. Aprofundei-me em busca de meu poder na tentativa de afastar os detritos com meu vento.

Não se atreva a me deixar, gato selvagem.

Ao longe, vislumbrei um cabelo louro-claro, destacando-se como um farol no oceano. A visão me permitiu usar o que restava de meu poder para atravessar a água. Prisca estava afundando, como se as ondas estivessem famintas por ela. Seu rosto estava branco como um cadáver, os olhos fechados. Nenhuma bolha saiu de sua boca.

Ela não estava respirando.

Pegando-a em meus braços, pressionei minha boca na dela, dando-lhe o pouco ar que restava em meus pulmões.

Lute, Prisca. Por favor.

Chutando minhas pernas para nos impulsionar através da água, mantive minha boca fundida com a dela em um esforço para fazê-la *respirar.*

Finalmente, finalmente, atravessei a superfície da água, o ar fresco e vivificante atingindo meu rosto. Respirei fundo desesperadamente e fixei minha boca na de Prisca mais uma vez.

“Loriano!”

Dei uma única olhada na direção da voz frenética. Madinia estava cuidadosamente equilibrada num esquife cheio de híbridos. Provavelmente Galon usou seu poder para enviar seu esquife em nossa direção. Fiquei na água o tempo suficiente para empurrar Prisca para fora da borda e para dentro do pequeno barco, imediatamente me puxando atrás dela.

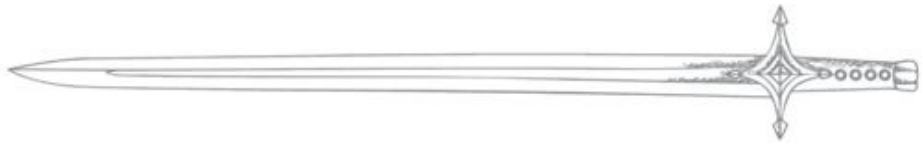
O barco balançou perigosamente. Madinia se agachou e vários híbridos soltaram gritos.

Madinia tirou o cabelo de Prisca do rosto. “Você tem que reiniciar o coração dela. Eu vi o curandeiro de Regner fazer isso uma vez.”

Enfiei minhas mãos contra o peito de Prisca, bombeando de novo e de novo. Seu corpo jazia mole no fundo do barco. Nenhuma resposta.

Todo o meu corpo ficou dormente. Era como se eu estivesse observando as mãos de outra pessoa tentando salvar minha companheira. Como se fosse outra pessoa que se inclinasse para soprar ar em seus pulmões.

O esquife estava estranhamente silencioso. Ninguém sequer se mexeu.



Bombeei com mais força, mais rápido, meus movimentos cada vez mais desesperados.

Uma de suas costelas quebrou. Eu senti isso como um golpe para mim mesmo.

“Eu não sei o que você fez,” eu grunhi. “Mas você não pode me deixar aqui sem você. Você vai voltar para mim, ou eu vou te seguir e te arrastar de volta eu mesmo.

“Ela se foi”, alguém disse.

Eu rosnei. Acima de nossas cabeças, relâmpagos cortavam o céu. Onde estava esse poder antes, quando eu precisei dele?

“Esse é o Príncipe Sanguinário tentando salvar sua companheira,” alguém sussurrou. “Eu sugiro que você fique muito, muito quieto.”

Madinia se aproximou, verificando o pulso de Prisca. Seus olhos encontraram os meus e ela balançou a cabeça.

Eu a ignorei, batendo as mãos no peito de Prisca. Outra costela quebrou. Ah,

deuses.

“Por favor,” eu implorei. “Por favor, gato selvagem.”

O vínculo entre nós estava desaparecendo. Eu podia sentir isso, mal demorando. Eu agarrei-o a mim.

Não foi assim que terminamos. Eu nunca aceitaria isso. Não se poderia esperar que suportasse isso.

Movimento.

Por um momento terrível, pensei que tinha imaginado.

E então a água jorrou da boca de Prisca, e Madinia estava empurrando minhas mãos, tentando colocar Prisca para o lado dela. Rolei-a suavemente, consciente do dano que minhas mãos causaram em seus ossos frágeis.

A água sufocada em seus pulmões parecia interminável. Finalmente, ela parou de tossir. Seu peito levantou e caiu.

Ela estava respirando.

Mas ela não estava abrindo os olhos.

MADÍNIA

O grito distante das gaivotas era um refrão constante. O som guerreava com os piratas gritando uns com os outros enquanto realizavam pequenos reparos no navio com as brincadeiras alegres de pessoas que sabiam que tinham sorte de estar vivas.

O gosto de sal permaneceu em meus lábios, enquanto meu cabelo estava incontrolável. Mesmo assim, levantei meu rosto para o sol, aproveitando seu calor como um gato.

Já se passaram três dias desde que derrubamos a barreira.

E Prisca ainda não tinha acordado.

O fato de ela estar respirando já era um milagre, dada a forma como ela estava tão pálida e imóvel naquele esquife. Meu estômago embrulhou e respirei longa e lentamente o ar salgado para clarear a cabeça.

Daharak deu a Lorian e Prisca uma cabana perto da dela. Lorian se recusou a sair do lado de Prisca. Qualquer um que quisesse ver como ela estava era forçado a interagir também com seu companheiro enlouquecido. Até mesmo o rei fae

tentou falar com Lorian várias vezes, apenas para ser rejeitado. Eu olhei para o quarto dela uma vez, quando Lorian adormeceu com a cabeça inclinada na cama ao lado dela, e seu rosto pelo menos recuperou um pouco da cor que havia perdido.

A barreira caiu. No momento em que caiu, Regner conseguiu de alguma forma afundar o navio de Prisca e Lorian. A maioria dos piratas daquele navio havia morrido. Telean só conseguiu sobreviver porque um deles a segurou, recusando-se a permitir que ela se afogasse.

Mas a tia de Prisca estava andando por aí com uma expressão estranha no rosto. Como se algo tivesse dado terrivelmente errado e ela não conseguisse determinar o que era.

O resto de nós estava comemorando. Eryndan estava morto e Regner foi forçado a recuar enquanto os humanos eram preenchidos com uma onda de poder vinda da barreira. Rumores da cidade relataram que os humanos em Eprotha de repente foram capazes de fazer mais com sua magia do que jamais sonharam.

Daharak atravessou o convés em minha direção. Ela caminhava com sua arrogância habitual, mas sua boca estava tensa. “Pensei que encontraria você aqui. Lorian quer ver você.

“Prisca está acordada?”

"Não."

O pânico tomou conta de mim. “Ela não deveria ainda estar inconsciente. O que dizem os curandeiros?”

“Não há nenhuma razão física para ela não acordar. Suas costelas estão curadas e seus pulmões não apresentam danos. Um dos meus examinou-a em busca de magia.

Ceri acabou de examiná-la novamente e ela diz que o poder de Prisca está esgotado ou suprimido a tal ponto que é como se não estivesse mais lá.

Voltei meu olhar para o oceano. O tipo de poder que a mulher a quem chamava Ceri exercia era raro. Raro o suficiente para que, se não fosse por sua vida como pirata, ela pudesse ter sido chamada para trabalhar como uma das assessoras de Regner. E ainda assim ela usou seu dom para curar.

“Prisca drenou seu poder durante a batalha”, eu disse. “Assim como todos nós fizemos.

Mas esse tipo de resposta não faz sentido.”

Daharak suspirou. “Quem sabe o que é normal com o tipo de poder dela?

Certamente nunca vi nada parecido.” Quando voltei meu olhar para ela, ela se virou para olhar o mar, em direção ao horizonte onde a barreira não nos mantinha mais presos neste continente.

“Você já está planejando seu próximo passo,” murmurei.

“Regner foi forçado a fugir. Sua aliança com Gromalia não existe mais – pelo menos até Rekja decidir em quem confiar. E com a barreira derrubada, posso fazer meus próprios planos.”

“Isso é sobre a arma que você teve o cuidado de não mencionar desde o dia em que Prisca resgatou seus navios?”

A rainha pirata manteve a boca fechada sobre a arma que ela perseguiu durante anos. Agora que ela finalmente conseguiu, não pude deixar de me perguntar *quem* ela estava planejando dizimar com isso.

Ela me lançou um olhar divertido. “Eu tenho meus próprios inimigos. E com a barreira derrubada, não estou mais preso aqui.”

“Contanto que você não se esqueça de me levar com você quando sair deste continente.”

Daharak Rostamir parecia uma mulher de palavra. Mas ainda assim... eu não arriscaria perder minha chance de sair deste continente.

Ela estudou meu rosto. Seus olhos eram astutos e mantive minha expressão vazia. “Você não mudou de ideia.”

"Não. E não vou.

“Eu posso respeitar isso. Não vou esquecer de levar você.

Balancei a cabeça para ela, mesmo enquanto meu estômago se revirava. Eu teria que confiar na rainha pirata. A confiança nunca foi fácil para mim, mas se as fadas estivessem dispostas a confiar nela, eu provavelmente poderia fazer o mesmo. “Preciso ver o que Lorian quer.”

A cacofonia do convés começou a desaparecer quando deixei Daharak olhando sonhadoramente para longe e segui em direção à cabana de Prisca e Lorian.

A cada passo, o barulho era substituído por um silêncio perturbador que engrossava o ar. Os sons ambientais do navio ficaram abafados, como se o próprio mundo estivesse desconfiado do que havia além da porta da cabine.

Fiz contato visual com Marth, que acenou para mim enquanto saía de sua cabine. Como muitos de nós, ele ficou sombrio. Mas foi especialmente chocante vindo de um homem que já havia englobado o oposto da palavra.

“Boa sorte”, ele me disse.

Franzi a testa para ele, mas o ar pareceu ficar mais pesado e ainda mais opressivo à medida que me aproximava da cabana de Lorian. A apreensão revirou meu estômago e eu me afastei dela, abrindo a porta.

Ele virou a cabeça e eu tive um segundo de contato visual com olhos verdes brilhantes antes de baixar o olhar.

Este não era Lorian.

Este era o Príncipe Sanguinário.

O Fae mais poderoso deste continente observava sua companheira desaparecer a cada dia. E a tensão disso era óbvia nos nós dos dedos brancos de seus punhos, o brilho selvagem e desequilibrado que eu tinha visto no único vislumbre que tive de seus olhos, o forte cheiro metálico no ar - como se um raio estivesse prestes a cair. lança na cabine.

“Você precisa de um momento para se recompor?” Perguntei.

"Cuidadoso." A palavra era um sussurro baixo. Claramente, minha tentativa de leviandade falhou.

“Prisca iria...”

“Há muitas coisas que Prisca faria se estivesse acordada. Ela não é.

E eu terminei de me encolher. Endireitando minha coluna, levantei minha cabeça, o alívio fluindo através de mim quando o encontrei observando Prisca mais uma vez.

“O que você quer?”

Esse olhar deslizou para o meu novamente. Estava *queimando* . Meu estômago embrulhou. Com Prisca inconsciente, pelo menos precisávamos de Lorian para manter sua sanidade.

“O que há de errado com você?” Eu exigi.

Uma sombra invadiu seu rosto. "Nada. Eu preciso liberar algum poder.

Isso é tudo. Seus olhos voltaram para Prisca, como se lhe doesse fisicamente

desviar o olhar por tanto tempo. “Vicer não respondeu à mensagem de Galon. Ele deveria retornar agora. Precisamos saber o status atual dos híbridos

—tanto naquele acampamento quanto aqueles que viajarão em direção ao Passo de Asric.”

E ele queria que eu fosse.

Eu pensei sobre isso. Viajei rapidamente, era poderoso e, se Vicer estivesse com problemas, tinha certeza de que poderia ajudá-lo. Além disso, por mais que eu preferisse ficar perto do navio que me levaria para minha nova vida, tais pensamentos seriam inúteis se corríamos o risco de perder esta guerra e qualquer chance de futuro.

“Eu irei.”

Lorian assentiu. Este foi o mercenário frio que Prisca provavelmente conheceu pela primeira vez.

Como ela se apaixonou por ele, eu nunca entenderia. Mas meu próprio olhar voltou para Prisca. Ela estava tão pálida.

“Ela vai ficar bem”, eu disse. Não foi assim que tudo terminou. Não para Prisca, e não para nós. Eu sabia disso, no fundo dos meus ossos.

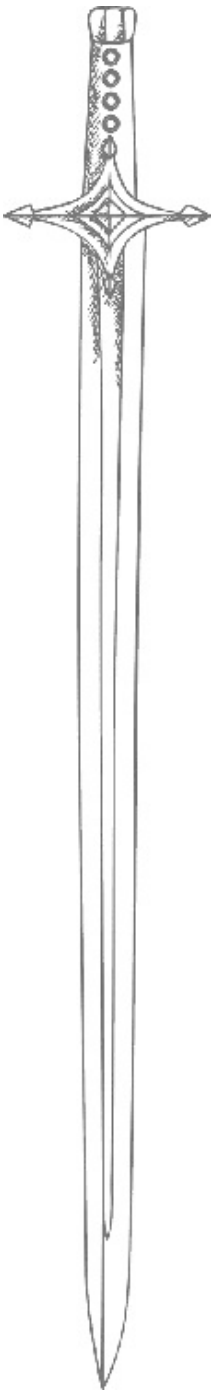
Porque se eu estivesse errado...

"Eu sei." Lorian pronunciou as palavras com total confiança, como se não aceitasse nada menos. Mas aquele cheiro forte e metálico encheu o ar mais uma vez.

Engolindo as palavras inúteis na ponta da língua, saí.

2

A rainha



agarrou a mão que cobria minha boca. Outra mão beliscou a pele abaixo das minhas costelas e eu resisti.

“Shh.”

Essa voz era familiar.

Soltei um grunhido e a mão apertou. “Você cometeu um erro ao vir aqui, Sua

Majestade. Sugiro que você ore a qualquer deus de sua preferência para que sobrevivamos com isso.”

Pelysian me permitiu virar a cabeça apenas o suficiente para encontrar seu olhar. Seus olhos estavam duros, e algo em meu peito relaxou quando eles deixaram os meus, permanecendo nos milhares de monstros acorrentados dentro da mina. Pela primeira vez desde que o conheci, seu rosto ficou sem cor, o terror apertando suas feições.

“Estamos indo embora”, ele sussurrou. "Agora."

Lentamente, como se não pudesse confiar em mim para não gritar e matar nós dois, ele tirou a mão da minha boca. Eu dei a ele o olhar que suas ações mereciam.

Ele me ignorou, balançando a cabeça e gesticulando para que eu o seguisse. Mas eu ainda queria aquele amuleto. Quando hesitei, ele mostrou os dentes de uma forma que deixou claro que me carregaria se achasse necessário.

Antigamente, eu o considerava um súdito leal. Agora, Pelysian sabia que nenhum de nós poderia permitir que o outro fosse capturado. E ele estava me tratando de acordo.

Eu não gostei.

Mas eu o segui de volta pelas passagens, inalando com gratidão o ar mais fresco enquanto deixávamos os monstros para trás. Ainda assim, a visão deles puxando as correntes ficaria para sempre impressa em minha mente.

Viramos à esquerda e procurei um lugar escondido onde pudéssemos usar para ter uma conversa rápida. Eu não iria a lugar nenhum até ter aquele amuleto.

Pelysian congelou. Cada músculo do meu corpo enrijeceu em resposta. Seu poder lhe permitiu ouvir até os sussurros mais baixos.

Meu coração pulou no peito quando ele se virou em minha direção, com os olhos disparados.

Agarrando minha mão, ele me puxou para a menor fenda. Eu balancei minha cabeça. Era muito pequeno.

Sua expressão tornou-se trovejante e ele me empurrou bruscamente entre seu corpo e a parede de pedra, pressionando-me contra ela. Felizmente, a iluminação mínima pelo menos funcionou a nosso favor, mas as chances de descoberta…

O coração de Pelysian bateu forte em meu ouvido. Eu estava preso entre ele e o granito duro, nós dois tremendo.

Finalmente, eu também ouvi. Passos de botas caminhando em nossa direção.

Vozes baixas soaram e uma onda de adrenalina me atingiu.

O que eu estava *fazendo* ?

Eu tive a oportunidade de correr. Eu poderia estar *em qualquer lugar* , e estava neste inferno que Sabium construiu, a poucos passos das criaturas que ele lançaria contra seus inimigos e dos guardas que me prenderiam sem pensar.

Eu estava tão acostumado a viver com o terror que não conseguia escolher uma vida sem ele? Eu realmente iria durar tantos anos sob o controle de Sabium e jogar tudo fora com uma escolha estúpida?

“As criaturas estão inquietas hoje”, disse uma voz feminina.

“Provavelmente precisa ser alimentado. O rei gosta de mantê-los meio famintos para que continuem cruéis. Você é novo, certo?

"Sim."

Uma risada baixa soou do homem. “O que você fez para ser rebaixado para esta posição?”

A mulher sibilou, mas não respondeu. Eles estavam tão próximos agora, e suas vozes pareciam ecoar pelos meus ossos. A mão de Pelysian se moveu perto do meu quadril. Ele desembainhou sua adaga.

Fiquei mais do que feliz com a morte dos guardas, mas se eles fossem descobertos antes de deixarmos este lugar, nossas chances de sobrevivência diminuiriam bastante.

Eu me esforcei e meu poder saltou ao meu alcance. Talvez ajudasse apenas o suficiente para vivermos os próximos momentos.

“Como ele conseguiu... tantos deles?” a mulher perguntou.

“Alguma mulher fada vem entregando criaturas de seu território há anos. Chama a si mesma de diretora ou algo assim. Ele riu, e o som estava tão perto de nós que estremeci. A mão de Pelysian apertou meu braço em advertência.

“Esses bastardos fae não têm ideia do que está por vir para eles.” Sua voz desapareceu enquanto ele continuava passando por nós. As criaturas começaram a gritar, provavelmente sentindo sua aproximação.

O suor escorria em uma linha constante pelas minhas costas.

Pelysian nos manteve escondidos por vários minutos depois que eles passaram.

Finalmente, ele me puxou para fora da alcova rasa. Sua mão permaneceu em volta do meu braço enquanto ele praticamente me arrastava pelo corredor.

Eu permiti. Ele seria alertado sobre qualquer outra pessoa vindo em nossa direção muito antes de nos ouvir.

Aproximamo-nos da entrada da mina. Eu reprimi a vontade de correr para a vasta extensão e para o ar fresco lá fora. Em vez disso, estudei

Pelysiano. Ele estava coberto de poeira e tinha a aparência cautelosa de alguém que estava viajando há dias.

“Como você sabia que eu estava aqui?” Perguntei.

“Minha mãe. Seu poder funcionará em nós dois?”

“É improvável. É fraco.” Admitir tal coisa doía, mas Pelysian sempre soube da realidade da minha magia. Embora... talvez isso apenas *tenha* nos ajudado a evitar a detecção. “Não podemos sair ainda. O amuleto está aqui em algum lugar.” E tudo mudaria quando eu pegasse aquele pequeno artefato do Sabium. Finalmente, *eu* seria aquele com o poder.

As mãos de Pelysian agarraram meus braços, os dedos cravando em minha pele enquanto ele olhava para mim. “O amuleto está escondido em uma caverna em algum lugar *abaixo de* nós.

Não há como chegarmos a isso esta noite.”

Olhei nos olhos dele. Eles estavam cheios de raiva, mas não consegui discernir nenhum indício de mentira. Além disso, se conseguisse chegar ao amuleto, provavelmente tentaria pegá-lo para si neste exato momento.

Mas... “Você sabe como fazer isso.”

"Sim. Mas acredite, precisaríamos de um grupo de fadas ou híbridos poderosos.

A frustração me atingiu com dentes afiados. Tudo isso foi em vão. O tempo que perdi, o *risco* que corri... inútil.

Pelysian me soltou, balançando a cabeça. “A barreira caiu, Vossa Majestade.”

Minha respiração ficou presa. “Jamic?”

"Seguro."

Meu peito ficou mais leve, até que senti como se eu fosse flutuar para longe. O herdeiro híbrido de alguma forma conseguiu manter meu filho seguro, ao mesmo tempo que desferiu em Sabium um golpe que ele não esqueceria.

Talvez ela fosse uma ameaça ainda maior do que eu havia previsto.

“De acordo com relatos, Jamic ajudou a derrubar a barreira sozinho”,

Pelysiano disse.

O orgulho rugiu através de mim. Meu filho era poderoso. Não importava que Sabium tivesse forçado esse poder roubado nele. Esse poder agora era *dele* .

E claramente, ele sabia como manejá-lo. Embora ele tenha feito a escolha sábia de se aliar ao herdeiro híbrido para evitar que Sabium recebesse esse poder, foi uma aliança temporária.

No momento em que eu viesse buscá-lo, trabalharíamos juntos.

“E o amuleto?” Eu exigi.

“Se você está realmente determinado a arriscar sua vida, precisamos do livro que você viu o rei tirar do castelo naquele dia. *Isso* mudará a maré nesta guerra.”

Meu coração disparou. Eu sabia que aquele livro era importante simplesmente pela forma como Sabium o mantinha tão próximo. “Como isso vai mudar a maré?”

“O livro é um grimório repleto de conhecimentos antigos e magia negra. Foi este grimório que permitiu a Sabium mentir e manipular com tanta facilidade.”

Lutei para manter minha expressão vazia. Durante todo esse tempo, imaginei Pelysian como *minha* ferramenta. A ferramenta *que eu* estava despachando para completar várias tarefas que me ajudariam a me vingar.

Em vez disso, ele estava escondendo coisas de mim. Ele provavelmente sabia exatamente o que aquele livro fazia e por que era tão importante. E ele não tinha me contado.

Eu silenciosamente fervi enquanto ele se aproximava da parede, olhando para os guardas. Talvez a utilidade de Pelysian tivesse chegado ao fim. Eu poderia usá-lo como uma distração, garantir que ele fosse morto e escapar.

Mas se eles *não* o matassem e preferissem torturá-lo, eu não seria capaz de voltar ao castelo para encontrar aquele livro.

Será que eu poderia voltar, depois do modo como escapei? Talvez se eu

convencesse os guardas eu tivesse perdido a consciência naquele mercado. Talvez um comerciante gentil tenha me curado? Eu só precisaria ficar no castelo por um curto período de tempo enquanto procurava por esse grimório.

Eu congelei. Eu estava realmente pensando em tal coisa?

Sim .

Jamic estava livre, mas Sabium ainda o mataria se pudesse. Ele disse isso.

E se você encontrar o grimório, você será tão poderoso quanto Sabium. Esse continente se curvará diante de você.

Foi um pensamento inebriante. Tudo o que Sabium conquistou, o poder que acumulou, as criaturas que controlou...

Tudo isso poderia ser meu.

Juntos, Jamic e eu poderíamos governar este continente. E um dia poderemos voltar nossa atenção para outros reinos em terras distantes.

Eu faria com que o território que Sabium governava parecesse insignificante em comparação. *Eu* seria aquele que não teria idade. E ele simplesmente estaria morto. Meus lábios se curvaram com o pensamento, e a expressão parecia estranha. Fazia tanto, tanto tempo que eu não sorria genuinamente.

“Nelia está aqui,” Pelysian sussurrou.

Meus músculos travaram. Eu ordenei que Nelia fosse embora.

Esticando o pescoço em volta do enorme ombro de Pelysian, avistei um arbusto farfalhando na floresta acima de nossas cabeças.

“Ela vai se tornar uma distração para que você possa escapar”, disse Pelysian.

"Não. Vou usar meu poder.”

“Ela conhece as limitações do seu poder.”

A única pessoa que sempre foi leal sem nada em troca.

A pessoa mais próxima que eu já tive de um... amigo.

A lealdade deve ser sempre recompensada. Foi a única coisa que meu pai me ensinou e na qual eu ainda acreditava.

“Ela está jogando a vida fora”, eu rebati. "Pare ela."

“É tarde demais.” A voz de Pelysian estava triste. “Ela sabe que estou aqui e sabe que estamos presos. Prepare-se para correr.

Uma pedra rolou pela margem, aproximando-se de um dos guardas. Ele congelou.

“Mostre-se,” ele exigiu.

O galho de uma árvore quebrou. O guarda lançou-se margem acima, movendo-se mais rápido do que eu poderia imaginar. Vários outros guardas abandonaram imediatamente seus postos, iniciando a perseguição.

Pelysian já estava me afastando da mina. Corri, amaldiçoando Nelia enquanto seus gritos perfuravam a noite. Eu disse a ela para ir embora.

Mas ela sabia. Ela sabia que eu precisaria de uma distração e se sacrificou.

Um sacrifício inteligente. Afinal, minha vida valia mais que a dela. Ainda assim, eu teria preferido pensar nela vivendo o resto de sua vida como uma mulher rica em algum lugar seguro. Uma recompensa adequada por sua lealdade.

Tropecei e Pelysian me puxou para ele, praticamente me carregando pela margem na direção oposta aos guardas. Eles vasculhariam esta floresta na tentativa de encontrar alguém que pudesse estar com Nelia.

Ouvi um baque e, como se fosse compelido por algum poder estranho, me virei.

O corpo de Nelia rolou pela margem, parando perto da entrada da mina. Sua cabeça estava estranhamente apoiada em seu pescoço, seus olhos olhando fixamente – quase acusadoramente – para mim.

Pelysian me empurrou para o mato. Minhas mãos tremiam, uma raiva sem fim deslizando por cada centímetro do meu corpo.

Nélia era *minha* . E os homens de Sabium a tiraram de mim.



Encontrei os olhos de Pelysian. Eles estavam mais sombrios do que o normal, cheios de tristeza. Eu não sabia que ele era próximo de Nelia.

Parecia que havia muita coisa que eu não sabia.

“Essas são chamadas de consequências, Majestade”, disse ele amargamente. “Eu

disse para você não vir aqui. Você se recusou a ouvir. Agora fique aqui enquanto procuro nossos cavalos.

MADÍNIA

Kaelin Stillcrest era uma mulher alta que caminhava com a autoconfiança arrogante de um homem feérico. Normalmente, eu a teria admirado apenas por isso.

Infelizmente, havia pouco mais nela para admirar. Eu a observei por vários longos momentos enquanto ela rosnava para o rosto de um homem pálido que não fez nada além de assentir, os nós dos dedos ficando brancos onde seguravam a besta.

Quando ela se virou, ela passou o olhar da minha cabeça até os pés, me avaliando. Eu dei a ela uma expressão entediada enquanto ela caminhava em minha direção.

"Quem é você?"

“Madinia Farrow.”

“E o que você quer?”

Eu dei a ela um olhar de desdém. “Estou aqui para ver Vicer.”

Um de seus homens se moveu como se fosse procurá-lo, e Stillcrest ergueu a mão, parando-o.

“E quem exatamente é você para vir aqui e exigir ver meu povo?”

Mantive minha expressão entediada. Eu já poderia dizer que isso a enfureceria.

“Nós dois sabemos que Vicer não é um dos seus. Agora, você vai encontrá-lo ou preciso fazer isso sozinho?

Deixei minha mão acender como uma bola de fogo, estudando cuidadosamente a reação dela.

Ela recuou, posicionando um de seus homens na frente dela. Isso, mais do que tudo, solidificou exatamente quem e o que ela era.

Prisca teria colocado seu corpo entre uma ameaça e qualquer um de seu povo. Foi assim que ela foi feita. Posso não concordar com sua lealdade cega e natureza abnegada, mas essas eram algumas das características que fariam dela uma excelente rainha.

Deixei meu olhar passar entre o guarda e Stillcrest, deixando claro que notei suas ações. Suas bochechas coraram, seus olhos dispararam e ela abriu a boca.

“Midínia.” Vicer cuidadosamente se colocou entre nós. “O que você está fazendo aqui?”

Voltei minha atenção para ele. Seus olhos estavam cheios de advertência.

Eu puxei meu poder de volta para mim. Demorou mais do que o normal, uma faísca teimosa permanecendo na palma da minha mão, como se ela também estivesse desapontada por não estarmos colocando fogo em nada.

“Fui enviado. Porque você não respondeu às nossas mensagens.”

Vicer ficou imóvel. Seu olhar deslizou para Stillcrest e ele ficou quieto por um longo momento. Quando ele falou, sua voz era mortal. “Você me impediu de receber mensagens da nossa rainha?”

O rosto de Stillcrest empalideceu e imediatamente corou. “Eu impedi você de fornecer informações detalhadas sobre meu povo. E ela não é minha rainha até que esteja sentada em seu trono com uma coroa na cabeça. Mesmo assim, ela terá que provar que é digna de nos governar. Meu povo está cansado de ver suas vidas serem ditadas pela realeza.”

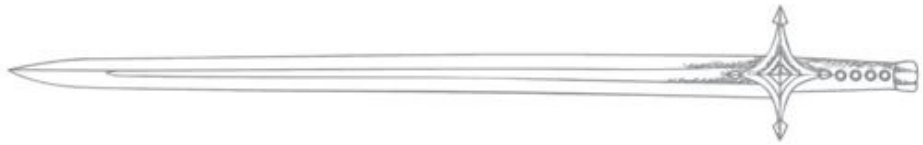
Esse foi um ponto razoável. E eu teria acreditado nela, se já não a tivesse visto andar pelo acampamento como se usasse uma coroa.

Vicer lançou-lhe um olhar tão desgostoso que Stillcrest baixou os olhos. Ela imediatamente voltou seu olhar para o dele, suas bochechas esquentando. Eu era pequeno o suficiente para desfrutar de seu desconforto.

Os olhos de Vicer encontraram os meus. "Venha comigo."

Eu o segui até o acampamento, passando por tendas em fileiras organizadas, todas em vários tons de lona em tons de terra. O acampamento combinava perfeitamente com o ambiente da floresta, e os híbridos que viviam aqui usavam vários tons de verde e marrom para fugir de olhares indiscretos. Mesmo com as instruções que Vicer nos passou, foi difícil encontrá-lo. Mas os soldados de Regner poderiam simplesmente usar o processo de eliminação enquanto revistavam cada centímetro de seu reino. Eventualmente, eles encontrariam este acampamento, e toda a camuflagem do mundo não os ajudaria.

Vários pares de olhos curiosos se voltaram para nós, mas Vicer rapidamente me levou até uma tenda situada sozinha, perto do que parecia ser o arsenal deles. Caminhos



serpenteavam pelo acampamento, enquanto o ar estava denso com os aromas misturados de fumaça de fogueira, carne assada e pinho.

“Eu sei que você derrubou a barreira”, disse ele quando entramos na tenda. Era esparso, com uma pequena cama e uma cadeira. Ele gesticulou para que eu pegasse e eu balancei a cabeça.

“Há humanos aqui que de repente receberam um influxo de poder,”

Vicer disse. “Até Kaelin foi forçado a admitir o quão incrível foi essa conquista.”

Eu apenas dei de ombros. “Lorian e Prisca querem saber a situação aqui”, eu disse.

“Pelo que posso ver, não houve nenhum movimento em direção ao Passo Asric.”

Kaelin provavelmente tinha espiões neste lugar, e eu não arriscaria que ela descobrisse que o herdeiro híbrido ainda estava inconsciente.

Vicer beliscou a ponta do nariz, seus olhos cinzentos brilhando. “Os híbridos que conseguimos tirar da cidade… a maioria parou aqui para comer e descansar, e depois partiu em pequenos grupos, continuando sua jornada. Meu povo montou acampamentos escondidos com comida e água em vários locais no caminho para a passagem. Eles vão esperar lá pelo sinal de travessia... assim que os soldados que Regner está escondido na passagem forem despachados.

Essa parte do seu plano fazia sentido. Foi brilhante, até. Mas…

“E as pessoas que permanecem neste acampamento?”

"Estou tentando." Ele abriu a boca, fechou-a. A frustração deslizou através de seus olhos.

"O que é?"

“Os batedores de Regner estão se aproximando. Kaelin insiste que seu povo matará qualquer um que descobrir o acampamento. Mas se os batedores não regressarem aos seus comandantes, mais serão enviados. Essas pessoas estão ficando sem tempo. Mas esta é a casa deles. Eles se recusam a sair.”

Várias crianças passaram correndo pelo lado de fora da nossa tenda, rindo da maneira desenfreada que essas crianças faziam. Se os guardas de ferro de Regner

encontrassem este lugar, aquela risada acabaria. Para sempre. Encontrei os olhos de Vicer. “Aqui está o que vamos fazer.”

PRISCA

Eu estava muito, muito confortável.

O mundo girava ao meu redor em um redemoinho doentio. Mas aqui, com o rosto pressionado contra o chão duro, eu estava seguro.

Nada poderia me tocar aqui.

Não houve dor. Sem tristeza. Sem responsabilidade.

Covarde , uma voz sussurrou. *Ele está esperando por você.*

Senti-me franzir a testa, mas o movimento era distante, como se não pertencesse a mim. Mesmo assim, a rotação diminuiu e uma voz rouca me chamou de uma grande distância.

“Prisca.”

Algo naquela voz fez meu coração doer. Me fez querer levantar a cabeça, mesmo que isso significasse me perder na bagunça horrível e vertiginosa ao meu redor.

“Gato selvagem. Por favor."

Aquela voz perfurou o caos escuro acima de mim, apunhalando profundamente minhas entranhas. Eu nunca quis ouvir aquela voz masculina poderosa implorar. Sempre.

Levantando a cabeça, pressionei as mãos no chão firme abaixo de mim e *empurrei* .

O mundo entrou em foco.

Os olhos de Lorian encontraram os meus, embotados pela exaustão. Por que ele estava tão cansado? Não era típico dele dormir mal.

Suas mãos seguraram meu rosto. O mundo continuou a girar lentamente. Mas ele se juntou a mim aqui no olho do furacão.

"Você está acordado." Seu beijo foi desesperado, com gosto de tristeza e desesperança. Afastando os lábios, ele pressionou a boca na minha testa.

Eu não estava deitado no chão duro. Não, o travesseiro debaixo da minha cabeça era macio.

"Curador!" Lorian rugiu. Uma porta foi aberta e uma mulher de repente veio em nossa direção. Ela pressionou os dedos no meu pulso, franzindo a testa enquanto meu coração começava a bater cada vez mais rápido.

A sala estava ligeiramente inclinada e, desta vez, eu sabia que não era só eu. Enviar. Estávamos em um navio…

O terror cego se apoderou de mim e eu agarrei Lorian, arrastando-o para perto.

“Você está vivo.” Inclinei-me para ele, saturando meus pulmões com seu cheiro.

A confusão surgiu em sua testa. “Foi você quem quase morreu.”

Eu consegui. Ele estava falando, respirando e *vivo* . Eu desafiei os deuses por ele. E eu faria isso mil vezes se fosse preciso.

Mas minha memória ainda me lembrava da imagem dele, quebrando-se em um milhão de pedaços. A angústia apunhalou meu peito e todo o meu corpo estremeceu.

“Precisamos de um momento”, disse ele à mulher, que fugiu da sala, sem sequer se preocupar em fechar a porta atrás de si. Apesar de tudo, senti meus lábios se curvarem.

“Você foi completamente irracional de novo, príncipe?”

Ele ignorou isso. “Prisca. O que é?" Sua voz era baixa e calmante, mas um músculo tremia em sua mandíbula e seus olhos estavam escuros de preocupação.

“Quando... quando Conreth atacou Regner, o rei humano usou um espelho para refletir o ataque de Conreth contra nós. Acho que deve ser o espelho dado aos humanos por Faric, um dos deuses intrometidos que começou tudo isso — falei com amargura. “O poder de Conreth... atingiu você.” Minha boca ficou lacrimejante quando aquele terror doentio me invadiu mais uma vez. “Você morreu, Lorian.”

Minha voz falhou e pisquei para conter as lágrimas que inundaram meus olhos.

“Você virou gelo. E eu vi você quebrar.

Seu rosto perdeu a cor. “E você me trouxe de volta. É por isso que você quase morreu.

Alguém respirou fundo. Conreth ficou parado, com um braço apoiado na porta enquanto olhava para nós, com uma expressão devastada. Seu olhar encontrou o de Lorian e meu peito queimou.

Jurei que um dia faria Conreth pagar por tudo que fez a Lorian. Mas agora... agora, eu não precisava.

Ele acabara de saber o que tinha feito: que matara seu irmão.

E seus olhos…

Algo havia quebrado no rei fae. Dentro de um único momento, ele se tornou uma casca de homem.

E mesmo sabendo que ele merecia, a pena despertou dentro de mim.

Sem dizer uma palavra, Conreth recuou, fechando a porta atrás de si.

Lorian imediatamente voltou sua atenção para mim, seu olhar procurando meu rosto.

Limpei a garganta. “Eu quero sentar.”

Ele colocou vários travesseiros sob minha cabeça enquanto eu examinava a cabana.

Meu estômago roncou e ele se afastou, abrindo a porta e falando com alguém.

“O curandeiro retornará em alguns minutos”, disse ele. "Diga-me. Tudo isso.”

Então, eu fiz. Lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu contava a ele sobre meu andar desesperado e cambaleante enquanto tentava cruzar o navio para chegar até ele. Contei a ele como ele me *deixou* e como senti sua presença por um único momento ao meu lado. Contei-lhe a forma como Telean gritou comigo, avisando-me para não fazer o que tinha feito a seguir. E contei a ele sobre minha mãe, minha avó, as consequências que elas haviam alertado e o fato de que eu não conseguia mais sentir uma única centelha do meu poder, mesmo com a ampulheta no pescoço.

Quando terminei, minha voz estava morta. Não mais lágrimas inundaram meu rosto. Lorian parecia como se eu tivesse dado um soco no estômago dele, e quando ele pegou meu queixo, sua mão tremeu.

“Você... eu não preciso te dizer o quão perigoso isso foi. Você já sabe disso. Quaisquer consequências, enfrentaremos juntos. Mas preciso que você me prometa, Prisca. Prometa que nunca mais fará uma coisa dessas.”

“Acho que nem conseguiria”, eu disse. Eu não contei a ele como eu estava sentindo pequenas lascas da minha alma queimando até virar cinzas. Que senti que os deuses pegavam tudo que eu tinha para dar e exigiam mais. E que se minha mãe e minha avó não estivessem lá para me dar os menores pedaços do

que restava de seu ser...

Eu provavelmente também não estaria aqui.

Parte de mim se perguntava se eu havia alucinado minha mãe e minha avó. Se chegar tão perto da morte tivesse simplesmente permitido que minha imaginação me fornecesse as pessoas que eu mais queria ver.

Mas lembrei-me do sorriso gentil de minha mãe. E os olhos perversos da minha avó.

“Mude o mundo, neta. E cure nosso reino.”

Cure nosso reino.

"O que aconteceu?" Perguntei. “Senti a barreira cair.”

Lorian assentiu. Levantando-se, ele abriu a porta, gesticulando para o curandeiro entrar. Ela era uma mulher pequena, com cabelos escuros quase tão encaracolados quanto os meus. Seus olhos brilharam de curiosidade, mas mudaram imediatamente para o olhar avaliador que eu tinha visto no rosto de Tibris milhares de vezes ao longo dos anos.

“Eu sou Ceri”, disse ela. "Como você está se sentindo?"

"Multar. Fraco,” admiti quando Lorian estreitou os olhos para mim. “E… não consigo sentir meu poder.”

Depois de alguns minutos tomando meu pulso, verificando minha respiração e examinando o que parecia ser cada centímetro de mim com sua magia, ela declarou que eu precisava descansar. Eu não fiquei surpreso. Meu corpo começou a tremer de fadiga.

“E meu poder?”

“Eu não tenho muita compreensão do poder como o seu,” ela admitiu.

“Mas presumo que seja simplesmente um esgotamento. É diferente de tudo que já vi antes, mas espero que seu poder retorne.”

“Obrigado,” eu disse a ela, tentando silenciar a voz que me perguntava o que eu faria se ela não voltasse.

Ela apenas assentiu, abrindo a porta e acenando para uma jovem que carregava duas tigelas em uma bandeja. Ela pegou a bandeja e acenou com a cabeça para a garota.

“Obrigada ” , disse-me Ceri. “A mãe da minha avó tinha família em Myrthos. O continente a nosso leste”, ela esclareceu quando fiz uma careta. “Sonhei em visitá-los durante toda a minha vida. Agora, com a barreira derrubada, poderei.” Ela inclinou a cabeça para nós dois, colocou a bandeja na mesa de cabeceira e saiu apressada.

“Então, eu morri”, Lorian refletiu. “Eu sabia que algo tinha acontecido, porque tive um único vislumbre de Cavis. Mas nunca imaginei que pudesse ser isso.

Porque a nossa nave explodiu e você estava se afogando. Eu não consegui chegar até você.

Seus olhos ficaram assombrados. “Parecia que se passaram várias eternidades antes de você começar a respirar novamente.”

Cavis. Meus olhos arderam com o pensamento. Eu esperava que ele estivesse realmente em paz.

Eu fiz uma careta, minha mente demorando-se nas outras palavras de Lorian. O navio explodiu? Claro que sim, porque o poder de Conreth deve ter errado Lorian. Mas isso significava…

“Teleano?” Eu engasguei, sentando-me.

Lorian gentilmente me empurrou de volta para baixo. “Ela está bem. Um dos homens de Daharak a manteve segura.”

Desabei contra os travesseiros, exausto pelo meu movimento repentino. Tentei ignorar o pânico que vibrava dentro do meu peito. Eu não ficaria assim por muito tempo. Eu recuperaria minhas forças. E meu poder.

Uma batida soou na porta e Lorian me deu um sorriso triste.

“Claramente, as pessoas estão aprendendo que você está acordado. Entre”, disse ele, e a porta se abriu, revelando Rythos, Galon, Marth e Telean.

Todos eles estavam vivos e saudáveis. Minhas bochechas doíam por causa do meu sorriso.

Eles se amontoaram na pequena cabana, Rythos sentado na ponta da minha cama.

“Você nos assustou, querido.”

"Eu sei. Desculpe."

Lorian me cutucou até eu começar a comer, enquanto todos pareciam falar ao

mesmo tempo.

“Regner fugiu,” Rythos sorriu. “Com Eryndan morto e a barreira derrubada, ele obviamente decidiu que os deuses não estavam do seu lado naquele dia.”

“Aguardando a hora certa”, murmurou Marth.

Galon ergueu a sobrancelha para ele, mas assentiu. “Ele estará se reagrupando.”

Olhei para Telean. Ela não disse uma palavra, mas estava me observando em silêncio.

Seu olhar caiu para a ampulheta encostada em meu peito, e ela a estudou por um longo momento antes de seus olhos finalmente encontrarem os meus. Um calafrio percorreu meu corpo.

“Desde o momento em que fui tirada daquela água, tive uma sensação de *que estava errada* ”, disse ela. “Como se o mundo tivesse mudado. Como se eu tivesse esquecido algo de extrema importância.

“Pergunte-me,” eu disse, meu coração afundando.

“Posso ver pela expressão em seu rosto que não preciso. Você usou seu poder de *uma* maneira que é proibida . Para seu próprio ganho. Você arriscou todos nós. Você cuspiu na cara dos deuses. E você quase morreu.

Minha tia balançou a cabeça e eu encolhi os ombros. Telean era a coisa mais próxima que eu tinha de uma mãe. Eu sabia que ela ficaria desapontada, mas ver seu desgosto... Doeu mais do que eu poderia ter imaginado.

Mas todos nesta sala mereciam saber o que aconteceria.

Porque quaisquer consequências que eu enfrentasse provavelmente os afetariam também.

"Sim. Lorian morreu e eu voltei no tempo.

Ninguém falou. A mandíbula de Galon estava tensa. A pele de Marth estava perdendo a cor.

Rythos estava olhando para Lorian com horror nos olhos.

Telean lançou a Lorian um único olhar feroz, como se tivesse sido ele quem fez isso. “Então essa foi a vontade dos deuses.”

A fúria sacudiu meus ossos. “Fodam-se os deuses,” eu rebati.

Os olhos de Telean se arregalaram e eu continuei falando, incapaz de parar. “O que os deuses fizeram pelo nosso povo? Como eles nos ajudaram? Tudo o que eles nos deram foi sofrimento. Não vou me desculpar por salvar minha companheira.”

Ela deu um passo para trás da minha cama e seu olhar cortou meu peito. Era como se ela não pudesse mais me reconhecer. “Eu esperava melhor de você. Seu

mãe e avó teriam vergonha.”

Abri a boca para dizer a ela que tinha falado com eles, mas Lorian já estava se levantando, com expressão plana.

“Vá embora”, disse ele.

Eu queria discutir, mas Galon balançou a cabeça para mim, olhando para Lorian. Pequenas faíscas percorriam sua pele.

Voltando minha atenção para Telean, olhei para ela sem saber o que dizer. Seus olhos suavizaram, mas ela cerrou a mandíbula, saindo da sala.

“Ela tem razão em ter vergonha”, eu disse em meio ao silêncio. “E enojado. Ela me avisou repetidamente que eu nunca poderia usar meu poder dessa maneira. Eu fiz isso de qualquer maneira. Encontrei os olhos de Lorian. Ele me observou atentamente, como se estivesse se preparando para um golpe. “E eu faria isso de novo.”

“Claro que sim”, disse Galon. Lorian continuou me observando e seus olhos ficaram ternos.

"Sua tia vai te perdoar."

Eu esperava que sim. Mas mesmo sabendo que os deuses provavelmente me fariam sofrer por isso, eu não conseguia me arrepender.

Lorian ordenou que os outros saíssem da cabana quando comecei a bocejar. Quando acordei, algumas horas depois, insisti em falar com Natan, já que Galon havia mencionado que estava hospedado neste navio.

Antigamente, Natan era apenas mais um garoto da nossa aldeia. Um amigo com um senso de humor fácil, mas com um olhar enjaulado, que bebia para entorpecer a dor das cerimônias de Dádiva e Tomada.

Eu pensei que ele estava morto. E, no entanto, eu nunca esqueceria a maneira como ele se juntou a nós naquele navio mercante que mal estava em condições de navegar, tantos humanos quanto ele conseguiu reunir a bordo, trabalhando para derrubar a barreira.

Eu gostaria que Tibris pudesse ter visto isso. Ele não teria reconhecido seu amigo de infância.

“Prisca...” A voz de Lorian se tornou persuasiva e seus olhos brilharam de frustração. Eu entendi. Doeu-lhe ver-me tão fraca.

“Galon está certo. Regner fará novos planos. Precisamos começar a nos preparar.”

"Tudo bem", ele concedeu, levantando a mão enquanto eu tentava balançar as pernas para o lado da cama. “Mas ele pode vir aqui. Vou mandar uma mensagem.

Enquanto esperávamos, um dos piratas de Daharak trouxe água morna. Eu me refresquei e sentei na beira da cama, forçado a admitir que não poderia

consegui chegar ao convés principal de qualquer maneira. Eu precisaria me livrar disso rapidamente. Não tivemos tempo para eu ficar deitado.

Lorian me observou o tempo todo, com os olhos escuros. Quando Natan bateu, Lorian abriu a porta. “Cinco minutos”, disse ele.

Eu não me incomodei em discutir. Eu estava muito ocupado estudando o homem que já foi meu amigo. No dia em que Lina perdeu os avós e foi levada para a cidade, ele tentou fingir não ter sido afetado. Mas eu tinha visto o terror em seus olhos.

Não havia sinal daquele garoto agora. A expressão de Natan parecia gravada em pedra. As olheiras deixavam seus olhos vazios, mas ele se mantinha alto, com uma confiança fácil que substituíra a arrogância e a arrogância que antes usava como uma túnica favorita.

“Prisca.”

Eu balancei a cabeça. “Natã.”

“Ninguém vai me dizer onde está Tibris.”

Eu suspirei. Não fiquei surpreso que todos estivessem de boca fechada.

“Ele está tentando convencer um grupo de rebeldes a se aliar a nós”, eu disse, deixando de lado o fato de que ele era tecnicamente um refém. Vicer pode ter combinado que Natan nos encontrasse, mas isso não significava que eu divulgaria imediatamente todos os nossos planos.

Os olhos de Natan brilharam de curiosidade, mas ele voltou seu olhar para Lorian.

“Eles disseram que você está acasalada com o Príncipe Sanguinário,” ele meditou, encontrando meus olhos mais uma vez. “Eu não acreditei neles até ver você ao lado dele naquele navio.”

“Não o chame assim.”

Lorian me lançou um olhar entre ternura e exasperação. Natan apenas estreitou os olhos para mim como se não me reconhecesse mais. Eu suspirei. “As coisas estão complicadas.”

“Eu entendo isso.”

“Achei que você ia...” Morreu. Achei que ele tinha morrido junto com o resto da nossa aldeia.

Ele engoliu em seco. “Eu estava fora, vendendo as peles de lobo do meu pai em Mistrun. Quando voltei, já era tarde demais. Todo mundo se foi. Restavam apenas alguns de nós.”

Meu peito apertou. "Desculpe." As palavras eram inadequadas, mas Natan assentiu mesmo assim.

“Vicer me contou o que aconteceu com Thol.”

Assenti, imaginando-o sozinho naquela caverna escura. Levei três tentativas para falar apesar do nó na garganta. “Esperávamos trazê-lo para casa, mas os soldados de Regner estão rastejando pela área. Daremos a ele um enterro digno quando tudo isso acabar. Eu prometo.

“Ele estava caçando você.” A suspeita deslizou pelos olhos de Natan e Lorian inclinou a cabeça. Ele não fez um único movimento, mas Natan ficou rígido.

Eu tinha esquecido o quão intimidante Lorian era para aqueles que não faziam parte de seu círculo íntimo. Eu dei a ele um olhar de advertência e seus lábios se contraíram.

“Ele estava,” eu disse. “Mas ele se juntou a nós na busca por isso.” Levantei a ampulheta. “Eu não o matei, Nathan. Você me conhece melhor do que isso.

Ele franziu a testa. “Nunca disse que você fez isso.”

Mas ele se perguntou.

Eu deixei passar por enquanto. “Quantas pessoas você tem?”

“Se você quer dizer humanos que se voltaram contra Regner? Milhares.

Caddaril, o Cutelo, e seus criminosos estão criando o caos para Regner em Eprotha. Se você se refere a mim pessoalmente? Algumas centenas. Cada vez mais aldeões têm fugido do recrutamento. Uma das aldeias a leste da nossa atacou o avaliador durante uma cerimônia de tomada. Os guardas mataram metade da aldeia, mas acabaram sendo mortos, e todos que ficaram vivos decidiram se juntar a nós."

Era difícil imaginar. Os guardas, sacerdotisas e assessores de Regner garantiram que os aldeões que eu conhecia se voltariam uns contra os outros com a simples sugestão de que um deles era um híbrido. No dia em que os avós de Lina morreram, a sacerdotisa anunciou uma recompensa para quem os informasse da presença de um dos "corruptos". Cem moedas de ouro. Para um aldeão com pouco sobrar, era o suficiente para garantir que os filhos dos seus filhos não passassem fome.

Natan deve ter seguido meus pensamentos porque balançou a cabeça.

"É diferente agora, Prisca. Eu sei que é difícil de acreditar. É claro que há alguns que sempre acreditarão nas mentiras do rei, mas cada vez mais pessoas estão acordando." Ele sorriu de repente. "E agora que a barreira caiu e muitas pessoas terão mais poder... é apenas mais uma prova de que seu poder não foi dado aos deuses."

Orgulho aqueceu meu peito. Nós tínhamos feito isso.

"E aqueles que não conseguem fugir?" Eu perguntei suavemente.

O sorriso de Natan desapareceu. "Você sabe o que acontece com eles. E está ficando mais perigoso a cada dia."

"Talvez não precisemos que todos eles se juntem a nós", disse Lorian. "Pelo menos não agora."

"O que você quer dizer?"

Lorian se empurrou para fora da parede. "Vai piorar para aqueles que fogem. Mas aqueles que ficarem estarão perfeitamente posicionados e armados com ferro feérico."

Meu coração disparou no peito e imaginei o caos que poderíamos causar.

"Eles poderiam atacar os exércitos de Regner quando menos esperassem."

Natan puxou um fio solto da camisa. "É perigoso."

"Tudo isso é perigoso."

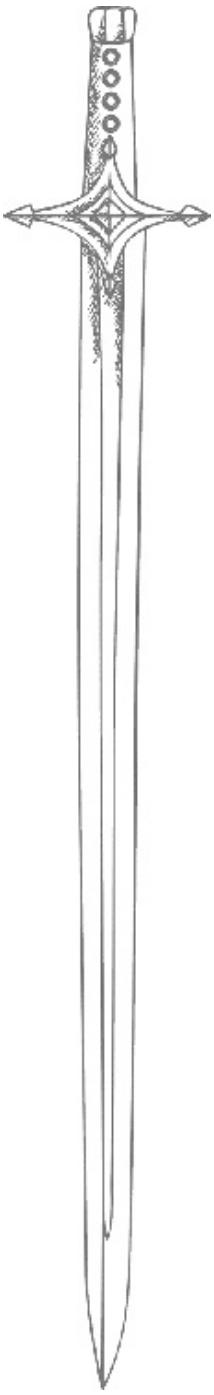
Ele levantou a cabeça e seus olhos brilharam. “Vou falar com os outros.”

“Obrigado, Natan. Para... tudo.

“Não me agradeça. Um dia, você retornará ao seu reino com seu povo. Nós, humanos, ficaremos com o que resta de Eprotha. Não temos escolha a não ser garantir que ainda *reste* alguma coisa.”

3

Loriano



duas vezes, eu assisti Prisca se afogar. Observei-a ficar imóvel, com o peito congelado e o rosto relaxado. Eu gostaria de poder de alguma forma mantê-la longe de toda água pelo resto de nossas vidas.

Seus olhos se fecharam e meu peito apertou, minha mão quase tremendo enquanto eu afastava um de seus longos cachos de seu rosto.

Dormindo. Foi só isso. Uma resposta normal à cura. Ainda assim, me inclinei

mais perto, observando seu peito subir e descer.

Mesmo sabendo que estávamos ambos vivos, o pavor percorreu minhas veias, espesso e amargo. Eu não duvidava que Telean estivesse certo — e que haveria repercussões. Mas eu não suportava a ideia de Prisca ser a única a enfrentar essas repercussões.

E continuei tendo a estranha sensação de que estava sendo observado.

Atrás de mim, a porta se abriu e eu suspirei, me virando.

Conreth estava na porta. Seus olhos permaneceram em Prisca por um longo momento. Tempo suficiente para mostrar a ele meus dentes. Normalmente, isso teria resultado pelo menos em um revirar de olhos, talvez em um comentário enérgico. Hoje, ele apenas gesticulou silenciosamente para que eu me juntasse a ele.

Hesitei, olhando para Prisca. Mas ela estava dormindo e, pelo menos, eu precisava tomar banho e comer.

Ainda…

Caminhando até a porta, passei por Conreth e encontrei Rythos esticando o pescoço, tentando olhar para dentro da sala. Eu poderia ter zombado dele por sua preocupação, exceto que também não consegui evitar verificar se ela ainda estava respirando.

“Fique com ela.”

Ele assentiu, entrando no quarto. Meus olhos encontraram os de Conreth. "O que é?"

Não era sempre que meu irmão parecia desconfortável. Quase…

estranho. “Podemos conversar em algum lugar mais privado?”

Apesar do meu humor sombrio, a curiosidade queimou dentro de mim. Meu irmão estava agindo de forma estranha, de fato.

Assentindo, segui-o até a cabana que Daharak lhe dera. Esta parte do navio estava silenciosa, a maioria das pessoas provavelmente acima de nós, no convés principal, aproveitando o ar fresco.

A cabana de Conreth era do mesmo tamanho que a minha e estava impecavelmente limpa. Provavelmente ele havia protegido a cabana para evitar qualquer acúmulo de poeira.

Meu irmão permaneceu de pé. Estudei seu rosto, observando a forma como seus olhos escureceram, seus lábios se estreitaram e então... tremeram.

"O que é?"

Ele pareceu se fortalecer, encontrando meus olhos mais uma vez. “Eu ouvi o que seu companheiro disse. Eu matei você. E Prisca trouxe você de volta.

Não pela primeira vez, fiquei perplexo com meu irmão. Sua mandíbula apertou com o meu silêncio. E eu realmente olhei para ele. Isso foi... devastação em seus olhos.

Ele me observou como se eu ainda estivesse morto, sabendo que ele era o responsável.

“Conreth—”

“Se não fosse por ela e sua magia do tempo, você estaria morto. Pela minha mão.”

“Você ouviu o que Prisca disse. Regner usou seu espelho.”

“O efeito seria o mesmo.”

A fúria de repente queimou meu peito. “O que você gostaria que eu dissesse, Conreth? Não conversamos antes ou durante a batalha. Trabalhei com os outros para traçar estratégias, enquanto você se recusava a se comunicar, atacando quem e o que quisesse. Você sabia da ala de Regner. Se você pensasse logicamente, saberia que seu ataque não teria sucesso e saberia que ele permitiu que as proteções vacilassem na tentativa de prendê-lo quando você matou seus generais. Mas você não estava pensando logicamente”, rosnei. “Você estava agindo por arrogância e ego, esperando que pudesse matar Regner onde ele estava e tudo voltaria a ser como sempre foi.”

O sangue havia sumido do rosto de Conreth e soltei uma risada sem humor. “Você imaginou que a morte de Regner me faria reconsiderar a escolha de Prisca? Você realmente acha que foi por isso que a escolhi? Por causa da minha necessidade de estar ao lado dela durante a guerra?”

Os olhos de Conreth iluminaram-se — o único sinal de que minhas palavras surtiram efeito.

"Você tem razão. Foi minha arrogância que fez isso. Minha incapacidade de aceitar sua escolha. Sinto muito, Lorian.

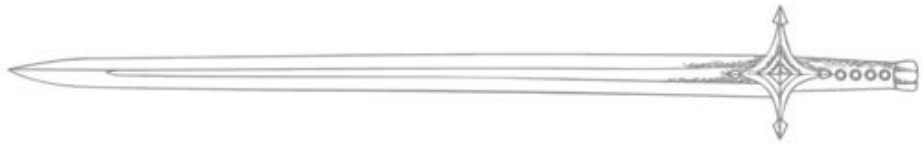
Por um momento, tudo que pude fazer foi olhar para ele. Nunca ouvi um verdadeiro pedido de desculpas do meu irmão.

Minha garganta destrancou. “Peça desculpas a Prisca.”

Ele assentiu. "Eu vou."

Foi difícil confiar neste homem se passando por meu irmão. Por um momento absurdo, me perguntei se Regner teria se infiltrado nele de alguma forma. Mas não, a tristeza nos olhos de Conreth não podia ser fingida.

Quando não falei, seus ombros caíram. “Eu quero realmente me aliar a você e... Prisca. Quero que trabalhemos juntos para vencer esta guerra. Eu voltarei para



nosso reino e tentar influenciar os guardas. Você pode ter acesso total a Hevdrin e a todos os meus generais. Você estava certo – você conhece este continente melhor do que eu.”

Em qualquer outro momento, eu teria sentido puro triunfo com suas palavras. Mas eu sabia o preço daquelas palavras e isso deixou um gosto amargo na minha boca. Prisca quase morreu para me trazer de volta. Ela não podia usar seu poder. E quem sabia quais seriam as verdadeiras consequências de desafiar os deuses?

“Você precisa de mais alguma coisa?” Conreth perguntou no silêncio.

"Sim. Precisamos que você leve Jamic com você. Ele tem tanto poder que rivaliza com alguns de nossos guardas. Ensine-o como usá-lo na batalha contra Rekja.”

"Feito."

Não consegui encontrar forças para agradecer ao meu irmão. Tudo o que pude fazer foi acenar com a cabeça e caminhar em direção à porta, tentando ignorar o arrependimento em seus olhos.

PRISCA

“Chega de agitação”, implorei. Ficamos no convés, onde eu finalmente estava aproveitando um pouco de ar fresco. Lorian pairou, uma mão em volta do meu braço, caso eu sentisse tontura.

Ele apenas me enviou um olhar entre diversão e pura teimosia masculina.

“Você precisa descansar.”

“Loriano.” Eu tive dois dias de descanso e esta manhã acordei morrendo de fome. Era como se meu corpo quisesse repor tudo que eu não comia desde a batalha. Lorian continuou me observando comer com uma expressão satisfeita e presunçosa no rosto.

“Tudo bem,” ele rosnou.

Suas sobrancelhas baixaram enquanto ele olhava para o horizonte. "O que é?" Perguntei.

Olhos verdes encontraram os meus, e pude vê-lo debatendo se eu estava *bem* o suficiente para saber o que quer que ele tivesse descoberto.

“Loriano.”

Ele suspirou. “Marth recebeu uma mensagem mais cedo de um de nossos espiões.

Há rumores de que Rothnic está trabalhando em algo novo.”

O pavor me atingiu. Como um dos patriarcas de Regner, Rothnic foi responsável pelas carruagens sem cavalos na capital. Ele também foi o cérebro por trás dos canhões mágicos que afundaram tantos de nossos navios enquanto trabalhávamos para derrubar a barreira.

Não havia dúvida de que ele era uma das ferramentas mais importantes de Regner.

Qualquer coisa em que ele estivesse trabalhando para esta guerra seria, sem dúvida, um mau presságio para nós.

Levantei meu rosto para o sol. Aparentemente, estávamos ancorados em águas feéricas, ao sul de Quorith. Perto dali, uma gaivota gritou. E, no entanto, mesmo neste momento de paz, tudo o que consegui ver foi aquele espelho. E o homem que se opôs ao meu poder.

“Tymriel nos enviou uma mensagem enquanto você estava... se recuperando”, disse Lorian, com os olhos duros.

Eu bufei. “Os anciãos já estão se oferecendo para nos ajudar? O que aconteceu com os híbridos que pedi para Tymriel enviar para ajudar nosso povo a atravessar a passagem?

“Os outros anciãos não concordariam. Eles disseram que é muito perigoso. Regner posicionou seus soldados ao longo da passagem.”

Eu soltei uma maldição baixa.

Lorian pegou minha mão. “Da última vez que conversamos, Tymriel disse que esperava convencer alguém a ir contra a vontade do mais velho. Sua carta mencionava um homem chamado Orivan. Um dos generais de Zathrian. Tymriel vai encontrar uma maneira de enviar uma mensagem para ele.

Eu sabia o que isso significava. “Vou ter que matar meu primo”, eu disse.

As sobrancelhas de Lorian se levantaram.

“Eu sei que você está pensando isso. Não temos tempo para lidar com o assunto na ponta dos pés.

Ele tem vinte mil híbridos. Meu povo.

Ele pegou minha mão. “Nosso povo.”

Suas palavras roubaram o ar dos meus pulmões.

Na reunião de cúpula de Conreth, declarei que Lorian seria o rei híbrido.

E claramente, ele estava pronto para assumir esse papel.

Ficando na ponta dos pés, enterrei minha mão em seu cabelo e direcionei sua cabeça para mim, pressionando meus lábios nos dele. Ser capaz de tocá-lo, sentir sua boca contra a minha, ouvir seu rosnado baixo e áspero... era tudo.

Ele aprofundou nosso beijo, acariciando a língua enquanto passava os braços em volta do meu corpo, me puxando para perto.

Havia um desespero nesse beijo. Eu o vi se despedaçar e ele viu meu coração parar de bater.

Alguém pigarreou e eu empurrei o peito de Lorian. Ele soltou um grunhido descontente e eu ri contra sua boca.

“Aham.” Galon sorriu para mim. “Fico feliz em ver que você está se sentindo melhor. Tenho alguém que você precisa conhecer. O povo de Rekja estava destruindo Gromalia em busca de sua amante, então pedi a Daharak para intervir. Ela tinha alguns de seus piratas para mantê-la segura durante a batalha. Mas tive a sensação de que você gostaria de falar com ela.

Meu estômago revirou. Não me arrependi de ter ordenado que Eryndan soubesse que seu filho estava saindo com um dos guardas. Mas também não gostei de arriscar a vida de um estranho pelas nossas necessidades.

Galon estava esperando minha resposta. Forçando minha expressão para uma máscara de boas-vindas calmas, assenti. Ele se virou e eu segui seu olhar

enquanto ele gesticulava para Daharak e a mulher que estava ao lado dela.

Ambos caminharam em nossa direção.

A amante de Rekja se movia com a graça de uma pantera, sua túnica sem mangas exibia braços fortes e tonificados. Suas longas pernas estavam envoltas nas leggings de couro que Madinia também preferia, enquanto sua trança preta caía até a parte inferior das costas. Suas sobrancelhas e cabelos escuros contrastavam fortemente com sua pele pálida, seus olhos azuis brilhantes eram um choque de cor quando se estreitaram em meu rosto.

“Vossa Majestade.” Ela assentiu com o hábito arraigado de alguém que aprendeu a se curvar diante da coroa – qualquer coroa.

“Por favor, me chame de Prisca.”

Ela hesitou, mas pigarreou. “Meu nome é Thora.”

Nós nos encaramos por um longo e estranho momento. Mas não tivemos tempo para constrangimentos. Talvez pudéssemos pular essa parte.

“Gostaria de me desculpar”, eu disse. “Eu sou a razão de você estar aqui. Eu gostaria de poder dizer que tive um motivo nobre para roubar você da sua vida. Mas a verdade é que usei você como um peão. Eu precisava que Rekja desconfiasse de seu pai e sabia que ele suspeitaria que Eryndan escondesse ou matasse você.

A boca de Thora se estreitou, mas algo brilhou em seus olhos. “Nunca ouvi a realeza pedir desculpas antes.”

Eu levantei uma sobrancelha. “Nem mesmo Rekja?”

Ela sorriu, mas foi triste. “Não, nem mesmo Rekja. A verdade é que os rumores sobre o nosso relacionamento já começaram a se espalhar pelo palácio.

Alguém próximo do príncipe estava me chantageando. Eles descobriram que Rekja estava apaixonada por mim e deixaram claro que se eu não cooperasse, seria morto. Quando você me sequestrou, presumi que minha vida estava acabando.

Eu estremeci. “Você deve ter ficado apavorado. Desculpe."

Seu sorriso se tornou genuíno. “Você provavelmente deveria se desculpar com o Fae que enviou. Quase matei dois deles.

Eu não pude deixar de sorrir. Eu gostei dessa mulher.

“Preciso falar com Rekja”, eu disse. Eu já estava usando Thora novamente. Mas eu não tive outra escolha. “Temos que trabalhar juntos se ambos os nossos reinos quiserem sobreviver.”

Foi a vez de Thora estremecer. “Quando ele descobrir que você foi o responsável por me levar... você terá sorte se ele não tentar matá-lo, Sua Majestade. Não há como você ter permissão para ficar a mil passos do castelo.”

Ela franziu a testa para Lorian.

Um brilho predatório apareceu em seus olhos quando ela mencionou minha possível morte, e eu apertei seu braço.

“Me chame de Prisca”, corrigi distraidamente. Eu pude entender o que ela queria dizer. Se alguém tirasse Lorian de mim e depois quisesse conversar ...

“Talvez eu possa ajudar”, disse Daharak, encostada em um mastro próximo. Ela ergueu a mão e uma moeda de prata familiar apareceu em sua palma.

A moeda representava um favor que lhe era devido pelo rei Gromaliano. “Achei que você tivesse usado isso quando ajudou Lorian e eu a atravessar a cidade.”

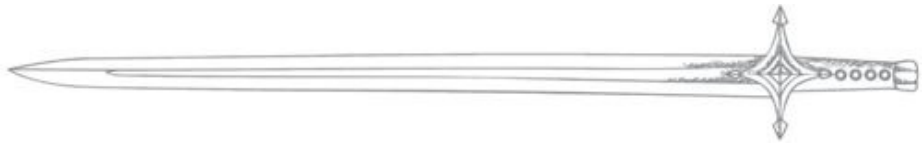
Ela sorriu. “Como você foi tão sorrateiro e usamos a enseada para levá-lo até Gromalia, não precisei usá-la.”

“Mas Eryndan está morto.”

Thora balançou a cabeça, um sorriso brincando em sua boca. “As moedas—

e os favores devidos – passam de pai para filho. Rekja não arriscaria que sua honra fosse questionada, especialmente logo após a morte de seu pai. Se você usar a moeda, ele verá você. Mas ele não estará em Thobirea. Ele odeia aquela cidade. Detesta o castelo.

Pensei no castelo de seu pai e na forma como Rekja foi forçada a ser uma marionete de Eryndan. Eu não poderia culpá-lo por odiar o lugar. “Onde ele estará?”



“Sorlithia.”

Lorian suspirou. “Uma cidade costeira na fronteira entre Eprotha e Gromalia”, disse-me ele. “Até agora, fizemos tudo o que podíamos para evitá-lo.”

“Ele estará lá”, insistiu Thora. “Vou tentar convencê-lo de que você nos ajudou, mas essa moeda só vai te colocar na frente dele. Isso não o fará cooperar.

Não tivemos escolha. Precisávamos de Rekja e ele não iria nos encontrar em nenhum outro lugar.

“Então é para lá que precisamos ir.”

MADÍNIA

Nunca fui particularmente bom em persuadir as pessoas a fazerem o que eu queria que fizessem.

Pessoalmente, fui excelente em chantagem, manipulação e coerção dissimulada.

Infelizmente, essas habilidades não fariam essas pessoas deixarem o acampamento de Stillcrest e seguirem em direção à segurança. Então, junto com Vicer, comecei minha campanha para convencer cada homem, mulher e criança a deixar este lugar antes que fosse tarde demais.

Até agora, eu estava tendo resultados mistos.

A maioria de seu povo parecia cautelosa com a ideia de uma rainha híbrida. Certa vez, Vicer me disse que essas pessoas eram separatistas que detestavam a ideia de serem governadas por alguém. Mas a verdade é que eles *estavam* sendo governados por alguém.

Kaelin Stillcrest.

Ela fortaleceu seus ideais isolacionistas e, ainda assim, foi ela quem ditou tudo em suas vidas. Ela controlava o racionamento de alimentos, a segurança, a pouca educação disponível para as crianças. Sua recusa em priorizar os curandeiros significava que ela governava a vida e a morte.

E ainda assim Stillcrest convenceu esses híbridos de que Prisca era a ameaça.

Foi totalmente irritante.

Então, eu estava lentamente tentando convencê-los do contrário – sem fazer nenhuma tentativa de esconder meu desejo de que eles fossem embora. Sentei-me com as mães enquanto elas observavam os filhos brincar e contei-lhes como Prisca salvou tantas crianças de Lesdryn não muito tempo atrás - com a ajuda de Vicer.

Treinei com as sentinelas e contei-lhes sobre o exército que Prisca estava reunindo, pronta para defender nosso reino.

Conversei com homens e mulheres jovens, que provavelmente sonhavam com uma vida fora deste campo – embora nenhum deles admitisse tal coisa. Contei a eles o que Prisca me contou, sobre o reino híbrido conhecido como Lyrinore, e como ele era quando Ysara mostrou a Prisca tudo o que ele tinha a oferecer. Contei-lhes sobre os mercados e as bibliotecas, as pessoas e as criaturas mágicas que vagavam pela terra. E eu disse a eles que a rainha híbrida estava determinada a garantir que os híbridos neste continente pudessem voltar para casa, para aquela vida.

Alguns deles pareciam abertos a pelo menos ouvir o que eu tinha a dizer. Uma mulher alta e magra chamada Tralia tinha a cabeça fria e, ao contrário da maioria dos que apenas repetiam a insistência de Stillcrest de que este acampamento estava demasiado bem escondido para ser encontrado, ela fez perguntas sobre os nossos exércitos. Sobre a própria Prisca, sobre os Fae e sobre Regner.

Enquanto isso, Vicer falou da ameaça. Ele contou a todos que quisessem ouvir como os batedores de Regner estavam se aproximando. Ele os alertou sobre outros campos que haviam sido dizimados e detalhou tudo o que havia aprendido sobre a devastação da aldeia que ele, Prisca e Tibris certa vez chamaram de lar.

Resgatamos quase duzentos híbridos da cidade na noite em que libertamos Jamic. E a maioria desses híbridos já havia se mudado para o sul. Eles viveram sob a nuvem opressiva da tirania de Regner e sabiam exatamente o quanto tinham a perder. De acordo com Vicer, eles conseguiram convencer cerca de cem pessoas deste acampamento a partir com eles.

Cerca de um terço desse número viajaria para as terras feéricas para se juntar ao nosso exército. O restante seguiria até o ponto de encontro próximo ao passo de Asric, onde esperariam nosso sinal para cruzar.

Três dias depois de chegarmos, quebrei meu jejum com Vicer. Passei as primeiras horas da manhã caminhando pela floresta ao redor do acampamento e procurando sinais de que alguém estivesse à espreita. Estava quieto. Pacífico.

E ainda assim, isso fez com que os cabelos da minha nuca se arrepiassem.

“Galon me disse que enviou alguns de seus amigos feéricos para ficar de olho no acampamento,” eu disse. “Mas não vi nenhum sinal deles.”

Vicer parecia um pouco doente.

Meus punhos cerrados. “Ela os mandou embora, não foi?”

Ele deu um aceno brusco.

Eu zombei dele. “Quanto tempo você vai tolerar isso?”

“Não podemos forçar esses híbridos a se moverem, a menos que enviemos um exército. E se fizermos isso, não seremos melhores que Regner.”

“Ao contrário de Regner, estaríamos salvando suas vidas, não os matando.”

Vicer baixou o olhar para o mingau. Eu bufei. Ao contrário da maioria dos corações ternos que me rodeavam continuamente, não tive problemas em remover os direitos dos outros, se necessário. Brinquei com minha colher, mas não estava mais com fome.

“Depois de cruzar a linha de um certo nível de idiotice, você perde o direito à autodeterminação. E isso é especialmente verdadeiro para aqueles responsáveis pela proteção das crianças.”

Vicer não disse nada, simplesmente empurrou o mingau para longe. Cerrei os dentes.

Não muito tempo atrás, eu disse a ele para usar seu poder em Kaelin Stillcrest para fazê-la cooperar. Sua reação deixou claro que ele nunca faria tal coisa. Todos nós poderíamos estar caminhando em direção a um terreno mais seguro neste exato segundo.

O poder de Vicer foi desperdiçado com ele.

“As fadas que Galon enviou não teriam deixado a área,” eu disse, mudando de tática.

“Eles estarão se tornando escassos. Eu vou encontrá-los. Talvez eles possam ajudar a convencer algumas pessoas do perigo aqui.”

Ele assentiu. “Aqueles que ouviram e se mudaram para o sul seguiram com segurança para o local planejado. Meu pessoal tem atualizado os estoques de suprimentos escondidos em cada ponto.”

"Bom."

Ele inclinou a cabeça, encontrando meu olhar mais uma vez. E seus olhos estavam assombrados. “Você também sente isso.”

"Sim." Estávamos ficando sem tempo. Este acampamento pode estar bem escondido, num local estratégico, mas não poderia ficar escondido para sempre. Eventualmente, os guardas de ferro de Regner o encontrariam.

“Eu gostaria de dar uma palavrinha.” Uma voz aguda veio por cima do meu ombro.

Revirei os olhos para Vicer. Sua boca se contraiu, mas me virei na cadeira de

madeira dura e encontrei Stillcrest olhando furiosamente para nós.

“Eu sei o que você está fazendo.”

“E o que seria isso?”

“Usando a propaganda do herdeiro híbrido para convencer meu povo de que suas vidas estão em risco. Temos uma boa vida aqui. É uma vida difícil, mas honesta.

E você está determinado a arruinar isso para suas próprias necessidades egoístas.” Sua voz tremia de fúria. Claramente, essa “propaganda” estava tendo mais impacto do que ela gostaria.

Eu dei a ela um olhar de desdém. “Nossas próprias necessidades egoístas? Estamos tentando salvar vidas.”

Ela zombou de mim. “Mulheres como você sempre gostam de se curvar para receber uma coroa. Mas meu povo não está desesperado pela aprovação *de sua rainha* .

Lentamente, fiquei de pé. “Eu vivia sob a sombra de um ditador obcecado pelo poder. Diga a si mesmo tudo o que você precisa para se sentir bem. Mas eu vejo a verdade.

Você preferiria que todos morressem aqui do que encontrar segurança em outro lugar, porque isso provaria o quão sem importância você é.”

Seus olhos brilharam e ela deu um passo mais perto.

“Você vai embora,” ela respirou. “Você não é e nunca foi bem-vindo aqui.” Ela se virou para Vicer. “E seu convite também foi rescindido.”

E foi isso. Eu estava cansado de andar na ponta dos pés perto dessa mulher. Dando a ela meu sorriso mais frio da corte, abri minha boca. "Você-"

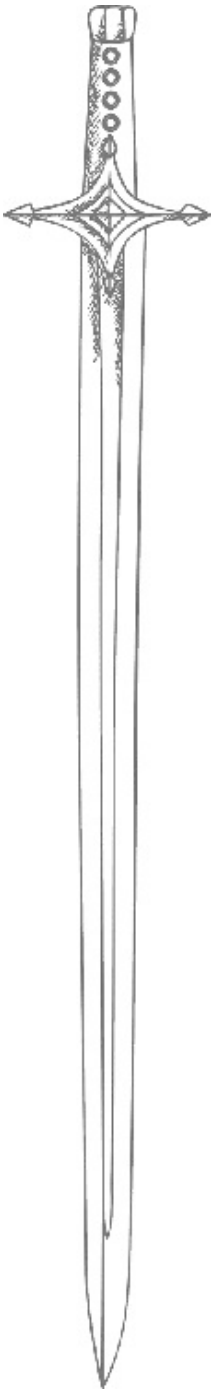
Os sinos do acampamento começaram a tocar e a cor desapareceu lentamente do rosto de Stillcrest. Um menino correu em nossa direção. Eu falei com a mãe dele ontem. Seu nome era… Balin. E ele tinha o poder de audição aprimorada.

Stillcrest virou-se para encará-lo.

“Cascos.” Ele apontou para as orelhas. “Eu posso ouvi-los. Centenas deles.

Vindo do sudeste.

Madínia



girou, agarrando Stillcrest pelos braços. “Qual é o seu plano?”

A pele dela estava tão pálida que era como se ela fosse um cadáver. Inútil. Eu a balancei até que sua cabeça balançou livremente em seu pescoço.

“Madinia,” Vicer retrucou.

“Ela tem que ter um plano de fuga. Como protegemos essas pessoas?”

“Bells,” Stillcrest resmungou. “Quando os sinos tocam, nossos homens cercam a aldeia.”

“Quantos homens, Stillcrest?”

"Duzentos."

Vicer e eu olhamos para ela em silêncio. Eu sabia que ela não estava preparada, mas duzentos homens?

“E depois?” Perguntei.

Sua boca tremia. “Há uma passagem pelas montanhas Normathe.

Mas são dois dias a pé.

E nenhuma dessas pessoas estava preparada para atravessar uma passagem na montanha sem aviso prévio e sem suprimentos.

Eu a empurrei para longe, enojado. “Você assinou nossas sentenças de morte.”

Vicer olhou para mim e vi o momento em que ele entendeu quantas vidas seriam perdidas. Seus olhos cinzentos ficaram sombrios. “As crianças”, disse ele. “Você tem que tirar as crianças de lá, Madinia.”

“Eu tenho um poder de ataque. Eles precisam de mim na frente, onde posso causar mais danos.”

“Não, me escute”, ele grunhiu quando abri a boca. “Você precisa reunir o máximo de mães e crianças que puder. Você é inteligente e poderoso e é a melhor chance deles. Qualquer pessoa que consiga brandir uma espada ganhará tempo - Stillcrest, eu... qualquer um. Você sabe onde estão os primeiros caches?”

Eu balancei a cabeça. Havia vários a uma distância aproximadamente igual do acampamento. Significava que se as pessoas fugissem em grupos, poderiam seguir rotas diferentes e, se um grupo fosse atacado, ainda havia uma hipótese de alguns deles sobreviverem. A bile subiu pela minha garganta.

“Os soldados de Regner não se contentarão em massacrar todos aqui”, disse ele. “Eles virão atrás de qualquer um que fugir.”

"Eu sei."

Gritos soaram. As tendas cuidadosamente colocadas tornaram-se armadilhas de corda e tecido enquanto os híbridos reuniam seus filhos, chamando os amigos.

As crianças gritavam pelos pais com vozes aterrorizadas e estridentes.

O crepitar do fogo acompanhou uma série de gritos. Isso, pelo menos, eu poderia fazer alguma coisa. Estreitando os olhos, avistei o tronco, chutado do fogo e incendiando uma série de tendas. Sugando as chamas para dentro de mim, sufoquei o fogo com um olhar.

Homens e mulheres tropeçaram em pertences abandonados às pressas. Vicer subiu na mesa e começou a orientar qualquer pessoa que estivesse ao alcance dos gritos para trazer mulheres e crianças até nós.

Stillcrest olhou para o caos. “Isso não está acontecendo.”

Eu mal me abstive de pegar a espada no quadril e enterrá-la em sua barriga.

“Está acontecendo. Então *faça algo* antes que eu mesmo mate você.

Seus olhos encontraram os meus e ela pareceu sair do choque letárgico.

“Temos pontos de evacuação instalados. Mas alguns deles estão nos lados sul e leste do campo.”

As direções de onde os soldados estavam se aproximando. Qualquer um que seguisse nessa direção seria o primeiro a ser abatido.

“Precisamos criar uma distração no lado leste do acampamento para chamar a atenção deles enquanto afastamos todos desses pontos de encontro”,

Vicer disse. “Eu farei isso acontecer. Madinia, reúna o máximo de pessoas que puder e tire-as de lá.”

“Vou espalhar a notícia e dizer a todos para irem para o oeste”, disse Stillcrest.

Sem outra palavra, corremos em direções opostas. As fileiras ordenadas de tendas estavam agora sendo pisoteadas à medida que a compreensão penetrava naqueles que presumiam que estavam seguros.

Gritos e berros cortavam o ar, o terror elevando-se acima do barulho dos pertences recolhidos às pressas. “Deixe-os”, gritei para uma mulher que tentava embalar suprimentos de cozinha. Reconheci o filho dela de ontem e joguei a menina chorando em seus braços. “Corra pela sua vida. Agora."

O sangue foi drenado de seu rosto e ela cambaleou. "Você estava certo."

Fúria e tristeza lutaram pela supremacia. "Ir."

Ela assentiu, apertando a filhinha contra o peito, a mão enterrada em cachos

escuros.

Mais crianças agarraram-se às saias das mães, com os olhos arregalados atordoados enquanto os pais as beijavam uma última vez. Uma mulher com quem treinei deu seu bebê ao pai dele, beijou uma criança que não poderia ter visto seis invernos e apontou para eles irem para o oeste, com a espada já na mão, os olhos escuros de horror e tristeza.

Os cavalos entraram em pânico enquanto as pessoas tentavam carregá-los com suprimentos.

Um deles disparou, com as rédeas penduradas enquanto galopava em direção à segurança.

O pânico apertou minha garganta, até que eu mal consegui respirar. Correndo em direção a um grupo de híbridos em direção ao leste, agarrei a camisa de um homem, me abaixando quando ele se virou para mim, com os olhos selvagens. “Para o oeste!” Eu rugi e as pessoas começaram a se virar.

“Para a clareira noroeste!” Gritei repetidas vezes, até que aqueles ao meu redor começaram a cantar. Várias mulheres idosas pararam, apenas para o mesmo homem agarrar cada um dos cotovelos e arrastá-las consigo enquanto se virava e corria.

"Você." Apontei para Tralia. “Vá para a clareira atrás do acampamento e leve o máximo de pessoas possível para o sul.” Fechei os olhos brevemente, tentando visualizar as diversas rotas de Vicer. “Quando você chegar ao lago, siga para oeste ao longo da trilha até chegar a uma árvore com uma camisa azul enrolada.” Abri os olhos para encontrá-la me observando, memorizando claramente o que eu estava dizendo.

"Escute-me. Tire a camisa da árvore para que não haja marcas para quem o segue. É aí que você deixará a trilha. Vire à esquerda e continue andando por pelo menos seis horas até encontrar uma pequena clareira com sete pedras enfileiradas. Enterrado sob as rochas, você encontrará um baú guardado com comida, suprimentos médicos, armas e cobertores. Você também encontrará mais instruções para a próxima parada. Repita isso para mim.

Ela repetiu, a mulher ao lado dela ouvindo e balançando a cabeça.

“Pegue o máximo que puder. Ir."

Ela desapareceu um momento depois.

Tive tempo suficiente para encontrar outras duas pessoas que serviriam como líderes.

Eles começaram a xingar, direcionando os híbridos para eles. E eu dei a eles suas próprias instruções. A leste, mais gritos começaram a soar, seguidos pelo choque de espadas. Meus membros ficaram dormentes.

Os guardas de Regner estiveram aqui.

Examinei o acampamento. As pessoas estavam se movendo muito devagar. Não foi culpa deles.

O instinto deles era levar tudo o que pudessem para tornar a viagem mais fácil. Um homem e uma mulher estavam agachados, tentando carregar vários vestidos com eles.

Coloquei fogo nos vestidos.

“Corram,” eu sibilei enquanto eles deixavam cair os vestidos com um grito.

Olhos vazios encontraram os meus, assim que os gritos ficaram mais altos.

Eles se viraram e correram.

Perto do limite do acampamento, três crianças agarravam-se umas às outras, tremendo de medo. Correndo em direção a eles, agarrei a mão do mais velho. Ela imediatamente se agarrou a mim.

"Pais?"

“Pai foi lutar.” Seu lábio inferior tremeu e ela estremeceu, pálida de choque. “Não sei onde mamãe está.”

Várias pessoas já haviam sido esmagadas, inconscientes e sangrando por causa do caos. Havia uma chance de sua mãe ser uma delas. “Pegue suas irmãs e siga aquela mulher.” Eu apontei. "Ir."

As crianças estavam se movendo muito devagar. “Mais rápido,” eu sibilei. "Corrida!" Eu me senti como um monstro quando eles olharam para mim com os olhos arregalados, mas aceleraram o ritmo.

Ainda havia muitas pessoas aqui.

Uma velha estava parada no meio do acampamento, com a mão levantada.

"O que você está fazendo?" Chamei, agarrando várias pessoas e direcionando-as para o oeste. Eles correram, levantando quem conseguissem carregar.

“Eu tenho um poder de ataque, criança.”

“Você precisa correr.”

Seus lábios tremiam, seus cabelos brancos se separavam com o vento. “Esta é a ordem natural das coisas. Os velhos morrem primeiro, protegendo os jovens. Agora vá.

Meu coração apertou, mas saí da clareira principal, correndo em direção à linha das árvores. Os híbridos foram empurrados para trás a cem passos do inimigo. Um grupo de guardas avançava sobre alguns dos híbridos que haviam ido na direção errada, apoiando-os contra um matagal de árvores. Meu poder vibrava através de mim e eu rosnei, apontando-o para os guardas perto o suficiente para que eu pudesse alcançá-los. Alguns deles estavam muito bem protegidos para que meu fogo conseguisse passar. Mas vários pegaram fogo, e a comoção proporcionou distração para nosso povo escapar.

Os híbridos ainda estavam perdendo. Um jovem híbrido, com não mais de dezesseis invernos, estava caído contra uma árvore, a mão ainda segurando a espada. Seus olhos, bem abertos, pareciam buscar a ajuda dos deuses. Perto dali, uma mulher mais velha gritava por alguém sem parar, com os olhos frenéticos. Ao avistar o menino, ela caiu de joelhos e o sacudiu, chorando.

Um nó se formou na minha garganta, mas eu não conseguia sentir. Obrigando-me a ficar com frio, estendi a mão para a mulher e a coloquei de pé, ignorando seus tapas fracos.

“Corra,” eu sibilei. “Ou morra com ele.”

Ela soluçou, os olhos selvagens. Então eu a virei fisicamente com as mãos até que ela ficasse voltada para o oeste, empurrando-a para trás até que ela tropeçasse.

"Ajuda!"

Corri de volta em direção aos guardas. Híbridos com poderes de ataque os usavam, mas não eram apenas os guardas habituais de Regner aqui. Avistei vários guardas de ferro por entre as árvores, suas armaduras brilhando na luz salpicada. Dotados de um suprimento abundante de poder roubado, eles também foram treinados na morte desde que tinham idade suficiente para empunhar uma espada.

Peguei o máximo que pude enquanto me dirigia ao ponto de encontro na clareira atrás do acampamento, caso ainda restasse alguém. Stillcrest me encontrou, com as mãos tremendo e a boca formando uma linha fina. “Graças aos deuses”, disse ela, agarrando-se a mim. “Há um grupo de híbridos presos.”

Tropecei duas vezes em raízes de árvores e na vegetação rasteira, xingando violentamente. A fumaça subia em nossa direção, espessa, sufocando meus

pulmões. Os híbridos gritavam, reunidos em grupos enquanto recuavam dos guardas de ferro que se aproximavam, a menos de cem passos de distância, enquanto as chamas rugiam em sua direção vindas da outra direção.

Erguendo as mãos, suguei o fogo para dentro de mim, privando-o do oxigênio de que precisava. Os híbridos não hesitaram, correndo em direção à clareira principal assim que as chamas foram controladas. “Mate os corruptos!” alguém rugiu, e três guardas de ferro avançaram em nossa direção, sua armadura de ferro preto fazendo-os parecer ainda maiores do que realmente eram.

Esse ferro foi uma boa proteção contra o meu fogo. Mas apontei faíscas para os espaços onde seus olhos estavam desprotegidos. Eles arranharam seus rostos e Stillcrest se aproximou de mim. Ela acenou com a mão.

Vicer não me contou qual era o poder dela, mas vários galhos de árvores se ergueram do chão, varrendo os pés dos guardas e fazendo-os cair no chão.

“Vá”, ela disse. “Leve meu pessoal para um lugar seguro.”

“Onde está Vicer?”

Algo que poderia ter sido arrependimento brilhou em seu rosto. "Não sei."

Nós nos encaramos por um momento. Se ele estava morto, a culpa era desta mulher. Ela sabia disso, eu sabia disso e não havia mais nada a ser dito.

Meu estômago se revirou quando me virei, correndo atrás dos híbridos. Um menino estava andando de mãos dadas com uma menina mais velha, e eu o levantei, segurando-o debaixo do braço enquanto gritava para ela correr.

A velha ainda estava no centro do acampamento quando os primeiros guardas de ferro passaram. Eu poderia arrastá-la comigo, forçá-la a vir...

Mas a expressão dela se tornou quase pacífica, o olhar implacável.

Ela olhou para mim. "Ir."

“Que os deuses recompensem seu sacrifício.”

Ela apenas assentiu, levantando a mão.

Cheguei à linha das árvores quando os gritos soaram e virei a cabeça bem a tempo de ver vários guardas de ferro apertando o peito enquanto a mulher sorria. Eles caíram de joelhos e depois caíram no chão.

Um poder de ataque, de fato.

“Onde está meu pai?” A garota soluçou, ficando atrás de mim. Agarrei a mão dela, puxando-a mais rápido.

"Não sei. Você viu aonde sua mãe foi?

“Ela já morreu”, ela engasgou. “Inverno passado.”

Em meus braços, o menino estava imóvel. Olhei para baixo quando chegamos ao ponto de encontro. Pupilas estouradas. Choque. Meu peito doeu e eu o segurei mais perto, dando o pouco conforto que pude.

Mais híbridos estavam se acumulando no ponto de encontro ocidental. A esta altura, a maioria deles já teria se juntado a outros grupos e ido embora. Mas cerca de vinte permaneceram dentro da clareira.

“Comigo,” eu ordenei. Minha respiração era ofegante, meus pulmões e garganta queimando. Perto dali, uma mulher grávida soluçava, segurando uma criança pequena contra o peito.

Burns cobriu um lado de seu corpo. Ele estremeceu em seus braços, os olhos vazios. Mudando o garoto que eu segurava no quadril, estendi meu outro braço.

"Qual o seu nome?"

“Whirna.”

“Meu nome é Madínia. Você não pode correr com ele. Dê-me ele e eu o manterei seguro.”

Ela não discutiu, mas lágrimas escorreram por seu rosto enquanto ela o entregava para mim. Se eu sobrevivesse a isso, teria que agradecer a Demos por me forçar a carregar sacos de areia pesados constantemente enquanto treinávamos.

No momento em que estávamos na trilha que eu havia explorado – aquela que Vicer me disse para seguir se precisasse sair – os sons de gritos estavam mais próximos do que nunca.

Vários homens saíram da floresta em nossa direção, com armas nas mãos.

Gritos rasgaram os híbridos ao meu redor. Minha mão acendeu com fogo, até que notei suas orelhas. Apontado.

“Quem enviou você?” Eu perguntei, apenas por precaução.

“Galon,” o fae mais próximo disse. Ele tinha um rosto forte e estreito, e sua mão segurava uma espada tão grande que duvidei que fosse capaz de levantá-la.

“O líder do seu acampamento nos mandou embora. Mas ouvimos os gritos.”

Agradeça aos deuses pelos sentidos das fadas. O fae à direita passou seu olhar sobre nós, seus olhos permanecendo no garoto queimado em meus braços. Ele começou a gemer baixinho, seu corpo tremendo.

“Algum de vocês é curandeiro?” Eu perguntei com voz rouca.

A expressão do fae ficou tensa com pena. "Não. Mas posso fazê-lo dormir para poupá-lo da dor.

Olhei para a mãe do menino, que assentiu com a boca tremendo.

“Corra,” um dos outros Fae disse quando terminou. “Ganharemos o máximo de tempo que pudermos.”

Eles morreriam aqui hoje. Eu sabia disso, e pelo olhar sombrio deles, eles também sabiam.

"Obrigado."

O fae com a espada larga sorriu para uma jovem que estava sussurrando para uma das outras crianças e apontando para seus ouvidos. “Leve-os para um local seguro.”

"Eu vou."

Eles rondaram em direção aos gritos e fiz um gesto para que meu grupo me seguisse.

Os híbridos estavam morrendo e eu estava fugindo. Deixou um gosto amargo na minha boca.

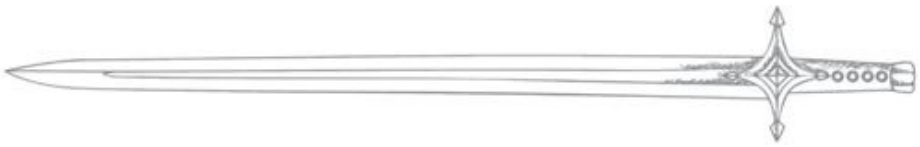
Mas eu manteria essas pessoas vivas. Não importa o que fosse preciso.

Quando chegamos a uma clareira grande o suficiente para nos reunirmos, coloquei as duas crianças no chão e levantei uma mão para chamar a atenção de todos. Meus braços já doíam. A mulher grávida se abaixou e examinou as duas crianças. Seu filho ainda estava dormindo. O menino menor chorou baixinho, e uma das outras mulheres o levantou nos braços, me dando um aceno de cabeça.

“A partir de agora, preciso de silêncio”, eu disse. “Se os guardas de ferro nos ouvirem, eles nos matarão. Vou mantê-lo vivo enquanto puder, mas só existe um de mim. Quem mais tem poder de ataque?”

Várias outras mulheres levantaram as mãos, juntamente com alguns rapazes mais velhos. Eu esperava mais, mas não permitiria que eles vislumbrassem

minha decepção.



“Faremos o que for preciso para proteger nossos filhos”, rosnou uma das mulheres, com os olhos duros. “Apenas nos leve para um local seguro.”

"OK. Mantenha-os quietos. Você,” eu gritei para um garoto de cerca de dez anos. “Embainhe essa faca enquanto você está correndo. Isso vale para todos vocês.

Não quero nenhum acidente.” Pegando o garoto adormecido, eu o equilibrei no quadril. "Vamos."

ASÍNIA

Eu soube o momento em que a barreira caiu. Uma parte de mim estava convencida de que Regner estava morto e que a guerra terminara. E então Demos me lembrou das proteções do rei humano.

Pelo menos um terço dos rebeldes neste campo eram humanos. Quando cerca de metade daqueles humanos começaram a gritar, corri em direção à fogueira principal, presumindo que estávamos sob ataque.

Mas eram gritos de felicidade. Esses humanos poderiam de repente acessar mais poder.

Agora, dias depois, Tibris estava curando todos que podia. Demos estava de pé e finalmente nos encontraríamos com Herne hoje. Sua resposta determinaria nosso próximo passo. Nesse ínterim, Demos enviava desesperadamente mensagem após mensagem para qualquer um de seus antigos contatos, tentando descobrir se um homem chamado Torinth ainda estava vivo.

Pouco antes de Prisca e os outros terem deixado Aranthon, Madinia enviou-nos uma mensagem. As proteções de Regner eram impenetráveis – ligadas ao espelho dado aos humanos por Faric. Precisávamos encontrar uma maneira de roubar e destruir aquele espelho, mas de acordo com Jamic, Regner o manteria sempre com ele.

Torinth era a única pessoa que poderia nos ajudar. Seu poder?

Diminuindo as alas pessoais.

Se ele não estivesse vivo...

Eu não tinha a menor ideia de como mataríamos Regner.

O sol estava quente em minha pele, uma leve brisa brincava com meu cabelo enquanto eu caminhava em direção à tenda do curandeiro. Tibris olhou para cima quando me aproximei. Ele parecia calmo, até relaxado. Mas eu nunca esquecerei o pânico contido em seus olhos quando viu a condição em que Demos se encontrava após o ataque.

“Como está Demos?” ele perguntou, seguindo claramente meus pensamentos.

“O de sempre. Ele está treinando. Fingir que ele nunca foi ferido em primeiro lugar.”

Tibris revirou os olhos, voltando sua atenção para a mistura que estava preparando.

“Você vem conosco conversar com Herne?” Perguntei.

Ele mediu algum tipo de erva perfumada, levantando uma sobrancelha.

“Você espera que minha presença ajude?”

“Eu sei que vai.”

“Você pode se surpreender. Acredite ou não, mas Herne costuma ser mais razoável do que você viu desde que chegou. Ajuda o fato de Prisca e os outros terem conseguido derrubar a barreira.”

Eu ponderei sobre isso. A verdade é que não podíamos mais justificar ficar aqui.

Agora que Demos pôde viajar, tivemos que partir. Cabia a Herne garantir que seu povo não ficasse indefeso.

Porque se partíssemos e este acampamento fosse destruído… eu não seria capaz de viver comigo mesmo.

“Assínia?”

Eu olhei para cima. Uma sombra passou pelo rosto de Tibris. Ele conhecia o que estava em jogo. Ele sabia que tínhamos de partir — por mais que nos importássemos com os rebeldes.

E então, mudei de assunto. “Falando em poder… você costumava curar apenas pequenas feridas. Mas você conseguiu salvar a vida de Demos. Antes da barreira cair.”

Tibris me deu um leve sorriso. “Ajudou o fato de o poder de Demos estar

trabalhando para curá-lo também. Mas... uma parte de mim se pergunta se talvez eu não estivesse usando todo o meu poder depois que meu pai morreu."

Estremeci com o lembrete. Tibris quase perdeu a própria vida ao tentar salvar seu pai. "Você acha que impôs algum tipo de limite a si mesmo?"

Ele encolheu os ombros. "Não necessariamente um limite. Mais como uma... restrição protetora subconsciente. Mas desde que deixei nossa aldeia, fui forçado a usar meu poder o máximo que pude — de novo e de novo. Agora que o

a barreira caiu?" Sua boca se torceu. "O que eu pensei que fosse a profundidade do meu poder era apenas a superfície nua. Eu poderia ter salvado meu pai, Asinia.

Se Regner não tivesse roubado essa magia de mim, eu poderia ter salvado centenas de vidas ao longo dos anos." Sua voz era amarga.

A raiva atingiu meu interior. Tantas vidas perdidas.

Esperava que o povo mais leal de Regner tivesse gostado das suas carruagens sem cavalos.

Reprimindo minha amargura, travei os músculos dos ombros. "Vamos fazê-lo pagar, Tibris."

"Eu sei. Alguns dias, acho que esse pensamento é a única coisa que nos ajuda a superar os horrores desta guerra." Ele limpou as mãos. "Bem, vamos ver o que Herne diz." Ele piscou para mim.

Juntos, saímos da tenda do curandeiro, a luz lá fora cegando momentaneamente depois da penumbra repousante lá dentro.

O acampamento era um centro de atividade, o ar denso com o cheiro do ensopado cozinhando no fogo e o som das lâminas se chocando à distância enquanto os rebeldes treinavam para a batalha iminente.

Um pombo voou acima de nossas cabeças, caindo do céu e pousando no ombro de Tibris. Ele gentilmente acariciou-o com um dedo e libertou o pequeno pedaço de pergaminho que ele carregava.

Seu rosto empalideceu. "Conreth matou Lorian durante a batalha", disse ele. "Prisca usou seu poder para voltar no tempo e salvá-lo," ele disse apressadamente, agarrando meu braço quando eu cambaleei.

"O que-"

"Regner usou seu espelho para direcionar o poder de Conreth para a nave deles.

A nave explodiu. Prisca quase morreu e Telean só está vivo porque um dos piratas de Daharak conseguiu salvá-la.” Ele amassou a carta com a mão fechada e depois alisou-a. “Eryndan está morto. Agora, eles precisam negociar com Rekja se quisermos ter alguma esperança de uma aliança com os Gromalianos.”

Tibris já estava se virando, puxando-me com ele em direção a Herne e Demos. Eles estavam na beira do acampamento, já conversando profundamente.

Os cabelos loiros de Herne esvoaçavam ao vento, os contornos nítidos de seu rosto refletindo a luz. Demos era uma sombra alta e escura ao lado dele, sem mostrar sinais de ter sido ferido, seus olhos examinando a floresta como se procurasse ameaças. O próprio olhar de Herne estava voltado para seu povo. Nas crianças correndo ao redor da fogueira, na mãe que pegou um deles nos braços e fez cócegas nele, e nas sentinelas que saíram da floresta, saindo de seus turnos.

Tibris e eu nos juntamos a eles, e Herne nos cumprimentou com um aceno de cabeça. Demos nos examinou, seu olhar permanecendo em mim. A consciência arrepiou minha pele e senti como se o resto do mundo tivesse desaparecido.

“Você vai me dizer que precisa ir embora”, disse Herne, quebrando o feitiço.

Tibris entregou a mensagem a Demos.

Demos leu e sua expressão ficou fria. “Fiquei aqui o máximo que pude. Mas meu lugar é na frente, liderando nosso povo.” Ele olhou para mim e agora era o general híbrido. “Asinia vem comigo.” Outro olhar para Tibris e sua expressão tornou-se vagamente simpática. “Você faz suas próprias escolhas.”

Estreitei os olhos para Demos. Eu queria ir para a frente. Queria ver Prisca e os outros. Mas se ele pensasse que eu era outro soldado que ele poderia comandar...

Eu suspirei. Eu ansiava por ser tratado como um soldado. Como alguém que poderia contribuir. E isso significava receber ordens. Eu não poderia ter as duas coisas.

Herne estava estudando Tibris. Ele não era o tipo de homem que mostrava seus sentimentos no rosto. Mas seus olhos brilharam.

“Preciso ver minha irmã”, disse Tibris. “E... eu preciso contar a ela sobre você.

Sobre nós."

A boca de Herne se contraiu, mas ele assentiu.

Herne estava... permitindo isso? Eu apertei meu lábio inferior com os dentes, mal evitando que minha boca se abrisse. Os olhos de Herne encontraram os meus e ele inclinou a cabeça.

“Eu posso ser razoável. Afinal, você está correto. Essas feras retornarão para matar todos nós, se puderem.”

“Você vai evacuar?” Demos perguntou.

Herne suspirou e a pena se agitou em minhas entranhas. Eu sabia o que era agarrar-se a alguma coisa, mesmo que já não fosse realmente uma opção.

“Sim”, ele disse finalmente. “Se você puder garantir uma rota segura para quem não pode lutar. Duvidei de você quando disse que o herdeiro híbrido poderia derrubar a barreira. Mas você viu muitas pessoas aqui comemorando que podem ter acesso a mais poder.” Ele me deu um sorriso triste. “Eu não. Talvez meu poder esteja armazenado em outro lugar.”

Lutei contra a vontade de perguntar o que ele poderia fazer. Ao lado de Herne, Tibris praticamente brilhava de orgulho. Algo me disse que ele estava pelo menos parcialmente

responsável pela nova capacidade de raciocínio de Herne. Meu peito se apertou com a ideia de eles se separarem. Esta guerra foi implacável.

“E você lutará ao nosso lado?” Demos perguntou a Herne.

"Sim. Mas primeiro reforçaremos as nossas armadilhas. Este lugar é a nossa casa e muitos gostariam de voltar.”

Uma das pessoas de maior confiança de Herne se aproximou, um homem chamado Frenik.

Seu rosto severo iluminou-se quando ele acenou para nós, mas imediatamente ergueu um pedaço de pergaminho para Herne, que suspirou. "Com licença."

Tibris o observou partir e suas mãos se fecharam ao lado do corpo.

“Você o verá em breve,” eu disse suavemente. Nós vamos ter certeza disso.

"Espero que sim."

Ele disse as palavras como se a probabilidade fosse baixa. Eu fiz uma careta para ele. “Prisca poderá ignorar o fato de que você foi baleado aqui se você disser a ela o quanto deseja estar com Herne.”

Sua expressão se fechou. “Preciso voltar para a tenda do curandeiro.”

“O que foi isso?” Eu murmurei. Não era típico de Tibris fechar daquele jeito.

Demos fez um som evasivo. Virei-me para encontrá-lo estudando meu rosto.

Estranhamente, minhas bochechas esquentaram sob sua atenção.

"O que é?"

“Você gostaria de dar um passeio comigo?”

Já passava do almoço, o que significava que partiríamos amanhã de manhã. Tivemos tempo suficiente para isso.

"Claro."

A floresta parecia ainda mais viva de alguma forma – desde o cheiro de terra que provocava minhas narinas até os menores insetos que avistei rastejando pela vegetação alta. Tive um único vislumbre de Vynthar enquanto ele serpenteava entre duas árvores e então ele desapareceu.

O Drakoryx ia e vinha quando quisesse. Seu jogo favorito era assustar qualquer sentinela que parecesse prestes a adormecer durante seu turno. Mas eu tinha visto os olhares afetuosos que a maioria dos rebeldes lhe deram quando ele se dignou a aparecer, mais do que disposto a ser alimentado e acariciado. Todos nós nos sentimos mais seguros sabendo que ele estava andando por aquela floresta, em busca de qualquer cheiro que pudesse não servir.

Esta não foi minha primeira caminhada sozinha com Demos. Na verdade, tínhamos um caminho que costumávamos seguir. Um percurso que lhe permitiu ficar de olho nas sentinelas e garantir que todos estavam alertas e no lugar correto. Depois do jeito que nós

conseguiu se infiltrar neste acampamento, ele praticamente assumiu os assuntos de segurança – algo que nem mesmo Herne foi teimoso o suficiente para recusar.

“Você ouviu alguma coisa sobre Torinth?” Perguntei.

Pura devastação brilhou no rosto de Demos, quase rápido demais para eu perceber. Eu estava tão ocupada olhando para ele que meu calcanhar vacilou quando pisei em um galho quebrado, e ele pegou meu braço, me firmando instantaneamente.

Ele acariciou a parte de trás do meu pulso com o polegar antes de deixar a mão se afastar. “Estou tentando entrar em contato com alguém que possa saber onde ele está.

Mas... há uma chance de ele não vir, Asinia.”

“Mesmo sabendo que seu poder pode ser a única chance que temos de derrubar Regner?”

Demos estudou um grupo de flores silvestres amarelas que cresciam perto da base de um enorme carvalho. “Eu gostaria de acreditar que ele é o homem de quem me lembro. Mas não *sou* o homem de que me lembro. Demos soltou uma risada amarga.

Era difícil imaginar, dado o que tinha visto de todas as pessoas que amava tão profundamente. Todos eles deixaram de lado seus próprios sonhos e objetivos, seus próprios desejos e necessidades. Todos eles sacrificaram tudo o que podiam. E sacrificaria mais.

“Vamos contar tudo a ele”, eu disse. “Vamos deixá-lo saber que ele é nossa única chance.”

“Mesmo sabendo que farei o que for preciso para fazê-lo trabalhar conosco, não quero que ele se junte a nós por culpa. Quero que ele se junte a nós porque ele tem esperança.”

Foi íntimo ver esse lado do Demos. Ele realmente faria o que fosse necessário para conseguir o que precisávamos. Ele poderia ser lógico ao ponto da crueldade. Mas esse lado dele… imaginei que fosse a pessoa que ele era antes de ser preso. Antes que todos que ele amava fossem condenados à morte.

Estendi a mão para ele. Demos ficou tenso, mas entrelaçou seus dedos aos meus.

Sua mão era tão grande e quente que provavelmente foi um erro me permitir senti-la apertando a minha.

“Conte-me sobre Torinth”, eu disse, afastando o pensamento.

“Nós o chamávamos de Tor”, disse ele, com a voz áspera. “Naquela época, ele era quase como um irmão para mim. Ele morava perto de nós em Crawyth. Na noite em que foi destruído, na noite em que Prisca foi levada e meus pais morreram, a irmã dele também foi morta. Ela era tudo que ele tinha. Seus pais morreram durante a invasão.

Tor nunca foi amargo, no entanto. Ele era o tipo de garoto que ria

suas piores piadas e depois lhe dar o último pedaço de comida. Ele atraiu as pessoas para ele.”

Meus olhos arderam. Quase pude ver os dois meninos correndo soltos quando crianças.

“Crescemos juntos como vizinhos. E depois de Crawyth, fomos criados juntos na mesma casa com outros órfãos híbridos. Quando... quando eu disse a ele quem eu realmente era, ele encolheu os ombros. Demos riu. “Ele disse que meu nome só serviria para uma coisa naquela época: convencer os híbridos a

confiarem em mim por tempo suficiente para tirá-los de Eprotha. E assim fizemos. Até aquela noite, quando fomos traídos. Torinth estava sempre atrasado. Aquela noite não foi diferente e salvou sua vida. Eu o vi enquanto estava sendo arrastado para fora. Ele estava correndo em nossa direção – não sei o que ele pensava que iria fazer, mas ele teria morrido. Nosso amigo Greon gritou para ele correr. E ele fez.

Até hoje, não sei se Tor foi capturado e morto — ou se conseguiu permanecer livre. Tudo que sei é que não ouvi falar dele na masmorra de Regner."

"O que faz você pensar que ele não virá?"

"Eu matei todos que amávamos, Sin. Fui eu quem escolheu aquele local de encontro. E eles estavam lá porque acreditaram em mim."

Não adiantava tentar discutir com ele agora. Ele tinha aquele olhar teimoso nos olhos.

"Eu... eu não consigo entender como você durou tanto tempo naquele lugar", eu disse. "Acho que teria me enrolado e cedido à morte. Até recebi bem.

Ele balançou a cabeça lentamente. "Não, você não teria. Mesmo quando você estava a horas da morte, seu corpo estava lutando contra ela. Mas eu? Implorei para que a morte me reivindicasse todos os dias. E sempre, os deuses das trevas ignoraram meus apelos."

Meu coração galopou no meu peito. A ideia de Demos morrendo sozinho naquele lugar, a ideia de que ele não estaria lá quando eu cheguei...

"Estou feliz que os deuses tenham ignorado você."

Ele soltou uma risada sem humor. "No início, rezei pela morte porque pensei que poderia ver os outros novamente. E então percebi que era improvável que eles quisessem me ver, mesmo na vida após a morte. Então, rezei para ser levado para Hubur, onde pelo menos eu poderia esquecer."

Doeu saber o quão quebrado ele estava. Saber que alguma parte dele ainda estava quebrada. "É claro que eles gostariam de ver você, Demos."

Sua mão soltou a minha e ele a passou pelo cabelo. "Eles…

gritou por mim", disse ele com voz rouca. "Enquanto eles eram arrastados pela minha cela.

Eles confiaram em mim para mantê-los vivos. Muitos deles acreditaram – até os momentos finais – que eu tinha algum tipo de plano em prática. Que eu ia

tirá-los. E tudo que pude fazer foi sentar naquela cela e observar enquanto eles eram levados à morte. Eles eram meus amigos. Minha família.

Minha respiração engatou. Demos havia perdido todos eles. E então ele permaneceu naquela cela por quase um ano inteiro depois que eles morreram. Ele falou pouco comigo quando cheguei. Algumas instruções rosnadas para comer, mas principalmente, ele me ignorou.

Porque por que ele iria querer conhecer outra pessoa que morreria?

Mas então ele conheceu Prisca. E ele descobriu quem ela era. Eu observei, dia após dia, como a raiva nele queimava tão profundamente que me perguntei como ela não havia derretido através do ferro feérico que nos cercava.

Ele me fez falar, mesmo quando eu não queria nada mais do que ceder à dor e à depressão. Ele me incentivou a contar a ele sobre minha mãe, sobre nossa aldeia. Eu contei a ele sobre Prisca...

“Você salvou minha vida”, eu disse.

Ele balançou a cabeça.

“Você fez. Você quer saber por que os deuses o ignoraram quando você implorou pela morte deles? Porque você tinha mais trabalho a fazer. Você já salvou tantas vidas e vai salvar mais. Você vai ajudar Prisca a levar nosso povo para casa.”

Ele me deu um leve sorriso, pegando minha mão mais uma vez. Caminhamos em silêncio por um tempo, até voltarmos em direção ao acampamento.

“Eu sei que você acha que sou superprotetor e dominador”, disse ele, deixando claro que percebeu minha reação à sua declaração de que iria embora com ele. “Eu... eu vou fazer melhor, Sin. Eu prometo.

Eu não sabia o que dizer sobre isso, então levantei sua mão, dando um beijo nas costas dela. Seus olhos escureceram.

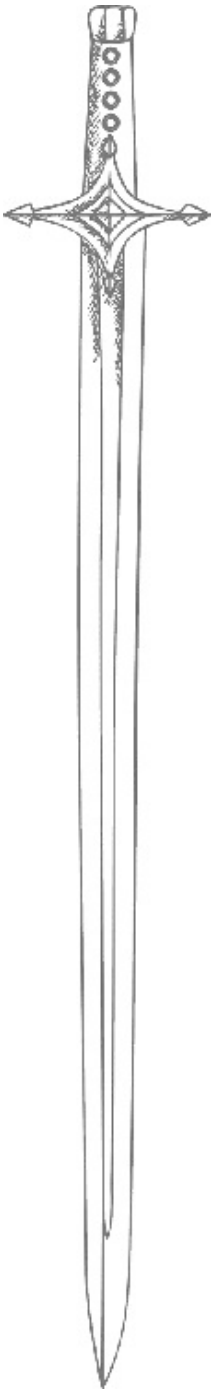
Eu entendi Demos mais do que nunca. Ele foi forçado a ver as pessoas que ele deveria proteger morrerem. Eles lhe ofereceram sua confiança, sua lealdade, sua amizade. E ele se culpava todos os dias pela morte deles.

Agora, se tivéssemos sorte e Tor ainda estivesse vivo — e disposto a nos ajudar —

Demos seria forçado a enfrentar esse passado mais uma vez.

Eu só esperava que isso não o despedaçasse.

A rainha



Você tem certeza disso, Sua Majestade?

“AI puxou o capuz da minha capa sobre minha cabeça enquanto a brisa do mar penetrava sob minhas roupas. A poucos passos de distância, um estivador discutia com um pescador, enquanto várias prostitutas chamavam um grupo de soldados da janela de um bordel. Pelysian conseguiu nos levar de volta a

Lesdryn muito mais rapidamente do que a rota que eu havia tomado originalmente. Mas a maior parte da nossa viagem foi consumida por ele argumentando contra o meu retorno ao castelo.

Pelysian franziu a testa. “Você sabe que não poderei ajudar se algo der errado.”

Eu balancei a cabeça. O gêmeo do espelho do meu quarto - embora protegido para aceitar apenas o sangue de qualquer uma de nossas linhagens - estava longe demais para Pelysian chegar.

O casebre onde sua mãe morava ficava a mais de um dia de viagem, então ele não seria capaz de chegar até o espelho dela e entrar em meus aposentos dessa maneira.

Qualquer tentativa de levá-lo furtivamente para dentro do castelo simplesmente chamaria muita atenção.

“Estarei no castelo por no máximo horas”, eu disse. “A esta altura, os guardas já teriam contado a Sabium sobre o incêndio no mercado. Você disse que encontrou um comerciante que concordou com nossa série alternativa de eventos.”

E ainda assim, meu coração trovejou ao pensar em tudo que poderia dar errado.

Quando embarquei naquele navio com Nelia, nunca imaginei que voltaria ao castelo de Sabium.

Ele suspirou. "Sim. Em troca de uma vida melhor. Mas não preciso dizer que isso é um risco enorme. Se você esperasse alguns dias, eu poderia falar com minha mãe e perguntar o que ela vê.”

Eu balancei minha cabeça. O risco era grande, sim. Mas o grimório… O grimório mudaria tudo .

“Alguns dias serão muito longos. Seriam feitas perguntas sobre meus ferimentos e por que o castelo não foi notificado. Meu entendimento é que remover esse chamado grimório da posse de Sabium poderia ser o golpe necessário para acabar com esta guerra. A menos que você tenha falado errado?

"Não." O silêncio se estendeu entre nós e sua carranca se aprofundou. Ele suspeitava que eu queria o grimório para mim? Nesse caso, ele faria o que fosse necessário para garantir que isso não acontecesse.

Deixei meu olhar cair no chão. “Não é apenas um caso de vingança. É... é para Nélia. Ela deu sua vida por mim. Para nós. Ela gostaria que o derramamento de sangue acabasse. Se soubéssemos que tal grimório existia, nós dois teríamos trabalhado para encontrá-lo há muito tempo.”

Mantive minha voz livre de culpa. Mas quando levantei os olhos, percebi a culpa e a tristeza nos olhos de Pelysian.

Sim. Sinta essa culpa. Talvez se soubéssemos o quão valioso é o Sabium livrinho era que nenhum de nós teria ido àquela mina. Nós teríamos focado nossa atenção em encontrar aquele livro, e Nelia ainda estaria viva.

Deixei Pelysian se afogar em sua culpa por um longo momento, apreciando a forma como seus olhos escureceram.

"Essas são chamadas de consequências, Majestade." Foi isso que ele disse quando Nelia morreu.

Agora, ele poderia sofrer as *consequências* de esconder de mim informações importantes. Esperançosamente, ele aprenderia com uma lição tão difícil.

De acordo com os nossos espiões, Sabium teria convidados para jantar. Convidados importantes. Nossos espiões não conseguiram nos dizer exatamente quem eram esses convidados, mas os criados estavam ocupados organizando um jantar formal. O que me daria tempo.

Mesmo Sabium não cortaria minha garganta entre os pratos. Não em público.

As coisas eram diferentes agora. Eu não precisava mais ser gentil com Sabium para permanecer vivo. Ele tirou minha dignidade, minha liberdade, meu *filho* . E agora, eu pegaria aquele grimório dele e exerceria eu mesmo seu poder sombrio.

Se tudo corresse conforme o planejado, eu não precisaria de ajuda para escapar do castelo. Sabium seria quem gritaria enquanto sangrava sua vida.

"Nesse caso, que os deuses estejam com você." Pelysian assentiu para mim. Seus movimentos eram rígidos. Desde o momento em que Nelia morreu, ele falou apenas quando necessário, mal encontrando meu olhar – a menos que estivesse discutindo sobre minha escolha de retornar ao castelo.

Como se a morte dela fosse minha culpa, quando eu lhe *disse* para ir embora.

Não me preocupei em despedidas, simplesmente me virei e segui em direção ao guarda mais próximo. A partir daí tudo correu como planejado.

O guarda ficou em êxtase por ter encontrado a rainha desaparecida de Sabium.

É claro que meu marido não se preocupou em visitar meus quartos quando voltei ao castelo, mas isso era de se esperar. E foi definitivamente preferido.

Passei vários longos minutos andando por aqueles quartos. Os quartos que eu tinha tanta certeza de que não veria novamente.

Pelysian descreveu o grimório em detalhes. E me lembrei de ter visto naquele dia em que Sabium pegou o espelho. Ele não seria estúpido o suficiente para esconder isso

sua biblioteca particular ou na câmara escondida abaixo de seus quartos – aquela que ele provavelmente pensava que permanecia em segredo. Ele também não o guardaria em seus quartos.

O herdeiro híbrido usou Madinia para destruir o santuário do castelo, e este estava sendo reconstruído. Então não estaria escondido lá.

Não, havia três lugares onde provavelmente estaria. No tesouro real, dentro da cripta real ou na pessoa de Sabium.

Se fosse a última opção…

Não. Ele seria tolo se o mantivesse com ele durante todo o dia, quando alguém pudesse vê-lo e ficar curioso. Se ele realmente se recusasse a deixá-lo fora de sua vista...

Eu teria que aceitar o inevitável. Mas eu tive que tentar. Quase pude sentir o imenso poder e conhecimento do grimório me chamando.

Depois de um longo banho, permiti que uma das criadas me ajudasse a me vestir, notando o toque fresco e sedoso da seda, a sensação macia do veludo. Apenas um dia com as roupas dos pobres e de repente tive uma nova apreciação pelas minhas próprias roupas. Eu acenei para ela, com o estômago embrulhado enquanto considerava meu primeiro movimento.

A cripta seria a mais fácil de visitar. Então comecei por aí.

Ao contrário do cemitério com que Sabium me ameaçava continuamente, a cripta real era muito visitada por aqueles que lamentavam os reis que vieram antes dele. Não pela primeira vez, me perguntei qual substituto infeliz teria sido morto e disfarçado como cada um dos ancestrais de Sabium ao longo dos séculos.

Escondida num bosque isolado nos arredores dos jardins reais, a cripta era um local de reverência. A entrada era marcada por um arco coberto de hera, esculpido em pedra mais antiga que o próprio castelo. Desgastado pelo tempo, o arco apresentava entalhes intrincados da linhagem real. Será que Sabium achava essas coisas divertidas? Conhecendo-o tão bem quanto eu, achei provável que ele sorrisse cada vez que visitasse aquele lugar, apreciando suas mentiras.

O ar estava mais fresco dentro da cripta, o teto abobadado era uma tapeçaria de pedra. Abaixo daquele teto, havia lajes cobertas de pedra enfileiradas, adornadas com efígies de reis esculpidas com tanta precisão que parecia que eles poderiam

sentar e respirar a qualquer momento. Orbes leves brilhavam sobre o ouro e as pedras preciosas incrustadas na pedra.

Aproximei-me dos “locais de descanso”, meu olhar demorando-se em Regner, Crotopos, Aybrias, Hiarnus e, finalmente, no local reservado para Sabium.

Meu pulso acelerou enquanto eu passava as mãos sobre a pedra, procurando por algum tipo de esconderijo, uma fechadura para ser aberta ou uma proteção que escondesse o grimório.

Nada.

Continuei a procurar, até ficar coberto por uma fina camada de sujeira e poeira que rastejava pelo chão de pedra, sem querer correr o risco de perder a menor pista. A frustração percorreu minha espinha. Talvez procurar primeiro na cripta tenha sido um erro. Meus espiões teriam me reportado se Sabium fosse visto visitando-o com frequência.

Tirando a poeira da melhor maneira que pude, saí da cripta. Quando cheguei, era cedo o suficiente para que poucas pessoas estivessem nos jardins. Agora, eu era continuamente saudado, olhares curiosos encontravam os meus enquanto os cortesãos perguntavam sobre minha saúde, esperando pelo menor sinal de fofoca.

Repeti minha história várias vezes, esperando ter removido a maior parte da poeira e das teias de aranha do meu vestido. Minha história permaneceu consistente, nunca se desviando dos mesmos detalhes. Quando passei pelo quarto grupo para me cumprimentar, eu estava rangendo os dentes.

O grimório tinha que estar no tesouro. Se não fosse…

Não. Fazia sentido que Sabium o mantivesse ali. Afinal, só recentemente tomei conhecimento da sua existência. Eu o teria notado carregando um livro consigo para todos os lugares durante os anos extremamente longos desse casamento falso.

Ao contrário da cripta, o tesouro era guardado. Os guardas estavam encostados nas paredes de pedra, endireitando-se quando me aproximei.

“Vossa Majestade.”

Acenei para eles e o guarda à direita pegou uma chave, destrancando a pesada porta dourada. Ele hesitou, olhando para mim por cima do ombro. “Posso ajudá-lo a encontrar algo, Majestade?”

"Não." Forcei um sorriso. “Desejo apenas selecionar um rubi adequado para substituir aquele que se soltou da minha pulseira.”

Era uma desculpa esfarrapada, mas ele assentiu, seu olhar demorando-se no pesado colar de ouro que eu usava. "Claro."

Varrendo a vasta sala, esperei até que a porta se fechasse atrás de mim. Texturas e cores me envolveram, pressionando meus sentidos. O tesouro não tinha janelas e o ar era pesado, bolorento, tingido pelo leve aroma de ouro velho e pergaminhos antigos, misturado com a fragrância sutil da madeira de cedro que revestia as paredes.

Ignorei os baús repletos de joias, as armaduras antigas de batalhas há muito vencidas e perdidas e as barras de ouro empilhadas mais altas que meu corpo e espalhadas por um espaço maior que o salão de baile de Sabium.

Em vez disso, fui direto para as prateleiras de livros e pergaminhos antigos.

Esses eram os livros que não seriam encontrados em nenhuma biblioteca. Os livros que continham histórias deste mundo que os estudiosos matariam uns aos outros para colocar as mãos.

Procurei em cada estante de livros, espiando por trás das pilhas de pergaminhos e passando as mãos pela madeira de cada prateleira, procurando por algum esconderijo escondido.

Meu peito ficou tenso, minha mandíbula doía por causa dos dentes cerrados e comecei minha terceira busca nos livros.

A porta se abriu e eu me virei.

“Tímedes.”

Ele me deu um sorriso lento. “E o que você está fazendo aqui, Sua Majestade?”

Dedos gelados deslizaram pela minha garganta. Queríamos um ao outro morto. Isso nunca esteve em questão. E pela malícia em seus olhos, ele esperava poder fazer minha morte acontecer.

Eu me forcei a fungar com desdém. “Por que eu não deveria visitar o tesouro? Afinal, sou rainha.

Seu sorriso se alargou. “Sua Majestade estará procurando por você”, disse ele, e um fio de suor deslizou pela minha espinha. “Haverá convidados para jantar.”

"Multar." Eu terminei aqui de qualquer maneira. Com uma última olhada no tesouro, caminhei pelo corredor, ignorando os passos de Tymedes atrás de mim.

Talvez Nelia soubesse alguma coisa sobre este jantar.

Eu congelei.

“Algo errado, Majestade?” O tom de Tymedes foi ainda mais provocador do que o normal.

Ignorando-o, continuei andando. Nelia não saberia de nada. Seu rosto passou pela minha memória, olhos vazios, olhando para mim de forma acusadora. Rangendo os dentes, afastei a imagem. Eu disse a ela para fugir.

Encontrei Lisveth esperando do lado de fora dos meus quartos, e sua boca se abriu enquanto seu olhar se fixava em meu rosto como uma criança agarrada às saias de sua mãe.

“Vossa Majestade! Estávamos tão preocupados.”

Havia algo estranhamente reconfortante em seu rosto – ainda aparentemente incapaz de esconder seus pensamentos. Acenei para ela entrar em meus quartos e ela tocou a campainha que chamaria os outros.

Eu permiti. Afinal, esta pode ser a última vez que os vi.

Se eu lhes dissesse para correrem, eles me questionariam. E se soubessem que eu estava partindo, os buscadores da verdade de Sabium saberiam tal informação no momento em que eu

esquerda. Não, a ignorância deles os manteria seguros.

Mais seguro que Nélia.

E ainda assim…

“Me machuquei no mercado. Meus guardas me deixaram para apagar o fogo.

Felizmente, um dos comerciantes ajudou, mas fiquei inconsciente até que ele encontrasse um bom curandeiro.”

Contei a história, acenando para uma empregada, que se virou para encontrar um vestido limpo para mim. Quando ela voltou com duas opções, gesticulei para a que estava em sua mão esquerda. Um vermelho profundo e implacável.

Minhas damas retornaram enquanto a criada estava amarrando as costas do vestido.

Lisveth repetiu alegremente minha história, e eu ignorei a ruga na testa de Pelopia, as perguntas nos olhos de Caraceli.

“Acredito que o rei sentiu sua falta, Vossa Majestade,” Alcandre disse enquanto

a empregada arrumava meu cabelo. “Todas as noites, ele passa várias horas lendo e escrevendo em seu diário. Tenho certeza de que ele rabisca seu amor por você.

Meus olhos encontraram os dela.

Algo deixou Alcandre encorajado. Embora Lisveth tenha permitido que o terror deste lugar drenasse a vida de seu rosto e a gordura de seu corpo, Alcandre parecia ter usado isso para se endurecer. Ela foi mais ousada.

Mais feroz. Pela primeira vez, me perguntei como ela poderia ter sido como uma verdadeira aliada.

Todos nesta sala sabiam que Sabium não sentia nenhum amor por mim. Eu a observei, vestida com um vestido novo e uma pulseira de joias pendurada no pulso. Uma pulseira *nova* .

Quase sorri. Alcandre estava transando com meu marido. E ela estava me provocando com isso.

Mas ela involuntariamente me ajudou.

Permiti que um toque de cor subisse às minhas bochechas, mesmo enquanto desviava o olhar com desdém e depois voltava para ela, como se não pudesse evitar.

“Ele escreve sobre mim?” Eu perguntei timidamente.

“Eu presumo que sim, Vossa Majestade. É realmente adorável. O único lugar onde ele está sem isso é no banheiro!

Lisveth suspirou. “Isso é tão romântico.”

Ninguém mais falou. Pelopia olhou para Alcandre como se nunca a tivesse visto antes. Todos, exceto a idiota Lisveth, sabiam o que Alcandre estava fazendo ao demonstrar um conhecimento tão íntimo dos hábitos noturnos de Sabium.

Eu dei a ela um aceno de cabeça, permitindo que ela visse que seu ponto de vista havia sido apresentado. Vitória e fúria guerreavam em seus olhos.

A nova atitude de Alcandre provou que eu não estava prestando atenção suficiente às minhas damas. Ela viu uma oportunidade de agarrar algum poder e aproveitou-a – eu não poderia culpá-la por isso. Na verdade, uma parte de mim estava orgulhosa.

Mas embora ela pensasse que estava me humilhando ao subir na cama de Sabium, a realidade era bem diferente.

Eu precisaria esperar até que Sabium estivesse tomando banho. Essa seria minha única oportunidade de pegar o grimório.

O sorriso de Lisveth havia desaparecido. Estava claro que ela agora sabia exatamente como Alcandre estava me provocando. Seu rosto corou e ela olhou para o chão.

Revirei os olhos. “Preciso jantar com meu marido.” Alcandre ficou tenso com isso, e eu era pequeno o suficiente para aproveitar isso. “É um jantar privado,” ronronei.

"Então, verei todos vocês amanhã."

Cheguei à sala de jantar exatamente na hora certa, mas fui o último a entrar. Dois homens estavam sentados em frente a Sabium. Ambos tentaram se vestir como membros da realeza, mas a capa do primeiro homem, embora fosse de um tom vibrante de carmesim, era feita de um tecido que não tinha a profundidade e o brilho do veludo verdadeiro, e pendia um pouco frouxo sobre seus ombros.

Seu gibão, embora bordado de maneira complexa, apresentava padrões um pouco extravagantes, com fios dourados excessivamente brilhantes. Sua tiara, embora dourada, era grossa demais para lhe servir e assentava desajeitadamente em sua cabeça.

O manto de seda esmeralda do segundo homem era muito brilhante, sugerindo uma seda de má qualidade. O bordado prateado era exagerado e seu colete estava abotoado de maneira irregular, dando-lhe uma aparência desgrenhada. A adaga cerimonial em seu cinto era excessivamente ornamentada, quase teatral.

Idiotas.

Lentamente, caminhei até a cadeira vazia enquanto um criado a puxava para mim.

“Minha rainha, Kaliera.” Os olhos de Sabium encontraram os meus. Examinei seu rosto, mas não vi nada além do mesmo desinteresse divertido que eu via há anos. “E este é Zathrian.” Ele acenou com a mão em direção ao homem de capa vermelha sentado à sua frente.

Eu conhecia esse nome. Como eu sabia esse nome?

“O verdadeiro governante do reino híbrido”, continuou Sabium, e eu fiquei imóvel.

A semelhança de Zathrian com Prisca era evidente em sua boca e queixo.

Mas seus olhos estavam frios.

Passei a maior parte da minha vida antecipando as decisões de Sabium. E, no entanto, eu não poderia ter previsto isso.

Ele odiava as fadas. Mas ele *detestava* os híbridos. Ele ainda falava sobre sua outrora espetacular capital e sobre a rainha vadia que passou seus últimos momentos garantindo que ela seria amaldiçoada para sempre.

No fundo, sua aversão escondia o medo. O que o tornava ainda mais perigoso.

Sentei-me. Zathrian ergueu sua xícara em minha direção. "Majestade."

Seu comportamento casual me irritou e mantive minha expressão vazia enquanto acenava para ele, voltando minha atenção para o homem ao seu lado, vestido com seda de baixa qualidade.

Ele era um homem atraente e bem vestido, com olhos tão mortos que era como se eu estivesse olhando para um cadáver.

— E este — disse Sabium, baixando a voz perigosamente — é Eadric. O homem responsável pela morte da minha aranha e pela fuga do herdeiro híbrido."

A boca de Zathrian se torceu e depois se endireitou. Foi um movimento tão rápido que quase o perdi. Ele não gostava que Prisca fosse chamada de herdeira híbrida. O sorriso frio de Sabium me disse que ele também havia percebido.

"Desculpas foram dadas e aceitas", disse Zathrian, com expressão neutra.

Sabium acenou com a cabeça para Eadric. "Eu ainda quero que ele seja punido."

A diversão brilhou nos olhos de Eadric e ele tomou um gole de vinho.

Por que ele não parecia ter medo de Sabium?

"Ele já foi punido", disse Zathrian. "Preciso lembrá-lo que você não sabia que Eadric era meu? Tive a gentileza de compartilhar essa informação com você."

Meu coração parou. Sabium orgulhava-se de sua capacidade de levar seu próprio povo a tribunais estrangeiros e de fazer com que os mais leais desses tribunais ficassem ao seu lado. Mas Zathrian fez o contrário com ele, colocando Eadric entre seu povo.

Em breve, os dois homens estariam muito, muito mortos. Mas é claro que Sabium poderia ver algum benefício em trabalhar com o primo de Prisca no curto prazo.

Até eu tive que admitir que era um bom plano.

“E ainda assim, há algo muito mais importante para discutir”, disse Sabium. “Seu fracasso em matar o Príncipe Sanguinário.”

“ *Nosso* fracasso,” Zathrian disse suavemente, embora a fúria queimasse em seus olhos.

“Você me disse que seu espelhinho funcionaria.”

“Funcionou. Você deveria evitar que aquela cadela parasse o tempo e salvasse seu amante. Em vez disso, a barreira caiu, o poder regressou ao povo e o meu filho está atualmente cativo, sem esperança de libertação.”

Minha respiração quase ficou presa na garganta. Meu sangue gelou, meu rosto ficou dormente. Mas me forcei a manter minha expressão neutra.

Zathrian inclinou a cabeça, me observando de perto, e levantei uma sobrancelha, me forçando a dar uma mordida.

“Eu o quero de volta”, eu disse. Deixe-os pensar que eu não passava de uma mãe preocupada.

Os olhos de Eadric encontraram os meus. Ele me viu tremer. Eu queria mostrar meus dentes para ele. Em vez disso, lancei-lhe um olhar suave e voltei minha atenção para Sabium.

“Acho que ambos sabemos que seu filho não é prisioneiro, Majestade”, disse Zathrian.

O rosto de Sabium empalideceu lentamente de raiva. Eu não me mexi. Eu mal respirei.

“Independentemente disso”, Sabium respondeu. “Eu gostaria de saber exatamente como eles ainda estão vivos.”

Zathrian piscou para Sabium. “Porque meu querido primo quebrou as regras.

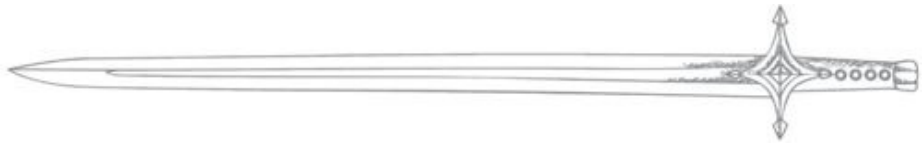
Ela não apenas parou o tempo. Ela virou para trás. E ela usou poder suficiente para me impedir de impedi-la.” A expressão zombeteira desapareceu de seu rosto e suas palavras foram revestidas de amargura. “Ela não deveria ter sobrevivido. Essa magia é proibida por uma razão.”

Os olhos de Eadric escureceram, sua mão apertou o garfo. Minhas próprias mãos começaram a suar. Essa quantidade de poder...aprimorada até ficar afiada como uma lâmina...

Não admira que Sabium estivesse furioso. A população se uniria em torno desse tipo de poder.

Sabium recostou-se na cadeira. “Um dos meus espiões a viu em um dos navios de Rostamir. Ela sobreviveu. Ela poderia usar esse tipo de poder novamente?”

Zathrian imediatamente balançou a cabeça. “É um desafio aos deuses ela tê-lo usado pelo menos uma vez. Eles estarão prestando atenção nela agora. Provavelmente, foi necessário um pedaço de sua alma para conseguir isso pela primeira vez.” Zathrian ergueu um pedaço de pergaminho e ergueu uma sobrancelha. Não muito tempo atrás, Prisca me lançou aquele olhar frio e desdenhoso. A semelhança era assustadora. “Agora, vamos conversar sobre isso.”



Sabium examinou-o com olhos frios. “Meus exércitos estão cuidando disso. Não há ameaça.”

Zathrian coçou o queixo. “Se você não entende como os estrondos da rebelião podem desestabilizar um reino em guerra – e destruir o moral de um exército

– então temos um problema.”

A sala ficou em silêncio.

“Meus soldados deixaram clara minha posição. Qualquer um que abandone as fileiras terá suas famílias mortas logo em seguida.” Sabium não olhou para mim desde que nos sentamos, mas agora ele olhou para mim. “E o que você acha, minha rainha?”

Meu coração bateu na minha garganta. Levantei minha mão para cobrir o ponto pulsante em meu pescoço, fingindo brincar com meu cabelo. “Acho que nossos exércitos podem lidar facilmente com tais rumores.”

Sabium mostrou os dentes numa expressão que nunca poderia ser chamada de sorriso. “Precisamente.”

Ele estava me dando toda a atenção agora. E o mesmo terror que senti ao lado de Pelysian voltou à tona.

Ele sabia que eu tinha desaparecido do mercado. Ele não se incomodou em perguntar onde eu estava. Era pouco provável que alguém na mina tivesse reconhecido Nelia, mas ele poderia saber que ela não tinha regressado às suas funções aqui.

Eu tive que encontrar o grimório e partir esta noite. E se eu não conseguisse

encontrá-lo, ainda precisaria fugir para salvar minha vida.

Eu nunca deveria ter voltado aqui.

LORIANO

A parte de trás do meu pescoço coçou e olhei ao redor, sentindo como se alguém estivesse me observando novamente. Meus sentidos feéricos rugiam para mim, mas cada vez que isso acontecia, eu era forçado a admitir que não havia ninguém ali.

Ocasionalmente, ouvia o silvo de uma voz baixa e provocadora. Outras vezes, a voz era familiar.

Prisca me observou atentamente enquanto voltávamos para a cabine maior que Daharak havia disponibilizado para reuniões. Tínhamos dado um breve passeio no convés e minha gata selvagem tinha um rubor agradável nas bochechas.

Um rubor que me deu todo tipo de ideias.

Mas no momento em que a porta se fechou, Prisca me encarou de frente.

“O que foi, Lorian?”

"O que você quer dizer?"

“Você tem agido um pouco estranho nos últimos dias. Como se você estivesse nervoso.”

Por mais que meus instintos me incentivassem a protegê-la de qualquer estresse adicional, qualquer preocupação potencial, ela merecia coisa melhor do que isso.
“Você consegue… sentir alguém ou algo observando você?”

Ela olhou ao redor, com os olhos arregalados.

E assim, a sensação de estar sendo observado desapareceu.

“Não neste momento”, eu disse. “Apenas… em geral. Desde a barreira.

Entramos na cabine. Passei meu olhar ao redor. Ninguém escondido atrás da mesa no canto. Ninguém se escondendo embaixo da mesinha no meio da sala.

E ainda assim o desconforto ainda apertava meus músculos.

“Não”, disse Prisca. Virei-me para encontrá-la mastigando o lábio inferior e imediatamente me arrependi de ter falado. “Você acha que é um dos deuses? Observando você?

Uma parte de mim se perguntou se era exatamente isso. Um dos deuses estava muito interessado em mim agora que eu havia enganado a morte. Nesse caso, esperava ter mantido a atenção deles. Qualquer coisa para evitar que se concentrem na Prisca.

“Você está pronto para esta reunião, gato selvagem?”

Ela estreitou os olhos, mas permitiu a mudança de assunto. "Sim."

Enquanto Demos tomava tantas decisões quanto possível em relação aos nossos soldados, ele ainda estava no acampamento rebelde, o que significava atrasos enquanto os pombos viajavam de um lado para o outro.

Como Demos não era do tipo que acumulava poder ou informação, ele garantiu que vários híbridos classificados fossem capazes de assumir parte da tomada de decisões.

E enquanto Prisca se recuperava, consegui que um deles viajasse até nós.

Prisca abriu a boca, mas ouviu uma batida na porta. Inclinando-me, abri-a, recuando para que os dois homens pudessem entrar. Lá fora, Marth me deu um aceno de cabeça.

Prisca se encontrou brevemente com Blynth no acampamento híbrido – uma rápida apresentação quando ele chegou, na época em que ela se preparava secretamente para viajar para Lyrinore. Mas não reconheci o homem mais baixo ao seu lado.

O general híbrido parecia ser feito de uma severidade inflexível, sua presença chamando a atenção em qualquer sala em que entrasse. Seu rosto estava marcado por linhas profundas, seus olhos eram de um cinza penetrante que parecia quase impaciente com as formalidades de posição.

Eu poderia me identificar com essa impaciência.

Seu cabelo estava salpicado de prata, bem penteado para trás, enquanto ele estava ereto como uma vareta, com as mãos cruzadas atrás das costas. Sua boca estava numa linha firme. Sua linguagem corporal projetava força e confiabilidade.

Exatamente o que precisávamos.

“Vossa Majestade.” Ele inclinou a cabeça para nós dois.

Prisca acenou de volta para ele. Pela primeira vez, ela não pediu que ele a chamasse de Prisca. Para seus generais, ela precisava ser Nelayra, rainha dos híbridos.

“Obrigado por viajar para nos conhecer.”

“Um prazer. Lamento saber que você não estava bem. Ele disse as palavras como se fossem mecânicas, seu olhar vagando sobre ela como se determinasse se ela agora estava saudável o suficiente para ir para a guerra.

Ela manteve o olhar fixo no rosto dele. "Obrigado."

“Este é Jorvik, meu assessor.”

Seu assessor... “O que aconteceu com Thorge?” Perguntei.

A tristeza brilhou no rosto de Blynth quando ele olhou para mim, quase rápido demais para ver, enquanto sua expressão voltava àquelas linhas inflexíveis. Mas o sulco entre seus olhos era mais profundo agora.

“Ele foi morto em uma batalha com os guardas de ferro de Regner quase assim que deixamos as terras feéricas.”

“Sinto muito”, disse Prisca.

Ele assentiu, claramente desconfortável com o assunto. Ao lado dele, Jorvik baixou a cabeça, um forte contraste com o imponente general. Jorvik tinha um rosto jovem, seu cabelo castanho vibrante caindo sobre olhos brilhantes e penetrantes e um sorriso encantador.

Eu não gostei dele. De forma alguma. E pude sentir o desconforto de Prisca. Dei um passo mais perto dela e Blynth olhou entre nós. “Há algum problema, seu

Majestade?" Ele se dirigiu a ela.

Arrepios surgiram em seus braços. Abri a boca, mas os olhos de Prisca ficaram atentos.

“Sim”, disse ela, “há um problema”. Ela se aproximou de Jorvik e eu mal consegui evitar arrastá-la de volta para mim. "Quem é você?"

Blynth franziu a testa, voltando sua atenção para Jorvik.

Lentamente, Jorvik ergueu os braços. “Isso foi rápido, Sua Majestade. Seu primo fez parecer que você era um tanto... desafiado quando se tratava de inteligência.

Prisca sorriu para ele. Seu rosto perdeu um pouco da cor e de repente ele parecia muito mais jovem do que realmente era.

Eu ataquei, passando a mão pela garganta de Jorvik... assim que a ponta da adaga de Blynth encontrou o ponto de pulsação de Jorvik. “Diga-me que esta

traição não é a razão pela qual Thorge está morto”, ele exigiu.

“Eu não posso fazer isso.”

Prisca se aproximou de mim. Um leve tremor começou a tomar conta de seu corpo. Não foi terror.

Zathrian tinha vinte mil híbridos prontos para marchar sobre nós. E agora isso?

“O que ele quer?”

“Para eu lhe dar uma mensagem.” Jorvik engoliu em seco e uma gota de sangue apareceu na ponta da adaga de Blynth.

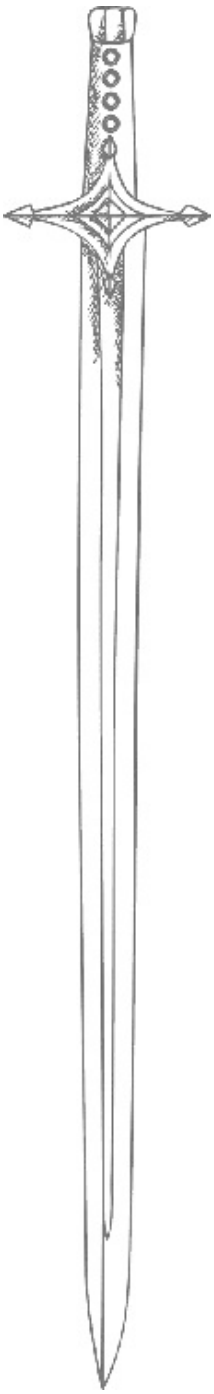
“Fale”, eu disse, e ele começou a tremer. Como se acabasse de lhe ocorrer exatamente o perigo que corria. Ele presumiu que Prisca estava fraca, meio morta e não representava nenhuma ameaça verdadeira.

Ele respirou fundo e estremeceu e olhou Prisca nos olhos.

“Diga aos anciões que você cede a coroa a Zathrian... ou morre.”

6

Prisca



como isso aconteceu?” — perguntei a Blynth, com a garganta apertada.

“H Marth arrastou Jorvik embora, escondendo-o fora da minha vista enquanto discutíamos nosso próximo passo. Zathrian provou mais uma vez que poderia facilmente se aproximar de mim sempre que quisesse.

Relâmpagos brilharam nos olhos de Lorian, e até Blynth pareceu desconcertado com as faíscas que subiam de sua pele.

“É um jogo de poder, destinado a assustar você”, disse Blynth. “Mas isso nos diz uma coisa. Seu primo não acredita realmente que possa tomar a coroa à força.

E claramente, os anciões híbridos não estão mais encantados com a ideia de seu governo.”

Eles podem não estar encantados com meu primo, mas se algum dia soubessem que eu havia voltado no tempo, qualquer apoio que pudessem ter nos dado teria desaparecido. Olhei para Lorian e ele encontrou meus olhos com firmeza. Não, não contaríamos a eles.

E nem qualquer um do nosso povo.

Mas qual dos mais velhos mudou de lado? A última vez que ouvi, eu só tinha Ysara e Tymriel.

Estávamos todos sentados em volta da pequena mesa, com taças de vinho nas mãos.

A traição de Jorvik resultou em uma coisa: toda formalidade desapareceu entre nós.

A expressão de Lorian era dura. “Se ele a tivesse pegado sozinho, ele poderia tê-la assassinado.”

“Você tem minhas sinceras desculpas. Isso nunca deveria ter acontecido. Se me permite...Nelayra. Blynth cruzou as mãos sobre a mesa. Eu o convenci a abandonar o endereço formal enquanto estávamos em particular, mas eu não estava mais lutando contra meu nome de nascimento. Nelayra era a herdeira híbrida. Foi por Nelayra que os híbridos iriam para a guerra. “Isso é uma provocação”, disse ele. “Seu primo não acha que você entregará a coroa, não importa o que ele faça. Mas ele fez isso para mostrar que pode chegar perto. Para te desequilibrar. Para fazer você se sentir inseguro.

Zathrian conseguiu todas essas coisas.

Blynth estudou meu rosto e me perguntei o que ele poderia ver.

Debaixo da mesa, Lorian pegou minha mão e apertou. “Quanto Jorvik sabe sobre nossos planos?”

Blynth considerou isso cuidadosamente, assim como parecia considerar tudo cuidadosamente. “Ele só recebeu o cargo de meu assessor porque já estávamos em movimento e Thorge estava morto. Ele tem a classificação apropriada, mas

antes disso, ele não tinha acesso a nenhum plano de guerra ou conhecimento de nossas tropas.”

“Vou entregá-lo a Marth”, disse Lorian. “Ele poderá saber exatamente o que Jorvik compartilhou. Enquanto isso, vamos discutir o que acontecerá a seguir.”

Foi a minha vez de apertar sua mão num agradecimento silencioso. Eu não tinha percebido o quão abalado estava até este exato momento. Mas Lorian sabia. E ele estava me dando um momento para me recuperar.

Blynth não discutiu, simplesmente enfiou a mão em uma das grandes sacolas com as quais viajava e tirou um mapa, que estendeu sobre a mesa entre nós.

“Os navios de Regner estavam tão ao sul quanto podiam ancorar enquanto ainda permaneciam nas águas de Eprothan”, disse ele, apontando para a área. “Eles agora desapareceram.”

"Desaparecido?"

Ele assentiu. “Regner deve ter ordenado que eles fossem para o norte. Eu simplesmente não consigo entender o porquê. Enquanto isso, seus regimentos estão posicionados por toda Eprotha, aproximando-se da fronteira de Gromal.”

“Agora que Eryndan está morto, ele vai tentar tomar Gromalia”, disse Lorian. “Então ele seguirá seu caminho até as terras feéricas, que estão fraturadas...

com apenas alguns dos guardas cooperando conosco. Ele empunhará o último amuleto, derrubando nossas proteções com poder roubado e força bruta.”

“Com o exército de Rekja lutando em suas próprias fronteiras e em seus mares, eles não poderão dispensar ninguém para lutar conosco”, eu disse. “Regner nem precisa realmente conquistar Gromalia – ele só precisa garantir que o reino esteja incapacitado, que os exércitos Gromalianos estejam ocupados protegendo seu próprio povo.

E então seremos forçados a lutar nas terras feéricas. Sozinho." Uma raiva gelada tomou conta de mim. Quantas pessoas morreriam antes que ele terminasse?

“Enquanto isso, Zathrian tentará tomar o reino híbrido. Ele tomou o seu exército e irá usá-lo para atacar qualquer um que o impeça de se tornar rei. Incluindo você e qualquer híbrido que se alie a você”, disse Lorian severamente. “Assim que Regner sentir que conquistou Gromalia adequadamente e enfraqueceu as fadas, ele terá como alvo nosso povo, voltando-se contra Zathrian.”

Um silêncio pesado tomou conta da sala. Por mais que todos nós quiséssemos que Zathrian pagasse, seriam os híbridos que lutavam sob sua bandeira que sofreriam.

“Um dos anciões híbridos concordou em entrar em contato com Orivan. Um dos generais de Zathrian”, eu disse.

As sobrancelhas de Blynth se ergueram. “Eu conheço Oriván. Ele é um bom homem – e um leal. Antes disso, eu nunca teria imaginado que ele seguiria seu primo. Tentarei enviar-lhe uma mensagem também. Espero que ele possa ser persuadido a ouvir.”

Eu tentaria roubar o exército de Zathrian — *meu* exército — sob seu comando?

Sem hesitação.

“Obrigado, Blynth.”

“Precisamos de demonstrações”, disse Blynth. “Não quero dizer que você não seja necessário, Sua Majestade,” ele disse rapidamente. "Mas-"

Eu balancei minha cabeça. "Eu entendo. Demos tem um profundo conhecimento de nosso povo, de nosso exército e das táticas com maior probabilidade de funcionar. E enviar mensagens para ele está simplesmente demorando muito.”

Se Demos, Tibris e Asinia não tivessem conseguido convencer os rebeldes a se juntarem a nós até agora – depois do ataque que sofreram – provavelmente não conseguiriam. E estávamos ficando sem tempo. A realidade era que eles não poderiam ficar com os rebeldes indefinidamente. Minha mente ficou quieta e a agitação em meu estômago diminuiu. A ideia de ter todos eles de volta comigo, mesmo que por pouco tempo... “Vou pedir a Demos para nos encontrar depois de nossa visita a Sorlithia.”

Blynth assentiu. "Obrigado."

A ausência da frota de Regner fez o calor ferver em minhas veias.

Onde ele estava? O que ele estava planejando?

Também não tivemos notícias de Kaliera. Regner soube de sua traição? Ela estava morta? Na verdade, eu duvidava que houvesse muita coisa que ela pudesse nos contar agora. Neste ponto, ela só se tornaria uma ameaça. Ainda assim, eu não queria ter que contar a Jamic que sua mãe estava morta antes que ele pudesse vê-la novamente.

“Precisamos dos exércitos de Rekja”, eu disse.

Lorian apertou minha mão. “Tenho boas notícias, pelo menos. Conreth me deu acesso total aos seus generais.

"O que?" Lorian disse que eles conversaram, mas seus olhos estavam tão frios que eu não perguntei a ele sobre o conteúdo daquela conversa.

Agora, ele assentiu, sua expressão sombria. “Quando nos encontrarmos com os

outros depois de convencer Rekja a ajudar, tanto generais feéricos quanto generais híbridos estarão presentes.”

Blynth acenou com a cabeça ao comando tácito. “Vou garantir que todos que precisamos estejam lá.” Ele hesitou. “E os híbridos nas terras feéricas?”

Um pouco da tensão desapareceu na minha nuca com a lembrança de por quem estávamos lutando. “No momento certo, quando tivermos lidado com qualquer um dos soldados de Regner escondidos na passagem e quando nossos exércitos estiverem em posição, os híbridos irão para casa.”

Os olhos de Blynth encontraram os meus. “Alguns deles não irão. Eles não vão confiar nisso.

Eles terão muitas lembranças da última vez.”

E ele era um deles. Eu poderia dizer pela forma como seu queixo tremeu. “Não vou forçar ninguém a ir”, eu disse gentilmente. “Mas esta é a melhor maneira de mantê-los seguros. A passagem está livre de neve. Ao contrário da última vez, quando o nosso povo foi forçado a fugir, eles estarão devidamente vestidos, carregando consigo alimentos e outros suprimentos. E eles serão guardados.”

Meu peito doeu com a expressão em seu rosto. Era algo que eu tinha visto repetidas vezes nos híbridos. O mais ínfimo vislumbre de esperança, implacavelmente reprimido.

“Se você acredita que isso pode ser feito…”

"Pode. Eu vou me certificar disso.”

“Eu não queria servir você”, disse Blynth de repente. Ao meu lado, Lorian ficou tenso e foi minha vez de apertar sua mão. “Quando soube que você estava vivo”, continuou o general. “Eu me perguntei o que você poderia ter a oferecer: uma garota de um vilarejo que nada sabia sobre nossa história.”

Eu não fiquei surpreso. Eu também não gostaria de receber ordens minhas.

E ainda assim, suas palavras me deixaram cansada.

Mas ele ainda estava falando. “Se você conseguir isso... se você realmente puder trazer nosso povo para casa... ficarei feliz em me ajoelhar diante de você pelo resto da minha vida.”

Tentei sorrir, mas provavelmente foi mais uma careta. “Precisamos começar a tirar nosso povo das terras feéricas e entrar em Gromalia.”

Blynth estudou o mapa. “Você espera que Rekja se junte a você e seu exército se

torne nosso.”

“Espero que marchemos juntos, sim.”

“E os amuletos?”

Lorian recostou-se na cadeira. “Temos dois deles. Meu irmão tem pessoas procurando o terceiro no norte de Eprotha. Suspeitamos que Regner o escondeu numa das suas minas. Estou esperando notícias de Conreth, mas podemos enviar nosso próprio grupo.

Blynth assentiu. Lentamente, ele se levantou. “Nesse caso, vou me despedir. Espero que possamos conversar novamente em breve, Nelayra.”

Eu sorri para ele. "Sim claro."

No momento em que a porta se fechou atrás dele, Lorian silenciosamente segurou minha bochecha.

“Lamento que ele tenha chegado tão perto. Que eu permiti que ele chegasse tão perto.

“Pare, Lorian. Você não permitiu que Zathrian fizesse nada.”

Meu primo provou repetidamente que tipo de homem ele era...

e até onde ele iria pelo poder.

Mas não importa quais horrores acontecessem, nós os enfrentaríamos juntos.

Minha frequência cardíaca se estabilizou e puxei Lorian para perto.

Como se estivesse lendo minha mente, ele colocou a mão em meu queixo, inclinando minha cabeça para trás até encontrar seus olhos. “Preciso que você me prometa que nunca mais arriscará sua vida assim. Que você nunca quase jogará sua própria vida fora para salvar a minha.”

“Eu não posso fazer isso.”

“Escute-me, gato selvagem. Nossa história não termina quando esta vida termina. Você será meu na próxima vida – e na vida seguinte. Se você não tivesse tido tempo, eu teria esperado o tempo necessário para vê-lo novamente.

Lágrimas rolaram pelo meu rosto. Eu ouvi o que ele estava dizendo. Mas cada vez que fechava os olhos, via o momento em que o poder de Conreth o atingia. E a forma como seu corpo tinha acabado de... se despedaçar. Ele estava lá e depois não estava. Por alguns momentos repugnantes e terríveis, ele me deixou.

E de todos os momentos mais sombrios da minha vida, esses foram os piores.

Ele suspirou com meu silêncio, gentilmente enxugando minhas lágrimas.

"O que vou fazer com você?"

Estendi a mão para ele, guiando sua boca até a minha. “Ame-me,” murmurei contra seus lábios. “Apenas me ame.”

Ele soltou um gemido áspero, mordendo suavemente meu lábio inferior antes de lamber a pequena picada com a língua. Meus joelhos enfraqueceram e ele me puxou para mais perto, aprofundando nosso beijo, sua língua acariciando a minha.

Eu respirei seu cheiro, me deleitando com a sensação de seus braços ao meu redor.

Um momento depois, ele estava me puxando para fora da cabana, ignorando qualquer um que tentasse falar conosco enquanto me arrastava de volta para a nossa.

Ele bateu a porta na cara de Galon e imediatamente a trancou. Deixei escapar uma risada sufocada.

“Loriano!”

“Ele pode voltar mais tarde.”

Ele me puxou para perto, seus dedos rápidos desamarrando facilmente os laços que prendiam meu vestido no lugar, até que ele ficou preso apenas por seu peito grudado no meu.

O vestido caiu no chão e ele levantou a cabeça. Deslizando minhas mãos por seu peito, desabotoei sua camisa, fazendo um desvio para alisar as palmas das mãos sobre os inchaços e saliências de seus abdominais. Deixei uma mão mergulhar provocativamente e Lorian estremeceu, pressionando-se contra mim.

Tirando a camisa, ele me empurrou de volta na cama, sorrindo para mim quando fiquei boquiaberta para ele, surpresa. Eu nem sabia que estávamos nos movendo.

Seu sorriso era largo, desarmante, com aquele toque de vulnerabilidade – um que me lembrou que ele não estava acostumado a fazer uma expressão tão alegre.

Eu iria preencher a vida dele com tanta felicidade e alegria, até poder ver aquele sorriso todos os dias.

Seu sorriso vacilou, mas seus olhos permaneceram cheios de vida.

"O que é?"

Quando conheci Lorian, nunca imaginei que ele pudesse ser assim. Tão aberto e à vontade, apesar de todos os motivos pelos quais ele estava amargo e furioso.

Levantando minha mão, passei meu polegar ao longo de seu lábio inferior. “Gosto de ver você sorrir, só isso.”

Sorrisos sarcásticos, sorrisos maliciosos e os sorrisos frios e ferozes que ele costumava usar antes de machucar alguém. Antigamente, pensei que isso era tudo que Lorian era.

“Você me faz sorrir”, disse ele, acariciando minha palma.

Ele pegou minha mão com a sua, roçando os lábios na pele sensível do meu pulso. Estremeci e ele beijou meu braço, encontrando os pontos que me faziam contorcer. Os lugares que faziam minhas coxas apertarem.

Até meu braço parecia sensual quando Lorian era quem prestava esse tipo de atenção.

Lentamente, metodicamente, ele tirou o que restava de mim, parando para mordiscar meu quadril, acariciar meu peito, beijar um caminho da clavícula até o umbigo. Eu tremi e arqueei e o encorajei, mas não havia como apressar Lorian quando ele estava com esse humor.

Minha cabeça girou e percebi que ele nos rolou. Eu sorri, me inclinando para beijar *seu* peito, descendo, descendo...

"O que-"

“Aqui”, disse ele, levantando-me como se eu não pesasse nada. “Eu fantasiei sobre isso.”

Pisquei para ele. Ele me posicionou acima de seus ombros, com um joelho de cada lado de sua cabeça.

“Monte meu rosto, gato selvagem.”

Minhas bochechas estavam tão quentes que era como se tivessem pegado fogo.

Lorian riu. Por alguma razão, ele ainda achava divertido e atraente quando conseguia me envergonhar. Eu não era uma puritana, mas comparada à sua sensualidade faé de longa duração, eu ainda estava me atualizando.

Eu me mexi e ele colocou as mãos em volta das minhas coxas. "Deixe-me fazer você se sentir bem."

"Assim?" Mordi meu lábio enquanto olhava para ele. Eu não tinha vergonha do meu corpo. Na verdade, eu estava me sentindo particularmente orgulhoso disso recentemente, depois de todo o treinamento que venho fazendo. Mas… ninguém parecia bem neste ângulo.

Lorian levantou a cabeça e beliscou minha coxa. “Seja imundo comigo.”

"Eu acabei de-"

Ele suspirou. “Talvez eu não esteja sendo claro. Quero que você sente no meu rosto até que tudo que eu possa provar, tudo que eu possa cheirar, tudo que eu possa *sentir* seja você. Agora."

“Quem colocou você no comando?” Murmurei, abaixando lentamente meus quadris.

“Arrogante—ohh…”

Ele riu contra mim, usando as mãos para me aproximar enquanto sua língua varria meu clitóris, mergulhando até minha entrada, onde ele permaneceu antes de dançar aquela língua inteligente ao redor da parte mais sensível de mim mais uma vez.

Minha cabeça caiu para trás e eu gemi.

As mãos de Lorian se apertaram com o som, um grunhido saindo de sua garganta e enviando uma sensação deliciosa através de mim.

Estremeci, a cabeça girando, minha respiração ficando ofegante. Ele apenas aumentou sua pressão, aparentemente insaciável para meu gosto. Olhei para baixo e seus olhos estavam atordoados com um prazer selvagem quando encontraram os meus. Agarrei seus antebraços, desesperada por algo em que me segurar.

Cada músculo do meu corpo ficou tenso, minhas coxas se contraíram. Ele passou a língua ao longo da minha fenda, me provocando, e eu comecei a suar, com o estômago apertando, balançando os quadris por mais, mais, mais.

Percebi que estava gemendo a palavra, bem no momento em que ele circulou meu clitóris e depois *chupou* .

Arqueando as costas, respirei fundo, as coxas tremendo. O prazer percorreu meu corpo e estremeci com ele, desfazendo-me tão completamente que parecia que nunca mais seria recomposto.

Quando abri os olhos, eu estava caído e Lorian estava me observando com um estranho tipo de contentamento.

“Mais”, disse ele.

Balancei a cabeça, a garganta seca. Ele apenas riu.

“Nesse caso…”

Lorian nos virou, me posicionando de mãos e joelhos, com a bunda para cima.

Alisando as mãos sobre minha bunda, ele fez um som apreciativo.

Seu comprimento duro empurrou minha entrada, deslizando dentro de mim. Eu ainda estava sensível e me apertei nele, aproveitando seu grunhido baixo.

Ele empurrou dolorosamente devagar, então parou, enterrado dentro de mim, passando uma mão pelas minhas costas, acariciando suavemente minha pele.

Eu ainda estava tremendo, percebi, meus músculos tremendo por causa do clímax mais incrível da minha vida.

E ainda assim a sensação dele, tão profundo dentro de mim, suas mãos provocando meu corpo...

“Isso é bom?” ele ronronou, aproximando-se enquanto empurrava novamente.

"Você é tão apertado, gato selvagem."

Meus mamilos apertaram e eu balancei de volta para ele, resistindo, desesperada por mais.

Ele aumentou o ritmo, entrando em mim, deslizando uma mão por baixo de mim, encontrando meu clitóris.

O som que soltei foi meio ganido, meio gemido, e ele riu. “Boa menina.”

Eu estava me contorcendo agora, mas ele manteve a mesma velocidade constante, os dedos vagando sobre meu clitóris apenas o suficiente para me manter no limite.

“Lorian...”

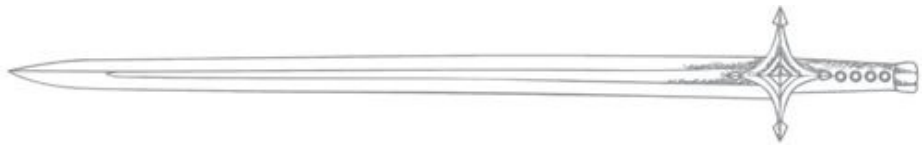
“Algo que você quer, Prisca?”

Fiquei tenso na tentativa de nos virar e pegar exatamente o que queria. Ele apenas riu de novo. "Eu não acho." Suas mãos encontraram meus quadris e ele bateu em mim, até que minha respiração ficou ofegante e tudo que eu pude sentir foi ele me incitando cada vez mais alto...

O calor percorreu meu corpo enquanto seus movimentos se tornavam mais rápidos, mais difíceis, quase violentos.

Eu *me deleitei* com isso.

Meu clímax me atingiu como um de seus raios, até que tudo que pude fazer foi gemer, minhas mãos se fechando nos cobertores abaixo de nós. Lorian continuou empurrando, então parou, empurrando profundamente dentro de mim e permanecendo lá por vários



longos momentos. Uma maldição áspera saiu de sua garganta e eu sorri, deixando cair a cabeça na cama.

A RAINHA

Se eu fosse um covarde, iria embora agora mesmo.

Eu aproveitaria essa chance — enquanto Sabium continuava sua conversa sozinho com Zathrian e Eadric — e fugiria para salvar minha vida.

E então eu enfrentaria a realidade de que estava sozinho, caçado e praticamente impotente.

Como eu viveria comigo mesmo se não aproveitasse ao máximo essa oportunidade?

Em vez disso, enchi meus bolsos de joias, acrescentei vários colares e pulseiras aos que já usava e esperei que o castelo ficasse em silêncio.

Nélia havia desaparecido.

Pelysian não pôde me ajudar.

Mas eu era uma rainha. E um dia eu governaria este continente.

O tempo passou lentamente, até que senti como se pudesse arrancar minha pele para obter algum alívio.

Finalmente, abri a porta, ignorando os guardas noturnos, e caminhei em direção aos quartos de Sabium.

Eu tinha todo o direito de andar onde quisesse.

Sabium foi o único que questionou minha presença.

Sorri para seus guardas, forçando um rubor em minhas bochechas. Deixe-os presumir que eu o estava visitando para fazer sexo.

Mesmo que fosse Alcandre quem entrasse em seus quartos todas as noites.

Marrom e dourado atacaram meus olhos quando entrei na sala de recepção de Sabium. Sua sala de estar também estava vazia, mas eu podia ouvir o som da água caindo do banheiro, o murmúrio dos criados de Sabium. Meu coração bateu forte e examinei a sala.

Não, ele não iria mantê-lo aqui.

Seu quarto era o próximo. Entrei e senti como se a temperatura tivesse caído vários graus.

Aí estava.

Minha visão se estreitou até que tudo que consegui ver foi a capa. O grimório não parecia antigo, mas o deus provavelmente o protegeu com seu poder.

Pura euforia encheu meus pulmões quando estendi a mão para pegá-lo.

E a risada de Sabium ecoou atrás de mim.

Eu me virei, recuando em direção à porta. Ele ficou na frente de seu armário, Tymedes ao seu lado, vários guardas próximos a ele. E aqueles guardas seguravam Lisveth, Caraceli e Pelopia nos braços, com as mãos cobrindo a boca.

A sala de banho ficou em silêncio. Alcandre saiu do quarto enrolada em nada além de um lençol de banho, um pequeno sorriso brincando em sua boca.

Ela tinha feito isso.

Sabium me observou, seus olhos dançando. A realização deslizou através de mim. Isso era exatamente o que ele queria. Se ele tivesse me matado antes, a notícia teria se espalhado sobre o massacre da rainha que ele afirmava amar. Agora, ele poderia provar que eu era um traidor e sua corte celebraria minha morte.

“Você realmente achou que eu não sabia que você estava planejando me roubar?” Ele sorriu. “Quem te contou sobre o grimório, hmm?”

Lisveth choramingou.

Eu mataria todos eles. Minhas mãos tremiam quando abri o grimório,

examinando-o desesperadamente em busca da magia que precisava.

Páginas em branco.

Eu congelei.

Sabium riu. “Ah, Kaliera. Você realmente é a mulher mais estúpida deste continente. Bem, exceto por este. Ele gesticulou para Lisveth e eu soltei um grito sufocado.

“Não, Sabium!”

O guarda passou a faca pela garganta de Lisveth. O sangue jorrou.

Tanto sangue.

A sala de repente pareceu pintada de vermelho com isso.

Os gritos de Lisveth se transformaram em uma tosse sufocada e o guarda recuou, deixando-a cair no chão.

Meus olhos encontraram os de Alcandre.

Seu rosto empalideceu, mas seus lábios se estreitaram enquanto eu olhava para ela.

Ela caminhou em minha direção e Sabium permitiu. “Você não nos protegeu,” ela sibilou, aproximando-se. “Todos os dias de nossas vidas giravam em torno

servindo você. Você sabia o que estava acontecendo neste castelo e nos deixou para sermos atacados. Agora é a sua vez.”

“E Lisveth?”

“Esses idiotas não sobreviverão ao que está por vir. Estou fazendo um favor a eles.”

Uma raiva fria tomou conta de mim. Mas eu olhei além dela.

“Sabium, por favor.”

“Me chame pelo meu nome, meu amor.”

Estremeci. “Regner.” A palavra foi quase silenciosa, minha voz rouca.

Mas ele sorriu.

Tudo isso tinha sido um jogo para ele. Ele me permitiu comer com Zathrian, saber de sua aliança e saber exatamente como a barreira havia caído.

Então ele usou Alcandre para me prender.

E Lisveth.

Pobre e doce Lisveth.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Pelopia. Caraceli lutava nos braços do guarda. Eles sabiam que estavam prestes a morrer.

Inspirei, forte e rápido, reforçando minha determinação.

Eu não pude ajudá-los.

Minhas mãos estavam se movendo antes que eu entendesse o que estava fazendo.

E empurrei Alcandre na direção deles, correndo em direção à porta.

A risada de Sabium ecoou atrás de nós.

“Onde você pensa que está indo, *Sua Majestade* ?” Tymedes provocou.

“Nosso rei me permitiu a honra de finalmente matar você.”

Corri mais rápido.

Os guardas do lado de fora do meu quarto franziram a testa para mim, confusos. “Ele enlouqueceu”, eu rebati. “Proteja-me!”

Um dos guardas puxou a espada. Entrando no meu quarto, eu ofegava.

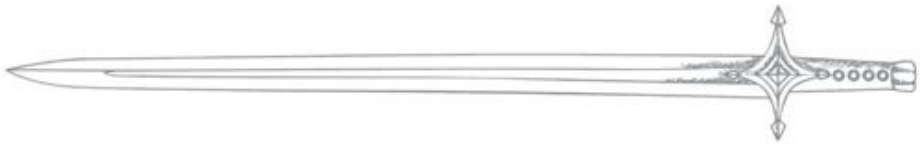
“Afaste-se!” Tymedes rugiu para os guardas.

Eu solucei, me lançando para o meu espelho. O enorme corpanzil de Tymedes entrou na sala, a poucos passos de mim.

“Enfrente seu destino.” Tymedes brandiu sua espada e eu me abaixei, lançando-me contra o espelho.

A palma da mão de Tymedes bateu no vidro. Nossos olhos se encontraram por um único momento, e sua espada bateu no espelho atrás de mim, quebrando o vidro.

Eu ficaria preso aqui, no meio?



Meu grito foi arrancado dos meus pulmões enquanto eu me lançava em direção à luz do outro lado.

A mãe de Pelysian virou-se, com a cabeça inclinada, como se estivesse me esperando.

E caí de joelhos, olhando para a ruína negra do espelho deste lado.

Os lábios trêmulos de Lisveth brilharam diante dos meus olhos. A criança tola não merecia tal destino. Mas as mulheres raramente recebiam o que mereciam. E muito seria sacrificado para matar Sabium.

Ainda assim, meu estômago embrulhou com a inutilidade de tudo isso. No puro desperdício. Eu não tinha roubado o grimório. Tudo o que consegui foi permitir que Sabium soubesse exatamente como eu havia conspirado contra ele.

Pelopia e Caraceli estavam mortos, assim como os outros. Alcandre também morreria e, esperançosamente, *sua* morte seria longa e dolorosa. Era apenas uma questão de tempo.

A mãe de Pelysian parecia estar esperando que eu falasse. Lentamente, fiquei de pé.

Apesar do que Sabium faria com aqueles que permanecessem leais a mim, um sorriso apareceu em minha boca. Por muito tempo, ele me imaginou enjaulado.

Declamado.

“Suponho que existam coisas piores do que ser um monstro. Tal como ser controlado por um.

Agora, ele sabia melhor. Eu não estava mais sob controle dele. Nunca tinha sido verdadeiramente declamado.

Eu poderia não ter o grimório, mas estava livre. Meu filho estava livre.

E agora, eu garantiria que Sabium se arrependesse de tudo que tinha feito comigo.

MADÍNIA

A temperatura era mais baixa perto das montanhas Normathe. Isso foi uma

bênção enquanto atravessávamos a floresta no calor do dia. Mas isso

seria uma maldição esta noite, quando não estivéssemos mais nos movendo.

Tropecei em alguma vegetação rasteira, torcendo o tornozelo. Eu estava cansado demais para amaldiçoar. Além disso, o menino em meus braços começou a tremer. Suas queimaduras deviam ser angustiantes, mas ele ainda estava naquele sono profundo e anormal.

Uma garota de cerca de quinze anos havia levado o outro garoto, depois de se apresentar para mim como Narmena, sem fôlego. Nosso grupo estava correndo há horas, embora eu dificilmente pudesse chamar nosso trote cambaleante de corrida. Quando finalmente paramos para beber água de um riacho, tirei minha túnica, mergulhei-a na água fria e enrolei-a no menino.

“O nome dele é Darnis,” Whirna sussurrou, tirando o cabelo do rosto.

Seu cabelo tinha o mesmo tom escuro, com uma mecha ocasional iluminada pelo sol.

A maioria de suas características também era semelhante, desde o queixo pontudo até as sardas espalhadas pelos dois narizes.

Uma grande parte de mim estava preocupada com o trauma e a viagem que fez Whirna entrar em trabalho de parto repentino. Se isso aconteceu…

“O fogo veio tão rápido”, disse ela, dando um beijo em sua testa. “Eu não tive tempo…”

Eu não disse a ela que ele ficaria bem. Mas passei vários segundos amaldiçoando brutalmente os deuses por me darem o poder do fogo, mas não o poder de consertar queimaduras.

Eu era uma criatura criada para destruição, não para cura. Mas isso não significava que eu não pudesse me arrepender.

“Estão todos prontos?” Perguntei.

Exausto acena com a cabeça. Ninguém reclamou. Todos nós sabíamos o que estava em jogo. Os guardas de ferro estavam chegando. Alguns desses grupos que fugiram seriam encontrados e massacrados. Era inevitável, mas minha boca se encheu de raiva e amargura mesmo assim.

Eu nem deveria estar aqui. Este não deveria ser meu problema. Se não fosse pela porra da barreira, eu teria fugido deste continente no momento em que escapamos do castelo de Regner.

Eu deveria estar em alguma terra distante, onde minha maior questão era escolher qual vestido usar para jantar. Eu não deveria estar sentindo um menino estremecer enquanto eu liderava um grupo atordoado e desesperado de híbridos pela floresta.

Isso foi tudo culpa de Prisca.

Aquela cadela me irritou. Ela me fez *importar* .

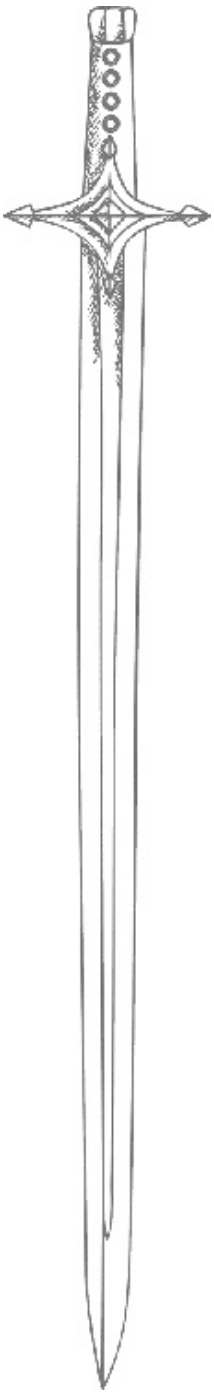
Agora, eu seria forçado a assistir essas pessoas morrerem uma por uma. Provavelmente, eu mesmo sangraria nesta porra de floresta.

“Midínia?”

Forcei um pouco da raiva do meu rosto. Com um aceno de mão, continuamos nossa investida desesperada em direção à segurança.

7

Madínia



Enterramos Darnis em uma pequena clareira perto de um riacho.

W Whirna deitou-se no chão, agarrou-se à terra e soluçou.

A maioria dos outros também estava chorando. Olhei para a pequena sepultura, com a garganta apertada e os olhos ardendo.

Ele teria sobrevivido se tivéssemos chegado ao Passo Asric? É quase certo que

Vicer tinha curandeiros lá. Eu simplesmente fui muito lento.

O mundo girava vertiginosamente ao meu redor e eu tropecei.

“Por favor, coma alguma coisa”, alguém murmurou, agarrando meu braço para me manter firme.

"Estou bem." Os outros híbridos precisavam de comida. E eu me senti doente demais para comer.

A mulher me puxou até que eu estivesse de frente para ela. Seus olhos pareciam quase enlouquecidos, seu rosto tenso de desespero. “Precisamos de você. O restante dessas crianças precisa de você.” Ela colocou alguns pedaços de carne seca em minha mão e eu não discuti, simplesmente levei um à boca e comecei a mastigar.

Eu estava tão, tão cansado.

Parte de mim desejou ter matado Stillcrest no acampamento. Provavelmente ela foi morta logo depois que escapamos. Mas se ela estivesse viva... deveria ter que conviver com o que fez.

E ainda assim, a culpa me agarrou. Eu deveria ter insistido para que essas pessoas saíssem no momento em que cheguei ao acampamento. Eu deveria ter feito Vicer usar seu poder. Eu deveria ter—

“Ela não vai deixá-lo”, disse a mulher ao meu lado, acenando para a forma deitada de Whirna. “Você precisará fazer algo sobre isso.”

Eu olhei para ela. Ela olhou para mim com expectativa.

"Qual o seu nome?" Perguntei.

“Glenda.”

Seus olhos eram de um azul tão claro que me lembravam os do rei fae. Mas, ao contrário do olhar gélido de Conreth, o dela era caloroso, apesar da nossa situação cada vez mais terrível. Linhas profundas de riso foram esculpidas ao redor daqueles olhos. Esta era uma mulher que gostava de sua vida.

“Você tem filhos, Glenda?”

Ela acenou com a cabeça em direção aos gêmeos de cerca de oito invernos.

“Então você pode imaginar a dor dela muito melhor do que eu.”

“Ah, mas ela não precisa da minha empatia. Ela terá isso quando encontrarmos

segurança. Neste momento, ela precisa de força. Convicção. Vigor."

“Você quer que eu intimide uma mulher grávida que acabou de perder o filho?”

Ela me deu um olhar firme. “Demoramos muito aqui. Não estamos fora de perigo. Você sabe disso.

E Whirna precisaria de alguém como Glenda para ter simpatia. Para suporte.

Glenda seria quem garantiria que Whirna se levantasse todas as manhãs e colocasse um pé na frente do outro. Eu não queria que Whirna se lembrasse daquela mulher repreendendo-a perto do túmulo do filho. Não enquanto ela estivesse de luto por ele nas semanas e meses que se seguiram.

Se vivêssemos tanto tempo.

Whirna parou de chorar. Agora, ela estava deitada ao lado do túmulo, com os olhos vazios enquanto olhava para o espaço.

Eu me agachei ao lado dela. “Não consigo nem imaginar a dor que você está sentindo agora”, murmurei. “É inconcebível. Mas precisamos continuar.”

"Apenas me deixe."

Estendi a mão e toquei a barriga dela. “Você sabe que não posso fazer isso.”

Seu olhar caiu para minha mão. Quando seus olhos encontraram os meus, um pouco do vazio desapareceu, substituído por pura agonia. “Eu prometi a ele que o manteria seguro. Era meu trabalho mantê-lo seguro.

Eu não tinha nada para ela, exceto a ideia de vingança. “Vamos fazer com que eles se arrependam disso”, jurei para ela. “Vamos matar Regner e acabar com seus guardas de ferro.”

Uma pequena faísca brilhou em seus olhos. Algo cutucou minha mão e eu a puxei, olhando para sua barriga. Houve muita *força* por trás de algo tão pequeno. O bebê pareceu fazer o que minhas palavras não conseguiram, e Whirna permitiu que eu a ajudasse a se levantar.

“Você voltará a este lugar um dia”, prometi. “Você visitará seu filho.”

Ela não parecia ter forças para responder, mas quando eu apertei seu braço com mais força, ela deu alguns passos.

Foi o suficiente.

E assim, continuamos. Até que gritos soaram ao longe, perfurando a quietude da

floresta ao nosso redor. Meu coração deu um pulo, minha pulsação batia forte em meus ouvidos.

Todo mundo congelou.

Abaixei minha mão, gesticulando para o grupo se agachar. Os gritos continuaram e o horror deslizou nos olhos dos híbridos.

Um dos outros grupos foi encontrado. Meu poder explodiu de mim e forcei a chama a sair de minhas mãos.

Talvez eu pudesse dar a este grupo as instruções exatas para a próxima parada. Eu poderia lutar com os outros e voltar—

“Você não pode salvá-los”, disse um dos meninos mais velhos amargamente enquanto me observava. “É tarde demais.”

Certa vez pensei que o pior sentimento era o terror. Eu estava errado.

A pior sensação era de impotência. Nada poderia ser pior do que querer ajudar alguém – salvar uma vida – sabendo que isso estava totalmente fora de seu controle.

Por isso era melhor não se importar com ninguém do que acabar em uma situação como essa, onde não havia mais boas escolhas.

“Precisamos continuar andando”, eu disse.

"Por que?" uma das meninas mais velhas perguntou. “Todos nós vamos morrer. Você acha que os soldados vão parar?

Recebi dois acenos de cabeça exaustos enquanto me virava para encará-la. "Não. Eles não vão parar. Mas é melhor morrer tentando viver do que ficar sentado aqui e esperar pela morte.”

Ela me encarou por um longo momento. Lágrimas inundaram seus olhos e ela voltou o olhar na direção de onde viemos. Onde Darnis estava em uma cova rasa.

Não lhe dei mais nenhum incentivo. Eu não tinha mais uma única palavra gentil em mim.

“Continue andando,” Glenda murmurou para ela. “Você consegue.”

Chegamos ao primeiro acampamento. Eu estava muito entorpecido para sentir algo próximo de euforia, mas logicamente, eu sabia que estávamos em uma posição melhor agora. O baú estava onde Vicer havia descrito, e tiramos os

cobertores e a comida que idealmente teríamos usado para passar a noite.

Mas não conseguimos. Tivemos que continuar andando. Então comemos rapidamente e levamos conosco todos os suprimentos que pudemos carregar. Ninguém protestou quando enterramos novamente o baú e começamos a andar mais uma vez.

Nosso ritmo diminuiu até ser apenas um arrastar de pés. Usei meu poder para iluminar o caminho, amortecendo-o sempre que ouvia um barulho à distância.

Eventualmente, nós nos enroscamos nas profundezas da floresta, as crianças escondidas sob os arbustos, os adultos puxando o máximo de vegetação possível sobre nós.

Eu não conseguia dormir, minha mente repassava cada momento. Mas o resto ajudaria.

Horas depois, mais gritos cortaram a noite. À minha esquerda, os dentes de alguém batiam. Mas todos nós ficamos parados, tentando manter o

crianças quietas. A essa altura, eles estavam exaustos, alguns deles até dormindo em meio aos gritos.

Finalmente, o sol começou a nascer e cerrei os dentes. Recusei-me a ceder ao pânico doentio que arrastava garras cruéis em meu peito. Essas pessoas *viveriam* .

Lentamente, silenciosamente, acordei os outros. Alguns momentos para nos escondermos atrás de arbustos ou beber água de um riacho próximo, e então estávamos nos movendo mais uma vez.

A floresta ao nosso redor era ao mesmo tempo um santuário e um adversário – as árvores e os arbustos forneciam cobertura, mas o farfalhar das folhas caídas esculpia o silêncio, cada galho quebrado sob os pés tão alto quanto um trovão em meus ouvidos.

Nosso progresso foi meticulosamente lento. As crianças mais novas eram carregadas nos braços ou nas costas de quem as pudesse segurar, e o seu peso atrasava-nos ainda mais. Rostos minúsculos estavam manchados de sujeira e lágrimas, olhos arregalados e medrosos olhando para nós em busca de segurança. Tudo que eu tinha a oferecer eram sorrisos fracos e encorajamento silencioso.

E então, ao longe, o som assustador de cascos.

Meu coração caiu em um abismo. “Para baixo,” eu sibilei.

Todo mundo caiu.

A essa altura, as crianças sabiam que deveriam ficar quietas, embora a mais nova soluçasse em meio aos soluços reprimidos. Se tivéssemos bebês neste grupo, provavelmente já teríamos sido encontrados.

As batidas dos cascos trovejaram em nossa direção.

"Correr!" Eu ordenei, entregando o garoto que eu estava segurando para uma garota mais velha. “Você conhece o caminho.”

Minhas palmas ficaram escorregadias, todo o meu corpo ficou frio e o gosto metálico do terror inundou minha boca. Eu era tudo o que essas pessoas tinham. Se eu caísse, eles seriam os próximos.

“Mais rápido,” eu ordenei desesperadamente.

A floresta ao meu redor explodiu em uma cacofonia de sons – o estalar de galhos sob o peso de botas pesadas, o barulho de armaduras, a risada cruel de um dos guardas.

Não havia como ultrapassá-los. Eu tive que tomar uma posição aqui e ganhar o máximo de tempo possível para os outros.

Uma flecha passou assobiando pela minha orelha, cravando-se em uma árvore com um baque horrível. Arreganhando os dentes, apontei minhas chamas para o cavalo, implorando

perdão. Dei-lhe um fim rápido, mas a sua morte causou ainda mais caos, e os outros cavalos resistiram desesperadamente.

“Enfrente sua morte com dignidade, sujeira corrupta.” O guarda de ferro usava detalhes prateados ao longo de sua armadura. O capitão.

Eu lancei meu fogo nele. Ele bateu contra sua proteção, mas sua careta de dor deixou claro que doeu.

Bom. Cada segundo que eu os atrasava era mais um momento para os híbridos escaparem.

Eu puxei minha espada. “Lute comigo como um homem.”

Vários guardas riram. A maioria deles estava avançando para me cercar. Digitalizando-os, contei. Sete. Mais do que suficiente para dizimar todos os grupos de híbridos que estão em fuga.

O poder das trevas varreu em minha direção. Foi isso. Rolei meus ombros.

O poder ricocheteou em uma proteção tão forte que brilhou como prata.

Dei um salto para trás, brandindo minha espada enquanto outro homem caminhava pela clareira em minha direção. Nossos olhos se encontraram e sua boca se abriu.

“Você,” ele rosnou. “Por que é sempre você?”

“Exatamente meus pensamentos.”

Calisiano.

“Você me deve uma dívida de vida”, soltei.

Ele sorriu, ignorando o poder das trevas atingindo seu protegido mais uma vez. "Eu pensei que você não queria minha dívida?"

“Não depende de mim, lembra? Você disse que a dívida não foi paga. Uma questão de honra . ”

Seus dentes brilharam enquanto ele ria, e meu estômago se apertou. Depois de um longo momento, ele soltou um suspiro. “Ah, tudo bem.”

Quando ele deu toda a atenção aos guardas de ferro, eles já nos cercaram. Mas pelo menos isso significava que ainda não tinham ido atrás dos híbridos.

O capitão sorriu, como se estivesse lendo minha mente. Ele gesticulou para dois guardas atrás de nós. "Ir."

Assim como uma flecha atingiu a proteção de Calysian.

Calysian lançou ao soldado um olhar entediado. Mais flechas voaram em nossa direção, e eu enviei meu fogo girando entre eles, incendiando um dos guardas que se virou para ir atrás dos híbridos.

Bloqueei seus gritos, observando o capitão. Ele estava cansado. Ele não conseguia manter a proteção enquanto seus próprios homens atacavam, mas Calysian parecia tão

se tal coisa fosse fácil para ele. Era a única vantagem que tínhamos. Esperei até que o guarda à sua esquerda disparasse outra flecha…

Agora.

Eu usei essa tática com os guardas de ferro do acampamento híbrido. E assim como aqueles guardas, dois homens arranharam os olhos, implorando por misericórdia enquanto meu fogo os engolfava.

Calysian resmungou enquanto levantava a mão, reforçando sua proteção contra uma barragem repentina de poder sombrio e flechas com pontas de ferro feérico.

Enviei mais força para aquelas flechas e várias delas caíram direto no chão. “Sinta-se à vontade para ajudar sempre que se cansar de assistir.”

“Tem aquela linguinha afiada. Você já se cansou de empunhá-lo?

Eu o ignorei.

“Ah, silêncio. Adorável. Diga-me, como você veio parar aqui, Madinia Farrow?

Rangendo os dentes, eu o ignorei um pouco mais. Uma situação de vida ou morte e ele queria conversar. Idiota.

Eu não tinha interesse em pessoas como ele. Pessoas que não levaram nada a sério. Levei tudo a sério.

Cada músculo do meu corpo doía de fadiga. Um guarda à minha esquerda atacava repetidas vezes, seus movimentos quase rápidos demais para serem vistos enquanto ele preparava suas flechas. Aquelas flechas atingiram nossa enfermaria, até que quase pude sentir a dor de cabeça que isso deve ter causado em Calysian.

O guarda disparou a próxima flecha e eu esperei. Ele ergueu um braço para puxar uma flecha de sua aljava.

Agora.

Direcionei minhas chamas para um pedaço de pele que vi na parte de trás de seu pescoço – entre o capacete e a armadura.

A proteção de Calysian estava aguentando, e eu a usei como cobertura enquanto atacava repetidas vezes. Ele deslizou para fora do alcance de sua proteção, deixando-a me cobrir enquanto mirava naquele mesmo pedaço de pele desprotegida, sua espada cortando o pescoço de um guarda como uma faca quente na manteiga.

Faltam dois.

“Atrás da árvore”, ele ordenou.

"Eu não-"

"Agora."

Correndo para trás da árvore, procurei o que restava de meu poder. A proteção de

Calysian caiu. Foi impressionante, mas pela amarga frustração em seu rosto, mesmo seu poder não era suficiente para manter tal proteção indefinidamente contra flechas com pontas de ferro e ataques mágicos.

Eu não conseguia entender como ele já aguentava tanto tempo.

O capitão não parecia mais tão presunçoso. Ele estava olhando para a morte ao seu redor – e para o último guarda do outro lado da clareira – como se estivesse se perguntando como tudo deu tão terrivelmente errado.

Calysian provavelmente poderia levar o capitão. Lentamente, comecei a rastejar por trás das árvores, em direção ao guarda restante.

Um grito desesperado soou e eu me virei.

O capitão estava caído no chão, sem vida. Seu cavalo disparou, enquanto Calysian colocou as mãos nos quadris, balançando a cabeça. Era quase como se ele estivesse descontente com a facilidade com que matou o capitão.

Uma flecha voou em direção às suas costas desarmadas.

Eu o ataquei com o que restava de meu poder – apenas o suficiente para desviá-lo do curso.

Virando-se, Calysian ergueu uma sobrancelha quando caiu no chão. Seus lábios se ergueram dos dentes em um rosnado. A irritação brilhou em seus olhos.

“Essa é outra dívida de vida.”

“Você provavelmente teria se salvado.”

"Não importa. A intenção é importante. Faça-me ficar em dívida com você de novo e eu mesmo mato você.

Mostrei a ele meus dentes. "Tentar."

Seu olhar se estreitou em meu rosto. A irritação deu lugar à diversão lânguida. Desviei o olhar.

“Aquele estava de graça,” eu ofeguei, o mundo girando ao meu redor. Eu duvidava que pudesse evocar uma única faísca em um dos meus dedos. “Você não me deve nada.”

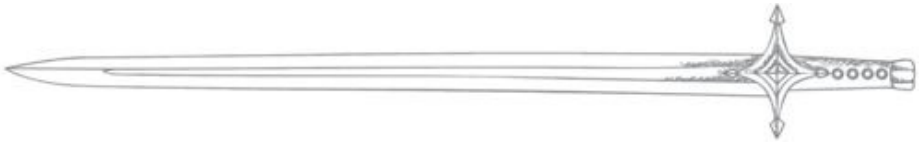
Ele balançou a cabeça. "Espere aqui."

Eu não discuti, simplesmente caí no chão com a árvore nas minhas costas. Um único grito abafado veio do guarda restante, e Calysian retornou poucos

momentos depois.

Ele franziu a testa para mim. “Você cheira a morte e tristeza.” “Perdemos um dos híbridos. Uma criança. Minha garganta engrossou. Ele me estudou, como se estivesse surpreso que eu me importasse. Eu queria bater minha mão em seu rosto por aquele olhar.

Claro que eu me importava.



Eu não era totalmente um monstro. Embora eu tivesse certeza de que estava perto.

Eu o examinei. Certa vez, ele me disse que ficou preso neste continente quando a barreira foi erguida. O que o fez ter mais de quatrocentos anos. Ele não parecia ser um Fae, mas se fosse híbrido, teria mostrado mais sinais de envelhecimento. Então, o que ele era?

"O que você estava fazendo aqui?"

“Eu estava tentando viajar para uma aldeia ao norte.”

"Por que?"

Ele me lançou um olhar divertido que me perguntou silenciosamente por que eu me sentia com direito a essa informação. “Vou ajudá-lo a reunir suas ovelhas perdidas”, disse ele.

Eu não me incomodei em discutir. Felizmente, os híbridos continuaram se movendo na direção que eu havia instruído. Examinei a carnificina ao nosso redor uma última vez.

Eles teriam caçado todos os híbridos em fuga até que estivéssemos todos mortos.

Eu gostaria que pudéssemos matar todos eles novamente.

A RAINHA

A mãe de Pelysian olhou para mim. Já se passaram horas desde que entrei neste casebre e fui forçado a sentar aqui e observá-la costurar. Ela nem tinha me oferecido sustento.

Seu olhar foi para o espelho atrás de mim e eu me virei. Ainda preto.

“Existem apenas dois desses espelhos, e um deles foi quebrado sob sua supervisão”, disse ela.

“Eu quase *morri* , bruxa.”

Ela apenas zombou de mim.

"Qual o seu nome?" — perguntei, me mexendo na desconfortável cadeira de madeira. Raspou o chão de terra. Na verdade, era apenas uma cabana. E, no entanto, eu precisaria me acostumar com essa pobreza – pelo menos até meu filho ser coroado. Sem o grimório em minhas mãos, certificando-me de que Jamic pegasse seu

lugar legítimo seria difícil. Mas não impossível. Se Prisca matasse Regner, Jamic e eu encontraríamos uma maneira de matá-la e pegaríamos o livro.

A bruxa voltou sua atenção para a camisa que estava costurando. “Quantas vezes já conversamos antes?”

Se ela pensava que uma pergunta tão incisiva poderia me envergonhar, ela estava enganada. “Muitos”, eu disse.

Ela soltou uma risada que se transformou em uma tosse rouca. “Meu nome é Ravynia.”

“Seu poder é vasto. Por que você não usa isso para sair dessa pobreza?”

“Isto não é pobreza. Você não *conhece* a pobreza. Você não viu, sentiu o cheiro, não viveu. Estou contente com minha vida e minha casa. Além disso, se aqueles que estão no poder soubessem do meu presente, o que você acha que aconteceria comigo?

Eu sabia o que aconteceria com ela, porque tinha planos de instalá-la no castelo no momento em que Regner morresse. Ela garantiria que eu sempre pudesse ver meus inimigos chegando. E enganá-los para sempre. Ela lutaria contra isso, mas eu sabia quem eram seus filhos. E como eu bem sabia, as pessoas fariam qualquer coisa pelos seus filhos.

Ela deu um leve sorriso como se estivesse lendo meus pensamentos. “Imagine se Regner tivesse gostado do meu poder”, disse ela suavemente.

Estremeci com o pensamento. Mas a vida dela seria muito diferente sob meu serviço. Ao contrário do meu marido, eu não era má. Nem eu estava louco.

A tarde passou dolorosamente lenta. Finalmente, cascos soaram do lado de fora. Eu enrijeci, mas Ravynia acenou com a mão. “É meu filho.”

Ele demorou, provavelmente desmontando seu próprio cavalo. Quando ele finalmente abriu a porta, não pareceu surpreso ao me ver.

Uma rápida olhada para sua mãe e então seus olhos encontraram os meus mais uma vez.

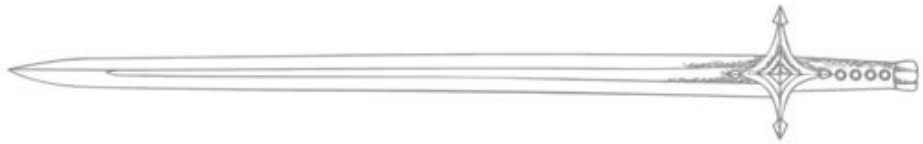
“Suas damas estão mortas, não estão, Majestade?”

Senti uma pontada em algum lugar na parte superior do peito ao lembrar do terror em seus olhos. "Sim."

O olhar de Pelysian caiu para minha mão, que esfregava meu peito. “E isso te incomoda?” ele perguntou suavemente. “Sabendo que você é a razão de suas mortes? Sabendo que eles provavelmente poderiam ter sobrevivido se você tivesse pensado duas vezes?

Minha garganta engrossou quando uma sensação estranha penetrou profundamente em minhas entranhas.

Fúria. Foi uma fúria. Foi só isso. “Em tempos de guerra, os sacrifícios devem ser



feito,” eu rebati.

Algo que poderia ter sido tristeza passou pelo rosto de Pelysian antes que seus olhos ficassem frios. Remoto.

“Assim seja.” Ele deu um passo para trás de mim. Como se eu fosse contagioso. Como se ele estivesse com repulsa. O sangue rugiu em meus ouvidos, até que mal ouvi suas palavras seguintes.

“Você é a segunda pessoa mais reconhecida neste reino. Não posso mantê-lo seguro aqui”, disse ele. “Você deve se juntar ao herdeiro híbrido.”

Eu funguei. Eu não tinha vontade de ir rastejando até aquela putinha, sem nada além das roupas do corpo. Mas a sua declaração não foi uma surpresa. Afinal, eu tinha passado horas neste lugar para refletir sobre minhas opções.

Eu tinha uma escolha a fazer. Enterrar meu orgulho por tempo suficiente para me aproximar de Prisca ou me esconder em algum lugar até que a guerra acabe e meu filho esteja pronto para assumir o trono.

A decisão foi fácil, apesar do meu desgosto. Finalmente chegou a hora de ver

meu filho.

ASÍNIA

Torinto estava vivo.

Ontem recebemos a notícia de um dos contatos de Demos em Gromalia. E a expressão de Demos se transformou em alegria pura e não adulterada. Aquele olhar em seu rosto... fez meus joelhos ficarem fracos.

Mas momentos depois de ler a mensagem, ele ficou em silêncio mais uma vez — embora Tor tivesse concordado em nos encontrar. Desde então, Demos tornou-se cada vez mais retraído enquanto viajávamos, com uma expressão distante.

Já estávamos viajando para o norte, através de Gromalia, em direção a Prisca e aos outros em Sorlithia – uma cidade que Tibris e eu nunca tínhamos visto, e que Demos havia visitado quando era tão jovem que mal conseguia se lembrar.

Tor não apenas estava vivo, mas também morava em Thobirea. E ele concordou em viajar para o oeste para nos encontrar em uma das aldeias maiores, onde

encontraria uma taverna suja o suficiente para que quatro visitantes encapuzados não chamassem atenção.

Os rebeldes começaram a evacuar antes de deixarmos o acampamento. Tibris esteve ocupado até o último momento, garantindo que aqueles que estavam partindo estivessem com boa saúde e dando instruções finais aos curandeiros humanos que viajavam com eles. Eu ouvi o último adeus dele com Herne, suas vozes baixas e dolorosas mal alcançando meus ouvidos. Eu tive que desviar o olhar, incapaz de observar seus rostos, tenso pela dor e pelo medo reprimidos – não por eles mesmos, mas um pelo outro.

Surpreendentemente, Conreth deu permissão para aqueles que se dirigiam para o Passo Asric viajarem dentro das terras feéricas, ao longo da fronteira...

evitando a necessidade de eles pisarem em Eprotha. Ele até ordenou que um grupo de guardas feéricos encontrasse os rebeldes e os escoltasse – provavelmente para garantir que ninguém se afastasse e tropeçasse em um selvagem.

Quando expressei minha surpresa com a súbita natureza cooperativa de Conreth, Demos balançou a cabeça. “O idiota matou o irmão e quase matou a minha irmã. Esta é provavelmente uma pausa temporária em suas más decisões. Mas precisamos aproveitar ao máximo antes que ele mude de ideia.”

Durante a viagem, parávamos ocasionalmente em pequenas aldeias para

encontrar suprimentos. Lá, ficamos cara a cara com cartazes de luto pela morte de Eryndan. A morte do rei Gromaliano chocou o seu reino. Pior, também havia muitos sinais no rosto de Prisca, declarando que ela era a assassina do rei.

As mentiras de Regner chegaram até aqui.

Quando chegamos à aldeia de Ardanor, nenhum de nós falava.

Vynthar desapareceu para fazer o que quer que o Drakoryx fizesse quando ele vagou sozinho. Tibris estava distraído – provavelmente preocupado com Herne e os outros rebeldes. Demos estava taciturno e sombrio enquanto se preparava para enfrentar Tor. E fiquei consumido pela ideia de que ele poderia não nos ajudar.

Eu também fui consumido por outro pensamento.

O mesmo pensamento que tentei ignorar, mesmo enquanto continuava a cutucar meu subconsciente.

Um pensamento que parecia uma coceira que eu não conseguia coçar.

Um pensamento que se intrometeu até nos meus sonhos.

Um pensamento que insistia que eu precisava ter uma participação maior no fim desta guerra.

Um dia, quando este continente finalmente conhecesse a paz, quis que o meu nome fosse mencionado nos contos antigos.

Queria que ficasse escrito que, embora pudesse ter sido parcialmente responsável pelo início desta guerra, também fui responsável por terminá-la.

Que eu tinha sido corajoso, leal e verdadeiro.

Que eu era *digno.*

“Assínia?”

Eu levantei minha cabeça. Chegamos à taverna e Demos estava esperando que eu desmontasse.

"Desculpe."

Seu olhar já havia se voltado para a robusta porta de madeira da taverna. Felizmente, Tor estava esperando em uma mesa lá dentro.

Tibris lançou a Demos um olhar preocupado. Havíamos contado a ele o que sabíamos sobre Tor, mas estava claro que ele também não estava acostumado

com o silêncio sombrio de Demos.

A porta da taverna estava aberta, ancorada por uma grande pedra. Demos levantou a cabeça e nós o seguimos para dentro. Os nervos vibraram no meu estômago.

Mesas compridas, desgastadas pela passagem do tempo — e incontáveis cotovelos

– estavam agrupados no chão de madeira, cercados por mesas circulares menores encostadas nas paredes e janelas. Aproximava-se o almoço e tanto os aldeões como os viajantes se reuniam para comer e erguer uma xícara.

Parecia estranho ficar subitamente confinado em uma sala cheia de pessoas depois de tanto tempo viajando e morando no acampamento. O barulho pareceu aumentar, e eu cerrei os dentes enquanto Demos examinava a sala, sua expressão atenta.

O bar em si – uma sólida placa de carvalho administrada por um estalajadeiro carrancudo – estava forrado com uma série de canecas, continuamente levantadas e carregadas por uma garçonete de aparência cansada.

Demos se virou e Tibris e eu o seguimos até uma das pequenas mesas circulares nos fundos.

Uma figura encapuzada esperava. Ele levantou a cabeça e os dois homens ficaram imóveis.

Seu nariz havia sido quebrado pelo menos uma vez, seus olhos castanhos estavam sombreados e ele precisava fazer a barba. Mas eu pude distinguir linhas de sorriso ao redor de sua boca.

Alguém caiu na gargalhada algumas mesas à nossa esquerda, o som foi repentino o suficiente para quebrar qualquer tensão que tivesse feito os dois homens congelarem. Tor levantou-se quando nos aproximamos, apertando a mão de Demos. Depois de um momento constrangedor durante o qual parecia que os dois homens consideraram e rejeitaram a ideia de um abraço, todos nos sentamos rapidamente e Tibris e eu fomos apresentados. Soltei um suspiro instável. Até agora tudo bem.

Tor acenou para nós, mas seu olhar encontrou o de Demos.

“Você está vivo.”

Demos assentiu. “Eu não sabia disso na época... não sabia até que minha irmã apareceu na masmorra, mas Telean foi forçada a trabalhar como costureira da rainha. Ela a convenceu a me deixar viver.

Tor assentiu. Mas ele não disse uma palavra. Me mudei no meu banquinho de madeira.

Foi Tibris quem pigarreou. “Estamos aqui para pedir sua ajuda.”

Outro aceno de cabeça.

Contamos a ele tudo o que sabíamos.

“Você realmente acredita que posso ajudar com as proteções de Regner.” Pelo tom de sua voz, Tor não acreditou em nós ou não *quis* acreditar em nós.

“Eu sei que você pode”, disse Demos. “Até hoje, nunca encontrei ninguém com seu poder específico.”

Tor respirou fundo. E seu olhar era firme. “Não posso lutar na sua guerra.”

Um peso de chumbo instalou-se em minhas entranhas. Uma chance. Tivemos uma chance de matar Regner.

“Você quer dizer que não vai”, disse Demos.

Tor estreitou os olhos, cruzando os braços enquanto se recostava na cadeira. “Eu tenho filhos agora, Demos. Todos que amamos daquela época estão mortos. Você pode ter seguido em frente, pode ter criado uma nova família e esquecido o que aconteceu com as pessoas que mais confiavam em você, mas eu não.”

Minhas unhas cravaram-se na mesa de madeira sob minhas mãos. “Cuidado com a boca,” eu rebati.

Tor olhou para mim. “É apenas uma questão de tempo até que ele mate você.

Você pode estar disposto a perder a vida por isso, mas meus filhos precisam de um pai.”

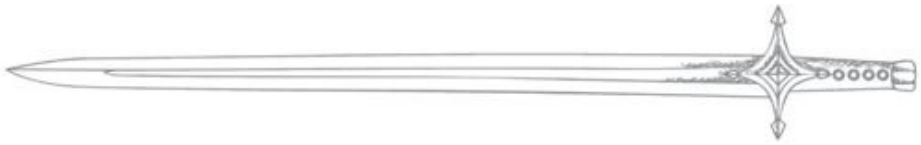
“E o que acontecerá quando a guerra chegar para seus filhos?” Demos perguntou. “Você acha que será capaz de mantê-los seguros? Sua família poderia ter uma casa. Em nosso reino, Tor.”

Ele balançou a cabeça, sua boca tremendo uma vez antes de diluí-la. “Falamos sobre isso há anos. E eu nunca vi esse reino. Tudo que vi foram nossos amigos presos. Eu ouvi seus gritos quando eles queimaram.”

Demos se encolheu. Isso o estava *matando* .

Minhas mãos começaram a tremer, todo o meu corpo enrijeceu até que meus músculos pareceram congelados.

“E onde você estava quando ele estava apodrecendo naquela cela?” Eu sibilei. “*Meu* melhor amigo invadiu o castelo e salvou nossas vidas. O que você fez,



exceto virar e correr? Você gostou de construir sua nova vida, sabendo que Demos nunca mais sentiria tanta alegria? Você ao menos pensou nele?

“Assínia.” A voz de Demos era inflexível como ferro.

"Não. Se ele vai culpar você, então ele pode analisar suas próprias ações.” Voltei minha atenção para Tor. “Ou a falta deles. Até Vicer nunca se esqueceu do Demos. Ele garantiu que Prisca soubesse como tirá-lo de lá. Enquanto isso, você seguiu em frente. Curvei meu lábio para ele. “Demos disse que vocês já foram como irmãos. Se for esse o caso, estou feliz por ser filho único.”

Tibris inclinou a cabeça, mas permaneceu em silêncio. Demos pegou minha mão e esfregou o polegar em meu pulso. Sua mão era tão quente, seu toque reconfortante.

Respirei longa e profundamente e deixei o ar sair de dentro de mim.

Tor baixou o olhar para nossas mãos, com expressão contemplativa.

Demos ficou em silêncio por um longo momento, e suas palavras do acampamento circularam pela minha mente.

“Eu não quero que ele se junte a nós por culpa. Eu quero que ele se junte a nós porque ele tem esperança.”

Eu não me importava por que Tor se juntou a nós. Só que ele fez.

“Quero que você entenda a escolha que está fazendo.” Encontrei os olhos de Tor.

E agora eu podia ver a guerra que assolava dentro dele. “Sem você, não temos chance de matar Regner. Suas proteções são muito fortes. Todas as pessoas que você perdeu? Eles nunca serão vingados. E mais morrerão. Cada vez mais, até que este continente esteja mergulhado na morte.”

Tor me observou. E uma leve sugestão de sorriso apareceu em sua boca. Seus olhos encontraram os de Demos. “Sempre soube que você encontraria uma mulher assim.”

Eu semicerrei os olhos para ele. "Como. O que?"

"Feroz."

Eu abri minha boca. Na verdade, eu esperava que ele me chamasse de algo muito pior. E a maneira como Demos rosnou me disse que ele esperava o mesmo.

Dei de ombros.

Thor suspirou. “Pelo menos me diga como funcionaria.”

PRISCA

Daharak não queria correr riscos enquanto navegávamos para norte ao longo da costa de Gromal. Pelo menos duzentos navios navegaram conosco. Quando mencionei que isso poderia ser um tanto preocupante para os Gromalianos, que poderiam temer uma invasão, ela encolheu os ombros.

“Estamos nas águas deles desde que a barreira caiu. Se aquele príncipe mimado ainda não sabe que vocês estão do mesmo lado, então ele é inútil para nós.”

Os lábios de Thora se curvaram com isso.

Quando Daharak descobriu quem era Jorvik — e que ele conseguiu entrar no navio dela sob falsos pretextos — ela praticamente cuspiu fogo.

O pequeno mensageiro de Zathrian estava atualmente residindo na prisão, onde ficaria hospedado. De acordo com Marth, Jorvik não teve a chance de transmitir nada que pudesse nos prejudicar irreparavelmente.

Ao longe, as inconfundíveis bandeiras verdes da frota gromaliana agitavam-se ao vento, os seus navios cortando a água e aproximando-se de nós com uma cautela que beirava a hostilidade.

“O que você estava dizendo sobre o príncipe saber que estávamos do mesmo lado?” Murmurei para Daharak.

Um sorriso apareceu em sua boca e ela apenas levantou a mão. O ar estava denso de tensão e lambi os lábios, sentindo gosto de sal. Um navio gromaliano afastou-se dos outros, diminuindo a velocidade à medida que se aproximava de nós. O capitão gromaliano, alto e sólido, com uma armadura polida, gritou do outro lado da água.

“Declare seu propósito em nossas águas.”

Lorian o observou, aparentemente despreocupado. Daharak semicerrou os olhos para o sol, erguendo a mão para proteger os olhos. “Idiota,” ela murmurou para nós. “Você não quer saber a quantidade de armaduras que encontramos no fundo do oceano, com seus donos se decompondo dentro delas.” Franzi o nariz e ela

levantou a voz. “Buscamos uma audiência com seu príncipe em Sorlithia. Ele desejará falar conosco.

O silêncio se prolongou enquanto o capitão gromaliano considerava suas palavras. Afinal, precisaríamos passar pela capital. E, no entanto, o porto natural que protegia Thobirea tornava a cidade impossível de ser invadida por água.

Os olhos do capitão encontraram os meus, antes de passarem para Lorian, Galon e Marth.

“Deixe-os passar”, ele ordenou. “Mas a sua frota restante pode não atracar.”

Daharak assentiu facilmente. Não esperávamos poder atracar. Não apenas por causa da logística de trazer tantos navios sem aviso prévio, mas por causa do nosso relacionamento atualmente tenso com Rekja.

Ainda assim, a ameaça daqueles navios deveria nos manter seguros enquanto seguimos para Sorlithia.

A frota continuou para o norte nos dias seguintes. À medida que a costa começou a curvar-se para dentro, a silhueta da cidade começou a surgir no horizonte e ajustámos o nosso rumo em direção a ela.

O capitão Gromaliano obviamente esteve em contato com os navios que guardavam as águas da Sorlith, porque esses navios viraram, nos garantindo passagem, e nos preparamos para atracar, as velas descendo, as cordas rangendo, a tripulação chamando uns aos outros na língua do navio - uma que eu era improvável que algum dia entendesse.

Não falta muito.

Uma sensação de asfixia apertou minha garganta, até que eu lutei para respirar novamente. Tanta coisa dependia desta reunião. Sobre a nossa capacidade de convencer Rekja a entrar em guerra connosco. Sem ele…

Mesmo com algumas das fadas mais poderosas do continente lutando no nosso lado do campo de batalha, elas não podiam fazer muito contra milhares e milhares de humanos, muitos deles inchados com poder roubado.

Embora muitos humanos tenham recebido seu poder de volta quando a barreira caiu, muito desse poder ainda estava guardado em pedras oceartus, usadas por conveniência na capital de Regner e mantidas por seu povo mais leal.

Precisávamos de botas no chão.

Virei-me e encontrei Daharak e os outros conversando a alguns passos de distância. Eu nem tinha ouvido sua aproximação.

“Depois de falarmos com Rekja, você deverá retornar para o resto da frota”, eu disse a Daharak. “Mantenha sua pedra ao seu lado e, se não tiver notícias nossas até o anoitecer de amanhã, volte para o sul.”

A boca de Daharak se torceu. “Eu não gosto disso.”

“É improvável que Rekja cause qualquer problema quando vir Thora”, disse Lorian. “Mas se ele fizer isso, você precisará se encontrar com os outros e continuar com nossos planos.”

Pela expressão de Daharak, ela também não gostou desse pensamento, mas nos deu um aceno rígido.

Hesitei e então as palavras saíram dos meus lábios. "Por favor, cuide da minha tia."

Sua expressão suavizou-se. "Você sabe que eu vou."

Eu fiz. Um de seus piratas já havia salvado a vida de Telean há pouco tempo. Minha tia ficaria no navio. Não nos falávamos desde a manhã em que acordei. Na verdade, eu não sabia quando iríamos. Na maior parte do tempo, ela se trancava em sua cabine. Ela era tão teimosa quanto eu.

Galon e alguns dos outros guardas formaram uma barreira ao redor do nosso navio enquanto atracávamos. Daharak foi a primeira a sair do navio, descendo a rampa como se não houvesse cinquenta guardas esperando por ela.

“Leve-nos ao seu rei”, disse ela.

“Nosso rei está ocupado”, gritou um deles. Vários outros riram.

Daharak deu-lhe um largo sorriso. “E ainda assim um capitão da sua frota já nos permitiu passar.”

Um guarda fortemente musculoso se aproximou, colocando-o a poucos centímetros de mim.

“Eu sugiro que você volte para sua nave...”

Lorian soltou um rosnado baixo e cruel. Ele estava se tornando um pouco... selvagem com o passar do tempo, sem nenhum sinal do meu poder.

O guarda congelou.

Daharak ergueu a mão, a moeda de prata brilhando ao sol. Ele estendeu a mão para pegá-lo e ela balançou a cabeça, guardando-o. "Eu não acho."

O guarda estreitou os olhos, mas lançou um olhar cauteloso para Lorian. “Deixe-os passar.”

"Mas-"

“Não me faça contar de novo.”

Um dos outros guardas cuspiu no chão à nossa frente. Mas ele se afastou.

Sorlithia era muito, muito menor que Thobirea. Pequeno o suficiente para que Thora sugerisse que caminhássemos do cais até as muralhas da cidade.

Enquanto a capital gromaliana se estendia das docas ao castelo, Sorlithia mal era uma cidade grande em comparação.

Muralhas fortificadas cercavam a cidade por todos os lados, elevando-se bem acima do solo, destinadas à defesa. Vários guardas caminhavam ao longo daquelas paredes enquanto eu observava, examinando com os olhos qualquer um que se aproximasse. A cada poucos passos, ameias subiam como dentes irregulares contra o céu, fornecendo cobertura e pontos estratégicos para arqueiros e defensores. Torres, mais altas que as paredes

eles próprios pontuavam o perímetro em intervalos regulares, proporcionando um ponto de vista ainda mais elevado.

E, no entanto, não parecia uma cidade militar. Aquelas paredes pareciam antigas, cobertas por uma pátina do tempo, com hera rasteira e flores silvestres desabrochando suavizando sua estrutura imponente.

A cidade se desdobrava como uma tapeçaria de charme singular enquanto caminhávamos por ela, com vários guardas nos seguindo. As ruas serpenteavam em padrões preguiçosos e sinuosos, dando-me a oportunidade de estudar os edifícios – suas fachadas exibindo uma variedade de cores pastéis, desde tons quentes de pêssego até tons suaves de lavanda.

Os moradores passavam, alguns deles parando para olhar, para sussurrar. Mas na maior parte do tempo, eles estavam envolvidos em suas próprias vidas, carregando cestas de e para o mercado, bajulando crianças teimosas, terminando as tarefas do dia.

Como a maioria das cidades, o coração de Sorlithia era a praça do mercado, e o centro movimentado de alguma forma mantinha uma atmosfera descontraída. Tabernas e pousadas cercavam o mercado, enquanto as crianças brincavam numa enorme fonte.

Esta era uma cidade de árvores. Jardins exuberantes se espalhavam a cada poucos quarteirões, atraindo pássaros e borboletas. Pude ver por que Rekja

preferia Sorlithia à sua capital.

E estávamos prestes a destruir qualquer paz e consolo que ele encontrou aqui.

Ao meu lado, Thora torceu as mãos. Eu não sabia se ela estava nervosa ou tentando se conter para não passar por nós e correr em direção ao castelo quando ele apareceu.

Estava situado no topo de uma colina que se elevava suavemente – uma presença despretensiosa, mas inegável. Ao contrário dos castelos das capitais Eprothan e Gromaliana, o castelo de Sorlithia era todo elegante e discreto.

Suas paredes eram cinza-claras, com janelas enormes, grandes o suficiente para um homem entrar. Os guardas atrás de nós conversaram com os que estavam nos portões do castelo, que nos lançaram olhares longos e desconfiados, mas nos permitiram passar.

O cascalho estalava sob nossos pés enquanto caminhávamos em direção às grandes portas de madeira.

Intrincadamente esculpidas com criaturas que antes pensei que não passavam de mitos, as portas estavam entreabertas, guardas estacionados em ambos os lados.

Um desses guardas falou brevemente com os guardas que nos escoltavam, murmurando algo que fez os lábios de Lorian se curvarem. Mas o guarda se virou, gesticulando para que seguíssemos pelo grande salão, que ostentava um teto arqueado alto

acima de nossas cabeças, pintado em azuis profundos e cintilantes de prata – o céu noturno.

Lorian pegou meu braço quando eu quase tropecei, meu olhar preso naquele teto magnífico.

O guarda virou à esquerda e nós o seguimos até uma sala de estar formal. Passei o olhar pela sala, notando as cadeiras de seda macias e a madeira polida das mesas laterais. Mas minha atenção foi atraída por Rekja.

Ele estava parado perto da janela, com seus longos cabelos ruivos amarrados para trás enquanto olhava para algo fora de vista. Ele usava roupas casuais. Mas ninguém que olhasse para ele duvidaria que ele nasceu para usar uma coroa.

O príncipe gromaliano virou-se lentamente, seus olhos encontrando os meus, sua expressão hostil. "Você. E como você conseguiu... Ah. Avançando, ele arrancou a moeda dos dedos de Daharak. “Devido ao meu respeito pelas tradições antigas, vou lhe dar cinco...” Suas mãos se fecharam quando Lorian e Rythos se afastaram, revelando Thora.

Sua boca tremeu, seus olhos se encheram de lágrimas e ela estendeu a mão para ele.

Rekja pegou a mão dela, puxando-a para perto. “Como...” Ele segurou a nuca dela com a mão enquanto ela enterrava o rosto em seu peito, e uma série de emoções passou por seu rosto. Incredulidade, choque e, finalmente, uma ira ardente e sem fim.

"Você a tirou de mim."

“Nós a *salvamos* ,” Lorian corrigiu.

Thora levantou a cabeça o suficiente para me encarar. Ela sabia que teríamos organizado o seu sequestro, independentemente do fato de ela já estar sendo caçada.

Meu coração afundou. Mas ela respirou fundo, apertando Rekja perto de si. “Eles me mantiveram segura”, disse ela. “Se não fosse pelo raciocínio rápido do espião, Jinoran teria me matado.”

A expressão de Rekja escureceu. “Ele desapareceu há três noites. Deuses, pensei que você estivesse morto. Seu olhar encontrou o meu e seus olhos não eram mais hostis. Não, agora eles brilharam de apreço. “Parece que devo minha gratidão a você.”

Thora me lançou um olhar de advertência. Não foi difícil seguir seus padrões de pensamento. Se Rekja descobrisse que somos responsáveis por espalhar rumores sobre o relacionamento deles, seria improvável que ele trabalhasse conosco. Thora estava escondendo isso dele em um esforço para salvar nossos dois reinos.

Um dia, quando tudo isso acabasse, eu esperava que Rekja fizesse de Thora sua rainha.

“Você está ciente de que Regner está movendo seu exército para o sul através de Eprotha,”

Lorian disse.

Rekja assentiu. “Meus batedores relataram sinais de seus regimentos fora de Lesdryn. Mas... ele enviou isso ontem.”

Soltando Thora, ele pegou um pergaminho de uma mesa próxima e me entregou.

A Sua Majestade o Rei Rekja de Gromália,

Por favor, aceite minhas sinceras condolências pelo falecimento de seu pai. Ocasionalmente, escolhas difíceis devem ser feitas para o maior bom - uma

realidade que também entendo muito bem.

Neste momento, acho necessário lembrá-los da aliança forjado entre nossos reinos sob o reinado de seu pai - um acordo testemunhado e honrado por conselheiros de ambos os nossos reinos. Esta aliança promete garantir a prosperidade dos humanos em todo o nosso continente. Qualquer desvio deste acordo seria profundamente lamentável e poderia ser interpretada como uma declaração de guerra.

Espero sinceramente que continuemos a manter a amizade e cooperação estabelecida entre Gromalia e Eprotha.

Sua Majestade o Rei Sabium de Eprotha

Meus pulmões paralisaram e levantei a cabeça. Se Rekja se aliasse a Regner…

Lorian se inclinou sobre meu ombro para ler e arrancou a mensagem dos meus dedos quando terminei, entregando-a a Galon e aos outros.

“Ameaças não tão veladas”, disse ele.

Rekja assentiu. “Sua decisão de marchar alguns de seus regimentos para o sul pode ser apenas uma forma de me alertar sobre as consequências de não cooperar.”

Estudei seu rosto, mas sua expressão não dava nenhum indício de seus pensamentos.

“E você vai se aliar a ele?” — perguntou Marth.

“Não”, disse Rekja. “Mas a situação é precária. Eu sou rei apenas no nome

—Ainda não fui coroado. E há muitos em Gromalia que prefeririam que nos comprometêssemos com a nossa aliança com Regner – e com os nossos semelhantes.”

“Ele não permitirá que outro rei viva neste continente”, alertou Lorian.

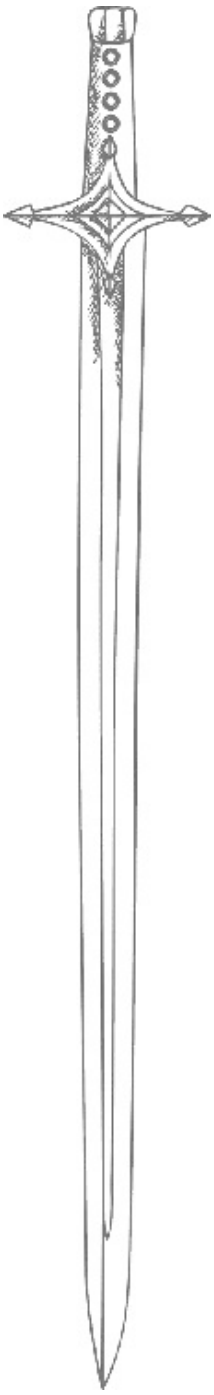
Rekja assentiu. “Eu sei disso.” Mas seu olhar vagava por Thora de uma forma que era muito familiar. Olhei para Lorian e seus lábios se contraíram.

“Talvez pudéssemos dar-lhes algum tempo para se familiarizarem”, disse ele suavemente. “E poderíamos discutir nossos inimigos mútuos depois disso?”

Rekja deu-lhe um aceno de cabeça apreciativo. “Na verdade,” ele disse de repente, como se o pensamento tivesse acabado de lhe ocorrer. “Há alguém que você deveria conhecer.”

8

Prisca



você.” Eu só dei um passo na porta antes de congelar como um

“Yrabbit. A mulher endireitou os ombros, sustentando meu olhar. Ela não estava usando seu vestido azul. Cabelos longos e escuros caíam sobre seus ombros.

Nenhum diadema segurava seu cabelo. Mas eu a teria reconhecido em qualquer lugar.

Eu olhei. E olhou um pouco mais.

A última vez que a vi, eu estava tremendo, pressionado contra Lorian na caverna escondida abaixo do quarto de Regner. Eu perdi o controle do meu poder e fomos forçados a nos esconder. O terror inundou meu corpo quando ela entrou despreocupadamente na caverna, roubou uma das pedras vazias de oceartus e saiu.

Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram. Lorian respondeu ao meu terror instantaneamente, empurrando-me para trás dele.

"Não quero fazer nenhum mal a você."

“Você é a Alta Sacerdotisa de Regner. Perdoe-nos se decidirmos não confiar em você”, eu disse. Como ela não fez nenhum movimento ameaçador em nossa direção e eu me senti um pouco ridículo, passei por Lorian com uma cotovelada. Daharak encostou-se na parede mais próxima, observando a cena com claro interesse, enquanto Rythos e Galon se espalhavam perto das janelas.

“Você tem Jamic”, disse a sacerdotisa.

"Sim. E ele está seguro.

Ela me deu um leve sorriso. "Certamente ele me mencionou."

Ele havia mencionado uma sacerdotisa que era gentil com ele. Madinia me contou sobre a conversa deles. E a última vez que vi essa mulher, ela estava *roubando* de Regner.

“Aquela pedra oceartus era para ele”, ela murmurou.

“Você sabia que estávamos lá?”

Ela assentiu. “Eu sabia a maior parte do que aconteceu naquele castelo.”

“Você teve sorte de não termos matado você”, disse Lorian.

Ela lançou-lhe um olhar que dizia que ele era um garotinho bobo. Foi uma boa aparência. Talvez eu mesmo experimente algum dia.

Lorian mostrou os dentes para ela. “Por que você precisava da pedra oceartus?”

“Certamente você viu a condição em que Jamic estava quando você o levou. Regner me permitiu vê-lo regularmente. Para verificar se o amuleto ainda estava

vazando poder para ele. Quando os guardas não estavam prestando atenção, eu usava

pedras oceartus para desviar parte desse poder. Caso contrário, ele teria perdido lentamente a cabeça.”

“E o que você fez com o poder?” Rythos perguntou perto da janela, com os olhos estreitados.

Ela encontrou seu olhar friamente. “Andei pelas favelas e depositei onde faria mais bem. Curandeiros, geralmente.

Queria pensar que pelo menos uma das sacerdotisas de Regner fosse realmente boa.

Mas pelo escárnio no rosto de Rythos, ele não corria perigo de acreditar nela.

“Como sacerdotisa de estimação de Regner, você saberia exatamente como usar essas pedras”, disse ele. “Já que você e todas as bruxas como você o serviram com prazer por tanto tempo.”

A sala ficou em silêncio. Não era típico de Rythos usar suas palavras para cortar. Mas Lorian uma vez me disse que Rythos odiava duas criaturas mais do que qualquer outra...

sacerdotisas e bruxas de pedra.

Para seu crédito, a sacerdotisa não corou. Ela apenas voltou seu olhar para mim como se ele não existisse.

Não fiquei surpreso com sua capacidade de suprimir quaisquer emoções que pudesse sentir.

Trabalhar para Regner teria lhe ensinado rapidamente essa habilidade.

"Qual o seu nome?"

“Mona.”

“E como você veio parar aqui? Em Gromália?

Mona apontou para a mesa e eu me sentei com Lorian e Galon. Lorian estava cauteloso, mas quieto, e eu sabia que ele estava disposto a ouvi-la. Rythos vagou pela sala, enquanto Daharak continuava encostado na parede. “Essa é uma longa história”, disse Mona. “E tenho uma história muito mais importante para contar. Mas eu nasci em Eprotha. Minha mãe era uma sacerdotisa, e a mãe dela antes dela. Minha mãe era quase surpreendentemente inteligente. Ela lutava com as

pessoas – com a compreensão de suas emoções e das nuances de seu tom. Quando ela não conseguia ver a lógica em suas ações, ela ficou perplexa com eles.

“E embora minha mãe tenha sido criada para ser uma mulher incrivelmente devota, ela viu… falhas no que nos disseram.” Os olhos de Mona se fecharam e, pela primeira vez, ela perdeu um pouco de sua confiança. “Sua mente era tão aguçada que ela conseguia encontrar uma maneira de resolver quase qualquer problema. E, no entanto, mesmo com a sua devoção aos deuses e o seu compromisso com o rei que conhecia como Sabium, ela não conseguia parar de desvendar as mentiras dele. Lentamente, ela

perdeu sua capacidade de deixar a verdade de lado pelo bem da religião de Sabium. E isso começou a deixá-la louca.”

Eu não conseguia imaginar como deve ter sido. A confusão se transformou em compreensão quando ela entendeu o que estava acontecendo. “Sinto muito”, eu disse.

Mona encontrou meu olhar. "Obrigado. Como você pode imaginar, a fúria dela era infinita. A ideia de que ela tivesse sido usada para causar tantos danos aos outros era intolerável. E ela virou aquela mente afiada para a vingança. Lentamente, ela começou a ajudar outras sacerdotisas a questionar nossos ensinamentos. Ela tinha que ter cuidado. Então, muito cuidado. Mas ela soube daqueles que estavam reagindo e juntou-se a eles. Eles deram a ela uma tarefa. Assassine Regner.

Respirei tão rapidamente que engasguei. "Ela tentou tal coisa?"

Ela assentiu. “Seu poder era o da doença. Um poder de ataque que apodreceria um inimigo de dentro para fora. Infelizmente, minha mãe não sabia da ala de Regner. Ela não conhecia o espelho ou o grimório. Sua tentativa falhou. E ela foi massacrada. Eu fui preso.”

Eu me encolhi. “Os buscadores da verdade…”

Ela me deu um leve sorriso. “Meu poder me permite fugir dos buscadores da verdade. Eu minto. Eu manipulo. Posso esconder meu poder dos avaliadores. Sou tudo o que minha mãe deveria ter sido. Com a mente dela, ela poderia ter salvado nosso continente.”

“Então como sabemos que você não está mentindo para nós?” Rythos exigiu. Eu olhei para ele, mas... ele tinha razão.

Mona suspirou. “Você não. Mas se você acredita em uma coisa, acredite nisso: eu nunca trairia minha mãe. Antes de tentar matar Regner, ela me contou tudo. E ela me pediu apenas uma coisa. Que eu desfaça o mal que Regner forçou suas

sacerdotisas a cometer em seu nome. Prometi a ela que teria sucesso onde ela não teve."

"Como você acabou no castelo de Regner?" Galon perguntou. Ele a estudava atentamente, mas ao contrário de Rythos, não irradiava suspeitas.

"Regner achou divertido me colocar no lugar de minha mãe. Pelo que ele sabia, eu era o mais piedoso. O mais leal. Uma mulher com vergonha das ações de sua mãe. E então ele me usou como exemplo para os outros. Um exemplo… e um aviso."

Parecia Regner.

"E ainda assim você escapou do castelo."

Ela assentiu. "Eu escapei no dia em que você atacou. Mas não antes de eu ter um vislumbre do que você fez naquele santuário. Ela sorriu, e foi como se o

o sol apareceu por trás de uma nuvem escura. "Eu sabia que não poderia completar minha tarefa dentro do castelo. A essa altura, eu já sabia da ala de Regner.

Embora nunca tenha sido confiável que minha mãe soubesse a verdade sobre o que aconteceu com as pedras oceartus, Regner decidiu que precisava da minha ajuda. E ele provavelmente achou divertido provar que minha mãe estava certa, ao mesmo tempo em que deixava claro que eu nunca poderia vingá-la. Mas eu o observei. E estudei tudo. Esgueirei-me pelo castelo e li os livros que ele mantinha escondidos. Ouvi conversas secretas e, quando percebi que você finalmente iria travar uma guerra, procurei o Rei Rekja."

Rythos puxou uma cadeira e sentou-se, cruzando os braços enquanto a observava.

"E o que você tem para nos contar?"

Para seu crédito, Mona respondeu à pergunta dele como se ela não estivesse repleta de sarcasmo.

"Você precisa matar Regner, isso é verdade. Mas quando você matá-lo, você terá uma tarefa igualmente importante."

Rythos abriu a boca e ela ergueu a mão. "A esta altura, Jamic já lhe contou sobre o deus das trevas – e seus irmãos que planejavam tirar-lhe o poder. Você conhece os três grimórios nos quais ele despejou seu conhecimento e poder."

Eu balancei a cabeça.

“Você provavelmente está se perguntando como Regner transferiu seu poder roubado das pedras oceartus para as pessoas que ele escolheu.”

“Sim”, eu disse. “No início, presumimos que ele tinha algum tipo de dispositivo mágico escondido em algum lugar. Até Jamic nos contar que usou o grimório para tomar o poder do humano com as pedras oceartus.

“O que precisamos saber é como devolver o poder àqueles de quem ele o roubou”, disse Galon.

“Através dos grimórios. Mas isso deve ser feito com cuidado. Com muito cuidado.

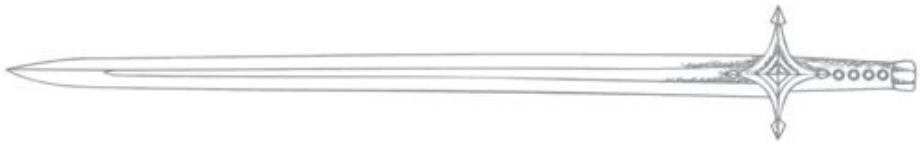
Quando os grimórios são usados, quem os empunha fica mais forte. Mas a cada uso, a memória e o poder de Calpharos retornam – os grimórios agindo como um farol durante a noite. Em breve, o deus das trevas virá buscar esses livros.

E quando ele vier… não haverá esperança para ninguém neste continente.”

A sala parecia inclinar-se à minha volta. Estremeci e Lorian se aproximou, me puxando para ele.

“O que você quer que façamos?” Eu perguntei, minha voz rouca.

“O grimório não pode ser destruído. Tentar fazer isso apenas chamaria a atenção do deus das trevas.” Um pouco da cor sumiu do rosto de Mona.



— Claramente, chamar a atenção dele não é uma coisa boa — murmurou Marth.

“E o poder roubado?” Daharak perguntou.

Mona soltou um suspiro. “Ninguém sabe. Mas quando você mata Regner, alguém deve pegar o grimório. Alguém em quem você confia para não se deixar seduzir pelo seu poder. Eles devem pegá-lo e escondê-lo onde nunca será encontrado. Ou este mundo e todos os outros mundos estão condenados.”

LORIANO

“Nos vemos em breve”, murmurou Prisca para Daharak enquanto estávamos nos portões da cidade. A rainha pirata estava partindo para retornar ao seu navio. Agora que ela tinha certeza de que Rekja não iria declarar guerra contra nós, ela navegaria para o sul mais uma vez. Uma parte de mim ainda se perguntava se

permitir que a rainha pirata aprendesse tanto sobre a verdadeira história deste mundo – e o poder oculto disponível – seria um dia um erro.

Por enquanto, pelo menos, ela trabalharia *conosco* .

Um homem estava nos portões esperando por Daharak. Reconheci-o como um dos seus capitães – um homem corpulento e sombrio chamado Jasick, em quem Daharak parecia confiar como nenhum outro. Quando um pombo pousou em seu ombro, ele captou a mensagem automaticamente, ainda observando Daharak.

Mas quando seu olhar caiu para a mensagem em si, ele estremeceu como se eu o tivesse atingido com meu poder.

Daharak olhou e imediatamente caminhou em sua direção. Ele entregou-lhe o bilhete e, quando ela ergueu os olhos, seus olhos estavam mortos.

"O que é?" Prisca exigiu.

“Regner deve ter usado o grimório para esconder várias flotilhas. Estávamos nos perguntando onde estão todos os seus navios. E eles estavam esperando por nós. Eles atacaram sem aviso. Meu povo não teve chance.”

O sangue foi drenado lentamente do rosto de Prisca.

"Quantos?"

“Eles afundaram oitocentos dos meus navios.”

Quase metade de sua frota. Porra.

“Meu povo está salvando qualquer um que ainda não se afogou. Northin deu a ordem para implantar os navios ainda ancorados perto das terras feéricas, mas…”

“Esta é uma perda enorme.” Prisca assentiu. “Sinto muito, Daharak.”

Passei meu braço em volta de Prisca e a puxei para perto. Seus olhos brilharam e eu sabia que ela estava pensando nas vidas perdidas. As famílias que nunca mais veriam seus entes queridos.

Eu estava pensando na guerra. Cerca de oitocentos navios de que precisávamos desesperadamente já haviam desaparecido.

“Eu disse ao meu povo que precisávamos travar esta guerra para que a barreira pudesse cair”, disse Daharak amargamente. “Para que pudéssemos ser livres. E metade deles morreu por isso.”

Prisca parecia ter levado um soco no estômago. Com meu braço em volta dela, pude senti-la curvar-se ligeiramente para a frente, protegendo-se de um golpe invisível. Ela abriu a boca, mas Daharak já havia se virado e estava se afastando, com Jasick ao seu lado.

“Eu fiz aquele acordo com Daharak”, murmurou Prisca. “Eu não contei a ela que tínhamos Jamic, então ela fez o voto de sangue sob falsos pretextos.”

“Ela queria essa barreira derrubada mais do que ninguém, gato selvagem.” Virando-a, eu a conduzi de volta ao castelo. “Se Regner usou tanto poder para esconder sua própria frota, isso era algo que ele havia planejado há muito, muito tempo.

Mesmo sem Daharak ter escolhido se aliar a você, Regner provavelmente estava esperando por seu momento. Ele simplesmente não podia se dar ao luxo de ter Daharak e seus navios como uma ameaça à sua própria frota.”

O castelo estava silencioso enquanto eu conduzia Prisca de volta aos nossos quartos. Um dos mensageiros de Rekja nos disse que o rei se encontraria conosco novamente pela manhã para discutir a guerra. A impaciência me agarrou. Quando reconheci uma das empregadas, interrompi-a.

“Você tem pergaminho?”

Ela assentiu, enfiando a mão no bolso do vestido longo. Apoiando-me na muralha do castelo, rabisquei uma nota rápida para Rekja, contando-lhe o que havia acontecido com os piratas de Daharak. Não tivemos tempo a perder aqui.

“Leve isso ao seu rei. Diga a ele que é de mim. Obrigada”, eu disse, e ela baixou a cabeça, andando na direção do que provavelmente eram os aposentos reais.

Eu reprimi a vontade de persegui-la e interromper *o reencontro de Rekja e Thora* .

Mas Prisca estava em silêncio ao meu lado, olhando por uma das amplas janelas do corredor, que dava para os portões do castelo.

Eu peguei a mão dela. “Venha comigo, gato selvagem.”

“Pedi a Rythos para me encontrar em nossos quartos.”

“Isso é sobre a sacerdotisa?”

Ela desviou o olhar, mas seu queixo se projetava de um jeito que eu uma vez achei irritante e agora achei adorável. “Você não acha que ele vai falar comigo?”

Meu instinto foi concordar, mas pensei sobre isso. “Sua experiência com a

sacerdotisa foi durante uma época em que estávamos separados. Há uma chance... Acho que alguma parte dele pode me responsabilizar pelas circunstâncias que levaram a isso. Eu deveria estar lá. Mas eu não estava. Então ele pode ser capaz de se abrir com você de uma forma que não consegue comigo.

Fazia muito tempo que não pensava nesse período de nossas vidas.

Muita coisa deu errado enquanto estávamos separados — graças ao castigo de Conreth. Embora o encontro de Marth com a morte tenha sido um dos piores, Rythos também sofreu.

Prisca estava me estudando. “Você precisa conversar?”

“Não, gato selvagem. Fale com Rythos. Preciso falar com Galon de qualquer maneira.” Abrindo a porta dos nossos quartos, fiz um gesto para ela entrar.

Ela ainda estava olhando para mim e eu sabia o que ela iria perguntar em seguida.

Então eu a segui para dentro.

Prisca estava lançando olhares em minha direção há dias e depois olhando carrancudo para a vizinhança, como se alertasse os próprios deuses para ficarem longe.

“Você ainda sente que está sendo observado?” ela perguntou.

Hesitei e Prisca estreitou os olhos. Eu era o Fae mais poderoso deste continente. Passei décadas sendo conhecido como o Príncipe Sanguinário.

E ainda assim, quando meu gato selvagem me lançou aquele olhar de advertência, tive que lutar contra a vontade de desviar o olhar.

Por um momento — só por um momento — pude vê-la como uma mãe, dando aos nossos próprios filhos essa expressão exata. O olhar que lhes dizia que era melhor dizerem a verdade. O pensamento disso aqueceu meu peito.

“Sim”, admiti. “Mas não quero que você se preocupe, gato selvagem. Estou cuidando disso.

Ela ignorou isso. “Você acha que Mona seria capaz de nos contar? Se fosse um dos deuses se interessando por você?

Dei de ombros. “Nunca fui de confiar em sacerdotisas. E vendo o que eles permitiram que Regner fizesse neste continente… Talvez precisemos levá-la

conselho, mas não sinto necessidade de contar a ela sobre meus... problemas pessoais.

Prisca sorriu com minhas últimas palavras e eu belisquei seu nariz.

Ela riu e eu captei o som com a boca, pressionando-a contra a porta.

Ela abriu a boca, mas a porta vibrou debaixo do meu braço quando alguém bateu.

“Não entre,” rosnei, ignorando a risada baixa de Rythos. Prisca já estava agarrando minha mão na tentativa de me afastar.

Suspirei, permitindo. Rythos entrou, me dando um aceno de cabeça.

“Vou deixar você em paz”, eu disse. Eu podia sentir aqueles olhos em mim mais uma vez e, desta vez, eles pareciam diferentes. Malévolo.

Eu os queria longe de Prisca.

Ela estudou meu rosto. “Vejo você em breve.”

“Em breve, gato selvagem”, prometi.

Rythos soltou um suspiro. “Vocês ficarão separados por uma ou duas horas no máximo. Isso está ficando ridículo.

Ignorando-o, puxei Prisca para mim para outro beijo. Talvez eu pudesse expulsá-lo.

Ela enfiou um dedo no meu peito e eu levantei a cabeça com um suspiro.

"Multar."

Sua risada pareceu acariciar minha pele quando fechei a porta atrás de mim.

Caminhando pelo corredor vazio, fui em direção aos quartos de Galon.

Fui instantaneamente cercado. Afastando-me, saquei minha espada, varrendo meu olhar sobre meus atacantes. Os homens usavam marrom e dourado, armas nas mãos. Eles claramente já tinham vindo de uma batalha, todos cobertos de sangue.

Se tivessem tomado o castelo, estariam mirando em Prisca.

Eu cortei com minha espada...

E minha lâmina cortou uma das paredes de Rekja.

O ar congelou em meus pulmões.

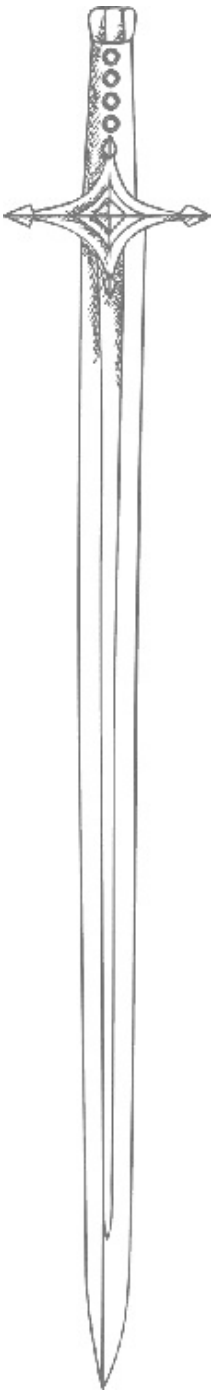
Minha lâmina também cortou a garganta de um dos soldados Eprothan. Mas onde deveria haver um homem morrendo no chão, engasgado com seu próprio sangue...

Não houve nada.

Eu estava completamente, totalmente sozinho.

9

Madínia



alysian me ajudou a procurar os híbridos. Eles deixaram rastros óbvios—

Galhos quebrados, pegadas na terra úmida. E provavelmente não conseguiram correr muito longe. Sem a ajuda dele na luta contra os guardas de ferro, todos os híbridos teriam sido massacrados.

Talvez eu devesse agradecê-lo. Foi contra a maioria dos meus instintos, mas...

Virando-me para ele, encontrei-o olhando para mim.

"O que?"

“Onde está a rainha híbrida?”

“Ocupado chamando nossos aliados para a guerra.” Eu dei a ele um olhar de advertência. Pude falar criticamente sobre Prisca. Este homem não conquistou esse direito.

Seus olhos escuros brilharam. Seja com diversão ou aborrecimento, eu não tinha certeza. O homem era irritantemente difícil de ler.

Em algum lugar distante, uma criança chorava. Eu mal escondi um estremecimento.

“Obrigado,” eu grunhi, meu olhar na floresta à frente enquanto eu passava por um galho caído.

“Olhe para mim.”

Meus músculos travaram. Este homem precisava aprender que eu não acatava ordens.

“Madinia”, ele sussurrou. “Olhe para mim.”

Respirei fundo e me virei, tentando ignorar o modo como sua voz baixa fez meus pulmões se contraírem. Este homem era um predador por completo.

Ele olhou para mim como se eu fosse um peão que ele estava pensando em colocar em jogo

–seus olhos escuros se encheram de cálculo implacável.

“O destino achou por bem nos unir mais de uma vez. Um dia, quando eu precisar de você, você me ajudará com meus próprios objetivos.”

Seria difícil para ele me encontrar em outro continente. Mas ainda assim, o direito em sua voz me enfureceu. Eu não disse nada e ele pareceu satisfeito com meu silêncio. Provavelmente, ele decidiu que eu seguiria seus decretos.

Ele realmente era um idiota.

Mergulhamos mais fundo na floresta densa. Os sons do mundo natural me envolveram, um forte contraste com a turbulência e a morte que acabamos de deixar para trás. Meu coração ainda batia acelerado, cada batida era um lembrete da gravidade da nossa situação.

Mesmo com rastros deixados pelos híbridos, os olhos aguçados de Calysian detectaram sinais de passagem que eu teria perdido.

O choro da criança recomeçou, desta vez ainda mais alto. Se não fosse pela presença iminente ao meu lado, a criança — e todos os outros do nosso grupo —

teriam sido enterrados juntos em mais sepulturas não identificadas.

“Você salvou muitas vidas hoje”, eu disse.

Aquele olhar escuro se voltou para mim, um lampejo de algo que não consegui identificar em seus olhos antes que ele assentisse brevemente.

Aproximamo-nos do esconderijo escolhido pelos híbridos. O medo deles era quase palpável e era evidente que não tinham conseguido correr mais.

Foi aqui que eles decidiram tomar uma posição.

Minha boca encheu de água enquanto o enjôo subia pela minha garganta. Eles teriam morrido gritando. Tudo porque Regner distorceu as mentes daqueles que ele criou como guardas de ferro.

Uma adaga voou pelo ar em direção a Calysian. Um dos meninos tentando defender os outros.

Calysian pegou a lâmina, uma linha profunda aparecendo entre suas sobrancelhas.

“Afaste-se,” eu suspirei. “Ele me ajudou a lutar contra os guardas de ferro.”

O menino engoliu em seco. “Eles são…”

“Esse grupo está morto. Não sabemos se haverá mais a seguir.”

Os híbridos reuniram seus escassos pertences, com movimentos rápidos, mas instáveis. Calysian assistiu à cena com uma expressão inescrutável. “Devo sair agora.”

Eu não fiquei surpreso. Na verdade, só fiquei surpreso por ele ter ficado tanto tempo.

Seu olhar escuro me atingiu. “Lembre-se do que eu disse.”

Mostrei a ele meus dentes. “Se você tentar me forçar à submissão, você se arrependerá.”

O grupo ao nosso redor parou de falar e pude sentir a atenção deles em nós.

Calisiano sorriu. “Se alguém conseguisse tal feito que me fizesse arrepender de minhas ações, provavelmente seria você.”

Sem outra palavra, ele se virou e foi embora, fundindo-se na floresta. Apesar do fato de não termos mais o benefício de seu poder e espada, parte da tensão se dissipou em meus músculos.

Voltando-me para os híbridos, eu os conduzi em direção ao nosso próximo esconderijo – uma caverna escondida aninhada em um matagal. A lua pairava no céu como um presente dos deuses, considerando o quão escura a floresta havia se tornado. Algo se desenrolou em meu peito. Os guardas de ferro teriam dividido todas as rotas de fuga em setores. Com vários deles mortos na floresta, provavelmente tivemos um pouco de tempo para descansar.

E precisávamos disso. Os suprimentos foram habilmente guardados para manter os animais afastados, e retiramos mais cobertores e carne seca. Era muito arriscado acender uma fogueira, então dormíamos amontoados, os adultos se revezando no serviço de sentinela.

Pelo menos, os outros dormiram. Eu não conseguia dormir com uma bola de pavor pesando em minhas entranhas. Cada vez que fechava os olhos, meu corpo reagia com pulsação acelerada e músculos tensos, alerta e esperando pela próxima calamidade.

Acordamos com o sol no dia seguinte, caminhando pela floresta. Com a sua copa densa e vegetação rasteira emaranhada, parecia estender-se infinitamente à nossa frente, vários tons de verde estridentes numa marcha monótona. Cada passo foi uma batalha contra o cansaço que pressionava meu corpo.

Nosso progresso foi lento, prejudicado pelo medo sempre presente da descoberta, mesmo agora. A vigilância constante, os sussurros abafados, os olhares cautelosos...

tudo isso combinado para roubar ainda mais a pouca energia que nos restava.

O caminho, repleto de raízes retorcidas e ramos caídos, parecia zombar dos nossos esforços, os nossos passos tornavam-se mais curtos, os nossos pés muitas vezes não conseguiam levantar-se o suficiente para eliminar o risco de tropeçar. À medida que o dia passava, o peso da exaustão ficava mais pesado. Assim como o peso das crianças que os adultos carregavam. A jovem em meus braços de alguma forma conseguiu adormecer, com a cabeça aninhada em meu pescoço, mesmo enquanto eu a trocava continuamente de quadril em quadril, em um esforço para aliviar o peso em meus braços e costas.

Os adultos mantinham uma aparência estóica para as crianças, mas a tensão era evidente nas linhas profundas gravadas nas suas testas, na curvatura dos seus ombros, na exaustão nos seus olhos à medida que as horas passavam.

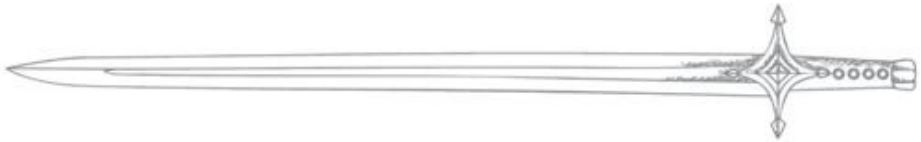
Quando o sol começou a descer, pintando o céu em tons de rosa e roxo, tentei lembrar o que veio a seguir. Eu sabia que estávamos viajando na direção correta, mas uma névoa densa e pesada invadiu minha mente, e eu não conseguia levantar a névoa o suficiente para determinar onde deveríamos ficar em seguida.

Havia casas seguras em vários vilarejos, mas não havíamos escolhido nenhuma dessas rotas. Ou tínhamos?

Minha mente girou, até que senti como se o próprio chão estivesse se movendo sob meus pés. Apoiei-me em uma árvore para me equilibrar e Glenda me entregou um odre de água.

"Bebida." Seu tom não deixou espaço para objeções.

Tomei alguns goles, consciente de quanto tempo a água poderia durar.



Os últimos raios de luz começaram a desaparecer, lançando longas sombras à nossa frente.

E então eu ouvi.

A princípio pensei estar imaginando sons fracos de vozes, um murmúrio de vida na quietude sufocante da floresta.

E então, uma mulher estava parada na minha frente, com os olhos arregalados e uma besta na mão. “Venha rápido”, ela gritou para alguém, e eu queria dizer a ela para calar a porra da boca antes que ela chamasse o tipo errado de atenção.

“Sobreviventes!” alguém gritou.

Senti meus olhos revirarem enquanto caí de joelhos.

PRISCA

Rythos cruzou os braços e me lançou um olhar sombrio. "Você queria me ver?"

Seu tom era estranhamente formal.

Eu fiz uma careta para ele. “Hum…”

A compreensão me atingiu e uma sensação de mal estar tomou conta de meu corpo. Foi porque eu o convoquei. Como se ele fosse meu assunto .

Eu já havia pedido a Rythos para me encontrar em lugares antes. Mas esta noite, ele estava irritado com o que provavelmente pensava ser minha ordem. E eu sabia que não era realmente sobre mim. Sabia que em qualquer outra noite ele teria aparecido com um sorriso no rosto, os olhos dançando enquanto fazia algum comentário provocador.

“Eu... pensei que este poderia ser um bom lugar para conversar. Lorian testou a proteção de silêncio na varanda.”

Um pouco da ira deixou seus olhos e ele assentiu. Olhamos um para o outro em um silêncio constrangedor por um longo momento. Embora tecnicamente ele fosse meu súdito quando vivesse no reino híbrido, ele tinha que saber que eu não iria me impor. E ainda assim…

“Pris?” Ele sorriu para mim. “Está tudo bem. Vamos conversar na varanda.”

Abri as portas largas e saí. Fazia mais frio aqui à noite, mas o vento não era frio o suficiente para que eu precisasse de uma capa.

E eu ainda estava adiando essa conversa. Eu precisava escolher minhas palavras com cuidado.

“Percebi que você não gostou da sacerdotisa.” Chega de falar com cuidado.

A raiva brilhou nos olhos de Rythos. “Eles são responsáveis por tanta dor e carnificina quanto os assessores de Regner. Quantas vezes você os viu roubar o poder de bebês inocentes, Prisca?

A lembrança da última Tomada que vi passou pela minha mente antes que eu pudesse impedi-la. O bebê gritou tão alto...

Afastando a memória, me apoiei na grade da varanda ao lado dele.

“Você ouviu o que ela disse. Algumas das sacerdotisas estavam trabalhando contra Regner.”

“Não há número suficiente deles.”

Nós dois ficamos em silêncio por um longo momento. E então Rythos suspirou. "Você tem razão. Não sou... razoável ou neutro quando se trata dessas mulheres.”

“O que aconteceu, Rythos? Você não precisa falar sobre isso se não quiser”, eu soltei. “Mas pode ajudar.”

Ele suspirou. “Foi na época em que Conreth separou todos nós. Depois que Lorian se recusou a matar o selvagem. Eu estava no norte de Eprotha, não muito

longe da sua aldeia, embora você ainda não tivesse nascido. Seus olhos brilharam. “Isso foi antes de Regner realmente saber o quão perigoso Lorian e o resto de nós éramos

– quando ainda podíamos andar livremente em nosso glamour humano. Eu conheci uma mulher.

“Ah.”

Ele me lançou um olhar divertido. "Sim. Ah.”

“E você se apaixonou.”

"Amor?" Ele ergueu uma sobrancelha. “Na época, pensei que era amor.

Agora, eu sei que não foi nada mais do que paixão. Vendo o jeito que você e Lorian estão juntos... isso prova que eu não tinha nada de real com ela.

Meu peito apertou. "Desculpe."

“Não fique. Seu amor me dá esperança, querida. Há algo tão puro nisso, mesmo quando vocês dois querem estrangular um ao outro.”

Eu ri. Um lado de sua boca se abriu em um sorriso torto, mas desapareceu com a mesma rapidez.

“Ficamos juntos por meses antes de eu perceber que ela era uma sacerdotisa. Eu viajava com frequência, completando diversas tarefas para Conreth. Eu nunca a vi em suas vestes. Eu perdi completamente os sinais.”

As sacerdotisas não eram celibatárias. Não era incomum eles terem amantes. Então esse não era o problema.

“Ela não sabia que você era Fae.”

Rythos balançou a cabeça lentamente. “E então ela percebeu que estava grávida.”

Meu estômago se revirou em uma espiral apertada. Mas esperei que ele terminasse o pior de sua história.

“Para nós, fae… qualquer criança é um milagre.”

Eu balancei a cabeça. Sua baixa fertilidade parecia ser resultado de sua longa expectativa de vida.

“Quando descobri que ela estava grávida, fiquei tão extasiado que perdi o

controle do meu glamour. Ela me disse que nunca se sujeitaria a procriar com um monstro. E ela saiu. Dei a ela alguns dias, presumindo que ela se acalmaria e conversaríamos."

A tristeza apertou os cantos de seus olhos.

"Ela…"

"Sim. Ela foi até as bruxas de pedra, que usaram seu poder para…"

O calor queimou o fundo da minha garganta. Eu tinha visto Rythos com Piperia. Ele teria sido um pai incrível.

"Não consigo imaginar o quão doloroso isso foi."

"A pior parte foi... ela *queria* um filho. Ela teria feito qualquer coisa para ser mãe. Exceto ter *meu* bebê.

Seus olhos ficaram sombrios e eu peguei sua mão. "Eu sei que provavelmente parece provável que Mona seja apenas mais uma sacerdotisa de coração frio. Mas acreditar que um grupo de pessoas são todas iguais é uma das razões pelas quais este continente é como é. Você não precisa se comunicar com Mona se não quiser. Mas... você pode achar que é curativo.

Ele apertou minha mão. "Você está certo sobre acreditar que as pessoas são todas iguais. Eu só... nunca consigo vê-la com essas vestes, Prisca.

"Vou garantir que você nunca faça isso."

"Então vou pensar sobre isso."

A porta se abriu atrás de nós e Lorian saiu para a varanda.

"Prisca." Seu rosto estava tenso de tristeza.

Meus pulmões paralisaram até que minha voz era apenas um sussurro. "O que é?"

"Acabei de receber uma mensagem. O acampamento híbrido foi atacado. A maioria deles foi massacrada. Alguns ainda estão se movendo em direção ao Passo Asric, mas estão sendo caçados pelos guardas de ferro de Regner."

A maioria deles foi massacrada.

Meus joelhos ficaram fracos. Rythos pegou meu braço, me guiando em direção a Lorian, que me puxou contra seu peito. "Eu sinto muito, gato selvagem."

“Midânia. Vice.”

"Não sei."

"Ela estava certa." Soltei uma risada que saiu mais do que um pouco histérica. “Quando Madinia disse a Vicer para usar seu poder em Stillcrest, eu fui contra. E agora todos esses híbridos... as *crianças* .”

Meus olhos ardiam, mas eu não conseguia chorar. Eu não merecia a liberação de lágrimas.

Meu povo. As pessoas que eu deveria manter seguras.

Consequências.

Essas foram as consequências dos deuses? Voltei no tempo para salvar uma vida e perdi centenas ou milhares de outras?

Eu ia ficar doente. Eu era-

Um grito cortou a noite. Seguido imediatamente por vários outros.

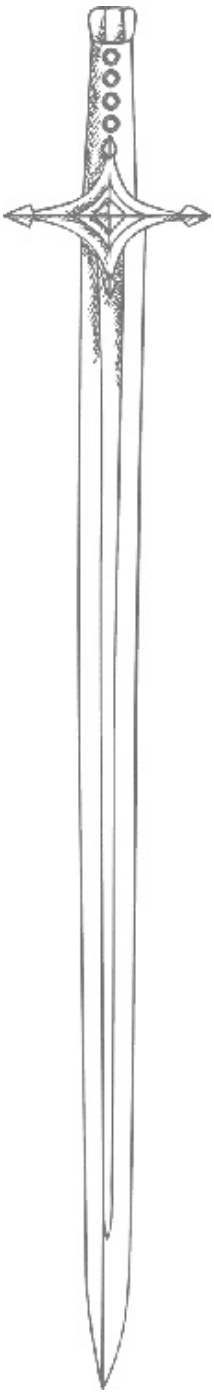
Meu coração pulou na garganta e me afastei de Lorian enquanto Rythos semicerrou os olhos para ver a distância.

“O que você pode ver?” — exigi, desejando mais uma vez a visão fae.

“Bestas aladas. Indo por aqui. Do norte.”

10

Prisca



A sala de guerra de Ekja era uma grande câmara que se espalhava pelo andar superior da ala leste do castelo. As janelas de cada lado ofereciam vistas da cidade abaixo de nós e do cais a leste.

O céu estava cheio de criaturas aladas. Provavelmente eram as mesmas criaturas que atacaram o acampamento rebelde e quase mataram Demos.

Eles pairavam em alguma linha invisível à distância, esperando para atacar.

Fora dos portões do norte da cidade, o chão era um mar negro. Mais criaturas, só que estas estavam claramente confinadas ao solo. Atrás deles, soldados carregavam catapultas e aríetes, enquanto outros construíam torres de cerco.

Chamas tremeluziam à distância. Eles estavam montando seu acampamento.

Levei um momento para alcançar os fios da minha magia, a esperança brilhando em meu peito.

Mas não. Meu poder ainda não estava em lugar nenhum.

Eu não esperava que ele voltasse. E ainda assim, a decepção me envolveu.

Lá dentro, a sala fervilhava com uma corrente de energia tensa. Cada cadeira ao redor da enorme mesa de carvalho estava ocupada pelos comandantes, generais e conselheiros de Rekja, suas expressões variando da determinação ao cansaço.

Mais soldados alinhavam-se nas paredes, com as costas retas e as mãos cruzadas atrás deles, alinhavam-se nas paredes.

“Precisamos enviar uma mensagem para Asinia, Demos e Tibris”, disse a Lorian.

“Eles estão viajando por aqui.”

“Já pronto. Eu disse a eles para irem em direção a Thobirea”, disse ele, e alguns nós no meu estômago se desfizeram. Seu olhar se voltou para Rekja, que estava perto de uma das janelas, olhando para a cidade abaixo dele. Não perguntei por que os batedores de Rekja não viram os Eprothans se aproximando antes. Se não tivessem soado o alarme, é porque provavelmente estavam mortos.

Quando seus olhos encontraram os meus, eles mostraram uma aceitação sombria.

“Regner não está aqui. Ele enviou seu general, Tymedes. Ele exigiu que eu entregasse este reino a Eprotha.

Por um longo e horrível momento, não consegui nem falar.

Rekja olhou para Lorian quando não respondi. “Isso sempre teria acontecido. O meu pai agarrou-se à sua ignorância, acreditando que Regner permitiria a existência de Gromalia. E que juntos, os reis humanos governariam todos os quatro reinos.” Sua boca se torceu.

“Esta cidade está numa localização estratégica para ocupar o resto de Gromalia”, disse Lorian. “Regner não pode tomar a capital por via fluvial, mas se esta cidade cair, os Eprothans podem usá-la como base até que estejam prontos para continuar se movendo para o sul.”

Rekja não disse nada. Seus olhos ficaram vazios, quase sem vida.

“Regner decidiu usar os monstros que está escondendo”, disse Galon.

“E isso me faz pensar onde ele está posicionando o resto de seus soldados humanos.”

Rekja gesticulou para os monstros que voavam de um lado para outro acima dos soldados de Regner. "O que eles são?"

Lorian os estudou. Embora Asinia nos tivesse enviado uma mensagem descrevendo-os após o ataque aos rebeldes, ele não quis dar a sua opinião até ver exactamente o que eram. E pela ira fria em seus olhos, ele agora sabia. “As criaturas aladas são conhecidas como skyrions. As criaturas no solo são terrovianos.” Ele olhou para mim. “Eles foram distorcidos para obedecer ao comando de Reiner, mas seu lar original estava dentro do território de Sylvielle.”

E Regner os roubou quando bebês, criando-os até que se tornassem uma parte substancial de seu exército. Havia skyrions e terrovianos suficientes aqui para destruir todos nesta cidade.

“O que fazemos?” Meus lábios estavam dormentes. Minha voz não parecia a minha.

Busquei meu poder, procurando mais uma vez por alguma pequena faísca enquanto segurava minha ampulheta.

Nada.

“Esta cidade não foi construída para um cerco prolongado”, disse Rekja. “Os residentes começarão a evacuar através de túneis abaixo da cidade. Mas não haverá tempo suficiente para tirá-los todos. Sorlithia cairá. O máximo que podemos fazer é tentar salvar o maior número de vidas possível.”

Do outro lado da sala, o lábio inferior de Thora tremeu. Este era o lugar favorito deles. A cidade para onde eles provavelmente escapavam com frequência. Eu não tinha visto muito, mas o que vi, adorei.

E Regner destruiria tudo e todos aqui.

A perda do meu poder foi paralisante. Sem ela, carregaria centenas ou milhares de mortes na consciência.

“Onde terminam os túneis?” Perguntei.

“Nas profundezas da floresta, ao longo da fronteira entre os dois reinos.”

Eu mal escondi meu estremecimento. Entre os regimentos de Regner e o campo híbrido.

“Diga a eles para irem para o sul”, eu disse.

“É claro que eles irão para o sul.” Rekja me deu uma olhada.

“Não para a próxima cidade”, eu disse. “Não para as próximas aldeias. Regner simplesmente continuará a eliminá-los. Diga ao seu povo para se deslocar em direção ao centro de Gromália.”

Rekja hesitou. Claramente, embora ele estivesse disposto a se aliar a nós, confiar seu povo às fadas ainda não era algo natural para ele.

“Estamos transferindo nosso pessoal”, eu disse. “Aqueles que não puderem lutar viajarão para o reino híbrido através do Passo Asric. Aqueles que puderem lutar se unirão – híbridos e fae lutando lado a lado. Lute conosco, Rekja. Diga aos seus generais para marcharem com o seu exército até ao sul. Nossos exércitos estão montando acampamento lá, prontos para marchar sob nossas ordens.”

Seus olhos brilharam. “E você ia pedir permissão antes de marchar para o meu reino?”

Ele estava aterrorizado por seu povo. E uma pequena parte dele culpou a mim e ao meu povo pelas ações de Regner. Então eu simplesmente dei a ele um olhar firme.

"Sim. Essa conversa aconteceria amanhã.

Seu olhar prendeu o meu, antes de lentamente mudar para o de Lorian. Mas ele sabia que não tinha escolha. Neste ponto, ele não tinha mais para onde mover seu exército sem colocá-los diretamente no caminho de Regner. E precisávamos traçar estratégias antes de encontrarmos o rei humano na batalha.

"Multar."

“Quanto tempo Tymedes lhe deu?” A voz de Marth veio de trás de nós.

Ele estava encostado na parede, afiando uma de suas lâminas.

“Vinte horas.”

Tempo suficiente para devastar o moral. Não há tempo suficiente para se preparar totalmente para um cerco. Tempo suficiente para milhares de pessoas nesta cidade contemplarem a morte. Não há tempo suficiente para a chegada de reforços.

Se Daharak já não tivesse navegado para o sul, teríamos seus navios. Mas esta batalha não seria travada na água. E os skyrions dizimariam a frota dela. Meu coração disparou. E se ela tivesse sido interceptada ao sair das águas de Gromal? Minha tia, a rainha pirata e os duzentos navios que navegaram conosco já poderiam estar no fundo do oceano.

Se ao menos tivéssemos trazido Jamic conosco. O rei fae garantiu a Rythos que ensinaria Jamic a exercer efetivamente o poder que fervilhava dentro dele. Para que, quando entrássemos no campo de batalha, Jamic pudesse acessar o máximo possível desse poder.

Mas teríamos uma chance melhor com ele aqui.

“Meu pai nunca imaginou que Regner poderia atacar este castelo”, disse Rekja, e eu me forcei a parar de pensar em “e se”. “Não temos estoque suficiente de suprimentos por muito tempo.”

Eu não disse o que todos nós provavelmente estávamos pensando. Com aquelas criaturas mortais esperando, era improvável que isso demorasse muito.

“Os skyrions atacaram o acampamento rebelde,” eu disse. “Eles foram capazes de combatê-los. Diga aos seus soldados para mirarem nas asas ou na cabeça.”

"E você?" ele perguntou, apontando para a ampulheta em volta do meu pescoço.

“Não consegui acessar meu poder desde que derrubamos a barreira.”

Lutei para manter minha voz firme. Mas tive que me preparar contra a amarga decepção nos olhos de Rekja.

Ao nosso redor, o pessoal de Rekja murmurava, com expressões sérias. Lorian deu um passo à frente, pegando minha mão. “Se temos vinte horas, precisamos usá-las para tirar o máximo possível de pessoas da cidade”, disse ele. “Sem criar pânico ou alertar o general de Regner sobre nossos planos.”

E assim, à medida que o sol subia no céu, viajamos pelas belas ruas Sorlithianas que eu admirava. As ruas que logo ficariam vermelhas de sangue. Cada um de nós carregava um selo de Rekja, garantindo que seu povo acreditaria em nós quando contássemos o que estava acontecendo.

A evacuação precisava ser silenciosa. Contido.

Assim como os rebeldes construíram túneis sob Lesdryn, algum ancestral inteligente de Rekja fez o mesmo sob Sorlithia. Talvez ele conhecesse Regner. Sabia-se que era apenas uma questão de tempo até que o louco do norte se voltasse contra o povo Gromaliano.

Famílias inteiras pegaram tudo o que puderam carregar e correram para os túneis. Isso não era algo que nenhum deles tivesse planejado, mas eles agiram rapidamente. Talvez mais pessoas escapassem do que eu imaginava inicialmente.

Ainda assim, procurei repetidas vezes pelo meu poder.

Por favor , implorei aos deuses. *Por favor* .

Onde meu poder irradiava profundamente dentro de mim, agora não havia nada.

Alguns dos Sorlithianos que estavam fracos demais para se mover foram carregados. Mas outros não puderam ser movidos. Eles ficariam com os curandeiros humanos que se recusavam a sair do lado de seus pacientes, desafiando as ordens de qualquer um que tentasse fazê-los sair.



Meus olhos queimaram, os músculos do meu peito se contraíram. Tibris também teria ficado.

Nosso próprio curandeiro estava em um dos navios de Daharak – esperançosamente ainda navegando para o sul.

Finalmente, exaustos, voltamos ao castelo para preparar o próximo passo.

Lorian beijou minha testa. "Eu quero que você tente descansar um pouco."

Apertei os olhos para ele.

Ele rosnou de volta para mim, claramente exausto. “Você está quase dormindo em pé.”

Abaixei meu olhar. “Meu poder ainda não retornou, Lorian. Se tudo que posso fazer é ajudar as pessoas a fugir, então…”

Sua mão pegou meu queixo e ele esperou até que eu encontrasse seus olhos. Eles suavizaram. “Não se atreva a acreditar nem por um segundo que você vale como rainha

—ou mesmo como pessoa— depende da sua capacidade de acessar esse poder.”

Um nó se formou na minha garganta. Eu o ouvi, mas neste momento, quando meu poder poderia salvar tantas vidas... Era difícil acreditar que eu não tivesse falhado com todos que morreriam hoje.

“Ainda há pessoas que se moviam devagar demais para evacuar”, murmurei.

“É tarde demais”, disse Rekja atrás de nós. “Tymedes ficou impaciente.

Nosso tempo acabou.”

LORIANO

Regner não poderia saber que Prisca viria aqui. E ainda assim, seu general provavelmente estava esfregando as mãos com a ideia de matar a herdeira híbrida e levar seu corpo de volta para seu rei como um gato exibindo sua presa.

Com um pensamento, dissolvi meu encanto humano e retornei à minha forma fada. Meus dentes e orelhas se alongaram, meu corpo ficou um pouco mais forte, meus sentidos aguçados.

Nenhum de nós estava usando armadura.

Nem Prisca. Ela era muito pequena. Ao contrário dos reinos híbridos ou feéricos, que reconheciam que as mulheres podiam ser as lutadoras mais cruéis de todas, a maioria dos soldados em Gromalia e Eprotha eram homens. Os peitorais eram muito grandes, as manoplas a impediriam de usar as mãos e a cota de malha a atrasaria.

Para Marth, Galon, Rythos e eu, a armadura era muito pequena. Mesmo nas nossas formas humanas, restringiria os nossos movimentos.

Prisca encontrou meu olhar, levantando uma sobrancelha. Mesmo se eu pudesse arrancá-la daqui, ela nunca seria a primeira a sair. Eu teria que deixá-la inconsciente.

“Nem pense nisso,” ela murmurou. “Posso não ter meu poder, mas tenho meu cérebro e ainda posso brandir uma espada.”

Ela poderia. Ela era rápida – ainda mais rápida com suas adagas do que com sua espada.

Ninguém treinou mais do que meu gato selvagem, mesmo durante a viagem.

“Um momento,” eu disse, apontando para a porta e olhando para Marth, Rythos, Galon e Prisca.

Rekja assentiu, virando-se para olhar pelas janelas.

Abri a porta do outro lado do corredor, encontrando uma pequena sala de estar.

Prisca seguiu em frente, murmurando baixinho para Rythos. Agarrei o braço de

Galon. “Eu preciso que você—”

"Eu sei. Se você cair ou parecer que não há mais esperança, eu a tirarei de lá. Eu prometo.

Parte da tensão desapareceu dos meus músculos. Mas me inclinei mais perto. “Você precisará reter algum poder durante a batalha. E... se chegar a tal escolha, Prisca lutará com você.”

Sua boca se contraiu. “Deixe-me me preocupar com isso.”

O alívio passou por mim como uma brisa fresca e entramos na sala com os outros, Galon fechando a porta atrás de nós.

“Rekja sabe que esta cidade vai cair”, eu disse. “Mas embora ele possa pensar que entende o que isso significa, será muito, muito diferente quando realmente acontecer.”

Rythos assentiu. “Este é seu primeiro teste como rei – ainda não foi coroado. E ao contrário do seu pai, ele realmente se preocupa com o seu povo. Ele provavelmente tentará ficar.

Se ele morrer, atualmente não haverá sucessor para o trono Gromaliano.”

Eu balancei a cabeça. Eu já tinha visto isso uma e outra vez. Líderes que ficaram para trás numa tentativa desesperada de salvar o seu povo. Nunca terminou bem.

“O que significa que seus generais e parentes distantes estarão lutando pelo poder”, disse Marth. “Bem enquanto precisamos dos Gromalianos aliados a nós e focados na ameaça que Regner representa.”

Prisca assentiu, mas eu poderia dizer que isso ainda a incomodava pensar dessa forma. Na cabeça dela, deveríamos querer salvar Rekja porque ele era um bom homem. E porque ninguém deveria ser deixado para trás para morrer.

“Então vamos tirá-lo daqui”, disse ela, encontrando meu olhar. Havia uma pitada de desafio em seus olhos.

“Se for o caso, nós o nocauteamos e o arrastamos para fora da cidade”,

Galon disse.

“Isso seria suficiente para ele declarar guerra”, alertou Rythos.

Eu mal o ouvi. Eu estava muito ocupado olhando para o corpo desprotegido de Prisca.

Por mais que eu ainda quisesse atacar o arsenal de Rekja, seria inútil.

O pânico me cortou como uma lâmina, e minha voz era igualmente cortante.

“Você fica ao meu lado, gato selvagem. Quero dizer. Se você sair vagando para salvar alguma alma azarada, eu mesmo o tirarei daqui.

Galon estava perto o suficiente de mim para que eu pudesse ver seus ombros tremendo com o canto do olho. Marth fez um som sufocado. Prisca estreitou os olhos para os dois antes de se voltar para mim. “Ameaças são desnecessárias”, ela retrucou.

Rythos começou a rir. “Com uma mulher tão teimosa como você, ameaças são tudo o que Lorian tem.”

Todo o meu corpo ficou frio de repente. Eu podia sentir aqueles olhos em mim mais uma vez. O cabelo da minha nuca se arrepiou e eu reprimi um rosnado. Se um dos deuses das trevas quisesse me arrastar para Hubur, eles não fariam isso durante esta batalha.

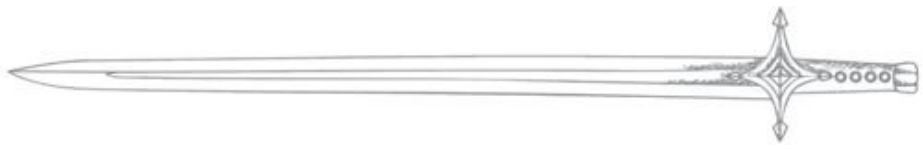
Eu não deixaria Prisca sozinha. Aqui não.

Prisca cheirou Rythos. "Traidor." Voltando sua atenção para mim, ela pegou minha mão. Sua pele era tão macia, os ossos de sua mão delicados. Frágil.

“Eu sei que sou inútil sem meu poder, Lorian. Eu ficarei por perto. Eu prometo.

Lancei um único olhar para os outros, e eles pegaram suas armas e saíram da sala.

Peguei o queixo de Prisca com a mão. “Você não é, e nunca poderia ser, inútil. Se fiz você se sentir assim, peço desculpas, gato selvagem. Eu simplesmente pensei que teríamos mais tempo antes... disso. Eu sabia que você lutaria, mas imaginei você totalmente armado e capaz de acessar sua magia, com armadura suficiente para mantê-lo o mais seguro possível... e nossos próprios exércitos nas suas costas.”



Uma espécie de pânico doentio tomou conta do meu peito quando percebi o quanto ela estaria em perigo.

Sua expressão suavizou-se. “Esta cidade vai cair. Eu sei disso, Lorian. E irei embora quando não houver outra escolha. Mas até lá, salvaremos tantas vidas

quanto pudermos.”

Acariciei seu queixo teimoso com o polegar. "Negócio."

PRISCA

Meus pulmões queimaram, meu coração disparou e eu ainda não tinha brandido minha espada.

Atrás de mim, Lorian esperou que eu subisse a escada interna até o topo da muralha norte da cidade, seguindo-me quando cheguei ao topo.

Rekja havia estacionado a maioria de seus soldados aqui, onde eles poderiam usar as ameias e ameias como cobertura enquanto observavam a batalha. O ar estava denso de medo e expectativa, carregado com a energia de uma tempestade prestes a estourar.

O próprio rei usava uma armadura prateada, seu capacete adornado com uma faixa verde gravada no metal. Ele estava a algumas centenas de passos de distância, na intersecção noroeste das muralhas da cidade, com o olhar voltado para o nosso inimigo à distância.

O cheiro do mar se misturava com fumaça e ferro. Atrás de nós, a cidade se estendia, o povo de Rekja correndo para salvar suas vidas.

Os soldados ao nosso redor moviam-se com determinação, as armaduras tilintando suavemente enquanto ajustavam os capacetes, verificavam as armas, brincavam desconfortavelmente com aqueles com quem lutariam e morreriam ao lado.

Uma buzina soou ao longe e o chão pareceu ondular enquanto milhares de criaturas disparavam em direção à cidade. Meus dentes começaram a bater.

A mão de Lorian encontrou meu ombro e apertou. Ele não disse uma palavra, simplesmente ficou ao meu lado, um apoio silencioso.

Skyrions escureceram o céu, batendo asas emplumadas enquanto alguns deles se separavam, talvez para perseguir os navios de Daharak. A névoa rolou sobre minha mente,

até que só consegui pensar em uma palavra: Telean.

Não estávamos conversando no momento. Nenhum de nós se despediu antes de eu partir. A esta altura, eu deveria saber que não devo desafiar o destino dessa maneira. Minha tia estava em um desses navios e...

Não. Se eu pensasse assim, o terror me paralisaria.

Tive um vislumbre de um dos skyrions, destacado pelo luar.

Braços longos terminando em garras, coluna curvada, olhos vermelhos brilhantes...

Meu estômago embrulhou.

No chão, os terrovianos correram em direção às muralhas. O pelo deles era escuro, tão macio que parecia quase como óleo escorrendo pelas cristas dos músculos. As cabeças das criaturas balançavam, baixas e concentradas, provocando um arrepio na minha espinha. Foi como ver sombras ganhando vida.

Desviei meu olhar e percebi um músculo pulsando na mandíbula de Lorian. Suas mãos se fecharam e eu praticamente pude sentir a frustração consumindo-o.

“Você pode matar todos eles, não é?”

“O poder que queima através de mim quando você está em perigo... posso acessá-lo mais uma vez. Provavelmente posso matar tudo no céu”, disse Lorian. “É muito difícil diferenciar os alvos no terreno, e o fogo das fadas se espalharia, causando mais danos às pessoas que permanecem nesta cidade do que o exército de Tymedes.”

“Você… você manteve seu fogo contido no castelo de Eryndan.”

“Porque queimou por meros momentos em um espaço confinado. Isso devastaria qualquer coisa que tocasse.” Seus olhos ficaram atentos. “Ficarei quase impotente se fizer isso. Atualmente você não tem acesso ao seu próprio poder.”

E a parte protetora dele que insistia que ele me protegesse de tudo que fosse perigoso estava insistindo para que ele conservasse esse poder.

"Faça isso. Mate as criaturas no céu.” Lorian era a morte com uma arma na mão. Mas eu ouvi de Asinia quanto dano as criaturas aladas poderiam causar.

Os primeiros skyrions alcançaram as muralhas da cidade, dobrando as asas e mirando nos soldados de Rekja.

“Fogo”, gritou um dos generais de Rekja.

Flechas encheram o céu. Mas onde cada skyrion caiu, outro tomou o seu lugar, cortando com dentes e garras, levantando soldados da parede e jogando-os no chão. Busquei meu poder por hábito, inutilmente

observando enquanto um dos soldados pulava o muro, seu olhar travado no meu.

Agarrei o braço de Lorian.

“Pessoas inocentes estão morrendo!”

Um músculo se contraiu em sua mandíbula. Eu não deveria ter tentado esse tipo de lógica. Lorian salvaria inocentes sempre que pudesse, mas se dependesse de mim ou deles, ele me escolheria sempre.

“Eu vou protegê-la,” Galon disse atrás de nós. “Você sabe que tenho poder suficiente para fazer isso.”

Lorian se virou e o estudou. Suas maçãs do rosto pareciam ainda mais nítidas do que o normal, seus olhos selvagens.

“Por favor,” eu implorei.

Ele deu um aceno rígido, virando-se para o céu. Sua expressão ficou quase serena. Relaxado. Como se tivesse levado tudo de si para *não* usar seu poder, e isso fosse algum tipo de liberação mental e física.

Seus olhos ficaram brancos, como às vezes acontecia quando o raio se libertava. Mas não foi esse poder que ele almejou. Não, foi o fogo feérico que varreu o céu. Vermelho, laranja, amarelo e roxo. Minha respiração ficou presa. Era tão lindo e mortal quanto o próprio homem.

Cada skyrion no ar virou cinzas.

Suspiros sufocados soaram atrás de nós. Passos soaram, como se alguém tivesse se virado para correr.

Um homem soltou um som parecido com um guincho. "Sanguinário-"

“Não se atreva!” Virei-me para o soldado de Rekja.

O braço de Lorian passou pela minha cintura e ele enterrou a cabeça no meu pescoço.

Todo o seu corpo tremia de fadiga óbvia. Mas depois de uma longa inspiração, ele levantou a cabeça.

Segurei seu rosto até que ele olhou para mim. Seus olhos eram selvagens de uma forma que fez meu coração disparar. Mas ele não precisava de medo. Não de mim.

Lentamente, ele voltou a si. Seus lábios pressionaram os meus por um breve momento, e ele inalou novamente, como se meu cheiro estivesse limpando sua cabeça.

Um dos soldados de Rekja virou-se para nós, com o rosto branco. “Eles são…

Algumas das criaturas no chão estão fugindo.”

Eu segui seu olhar, minha respiração parando em meu peito...

Ele estava certo.

Alguns dos terrovianos que estavam arranhando as paredes estavam se virando para correr, seus instintos provavelmente gritando com eles após a dizimação de Lorian.

Mas ainda mais deles estavam cravando suas garras naquelas paredes. E me permiti imaginar — só por um momento — o que eu poderia fazer se tivesse meu poder.

E então eles começaram a uivar.

O som perfurou a noite, parecendo sacudir a pedra sob meus pés.

O cheiro de medo e suor subiu pelas minhas narinas e todo o meu corpo ficou frio.

“Seus uivos aumentam o medo”, disse Galon, pegando uma besta de um dos soldados de Rekja – um jovem que tremia demais para mantê-la reta. A flecha de Galon se alojou direto na garganta do terrovian que subia a parede, e a criatura caiu, levando vários outros consigo.

A recusa sensata de Galon em entrar em pânico pareceu ajudar os soldados ao nosso redor a buscarem a própria calma. Eles lançaram flecha após flecha, derrubando tantos terrovianos quanto puderam antes que as criaturas alcançassem o topo das muralhas.

Lorian envolveu minha mão em minha espada, lançou-me um olhar que me alertou para não fazer nada que pudesse lhe causar um único momento de preocupação, e virou-se para decapitar a primeira criatura que chegasse ao topo dos portões da cidade.

Ao meu lado, Rythos cortou um terrovian quase em dois. Do outro lado, Marth enfiou a espada profundamente, antes de chutar a criatura no chão e golpeá-la mais uma vez.

Algo avançou em minha direção e tudo que pude ver foram dentes longos e ferozes. Eu me virei e a criatura passou pelo meu corpo, mas foi incrivelmente rápida, imediatamente se endireitando com uma graça fluida e ameaçadora.

Avancei, direcionando minha espada em direção à criatura. Ele se movia com uma agilidade assustadora, mas a insistência de Galon em exercícios repetitivos e intermináveis finalmente aperfeiçoou meus reflexos. Minha espada atingiu o

alvo, mergulhando na lateral da criatura. Ele uivou, e o som causou arrepios na minha espinha, me incentivando a soltar a espada. Em vez disso, apertei minha mão e a fera se debateu, seus movimentos tornando-se erráticos, desesperados. Eu segurei, empurrando mais fundo enquanto o sangue quente jorrava sobre minhas mãos.

Mas eu precisava da minha espada livre. Arrancando minha lâmina da criatura, me virei, ficando cara a cara com um terrovian que me atacou a poucos centímetros de distância.

Soltei um grito. A cabeça do terrovian bateu no chão e meus olhos encontraram os de Lorian.

Ele me examinou em busca de danos, seus olhos ferozes. Dei a ele o que esperava ser um aceno tranquilizador, e ele se plantou mais perto de mim, virando-se para chutar o próximo animal.

Minha respiração era ofegante, minha mão escorregadia no punho da minha espada. Era mais pesado do que qualquer coisa com a qual eu havia treinado, mas eu balancei de novo e de novo e de novo. Um dos soldados de Rekja gritou, caindo da parede, com o peito em ruínas sangrentas. Tive um vislumbre do próprio rei, mais perto de nós agora, enquanto ele atacava o terrovian, antes de ser forçado a me virar e enfrentar o próximo ataque.

A criatura morreu com minha espada enterrada em suas entranhas, e tive um único momento para olhar para baixo enquanto os portões estremeciam. Os soldados Eprothan seguiram os terrovianos. Os humanos bateram aríetes na parede, no portão, em tudo que puderam. À nossa direita, vários deles subiam com dificuldade uma torre de cerco. Galon esperou até que estivessem quase no topo antes de liberar seu próprio poder, a água batendo na torre e levando embora quaisquer soldados ou terrovianos ao seu alcance.

Lorian se inclinou, decapitando outra criatura antes de se virar para Galon com um grunhido. Ele queria que Galon conservasse seu poder para nos tirar de lá. E eu sabia que se tivesse tido o meu poder, esse acordo não teria sido necessário.

A amargura em minha língua tinha um gosto quase tão ruim quanto o sangue terroviano que espirrou em meu rosto.

Galon apontou a cabeça para trás e eu segui seu olhar. Ele nos deu tempo. É hora de trazer óleo das cozinhas. Esta cidade não poderia estar menos preparada para o ataque. Teríamos que usar o óleo com moderação.

O líquido escaldante brilhou ameaçadoramente e Rekja esperou até o momento exato em que os portões estavam quase cheios de criaturas e soldados.

Ele acenou com a cabeça para um de seus soldados, que ergueu a mão. O enorme

caldeirão ergueu-se no ar, inclinando-se lentamente. E então ele se moveu por toda a largura do portão, derramando óleo sobre qualquer um – e qualquer coisa – abaixo dele.

Os gritos eram arrepiantes.

Mas o petróleo nos deu alguns momentos desesperados para beber um pouco de água enquanto os terrovianos recuavam da parede abaixo de nós, rosnando. Pesquisei Lorian, Galon e Marth. Todos eles estavam cobertos de sangue, mas nenhum parecia gravemente ferido.

“Rythos?”

Lorian acenou com a cabeça atrás de mim e eu me virei, encontrando Rythos inclinado precariamente na parede.

“Ele está *falando* com alguém?” Dei alguns passos mais perto, minha cabeça girando. Mas era um grupo de soldados Eprothan pendurados na parede.

O óleo não os alcançou e eles apontaram para Rythos. Eles chegaram perto o suficiente dele para que ele pudesse usar seu poder.

Em poucos instantes, eles começaram a se voltar contra seu próprio povo, criando confusão e caos. Rythos se levantou e tropeçou. Claramente, ele gastou muito poder em pouco tempo.

Lancei-me em direção a ele, mas Marth já estava lá, evitando que ele caísse.

Meu olhar deslizou além dos outros, para os soldados de Rekja. E meus músculos travaram.

Eu estive lutando no meio de guerreiros fae mortíferos e experientes. E então eu não tinha percebido o quão terrível nossa situação havia se tornado. Os soldados que Rekja ordenou que ficassem na muralha haviam diminuído significativamente.

Mesmo seus melhores guardas não foram capazes de manter a linha por muito tempo contra os soldados inchados com a magia de Regner e flechas com pontas de ferro feérico.

Era apenas uma questão de tempo até que o inimigo conseguisse passar. As escadas de cerco já estavam sendo puxadas para perto mais uma vez.

O desespero deslizou em meu peito como uma lâmina bem afiada. Eu puxei, procurando automaticamente os fios do meu poder mais uma vez. Mas foi como se esses fios tivessem sido cortados.

Pessoas iriam morrer aqui, e tudo que eu podia fazer era matar alguns terrovianos.

Seria esse o preço de que Telean falara? As consequências das minhas ações seriam ver inocentes morrerem um por um, até que fossem meus amigos e familiares os massacrados?

E então as criaturas estavam sobre nós em um turbilhão de pelos, presas e medo, cada terroviano um borrão de graça mortal, e não houve tempo para descansar, nem tempo para pensar, à medida que mais terrovianos chegavam à parede – soldados Eprothanos seguindo de perto. Em algum momento, eles já haviam conseguido subir outra escada de cerco.

Certa vez pensei que poderia achar difícil matar humanos. Mas a raiva que queimava dentro de mim tornou tudo muito, muito mais fácil do que eu jamais imaginei.

Esses soldados estavam cheios de sede de sangue, treinados para atacar inocentes.

Eles matariam todos nesta cidade se ordenados.

Quando viram Lorian e os outros, muitos soldados vacilaram. Mas sem ter para onde ir, eles atacaram. De novo e de novo.

Galon usou seu poder para varrer mais deles, enquanto eu praticamente podia sentir Lorian ansioso por mais de seu próprio poder. Ele foi capaz de invocar raios suficientes para trabalhar com a água de Galon, matando qualquer soldado que tivesse o azar de tocar aquela água, mas a frustração e o cansaço guerreavam em seu rosto.

E ainda assim, se ele não tivesse matado os skyrions, a cidade já teria sido de Regner.

Um soldado Eprothan investiu contra mim e eu encontrei sua espada. Porra, ele era forte. Bati meu pé em seu joelho e ele uivou, balançando a espada novamente. Mas foi desleixado, seu corpo desequilibrado. Correndo para o lado, eu tropecei nele, jogando-o da parede.

Virei bem a tempo de bloquear a próxima espada, torcendo meu corpo para proteger minha própria lâmina – e braço.

Isso não foi nada parecido com treinar com Galon. Nunca poderia imaginar ter tão pouco espaço para trabalhar, a pedra escorregadia de sangue e água sob meus pés. Estava tão lotado que mal tive espaço para me mover.

Mas cada soldado e criatura que matamos era um a menos para matar as pessoas

inocentes desta cidade.

O caos reinou.

Uma lâmina passou pela minha guarda, cortando meu braço. Uma dor quente subiu pelo meu bíceps e um grito sufocado saiu da minha garganta enquanto a mão da minha espada vacilava.

Lorian estava instantaneamente ali, sua própria espada cortando o peito do soldado.

“Não é ruim”, protestei, mas ele já havia rasgado um pedaço da túnica para amarrar no ferimento.

“Prisca.” Sua voz era gentil. Eu sabia o que ele iria dizer.

"Não."

“Eu quero que você vá,” Lorian murmurou, como se eu não tivesse falado. Seu punho deslizou e bateu no rosto de um soldado que se aproximava. O homem caiu de joelhos com um grunhido e Rythos o chutou para fora da parede. O soldado gritou por um breve momento. “Com Galon,” Lorian continuou. "Agora."

“Você sabe que não vou te deixar.” Era como se ele tivesse sido despedaçado ontem, uma hora atrás, um segundo atrás. Quando olhei para ele, tudo que pude ver foi gelo.

Ele agarrou meu queixo, seus olhos verdes queimando nos meus. “Todos nós iremos embora em algum momento. Eles vão tomar esta cidade.”

“Nós vamos juntos. Não vou deixar você aqui, impotente.” Não depois de vê-lo morrer tão recentemente.

“Você me deixa louco.”

"Eu também te amo."

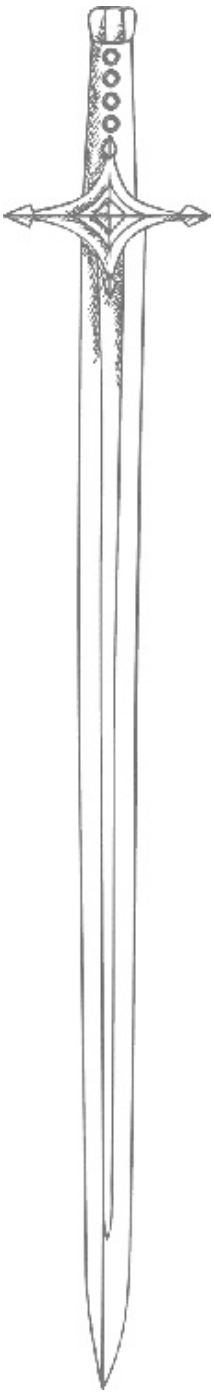
Seus lábios se contraíram. Então eu estava em seus braços, sua boca caindo sobre a minha. Dentro de um momento, estávamos lutando lado a lado mais uma vez, o breve adiamento acabou.

Lancei-me em direção ao soldado visando as costas de Lorian, um grunhido selvagem saindo da minha garganta.

E então Marth gritou o nome de Rythos.

11

Loriano



ah, você está certo! uma voz rugiu, ecoando pela minha cabeça até que eu girei.

“Uma voz que fez meu coração pular na garganta.

Uma voz que pensei que nunca mais ouviria.

Procurei por ele freneticamente, meu olhar preso em Rythos, que lutou com ferocidade brutal contra dois soldados de Regner, com os dentes à mostra e os olhos iluminados pelo desafio.

Mas um terceiro se aproximava por trás. Ao lado dele, Marth chutou um dos terrovianos, enterrando a espada no olho de outro.

Um deles se agachou, preparando-se para lançar-se sobre ele, mas ele já estava se movendo, abrindo caminho em direção a Rythos.

Abaixando-me sob um soldado que empunhava uma maça e um escudo, bati meu pé na lateral de seu joelho e deslizei ao redor dele, atacando repetidamente.

O tempo desacelerou até o mínimo rastejamento.

Rythos girou. Seu braço já estava subindo, lento demais para desviar o ataque por trás.

Marth estava instantaneamente lá. Ele balançou sua espada. Mas o terrovian o atingiu de lado, desequilibrando-o.

Minha própria espada já estava assobiando no ar, e a cabeça do terrovian caiu na pedra, separada de seu corpo. Mas Marth foi lento demais para enfrentar a faca ainda apontada para Rythos com sua própria lâmina.

Então ele encontrou isso com seu corpo.

Rythos emitiu um som entre um rugido, um uivo e um soluço. Ecoou pela parede, até parecer que a luta parou por um breve momento. Ele se moveu mais rápido do que eu já o tinha visto antes, sua adaga chicoteando para cortar o soldado na garganta.

A mão de Marth já havia alcançado o cabo da faca enterrada em seu peito.

“Não toque na faca!” Prisca gritou. Ela contornou um soldado e se agachou, cortando seus tendões. Ele se curvou, já caindo, e ela o chutou cruelmente na bunda, fazendo-o cair da parede.

Meu olhar encontrou o de Marth. Ele ainda estava vivo. Mas o ferro fae tão perto de seu coração...

Rythos apertou a mão de Marth, impedindo-o de puxar a lâmina e sangrar aqui mesmo. “Você sabe melhor,” ele rosnou.

Marth desmaiou. Rythos facilmente o levantou, embalando-o contra o peito.

“Eles invadiram a cidade”, disse ele. “É hora de recuar.”

Cortei minha espada na garganta de um soldado que se aproximou demais e examinou a cidade abaixo de nós. Rythos estava certo. Enquanto guardávamos esta parte da muralha, o exército de Regner apenas atacou os pontos mais fracos.

Escadas de cerco estavam agrupadas ao longo das paredes norte e oeste. Mesmo enquanto observava os soldados de Rekja usarem o pouco poder que lhes restava na tentativa de derrubá-los...

Já era tarde demais.

Os soldados invadiram as muralhas e atacaram a cidade. Os gritos foram transmitidos pelas espadas que nos cercavam.

Havíamos ganhado o máximo de tempo possível para a cidade. Mas agora precisávamos garantir que Rekja saísse daqui com vida.

Na cidade às nossas costas, um soldado Eprothan arrastou uma mulher Gromaliana pelos cabelos, com um sorriso cruel no rosto. Galon jogou uma de suas adagas e o soldado caiu, apertando a garganta enquanto sangrava. A mulher caiu com ele, mas não hesitou, ficando de pé e correndo para salvar a vida.

“Leve Marth,” eu mordi. “Estou indo atrás de Rekja.”

Galon amaldiçoou. Mas ele sabia que eu estava certo. Marth precisava de um curandeiro e eu precisava garantir que o rei Gromaliano permanecesse vivo.

A cabeça de Marth pendeu, mas ele ergueu a mão, apontando.

Eu me virei, meu olhar encontrando Rekja lutando no topo de uma ameia, com Thora ao seu lado.

Prisca disparou para perto, atacando outro soldado. Mas o cerco de Eprothan foi um sucesso. Tínhamos salvado tantas vidas quanto podíamos.

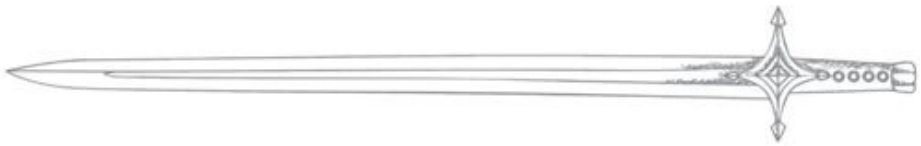
Os olhos de Galon encontraram os meus. “Você precisa levar Rythos com você.”

Rythos olhou para Marth e abriu a boca, claramente dividido. Mas seu olhar mudou para Rekja, ainda balançando a espada, e ele assentiu.

Se Rekja não fosse embora, Rythos usaria seu poder para convencer o rei Gromaliano de que era a melhor ação. Usar seu poder em um aliado mataria uma parte dele. Para alguém que um dia ele poderia ter chamado de amigo, mas depois de tudo que acabamos de saber sobre Stillcrest e Vicer e a carnificina que se seguiu...

Haveria tempo para ele enfrentar a moralidade de suas ações após a guerra. Se vivêssemos o suficiente.

Rythos entregou Marth para Galon. Marth soltou um gemido fraco, mais cor sumindo de seu rosto.



Prisca olhou para ele com os olhos cheios de horror reprimido. Meu peito apertou. “Você precisa ir com Galon, gato selvagem.”

Prisca fez uma careta, mas não discutiu. Ela voltou seu olhar para os soldados que invadiam a cidade, os nós dos dedos brancos enquanto segurava a ampulheta em volta do pescoço.

Galon apertou meu antebraço. “Eu vou tirá-los de lá”, ele prometeu.

Minha garganta engrossou. Os olhos de Marth estavam fechados agora. Eles abririam novamente? Ou, como Cavis, seu destino seria morrer com ferro feérico no peito?

Galon avançou em direção às escadas, atacando ocasionalmente com sua espada, mas conservando seu poder para mais tarde, quando precisassem chegar a um dos túneis.

Prisca me deu uma última olhada. Não havia nada que precisássemos dizer. Mas eu memorizei o rosto dela. “Vejo você em breve.”

Sua boca tremia, mas ela forçou um sorriso. "Breve."

E então ela se foi, protegendo as costas de Galon e Marth.

PRISCA

Os soldados de Regner aprenderam sobre alguns dos túneis. Era evidente, pelas janelas quebradas dos prédios que abrigavam aqueles túneis, que havia pessoas mortas nas proximidades.

Provavelmente eles seguiram alguns dos Gromalianos que conseguiram escapar e os estavam matando neste exato momento.

Calafrios surgiram em minha pele.

Já havíamos marcado o túnel que precisávamos. O túnel que nos levaria mais

perto de um dos curandeiros que Rekja ordenou que fosse evacuado muito antes do prazo final de Tymedes.

Galon usou seu poder repetidas vezes enquanto corríamos pela cidade. Ele inundou o rio, enviando-o em direção a um grande grupo de soldados com a intenção de perseguir vários Gromalianos em fuga. Ele derramou água na boca e nos olhos, deixando os soldados sufocados atrás de nós enquanto caminhava pelas ruas que havia conhecido.

claramente memorizado. Ele criou trombas d'água com tanta pressão que elas perfuraram pele e carne.

Eu me esforcei, buscando meu próprio poder. Tudo que encontrei foi uma terrível dor de cabeça. Minha mão apertou minha espada e protegi nossas costas contra qualquer um que pensasse em nos seguir.

Os braços de Galon estavam ocupados com o corpo inerte de Marth. E embora uma mão segurasse sua espada, eu sabia que ele não se arriscaria a empunhá-la a menos que fosse necessário. Não com Marth indefeso e tão perto da morte. Até o andar de Galon era suave, garantindo que ele não empurrasse muito Marth.

E então Galon drenou seu poder, porque o meu não estava em lugar nenhum.

Quando encontramos a rua correta, seu rosto estava cinza. Ele se inclinou nas sombras de uma casa de tijolos, ofegante. “Estou fora.”

O desamparo me devastou. Eu não poderia carregar Martha. Ele simplesmente pesava demais. E se eu o deixasse cair, a faca em seu peito poderia atingir seu coração.

Um som sufocado ecoou na minha cabeça. O som que Cavis fez quando—

Não.

Se eu não me concentrasse, todos nós estaríamos mortos.

Ao nosso redor, gritos rasgaram a noite. Os soldados já tinham começado a saquear a cidade e as chamas subiam à distância, devorando avidamente as casas e os meios de subsistência das pessoas que viviam aqui.

Precisávamos atravessar esta rua. E ao fazê-lo, seríamos perfeitamente recortados pelas chamas à nossa direita.

“Eu irei primeiro”, disse Galon. “Espere até eu sinalizar para você.”

Foi inteligente e entendi seu raciocínio. Se alguém olhasse para a rua, ele seria o único visto.

Pelo menos no começo.

Como não poderia contribuir em nada para a nossa fuga, não discuti. Com um último olhar para mim, Galon atravessou a rua, escondendo-se atrás de uma carruagem tombada.

Quase o segui.

Mas algum sentido que eu não conseguia definir gritou comigo.

Eu hesitei.

Uma mulher passou correndo por mim, balançando os braços e boquiaberta. Atrás dela, um soldado corria facilmente a uma curta distância, claramente aproveitando o fato de poder alcançá-la a qualquer momento.

Minha hesitação salvou minha vida.

O soldado agarrou-lhe o cabelo e o seu grito transformou-se num soluço sufocado.

Lentamente, Galon começou a abaixar Marth até o chão. Ele não teria tempo suficiente. Tudo ficou em silêncio ao meu redor enquanto eu me curvava apenas o suficiente para avançar na ponta dos pés.

Respirei fundo.

Outro soldado passou correndo. Caí no chão e rastejei em direção às sombras de uma carroça na lateral da rua, implorando silenciosamente aos deuses por apenas uma ajudinha. Apenas o suficiente para que ele não notasse meu movimento com o canto do olho.

O soldado soltou uma risada selvagem, e foi tão deslocada que por um segundo não acreditei ter realmente ouvido. Mas a risada continuou e continuou. Porque ele estava se *divertindo.*

O calor começou a queimar minhas entranhas. Minha mão apertou o punho da minha espada com tanta força que parecia que meus ossos poderiam quebrar.

Diminuindo a marcha, o soldado disse algo que não consegui ouvir ao amigo. Os dois olharam ao redor e eu congelei como um coelho, consciente de quão pouca cobertura eu tinha naquelas sombras.

Eu precisava do elemento surpresa. Eu caí para a direita e não consegui mais ver Galon. Mas ele provavelmente estava se preparando para atacar. Se eu chegasse um pouco mais perto, poderia eliminar o segundo soldado enquanto Galon atacava o primeiro.

E foi então que eu os vi.

Quatro crianças, amontoadas sob a carroça puxada por cavalos. O garoto mais próximo estava pressionado contra uma das rodas, seus olhos quase tão grandes quanto aquelas rodas enquanto ele me encarava desesperadamente no escuro.

Meu coração batia dentro da minha garganta. Se as crianças fizessem barulho, elas estavam mortas.

Levei um dedo à boca, voltando-me para os soldados.

A mulher atacou com uma adaga que havia escondido na mão ao seu lado.

Afundou nas entranhas do soldado. Ele não hesitou. Com um rugido, ele puxou a lâmina e a enfiou na garganta dela.

O mundo escureceu ao meu redor e girou lentamente. Pisquei várias vezes, como se pudesse clarear a visão e desfazer o que acabara de ver.

A mulher estava morta antes que sua cabeça caísse no chão.

Mas o mesmo aconteceu com o primeiro soldado. Ele olhou para o sangue escorrendo de seu estômago, incrédulo, caindo de joelhos.

E *foi* por isso que a lâmina permaneceria no peito de Marth até que um curandeiro a removesse. Olhei para as crianças. Seus olhos estavam tão arregalados quanto os meus provavelmente. Felizmente, um dos meninos cobriu os olhos de uma menina e olhou para mim, impotente.

Eu tive que tirá-los daqui.

Movimento na rua. O segundo soldado cuspiu no corpo da mulher, pegou a faca do chão e colocou-a numa bainha vazia no tornozelo.

Uma das crianças espirrou.

Estremeci quando o som se prolongou pela noite, e meu coração trovejou até que pude senti-lo vibrando em minha garganta.

Uma criança mais velha tapou a boca da criança mais nova com a mão, e os rostos de ambos estavam tão, tão pálidos na penumbra que era como se já fossem cadáveres.

O segundo soldado sorriu. E então ele se virou em direção ao carrinho.

Pela primeira vez, o ódio me envolveu até que eu mal conseguia respirar, mal conseguia pensar em minha aversão pelos soldados. Eu odiei muitas coisas desde

que esta guerra começou. Regner e tudo o que ele representava. Eryndan e sua arrogância inútil. Os guardas fae que se recusaram a se aliar a nós.

Mas isso? Isto era diferente. Eu nunca senti esse tipo de ódio pelos soldados antes. Para humanos. As pessoas entre as quais fui criado. Aqueles que estavam aqui sob ordens.

Mas não foram essas ordens que fizeram estes soldados roubar, violar e matar.

Não, eles faziam essas coisas com um prazer doentio — e esse prazer era evidente nos aplausos de um grupo à distância, seguido imediatamente por gritos aterrorizados de várias mulheres.

A risada ficou ainda mais alta, abafando o som dos passos do soldado que agora caminhava em direção às crianças, com a mão na espada.

Pessoas que fariam isso – invadiriam uma terra estrangeira por nenhuma outra razão além de quererem o que seus vizinhos tinham e se sentirem no direito a isso – pessoas que cometeriam tais atrocidades e as achariam divertidas…

Eles mereciam qualquer retribuição que surgisse em seu caminho.

Meu próprio poder não estava em lugar nenhum. Talvez eu nunca mais o encontre.

Então eu mataria esse homem com minha espada.

Era diferente agora, sem Lorian e os outros ao meu lado. Do outro lado da rua, quase pude ouvir Galon rangendo os dentes enquanto me levantava lentamente.

Mas o soldado não me ouviu. Ele estava muito ocupado provocando as crianças.

“Saia,” ele sussurrou. “Vou fazer isso rápido. Se você me forçar a arrastá-lo para fora de lá, será pior.”

Uma sensação escura e negra me envolveu, preenchendo-me como se eu a inspirasse a cada inspiração. Foi assustador quanto ódio correu em minhas veias.

Ódio e... raiva.

Eu estava cansado. Então, tão cansado.

Mas a raiva era combustível. O ódio era a velocidade.

O soldado estava inclinado, ainda provocando as crianças enquanto eu saltava.

Ele deve ter me ouvido, porque começou a se endireitar, a se virar. Ele segurava

a espada na mão esquerda e eu me aproximei pela direita.

Ele deveria ter se protegido com o braço direito. Ele teria perdido o braço, mas poderia ter tido uma chance.

Em vez disso, ele fez uma escolha estúpida. Ele tentou tirar a espada da mão esquerda, atrapalhando-se. Minha espada cortou seu pescoço e seu corpo—

já desequilibrado - colidiu comigo.

Eu mal mantive meus pés. Abaixo de mim, as crianças estavam tão silenciosas quanto o espaço entre as batidas do meu coração.

“Prisca,” Galon sibilou. Ele já estava se movendo, atacando o primeiro soldado. Levei apenas um segundo para entender o porquê.

O baque de botas na pedra, cada passo perfeitamente sincronizado.

E eles estavam vindo em nossa direção.

Chutei a cabeça do soldado para longe das crianças e ele rolou para o outro lado da rua.

Acertou a canela de Galon e ele soltou um grunhido de desgosto enquanto arrastava o primeiro corpo para as sombras. Lutei contra a vontade de vomitar enquanto agarrava as canelas do segundo soldado e puxava com todas as minhas forças.

Ele mal se mexeu. Galon deu um passo em minha direção e eu balancei a cabeça, apontando para Marth. Se ele morreu, Marth morreu também.

Não é de surpreender que Galon estivesse preparado para me ignorar. Ele deu outro passo.

Mas consegui obter alguma vantagem agachando-me um pouco e dando longos impulsos para trás. Minhas coxas queimavam, mas as botas se aproximavam.

Consegui colocar o corpo na sombra da carroça. Meu peito se apertou com o horror que as crianças tinham visto hoje.

Mas eu não conseguia pensar nisso agora.

Havia uma enorme mancha de sangue nas pedras do calçamento – uma indicação clara de que um corpo havia sido arrastado.

As botas soavam como um trovão agora.

Segundos. Eles estariam aqui em segundos. Peguei um cobertor velho que estava na parte de trás da carroça e joguei-o sobre o sangue. Felizmente, pareceria que simplesmente caiu de uma das muitas pessoas que os soldados Eprothan mataram.

Um brilho de luz na esquina me avisou que era tarde demais, e saltei para a sombra atrás da carroça, encontrando um par de olhos arregalados e cheios de lágrimas. Lentamente, levantei meu dedo aos lábios mais uma vez.

Tudo o que pude ver foram botas e panturrilhas marchando dois a dois, ainda no tempo.

Os primeiros soldados a romper as muralhas provavelmente receberam ordens para criar o caos. Eles tiveram liberdade para fazer o mal que quisessem.

Esses soldados eram altamente treinados e iam diretamente para o castelo.

Um dos pares de botas parou de repente e outro par bateu nele. Apertei minha mão na minha espada. Em algum lugar na escuridão do outro lado da rua, Galon estaria fazendo o mesmo.

O suor escorria pela minha testa, ardendo em meus olhos. Pisquei o mais rápido que pude, nem mesmo ousando me mover o suficiente para enxugá-lo.

Galon e eu poderíamos eliminar de seis a dez soldados. E com isso eu quis dizer que eu poderia eliminar dois, e ele eliminaria o resto com sua velocidade ofuscante.

Tínhamos acabado de ver pelo menos cinquenta soldados passarem. E havia mais por vir. Não só éramos apenas dois — sem acesso à energia — mas Marth estava em péssimas condições e tínhamos as crianças atrás de nós para pensar também.

Esforcei-me novamente, agarrando até mesmo o mais ínfimo fio da minha magia.

Nada.

E pela primeira vez, ressenti-me ativamente do meu próprio poder. Como poderia ter me abandonado quando eu mais precisava?

Um dos soldados praguejou e murmurou algo baixo demais para ser ouvido.

O outro soldado virou os pés. Em direção ao carrinho. "Mas-"

Minha visão se aguçou. Eu podia sentir o cheiro da fumaça espessa vindo em nossa direção, misturada com o suor dos soldados. Cada batida de bota na pedra

soava como um trovão em meus ouvidos.

O soldado voltou a marchar e os outros atrás dele correram alguns passos, alcançando rapidamente os outros.

Fiquei onde estava e tremi, observando os soldados passarem por nós.

Os Sorlithianos nunca esqueceriam o que aconteceu aqui hoje. Eles nunca esqueceriam os gritos, a dor e o terror. O horror guerreou com a raiva nos rostos de todos os inocentes que eu vi, e eu sabia que se algum dia eles tivessem a oportunidade de vingança...

Eles fariam esses soldados *sofrerem* .

E eles mereceram sua vingança.

Finalmente, quando seus passos não passaram de um eco distante, levantei-me. Meus membros estavam com cãibras, meu pé estava dormente e eu o sacudi, mancando até as crianças.

“Saia,” eu sussurrei.

Como um só, eles balançaram a cabeça. Eu gostaria de ter tempo para persuadi-los gentilmente.

Mas cada segundo que passamos nesta rua foi arriscado.

E então Galon estava lá. Ele deu uma olhada nas crianças e suspirou, balançando a cabeça. Mas quando ele apontou para o local próximo a ele, eles saíram de baixo da carroça.

Eu fiz uma careta. E então me dei conta. Fui eu quem eles viram decapitar um soldado e depois arrastar o corpo embora. Eu ainda estava coberto com seu sangue. Claro que eles estavam com medo de mim.

“Marte?”

"Vivo." A voz de Galon era sombria e minha boca ficou seca.

Ele se inclinou. "Pais?" ele perguntou às crianças.

O mais velho, um menino, balançou a cabeça. “Não sabemos onde eles estão.”

“Então você vem conosco.”

O menino abriu a boca como se fosse argumentar, mas Galon já estava se virando, erguendo Marth de volta nos braços.

“Vamos levar você para algum lugar seguro”, eu disse.

A menina mais nova colocou a mão na minha. Olhei para seu rosto pequeno e pálido e seus olhos vidrados. Claramente, ela não estava mais preocupada com todo o sangue que me cobria. Ela só precisava de qualquer conforto que um adulto pudesse proporcionar.

“Por outro lado,” murmurei, trocando de lado com ela. Eu precisava da minha espada naquela mão, mas enquanto ela estivesse perto, eu poderia empurrá-la para fora se fôssemos atacados. Ela enfiou o polegar livre na boca e eu rolei os ombros.

A entrada do túnel ficava na rua seguinte. Era uma livraria e alguém foi esperto o suficiente para derrubar diversas prateleiras, empurrando-as contra a porta. A corrente em volta dos meus pulmões se soltou enquanto Galon nos conduzia

descemos pela lateral da loja e passamos pela entrada dos fundos, descendo as escadas até o porão.

“Eu não quero”, disse a garotinha, tentando soltar a mão da minha.

Eu não poderia exatamente culpá-la. Também não fiquei muito feliz em descer a escada até o túnel.

“Temos que ir, Celere”, um dos meninos disse a ela. Eram três meninos, todos mais velhos que ela. “Não seja um bebê.”

“Vou carregar você para baixo”, eu disse.

Ela assentiu, levantando os braços, e eu a peguei. Ela era surpreendentemente pesada para uma criança tão pequena, mas imediatamente se fundiu em mim, seu corpo ficando mole.

“Deixe-me ir primeiro”, disse Galon.

Ele desceu a escada, com Marth ainda nos braços. Minha pulsação batia forte em meus ouvidos, uma parte de mim estava convencida de que havia soldados esperando. Mas se fosse esse o caso, haveria sinais claros na adega.

Ainda assim, observei, boquiaberto, enquanto ele de alguma forma conseguia manter o equilíbrio na escada frágil, apoiando Marth contra ela.

Quando estava na metade do caminho, ele caiu, pousando tão suavemente que Marth provavelmente não sentiu nada.

Os meninos foram os próximos, descendo a escada. Eles estavam observando Galon com olhos grandes.

Mudei Celere até que ela estivesse deitada nas minhas costas, e ela colocou as mãos em volta da minha garganta.

“Um pouco mais baixo”, murmurei.

Ela tentou, mas ficou assustada quando desci a escada, e suas mãos apertaram, cortando meu ar.

Finalmente chegamos ao fundo, seguindo Galon pelo túnel.

Ficou claro que este era um dos poucos túneis que permaneceram escondidos. Estava silencioso, mal iluminado por orbes de luz, e pude ver sinais óbvios de que as pessoas tinham usado o local para fugir: um cobertor de criança caído próximo a uma parede, alguns pedaços de frutas espalhados vários passos depois.

Meu corpo ainda tremia, me recuperando do medo e da raiva que rugiam através de mim como um incêndio. Agora, eu me sentia esgotado, tão exausto que mal conseguia colocar um pé na frente do outro. As crianças falavam pouco -

os meninos se apresentaram como Jory, Roen e Nyle e depois ficaram em silêncio, enquanto Celere fungava ocasionalmente enquanto se agarrava a mim.

Felizmente, Galon sabia exatamente para onde estávamos indo. O túnel terminou e subimos a escada para dentro da floresta, movendo-nos silenciosamente, mantendo os passos leves. Não havia sinais de soldados gromalianos tão longe da cidade. Mas estávamos quietos e cuidadosos da mesma forma.

O ar fresco deslizou pelas minhas narinas, secou o suor do meu rosto e bagunçou meu cabelo.

Como Rekja havia prometido, os curandeiros estavam estacionados perto de onde saímos do túnel. Dois deles saltaram em nossa direção e o sangue sumiu de um dos rostos.

“Ele ainda está vivo?”

“Fae,” Galon soltou.

O curandeiro ficou tenso, como se isso significasse que Marth tinha alguma doença que pudesse pegar. De todos os homens feéricos que conheci, Galon era provavelmente o mais paciente.

E, no entanto, o dia de hoje foi longo, com grande parte fora de seu controle...

algo contra o qual as fadas lutaram na melhor das hipóteses. Quando o curandeiro se inclinou para mais perto de Marth, como se estivesse estudando

um inseto estranho que nunca tinha visto antes, um rosnado baixo deslizou pela clareira.

Ninguém se mexeu. Estendi a mão e agarrei a mão de Galon. O rosnado foi interrompido abruptamente.

A curandeira imediatamente empurrou o homem para o lado. “Meu nome é Réia. Deite-o. Com cuidado."

Suas mãos varreram seu peito. E sua confiança fácil fez minhas mãos relaxarem.

“Acertei um pulmão. Devido à sua cura feérica, o pulmão ao redor da faca foi curado.

É a única razão pela qual ele ainda está vivo.”

Pequenos pontos apareceram diante dos meus olhos com suas palavras e coloquei Celere no chão. As crianças ficaram quietas. Provavelmente, eu deveria levá-los para algum lugar longe disso. Assim que pensei, o curandeiro fez um gesto para que o seguissem, prometendo-lhes comida. Felizmente, ele parecia capaz de se comportar normalmente com as crianças, e elas o seguiram.

Rhea olhou para nós e seus lábios se estreitaram. “Eu preciso remover a faca.

E ele não vai gostar.”

Galon assentiu bruscamente. Ele se ajoelhou nas coxas de Marth, mantendo os pulsos abaixados.

Marth emitiu um som baixo e áspero. Bati minha mão sobre sua boca, e seus olhos estavam selvagens e desfocados quando encontraram os meus.

Ele resistiu, mas provavelmente estava fraco devido à perda de sangue, e Galon o segurou facilmente no lugar.

“Curandeiro,” eu disse, inclinando-me para que ele pudesse me ouvir. “Nós levamos você a um curandeiro.”

Eu não tinha certeza se foi a compreensão e o alívio que fizeram seus olhos fecharem, ou se ele simplesmente desmaiou mais uma vez. Seu cabelo loiro estava emaranhado em volta do rosto, e eu o empurrei para trás, com o coração doendo.

Ele estava vivo. Ele não se juntou a Cavis.

Rhea estava ofegante quando terminou. “Eu fechei a ferida, mas ele precisará ver outro curandeiro em breve para ajudar com a cura restante e com a perda de

sangue.”

“Mas é seguro continuar viajando?” Galon perguntou.

Ela assentiu. “Se você conseguiu trazê-lo aqui nessas condições, você está seguro para continuar.”

“Obrigado”, disse ele. Balancei a cabeça para ela, examinando a clareira em busca das crianças.

Eles estavam bebendo água, pão nas mãos. Quando Celere percebeu que eu estava olhando, ela cutucou Nyle, que disse algo ao curandeiro e conduziu os outros até nós.

Um pouco de comida e água tinha sido bom para eles, e eles nos seguiram por um tempo sem reclamar. Celere acabou nas minhas costas mais uma vez e de alguma forma conseguiu adormecer, com a cabeça apoiada no meu ombro.

Algumas horas depois, chegamos a um acampamento temporário. Demos e os outros receberam claramente a mensagem de Lorian, e algumas centenas de nosso povo viajaram para o norte para encontrar os Gromalianos. Tanto os híbridos quanto as fadas distribuíam comida e água, prestavam atenção médica quando necessário e conduziam os Gromalianos para tendas improvisadas.

Eu tentei forçar meu cérebro a parar de pensar em Lorian e Rythos.

Dos pensamentos dos meus irmãos e de Asinia e Madinia. Mas agora, esses pensamentos me atingiram, um refrão constante de perda e morte.

Galon levou Marth até um grupo de curandeiros, enquanto Celere se agarrou à minha mão.

Então ela soltou um grito.

"O que é?" — perguntei, agachado, mas ela já estava correndo.

Uma mulher correu em nossa direção, um homem a alcançou rapidamente. O braço da mulher estava enfaixado e lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto os meninos a seguiam, lançando-se sobre o casal.

Em poucos instantes, a mulher estava soluçando, com Celere nos braços. O homem falou com os outros em voz baixa, levantando a cabeça para encontrar meu olhar.

“Você salvou nossos filhos.”

“Eles eram espertos. Eles conseguiram encontrar um lugar para se esconder.”

“Nós íamos morrer”, disse Roen. “O soldado disse isso.”

A cor restante desapareceu do rosto do homem. “As crianças estavam na nossa frente quando íamos em direção ao túnel”, ele sussurrou. “Um grupo de Eprothans atacou e perdemos as crianças no caos. Eu não sabia que eles não tinham chegado ao túnel até que a entrada foi bloqueada atrás de nós. Não sei como te agradecer.”

Minha garganta entupida. Este foi um ponto positivo em uma noite horrível. “Saber que vocês estão todos juntos é o suficiente.”

“Há algo que eu possa fazer por você? Precisa de alguma coisa?

Eu balancei minha cabeça. “Apenas cuidem uns dos outros.”

A mulher sorriu para mim, ainda segurando Celere contra ela. Eu os observei se afastar, quase balançando em meus pés.

Braços quentes me envolveram. Fiquei tensa, então relaxei instantaneamente quando o cheiro de Lorian veio em minha direção. Virando-me em seus braços, coloquei minha cabeça em seu peito por um longo momento.

E assim, pude respirar livremente novamente. O mundo voltou ao lugar.

“Você me encontrou.”

“Eu sempre vou te encontrar. Você está tão cansado,” ele murmurou.

Quando levantei a cabeça, seus lábios encontraram os meus, duros e possessivos. De repente, fiquei bêbado com o gosto dele. A sensação dele. E, ao mesmo tempo, senti como se pudesse me concentrar mais uma vez.

Nosso beijo ficou gentil. Macio. Lorian roçou sua boca na minha.

Uma vez. Duas vezes.

“Eu estava tão preocupado com você”, admiti.

Seus olhos estavam com as pálpebras pesadas e ele passou as mãos para cima e para baixo nas minhas costas, como se ainda estivesse absorvendo minha sensação.

“Acabei de falar com Galon. Você era quem realmente estava em perigo.

“Rythos? Rekja? Thora?

“Tudo seguro. Rekja sofreu pesadas perdas. Mas conseguimos convencê-lo a ir

embora. Thora foi útil lá.” Seu olhar cintilou, os olhos ficando ferozes.

E então, num movimento tão rápido que minha cabeça girou, ele me empurrou para trás, com a espada de repente na mão.

Eu puxei minha própria espada. Será que os guardas de ferro nos encontraram? Os Eprothans estavam se aproximando de nós agora mesmo?

Uma mulher carregando um copo d'água deixou-o cair e tropeçou para trás com um grito. Em algum lugar, uma criança começou a chorar. Um dos guardas de Rekja empunhou uma adaga, procurando uma ameaça na multidão.

Olhei ao redor de Lorian. Nada mudou. Nenhum soldado havia atravessado a linha das árvores. Nenhuma flecha estava atingindo nosso povo.

Não houve ameaça.

O silêncio percorreu o acampamento. O rosto de Lorian estava branco como um cadáver.

“Lorian,” murmurei baixinho. "O que é?"

Ele embainhou a espada, mas sua mão permaneceu no punho, os nós dos dedos ficando brancos. Quando pisei na frente dele, seus olhos estavam atordoados, confusos.

E então, eles se encheram de ira.

“Não é nada”, disse ele, e sua voz se espalhou pela multidão. Seu olhar varreu o acampamento e, de repente, todos decidiram que tinham mais alguma coisa que precisavam fazer.

“Lorian—”

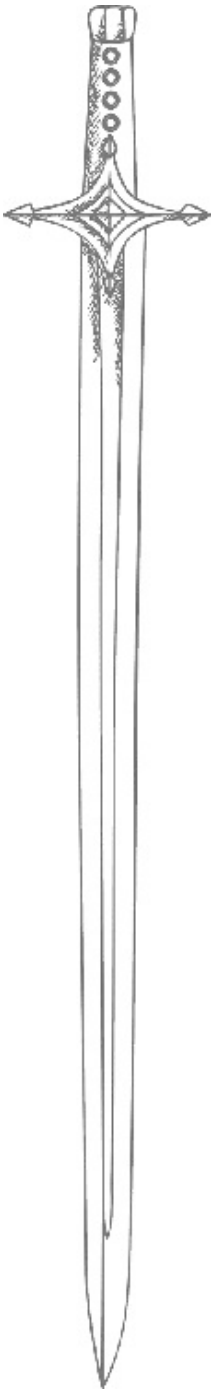
“Estou bem, Prisca.” Suas palavras foram cuidadosamente neutras. Ele não estalou, rosnou ou zombou. Mas eu me encolhi mesmo assim.

Porque ele estava mentindo para mim.

Removendo a mão da espada, ele a estendeu, esperando até que eu colocasse minha mão na dele. Ele me levou em direção à tenda que havia sido designada para nós, e meu olhar bateu no de Galon.

Seus olhos estavam escuros de preocupação. Preocupação e medo.

Prisca



Ficamos no acampamento por três dias antes de fazer as malas e viajar em direção a WThobirea. Rekja e Thora haviam partido dois dias antes para se encontrarem com seus generais, numa tentativa de reforçar suas defesas. Mas parecia que era apenas uma questão de tempo até que Regner continuasse a mover-se para sul, mais para dentro de Gromalia.

Daharak perdeu vinte navios para os skyrions que foram enviados atrás dela antes que Lorian os matasse. Eu praticamente podia sentir sua fúria escorrendo pelas palavras concisas de suas mensagens. Mas ela também manteve minha tia viva e, por isso, eu seria eternamente grato. Ela não gostou de nos encontrar no castelo de Rekja, mas entendeu a necessidade de um conclave estratégico.

Após um dia de viagem para o leste, finalmente recebi uma mensagem de Madinia. A ideia dela deitada em algum lugar na floresta, morta pela lâmina de um guarda de ferro... Eu não fui capaz de suportar. Eu mergulhei em uma negação tão completa que, mesmo que alguém tivesse me dito que ela realmente havia morrido, não sei se algum dia teria aceitado isso.

Ela liderou um grupo de híbridos para um local seguro, mas caiu inconsciente e bateu de frente com um "curador autoritário que precisava aprender seu lugar".

Quando ela finalmente deixou a coleta de híbridos no início do Passo Asric, ela começou a seguir para o sul através de Eprotha, mantendo-se cuidadosamente longe dos soldados de Regner.

Eu escrevi uma mensagem rápida de volta, avisando que ela deveria nos encontrar em Thobirea.

Lágrimas rolaram silenciosamente pelo meu rosto enquanto eu observava o pombo disparar para o céu. Lorian os enxugou com o polegar e depois se inclinou, esfregando suavemente o nariz no meu. "Seria necessário mais do que os guardas de ferro de Regner para matar Madinia", ele murmurou ironicamente.

Eu balancei minha cabeça. "Não brinque. Ela é rápida e forte, mas estava viajando com um grupo de híbridos. E ainda não ouvimos nada de Vicer."

"Provavelmente levará algum tempo para ele aceitar o ataque", disse Rythos de seu cavalo. Paramos para comer, e Lorian me ajudou a montar meu cavalo antes de montar o dele.

"Não foi culpa dele", eu disse.

"Não", disse Marth. Ele estava curado, mas cansava-se facilmente e, à medida que as sombras se alongavam, ele caiu na sela, inclinando-se para a frente de uma forma que deixou claro que precisaríamos parar em breve. Rythos não estava falando com ele – ainda furioso com a maneira como pegou a faca para ele. Mas Lorian me disse para deixá-los discutir o assunto quando precisassem.

"Foi culpa de Stillcrest", disse Rythos, sem olhar para Marth. "Mas Vicer ainda se perguntará todos os dias pelo resto de sua vida se os híbridos que morreram valeram seu livre arbítrio."

O pensamento era deprimente. *Apenas deixe-o estar vivo. Vivo e miserável está*

bem por enquanto, contanto que ele esteja respirando.

Lorian estava cada vez mais quieto e se recusava a falar sobre o incidente no acampamento. Eu tentei falar com ele nos últimos dias, mas ele desligou. Isso o abalou. Eu sabia disso pela expressão atordoada em seus olhos naquela clareira.

Talvez ele estivesse apenas... assustado. Talvez a sua mente simplesmente tivesse lutado para aceitar que já não corríamos perigo. Mas mesmo agora, enquanto viajávamos, ele continuava a virar a cabeça, como se pudesse ouvir algo que nem mesmo as outras fadas conseguiam. Não se tratava mais de se sentir observado.

Algo havia mudado.

Os dias foram longos. Quando começamos a nos aproximar da capital de Gromal, qualquer aparência de bom humor já havia nos abandonado.

Paramos uma última vez no caminho para o castelo, e eu fiquei à beira do rio depois de encher meu odre. Uma mão apertou meu ombro, me girando. Soltei um grito de surpresa, quase caindo no rio, minha mão deslizando para pegar minha faca. Mas foi Lorian quem me agarrou. Lorian, que estava me levando de volta ao longo do rio, com a espada na mão.

Uma emboscada tão perto da capital? Onde estavam Rythos e os outros?

Correndo para o lado, saquei minha própria espada. E ficou olhando.

Lorian ficou de pé, com os dentes cerrados, a realização surgindo em seus olhos.

Não havia ninguém lá.

Mas ele ainda estava olhando para alguma coisa. Uma sensação estranha e desconfortável tomou conta de minhas entranhas.

“O que foi, Lorian?”

Ele abriu a boca e eu embainhei minha espada. “Não me diga que não é nada.”

Lorian embainhou sua própria espada e se virou para mim. Sua expressão era dura, seus olhos distantes. E eu sabia o que ele estava fazendo.

“Eu sei que você acha que não consigo lidar com isso...”

"Parar." Ele estava segurando meus braços em um momento. “Não é isso, e você sabe disso. Eu não queria preocupar você. Mas você já está preocupado. E eu estou...

preocupado."

Ele estava mais do que preocupado. Eu ainda podia ver o pânico contido em seus olhos. Mas o fato de ele estar me permitindo ver isso significava mais do que eu poderia explicar.

“O que está acontecendo, Lorian?”

“Eu...” Ele apertou a mandíbula. “Acho que estou vendo os mortos.”

Eu olhei para ele. De todas as coisas que pensei que ele poderia dizer, isso não estava na lista.

“Tudo começou com vozes”, disse ele. “Palavras estranhas sibilando em meu ouvido. Eles se voltaram para ameaças. E então eu estava vendo soldados atacando-me. Humanos, principalmente. Eles eram tão vívidos... *ainda* são tão realistas que é difícil determinar o que é real e o que não é. E então percebi que muitos daqueles soldados estavam cobertos de sangue, os que caminhavam feridos. E alguns deles não deveriam ser capazes de andar, muito menos manusear uma espada. Eu acho... acho que são algumas das pessoas que matei.

Sua expressão mudou para algo que quase não reconheci. “Você já pensou sobre isso, gato selvagem? Quantas pessoas eu matei? As vidas acabaram? As famílias sentindo falta de entes queridos?

Enterrei minhas mãos em sua camisa, como se pudesse mantê-lo aqui comigo. Como se a ação pudesse impedi-lo de permanecer no passado.

“Não”, eu disse. "Não mais. Você salvou muitas vidas também.”

Lorian apenas balançou a cabeça. “Milhares, Prisca. E já, aqueles que vi começaram a falar comigo.”

Uma dor quente queimou meu peito, subindo até minha garganta. “O que eles dizem?”

“Ameaças, principalmente. As vozes parecem acontecer com mais frequência, quase como o som das folhas farfalhando nas árvores – um ruído constante no fundo da minha vida. Mas as visões vêm de repente. Então, de repente, não tenho certeza do que é real e do que não é.”

“Vamos consertar isso”, eu disse. “Encontraremos uma maneira de fazer com que isso pare.”

Ele me deu um leve sorriso. “Eu ouvi Cavis. Foi ele quem nos avisou sobre o soldado atacando Rythos.”

Eu quebrei seu domínio sobre mim e passei meus braços em volta de seu pescoço, procurando uma resposta.

“Não estou enlouquecendo”, disse ele.

“Eu não acho que você esteja.”

Ele levantou a cabeça, os olhos verdes procurando os meus. Parte da tensão desapareceu de seu rosto. “Eu aprecio sua fé em mim. Na verdade, parece

como se minha sanidade estivesse se esvaindo, gota a gota.”

Eu não queria que ele me desse aquele olhar tão cheio de amor e confiança.

Porque a voz da minha avó estava passando pela minha mente.

“No caso improvável de você não se juntar a nós na vida após a morte, haverá consequências. Graves consequências. Você acha que sabe o que é sofrer.

Você viverá com as repercussões dessa escolha pelo resto da sua vida.”

Olhei para o homem que amava mais do que qualquer coisa ou qualquer pessoa. E minha garganta de repente ficou tão grossa que eu não conseguia respirar.

“Wildcat, prometo que vou melhorar. Vou parar de reagir assim. Vou aprender o que é real e o que não é.” A voz de Lorian era um rosnado baixo, tingido de desespero. Ele segurou meu rosto e percebi que a cor provavelmente havia sumido dele.

“É... não é isso. Acho que essas podem ser algumas das consequências da maneira como eu…”

“Me trouxe de volta.”

Eu balancei a cabeça, meus olhos ardendo. “Você *morreu* , Lorian. Você pode não se lembrar... Ele olhou para mim e percebi que ele se lembrava de algumas coisas.

“Isso… Os deuses sabem que seria pior para *você* sofrer. Para ver você lidar com as repercussões da minha escolha.” Abaixei meu olhar. Eu não conseguia nem olhar para ele.

A mão de Lorian deslizou para meu queixo, segurando firme até que meus olhos encontraram os dele mais uma vez. “Eu aceitaria quaisquer consequências para estar aqui com você. Quaisquer repercussões. Qualquer punição. *Qualquer coisa.* Você acha que eu não faria a mesma escolha um milhão de vezes, mesmo sabendo o resultado? Eu deixaria meu irmão me destruir com sua magia todos os

dias pelo resto da minha vida, desde que eu pudesse ver você naqueles momentos antes da minha morte.”

Pegando minha mão, ele deu um beijo nos nós dos meus dedos. “Agora vamos embora.”

Aproximar-se dos portões da cidade foi uma experiência completamente diferente em comparação com as últimas vezes que viajamos até aqui. Desta vez, os guardas estavam claramente nos esperando e se curvaram, permitindo-nos passar instantaneamente.

O que foi uma coisa boa, já que eu ainda não conseguia acessar meu poder.

Eu me esforcei, procurando por isso constantemente. Mas neste ponto, tive que aceitar que provavelmente não voltaria. Eu irritei os deuses e esgotei não apenas meu próprio poder, mas também um pedaço das almas de minha mãe e de minha avó.

O pânico se contorceu em minhas entranhas como uma cobra mortal. Quem seguiria a herdeira híbrida se soubessem que o poder do tempo que ela exercia não existia mais?

“Prisca.” A voz de Lorian era suave e eu organizei minha expressão em algo neutro. Já estávamos nos aproximando do castelo.

Nossas boas-vindas foram semelhantes às que recebemos nos portões da cidade, e estudei as estátuas no pátio enquanto um dos cavalariços pegava meu cavalo. Parecia que foi ontem que Rekja e eu estávamos aqui, seu pai ainda vivo e sem vontade de nos ajudar. Eu ameacei Rekja então.

Ameaçou-o com Thora. E então garanti que o embaixador de Eprothan nos viu juntos, perto o suficiente para dar valor aos rumores que começamos.

Então, pensei que essas eram algumas das piores coisas que eu poderia fazer. Eu não tinha ideia de até onde iria pelo meu povo.

Agora, o pai de Rekja estava morto. Ele o matou – e eu era parcialmente responsável.

Vários criados avançaram, cumprimentando-nos como se fôssemos velhos amigos e nos conduzindo aos mesmos quartos em que ficamos da última vez.

“Temos outros que chegarão em breve”, eu disse. “Minha tia Telean, Daharak Rostamir—”

“Ah, nós sabemos.” Uma das mulheres sorriu. “Sua Majestade nos instruiu a preparar quartos para todos os seus amigos e aliados. E Madinia Farrow chegou

há apenas algumas horas.

Deixei escapar uma risada trêmula. Madinia estava finalmente segura.

Marth murmurou alguma coisa e foi embora. Lorian estava olhando para um lugar perto da janela, com uma expressão assombrada.

“Acho que vamos tirar algum tempo para nos refrescar.” Tentei um sorriso. Por mais que eu quisesse ver Madinia imediatamente, não deixaria Lorian com aquele olhar.

“Claro, Vossa Majestade… Apenas…”

Fiquei com pena dela. "O que é?"

“Rainha de Regner.” Seu nariz enrugou e foi controlado imediatamente.

"Ela está aqui?"

“Sim, ela chegou ontem. Sua Majestade disse que você provavelmente gostaria de falar com ela quando fosse conveniente, então ela está atualmente sob estrita guarda. Mas acredito que ela de alguma forma ouviu falar de sua chegada e...

Eu suspirei. “Só posso imaginar o quão exigente ela está sendo. Irei vê-la assim que tirar minhas roupas de viagem.

Afinal, Kaliera farejaria qualquer indício de fraqueza.

Lorian se aproximou de mim. A cor voltou ao seu rosto, mas meus instintos gritaram comigo. Qual dos mortos o estava torturando agora?

“Eu irei com você”, ele me disse. “Primeiro, quero falar com Rekja.”

Se Lorian quisesse falar a sós com Rekja, não seria sobre estratégia de guerra. Ele nunca entraria nessas discussões sem a minha opinião.

Por mais curioso que eu estivesse, estava mais desesperado para tomar um banho adequado pela primeira vez em dias.

Pensei em Kaliera enquanto tomava banho. Havia apenas duas razões pelas quais ela estaria aqui. Ou ela decidiu trabalhar com Regner para se infiltrar em nós, ou ele descobriu o quão dúbia ela realmente era. Se esse fosse o primeiro motivo, eu me sentia relativamente confiante de que poderíamos impedi-la de aprender algo crucial.

Se fosse o segundo, eu não conseguia entender como ela ainda poderia estar viva.

No momento em que a água esfriou e eu me forcei a sair da banheira, Lorian já havia retornado. Seu olhar era uma carícia quando entrei na sala, um roupão de seda colado à minha pele úmida.

Ele também encontrou um lugar para tomar banho e se trocar, e eu me permiti chegar mais perto, até que ele me agarrou e atacou minha boca com uma necessidade feroz que eu não esperava.

Afundei nele, minha cabeça girando enquanto todos os pensamentos e razão desapareciam.

Não era apenas minha cabeça que estava girando – o quarto estava se movendo ao meu redor porque ele me pegou no colo e estava andando em direção à cama.

Joguei minha cabeça para trás.

"Eu não acho. Por mais que eu goste de pensar em Kaliera esperando por nós, eu ficaria muito... distraído.

Ele me deu um sorriso malicioso. “Aposto que poderia convencê-lo a mudar de ideia.”

Aposto que ele também poderia.

Eu hesitei. Não tivemos tempo suficiente juntos enquanto estávamos viajando e eu sentia falta dele. Senti falta de estar perto. Fiquei incrivelmente tentado a tentar bloquear o mundo.

Mas Lorian já estava mudando de rumo, me colocando de pé e praticamente me arrastando para o armário.

“Vamos acabar com isso,” ele rosnou.

Meu núcleo doía com a mesma frustração, e coloquei o primeiro vestido que vi, encontrei alguns sapatos de salto baixo e segui Lorian porta afora.

“Preciso perguntar a uma das empregadas onde a esconderam.” Lorian pegou minha mão.

“Você está de volta”, disse uma voz fria e irritada.

Virei minha cabeça para a porta tão rapidamente que fiquei com dor de cabeça.

Madinia usava leggings de couro, uma camisa branca de homem e uma carranca sombria. Mas ela estava viva.

Seus olhos encontraram os meus e ela deu um leve sorriso ao ver o que viu em

meu rosto. Um pouco da ira deixou sua expressão.

Eu não tentei abraçá-la. Algo na maneira rígida como ela se posicionava deixava claro que ela não aceitaria nenhum carinho. Não que ela fosse o tipo de pessoa que gostava disso na maioria das outras vezes.

“Você está vivo.” Mantive meu tom leve, colocando as mãos nos quadris. Ao meu lado, Lorian acenou com a cabeça. Mas eu o conhecia bem o suficiente para ver um toque de alívio em seus olhos. Até porque ele sabia que precisávamos do poder dela.

Ela apenas assentiu. "Você vai vê-la."

"Sim."

“Ela está perguntando por mim. Mas eu queria esperar por você.

Eu não poderia culpá-la. Kaliera tinha um jeito de entrar na sua cabeça—

especialmente quando você não estava no seu melhor. E ficou claro pela tensão nos olhos de Madinia que ela não estava nem perto do seu melhor.

“Bem, então vamos ver o que ela tem a dizer.”

Ela acompanhou o meu outro lado. “Eu sei onde ela está hospedada.”

Acontece que os quartos de Kaliera eram perturbadoramente próximos dos nossos, embora Rekja felizmente tivesse colocado dois guardas na porta. Eles se endireitaram quando Lorian se aproximou, o guarda da esquerda lançando um olhar cauteloso para suas orelhas pontudas.

Levantei minha sobrancelha e, quando seus olhos encontraram os meus, suas bochechas esquentaram.

Lorian e os outros pararam de usar seu glamour, em sua maior parte.

Todos sabiam que não eram humanos, e como comentei recentemente, se realmente quiséssemos a paz quando esta guerra terminasse, os humanos precisariam se acostumar a trabalhar e viver com os Fae.

O primeiro passo significava não esconder mais o que eram. Esperançosamente, os humanos que foram ensinados a temer as fadas perceberiam que eles eram apenas...

pessoas. Mas isso levaria tempo.

O guarda à direita acenou para nós, inclinando-se para abrir a porta.

Lorian foi primeiro – uma indicação clara de quão pouco ele confiava na rainha humana.

Kaliera estava usando um vestido verde. Caiu elegantemente no chão quando ela se aproximou de nós, seu olhar me examinando da cabeça aos pés. Eu deixei meu cabelo solto, sem nem ter tempo para secá-lo.

Como sempre, ela parecia perfeita. Nem um fio de cabelo fora do lugar. Mas seu descontentamento era evidente na linha fina de seus lábios. A leve tensão ao redor dos olhos.

Ela estudou Madinia, que olhou fixamente para ela. Quando Kaliera soltou um pequeno bufo desdenhoso, pensei que ela poderia explodir em chamas ali mesmo.

Lorian deve ter imaginado o mesmo, porque prendeu seu corpo entre Madinia e Kaliera.

A rainha sorriu. “Conheci seu primo”, disse ela, voltando sua atenção para mim. "Ele disse que você voltou no tempo."

Suas palavras tiraram todo o ar dos meus pulmões, como se alguém tivesse enfiado o punho em minhas entranhas. Ela conheceu Zathrian. Não foi surpreendente, considerando que o vi trabalhando com Regner. Mas... foi estranho. Eu nunca tive uma conversa com o homem, que era meu parente de sangue, e ainda assim Kaliera o conheceu.

Ainda assim, eu sabia que não deveria deixá-la ver qualquer tipo de reação.

Eu levantei uma sobrancelha. “Eu conheci seu general. Ele devastou uma cidade inteira.”

“General de Regner,” ela grunhiu.

Finalmente, ela o chamou de Regner. Foi porque ele agora estava caçando por ela?

"O que aconteceu?"

“Tentei roubar o grimório de Regner. Alcandre me traiu.” Uma mão enterrou-se em seu vestido. “Você não parece surpreso.”

“Você ensinou àquelas mulheres tudo o que elas sabiam.”

“O resto deles está morto.”

Ela disse isso para chocar a mim e a Madinia. E funcionou. Meus olhos arderam

e Lorian passou um braço em volta dos meus ombros. Ao nosso lado, Madinia soltou um som pequeno e quebrado. Mas eu estava observando Kaliera e, embora as palavras dela possam ter nos magoado, elas também a machucaram.

Ainda assim, eu aprendi o suficiente sobre essa mulher para saber que isso não significava que ela mudaria uma única decisão que tivesse tomado. Mesmo que essas decisões tivessem levado à sua morte.

“Quero ver meu filho”, disse ela.

Não fiquei surpreso com a exigência dela, mas endireitei os ombros. “Ele está ocupado no momento.”

"Você vai me permitir vê-lo." Sua voz era imperiosa, o tom insistindo que ela não aceitaria nenhum argumento. Não era diferente do tom de Madinia quando ela estava de mau humor. Claro, esta foi a mulher com quem ela aprendeu tal comportamento.

“Ele não está aqui. Ao contrário de sua mãe, que só está interessada em salvar a própria pele, Jamic usará seu poder para salvar inocentes sempre que puder.”

Ela não se incomodou em negar minha acusação. Mas seus lábios se apertaram. “Quando ele vai voltar?”

"Breve."

Os olhos de Kaliera brilharam. “Eu sei onde está o último amuleto.”

Forcei minha expressão a permanecer neutra, mesmo quando meu coração começou a disparar.

"E?"

“E eu sei como chegar a isso.”

"Como?"

“Fui procurar por isso. Antes de tentar roubar o grimório. Mas não consegui recuperá-lo.” Seu tom era neutro, mas percebi o brilho de fúria em seus olhos.

“Que conveniente,” Lorian retumbou. Ele a prendeu com um olhar duro.

Ele tinha razão. A rainha supostamente tentou encontrar os dois artefatos de que mais precisávamos. Ela não encontrou nenhum dos dois e, em vez disso, apareceu aqui de mãos vazias.

“É no mesmo lugar que ele cria seus monstros. Uma mina chamada Lyrishade.”

Agora, meu coração começou a bater mais rápido. Se Regner mantivesse seus monstros lá, poderíamos matá-los ao mesmo tempo em que roubássemos o amuleto.

“Diga-nos o que você sabe.”

“Assim que eu ver meu filho.”

Eu ri. As narinas de Kaliera dilataram-se e dei um passo mais perto dela.

“Deixe-me ser claro. Nós não confiamos em você. Como sabemos que Regner não te mandou aqui com esta história? Mesmo que ele realmente tenha se voltado contra você, esta pode ser a maneira como você decidirá alcançar o círculo íntimo dele mais uma vez. Não estou arriscando meu povo com sua palavra.

Ela abriu a boca e eu balancei a cabeça. “Você verá seu filho assim que tivermos o amuleto e tenho certeza de que nosso povo não vai acabar preso.”

“Você nos contará todos os detalhes ou eu garantirei que seu filho morra”, disse Madinia. “Eu provavelmente poderia fazer com que parecesse um acidente. Jamic gosta de mim, você sabe. Ele acha que somos amigos.

Eu escondi meu estremecimento. Madinia não fez ameaças inúteis. Mas de todos nós, ela era aquela em quem Jamic mais confiava – especialmente depois que ela salvou a vida dele.

Ela não faria isso. Eu não conseguia acreditar que ela mataria alguém que a considerasse uma amiga. Não a sangue frio.

Mas Kaliera certamente parecia pensar que sim. Ela olhou para Madinia por um longo momento.

“Vou lhe contar tudo o que você quer saber”, disse ela. Finalmente, ela perdeu um pouco de sua confiança – por mais falso que fosse.

Uma parte de mim quase sentiu pena dela. Não era bom negar a ninguém o acesso à sua família ou permitir que Madinia ameaçasse as suas vidas. Mas eu sabia o que era perder as pessoas que amava agora. E eu nunca arriscaria essas pessoas com base na confiabilidade de Kaliera.

“E se eu descobrir que você está mentindo, vou matá-lo lentamente”, disse Lorian.

Seus olhos se estreitaram quando ela encarou Lorian, mas a cor desapareceu de suas bochechas. Ele não apenas usaria alegremente o filho dela como vantagem, mas também a mataria sem pensar duas vezes. Ficou claro pela promessa fria em

seus olhos. E pelo único e agudo aceno que ela deu, ela também sabia disso.

“Aprendi outra coisa que pode ser de alguma importância”, disse ela rapidamente. “Vou lhe dizer agora para provar que você pode confiar em mim.”

“Tudo bem”, disse Madinia. “Conte-nos.”

“Quando eu estava escondido na mina, ouvi dois guardas Eprothan falando sobre as origens dos monstros.”

“Regner os roubou quando eram pequenos, quando seus pais saíram para caçar”, disse Lorian.

Kaliera balançou a cabeça. “Você não entende. Havia tantos monstros naquela mina. Milhares. Além disso, ouvi dizer que você foi atacado por milhares de outros. Os servos falam. Ela acenou com a mão. “O guarda disse que um dos guardas feéricos – uma mulher – tem dado a Regner criaturas de seu território.” Ela encontrou os olhos de Lorian. “Ele riu e disse que você não tem ideia do que está por vir.”

A expressão de Lorian não mudou. "Isso foi tudo que ele disse?"

Kaliera assentiu. “Eu tenho... alguém com quem posso colocar você em contato.

Alguém que viajou para as minas. Ele sabia onde estava o amuleto.”

“E quem é ele?” Perguntei.

“O irmão da rainha pirata. Seu nome é Pelysiano. Ele também quer Regner morto.

“Tudo bem”, eu disse. “Escreva como podemos contatá-lo e passar as informações a um dos guardas na sua porta.”

Lorian estendeu a mão para mim e eu a peguei. Juntos, nós três saímos.

Eu podia ouvir vozes no quarto ao lado. Marth disse algo e Galon e Rythos riram em resposta.

“Se ela não está mentindo, ela apenas salvou o pessoal de Conreth de dias de busca pelo amuleto”, eu disse.

“Lyrishade era o próximo lugar que planejávamos visitar depois de uma pequena vila próxima. Conreth não tem mais muitos de nossos habitantes tão ao norte”,

Lorian disse. “Parece que precisaremos enviar nosso próprio grupo altamente treinado.”

Madinia não disse mais nada. Apenas me virei e fui embora. Eu não conseguia nem imaginar os horrores que ela tinha visto. Talvez... talvez ela só precisasse de algum tempo.

“E o diretor?”

Os olhos de Lorian ficaram vazios. “Kaliera pode estar tentando nos fazer virar um contra o outro. Sylvielle tem aliados poderosos – algo que Regner saberia se isso fosse verdade. Se Conreth atacar ela sem provas, seus aliados se recusarão a marchar com ele.

“Ela se recusou a se juntar a nós na cúpula.”

"Sim. E agora, essa escolha parece muito mais suspeita. Vou mandar uma mensagem para Conreth. A menos que ela seja uma idiota, ela concordará em se juntar a nós na linha de frente em vez de arriscar uma investigação completa.”

Eu conhecia Conreth bem o suficiente para saber que ele ainda garantiria que a investigação acontecesse.

“Tem mais uma coisa”, disse Lorian. Dando um passo à frente, ele segurou meu queixo, olhando para mim. "Eu quero me casar com você."

Suas palavras foram tão inesperadas que corei, olhando para os guardas. Eles olhavam para frente, fingindo que tinham perdido a audição. Agarrando o braço de Lorian, puxei-o pelo corredor.

“Já não tivemos essa conversa?”

Ele me permitiu direcioná-lo para nossos quartos, mas no momento em que entramos, ele me pressionou contra a parede com um sorriso. Um daqueles sorrisos largos e felizes que eu

tão raramente consegui ver. Eu memorizei a visão daquele sorriso e guardei-o.

"Eu quero me casar com você aqui."

Eu pisquei. “Em… Gromália?”

“Se você preferir esperar até estarmos em nosso reino, nós podemos”, disse ele.

“Mas todos que você ama logo estarão reunidos aqui. Eles estarão todos juntos pela última vez, provavelmente até o fim da guerra.”

Minha boca ficou seca com o pensamento. Ele estava certo. “Você quer ter certeza de que todos possam comparecer.” Porque havia uma chance muito real de perdermos mais pessoas que amávamos.

“Eu me casaria com você a qualquer hora, em qualquer lugar”, disse ele. “Mas merecemos um dia de alegria e felicidade antes de enfrentarmos o que está por vir.”

Eu olhei para ele, meu olhar varrendo suas maçãs do rosto acentuadas, aqueles olhos verdes penetrantes tão atentos enquanto ele me observava. Sua boca estava curvada, mas uma pequena linha se formou entre suas sobrancelhas escuras.

Ele queria que eu dissesse sim. Isso era importante para ele. Muito.

Percebi então que em algum momento ao longo do caminho parei de imaginar um futuro. Eu parei de contemplar *nosso* futuro.

E assim, mesmo enquanto eu balançava a cabeça enquanto outros falavam sobre o que aconteceria depois da guerra, e eu fazia planos em voz alta, uma grande parte de mim não acreditava realmente que estaria aqui para ver isso acontecer. Especialmente agora que eu não tinha poder.

Parecia quase como se eu estivesse testando o destino para presumir que sobreviveria. Depois de tudo que eu fiz. Todas as pessoas que matei, todas as maneiras como desafiei os deuses.

Lorian sabia.

Perguntei-me quanto desse conhecimento teria sido aplicado em sua insistência para que nos casássemos agora e não esperássemos até depois da guerra. Ele estava tentando me fazer imaginar nossas vidas juntos. Tentando trazer essa parte entorpecida de volta à vida.

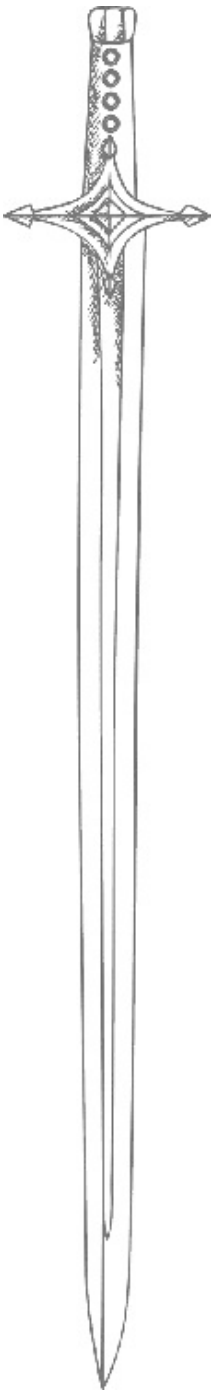
E ele estava conseguindo.

“Se Rekja concordar...” comecei, então estreitei os olhos para ele. Foi por isso que ele desapareceu. “Você já perguntou a ele, não é?”

Ele deu um beijo na minha testa, demorando-se por um longo momento. “Claro que sim.”

13

Prisca



Elean e Daharak se estabeleceram no castelo de Rekja no dia seguinte. Foi estranhamente desconcertante ver a rainha pirata longe de seus navios, e pela expressão perplexa em seu rosto enquanto andava pelo castelo, ela sentia o mesmo.

Eu passei meus braços ao redor de Telean no momento em que a vi. Havia muita coisa que deixamos de dizer, mas eu nunca esqueceria a sensação doentia de pavor quando pensei que qualquer um de nós morreria com palavras duras ainda

entre nós.

Ela acariciou minhas costas e depois se afastou para murmurar com Lorian. Nosso relacionamento ainda estava fraturado, mas seria consertado. Eu me certificaria disso.

A palavra foi espalhada por todos os nossos aliados. Nos encontraríamos no castelo de Rekja para finalizar nossos planos e nos preparar para a guerra.

Quatro dias depois, Tibris, Demos e Asinia chegaram de manhã cedo.

Com eles, trouxeram um homem que apresentaram como Tor. Demos encontrou a única chance que tínhamos de enfraquecer as defesas de Regner o suficiente para matá-lo.

Lancei-me em direção a Tibris, lágrimas escorrendo pelo meu rosto enquanto o abraçava. Ele me agarrou a ele, só me soltando quando Demos murmurou algo que eu não consegui captar baixinho.

Demos me apertou com tanta força que quase não consegui respirar. Ele de alguma forma ganhou *mais* músculos?

Asinia parecia mais saudável do que há anos. Sua pele havia escurecido com o sol e ela se movia com facilidade, como se tivesse alcançado um novo nível de conforto consigo mesma. Ela passou os braços em volta de mim e nós nos abraçamos com força, balançando de um lado para o outro por longos momentos.

Olhei ao redor. “Onde está Vynthar?”

Uma nuvem cobriu sua expressão. “Não sabemos, Pris. A última vez que o vimos foi em Ardanor, e então... ele não apareceu desde então.”

Meu estômago embrulhou. Vynthar me aterrorizou na primeira vez que o conheci.

Mas agora... agora, eu o considerava um amigo.

“Você acha que ele é...”

“Tenho certeza de que ele está bem”, disse Demos.

Se ele *estivesse* bem, então ele simplesmente... teria ido embora.

Talvez ele tivesse decidido que já tinha feito o suficiente. Dado o suficiente. Ele salvou vidas quando os skyrions atacaram a vila rebelde. Ele foi com Asinia e Demos para mantê-los seguros. Ele tinha feito muito mais do que eu jamais

poderia esperar.

Mas eu gostaria de ter agradecido a ele. Queria poder ter dito adeus.

Tor desapareceu para tirar uma soneca e nós comemos juntos, compartilhando histórias e risadas. Por algum acordo tácito, nenhum de nós falou dos horrores que havíamos visto ou da morte que havíamos causado – naquela tarde, nos encontraríamos para conversar sobre a guerra e planejar nossa estratégia. Enquanto comíamos, Lorian contou aos outros sobre a vez em que encontrou Marth sonâmbulo no navio de Daharak, indo direto para a amurada. Galon contou a eles sobre a vez em que estávamos treinando no convés e eu caí contra um barril virado...

perturbando um rato. O rato correu em minha direção e, sem ter para onde ir, subi — subindo pela corda mais próxima, que balançava violentamente. Perdendo o controle, usei as mãos para diminuir a velocidade da queda, causando-me uma terrível queimadura de corda.

Asinia nos contou como Demos decidiu que estava cansado de ficar deitado depois de quase morrer. Meu teimoso irmão deu dois passos para fora da tenda antes de cair inconsciente. Ele caiu como um tronco, garantindo que Tibris tivesse que curar sua cabeça dura mais uma vez.

Tibris sorriu, mencionando a ocasião em que um dos rebeldes – um soldado que desertou do exército de Regner – declarou em voz alta que mulheres não deveriam ser vistas no campo de batalha. Asinia calmamente pegou sua besta e atirou no copo de cerveja direto da mão dele.

Horas depois, quando os outros voltaram para seus quartos para descansar antes da reunião, Tibris me encontrou. “Quando foi a última vez que você deu um passeio?”

Eu fiz uma careta.

“Você vem comigo.”

Eu ri quando ele agarrou minha mão, me puxando pelo castelo. Várias pessoas se aproximaram e ele as interrompeu todas as vezes. “Pergunte a Lorian,” ele instruiu.

Ninguém parecia satisfeito com suas palavras. Eu não poderia culpá-los. Lorian estava fazendo tudo o que podia para aliviar a carga para mim, mas tinha tendência a rosnar quando fazia perguntas estúpidas.

E ele considerou muitas perguntas estúpidas.

Balancei a cabeça para Tibris, mas meu irmão não hesitou em assumir o

comando quando se tratava da saúde geral daqueles com quem ele se importava. Seus instintos de cura eram muitas vezes impossíveis de ignorar.

Os jardins de Rekja eram um refúgio sereno que parecia estar a mundos de distância dos conflitos e da política do castelo. Enquanto Tibris me conduzia pelos caminhos sinuosos,

a exuberante tapeçaria de cores e aromas me envolveu, tirando um pouco da tensão dos meus músculos.

Árvores altas e elegantes formavam uma copa de folhas acima de nossas cabeças, seus galhos balançando suavemente com a brisa. Abaixo deles, canteiros de flores explodiam em uma profusão de roxos, vermelhos e amarelos. Aspirei o cheiro terroso da terra úmida para meus pulmões enquanto caminhávamos pelo caminho de paralelepípedos.

Eu precisava disso.

Quando chegamos a um canto privado do jardim, Tibris estava olhando para uma roseira com a testa franzida, como se ela o tivesse ofendido pessoalmente. Ele olhou para cima, encontrando meus olhos.

Deuses, era bom poder olhar para ele novamente. Para ouvi-lo. Para ver que ele estava vivo e ileso.

“Você me assustou”, eu disse. “Quando descobri que eles estavam segurando você.”

"Eu sei. Desculpe."

A voz de Tibris era estranhamente monótona e eu olhei para ele. "O que é?"

“Há algo que preciso lhe contar.”

Meu coração trovejou. Sua expressão era cautelosa. Olhos graves.

“Você pode me dizer qualquer coisa”, eu disse. “Você sabe disso.”

Engolindo em seco, ele assentiu. Mas ele olhou para os pés.

Minhas palmas ficaram úmidas. Ele estava doente? Alguma coisa ruim aconteceu com ele naquele acampamento?

Tibris encontrou meus olhos. E era como se ele estivesse se preparando para dar notícias que achava que eu não gostaria. “Enquanto eu estava no acampamento rebelde, conheci alguém.”

O punho apertando meu coração se abriu. “Isso é tudo? Deuses, Tibris, você me assustou.”

Seu olhar permaneceu firme no meu. “Não é tão simples assim, Pris. É Herne.

“Herne… o líder do acampamento?”

Ele assentiu rigidamente, enfiando as mãos nos bolsos.

Meu peito apertou mais uma vez, acompanhado por uma sensação doentia no estômago. Eu podia ver isso agora – pela expressão em seus olhos, pelo desejo em seu rosto. Meu irmão estava apaixonado. E em vez da resposta de apoio que merecia, esperava que eu ficasse descontente com as implicações políticas.

Era isso que eu estava me tornando? Meus olhos queimaram.

Tibris enrijeceu. "Desculpe. Eu não planejei isso. Deuses... ele também não. Eu sei que é inconveniente, mas ele está do nosso lado, Pris.”

Lágrimas escorreram pelo meu rosto. Tibris parecia que eu o estava torturando. “Se for impossível ficarmos juntos, é só me dizer.”

“E você o deixaria ir? Simples assim?

Um músculo latejou em sua mandíbula. Não, meu irmão não deixaria Herne ir. Mas se ele pensasse que eu não aprovava, ele ficaria dividido entre nós.

“Sinto muito, Pris. Eu não queria me apaixonar por ele. Assim como você não queria se apaixonar por Lorian. Eu entendo que você está com raiva...”

"Parar."

Ele passou a mão pelo cabelo,

“Eu não estou com raiva. Eu não estou irritado. Estou feliz por você.

Ele estreitou os olhos para mim. “Você não parece feliz.”

“Eu também estou... magoada,” admiti. “Porque você pensou que eu colocaria a política à sua frente. E, ao mesmo tempo, entendo por que você pensaria isso. Fiz escolhas que assombrarão meus sonhos pelo resto da minha vida.” Meu estômago embrulhou. Essas escolhas garantiram que quase uma aldeia inteira de híbridos morresse. Essas escolhas me deixaram sem poder neste momento crucial desta guerra. Abaixei meu próprio olhar, incapaz de encontrar seus olhos. “Por que você não pensaria isso?”

“O pessoal de Herne atirou em mim”, disse ele. “Ele decidiu me manter como

refém para que pudesse obrigar você a fazer o que ele quisesse.”

Apesar de suas palavras, eu sorri. Era como se ele precisasse expor todas as más ações de Herne para que eu pudesse decidir se o aceitaria.

Aceitei Herne no momento em que Tibris me disse que estava apaixonado.

Meu irmão nunca havia dito essa palavra antes. Nunca sequer insinuei isso.

“Ele manteve os rebeldes vivos e tornou quase impossível para Eryndan atacar o acampamento deles. Ele é um bom líder, Tibris, embora quase tenha matado você. Eu ainda o quero do nosso lado. E... se ele for a pessoa certa para você, eu apoiarei vocês dois.

Seu sorriso iluminou todo o seu rosto. Então me dei conta. No meio desta guerra, fiquei muito, muito grato por poder ter este momento com meu irmão. Ainda havia coisas boas neste mundo. O amor ainda existia e estava em toda parte.

Eu sorri de volta. “Será que vou gostar dele?”

Ele balançou a cabeça. "Não. A princípio não. Ele é teimoso, arrogante, impetuoso… Você sabe, ele não é diferente de Madinia.”

Eu gemi. “Dois deles. Exatamente o que precisamos.

Tibris apenas riu. “É melhor voltarmos para a reunião.”

O que significava voltar à realidade da nossa situação. Eu suspirei. “Vamos então.”

Tibris ficou quieto enquanto caminhávamos de volta para o castelo.

"O que é?"

“É Vicer. Você acha que ele está morto, Pris?

"Não. Acho que Vicer é inteligente e tem sorte. Afinal, ele conseguiu sobreviver todo esse tempo.” Eu fui direto para a negação. Mas eu realmente não conseguia imaginar Vicer sendo abatido naquela aldeia.

No momento em que subimos para a grande sala de estar que usávamos para a maioria das nossas reuniões, fomos os últimos a chegar, e Lorian apontou para o assento que havia reservado para mim. Ele parecia descansado, quase relaxado, mas examinou cada centímetro meu enquanto me sentei.

Os olhos de Tor estavam arregalados enquanto ele olhava ao redor da sala de estar.

Observei seu olhar varrendo a madeira da mesa entre nós...

polidas até brilharem, as cortinas grossas emoldurando as janelas com vista para os jardins bem cuidados - presas por gravatas com joias e os pratos de doces delicados colocados sobre a mesa por criados uniformizados.

A expressão nos olhos de Tor me lembrou dos meus primeiros dias em Lesdryn. Fiquei dividido entre o espanto e o desgosto ao comparar as diferenças entre os que tinham a sorte de viver nas cidades e os que viviam em aldeias como a nossa.

Quando ele finalmente olhou para mim, o olhar de Tor permaneceu em meu vestido, sua expressão tingida de desgosto. Não adiantava dizer a ele que aquele vestido era emprestado ou que eu me sentia tão desconfortável sentada nele quanto ele olhando para ele.

Galon, Rythos, Marth, Lorian e eu sentamos no lado mais comprido da mesa.

Daharak, Telean, Demos, Natan e Asinia sentaram-se à nossa frente. Natan e Demos conversavam baixinho, e o fantasma de um sorriso surgiu no rosto de Demos. Madinia rondava pelos cantos da sala, olhando ocasionalmente pela janela.

Blynth e Hevdrin estavam conversando profundamente na outra ponta da mesa, com Rekja e vários de seus conselheiros à sua frente. Conreth também enviou um de seus conselheiros de maior confiança – um homem chamado Meldoric.

Tibris sentou-se ao lado de Demos e eu sentei-me ao lado de Lorian.

Todos ficaram em silêncio.

Respirei fundo. “Vamos começar.”

Contei aos outros sobre a sacerdotisa com quem conversamos no castelo de Rekja. E como ela se voltou contra Regner. Daharak concordou com a crença de que se

Regner fosse morto, toda a magia roubada seria devolvida àqueles de quem foi

tirada.

“Você realmente acredita nisso?” Madinia perguntou de seu lugar perto da janela.

Daharak encolheu os ombros. “Temos que tentar. O grimório não pode ser destruído, então é nossa única esperança.”

Ela contou aos outros sobre o deus das trevas Calpharos e a importância de pegar o grimório de Regner e escondê-lo - antes que este mundo não tivesse esperança de paz.

“Bem, isso é deprimente”, murmurou Tibris.

Rekja lançou-lhe um olhar divertido. “Onde estamos com os números?”

“Tenho menos de quinze mil pessoas em condições de combate”, disse Daharak severamente. “Regner planejou bem sua emboscada.”

Meu coração afundou. Quando soube quem era Daharak, minha tia me disse que comandava oitenta mil homens. Desde então, descobri que esse número não estava totalmente correto. Ela tinha oitenta mil pessoas antes do ataque de Regner, incluindo mulheres e crianças, além daqueles que eram velhos ou jovens demais para lutar. Foram necessárias milhares de pessoas apenas para colocar sua frota no lugar.

“Temos aproximadamente dezessete mil fae e híbridos no acampamento híbrido, prontos para lutar”, disse Blynth, tirando-me de meus pensamentos sombrios. “Mais estão ingressando todos os dias.”

Hevdrin assentiu. “Os números de Fae estão flutuando enquanto Conreth trabalha para negociar com Verdion, Caliar e Sylvielle. Do jeito que está, temos quase vinte mil fadas se preparando para a batalha.”

Vinte mil fae. A esperança agitou-se em meu peito. Mesmo com todo o ferro feérico e o poder roubado que Regner exercia, um feérico valeria pelo menos dois soldados humanos em um campo de batalha.

Todos os olhos se voltaram para Rekja.

Ele sentou-se com as costas retas na cadeira, sua expressão solene.

“Agora que Regner está marchando em nossas terras, não poderei dispensar tantos soldados quanto esperava. Precisaremos garantir que um número suficiente de pessoas esteja bem posicionado para proteger nosso povo.”

Meu coração afundou. Outra razão pela qual Regner escolheu agora marchar

sobre Gromalia. Então Rekja teria menos pessoas para contribuir com nossos exércitos.

Ele acenou com a cabeça para tudo o que viu no meu rosto. “Nós marcharemos com você para a guerra. Mas só posso dispensar trinta mil soldados.”

“Pouco menos de oitenta e cinco mil no total,” Lorian murmurou ao meu lado.

Eu não gostava de falar sobre pessoas como números. Cada um desses soldados tinha uma família e amigos que os amavam. E falávamos deles como se fossem ferramentas.

Seria esta a realidade da realeza? Do poder? As pessoas se tornaram pouco mais do que peões que foram colocados em seus lugares sem se importar com as vidas perdidas ou mudadas para sempre?

O pensamento me enojou.

Se sobrevivêssemos, eu faria o que fosse necessário para garantir que isso nunca acontecesse novamente.

“Zathrian ainda tem vinte mil híbridos”, disse Galon. “Acampado perto da Cidade Amaldiçoada.”

“E Regner?” Eu perguntei no silêncio. “Quais são seus números finais agora?” Não importa quais fossem esses números, eles poderiam ter sido piores, lembrei a mim mesmo. Se ele tivesse se aliado a Gromalia, teríamos sido dizimados.

“Cento e sessenta mil, mais quantas criaturas ele puder usar contra nós”, disse Demos calmamente. “Recebi a estimativa final esta manhã.”

“Além do exército de Zathrian,” eu disse amargamente.

Demos assentiu com a expressão tensa. Ao lado dele, Tibris bateu os dedos na mesa, formando uma ruga entre as sobrancelhas.

“Cento e oitenta mil soldados”, disse Natan. “Será um massacre.”

“Precisamos dos híbridos de Zathrian”, eu disse. Se conseguíssemos aumentar nosso número para cento e cinco mil, mais os rebeldes de Herne, junto com qualquer fae extra que Conreth pudesse negociar, poderíamos ter uma chance.

“Tudo o que o seu mais velho disse ajudou. Orivan concordou em ler uma mensagem sua”, disse Blynth.

O general de Zathrian, aquele que Blynth dissera ser um bom homem. Um legalista.

Potencialmente, a nossa única esperança de arrancar o exército do meu primo. E Tymriel finalmente provou ser útil.

Olhei para Blynth. Ele me deu um leve sorriso. “Se você enviar uma mensagem para ele, ele manterá o conteúdo para si mesmo.”

“Vou escrever para ele hoje”, eu disse. Seria a mensagem mais importante que eu enviaria.

Blynth inclinou-se atentamente para a frente. “Mesmo que ele peça a seus homens que se retirem do acampamento de seu primo, você ainda precisará conseguir passar

Águas de Eprothan e atracação perto do acampamento. Se eles reconhecerem você, você não chegará ao alcance de seu primo.”

“Deixe essa parte comigo”, disse Lorian.

Virei-me para Tor. “Demos explicou por que precisamos de sua ajuda?” Perguntei.

“Ele fez. Mas seu plano parece fraco.

Foi um resumo bastante justo, visto que se esperava que ele desempenhasse um dos papéis mais importantes – e mais arriscados – nesse plano.

“Estamos sem opções”, disse Madinia. Seus olhos brilharam enquanto ela olhava para Tor, com desgosto claro na rugas de seu nariz.

“E eu serei seu último esforço.”

“Você gostaria de ouvir exatamente o que Regner acabou de fazer com todo um acampamento híbrido em Eprotha?” Madínia ronronou. “Você gostaria que eu lhe contasse sobre o menino que ajudei a enterrar, sua mãe grávida que estava tão angustiada que teve que ser carregada pela floresta enquanto esperávamos sentir flechas nas costas a qualquer momento?” Ela se aproximou. Todos ficaram em silêncio.

“Talvez eu deva contar a você sobre os gritos que ecoaram pela floresta enquanto o guarda de ferro caçava qualquer um que pensasse em fugir para um lugar seguro.”

“N-não.” Tor engoliu em seco. Mas ele levantou a cabeça, olhando-a diretamente nos olhos. “Mas você está esperando que eu arrisque minha vida e não sabe se isso vai funcionar.”

Abri a boca, mas Marth já estava falando. “Não, nós não. Mas sabemos que se

não fizermos nada, estaremos condenando todos os híbridos e fadas deste continente ao horror e à morte. Se você puder ouvir tudo isso, se você puder perder sua família e amigos na masmorra de Regner e saber que eles passaram fome e foram torturados antes de morrer... se você puder saber que há pessoas arriscando tudo para salvar a vida de estranhos...” Sua voz parou e então ele inclinou a cabeça. “Se você pode ouvir todas essas coisas e se recusar a ajudar—

e ainda encontrar seus próprios olhos no espelho pelo resto da vida, não importa o tempo que isso dure - então você não pertence a esta sala.

O rosto de Tor ficou vermelho. Respirei fundo, mas Marth apenas olhou para o outro homem, cruzando os braços sobre o peito.

Demos se levantou. “Chega”, disse ele. “O fato de Tor estar disposto a nos ouvir é corajoso por si só.”

Tor o ignorou. E a mão de Asinia se contraiu como se fosse agarrar a de Demos.

Rekja se levantou e o olhar de Tor saltou para ele. “Tome sua decisão rapidamente.

Todas as nossas vidas podem depender disso.”

Não era justo o que estávamos fazendo com ele. Ninguém merecia o peso de tantas vidas sobre os ombros.

Rekja se virou para mim, seus longos cabelos ruivos caindo sobre os ombros. “Duas coisas. Primeiro, quando meu pai se encontrou com Regner, ele mencionou um acordo com o governante da ilha feérica, perto do extremo sul de nossas terras.

Levei um momento para entender. Mas Rythos soltou um som estranho do fundo de sua garganta. “Quorito.”

"Sim. O governante daquela ilha fez um pacto com Regner. Isso foi discutido em um jantar entre Regner e meu pai antes da queda das barreiras.

Meu pai queria a ilha para si depois da guerra. Regner disse que ele aguentaria.

A fúria quente pulsou em minhas veias. Verdion era um tolo. Um tolo que teria o sangue de milhares de pessoas nas mãos.

Rythos parecia ter levado um soco no estômago. Suas mãos começaram a tremer e ele enterrou o rosto nelas, afastando-se silenciosamente da conversa.

Rekja olhou para mim. “Vou me despedir para me encontrar em particular com meus generais.”

Olhei para Demos. Ele estava observando Rekja sair da sala com seus conselheiros, sua expressão pensativa. Quando ele voltou seu olhar para mim, ficou instantaneamente evidente que eu não gostaria do que ele dissesse em seguida.

“Você precisa fazer uma escolha, Prisca.”

“Que tipo de escolha?” Às vezes parecia que meus dias eram feitos apenas de escolhas. E cada uma dessas escolhas teve consequências brutais, muitas vezes imediatas.

“Vícero. Neste momento, não ouvimos nada dele. A última vez que Madinia o viu... — Seu olhar se voltou para ela.

Madinia assentiu com a expressão vazia. “Ele saiu para lutar contra os guardas de ferro.

Sozinho."

Meus olhos arderam. “Você acredita que ele está morto.”

“Precisamos presumir que ele está morto até sabermos o contrário”, disse Demos.

“Vicer é inteligente e conhece bem aquela área de Eprotha. Há uma chance de que ele ainda esteja vivo, ferido ou ocupado ajudando outros híbridos a chegarem em segurança. Mas não podemos confiar nele até sabermos que é esse o caso.”

Forcei-me a fingir que Vicer era apenas outra pessoa. Não alguém que eu conhecia. Alguém que ajudou a salvar vidas híbridas durante anos.

Se presumirmos que Vicer estava morto, precisaríamos seguir em frente sem ele. Mas para os híbridos que estávamos tentando salvar, Vicer era a pessoa que muitos deles conheciam ou, pelo menos, tinham ouvido falar. Eles sabiam que ele lutava por eles na cidade durante todos aqueles anos, e seus contatos se estendiam por Gromalia e Eprotha.

“Dê-me suas sugestões de pessoas em quem seus contatos confiariam, e se não tivermos notícias dele daqui a três dias, escolheremos alguém para…”

Eu não consegui dizer a palavra *substituir* . Ao meu lado, Lorian passou o braço em volta dos meus ombros. “Alguém para cumprir temporariamente suas funções até sabermos mais”, disse ele.

Olhei para ele. Ficou claro que ele presumiu que Vicer estava morto. Mas ele estava sendo muito cuidadoso em me poupar dessa suposição.

Tibris limpou a garganta. “Onde você quer que eu vá, Pris?”

Eu já tinha pensado nisso. “Eu quero que você vá para a passagem. Os híbridos que já estão fugindo em direção ao acampamento… Eu sei que Vicer disse que eles têm seus próprios curandeiros, mas assim que tivermos tudo no lugar, enviaremos tantos híbridos quanto pudermos para fora deste continente. Muitos deles precisarão de cura.”

Ele estreitou os olhos para mim e eu sabia o que ele estava pensando. Que eu o estava mandando embora para mantê-lo seguro. Porque ele era humano.

Eu balancei minha cabeça para ele. “Há outro motivo. Espero que se você for para Asric Pass, Herne irá com você.”

Suas sobrancelhas se ergueram. “Você o quer lá? Por que?"

“Pelo que você disse, os rebeldes foram excepcionais em esconder seus rastros e garantir que seu acampamento fosse quase impossível de detectar. À medida que mais e mais pessoas viajam para esse acampamento, começarão a deixar sinais dessa viagem.”

A expressão de Tibris clareou. “Vou mandar um pombo para Herne.”

Uma batida soou na porta. Madinia se aproximou e abriu.

“Mensagem para alguém chamado Marth”, disse o mensageiro. Ele tinha um longo corte em uma bochecha. “E seu pombo precisa ser substituído. Quase arranquei meu olho.

Eu suspirei. Confie em Marth para ter um pombo cruel.

Ele lentamente desenrolou seu enorme corpo, atravessou a sala e arrancou a mensagem da mão do homem, dando-lhe uma moeda de ouro. "Obrigado."

Marth leu a mensagem e seu rosto ficou sem sangue. Um arrepio deslizou pela minha pele, meu coração tropeçando na próxima batida.

Seus olhos encontraram os meus. “Eu sei no que Rothnic está trabalhando. Nossos espiões finalmente aprenderam a informação. Um deles foi capturado e morto. Mas dois conseguiram escapar de Eprotha.”

Lorian ficou tenso, e eu podia sentir a impaciência saindo dele em ondas.

O Patriarca favorito de Regner tinha o dom de criar horror com sua magia.

Finalmente, Marth balançou a cabeça, como se tentasse clareá-la. “A arma que eles criaram... ela derruba sentinelas. Todos os tipos de enfermarias.

Ah, deuses. As terras feéricas, Quorith, *Lyrinore*.

Precisávamos dessas enfermarias. Sem as proteções, as serpentes marinhas não atacariam e o reino híbrido seria invadido. O mesmo aconteceria com as terras feéricas.

E nosso povo morreria.

Era como se a história se repetisse.

“Regner vai nos atacar em todas as frentes, não é?” Eu disse, meus lábios dormentes. “Ele dividirá nossas forças, usará qualquer arma que Rothnic invente e derrubará todos os nossos protegidos. Estaremos tão ocupados defendendo nossas terras que não seremos capazes de traçar estratégias.”

Silêncio.

“Não entendo”, disse Asinia. “Essas enfermarias são antigas. Como poderia Rothnic ter encontrado uma maneira de derrubá-los?

“De acordo com nossos espiões, as proteções não permanecerão abaixadas. Eles serão meramente transferidos temporariamente para outro mundo.”

Madínia zombou. “Outro mundo?”

Demos ergueu uma sobrancelha. “Você pode se imaginar o centro deste mundo, mas faz sentido que existam outros.”

Eu suspirei. Assim como o céu era azul, Demos e Madinia sempre não gostaram um do outro. Ao lado de Demos, Asinia lançou-lhe um olhar de advertência. Sua boca se contraiu, seus olhos esquentaram.

Agora, *isso* foi interessante.

“Se eu puder recuperar sua atenção?” Marth mordeu.

Olhei para ele e algo dentro do meu peito estalou. Não muito tempo atrás, teria sido Marth provocando os outros, mantendo a atmosfera leve, não nos permitindo ceder ao pavor e ao medo. Desde a morte de Cavis, ele era uma versão sombria e triste de si mesmo.

“Esta é a enfermaria.” Ele pegou uma maçã de uma tigela de frutas sobre a mesa e colocou-a em um pedaço de pergaminho à sua direita. Nosso mundo. “Usos Rótnicos

sua arma.” Ele colocou a maçã sobre a mesa, longe do pergaminho.

“A enfermaria ainda existe, mas não está mais em nosso mundo. É temporário—

o poder é sempre atraído de volta à sua origem.”

“Então Rothnic muda nossas alas. Quanto tempo eles permanecerão assim?”

Marth encolheu os ombros. "Não sei. Depende do poder da arma e de quem a empunha. Provavelmente, Regner terá infundido a ambos o máximo de poder roubado que puder.”

O medo comprimiu meu estômago e o pânico deslizou perfeitamente para dentro da brecha.

Lentamente, fiquei de pé. “É hora de limpar a passagem de Asric dos soldados de Regner. E então começaremos a mover quaisquer híbridos que queiram deixar as terras feéricas — ou qualquer outro reino — em direção à Passagem.

Regner saberia que aqueles soldados estavam mortos e retaliaria instantaneamente, mas não tínhamos escolha. Tínhamos que proteger os inocentes.

Rythos passou a mão pelo queixo, com expressão grave. “Sem as proteções, ele tomará Quorith. Nem que seja para desativar nossos navios. Eu preciso ir. Tenho que contar ao nosso povo o que meu pai fez e quais serão as consequências.”

Balancei a cabeça, mas meu peito apertou. “Eu não quero que você vá sozinho.”

Uma pitada de impaciência brilhou em seus olhos. “Pris—”

“Por favor, Rythos.”

Ele franziu a testa. "Multar."

“Eu irei com ele”, disse Madinia.

Ela ficou perto da porta, encostada na parede, com os braços cruzados. Talvez se voluntariar para ir com Rythos fosse uma forma de ela evitar tanta coisa...

união. Se eu sabia alguma coisa sobre Madinia, é que ela preferia ficar sozinha. E ela estava diferente desde que voltou do acampamento híbrido.

Antes de partir, parecia que ela havia suavizado em alguns aspectos. Agora, suas paredes estavam firmemente no lugar mais uma vez.

"Obrigado."

Rythos não discutiu, apenas assentiu com firmeza.

“Eu disse que deveríamos ter matado Rothnic”, meditou Madinia.

Lorian a fixou com um olhar. “Se Rothnic tivesse morrido naquela noite, não teríamos conseguido libertar Jamic.”

Hevdrin estava quase sempre quieto até agora, mas, com isso, limpou a garganta. “Precisamos dividir nossas forças.”

Ele estava certo. Eu sabia que ele estava certo. Isso não me deixou mais feliz com isso.

Lorian assentiu. “Precisamos do último amuleto. Se vamos confiar em Kaliera

— e temos certeza de que ela quer o filho — então precisaremos de um grupo maior para entrar na mina.”

Demos recostou-se na cadeira. “Se é realmente onde Regner tem criado seus monstros, também precisamos encontrar uma maneira de eliminar o maior número possível deles.”

“A esta altura, ele já terá retirado muitos deles”, disse Galon. “Os ataques contra o acampamento rebelde e Sorlithia deixaram claro que ele já os está usando.”

“Concordo”, disse Demos. “Mas ainda podemos dar-lhe um golpe.” Seu olhar encontrou o meu, e meu estômago ficou tenso antes mesmo de ele dizer as palavras. “Eu quero ir.”

Seria tão, tão perigoso. “Você não acha que seria mais útil em outro lugar?”

Ele balançou a cabeça. “Por enquanto, nossa estratégia permanece a mesma. Vou pegar o amuleto e te encontrarei depois que você cuidar de Zathrian. Porque é isso que você está planejando, não é, Pris? Um lado de sua boca se curvou, mas nenhum humor brilhou em seus olhos.

A sala ficou em silêncio.

“Sim”, admiti. “O tempo de desejar que as coisas fossem diferentes acabou.”

Demos me deu um aceno de aprovação. “Hevdrin está certo”, disse ele, olhando para o outro homem. “Não podemos permitir que Zathrian vire nosso próprio povo contra nós. Mas com Regner atacando em todas as frentes, também não podemos nos dar ao luxo de ficar apenas na defensiva. Sem o amuleto, isso não pode acabar.”

Não surpreendendo ninguém, Asinia levantou-se. “Eu vou com ele.”

Demos lançou-lhe um longo olhar, mas não discutiu.

“Escolha dez pessoas para levar com você”, eu disse a eles. “Faes e híbridos poderosos.”

Ninguém falou. Mas uma nova energia entrou na sala e minha pele arrepiou-se com ela. Quase parecia o ar estalando antes de Lorian usar seu poder. Era uma sensação de expectativa misturada com pavor, misturada com outra coisa. Determinação, talvez.

“Eu farei isso”, Tor disse em meio ao silêncio. Seu rosto estava cinza e seu lábio inferior tremia antes de ele firmá-lo. “Eu vou te ajudar.”

Encontrei seus olhos. "Obrigado."

Ele apenas balançou a cabeça, virando-se.

Ele tomou sua decisão. Mudei minha atenção para Blynth. “Preciso que você retorne ao nosso exército e garanta que eles estejam prontos para a batalha.”

Ele assentiu. "Feito."

Lorian levantou-se. A sala ficou em silêncio novamente.

“Há outra razão pela qual quisemos trazer todos vocês aqui juntos. Mesmo no meio da guerra, é importante reservar tempo para a alegria. Para permitir que a esperança seja nossa luz no escuro. No dia do encontro, pedi a Prisca em casamento. Não sabemos o que acontecerá nesta guerra. Mas temos que arranjar tempo para celebrar as nossas vidas – ou Regner vence.” Lorian olhou para mim então, e eu pisquei para conter as lágrimas.

“Queremos que você comemore conosco”, eu disse. “Amanhã, antes de todos nos separarmos.”

Sorrisos se abriram, alguns aplausos irromperam e parte do pavor silencioso desapareceu da sala. O calor se espalhou pelo meu peito. Foi por isso que Lorian queria se casar agora. Uma chance de desfrutarmos da companhia um do outro pela última vez antes de nos separarmos. Para celebrar o amor e celebrar um ao outro.

Rythos e Galon deram tapinhas nas costas de Lorian. Este anúncio não foi uma surpresa para eles, mas eles sorriram para mim.

Surpreendentemente, foi Marth quem me abraçou primeiro. “Estou feliz por você, Pris.”

"Obrigado. E obrigado por sobreviver a Sorlithia e estar aqui.”

Ele me deu um leve sorriso, afastando-se para deixar os outros nos

parabenizarem.

Eu pedi a Asinia e Madinia para ficarem, e elas esperaram, uma com um sorriso brilhante, a outra com uma expressão carrancuda.

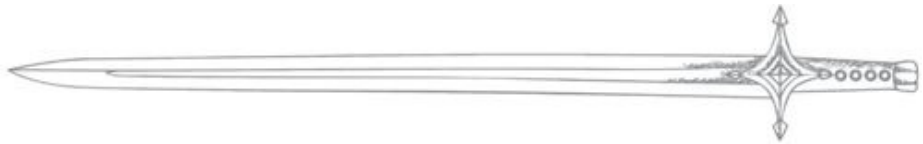
“Amanhã, para o nosso casamento... quero que você fique comigo. Vocês dois.

Lágrimas de alegria encheram os olhos de Asinia. Uma raiva fria tomou conta de Madinia. Meu coração afundou.

“Claro, Pris”, disse Asinia com um largo sorriso. “Estou honrado.”

Madinia balançou a cabeça lentamente e meu coração despencou. “Nunca pedi para fazer parte do seu grupinho. Estou aqui para vencer esta guerra e partir. Então pare de tentar fazer com que eu me importe com você. Todos vocês.

Ela se virou e saiu.



MADÍNIA

Meu humor estava sombrio enquanto eu caminhava pelo castelo, em busca de alguma distração – uma forma de substituir a imagem de decepção nos olhos de Prisca.

Ela não deveria me pedir essas coisas.

O rostinho de Darnis brilhou diante dos meus olhos. E de repente eu estava de volta àquela floresta, com o peso de uma criança em meus braços e o peso das vidas pelas quais fui responsável em meus ombros.

Um suor frio surgiu na minha nuca. Eu não poderia me demorar nisso.

Havia coisas mais importantes em que pensar. Tais como meus planos após esta guerra.

Era hora de conversar com a rainha pirata.

Rekja colocou todos nós na mesma ala, mas havia quartos suficientes para procurar e, quando encontrei Daharak, a sensação de mal-estar em meu estômago já havia quase se dissipado.

Ela estava sentada em uma elegante sala de estar com vista para o oceano. Ela

olhou para a água com saudade. Mas seu rosto estava sem sangue.

"O que é?" Perguntei.

Os olhos de Daharak permaneceram na maior parte de sua frota, ancorada perto da costa. “Você quer dizer além dos milhares de meu povo perdidos no mar?”

Estudei seu rosto. Desde o momento em que a vi neste castelo, ela estava quieta, solene, retraída. Mas essa reação foi diferente. Ela parecia ter levado um soco no estômago, um tapa no rosto e sido jogada em um lago frio, tudo ao mesmo tempo.

“Não posso usar a arma”, disse ela quando não respondi. Sua voz era oca, vazia.

A lembrança da nossa conversa no navio dela surgiu em minha mente.

“Você está falando da arma que usou em seu voto de sangue com Prisca para encontrar.”

Ela assentiu. Daharak geralmente era alguém que chamava atenção.

Quando ela entrava em uma sala, as pessoas notavam. Agora, porém, ela parecia de alguma forma diminuída. Seus ombros caíram e ela parecia menor, como se um pouco de sua vida tivesse sido drenada dela.

Sentei-me ao lado dela. “O que há de tão especial nesta arma?”

Alcançando o bolso da capa, ela tirou uma esfera azul. Parecia que era feito de vidro, mas algo nele me fez estremecer. Fiquei ao mesmo tempo atraído por ele e tentado a exigir que Daharak o guardasse novamente.

“Os rumores são de que o orbe foi tocado pelos deuses. Meu pai procurou por isso, e o pai dele antes dele. Temos inimigos e a arma pode fazer quase tudo. Há limites para seu poder, é claro, mas... com a barreira derrubada, é apenas uma questão de tempo até que nossa antiga rivalidade seja reacender.”

Daharak ergueu a mão e a luz do sol que entrava pela janela fez parecer que um fogo azul ardia dentro do orbe. “Teria finalmente terminado as coisas.”

Eu escutei o que ela não estava dizendo. Daharak tinha claramente planejado usar a arma para acabar com seus inimigos assim que ganhássemos esta guerra.

“Por que você não pode usá-lo?”

“Fiz um acordo com alguém para saber a localização da arma. Depois de anos escondendo a localização de mim, ele finalmente me contou – em seu leito de morte. O que ele não mencionou foi que apenas alguém puro de coração pode

manejá-lo.”

Mordi o lábio, tentando esconder um sorriso. “Você não acredita que é puro de coração?”

Daharak me lançou um olhar venenoso. "Pirata. Rainha. As coisas que fiz lhe dariam terrores noturnos. O que significa que não posso usar isso a menos que sinta vontade de sacrificar minha vida por isso.” Sua boca se apertou em um sorriso sombrio. “E por mais que eu queira que meus inimigos paguem, pretendo estar por perto para ver isso.”

Momentos como esses me davam certeza de que os deuses estavam brincando conosco. Uma arma poderosa o suficiente para que Daharak Rostamir a tivesse caçado todos esses anos e ela não pudesse nem mesmo usá-la em seus inimigos.

Pior, nenhum de nós poderia usá-lo também. Puro de coração? Todos nós tínhamos matado.

Eu matei e gostei. Queria poder repetir. Provavelmente, eu faria novamente.

Eu suspirei. “Não conte a Prisca.”

Isso chamou a atenção dela. A sobrancelha de Daharak se ergueu, seu olhar pousando em meu rosto. "Por que?"

“Porque o idiota fará algo estúpido como tentar se sacrificar pelo bem de todos os outros, e Lorian finalmente perderá o controle.

e trancá-la em algum lugar. Não quero ter que lidar com o drama.”

Humor brilhou em seus olhos. "Multar." Daharak colocou o orbe de volta em minhas mãos e eu fiz uma careta para ela. “Talvez sua nova vida lhe dê a oportunidade de encontrar alguém que possa usar esta arma para o bem.”

“Não vamos fingir que sou puro de coração?”

Daharak bufou.

Senti movimento perto da porta. Virei a cabeça e Daharak se levantou e praguejou. Asinia estreitou os olhos para mim e seu olhar permaneceu no orbe em minhas mãos. “Ocultar informações importantes de Prisca não vai nos ajudar.”

A fúria me mordeu com dentes afiados. “Escutando agora, Asinia? Você acha que os deuses permitiriam que Prisca escapasse de sua ira depois que ela roubou a vida de Lorian deles?

O sangue sumiu do rosto de Asinia. Ela sabia tão bem quanto eu que nenhum de nós poderia usar a arma.

Com uma maldição, ela chutou a cadeira à sua frente e se virou, caminhando em direção à porta.

Eu levantei minha sobrancelha. Eu não tinha visto muito do temperamento dela. Claramente, eu não fui o único a sentir a pressão.

“Falando nessa nova vida, quero falar sobre o que acontece depois desta guerra”, eu disse quando Asinia bateu a porta atrás dela.

Daharak inclinou a cabeça. “Você realmente acha que sobreviveremos?”

“Apenas os idiotas marcham para a batalha acreditando que morrerão.”

Ela riu. “Palavras sábias para alguém que nunca lutou.”

Dei de ombros. Ao viajar por Eprotha, cheguei a uma conclusão repentina e indesejável.

Eu estava sem um tostão.

Embora eu tenha vendido as joias de Kaliera nas terras feéricas – algo pelo qual não recebi crédito suficiente – esses fundos foram gradualmente consumidos pelos muitos custos de equipar nossos exércitos. Lorian contribuiu, assim como seus amigos, e eu tinha relativa certeza de que até mesmo Conreth havia vasculhado seus próprios cofres neste momento.

Mas o facto permaneceu: as guerras eram caras. Os exércitos precisavam de armas, alimentos e tendas. Quando esta guerra terminasse, sobraria pouca moeda.

Eu queria uma nova vida em um novo continente. Mas eu certamente *não era* adequado para a pobreza.

“Essa é uma expressão calculada”, refletiu Daharak. “Você precisará trabalhar nisso.”

Eu fiz uma careta. Não muito tempo atrás, esconder meus verdadeiros sentimentos atrás de uma máscara inexpressiva era uma segunda natureza para mim. Claramente, passar tanto tempo longe da corte não me ajudou em nada.

“Não basta pôr os pés num novo continente se esta guerra esquecida por Deus acabar algum dia”, eu disse.

Daharak me observou, seus olhos escuros eram frios. “O que você quer?”

“Quero ganhar algum tipo de vida. Quando eu sair do seu navio, preciso ter dinheiro suficiente para começar uma nova vida.”

“Estranhamente, não consigo imaginar você esfregando meu deck. Você provavelmente ficaria irritado e incendiaria o navio inteiro.”

Meu nariz enrugou antes que eu pudesse controlá-lo. Daharak sorriu para mim.

“Não se preocupe. Preciso de alguém com seus talentos. Quando estiver pronto para começar sua nova vida, você terá uma bolsa cheia de moedas.”

Desta vez, deixei meus lábios se curvarem. Mas o sorriso de Daharak desapareceu. “Preste atenção às minhas palavras, Madinia Farrow, pois tenho uma pequena gota da visão da minha mãe. Se recusares abrir o teu coração àqueles que dariam as suas vidas por ti, não chegarás ao continente oriental apenas com uma bolsa cheia de moedas.

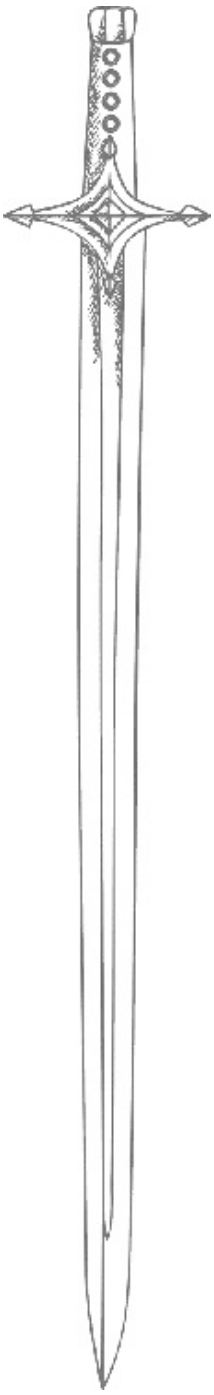
Você também carregará consigo um coração cheio de arrependimento. E esse coração será muito, muito mais pesado do que qualquer moeda que você possa imaginar.”

“Não tenho ideia do que você está falando.”

Ela me deu um sorriso afiado. “Você acha que os sentimentos são uma fraqueza. E às vezes, eles são. Às vezes, esses sentimentos destroem tudo o que você pensava que era. Mas uma vida que se recusa a sentir, a amar? Isso é pior que uma fraqueza. Isso é uma farsa. Recusar-se a sentir toda a gama de emoções, negar-se a alegria num esforço para se proteger da perda? Posso não saber muito - posso não ter um vislumbre verdadeiro do futuro como minha mãe tem - mas sei, sem dúvida, que um dia, os pequenos momentos de alegria aos quais você continua virando as costas? São os momentos que o manterão vivo.”

14

Prisca



Onreth chegou na noite anterior ao nosso casamento. E ele trouxe Jamic com Chim. Claramente, o treinamento de Jamic correu bem. Ele recuperou um pouco de cor no rosto. Ele havia perdido o olhar assombrado e não recuava mais em momentos estranhos.

Ele também pediu para ver sua mãe. Lorian não gostou. Na verdade, nem eu. Kaliera era perigosa. Mas quando Jamic pediu seriamente para passar algum tempo com ela, eu não tive coragem de dizer não.

Lorian não tinha certeza se Conreth seria capaz de comparecer a essas reuniões, mas o rei feérico poderia conseguir quase tudo quando devidamente motivado.

E ele não era do tipo que permitia que todos os outros fizessem planos de guerra sem a sua contribuição — mesmo com os seus generais e conselheiros falando em seu lugar.

Dos cinco guardiões que governavam seus territórios individuais dentro das terras feéricas – com Conreth como monarca – Thorn e Romydan concordaram em se juntar a nós. Ambos também lutaram conosco para derrubar a barreira.

Sylvielle, Caliar e Verdion não.

Agora, Conreth trouxe boas notícias. Sylvielle finalmente concordou em lutar conosco. Caliar e Verdion reforçaram a sua recusa.

Embora os Arslan tenham ignorado a convocação de seu rei – algo que Conreth nos disse com os dentes cerrados – esperávamos que Rythos finalmente conseguisse convencer seu pai da seriedade de nossa situação.

Mas hoje... hoje, eu tentaria não pensar em guerra – tanto quanto alguém poderia, enquanto estivesse no meio dela.

Porque hoje foi o dia do meu casamento.

Rekja nos deu acesso total ao seu castelo, nos instruindo a aproveitar ao máximo este dia. Eu imediatamente entreguei todos os detalhes para Lorian, que os entregou para outra pessoa.

Conreth veio aos nossos quartos depois de quebrarmos o jejum.

Lorian e Conreth tinham um acordo tácito de ficarem longe um do outro, exceto pela estratégia de guerra. Se Lorian ficou surpreso por Conreth quebrar o acordo, ele não demonstrou. Mas percebi a cautela em seus olhos enquanto observava seu irmão.

Conreth virou-se para mim. "Eu lhe devo um pedido de desculpas."

Infelizmente, eu não estava tão acostumada a esconder minhas expressões quanto Lorian. O canto da boca de Conreth ergueu-se.

"Meu?"

"Sim. Por causa das minhas ações, você viu Lorian morrer na sua frente.”

Eu me encolhi. Eu não pude evitar. Apenas as palavras e eu estava de volta àquele navio.

Lorian rosnou para seu irmão, me puxando para perto.

“Estou bem,” eu disse a Lorian, enfiando meu dedo em suas costelas. Ele me lançou um olhar duvidoso, mas se voltou para seu irmão.

“Por minha causa, você teve que usar seu poder de uma forma que era proibida.

E agora, você não pode usar esse poder”, continuou Conreth. Ele tentou manter a expressão estóica, mas estava claro que isso o incomodava. Pelo menos, ficou claro para *mim.* Quem sabia o que Lorian estava pensando?

Conreth parecia estar esperando por mim. Eu balancei a cabeça.

“Lorian estava correto. Se tivéssemos trabalhado juntos, eu poderia ter matado o general de Regner. Talvez eu até tenha conseguido matar seu primo.

Em vez disso, permiti que minha fúria e frustração assumissem o controle, fazendo o jogo de Regner. Você merecia coisa melhor. Vocês dois.

Pela primeira vez, senti uma pequena gota de esperança. Talvez um dia Lorian e Conreth fossem verdadeiramente irmãos novamente.

“Eu gostaria de ir ao seu casamento”, disse Conreth. “Eu sei que não mereço isso. Mas eu gostaria de ver meu irmão em um dos dias mais felizes de sua vida.”

Um nó começou a se formar na minha garganta. Eu não tinha percebido que Lorian não tinha convidado formalmente seu irmão para o nosso casamento. Eu pensei que era certo que ele estaria lá, mesmo porque ele era um aliado.

Olhei para Lorian. Ele estava observando Conreth com uma expressão calculista.

Ah, ah.

“Sim”, eu disse.

“Com uma condição,” Lorian murmurou.

A expressão de Conreth tornou-se cautelosa, mas ele assentiu.

“Eu preciso de Renit.”

As sobrancelhas de Conreth juntaram-se como duas lagartas brancas prestes a lutar até à morte. Ele abriu a boca, os olhos disparando para seu irmão.

Mas ele fez uma pausa, respirou fundo e considerou.

Eu não sabia o que era Renit, mas pela intensidade nos olhos de Lorian, era de importância crucial.

Um silêncio tenso tomou conta da sala. A expressão de Lorian estava relaxada, com as mãos nos bolsos. Mas eu tinha relativa certeza de que ele estava prendendo a respiração.

A boca de Conreth se torceu. "Multar. Temporariamente. *Muito* temporariamente.

Lorian sorriu e parecia mais leve de alguma forma. “Nesse caso, irmão, vejo você na cerimônia.”

Parte da tensão desapareceu do rosto de Conreth. Ele acenou para nós dois e saiu.

Meu olhar encontrou o de Lorian. Por mais que gostasse da ideia da reconciliação dos irmãos, não achava que a negociação de Lorian com Conreth para permitir que ele comparecesse ao nosso casamento fosse necessariamente um passo na direção certa.

“Confie em mim”, disse Lorian, inclinando-se e acariciando minha orelha enquanto suas mãos começavam a vagar. “Você vai me agradecer em alguns dias.”

Alguém bateu na porta. Suspirei, desejando que tivéssemos tempo para aquelas mãos inteligentes continuarem vagando. Lorian soltou um grunhido baixo e eu me desembaracei dele. “Esse será Telean.”

Minha tia insistiu em trabalhar com as costureiras de Rekja para criar meu vestido. Provavelmente era sobre isso que ela estava sussurrando com Lorian.

Claramente, ela decidiu que demoraríamos muito para abrir a porta, porque ela mesma a abriu antes de ficar ali em silêncio, com as mãos nos quadris.

Um único olhar sem palavras foi suficiente para reforçar sua impaciência. Meu peito ficou mais leve. Apesar de tudo o que havia acontecido entre nós, ela parecia disposta a deixar nosso desentendimento de lado por hoje.

Olhei para Lorian. A próxima vez que o vi…

“Vá, gato selvagem. Quanto mais rápido você se preparar, mais cedo estará em meus braços novamente.” Ele me puxou para perto, dando um beijo suave em minha boca. Eu mergulhei na sensação dele.

Telean pigarreou e eu ri contra seus lábios.

“É melhor você me deixar ir.”

Lorian suspirou e eu me libertei, seguindo Telean de nossos quartos, pelo corredor, até o dela.

Minha respiração ficou presa.

Três vestidos pendurados perto da janela. O meu era um âmbar deslumbrante, enquanto ela escolheu o verde esmeralda para Asinia e Madinia. Claramente, Lorian disse a ela que eu pedi a ambos para ficarem comigo.

Olhar para um daqueles vestidos fez com que a decepção se revirasse nas minhas entranhas. Então, me concentrei no meu vestido. E no de Asinia.

Telean atravessou a sala e ficou ao lado deles, observando-me em silêncio.

Apesar de toda a sua fúria sobre a maneira como usei meu poder para trazer Lorian de volta, ela claramente trabalhou com ele antes mesmo de ele me pedir em casamento aqui. E ela escolheu as cores dos nossos olhos.

“Eles são lindos. Não sei o que dizer.”

Ela suspirou. “Não vou me desculpar pelas coisas que disse.”

Virei meu olhar para os vestidos pendurados como um pedido de desculpas silencioso.

Ela me ignorou.

“Suponho que você acredita que estou muito velho e amargo para saber alguma coisa sobre o amor.”

Eu fiz uma careta para ela. Ela deixou claro o quanto ela amava Demos e eu, mesmo com seu jeito sensato e rude. "Não. Eu não acho isso de jeito nenhum.”

Estendendo a mão, ela verificou a bainha de um dos vestidos verdes, soltando-o com um zumbido satisfeito.

“Eu também tive um grande amor uma vez. Eu não falo sobre ele. Tento não pensar nele. E então sinto a culpa dessa decisão.” Ela sorriu para mim e seus olhos brilharam com uma alegria que eu nunca tinha visto nela. “Yorin ficaria muito infeliz com isso. O homem era lindo e ele sabia disso. Ele esperava que eu contasse a todos sobre minha perda.”

Meus lábios se curvaram, mesmo quando meu peito doía por ela. "O que aconteceu?"

“Ele morreu durante a invasão. Ele deveria nos encontrar... para fugir com seus pais. Em vez disso, ele voltou atrás na tentativa de proteger um grupo de crianças híbridas. Só soube de seu destino semanas depois. Todos os dias eu acordava com a esperança de que ele se juntasse a nós.” A expressão de Telean perdeu-se e, por um momento, ela pareceu muito mais velha do que realmente era.

Minha garganta apertou com força. "Sinto muito. Ele parece um homem incrível.”

Ela assentiu com a cabeça, os olhos brilhando com lágrimas que ela se recusava a derramar. “Mesmo quando soube de sua morte e fui forçado a aceitar que ele havia partido há dias... se houvesse alguma maneira de trazê-lo de volta - não importa o quão proibido fosse - eu teria feito isso. Sem hesitação. Talvez... talvez tenha sido por isso que fui tão duro com você. Porque eu sabia que teria escolhido o mesmo caminho e sei que você sofrerá por isso.”

Eu estava me forçando a bloquear o conhecimento do que estava por vir. Acreditei em Telean quando ela disse que a magia que usei era proibida por uma razão. E que os deuses exigiriam um preço exorbitante por isso.

A princípio, presumi que o preço fosse a dizimação do campo híbrido.

Mas... eu sabia que o pior estava por vir. Quanto tempo Lorian seria assombrado pelos mortos? Será que a presença deles destruiria lentamente sua sanidade?

“Nelayra?”

Respirei fundo. “Eu... eu vi minha mãe. Quando voltei o tempo para trás. E minha avó.

Os olhos de Telean se encheram de lágrimas. E eu contei tudo a ela. Quando cheguei à parte sobre as pequenas luzes que eles me deram, ela ficou boquiaberta, até minha voz sumir.

“Se não fosse por isso, eu pensaria que você imaginou. Que sua mente sedenta de ar apenas lhe deu as alucinações que você precisava naquele momento.”

“O que eles fizeram?”

“Você disse que pedaços de você estavam... se desintegrando.”

Assenti e ela respirou fundo. “Você estava perdendo sua alma, Prisca. Sua mãe e sua avó lhe deram o suficiente para mantê-lo vivo.

Minha boca tremia e eu a apertei com os dentes, lutando para não cair no choro. “Você… você acha que isso os machucou?”

Ela me deu um sorriso trêmulo. "Não sei. Mas eles acreditavam claramente que esta era a escolha certa. Eles obviamente queriam que você voltasse para sua vida e salvasse o homem que você ama."

Lágrimas rolaram por seu rosto. "Perdoe-me", disse ela. "Sinto falta da sua mãe. Ela era minha melhor amiga. Deveríamos ter séculos.

Meus próprios olhos ardiam e ela balançou a cabeça, enxugando as lágrimas.

"Seu poder?"

"Ainda não consigo sentir", admiti.

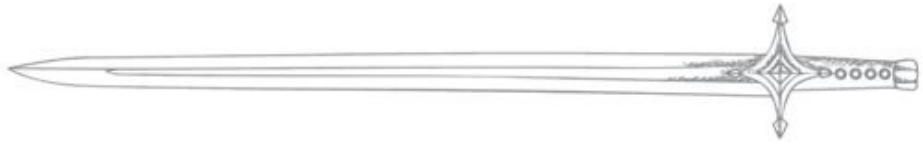
Não disse o quão inútil me sentia, no meio de uma guerra sem o meu poder.

Como isso me matou quando Rekja me lançou aquele olhar incrédulo enquanto Tymedes esperava para atacar.

Telean suspirou. "Você é mais do que apenas seu poder, Prisca. Veja quanto poder Regner tem. E veja o que ele fez com isso. Minha tia segurou minha bochecha, sorrindo para mim. "Mesmo que seu poder nunca retorne, não tenho dúvidas de que você será uma rainha gloriosa."

Eu não sabia o quanto precisava ouvir essas palavras da minha tia. Eu ainda estava desesperado pelo meu poder, mas Telean tinha tirado o pior da dor dos meus ossos. Pelo menos por hoje.

Telean sorriu. "Chega disso por enquanto. Hoje é um dia feliz. Agora, vamos prepará-lo.



ASÍNIA

No dia em que Prisca nos ajudou a escapar da masmorra de Regner, Demos começou a mudar.

Ele não se transformou apenas fisicamente, embora observá-lo comer três ou quatro pratos em cada refeição, com os músculos tensos contra as costuras das roupas, tenha sido... interessante.

Não, ele também mudou de outras maneiras. Essas mudanças podem não ter sido tão óbvias, mas foram as mudanças importantes.

Gradualmente, ele começou a se livrar de um pouco da amargura que eu via tantas vezes na masmorra de Regner. A raiva se transformou em uma paz tranquila – com vislumbres ocasionais de seu senso de humor astuto. Ele ainda planejou o assassinato de Regner com um foco obstinado que ocasionalmente fazia até Lorian levantar uma sobrancelha. Mas ele parecia encontrar alguma alegria na vida também.

A presença de Tor... Suprimiu aquela alegria, estrangulou aquele humor e transformou qualquer contentamento em auto-aversão. O brilho perverso nos olhos de Demos desapareceu quando ele olhou para mim. Agora, aqueles olhos estavam vazios, sombras escuras abaixo deles.

Eu odiei isso. Odiava que Tor tivesse trazido toda a culpa e autodesprezo de Demos de volta à superfície. Odiei que, em vez de falar comigo, ele estivesse se afastando.

Suas conversas com Tor eram curtas e cortantes. O outro homem não tentou reacender a amizade deles, embora eu o tenha flagrado olhando para Demos ocasionalmente enquanto viajávamos.

Agora que estávamos no castelo, com bastante espaço para nos evitarmos, Demos fez exatamente isso. Mas Tor não foi o único que ele evitou.

E deuses, doeu.

Afastando o pensamento da minha mente, colei um sorriso brilhante no rosto, seguindo em direção aos quartos de Prisca e Lorian. Este foi o meu melhor

dia da amiga, e se ela ainda não tivesse percebido como Demos estava lutando, não seria eu quem apontaria isso.

Ela merecia pelo menos um dia de verdadeira felicidade.

Batendo na porta, eu a abri, seguindo as vozes que ouvia em um dos quartos.

Telean estava atrás de Prisca, mexendo em algo em seu cabelo, e quando ela se afastou, deixei escapar um suspiro audível.

Prisca parecia etérea. Seus longos cachos loiros estavam soltos, com pequenas flores brancas entrelaçadas nos fios. Mas foi o diadema que ela também usava que me roubou o fôlego.

Eu já tinha visto isso antes, quando ela estava se preparando para se encontrar com Eryndan.

Prisca estava desconfortável, ainda lutando contra seu papel como rainha híbrida.

A faixa era feita de videiras retorcidas de ouro branco e pontilhada de diamantes, enquanto a peça central esmeralda descia até o meio de sua testa.

Telean obviamente sabia que esse anúncio estava chegando - e quem Prisca pediria para ficar com ela, porque ela mesma havia trabalhado sua própria magia, procurando vestidos para Prisca, Madinia e eu.

Claramente, ninguém dissera a Telean que Madinia recusara.

O vestido de Prisca estava pendurado no armário. Era uma cor que eu não conseguia nomear – nem ouro, nem bronze, mas algo intermediário. Dois outros vestidos estavam pendurados por perto, com coroas de flores esperando na penteadeira.

Certa vez, há muito tempo, Prisca e eu planejamos nossos casamentos. Eu disse a ela que usaria o que ela quisesse, desde que ela me coroasse com flores.

Agora, parecia ridículo. Mas mesmo enquanto estávamos em guerra, quando este casamento não seria nada como ela havia imaginado, Prisca ainda se lembrava.

Telean acenou com a cabeça para o vestido à direita. “Vá em frente, então. Coloque-o para que eu possa dar uma olhada.

Obedeci e os olhos de Prisca brilharam quando Telean se colocou atrás de mim para abotoar o tecido sedoso.

“Cabe bem”, observou Telean, e eu olhei no espelho.

O vestido era de um verde escuro que brilhava quando a luz o atingia. O material envolveu suavemente meus seios, enfiou-se na minha cintura e caiu elegantemente sobre meus quadris, a longa cauda deslizando fluidamente pelo chão.

Peguei a coroa de flores e coloquei na minha cabeça. Prisca sorriu para mim. "Feliz?"

"Claro."

Telean sorriu para nós. "Vocês dois estão lindos." Ela estava claramente tomando cuidado para não mencionar o outro vestido, ainda pendurado por perto. Ocasionalmente, eu queria dar um tapa em Madinia. Mas eu não estava lá quando aquele acampamento híbrido foi atacado. E depois do que ela disse a Tor...

Ela estava sofrendo.

“Agora, acredito que vou encontrar meu lugar.”

Prisca inclinou-se e beijou a bochecha de Telean. "Obrigado."

Os olhos de Telean brilharam e ela se virou, saindo apressada.

“É como desafiar o destino ser tão feliz”, disse Prisca. “Para comemorar qualquer coisa. Mas... nos dias seguintes a Lorian me pedir em casamento, fiquei pensando em como Cavis deveria estar lá com Rythos, Marth e Galon. E fiquei me perguntando quem mais não iria ao nosso casamento. Se ao menos nos casássemos.

Eu peguei a mão dela. Eu odiava que esses fossem os pensamentos que ela estava pensando no dia do casamento. “Esses momentos são lembretes, Pris. Lembretes do que estamos lutando. Eles nos dão esperança. *Você* nos deu esperança.”

Prisca apertou minha mão, seus olhos brilhando. "Obrigado. E... nunca consegui agradecer adequadamente por manter Demos vivo.

“Você sabe que não precisa me agradecer por isso.”

"Sim. Mas estou fazendo isso de qualquer maneira. Ter meus dois irmãos tão longe... foi horrível. Tive que me forçar ativamente a não entrar em espiral, pensando em todas as coisas que poderiam dar errado. Mas saber que vocês três estavam juntos e que manteriam um ao outro seguro... isso foi o suficiente para me ajudar a superar o medo.

A porta se abriu. Virei-me, encontrando os olhos de Madinia. E eu dei a ela um olhar de advertência. Se ela ousasse chatear Prisca hoje...

O olhar de Madinia passou por mim. “Eu farei isso,” ela murmurou. “Vou usar aquele vestido idiota. Vou até usar... *isso* . Seu nariz enrugou-se diante da coroa de flores em minha cabeça e tentei reprimir meu sorriso.

"Tem certeza?" Prisca arqueou uma sobrancelha, sua voz fria. “Eu não gostaria de *forçar* você a ser meu amigo.”

Madinia curvou os lábios. Indo até a penteadeira, ela pegou a coroa de flores e colocou-a na cabeça. Ele se inclinou bêbado para o lado. “Feliz agora?”

Prisca sorriu. "Você sabe, eu sou."

Madinia parecia um gato mergulhado num barril de água fria.

Mas suas mãos foram para a parte de trás da túnica e ela puxou-a pela cabeça, empurrando ainda mais a coroa de flores. Eu teria me oferecido para ajudar, mas ela provavelmente teria rosnado.

Suas leggings de couro desapareceram um momento depois, e ela pegou o vestido que Telean havia desenhado para ela, completamente despreocupada com sua nudez.

Se eu parecesse tão incrível quanto Madinia nua, também não me preocuparia.

A boca de Prisca se curvou em um sorriso completo. E então ela pegou seu próprio vestido.

Estendi minha mão e ela me deu o vestido para segurar.

Eu não sabia como Telean tinha conseguido isso, mas ela conseguiu garantir que o material combinava com o âmbar dos olhos de Prisca.

Prisca deixou cair o roupão, exibindo a renda bronze brilhante que usava por baixo. “Bem, bem, bem”, disse Madinia, a voz cheia de diversão.

As bochechas de Prisca ficaram vermelhas, mas ela piscou para mim enquanto eu segurava o vestido para ela vestir.

Eu olhei desesperadamente para trás dele. Mesmo sendo uma costureira treinada, eu precisaria de um momento para entender como as fitas se interligavam para manter o vestido no lugar.

“Deixe-me”, disse Madinia, e pela primeira vez, sua voz era suave.

Recuei enquanto Madinia discernia facilmente qual fita precisava ser cruzada em cada lugar. O vestido brilhava, caindo em cascata e agarrando-se suavemente ao corpo de Prisca. O corpete, adornado com pequenas joias iridescentes, brilhava em um padrão elaborado e ondulado. O decote era baixo, enquanto as camadas transparentes da saia flutuavam a cada passo dela, caindo em dobras suaves e onduladas até o chão.

Prisca se virou e eu examinei as costas do vestido. Estava ousadamente nu, exceto pelas intrincadas fitas que cruzavam sua pele. Essas fitas desempenhavam um jogo tentador de realçar e ocultar, adicionando um elemento de mística ao design geral.

Foi, sem dúvida, o vestido mais lindo que já vi.

Prisca passou o braço em volta de cada um de nós. Ocorreu-me agora que, além de Telean, nenhuma mulher mais velha estava aqui neste dia alegre. Ninguém para transmitir sabedoria sobre casamento, vida ou amor.

Nós três éramos órfãs de mãe. Foi mais fácil para Madinia, que nunca teve mãe? Ou mais fácil para mim, quem pelo menos tinha minhas memórias? Ou talvez fosse mais fácil para Prisca, que conseguia mascarar a sua tristeza com raiva da

única mãe que conhecera antes de saber a verdade.

Afastando os pensamentos da minha mente, estudei nosso reflexo. Nós tínhamos um ao outro. Até Madinia suprimiu seus instintos de afastar todo mundo. Pelo menos por hoje.

Os pensamentos de Prisca pareciam semelhantes aos meus, pois seus olhos encontraram os de Madinia no espelho. “Não sinto muito que você se importe, Madinia. Porque quando alguém como você se interessa… o mundo muda.”

Madínia suspirou. Então ela afastou um cacho do rosto de Prisca e mexeu em seu cabelo. “Você está de tirar o fôlego”, declarou ela. “Agora, vá se casar com aquele Fae possessivo antes que ele venha aqui e arraste você para fora.”

Prisca riu e juntos saímos da sala. Do lado de fora, Demos e Tibris esperavam no corredor, ambos vestindo calças e jaquetas perfeitamente ajustadas, os cabelos bem penteados. Demos… Quando o avistei, minha respiração ficou presa. Tentei esconder com uma tosse e Madinia me lançou um olhar astuto.

Os dois irmãos de Prisca estenderam o braço e ela ficou entre eles, entrelaçando os braços com cada um deles.

Inclinando-me, enxuguei as lágrimas recentes de seu rosto.

Meus olhos encontraram os de Demos. Seu olhar viajou lentamente dos meus pés, subindo pelo vestido transparente, até o topo dos meus seios, e permaneceu na minha boca pintada. Finalmente, chegou à minha coroa de flores. Seus lábios se contraíram.

Enviei-lhe um olhar assassino e seu sorriso se alargou, mas ele não disse uma palavra.

Madinia foi primeiro, e eu a segui pelo corredor e desci uma longa escadaria. As portas na parte inferior da escada foram abertas e saímos e entramos na carruagem que nos esperava.

Prisca e Lorian pediram apenas uma coisa: que a cerimônia fosse na floresta, onde passaram tanto tempo logo depois de se conhecerem.

Todos nós ficamos quietos quando a carruagem saiu dos portões da cidade. Prisca parecia nervosa e estranhamente pacífica, as mãos tremendo enquanto os olhos estavam calmos.

Finalmente a carruagem parou e Madinia desceu.

Inclinei-me, apertando a mão de Prisca. "Eu te amo."

Ela me deu um sorriso trêmulo. "Eu também te amo."

Alguém começou a tocar uma melodia assustadora de tirar o fôlego e eu desci da carruagem.

A luz do sol brilhava através dos galhos acima, dançando na grama, que estava atapetada com pétalas de flores. O cheiro da terra misturava-se com a fragrância das inúmeras flores silvestres que adornavam a clareira, e a brisa brincava com meus cabelos, agitando as fitas penduradas nos galhos acima de nossas cabeças.

Madinia começou a caminhar pelo corredor e eu estiquei o pescoço, olhando além dela.

Lorian estava ao lado de Marth, Rythos e Galon. Ele desviou o olhar para a esquerda, como se alguém estivesse do outro lado.

Meu coração se apertou. Ele estava imaginando Cavis ao lado dele.

E vi seus olhos brilharem com um brilho de diversão – como se seu amigo morto tivesse feito algum comentário enérgico.

Uma pitada de inquietação passou por mim. Prisca sabia que Lorian estava caminhando na linha tênue entre o que era real e o que... não era?

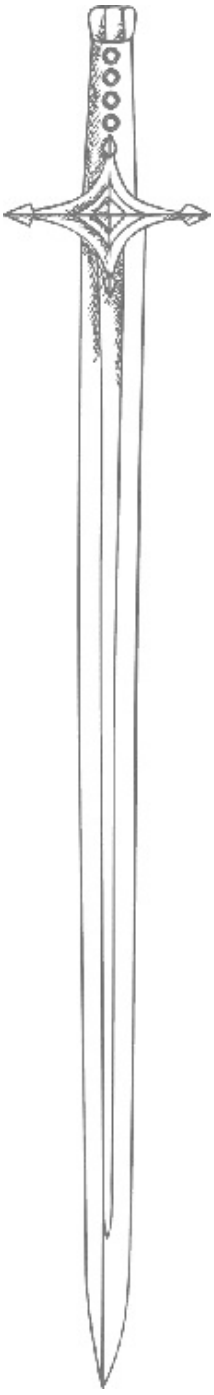
Comecei minha própria caminhada. Lorian se mexeu, claramente impaciente, e eu sorri quando seus olhos encontraram os meus. Ele usava um casaco azul escuro que refletia a luz a cada movimento. Bordados dourados adornavam as bordas, enquanto um colete de seda prateada abraçava seu torso, com botões brilhando como estrelas polidas. Por baixo de ambos, ele usava uma camisa branca impecável. As calças tinham um corte perfeito, o tecido escuro complementava o esplendor do casaco, e parte de mim questionava se Telean lhe tinha feito uma visita para garantir que o caimento era perfeito.

Madinia deu um passo para o lado. Mas eu ainda estava observando Lorian enquanto ele olhava para mim e seu olhar pousou no amor de sua vida.

As palavras não conseguiram capturar a essência daquele olhar. Meu coração parecia pequeno demais para conter a alegria que tomou conta de mim com aquela visão. Era um olhar de adoração e ternura desconcertadas, como se Lorian não conseguisse acreditar que Prisca era dele. O amor era temperado com uma dose saudável de luxúria possessiva que deixava claro que ele faria o que fosse necessário para mantê-la.

Prisca sorriu de volta para ele. E naquele momento, pude esquecer brevemente a morte e a guerra.

Prisca



Os olhos de Orian encontraram os meus e perdi a capacidade de respirar.

L Eu tinha visto tantas expressões em seu rosto quando ele olhou para mim.

Irritação, humor, perplexidade, luxúria, um amor tão profundo que me fez questionar se algum dia eu poderia ser digno de tal adoração.

Mas agora, ele olhou para mim como se eu fosse a última estrela que restava em um céu cheio de escuridão. Ele olhou para mim como se estivesse se afogando e eu fosse o único que pudesse lhe dar ar. Era um olhar desesperado, possessivo e apaixonado.

E eu tinha certeza de que estava olhando para ele exatamente da mesma maneira.

Meu coração galopava no peito, minhas mãos tremiam. Mas no momento em que nossos olhos se encontraram, todo o nervosismo desapareceu, até que só houve espaço para a alegria.

Eu já estava acasalada com esse homem e estava começando a entender o quão profundo era esse vínculo. Mas ele queria me dar isso. Uma cerimônia que me disse sem dúvida que ele era meu e eu era dele. Em todos os reinos. Em todos os mundos.

Galon concordou em nos casar. E parecia certo que o homem que tinha sido o pai de Lorian em todos os sentidos, exceto no sangue - e o homem que salvou minha vida naquele dia perto do rio - seria o único a nos tornar marido e mulher.

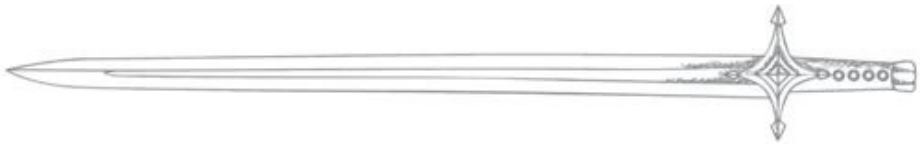
Ele disse algo que fez todo mundo rir, mas eu estava muito ocupado olhando para Lorian. Ele olhou para mim, aquele meio sorriso no rosto, e meu coração deu um pulo no peito.

Galon ergueu a voz. “Hoje, reunimo-nos aqui em tempos de guerra para celebrar um dos grandes marcos da vida. Fui abençoado pelos deuses por ter testemunhado o amor de Lorian e Prisca desde o momento em que eles se viram. Embora... ambos teriam jurado a todos os deuses que o amor era a última coisa que poderiam imaginar sentir.

Galon geralmente era um homem de poucas palavras. Mas hoje ele contou aos nossos amigos, familiares e aliados os tipos de histórias que os fizeram gargalhar.

Desde o momento em que Lorian me pegou tentando roubar seu cavalo, até o momento em que finalmente consegui usar meu poder nele perto do rio – e bati meu joelho em suas bolas. Galon claramente falou com alguns dos outros também, já que ele certamente mencionou o quão ciumento Lorian ficou enquanto me observava dançar com outro homem no castelo de Regner.

Lágrimas encheram meus olhos enquanto suas histórias me lembravam de como Lorian ficou ao meu lado quando fui envenenado. Da maneira como ele me intimidou incansavelmente até que eu emergi da concha do medo, da apreensão e da dúvida. Lorian tinha visto a verdade dentro de mim – que eu era forte e determinado, e que não precisava deixar meu passado determinar meu futuro.



“Como as árvores antigas que nos rodeiam, o seu amor resistirá a tempos de tempestade e serenidade, resistindo aos ventos mais ferozes da adversidade e desfrutando das brisas suaves da paz”, disse Galon.

“Seu amor prevalecerá em tempos de sol e geada, aproveitando nossos dias mais quentes e brilhantes e suportando os toques gelados de nossas noites mais difíceis.

“E o seu amor permanecerá forte durante a seca e a abundância, durante os verões secos e as primaveras abundantes, crescendo mais profundamente a cada ano que passa.”

Galon entregou a pulseira de casamento para Lorian. "E então você deve jurar."

Lorian pegou minha mão, e a sensação da força quente de sua palma sob a minha pareceu estabelecer algo profundo dentro de mim.

Ele olhou atentamente nos meus olhos. “Juro ser as raízes que sustentam você, os galhos que o ajudam a alcançar seus sonhos e o abrigo que o mantém seguro para sempre. Eu vou te amar em todas as vidas.”

Meus lábios tremeram, mas consegui engolir o nó na garganta, repetindo suas palavras. Minha voz falhou na última frase, e Lorian me puxou para perto.

“Ainda não”, disse Galon. Como sempre, Lorian o ignorou, empurrando suavemente a pulseira sobre minha mão até que ela envolvesse meu pulso. A magia tecida no metal encolheu instantaneamente a pulseira até que houvesse espaço suficiente para meu pulso ficar confortável, mas ela só poderia ser removida com ferramentas.

“Tudo bem”, disse Galon com um aceno de mão que fez todos rirem.

“Assim como você está acasalado, você também se casará. Agora eu os declaro marido e mulher. Você pode…"

Mais risadas.

Eu mal ouvi, porque minha cabeça estava girando quando a boca de Lorian encontrou a minha. Eu mergulhei na sensação dele. O gosto dele. O cheiro dele.

Ele soltou uma risada exultante, me puxando para ele e me girando até que tudo que eu pude fazer foi me segurar, meu peito mais leve que o ar.

LORIANO

Prisca era minha esposa. Ela também era minha companheira. Ela era meu *tudo* .

Eu mal saboreei o banquete de casamento que Rekja havia oferecido, ocupada demais me concentrando na forma como Prisca sorria quando pessoas bem-intencionadas se aproximavam. Ela lambeu os lábios e meu olhar se fixou em sua boca.

Uma música alegre começou a tocar, os músicos tirando casais de suas mesas. Rekja até conseguiu arranjar música em tão pouco tempo. Eu lhe devia minha gratidão.

Pegando a mão de Prisca, levei os nós dos dedos dela à minha boca. Seus olhos encontraram os meus e eu me deleitei com sua atenção.

“Dance comigo, gato selvagem.”

Ela sorriu para mim, permitindo que eu a conduzisse para fora da mesa. Várias pessoas se aproximavam de várias direções. Enviei-lhes um olhar de advertência e eles imediatamente encontraram outra pessoa com quem conversar.

Prisca apertou minha mão até que olhei para ela. “Você está aterrorizando nossos convidados durante nossa festa de casamento?”

Eu dei a ela meu sorriso mais encantador. "Senti a sua falta."

“Eu estava sentado bem ao seu lado.”

“Você estava olhando para outras pessoas.”

A risada dela ecoou e eu a puxei para o outro lado da tenda, perto dos músicos. Quando a música ficou lenta, eu a puxei em meus braços, beijando seu pescoço macio e quente.

Ela soltou um zumbido, inclinando a cabeça para trás, e eu peguei seus lábios nos meus.

Deuses, o gosto dela.

Obriguei-me a levantar a cabeça, quase jogando-a por cima do ombro quando seus olhos vidrados encontraram os meus.

"Você está feliz?" Eu murmurei.

Ela sorriu para mim. “Estou tão feliz que sinto como se tivéssemos escapado impunes de algo que não deveríamos. Isso parece um sonho.”

A música diminuía e fluía enquanto os casais dançavam ao nosso redor. Eu a puxei ainda mais para perto e ela aninhou a cabeça no meu peito. O orgulho cresceu dentro de mim.

Não muito tempo atrás, a ideia de ser terno com alguém era incompreensível.

A ideia de arriscar meu coração é insustentável. Agora, era a ideia de ficar longe dessa mulher, mesmo que por alguns dias, que parecia insuportável.

“Você abriu caminho sob minha pele, gato selvagem.”

Ela inclinou a cabeça, sorrindo para mim. “Você mereceu. Você foi tão mal-humorado e cruel com suas ordens e ameaças.” Ela deu um arrepio fingido.

“Muito assustador.”

Inclinei-me e beijei a concha de sua orelha, apreciando a maneira como sua respiração ficou presa. "Você não teve nenhum problema em me enfrentar."

“Oh, houve problemas,” ela murmurou, rindo quando eu mordi sua orelha.

“Ei, querido,” Rythos disse atrás de nós. “Posso interromper?”

Ignorando-o, acariciei a bochecha de Prisca. Ela me beliscou.

Soltei um suspiro. "Multar. Mas então vamos embora. Estou cansado de todo mundo falando e olhando para você. Eu quero você para mim.

“Homem possessivo.”

Afastei-me, mas não antes de lançar um olhar de advertência a Rythos. Ele nunca tentaria nada com Prisca. Mas foi bom lembrá-lo das consequências imediatas, caso ele perdesse a sanidade.

Ambos reviraram os olhos.

Afastei-me, preparado para pelo menos encontrar algo para beber se não pudesse dançar com minha esposa no meu casamento.

“Fazendo beicinho, irmão?”

Conreth olhou para mim com as mãos nos quadris. Pela primeira vez, suas palavras não continham nenhuma animosidade ou zombaria verdadeira. Seus olhos dançaram, me convidando para me juntar a ele.

Apesar das pessoas clamarem pela atenção de Prisca, eu estava de bom humor.

“Rythos,” eu resmunguei, e Conreth sorriu, me entregando uma bebida.

"Obrigado."

Nós os observamos dançar por um momento. Rythos disse algo que fez Prisca rir, seu sorriso iluminando toda a sala.

“Você parece feliz”, murmurou Conreth.

"Eu sou."

“Se isso mudar…”

Nossos olhos se encontraram. Sua expressão era casual, mas eu vi a oferta pelo que era. Ele estava dizendo que eu poderia voltar. Que tudo pudesse voltar a ser como era.

Olhei diretamente em seus olhos. Os olhos do nosso pai.

“Um acidente de nascimento me tornou um príncipe fae. E desisti desse título porque de outra forma nunca teria ficado ao lado da Prisca. Não me arrependo de nada.”

Ele franziu a testa. “Você diz isso agora. Os títulos não são sem sentido, Lorian.”

Dei de ombros. “Eu era um príncipe fae e agora sou companheiro e marido de Prisca. Eu sei quais títulos significam mais para mim. Quais títulos eu uso com orgulho e vontade



até o dia em que eu morrer. Além disso, ela tem um título próprio.

“Seu título como herdeira híbrida?”

"Não." Eu mostrei meus dentes. "Meu."

Depois de um longo momento, Conreth me ofereceu um sorriso. “Você tem algo especial. Obrigado por me permitir estar aqui hoje.”

Eu balancei a cabeça. Não mencionei que estava recebendo algo em troca, e Conreth também optou por não mencionar isso.

Mas sua mão deslizou para o pescoço. E fiquei tensa quando ele lentamente

removeu um dos amuletos, estendendo-o para mim.

"O que você está fazendo?"

“Não faz sentido estratégico para mim ter os dois.”

“Então dê um deles a um Fae em quem você confia.”

“Você é um Fae em quem confio.”

“Minha lealdade é para com os híbridos.”

Ele me deu um leve sorriso. "Sim. Mas ainda somos aliados. Isto prova isso para qualquer um do nosso povo que possa duvidar da força dessa aliança.”

Lentamente, peguei o amuleto, puxando-o pela cabeça, onde pulsou calorosamente.

"Multar."

O sorriso de Conreth se alargou com meu tom brusco.

Asinia passou com uma expressão ilegível. Eu a observei. Todos com quem Prisca se importava agora também eram meus. Esse já era o caso há algum tempo, mas hoje parecia ainda mais importante.

“Se você me der licença”, eu disse.

Conreth respondeu, mas eu já estava me afastando, agarrando a mão de Asinia.

ASÍNIA

Uma mão quente apertou a minha. Por um momento, meu coração deu um pulo.

Mas não foi Demos.

“Você está feliz, Asinia?” Lorian me guiou de volta aos músicos, fazendo uma transição perfeita da direção que eu queria seguir para a direção que ele escolheu.

Ele estava esperando que eu respondesse. Esta parecia uma conversa incomum para o dia do casamento de Lorian. Ainda assim, imaginei que todos partiríamos amanhã. Não podíamos mais nos dar ao luxo de esperar o momento certo. Para qualquer coisa.

"O que você quer dizer?"

Ele encolheu um ombro. “Prisca considera você sua irmã. Isso faz de você minha também.

Apesar da estranheza dessa conversa, sorri. “Você não tem gente suficiente para gerenciar, Lorian?”

Pelo arco arrogante de uma sobrancelha, ele provavelmente acreditava que não havia limites para as pessoas que ele poderia gerenciar. Eu ri.

Lorian me girou, mas ainda estava esperando. “Eu estou... eu... eu sinto que feliz não é a palavra certa. Sinto tantas emoções agora, todas elas em guerra constante dentro de mim. Em dias como hoje, uma palavra como *feliz* parece quase… morna. O que sinto hoje é uma espécie de alegria desafiadora. É um sentimento que mente. Uma sensação que sussurra que tudo vai dar certo. Porque como não poderia? Acenei com a mão para abranger a área onde todos estavam dançando.

Nós dois nos viramos para observar os outros.

Prisca estava radiante em Rythos - pouco antes de Demos e Tibris entrarem

– um de cada lado – e balançava com ela ao som da música. Até que Demos disse algo que fez os três uivar de tanto rir. Perto dali, Daharak e Madinia bebiam grandes quantidades de vinho e… *cacarejavam.*

Um dos piratas de Daharak arrastou Marth para o baile e olhou para ela enquanto ela lhe dava uma piscadela obscena.

Rythos se juntou a Galon e, juntos, observaram Marth com largos sorrisos em seus rostos. Em todos os lugares, fadas, híbridos e humanos dançavam, comiam e riam juntos – um vislumbre de como seria o futuro se ganhássemos esta guerra.

“Hoje estamos criando memórias”, eu disse, contornando o nó na garganta.

“Memórias que podemos esconder e valorizar. Memórias que podemos retirar e examinar enquanto marchamos em direção à batalha. Memórias que podem nos manter aquecidos por um breve período nas noites mais solitárias e frias, se perdermos tudo isso.” O olhar de Lorian se enterrou em mim e eu encolhi os ombros conscientemente. “Eu ouvi... eu

ouvi dizer que quando você morre, suas memórias tornam a morte um pouco mais fácil. Que essas memórias passem pela sua mente e lhe dêem algum conforto. Se isso for verdade, e o destino decidir que chegou a minha hora, espero que essas memórias incluam este dia.” Acenei minha mão novamente, antes de movê-la de volta para o ombro de Lorian.

Ele soltou um zumbido, mas não soou como acordo.

“Quando você… você…”

Sua boca se contraiu. “Quando eu morri, eu vi minhas memórias?”

Meu rosto ficou em chamas. "Certo. Prisca voltou no tempo. Então você não se lembraria.

“Isso não é inteiramente verdade.” A diversão brilhou em seus olhos e percebi que minha boca estava aberta.

"O que aconteceu?" Eu respirei.

Sua expressão ficou séria. “Num momento, Prisca estava correndo em minha direção e então minha visão ficou branca. Avistei o rosto de Cavis brevemente.

Mas foi imediatamente seguido por Prisca. Ela foi tudo que eu vi. Tudo que eu queria ver. E então a próxima coisa que percebi foi que estávamos na água. Não me lembro da morte em si. Mas eu sei que senti arrependimento. Tanto arrependimento. Ele fez uma pausa, baixando as sobrancelhas. “Acho que essa deve ser a pior parte de morrer. Deixando as pessoas que você ama e se arrependendo.”

Foi o máximo que Lorian já me disse, e considerei suas palavras.

Ele nos virou novamente, seu olhar passando por trás de mim e disparando aquela luz possessiva. Não precisei olhar por cima do ombro para saber para quem ele estava olhando.

Ele encontrou meus olhos mais uma vez. “Não acho que sejam as memórias da sua vida que você vê quando morre. Acho que são das pessoas que você mais sentirá falta. As pessoas que fizeram sua vida valer a pena. E às vezes, se você tiver sorte, você verá a única pessoa por quem você desafiaria o destino e ficaria, se pudesse.” Ele deu outro encolher de ombros lânguido, mas seus olhos ficaram atentos, a luz dançando nas maçãs do rosto salientes e nas orelhas pontudas. “Felizmente, você não precisa se preocupar com tais pensamentos de morte. Você não experimentará isso por muito, muito tempo.”

Isso parecia improvável, dado o estado actual deste continente. Eu levantei uma sobrancelha. “E por que isso?”

“Prisca precisa de você.” Ele me deu um sorriso provocador e fiquei maravilhado ao vê-lo. Há apenas alguns meses, eu teria rido da ideia de ver tal

uma expressão feliz e relaxada em seu rosto. “Além disso, gosto bastante da ideia de ter uma irmã”, ele refletiu. “Isso significa que você viverá uma vida longa e feliz.”

Revirei os olhos, mas não pude deixar de sorrir de volta para ele.

“Agora, se você me der licença, preciso resgatar minha esposa.”

Eu sorri. “Se eu fosse você, eu a tiraria daqui.”

“Planejando.” Ele se afastou.

Como Demos obviamente não iria me convidar para dançar – e eu ignorei a dor que esse pensamento causou – mantive minha cabeça erguida, caminhando em direção à borda da tenda – e à floresta além dela.

"Onde você está indo?" Tibris entrou na minha frente.

“Eu quero um pouco de ar.”

“Dance comigo primeiro.”

Soltei um suspiro. “Isso é uma dança de pena?”

"Sim. Herne não está aqui. Tenha pena de mim.

Eu sorri para Tibris. Ele sabia o que eu quis dizer. Mas peguei a mão dele mesmo assim, permitindo que ele me levasse de volta à música.

“Eu... questionei isso quando Lorian anunciou”, disse ele. “Parecia quase ridículo comemorar qualquer coisa quando estávamos prestes a entrar em guerra. Mas, como sempre, ele estava certo.” Tibris revirou os olhos.

Eu ri. “Ajuda nunca ter visto Prisca tão feliz.”

Tibris nos mudou para que pudéssemos assistir Prisca rindo de Lorian enquanto ele agarrava a mão dela. “Deuses, espero que eles tenham um futuro”, disse ele. “Espero que todos nós façamos.”

"Vamos. Temos que acreditar nisso, Tibris.”

Perto dali, Rekja girou Thora, e ela se abaixou agilmente sob o braço dele, balançando os quadris enquanto captava a batida da música.

“Você acha que ele vai se casar com ela?” Tibris perguntou, seguindo meu olhar.

“Acho que se ele não fizer isso, ele é um idiota.”

Tibris ficou tenso. Eu não tinha percebido que ele era tão próximo de Rekja. Mas meus olhos seguiram seu olhar e se fixaram no homem tropeçando pelas portas abertas, com dois guardas gromalianos por perto.

Meu coração trovejou em meu peito e minhas bochechas de repente doeram por causa do meu sorriso. Imediatamente, Tibris e eu estávamos caminhando em direção ao grupo.

Vicer estava machucado, magro e coberto de sujeira e sangue velho. Uma mulher o seguiu até o salão de baile, com os cabelos emaranhados e as roupas nas mesmas condições.

Ela parecia tão desconfortável, tão infeliz, que eu tinha relativa certeza de quem ela era.

Vicer olhou ao redor do salão como se estivesse lutando para entender.

As cabeças se viraram e Demos apareceu ao lado dele, dando-lhe um tapinha nas costas enquanto murmurava algo que não consegui ouvir.

Vicer parecia não tê-lo ouvido. Ele ainda parecia atordoado.

Os músicos perceberam claramente que algo estava errado, porque pararam de tocar. E as palavras de Vicer se espalharam pela multidão.

"Você está... comemorando?"

Prisca se virou. Seus olhos se arregalaram e inundaram instantaneamente enquanto ela corria em direção a ele. “Vícero. Você está vivo.

Ele acenou com a mão na celebração. "O que é isso?"

“Nosso casamento,” Prisca disse cuidadosamente. “Como todos precisaremos nos separar amanhã, Lorian e eu decidimos nos casar agora.” Ela o examinou, passando de noiva para rainha. “Temos muito o que conversar.”

Vicer assentiu distraidamente. Ele parecia vagamente chocado, como se todas as imagens e sons fossem demais para ele.

“E quem é esse?” Lorian perguntou, acenando com a cabeça em direção à mulher.

“Stillcrest e eu fizemos um acordo”, disse Vicer, parecendo voltar a si. “Eu a trago para você e ela nunca mais fala comigo.”

Stillcrest se encolheu, imediatamente tentando esconder isso com um encolher de ombros. Mas todo mundo percebeu.

“E por que você iria querer me ver?” Prisca perguntou à mulher, sua expressão mais fria que eu já tinha visto.

Stillcrest deu um passo mais perto. E então Marth estava lá. “Cuidado,” ele rosnou.

Duvidei que Stillcrest estivesse tentando assassinar alguém, mas pude ver a sabedoria de observá-la de perto.

“Eu vim me juntar ao seu exército. Para lutar ao seu lado. Se você me aceitar. Não há nada que eu possa fazer para remover a mancha da minha alma pelas escolhas que fiz.” Seu queixo tremeu e ela conseguiu firmá-lo, encontrando os olhos de Prisca. “Não há como trazer de volta os inocentes perdidos pela minha própria audácia.

Mas peço que me permita lutar com você para fazer com que aqueles que tiraram suas vidas se arrependam de suas ações.”

Os olhos de Prisca queimaram. Era raro ela demonstrar sua fúria atualmente. Ela estava aprendendo a controlar suas expressões. Ela andou perto de Stillcrest...

E deu um tapa no rosto dela.

A cabeça de Stillcrest virou para o lado, sua bochecha manchada de vermelho.

Eu balancei, dando um passo à frente automaticamente. Eu não sabia exatamente o que estava planejando fazer, mas Lorian e Marth fizeram a mesma coisa.

E então Prisca abraçou a mulher responsável pela morte de centenas de híbridos.

Kaelin Stillcrest abaixou a cabeça no ombro de Prisca e chorou como um bebê.

Minha respiração estremeceu em meus pulmões e meus olhos queimaram. Eu entendi.

Kaelin não iria se perdoar. Ela não teria acreditado no perdão de Prisca nem a respeitado se ela não tivesse demonstrado algum sinal de seu descontentamento. A bofetada foi uma humilhação pública que disse tudo o que precisava ser dito. Prisca não precisava atacá-la com palavras duras. A mulher estava claramente fazendo isso consigo mesma a cada momento do dia.

A bofetada foi o desagrado de uma rainha que sabia que Stillcrest queria sentir algum tipo de punição.

Mas o abraço…

Esse era meu melhor amigo. A garota que se sentou ao meu lado no telhado da padaria de nossa aldeia enquanto fazíamos nosso desajeitado juramento de sangue. A mulher que conseguiu entrar no castelo de Regner e me salvou da morte certa. A pessoa que amava aqueles ao seu redor com tanta intensidade, a

ideia deles sofrendo era intolerável para ela.

E mesmo que parte de mim achasse que Stillcrest merecia coisa pior — merecia ser rejeitada, sua oferta de ajuda negada...

Prisca soltou Stillcrest, que enxugou os olhos, de cabeça baixa. “Acredito que ainda restem alguns quartos perto de nossos aposentos”, disse Prisca olhando para Rekja, que acenou com a cabeça.

Stillcrest baixou a cabeça, afastando-se. Mas ela ergueu o olhar, olhando desafiadoramente para qualquer um que a olhasse carrancudo.

"Como você poderia considerar perdoá-la?" Demonstrações foram interrompidas.

“Eu não estou perdoando ela,” Prisca suspirou. “Na verdade não. Mas também não cabe a mim puni-la. Eu poderia ter sido Stillcrest, Demos. Tomei decisões nesta guerra que custaram a vida das pessoas. Provavelmente farei isso de novo. E novamente. E apesar do meu desejo de culpá-la pelo que fez, sou a rainha híbrida. Esse acampamento era minha responsabilidade e eu falhei. Que tipo de hipócrita eu seria para mandá-la embora agora?”

Não adiantava dizer a Prisca que o acampamento não era responsabilidade dela. Eu entendi seu raciocínio, mesmo discordando de sua lógica.

Demos balançou a cabeça. Mas ele sabia claramente que não mudaria a opinião dela sobre Stillcrest.

“Não quero discutir”, disse Prisca, e sua voz era baixa. “Vamos aproveitar cada momento que temos juntos. Por favor."

Demos passou um braço em volta dos ombros dela e revirou os olhos para Tibris, que sorriu para ele.

Os músicos voltaram a tocar e Lorian pegou Prisca nos braços mais uma vez. Demos murmurou algumas palavras para Vicer, que assentiu, bocejou enormemente e se afastou na mesma direção em que Stillcrest havia ido.

Os olhos de Demos encontraram os meus e ele se aproximou.

“Dance comigo.”

Eu queria fazer um comentário enérgico sobre como ele de repente se lembrou da minha existência. Mas ele finalmente estava olhando para mim, e a maneira como me olhava me impediu de dizer qualquer coisa.

Os músicos mudaram para uma música mais lenta e Demos me puxou para

perto.

Meu coração doeu. Quando imaginei meu futuro – se todos nós tivéssemos um – era esse homem que eu via ao meu lado.

Mas... algo nele havia quebrado. E eu não sabia se poderia ser consertado. Porque eu tinha relativa certeza de que ele não queria que fosse consertado.

Suas narinas dilataram-se. E então ele me deu um daqueles olhares. O olhar que me deixou tremendo à noite. Ansiando por ele.

Não que eu fosse deixar o bastardo teimoso saber disso.

“Por que você se ofereceu para vir comigo, Asinia?”

Afastei a angústia de que ele fizesse essa pergunta depois do beijo que trocamos. Talvez o que eu pensei ser um beijo que mudaria a vida não significasse nada para um homem tão bonito como Demos. Ele provavelmente já teve mulheres tropeçando em si mesmas para beijá-lo antes de ele ser preso. Eu era apenas aquele que estava com ele desde a masmorra de Regner.

E então, eu não respondi à pergunta dele. Porque eu não tinha certeza se meu coração conseguiria suportar a vulnerabilidade disso. "Por que você me permitiu ir com você?"

Seus lábios se apertaram. “Porque eu quero você onde eu possa ver você. Vivo."

“Quero que todos neste salão continuem vivos, Demos. Se essa é realmente a profundidade dos seus sentimentos por mim, então é tudo que preciso saber.

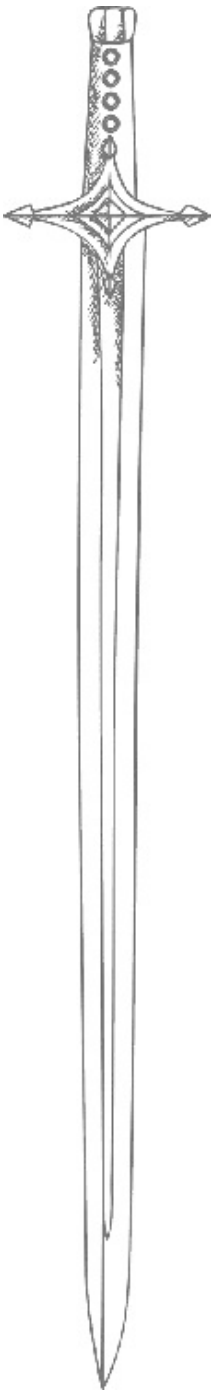
Tentei me livrar de seus braços. Seu aperto em mim aumentou.

Mas então ele me deixou ir.

Eu me virei e fui embora.

16

Prisca



sinto muito,” Lorian murmurou enquanto Kaelin Stillcrest se afastava. “Eu queria isso

“Vou ser perfeito para você.”

E aquela cena feia estava longe de ser perfeita.

Mas era realidade. Estávamos em guerra. Além do mais…

“Vicer está vivo, Lorian. Isso é tudo que importa.”

Ele pegou minha mão e me puxou para a lateral da tenda, onde o ar mais fresco dançava em nossa direção. Várias pessoas próximas assobiaram e Lorian sorriu, me tirando da tenda e me colocando em seus braços.

Alguém havia providenciado uma carruagem para nos encontrar do lado de fora da tenda.

O motorista inclinou a cabeça em saudação e entrei enquanto Lorian me ajudava com meu vestido.

Ele me seguiu, seu enorme corpo ocupando a maior parte do espaço, e eu me aninhei sob seu braço enquanto ele se inclinava, pressionando seus lábios quentes nos meus. Algo bateu no meu peito e me afastei o suficiente para pegar o amuleto.

“Conreth deu isso para você.”

Ele me lançou um olhar mal-humorado e mal-humorado. “Não quero falar sobre meu irmão.”

Eu ri, me aproximando. “Este foi o melhor dia da minha vida.”

“O meu também. Eu sei que é um costume humano, mas... significa algo ser seu marido também. Os companheiros não costumam se casar. Eles não precisam. Um acasalamento é para a eternidade e ninguém o desrespeitaria. Mas nosso casamento não foi apenas para que você pudesse sentir que estávamos unidos tanto na sua cultura quanto na minha.”

"É assim mesmo?"

Ele inclinou a cabeça, me observando de perto. “Era outra maneira de amarrar você a mim. Outra forma de deixar claro para todos que você é meu.”

“Bem,” eu disse, fazendo o meu melhor para manter meu rosto inexpressivo. “Isso é realmente chocante.”

Ele estreitou os olhos e eu comecei a rir.

A carruagem parou e ele me ajudou a descer, murmurando algumas palavras ao cocheiro.

Lá dentro, o castelo estava silencioso. Saímos do nosso próprio casamento e não vimos uma única pessoa enquanto subíamos para nossos quartos.

Alguém havia deixado orbes de luz brilhando fracamente, junto com uma

travessa de comida esperando em uma mesa perto da janela.

Estranhamente, algo estava vibrando no meu estômago. Lorian se inclinou e me envolveu em seus braços por trás, dando um beijo na minha têmpora.

"Nervoso?"

"Um pouco. Isso é estranho?

“Nada que você sente é estranho.”

Sua voz era um estrondo baixo e, quando ele me virou para encará-lo, meu nervosismo desapareceu. Qualquer um que tivesse ouvido falar do Príncipe Sanguinário nunca seria capaz de conciliar o fato de que este era o homem com essa reputação. O homem que me olhou com tanta ternura, meus olhos arderam.

“Você confia em mim, Prisca?”

“Com minha vida.”

Seus olhos brilharam com satisfação masculina.

"Você vai confiar em mim agora?"

Eu olhei para ele.

Meu estômago agitou novamente – desta vez em antecipação. Eu balancei a cabeça.

Lorian sorriu. Um daqueles sorrisos lentos e brilhantes que fizeram meu coração disparar no peito. Ele estendeu a mão para trás de mim e, em algum momento, estudou as costas do meu vestido. Seus dedos hábeis arrancaram as fitas e meu vestido caiu até os tornozelos.

Fiquei na frente dele usando apenas alguns pedaços de renda bronze e sapatos dourados. O material parecia brilhar à luz das velas, e a respiração de Lorian saiu de seus pulmões.

Seu sorriso desapareceu e ele deu um passo mais perto, traçando suavemente a borda da renda ao longo do meu peito.

“Há algo que eu queria fazer com você há muito tempo,”

ele disse, e meu coração parou quando seus olhos encontraram os meus. Eles brilhavam com uma possessividade selvagem. “Algo que sonhei em fazer com você desde o momento em que você parou o tempo, quando estávamos abaixo dos quartos de Sabium.”

Minha respiração engatou. "Você estava com tanta raiva."

“Fiquei furioso. Olhei para cima e você havia desaparecido, reaparecendo perto do topo da escada. Foi então que percebi que você poderia me deixar a qualquer momento. Se você quisesse escapar de mim, você poderia. Ele se inclinou até que seus lábios quase tocaram os meus. “Eu queria amarrar você na minha cama. Olhar para você e saber que, pelo menos por tanto tempo, você não poderia me deixar, mesmo que tentasse. Eu queria fazer você perder a cabeça de prazer, para que quando você finalmente estivesse livre, tudo o que você pudesse pensar fosse em mim e no que eu sentia dentro de você.

Minhas coxas apertaram, meus mamilos endureceram e meu núcleo doeu por ele.

Lorian sorriu. Ele sabia.

Mas ele esperou.

Foi o último ato de confiança. Mas eu já confiei nele com minha vida.

Com a vida de todos que amei. E a ideia de ser amarrada, exibida para ele...

"Sim."

As narinas de Lorian dilataram-se. E então eu estava deitado na cama, e ele ergueu quatro fitas pretas longas e grossas.

“Você estava planejando isso.”

“Wildcat, uma parte de mim está planejando isso desde o momento em que peguei você tentando roubar meu cavalo.” Ele deu um beijo no meu nariz e depois me deu um sorriso malicioso enquanto pegava minha mão esquerda.

Meu coração batia forte e ele pressionou os lábios em minha pulsação acelerada, sua boca demorando-se ao longo da pele sensível do meu pulso. Estremeci e sua boca se curvou contra minha pele.

“Se você quiser que eu pare…”

"Eu não."

“Se você fizer isso, diga a palavra 'valeo'.” Ele esticou meu braço acima da minha cabeça, enrolando uma das fitas pretas em meu pulso. Estiquei o pescoço, mas a cabeceira estava plana. E ainda assim, eu não conseguia mais levantar aquele braço. Era como se meu pulso estivesse preso ao colchão acima de mim.

"Eu não entendo."

“Eles estão encantados,” Lorian murmurou, dando outro beijo abaixo da minha orelha. “Você pode lutar o quanto quiser. Mas você não irá a lugar nenhum.”

Eu estava tão molhado que minhas coxas estavam umedecidas. Tão excitado que eu já estava tremendo. Lorian soltou uma risada baixa.

“É de admirar que eu esteja convencido de que os deuses criaram você só para mim?” ele respirou, seu tom cheio de admiração.

Eu fiz uma careta para ele. “Talvez os deuses tenham criado *você* só para *mim.* ”

“Eles nos criaram um para o outro.”

“Eu me recuso a dar tanto crédito a eles”, murmurei enquanto ele segurava meu outro pulso.

Ele cantarolou, dando beijos ao longo da parte interna do meu braço, enrolando aquela fita preta em volta do meu pulso.

Quando meus braços ficaram imóveis, ele levantou a cabeça. Seus olhos brilhavam.

Movi minhas pernas inquietamente, e o sorriso que ele me deu gotejava com uma promessa sombria. “Eles são os próximos.”

Meu corpo tremeu quando ele lentamente amarrou meu tornozelo esquerdo, parando para beijar minha perna, acariciando minha coxa. Quando ele beijou minha outra perna, eu arqueei, já desesperada.

Deuses, ele me fez *querer* .

Uma risada baixa e então aquele pé também foi pego.

Lorian se mexeu até ficar na frente da cama. E ele apenas olhou para mim.

Eu me contorci. "O que você está fazendo?"

O olhar em seus olhos era uma promessa sombria. “Memorizando esta visão.” Seu olhar acariciou cada centímetro meu, tão quente quanto sua boca estava na minha pele.

“Lorian...”

Ele rastejou para a cama, pairando sobre mim. Quando nossos olhos se encontraram, respirei fundo. Suas pupilas estavam rodeadas por uma minúscula fatia de verde, seus olhos vidrados.

“Eu poderia provocar você por horas…”

"Não."

"Por que não?" Sua voz ecoou estranhamente e eu estremeci. O movimento pareceu agradá-lo e ele baixou a cabeça, lambendo minha pele.

Eu engasguei quando ele encontrou meu mamilo. “Porque eu preciso de você dentro de mim.”

“Você sabe quantas vezes sonhei que você diria essas palavras para mim?” Ele se mexeu até que eu pudesse senti-lo, quente, pesado e tão *grosso,* posicionado bem no meu núcleo.

“Quantas vezes?” Eu sussurrei.

“Incontáveis. E cada vez, eu me odiava por isso, porque você nunca poderia ser meu.

Lentamente, ele começou a empurrar para dentro de mim. Inclinei meus quadris, mas ele colocou uma mão em meu quadril, me segurando facilmente no lugar.

“Mas você é meu agora . ”

Torcendo os quadris, Lorian se afastou. Então ele mergulhou em mim com um longo golpe. Eu engasguei, minhas mãos automaticamente se esforçando com a necessidade de fazer *alguma coisa* .

E o fato de eu não poder...

“Você está tão, tão molhada,” ele sussurrou.

Eu também estava no limite, meu corpo tremendo. Os olhos de Lorian brilharam quando ele sentiu meu aperto. “Bem,” ele ronronou. “Isso foi fácil.”

"Seu bastardo presunçoso."

“Eu tenho outra fita. Por aquela boca linda e cruel.

Fechei meus lábios e ele riu, abaixando a cabeça para enfiar a língua entre eles. Gemi em sua boca, ofegante, e ele empurrou para frente, ainda me segurando no lugar enquanto eu tentava me apoiar nele.

Tudo o que pude fazer foi pegar o que ele escolheu me dar. Meus membros ficaram fracos e soltei um gemido baixo.

“Aí está.” Lorian deslizou a mão para acariciar meu clitóris. Uma vez.

Duas vezes.

Minha visão escureceu, cada músculo do meu corpo se contraiu, estremecendo enquanto meu clímax me atravessava.

Eu ainda estava tremendo quando voltei a mim e encontrei Lorian ainda duro dentro de mim.

Ele simplesmente me deu um sorriso satisfeito e continuou aquela investida lenta e constante.

Eu estava tão sensível que balancei a cabeça e ele apenas riu. “Valeo?”

"Não. Mas-"

“Então eu posso fazer o que eu quiser.”

A mão em meu quadril deslizou para minha bunda, me inclinando para ele. E ele entrou em mim, cada impulso atingindo aquele ponto dentro de mim. Cada centímetro do meu corpo ficou subitamente muito sensível, mesmo quando eu desejava mais, mais, mais.

Esforcei-me contra as fitas, e os olhos de Lorian ficaram selvagens enquanto ele me observava.

“Goze para mim.”

Eu me apertei ao redor dele, ondas de prazer me ultrapassando, derramando do meu núcleo, através de cada um dos meus membros. Isso continuou, pura euforia sufocando um gemido da minha garganta enquanto ele batia em mim. E então ele enrijeceu, e eu pude sentir seu comprimento pulsando dentro de mim enquanto ele enterrava a cabeça em meu pescoço e tremia.

As fitas desapareceram. Deslizando meus braços ao redor dele, eu ofeguei, vagamente chocada.

Lentamente, Lorian levantou a cabeça, seus olhos verdes brilhando na penumbra.

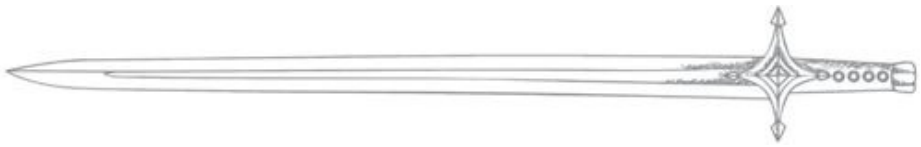
“Você gostou disso?”

"Você sabe que sim."

Seu sorriso era satisfeito e vagamente presunçoso. “Mal posso esperar por centenas de anos assim.”

Rolando para o lado, ele levantou cada um dos meus membros, estudando-os

cuidadosamente.



"O que é?"

“As fitas são encantadas para nunca te machucar. Mas eu queria verificar.

Meu coração derreteu. “Estou feliz que nos casamos aqui. Você estava certo. Foi perfeito.”

“Repita a parte sobre como eu estava certo.”

Eu cutuquei suas costelas e ele me puxou para baixo até que eu deitasse em seu peito

—sua posição relaxada favorita.

Eu quase adormeci quando ele beijou minha cabeça. “Eu ouvi Cavis hoje. Eu o vi também.

Levantando minha cabeça, olhei para ele.

Lorian sorriu para mim. Foi um sorriso devastador e comovente. E ainda assim havia um toque de alegria nisso. “Se vou ser assombrado pelas pessoas que matei, que assim seja. Mas eu não matei Cavis. E vê-lo no dia do meu casamento... *ouvi*- lo... foi um presente, Prisca.”

Minha garganta inchou. "O que ele disse?" Eu sussurrei.

“Ele disse que você estava linda. E que é melhor eu tratá-lo bem.

Meus olhos se encheram e ele beijou a lágrima que rolou pelo meu rosto.

A RAINHA

Eles comemoraram hoje. Um *casamento* .

Eu peguei um pouco da minha janela. Tinha até ouvido os guardas murmurando, mencionando que o príncipe fae havia garantido que cada um deles recebesse um prato de comida da festa de casamento.

Minha comida era o mesmo frango e raízes de ontem.

A porta se abriu e eu me virei.

"Mãe." Jamic sorriu, e foi amplo e familiar. Não havia sinal de seu sofrimento em seu rosto ou em seus olhos. Mas estaria lá, enterrado profundamente dentro dele. E ele o carregaria sempre.

Os guardas fecharam a porta atrás dele e eu abri os braços. Ele ficou muito alto e caminhou até mim em apenas alguns passos, dando tapinhas nas minhas costas.

Finalmente, eu estava tocando meu filho. Eu podia senti-lo, quente e vivo. Ele não sofria mais todos os dias enquanto eu andava pelos meus aposentos, impotente para salvá-lo.

“Onde você estava?” Perguntei.

“Nas terras feéricas. Aprendendo como exercer meu poder corretamente.”

Minha boca queria se contorcer e forcei minha expressão à neutralidade. É claro que as fadas tentariam usar Jamic para seu próprio benefício.

“Eles te trataram bem? Eles estão lhe dando comida suficiente?

A expressão de Jamic ficou confusa. "Claro."

“E seu poder.” Abaixei minha voz. “Você retém tudo o que Regner lhe deu?”

Ele enrijeceu. “Você quer dizer tudo que ele me forçou? Não foi um presente, mãe.

Minhas bochechas esquentaram. “Claro que não. Ninguém sabe disso melhor do que eu. Você não era nada mais do que um recipiente. Um que ele teria matado quando lhe convinha. Mas minha pergunta permanece. Você ainda tem esse poder?

Seu olhar procurou meu rosto, mas ele deu um único e agudo aceno de cabeça.

Meu corpo de repente pareceu mais leve que o ar, e meu sorriso pareceu estranho – largo demais para meu rosto. "Bom. Quando tudo isso acabar, governaremos Eprotha juntos.”

Jamic olhou para mim. E por um momento, tive um vislumbre do garotinho que ele era naquele dia em que eu sibilei para ele que não era sua mãe. Foi quase uma aparência de... traição.

Eu segurei seu rosto. “Vamos desfazer toda a maldade de Regner”, prometi. “Nosso povo prosperará.”

Jamic ainda não falou. O que aconteceu com meu filho? Teria a maldade de Regner causado tantos danos à sua mente que ele agora não confiava em ninguém? Ou aquela cadela híbrida o virou contra mim?

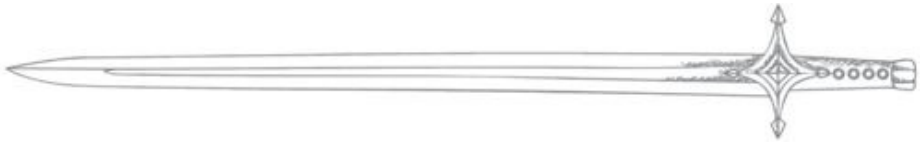
Eu não o via há muito tempo. Ele havia se tornado um homem. E ele tinha esquecido que fui eu quem garantiu que ele faria isso.

Minha mente disparou. Não era tarde demais. Eu poderia devolvê-lo para mim mais uma vez. Mas isso levaria tempo e mão macia.

“Sinto muito”, sentei-me no sofá mais próximo, dando tapinhas no espaço ao meu lado.

“Você provavelmente não quer falar sobre essas coisas. Por que você não me conta sobre as terras feéricas? Sempre quis visitar.”

A tensão deixou seu rosto e ele caminhou até mim, a sugestão de um sorriso suavizando suas feições.



LORIANO

Prisca se mexeu durante o sono, um pequeno som saindo de sua garganta.

Abri meus olhos em fendas. Mas não foi esse som que me acordou.

Não, foram os gritos à distância.

Prisca mudou novamente. Não fiquei surpreso que ela ainda não tivesse acordado. Eu mal conseguia distinguir o som com meus sentidos feéricos.

Mas estava cada vez mais perto.

Rolando para fora da cama, coloquei as calças e peguei minha espada.

Atravessando a varanda, olhei para os jardins.

Nada.

De frente, então.

Regner soube de nossa noite de núpcias. E ele esperou até que fôssemos o mais felizes que poderíamos ser. Até que os guardas de Rekja se cansassem. Até que

havia mais pessoas entrando e saindo do castelo do que o normal. Pessoas que ele poderia usar.

Os gritos foram interrompidos. Um mau sinal. Provavelmente, os guardas de ferro de Regner estavam se esgueirando por este castelo, cortando gargantas e arrastando corpos para as sombras.

Rondando de volta para nossa cama. Coloquei minha mão sobre a boca de Prisca.

Ela acordou balançando, e o orgulho brilhou através de mim mesmo quando seu punho atingiu o lado do meu rosto.

“Estamos sob ataque”, sussurrei em seu ouvido. Ela ficou tensa, empurrando meu braço, e eu a deixei sentar.

“Loriano.” A palavra foi quase silenciosa, mas a confusão brilhou em seu rosto.

"Eu sei. Está muito quieto. Mas ouvi gritos. Precisamos chegar a Galon e Marth. Sem o poder dela, Prisca estava muito vulnerável aqui. Eles poderiam protegê-la enquanto eu fosse caçar.

Algo que parecia quase desespero passou por seu rosto, e eu sabia que ela estava de luto pela falta de poder. Sabia que ela odiava que tivéssemos

para fazer concessões para isso. Mas ela não discutiu quando eu joguei minha camisa para ela—

simplesmente o coloquei, peguei uma faca na mesinha de cabeceira e deslizei para fora da cama, movendo-me quase tão silenciosamente quanto eu.

Demos dois passos em direção à porta...

E os soldados invadiram a sala.

Todos eles usavam cores Eprothan.

Rangendo os dentes, busquei meu controle, recusando-me a me permitir acabar com cada um deles. Se eu usasse todo o meu poder restante aqui e agora, ficaria esgotado quando precisasse tirar da cidade quem sobreviveu a esse ataque mais tarde.

Então eu empurrei meu poder profundamente. Tão profundo que parecia que poderia me queimar vivo. E apertei minha mão em volta da minha espada.

Deuses, eu esperava que os outros ainda estivessem vivos.

“Você cometeu um erro ao vir aqui”, eu disse, empurrando Prisca para trás de mim, em direção à cama. E não perdi a confusão em seu rosto. Eu não poderia culpá-la por essa confusão. Ela confiou em mim e eu deixei isso acontecer. Na nossa noite de núpcias.

“O Príncipe Sanguinário,” um homem sibilou, dando um passo à frente.

Eu não o via mais como humano. Eu simplesmente o via como um alvo.

Até que olhei para o rosto dele. Seu rosto *arruinado* . Um rosto que foi derretido.

A compreensão deslizou para mim lentamente. Minha cabeça girou. Eu já tinha matado esse homem. Eu tinha certeza que sim.

À minha esquerda, vários soldados rosnaram para mim, facadas vazando sangue pelo peito. À minha direita, outro ergueu a adaga com um silvo, faltando a metade inferior da perna.

Estes eram os mortos. E eles queriam sua vingança.

Um homem tropeçou em minha direção. Um homem sem mãos. Um homem que matei numa estalagem longe daqui, quando ousou pôr aquelas mãos no meu gato selvagem.

Ele me deu um sorriso desagradável e ergueu os cotos. “Oh, como eu queria retribuir por isso. Você e aquela vadia.

Uma mulher riu ao se aproximar, com uma espada na mão e um olho olhando para mim. Seu outro olho havia sumido, restando um buraco vazio. “Você está satisfeito com o horror que exerceu?” ela ronronou. “Você detém o título de uma das criaturas mais mortíferas que já existiu neste continente.”

O fogo Fae encheu minhas mãos.

“Lorian, não.”

Eu pisquei. E era Cavis quem estava na minha frente.

Ele deveria ter seguido em frente. Deveria estar em paz. Eu o estava mantendo aqui?

“Não”, ele disse, lendo minha mente. “Você saberá quando chegar a hora de eu ir. Se você sobreviver tanto tempo.

Os soldados avançaram em direção a Cavis, e o som que saiu de mim foi animalesco. Um rosnado que percorreu a sala.

Eles não chegariam mais perto dele. Ou eu os faria pagar.

Os mortos fizeram uma pausa. Mas eu tinha a sensação de que eles não ficariam assim por muito tempo.

“Você não está me segurando aqui”, disse Cavis. “Mas você os está segurando aqui. Você tem que escolher, Lorian.

"Escolher?"

Ele me lançou um olhar impaciente, seu olhar firme. E ele apontou para a cama, onde Prisca estava sentada, olhando para mim com os olhos arregalados.

Esta guerra não conseguiu tirar o que tínhamos.

Poderia aguentar todo o resto, mas não poderia aguentar isso.

O Príncipe Sanguinário , os mortos sibilaram. Esse foi o título que ouvi repetidamente. Uma vez eu disse que o título não importava. Talvez não. Até que eu a conheci .

A mulher que me fez querer ser um homem melhor. A mulher que me fez importar.

“Escolha, Lorian,” Cavis exigiu mais uma vez. " *Agora* ."

E eu entendi.

Poderia ter me sido dada a capacidade de ver os mortos, mas não precisava ver esses soldados. Vi as pessoas que matei porque nutria culpa por essas mortes. Porque apesar da minha pretensão de aceitar o título de Príncipe Sanguinário, eu sempre odiei isso. E eu permiti que Prisca defendesse qualquer um que ousasse me nomear assim.

Foi uma fraqueza – aquela culpa.

Cada pessoa que eu matei merecia morrer. Eles ameaçaram meu povo. Ou pior, eles ameaçaram Prisca.

O homem sem mãos a teria deixado pendurada naquela pousada.

O soldado com o ferimento aberto na garganta a manteve enjaulada na cela de Regner.

Aquele ali - sem metade do rosto - ele saltou sobre ela em Sorlithia, brandindo uma espada larga em suas costas.

A compreensão veio rapidamente. O nome não tinha mais poder sobre mim. Eu não sentiria mais vergonha disso. Eu *era* o Príncipe Sanguinário. E eu

manteria esse título até o dia em que morresse.

Para mantê-la segura.

Os mortos desapareceram. Cavis piscou para mim.

E então ele se foi.

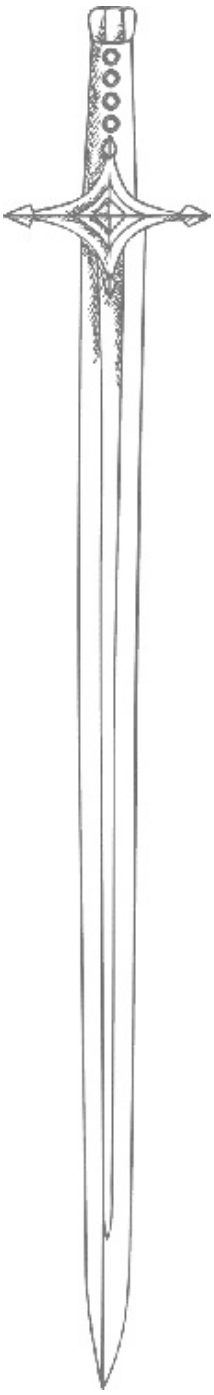
“Lorian,” Prisca disse cuidadosamente. Deuses, ela era branca. E ela tremia em nossa cama. Engolindo o desgosto pela maneira como a assustei, coloquei minha espada em uma cadeira próxima e caminhei até ela.

Ela pulou em meus braços, enterrando o rosto em meu pescoço.

“É melhor. Estou melhor agora, gato selvagem. Eu prometo.

17

Prisca



passar do melhor dia da minha vida para a realidade da guerra foi um choque -

Mesmo sabendo que isso estava por vir. Primeiro, Madinia e Rythos partiram.

Madinia se submeteu ao meu abraço e, por algum motivo, sua obediência fez meu estômago revirar.

Rythos deu um beijo em minha bochecha. “Vejo você em breve, Pris,” ele

prometeu.

Não havia mais nada a dizer. E me recusei a mandar meus amigos embora com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Então, forcei um sorriso, apertando a mão de Lorian enquanto eles se despediam dos outros antes de entrar na carruagem que os esperava.

A carruagem os levaria ao cais, onde embarcariam em um navio para o sul, rumo a Quorith.

Por favor, deixe Verdion ouvir pelo menos uma vez. Por favor, deixe-o se aliar a nós.

Nathan se aproximou em seguida. Ele já havia falado com Demos e eu concordei em falar com ele agora, sem mais ninguém por perto. Embora tivesse dado a Lorian um olhar sofrido, Natan parecia aceitar que ele era confiável.

“O que você está fazendo?” Perguntei.

Ele me deu um leve sorriso. “Estamos nos infiltrando nas fileiras de Regner. Nosso povo pode ser humano, mas é isso que nos tornará mais perigosos. Faremos o que pudermos para atrasá-lo.” Seus olhos se encheram de uma mistura de tristeza e orgulho.

Estendendo a mão, peguei a mão dele. Olhando em seus olhos, reconheci o sacrifício que Natan e seu povo estavam fazendo. O sacrifício com o qual teriam que conviver depois que a guerra terminasse.

O sacrifício que sem dúvida os assombraria.

Uma coisa era matar seu próprio povo em defesa.

Outra era dormir ao lado deles, treinar com eles, comer com eles e depois ligar-se a eles.

De todos nós, o papel de Natan nesta guerra poderá ser o mais difícil. E ainda assim foi um dos mais importantes.

"Obrigado."

“Você não precisa...”

"Eu sei. Seu povo. Você tem que viver neste continente. Mas obrigado, Nathan.”

Seus olhos suavizaram quando ele assentiu, e fui mais uma vez forçado a reconhecer o quanto esta guerra já o havia mudado.

“Adeus, Prisca.”

“Adeus, Nathan.”

Lorian e Natan acenaram um para o outro. E então ele se foi.

Engolindo o nó na garganta, segurei-o até a hora de Demos e Asinia partirem. Demos deu um tapinha nas costas de Tibris enquanto Asinia me abraçava. “Tenham cuidado”, eu disse a eles, engolindo um soluço. “Cuidem uns dos outros.”

Asinia olhou para Demos e parte da tensão desapareceu de seu rosto.

“Você sabe que faremos”, disse ela. “Nós vamos encontrar o amuleto, Pris. Nos veremos em breve.

E então eles também partiram, viajando para o norte, para a mina Lyrishade.

Fiquei no pátio de Rekja muito depois de eles terem partido, tão imóvel quanto as estátuas que me cercavam.

Meu peito estava em carne viva, como se eu tivesse sido esfolado. Lorian não disse uma palavra, apenas ficou ao meu lado, um apoio silencioso.

Esta manhã, recebi um bilhete da esposa de Conreth, Emara. Era impossível dizer se ela sabia o que havia acontecido entre Lorian e Conreth, que ainda era uma presença silenciosa sempre que nos reuníamos.

Em sua mensagem, Emara nos parabenizou pelo nosso casamento. E ela disse que tinha planos para depois da guerra. Planos que envolviam abrir suas fronteiras para humanos e híbridos. Aqueles que queriam estudar, explorar, viver lado a lado com as fadas.

Era nisso que eu precisava me concentrar. As coisas que viriam depois do sangue e da morte.

E ainda assim…

Quando olhei para Lorian, meus olhos quentes com lágrimas não derramadas, ele praguejou, me puxando para seus braços. “Sinto muito, gato selvagem.”

Cheirando, eu balancei a cabeça. Mas não tive tempo de desmoronar. Já havíamos nos encontrado com Rekja hoje cedo, e o resto de nós teria uma reunião final antes de partir.

Vicer já havia partido com um dos generais de Rekja e eles se encontrariam com três mil soldados híbridos. Eu questionei se ele estava pronto depois de sua

experiência no acampamento híbrido, e ele simplesmente balançou a cabeça ao sugerir que precisava de tempo para sofrer.

Na verdade, havia pouco tempo para lhe dar. Assim, Vicer traria suprimentos extras para garantir que os híbridos que estavam se preparando para atravessar a passagem estivessem bem protegidos, aquecidos e alimentados.

"Como você está se sentindo?" Eu murmurei. “Depois da noite passada?” Lorian explicou o que aconteceu. Sua culpa tinha sido uma fraqueza que os mortos

quem queria lhe fazer mal se aproveitou ao máximo. E junto com Cavis, ele encontrou uma maneira de bani-los. Eu esperava que o banimento durasse.

“Eu sou perfeito, gato selvagem. Eu prometo.

Ele parecia mais leve. Ele não estava mais olhando para longe ou virando lentamente a cabeça para olhar com raiva para coisas que não podíamos ver. Mas doeu-me o coração saber que Cavis não tinha encontrado a paz.

E eu sabia que isso machucava Lorian também.

Lorian pegou minha mão, me levando de volta aos nossos quartos, onde Marth e Galon estavam esperando para discutir nosso próprio plano.
Surpreendentemente, Marth deu uma olhada no meu rosto e me arrastou em seus braços para um abraço.

Quando estávamos todos sentados à mesa da sala principal, Marth tamborilou distraidamente os dedos no braço da cadeira. “Como exatamente você acha que vamos nos aproximar de Zathrian? Mesmo que Prisca tivesse seu poder, ele já o anulou antes.”

A raiva me atravessou, espessa e mortal.

Zathrian anulou minha magia permitiu que Lorian morresse.

“Você parece um pouco assustador, Prisca.” Galon me cutucou. Tentei um sorriso.

“Simples”, disse Lorian. “Usaremos Renit.”

Os olhos de Galon brilharam. “Conreth te deu Renit?”

"Temporariamente."

Já basta. “Exatamente o que é Renit?”

“Não o quê”, disse Marth. "Quem."

“Renit é uma pessoa?”

“Não qualquer pessoa. Renit tem o poder da mímica.”

Esperei que ele explicasse. Marth ergueu uma sobrancelha, prolongando o momento. Apesar do meu aborrecimento, eu aceitaria qualquer sugestão de brincadeira de Marth neste momento.

“Renit pode fazer alguém parecer outra pessoa.”

Minha mente girava com as implicações desse tipo de poder. “Por que você não usou a magia dele para entrar no castelo?”

“Duas razões”, disse Lorian. “Primeiro, seu poder é extremamente limitado. Dura no máximo uma hora. E não pode replicar alguém inteiramente. O máximo que pode fazer é uma imitação que seria aceitável – principalmente à distância. Eu precisava de um glamour que me permitisse passear pelo castelo de Regner. Um

que eu poderia usar a envergadura sentada de Regner até encontrar o que precisava.

“E o outro motivo?”

“Conreth”, disse Galon. “Renit geralmente é mantido em Aranthon, perto de Conreth. Quando ele viaja, ele se disfarça e entra em uma das carruagens que segue o rei.”

Levei um momento para entender. “No caso de haver uma tentativa de assassinato,” eu disse, minhas palavras pingando com o desgosto que se apoderou de mim. Cada vez que eu pensava que estava perto de compreender – se não perdoar totalmente – Conreth, aprendia algumas informações novas e indesejáveis sobre ele.

“Sim”, disse Marth. “Se alguém tentar matar Conreth, Renit estará lá. Muito, muito poucas pessoas sabem sobre seu poder.”

“O que significa que se houvesse uma tentativa de assassinato, ele faria outra pessoa se parecer com Conreth e criaria confusão.”

“Ele poderia fazer até quatro pessoas se parecerem com Conreth”, disse Lorian. “Mas o disfarce só funcionaria à distância. Qualquer pessoa que tivesse conhecido meu irmão pelo menos uma vez saberia imediatamente que estava olhando para um impostor.”

“Mas ainda poderia salvar a vida de Conreth”, eu disse. Eu poderia imaginar o quão confusos os atacantes ficariam se de repente houvesse quatro ou cinco

Conreths para atacar.

"Sim."

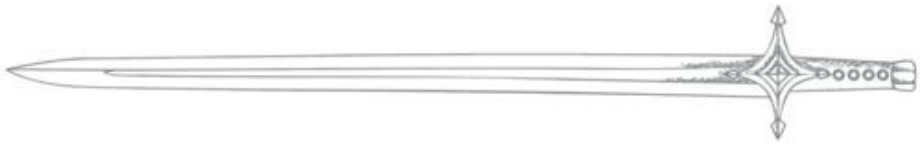
Compreendi então o que Conreth estava sacrificando. A presença constante de Renit deve ter parecido uma camada de segurança insubstituível. O rei fae era incrivelmente forte – eu tinha visto exatamente o quão forte era quando derrubamos a barreira. Mas seu pai também era forte. E isso não o salvou. Ou sua mãe.

Afastei esses pensamentos e considerei por que exatamente Lorian havia negociado por Renit. E por que Lorian insistia em trazer Kaliera.

E o sangue começou a escorrer tão rapidamente do meu rosto que de repente fiquei tonto.

“Você não acha que deveríamos entrar furtivamente no acampamento de Zathrian,” eu disse, e minhas mãos começaram a tremer.

“Não,” Lorian disse gentilmente, pegando minhas duas mãos nas suas. “Nós vamos entrar.”



ASÍNIA

Havia muitos soldados guardando a mina.

Eles rastejaram pela paisagem como formigas trabalhando dentro de uma colônia.

De acordo com Lorian, quando seu povo espionou este lugar pela primeira vez, meses atrás, ele tinha apenas alguns guardas. O suficiente para que qualquer pessoa que viajasse pela área não suspeitasse. Não faria perguntas profundas sobre o que exatamente poderia estar sendo guardado com tanta ferocidade.

Havia apenas duas razões possíveis para Regner ter ordenado tanta segurança.

Ou foi uma resposta direta à pequena visita de sua rainha, ou foi uma preparação para a nossa.

Se havia algo em que o rei humano era particularmente bom, era antecipar as ações de seus inimigos.

Restavam poucas rotas seguras para seguirmos para o norte. Os contatos de Demos haviam chegado, fornecendo-nos atualizações contínuas sobre os movimentos dos regimentos de Regner e as rotas de seus grupos de reconhecimento. Ainda assim, tivemos que voltar atrás diversas vezes quando chegamos perto demais de grupos de soldados que inexplicavelmente haviam assumido novas posições.

Por mais que Demos quisesse criar algum caos e carnificina, não podíamos permitir que Regner soubesse que havíamos ultrapassado suas fronteiras e estávamos nos movendo para o norte.

Graças à campanha de Madinia e Vicer para educar a população, atravessar essas fronteiras foi uma questão de esperar até que os guardas certos estivessem de serviço – e solidários com a nossa causa. Eles nos permitiram entrar em Eprotha com um aceno de cabeça.

Ainda assim, uma parte de mim se perguntava se Regner sabia que estávamos aqui. Pelo olhar atento de Demos enquanto observava os soldados, ficou claro que ele também estava considerando a possibilidade de uma armadilha.

Passamos a manhã explorando lentamente a área. O terreno era instável, tornando-se um local difícil para montar um acampamento permanente. Demos havia desaparecido para espionar, confirmando nossas suspeitas quando retornou – os guardas escolheram um segundo local com terreno mais alto, permitindo que os guardas que não estavam de plantão monitorassem a mina à distância, junto com os arredores.

Um plano sensato, embora pudesse tornar as coisas mais difíceis para nós. Se fôssemos apenas um ou dois, provavelmente teria sido mais fácil entrar na mina. Mas precisávamos de todos nós lá dentro para encontrar o amuleto.

Os guardas posicionaram seus cavalos em um curral próximo ao perímetro da mina para uma resposta rápida, mas seus quartéis foram montados em terreno mais resistente. Embora fosse uma localização estratégica, deixava-os com uma rotina previsível.

Chegamos cedo o suficiente para ver o turno diurno amarrar seus cavalos e caminhar diretamente para seus postos – trocando com o turno noturno de olhos turvos.

Gwynara se aproximou. Ela era baixa para uma das fadas, mas pelo que eu tinha visto até agora, ela era muito respeitada. Quando ela fazia uma sugestão enquanto viajávamos, os outros geralmente concordavam.

“Há muitos deles. Ainda entramos? ela sussurrou. “Poderia ser uma armadilha.”

Observamos os soldados por mais algumas horas. Não havia como colocar tantas

pessoas na boca da mina sem alertar os guardas. Além disso, não podíamos arriscar que eles viessem atrás de nós. Precisávamos deles mortos.

Entre nós, tínhamos muito poder. Mas não podíamos correr o risco de nos esgotarmos antes mesmo de entrar na mina. Quem sabia o que encontraríamos lá ou quanta energia seria necessária para voltar? Depois do que Demos e eu vivenciamos com Prisca e Lorian quando procuramos a ampulheta, nenhum de nós ficou satisfeito com a ideia de estar no subsolo mais uma vez.

Havia uma vantagem, no entanto. Embora o labirinto de cavernas que escondia a ampulheta estivesse cheio de ferro feérico que gradualmente drenasse não apenas nosso poder, mas também nossa força, Kaliera insistiu que esse não era o caso aqui.

E embora eu não estivesse inclinado a acreditar nela, Marth apontou que Regner não teria sido capaz de manter as criaturas feéricas vivas enquanto eram jovens se tivesse cortado sua conexão com a magia.

A certa altura, eu estava tão cansado de esperar que comecei a fantasiar em encaixar uma flecha e matar os quatro soldados que pude ver.

Esses soldados não estavam particularmente alertas. Eles caminharam pelas áreas que haviam sido designados para vigiar, seus passos encurtando à medida que a tarde se arrastava.

Calculei que poderia acertar três deles antes que o quarto percebesse. Ele se viraria para correr, mas contanto que o vento não mudasse repentinamente, meu último raio o atingiria na espinha.

Demos pegou minha mão e me deu uma olhada. Eu estava acariciando minha besta, percebi. Ele balançou a cabeça para mim, mas a diversão brilhou em seus olhos.

Provavelmente ele estava fantasiando sobre seu próprio ataque. Embora pudesse ser paciente quando necessário, preferia agir rapidamente.

Eu já estava aprendendo o quanto a guerra envolvia antecipação.

Longas horas de tédio em serviço de sentinela ou espionagem ou esperando que alguém faça a sua parte primeiro. O tédio era ocasionalmente quebrado por momentos de terror de tirar o fôlego e de cortar as mãos, que despejavam adrenalina em minha corrente sanguínea e me deixavam tremendo depois.

Às vezes, eu me perguntava se havia algo de errado comigo – porque eu estava começando a preferir esses momentos a essas longas horas de espera.

Sem mais nada em que me concentrar, minha mente voltava continuamente para

nossos amigos. Se Madinia e Rythos não conseguissem pegar a frota... se a prima de Prisca fosse forte o suficiente para matá-la... se Telean fosse descoberta na pequena pousada onde a deixamos escrevendo mensagens e organizando rotas de fuga para os híbridos, com base nas informações de Demos. espiões haviam contrabandeado para nós.

Finalmente, ao sinal de Demos, voltamos pela floresta, longe o suficiente para termos uma conversa curta e sibilada.

“Eu digo para esperarmos até pouco antes da próxima mudança de turno”, disse Amalra, jogando o cabelo longo e escuro por cima do ombro. “Isso significará mais algumas horas, mas eles estarão cansados e lentos.”

“Não precisamos esperar,” sua irmã Elysanth murmurou. Enquanto Amalra era ágil e de cabelos escuros, Elysanth era mais curvilínea e loira. “Desde que tenhamos certeza de que eliminamos todas as sentinelas antes de atacarmos, podemos usar essas horas para atacar. Quando o próximo turno chegar, todos aqui já estarão mortos há muito tempo.”

“O problema são os outros guardas”, eu disse. “Os que estão acima de nós. Demos disse que tem uma visão relativamente boa do acampamento. Se um deles estiver olhando, eles verão o que está acontecendo, não importa o quão quietos tentemos ficar.”

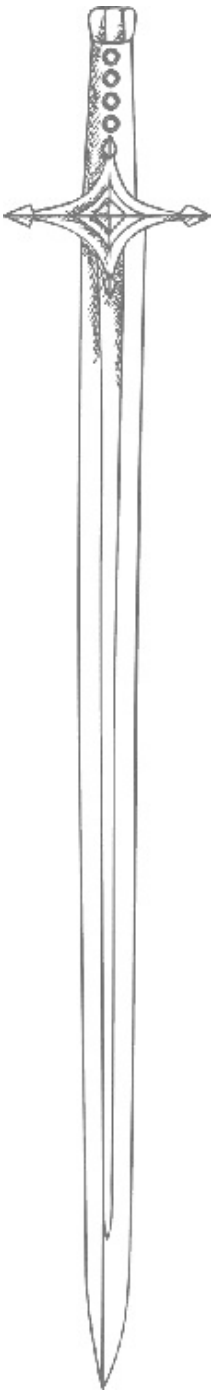
“Asinia está certa”, disse Nyrik. “Precisamos cuidar deles ao mesmo tempo, antes que possam alertar alguém.”

Demos estava quieto, com a testa franzida. Minha mão coçava para acariciar as linhas fortes de sua testa e enfiei-a no bolso da minha túnica.

“Precisamos de uma distração”, disse Demos finalmente. “E eu sei onde encontrar um.”

18

Asínia



Os cavalos ficaram desconfiados de nós desde o momento em que nos aproximamos. Éramos Tstrangers e não tínhamos tempo de cantarolar em seus ouvidos ou afastar seus medos.

Além disso, para que nosso plano funcionasse, precisávamos que *esses* cavalos estivessem assustados.

Demos já havia cuidado do guarda próximo, cortando silenciosamente sua

garganta e apoiando seu corpo contra uma árvore. Eu desviei o olhar para essa parte. Eu poderia matar sem pensar duas vezes durante o calor da batalha. Mas eu ainda não tinha chegado a um ponto em que pudesse matar a sangue frio.

Horrison desamarrou os cavalos e Gwynara deu um passo à frente. Seu poder principal era semelhante ao de Madinia. Exceto quando ela colocou o fogo na palma da mão e depois soprou, o fogo foi cuspido de sua mão, o calor flutuando perto de vários traseiros dos cavalos.

Como esperado, os cavalos ficaram descontentes com esta reviravolta. Dois deles resistiram, um empinou, dando patadas no ar, e vários dispararam para frente, atingindo os outros cavalos, que imediatamente fugiram.

Mais fogo – perto o suficiente para que alguns cavalos pudessem vê-lo – e não havia como contê-los, mesmo que quiséssemos. Eles galoparam em uma velocidade vertiginosa, perigoso o suficiente em uma floresta, e fiquei preocupado que alguns deles pudessem realmente quebrar o pescoço.

Mas não tínhamos tempo a perder. Os outros matariam quaisquer sentinelas restantes enquanto Brinlor e Nyrik se dirigiam aos guardas que não estavam de plantão. Virando na direção oposta dos cavalos, atravessamos a floresta em direção à entrada da mina, sem nem mesmo tentar ficar quietos.

Meu sangue latejava em meus ouvidos até abafar todos os outros sons.

Os guardas já haviam sacado as armas quando chegamos à orla da floresta. Um deles apontou para nós, mas já era tarde demais.

Gwynara havia levado os cavalos a tal frenesi que vários deles precipitaram-se pelo barranco íngreme, direto para os guardas.

Um dos guardas virou-se e ergueu a mão, mas já era tarde demais. O cavalo passou direto por cima dele.

“Legal,” um dos Fae sussurrou. Eu estremeci.

Outro guarda virou-se para correr, seguindo claramente seus instintos. Mas não havia esperança, e ele provavelmente morreu no momento em que o casco do cavalo bateu em sua cabeça.

Um guarda com fio dourado enrolado em seu uniforme finalmente usou seu poder, acertando-o em um dos cavalos fora de controle.

O cavalo saiu voando, rolou e ficou de pé. Ele ficou ali tremendo, com a cabeça baixa. Meu peito apertou, mas não tive tempo de sentir pena do pobre coitado. Demos e os outros já haviam descido a barragem. Coloquei minha primeira flecha, enviando-a direto para o guarda que apontou para nós. Ele se escondeu

atrás de uma pedra. Meus dentes cerraram até parecer que meu maxilar iria quebrar. Isso tinha que ser rápido, antes que soassem o alarme.

Esperei até que Gwynara apontasse seu poder para um de seus amigos e ele levantasse a cabeça para usar seu próprio poder nela, e meu próximo raio o atingisse entre os olhos.

Quando os guardas morreram, os outros já haviam retornado. “Conseguimos todos eles”, disse Nyrik. “Temos três horas para entrar, encontrar o amuleto e sair. A essa altura, é provável que a pessoa a quem esses guardas se reportem comece a suspeitar quando não ouvirem nada.

Demos olhou para um híbrido corpulento chamado Yan. “Você precisa conservar seu poder para depois. Fique atento e não o use a menos que seja absolutamente necessário.”

"Entendido."

Yan e Demos pegaram uma pedra de trow cada, para que pudéssemos nos comunicar.

E então chegou a hora.

Nenhuma parte de mim queria entrar na mina. Eu não era claustrofóbico como Pris. Mas meu corpo se lembrou do que aconteceu na última vez que estivemos abaixo da terra. Thol morreu na minha frente. Cavis levou Prisca e foi a última vez que o vimos vivo. Lorian, Demos e eu lutamos para sair daquelas cavernas, apenas para ser atingido na cabeça por um dos monstros de Regner, o sangramento quase me matando antes de me levarem a um curandeiro.

"Pecado."

Demos estava esperando. Os outros já haviam começado a entrar na entrada. Ele estendeu a mão.

Eu peguei. A sensação de sua mão quente envolvendo a minha pareceu me ancorar, e eu pude me concentrar mais uma vez.

Os outros esperaram por nós lá dentro e eu puxei minha faca com a mão livre. Minha besta seria inútil num espaço tão confinado.

Demos esperou até que estivéssemos todos perto o suficiente para que ele só precisasse sussurrar. “De acordo com o amigo espião de Kaliera, Pelysian - que ainda tenho dificuldade em acreditar que seja irmão de Daharak, aliás - precisamos caminhar cem

envergadura. Assim que chegarmos perto dos monstros, haverá uma parede falsa

escondendo outro túnel. A partir daí, descemos.”

Todos nós assentimos e então nos movemos como um só.

Cheirava a morte. As criaturas feéricas provavelmente poderiam nos sentir, porque seus gritos furiosos ecoaram pela mina em nossa direção, fazendo-me lutar contra a vontade de me encolher. Estava ainda mais frio do que eu esperava, o frio sugando a energia dos meus músculos.

Meus olhos lutaram para se ajustar à luz esparsa e bruxuleante dos orbes pendurados esporadicamente ao longo das paredes. Com os outros na minha frente e Demos ao meu lado, eu poderia pelo menos me concentrar no terreno irregular sob meus pés enquanto avançávamos.

Um dos híbridos bateu nos restos do esqueleto de um andaime, praguejou e continuou andando. O odor desagradável se intensificou, agarrando-se ao fundo da minha garganta. Todos pareceram subitamente nervosos quando a luz começou a mudar, assumindo um tom sinistro e esverdeado.

Os monstros rosnavam – sons profundos e cruéis que fizeram meu coração bater forte contra minhas costelas. Quanto mais nos aproximávamos, mais barulhentos eles ficavam, até que de repente começaram a uivar, como se pudessem se libertar do que quer que os mantivesse presos. Quando chegamos ao lugar certo, Demos apontou para as paredes e todos nós começamos a procurar desesperadamente pela entrada. Passei as mãos pela superfície áspera, procurando por qualquer coisa que não parecesse que deveria estar ali.

Não é novidade que foi Demos quem o encontrou. Regner usou uma fissura natural na rocha – alargando-a apenas o suficiente para que fosse possível atravessar o caminho estreito.

O terreno descia, tornando-se gradualmente mais íngreme até que tive que cavar com os dedos dos pés, minhas coxas queimando. Ninguém falou, e o fogo na mão de Gwynara era nossa única luz. O ar ficou ainda mais frio e úmido à medida que descíamos, o eco da água pingando agora mais alto do que os rosnados acima de nós.

Cada passo era uma batalha contra o terreno escorregadio, e lutei para manter o equilíbrio, meus dedos raspando continuamente a pedra fria e molhada.

Nossos passos começaram a ecoar. Havíamos entrado em algum tipo de caverna.

Com tantas pessoas andando na minha frente, só quando elas se afastaram é que eu percebi. Um vasto lago subterrâneo estava diante de nós, sua superfície perfeita e assustadoramente imóvel. Estalactites pendiam do teto como facas dentadas, algumas delas tão baixas que quase alcançavam a superfície da água.

A presença de tanta água fazia sentido, dada a proximidade do rio Dytur. Provavelmente, a água se infiltrou nos túneis da mina em algum ponto, formando o lago que observávamos agora.

Ainda assim, foi mais uma complicação. Mais um problema a resolver antes que pudéssemos encontrar o amuleto e sair deste lugar. Junto com o fogo de Gwynara, havia um único orbe de luz bem acima de nossas cabeças, lançando luz suficiente para termos uma ideia de sua largura.

Aparentemente intransponíveis, as bordas desapareceram na escuridão. Não havia como saber quão profundo era — ou onde terminava.

“A cadela nos enganou”, murmurou Horrison.

Alguém amaldiçoou. Fui empurrado um passo quando alguém empurrou a pessoa na frente deles. Demos soltou um som áspero e impaciente e todos ficaram em silêncio.

Eu mal percebi. Eu estava muito ocupado observando a ondulação sutil na superfície

-em um local específico. Foi apenas um indício de movimento nas profundezas da água. E acontecia apenas de vez em quando. Contei até noventa antes da próxima onda. Se o resto do lago não estivesse tão quieto e eu não estivesse prestando muita atenção, eu teria perdido.

“Olha,” eu disse, apontando.

Nada aconteceu.

Olhei para Demos. “Eu prometo que vi algo. Apenas observe.

Seu olhar fixou-se na área para a qual eu estava apontando. E sua expressão tornou-se calculista.

“Então foi assim que ele fez”, disse ele. “Boa pegada, Sin.”

Eu não me envaideci, mas estava perto.

Agora precisávamos debater quem entraria. A água estava tão incrivelmente parada que não tive dúvidas de que Regner havia plantado algo nas profundezas, apenas esperando que alguém fosse tolo o suficiente para arriscar a água.

Infelizmente, éramos nós os tolos em questão.

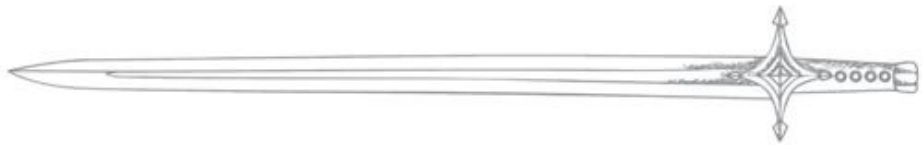
“Quem é o melhor em detectar e quebrar proteções em torno de objetos físicos?”

Brinlor ergueu a mão. Não havíamos conversado muito, mas pela pouca interação que tivemos, ele parecia ser um homem firme e confiável.

Ele ficou parado e observou a água atentamente por vários longos momentos. Então ele fechou os olhos. “Definitivamente há algo fortemente protegido lá,”

ele disse finalmente.

“Você pode remover a proteção daqui?”



Brinlor balançou a cabeça. "Está muito forte. Preciso entrar. E vou precisar de alguém para cuidar de mim — disse ele, já tirando os sapatos. “Se estou me concentrando em quebrar a proteção, não terei muita concentração para quaisquer bestas que Regner tenha deixado para nós.”

O pensamento daquelas feras transformou meu sangue em gelo. Mas eu abri minha boca.

A cabeça de Demos virou-se. "Não."

“Eu vou entrar,” Gwynara se ofereceu.

“Eu também vou entrar”, disse Demos. Reprimi minha negação instantânea, embora esperasse isso dele. Demos não deixava ninguém fazer nada que ele próprio não estivesse preparado para fazer.

Exceto eu. Cerrei os dentes. Mas esta não era a hora.

Outros três falaram. Horrison, Firion e Nyrik.

“Precisaremos de você aqui”, Demos me disse. “Com Amalra e Elysanth atirando em qualquer coisa que se mova.”

“Tudo menos nós”, disse Brinlor alegremente.

Eu não poderia argumentar contra isso. Minhas flechas poderiam pelo menos distrair qualquer coisa que atacasse os outros.

Senti como se meu medo pudesse me despedaçar. Demos já estava tirando os sapatos, a maior parte das armas e a capa. Ele olhou para mim e eu agarrei sua mão, sem saber exatamente o que estava fazendo.

Sua expressão suavizou-se. “Eu ficarei bem.”

Balancei a cabeça, mas senti como se tivesse engolido uma laranja pequena e ela agora estivesse presa na garganta. Com um aperto, ele tirou a mão da minha e mergulhou na água.

PRISCA

O navio rangeu ao meu redor e me forcei a respirar longa e lentamente. Mesmo depois de tanto tempo passado na água, era improvável que eu conseguisse

Nunca me senti realmente confortável com esse tipo de transporte - embora eu só precisasse de um tônico ocasional para enjôo atualmente.

Mas só havia uma maneira de viajarmos pelo território Eprothan – em uma das poucas naves Eprothanas que Daharak havia libertado durante a batalha para derrubar a barreira. Foi o ouro brilhando na proa do navio de Regner que me deixou enojado quando embarcamos. A ideia da riqueza que ele possuía enquanto as pessoas em suas aldeias morriam de fome... fez meu estômago embrulhar.

Agora estávamos reunidos na cabine maior, sentados, mais uma vez, em torno de uma mesa circular.

Quando Lorian insistiu que precisávamos trazer Kaliera, eu hesitei. Eu gostei de saber que ela estava escondida no castelo de Rekja, com a porta de seus quartos trancada e guardada com segurança. Ainda assim, se ela quisesse escapar de nós, ela não teria vindo até nós em primeiro lugar. Já que ela queria ver Jamic

— e ele pediu que ela cooperasse — ela foi forçada a trabalhar conosco.

Eu questionei se Zathrian acreditaria que Regner simplesmente chegaria sem aviso prévio. A resposta a essa pergunta de qualquer pessoa que conhecesse Regner ou o tivesse estudado atentamente foi um retumbante sim.

Chegar inesperadamente para observar um de seus aliados – e determinar se esse aliado estava cumprindo suas ordens – era exatamente o tipo de movimento que Regner tomaria.

Como Lorian havia apontado, não precisávamos enganar o próprio Zathrian. Nós simplesmente precisávamos ser capazes de viajar desimpedidos pelas águas de Eprothan para chegar perto o suficiente da ponta deste continente, onde poderíamos atracar e viajar para a Cidade Amaldiçoada. Não era de todo surpreendente que meu primo tivesse escolhido fazer de tal lugar sua base. Não depois de tudo que aprendi sobre ele.

Facilmente defensável, a Cidade Amaldiçoada estava localizada na costa

noroeste de Eprotha – do outro lado do Mar Adormecido do nosso reino.

Havíamos passado pelas Ilhas Frosthaven – vários de nossos tripulantes passeando pelo convés vestidos com as cores de Eprothan, caso algum dos navios remanescentes de Regner pensasse em se aproximar. Mas isso não aconteceu. Algo me dizia que a maioria dos capitães e generais de Regner estava focada apenas em suas ordens. Foi um pequeno conforto.

Eu queria andar pelo convés, mas sabia que não devia arriscar ser visto, então me escondi aqui embaixo - Lorian e Marth me fazendo companhia.

Agora que estávamos nos aproximando do meu primo, eu estava tão impaciente que todo o meu corpo parecia como se eu fosse o único com o poder do raio e meus músculos mal conseguiam conter os ataques mortais.

E ainda assim meu próprio poder ainda não estava em lugar nenhum.

Lorian me olhou. “Você quer lutar, gato selvagem?”

Marth bufou.

Fiquei de pé e prendi meu cabelo escuro em uma trança. Meus cachos loiros eram muito característicos, então uma das criadas de Rekja me ajudou com eles antes de partirmos.

Alcançando minha adaga, sorri. Lutar com Lorian ajudaria a dispersar parte dessa energia inquieta. Poderíamos não ser capazes de lutar no convés onde Galon insistiu em treinar todos os dias em que estivemos no mar, mas se empurrássemos esta mesa contra uma parede, eu provavelmente ainda poderia me exaurir o suficiente para não ter espaço. para quaisquer outros pensamentos.

“Isso é exatamente o que eu quero.”

Uma batida soou na porta. Eu amaldiçoei.

“Podemos lutar mais tarde”, Lorian me disse com um sorriso predatório.

Marth abriu a porta para revelar Galon. Um homem magro estava atrás dele e Lorian suspirou.

“Está na hora”, disse Galon.

O homem seguiu Galon para dentro, curvando-se para mim. “Vossa Majestade.”

“Você deve ser Renit”, eu disse. Ele era mais baixo para um dos fae, magro em estatura, mas caminhava com propósito.

Renit assentiu, dando-me um sorriso tímido. Seu cabelo caiu sobre os olhos e ele o afastou. Mas ele endireitou os ombros enquanto voltava sua atenção para Lorian. “Vossa Alteza.”

Lorian balançou a cabeça. "Não."

Renit lançou-lhe um olhar teimoso. Lorian ignorou isso. “O que você precisa de mim?” Lorian ficou de pé, a cabeça quase roçando o teto da cabana. Ficou claro desde o momento em que embarcamos que este navio foi construído para homens de tamanho humano.

“Mude para sua forma humana. Também ajuda se você imaginar Regner em sua mente. Use seu próprio foco e poder para impulsionar o meu.” Toda a timidez desapareceu de Renit agora que ele estava concentrado em sua tarefa.

Lorian assentiu.

Aconteceu tão lentamente que foi como se nada tivesse acontecido. E então notei que as maçãs do rosto de Lorian estavam achatadas. Seu nariz era mais grosso. Seu cabelo

gradualmente aliviado. Suas bochechas ficaram com uma cor avermelhada.

De repente, eu estava olhando para Regner.

Ele se levantou, vindo em minha direção.

Eu me afastei instintivamente, minhas costas batendo na parede.

Lorian congelou.

“Sinto muito,” eu respirei. “Apenas me dê um momento.”

Um músculo se contraiu em sua mandíbula. Na mandíbula *de Regner* .

Minha respiração estava ficando mais rápida.

A mão de Regner – não. A mão *de Lorian* se fechou ao seu lado, enquanto ele mal conseguia se conter para não me alcançar.

Galon agarrou meu ombro. “Pris,” ele disse gentilmente. “Olhe para o rosto dele.”

Forcei meu olhar para cima, encontrando os olhos de Lorian. Eles brilharam para mim, verde esmeralda e cheios de preocupação e frustração.

O poder de Renit não conseguiu tocar seus olhos. O alívio guerreou com a

preocupação dentro de mim. Aqueles olhos tornariam mais difícil nos aproximarmos do meu primo. Mas sabendo que eu seria capaz de ver Lorian ao meu lado...

Isso ajudou.

"Desculpe."

“Não se desculpe, gato selvagem.”

Era a voz de Lorian também. Algo em meu peito se destrancou e de repente consegui respirar direito. Agora que eu estava olhando para ele, pude ver que suas maçãs do rosto ainda eram muito acentuadas para caber no rosto de Regner, sua mandíbula muito larga.

“Seu disfarce será relativamente fácil, Prisca”, disse Galon. “Afinal, Regner viaja com criados. Você ficará alguns passos atrás de nós até que estejamos perto o suficiente para atacar.”

Depois disso, as coisas mudaram rapidamente. Alguém encontrou um uniforme parecido com o que Tibris usou enquanto trabalhava no castelo de Regner. Coloquei-o, prendendo meu cabelo escuro em um coque e enterrando-o sob um chapéu marrom.

Não estávamos tentando enganar Zathrian ou Eadric, lembrei-me repetidamente. Tudo o que precisávamos fazer era passar pelos guardas híbridos e entrar no acampamento. Nosso disfarce só precisava ser bom o suficiente para durar alguns minutos.

Tempo suficiente para o nosso navio atracar.

Apenas alguns momentos se passaram antes que eu estivesse no convés do navio de Regner enquanto nos aproximávamos da Cidade Amaldiçoada. Alguém ordenou que Kaliera se juntasse a nós e ela ficou à vista de qualquer pessoa que pudesse ver nosso navio. Ela não estava feliz por Conreth ter levado Jamic com ele mais uma vez. Mas fiquei satisfeito

eles foram separados. Segundo Marth, Jamic defendeu as ações de sua mãe quando estávamos em Thobirea.

“Ela já sofreu mais em sua vida do que a maioria sofreria em várias vidas”, ele disse. “Poucos poderiam realmente culpá-la por se apegar a qualquer poder que pudesse. Por tentar controlar qualquer coisa que pudesse tornar a vida dela um pouco mais fácil.”

Na realidade, muitas, muitas pessoas poderiam culpá-la exatamente por isso. E a defesa de Jamic sobre sua mãe era tão preocupante que todos nós concordamos

em mantê-los separados.

Era natural para ele querer ver o que havia de bom em Kaliera. Infelizmente, ela destruiria qualquer bem *nele* se pudesse.

O navio rolou embaixo de mim e eu agarrei o cordame, voltando minha atenção para o cais ao longe. Zathrian estava ocupado reconstruindo-o, mas ele já estava desmoronando em alguns lugares, com vigas de madeira lutando contra a gravidade – provavelmente graças à maldição de nossa avó, que continuava a impedir qualquer pessoa de construir neste terreno.

“As bruxas devem estar trabalhando com Regner e Zathrian”, disse Galon quando nos aproximamos. Foi estranho vê-lo com as cores dos Eprothan. “Eles controlam os restos desta cidade e não permitiriam que Zathrian construísse seu acampamento diretamente fora dela sem algum acordo.”

Os lábios de Marth se curvaram. “É uma coisa boa que Rythos não esteja aqui para ver isso. Ele faria amizade com as cadelas e criaria um caos como elas nunca tinham visto. Pensando bem... é uma pena que ele não tenha podido comparecer a esta pequena reunião.”

Os guardas convergiram para o cais quando nos aproximamos. O capitão rugiu ordens, sua voz se sobressaiu ao vento enquanto ele estava ao leme do navio.

Estudei os rostos dos guardas abaixo de nós, prontos para ordenar nossa retirada, se necessário.

Mas embora muitos deles olhassem para Lorian e Kaliera, aqueles olhares eram de medo e cheios de raiva... não suspeitos.

Esta foi uma boa notícia. Se os híbridos aqui odiassem Regner, seria mais fácil convencê-los a marchar conosco.

Um tripulante com a agilidade de um gato empoleirou-se na proa do nosso navio, lançando uma grossa corda de cânhamo em direção aos estivadores abaixo. Eles o pegaram com facilidade, prendendo-o rapidamente a um dos postes de amarração oscilantes.

A essa altura, mensageiros já estariam levando a notícia da chegada de Regner ao meu primo. Como ele passou tanto tempo com o rei humano, não tive dúvidas

Zathrian perceberia imediatamente através do disfarce de Lorian. Isso era esperado. Nós simplesmente precisávamos chegar perto o suficiente dele para atacar.

Minhas palmas ficaram úmidas. Fiquei alguns passos atrás de Lorian, já que Regner não se cercaria de criados a menos que precisasse de alguma coisa. Seus

ombros ficaram ligeiramente tensos e ele começou a se mover suavemente, caminhando pela passarela.

Porra.

Lorian estava tentando reprimir sua graça natural de fada. Mas foi como ver um leopardo imitar uma ovelha. Galon soltou uma série de xingamentos silenciosos, percebendo o problema, e conseguiu andar mais como um humano. Kaliera me lançou um olhar mordaz, levantou a cabeça e desceu atrás dele.

Infelizmente, Marth poderia estar caminhando ao longo de um galho de árvore pela forma como ele caminhava graciosamente. Claramente, ele não reconheceu nenhum problema. Ele estava muito ocupado olhando para os guardas, em busca de ameaças.

Um soldado se aproximou, caminhando com a formalidade rígida dos altamente graduados. Seu olhar deslizou sobre Lorian e encontrou o meu enquanto eu seguia atrás deles, fazendo questão de tropeçar na rampa como o humano que eu não era. Como se eu pudesse de alguma forma compensar a graça fada que ele acabara de testemunhar. Ele apertou os lábios.

“Vossa Majestade.” Ele se curvou para Lorian. “Meu nome é Orivan.”

Seus olhos deslizaram para mim novamente e estremeci de alívio. Blynth e Tymriel me garantiram que ele simpatizava com nossa causa, mas sempre houve a chance de estarmos caindo em uma armadilha.

Orivan assentiu com a minha pergunta não formulada. “Vou levá-lo ao herdeiro híbrido”, disse ele em voz alta. “Ele desejará recebê-lo imediatamente.”

“Sugiro que você se concentre em andar como um humano”, disse ele baixinho, e Marth olhou confuso para seus pés, como se estivesse se perguntando como exatamente ele deveria conseguir *isso* .

A fumaça subia no ar vinda das fogueiras ao longe. A Cidade Amaldiçoada se espalhava à nossa esquerda enquanto caminhávamos ao longo da costa. Contornando a extremidade oeste da cidade, prendi a respiração ao me aproximar dos guardas estacionados na entrada.

Instintivamente, procurei meu poder. Mas os guardas inclinaram a cabeça para Orivan, que passou por eles com um aceno de cabeça. Mantive minha cabeça baixa, esperando que um deles gritasse a qualquer momento.

Mas... quais eram as chances de a maioria dos guardas de baixo escalão acusarem o rei Eprothan de duplicidade? Acusaria um dos generais de confiança de Zathrian

de liderar seus inimigos em seu acampamento?

Pela expressão incrédula no rosto de Galon, ficou claro que ele esperaria exatamente isso de qualquer soldado que tivesse treinado.

Alcancei os outros, ainda seguindo atrás deles. “Espero que você seja tudo o que Blynth e Tymriel disseram, Nelayra Valderyn”, murmurou Orivan.

“Não sei o que disseram sobre mim, mas prometo que vou provar meu valor para você”, eu disse, mantendo minha voz pouco acima de um sussurro.

Ele deu um aceno brusco. Dobramos mais uma esquina, onde uma enorme arena de treinamento se espalhava pela paisagem. Zathrian estava próximo àquela arena, Eadric ao seu lado.

Meu coração disparou no peito, meu sangue gelou e o mundo recuou enquanto eu olhava para meu primo.

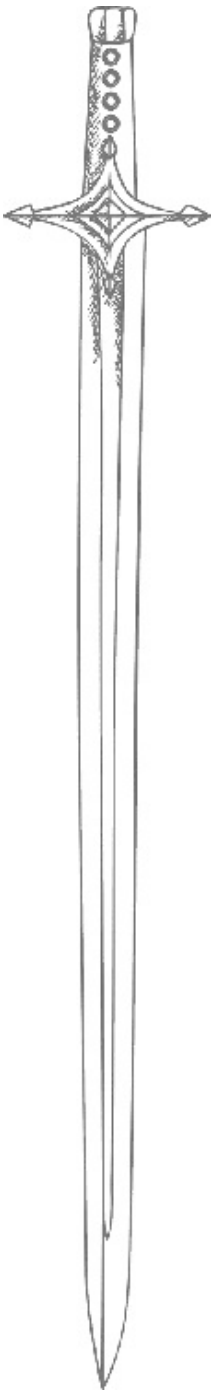
Eadric deu uma olhada em Lorian e ergueu a mão, apontando o dedo em sua direção.

“Mentiras,” ele sibilou.

Os olhos de Zathrian encontraram os meus. E ele sorriu.

19

Madínia



Embora Conreth fosse indiscutivelmente o rei das terras feéricas, seu reino foi dividido em territórios. E a ilha de Quorith era governada por Verdion. Eu aprendi tudo o que precisava saber sobre o pai de Rythos na reunião das fadas. Ele era um homem implacável e amargo que se recusava a cooperar, obedecer ou conceder poder – tudo porque sua família não havia sido escolhida para guardar um dos três amuletos feéricos que lhes foram oferecidos pelo deus Tronin há muito tempo.

De acordo com o pequeno Rythos me contou enquanto viajávamos para a ilha, embora Verdion fosse a autoridade máxima de Quorith, ele ainda respondia a um conselho. Se todos os membros desse conselho concordassem por unanimidade, seus votos poderiam anulá-lo.

Infelizmente, Verdion estava tão determinado a ficar fora desta guerra que se recusou até mesmo a levar as provas ao seu conselho. E eu apostava que ele não havia contado a eles sobre seu pequeno acordo com Regner. Ele estava disposto a quebrar as próprias leis de Quorith para desconsiderar os desejos de Conreth.

Poupe-me desses homens poderosos e de seus antigos rancores.

Prisca uma vez me disse que Rythos e Verdion não se falavam. Tudo o que ela disse foi que Verdion foi ameaçado por seu filho, embora Rythos não tivesse intenção de lutar com ele pelo poder.

Parecia semelhante a um certo rei fada que todos conhecíamos.

Olhei para Rythos. Embora Cavis tenha sido o mais gentil comigo, Rythos ficou em segundo lugar. No momento, porém, ele estava perdido em um silêncio sombrio, com o olhar voltado para a ilha embaçada e protegida à nossa frente enquanto nosso pequeno barco era balançado pelas ondas.

Talvez uma distração que também pudesse ajudar com minhas próprias curiosidades fosse justificada. “Você conhece alguém puro de coração?” Eu perguntei a ele.

A surpresa brilhou em seu rosto.

“O que exatamente isso significa?”

“Não sei”, admiti. “Provavelmente alguém que não gosta de matar pessoas más.”

“Sabe”, disse ele, passando a mão pelo rosto, “acho que não.

Isso provavelmente diz muito sobre as pessoas de quem me cerco.”

Eu não pude deixar de sorrir com isso. Rythos ergueu as sobrancelhas e eu transformei isso em uma carranca.

“Por que você precisa de alguém puro de coração?”

“A arma de Daharak.” Expliquei o orbe para ele, até tirando-o do bolso. “Você parece... legal. Ocasionalmente."

Ele apenas balançou a cabeça para mim. “Não é legal o suficiente para isso.”

Suspirei, colocando-o de volta no bolso da capa e voltando minha atenção para a ilha. “Verdion está vivo há muito tempo, presumo.”

"Sim."

“Então por que ele acreditaria em Regner quando disse que não atacaria Quorith se permanecesse neutro?”

Rythos bufou. “A mesma razão pela qual Eryndan acreditou nele quando Regner disse que os reis humanos governariam juntos. Eles confiam nele porque amam o poder e não conseguem imaginar perdê-lo. E...eles querem manter seu povo seguro.”

Estremeci quando nos aproximamos da ilha. As proteções de Quorith eram mais fortes do que qualquer outra, construídas com um tipo de magia que fazia a pele dos meus braços arrepiar. Rythos se levantou, murmurou uma única palavra em um idioma que eu nunca tinha ouvido, e a proteção desapareceu como se nunca tivesse existido, brilhando de volta ao lugar depois que passamos.

Eu não tinha visitado quando os outros roubaram um navio para levar Prisca ao reino híbrido, e passei meu olhar avidamente por tudo que pude ver enquanto Rythos atracava nosso barco. A ilha se desdobrou diante de mim como uma promessa de histórias não contadas e caminhos desconhecidos. A vegetação exuberante e as flores vibrantes que pontilham a paisagem não eram apenas toques de cor, mas marcadores de uma cultura rica em beleza e amor pela natureza. As risadas brotavam das tavernas em frente ao cais, pessoas falando em línguas que eu não entendia, mas que desejava aprender. E o ar... o ar estava rico com aromas de liberdade...

flores silvestres, especiarias exóticas, o mar... a própria essência de uma vida onde eu poderia me encaixar sem que ninguém soubesse quem eu era.

Rythos estendeu a mão e percebi que ele já havia pisado no cais. Permiti que ele me ajudasse a sair do barco, observando a grandiosidade de um edifício distante enquanto ele se afastava para falar com alguém. Foi sem dúvida uma maravilha arquitetónica, com as suas torres e pontes, o mármore e a pedra entrelaçados para criar algo estranho e único.

“Eu nunca vi essa expressão em seu rosto antes”, disse Rythos.

Eu instantaneamente controlei meus recursos. “Que expressão?”

Ele mostrou os dentes em um breve sorriso. “Algo como admiração. Ou maravilha.

Limpei a garganta, forçando-me a desviar o olhar de um grupo de mulheres dançando na rua. “Quando tudo isso acabar, vou sair deste continente. Quero a

vida que me foi negada por tanto tempo. Esta ilha...

acalma alguma parte de mim. Isso me lembra que há mais por aí para mim.

E que um dia eu vou encontrar."

O canto da boca de Rythos se ergueu. "Eu não queria voltar aqui,"

ele disse. "Ele guarda principalmente lembranças ruins para mim. Então, obrigado por me permitir ver isso através de seus olhos."

Balancei a cabeça e ele respirou fundo, seu olhar demorando-se no prédio branco ao longe.

"Vamos terminar isso."

Ninguém tentou nos impedir enquanto caminhávamos pelas ruas movimentadas. Talvez porque todos pareciam saber quem era Rythos—

as pessoas acenavam e chamavam por ele ou lançavam-lhe olhares semicerrados, sussurrando para os que estavam ao seu lado.

No momento em que nos aproximamos do prédio branco que eu admirava do cais, já estava cansado dos olhares sobre nós. Rythos parecia completamente à vontade, embora em sua forma fada e com expressão vazia, era quase como olhar para um homem completamente diferente.

Eu também coloquei minha máscara de corte e passeamos pelo pátio como se fosse apenas mais um dia.

Ninguém nos cumprimentou na porta, embora os guardas tenham se curvado diante de sua aparição. Rythos vagou, ignorando o fato de que o salão principal estava quase deserto. Como tudo o mais que eu tinha visto aqui até agora, ele foi projetado com cuidado: janelas largas permitindo que a luz do sol incidisse no chão de mármore, recantos recuados com bancos para sentar, tapetes finamente trabalhados que provavelmente eram muito, muito mais velhos do que eu. Gesticulando para que eu o seguisse, Rythos subiu a longa escadaria à nossa esquerda.

Reconheci a voz de Verdion no momento em que a ouvi. Seu tom baixo de barítono deixou meus dentes tensos. Rythos não hesitou diante da porta fechada, simplesmente a abriu e entrou. Levantando a cabeça, coloquei um sorriso frio no rosto e o segui.

Verdion ergueu os olhos de onde estava sentado na cabeceira de uma longa mesa oval. Ele não pareceu nem um pouco surpreso ao ver o filho, mas seus olhos brilharam de raiva com a interrupção.

“Como você ousa?”

Rythos o ignorou, examinando a sala. Contei outros doze homens e mulheres Arslan, todos olhando para Rythos. Claramente, estávamos interrompendo uma reunião do conselho. Quão conveniente para nós.

“Fora,” Verdion rosnou.

"Eu não acho." Rythos cruzou os braços. “Onde está Brevan?”

“Seu irmão está fora. Ele retornará mais tarde hoje.

“E ele também estava ausente para o encontro?” Rythos ergueu uma sobrancelha e virou-se para o conselho. “Meu pai lhe contou tudo sobre o acordo que ele fez com o rei humano antes mesmo de esta guerra começar? Que Regner escolheria não atacar esta ilha desde que cooperássemos *?* ”

Uma mulher com longas tranças escuras murmurou algo para o homem ao seu lado, com os olhos arregalados. Enquanto isso, os lábios de Verdion se afastaram dos dentes.

“O conselho sabe tudo o que há para saber.”

“E eles sabiam que Regner nunca cumpriu sua palavra com seus aliados—

nem uma vez... e graças às nossas proteções, ele acredita que o atacamos durante a batalha pela barreira?

“Eu ouvi o que aconteceu com essas proteções”, disse Verdion calmamente. “Eu sei que aquela cadela híbrida interferiu.”

“Essa cadela híbrida já é duas vezes mais governante que você jamais será,” eu rebati.

Rythos acenou com a cabeça em concordância. “Sem mencionar a enfermaria atrás da qual você acha que pode se esconder? Regner sabe como mudar isso. Pelo menos o tempo suficiente para atacar todos nós.”

“Bobagem. Nossa ala não pode ser transferida para lugar nenhum . ”

“Pode ser que um dos Patriarcas de estimação de Regner desenvolva uma arma que possa remover temporariamente as proteções deste mundo”, eu disse.

Sua expressão permaneceu totalmente neutra, mas olhei para o conselho.

Vários homens estavam carrancudos, enquanto uma mulher mais velha com profundas rugas de expressão se levantou, trêmula. Talvez esta não fosse a

batalha para a qual nos preparamos. Talvez eles realmente ouvissem.

“Não podemos mais nos dar ao luxo de ser neutros”, disse ela. “Agora é uma questão de honra. Se formos atacados, ninguém virá em nosso auxílio.”

“Não seremos atacados,” Verdion disse.

Inclinei minha cabeça. “Ah, sim, você acredita que pode rastejar de volta até Regner e negociar com ele. Diga-me, você cairá de joelhos pelo rei humano?”

A boca de Verdion caiu aberta, mas ele se recuperou rapidamente. “Como você ousa vir aqui? Você nem deveria ter pisado nesta ilha e ainda assim acredita que pode invadir esta reunião e tentar convencer nosso povo a ir à guerra por você?

“Os Arslan já foram um grande povo”, disse Rythos calmamente, virando-se para encarar o conselho. “Não éramos conhecidos apenas pela nossa experiência quando se tratava de

invenções como nossos navios. Éramos conhecidos pela nossa compaixão. Pela nossa disposição em acolher pessoas que buscavam uma nova vida.”

“Você não sabe de nada .”

Rythos continuou como se seu pai não tivesse falado, seu olhar varrendo cada membro do conselho. “O que você dirá aos seus filhos se Regner vencer esta guerra?

Como você explicará aos filhos dos seus filhos que teve a chance de lutar do lado certo da história e optou por não se envolver? Você vai olhá-los nos olhos e dizer que permitiu que inocentes fossem massacrados porque era politicamente conveniente? A guerra chegará a esta ilha. Regner já invadiu Gromalia. Sim, suas criaturas—

criaturas que ele tirou das fadas e distorceu - massacraram quase uma cidade inteira de homens, mulheres e crianças. E ainda assim, você não faria nada?

Ele soltou uma risada amarga. “Você sabe o que acontece com aqueles que permitem que inocentes morram para sua própria conveniência? Eles logo descobrem que a conveniência é substituída pelos dedos frios da culpa apertando suas gargantas cada vez que tentam dormir.”

“Humanos,” Verdion retrucou. “Já existem muitos deles.

Talvez isso nada mais seja do que correção populacional.”

Rythos se irritou. “Essa correção populacional virá aqui. É um fato.”

“Permita-nos pensar sobre isso e votar”, disse a mulher com rugas de expressão. Ela teve coragem suficiente para ignorar cuidadosamente o olhar furioso que Verdion lhe lançou. “Devemos deliberar.”

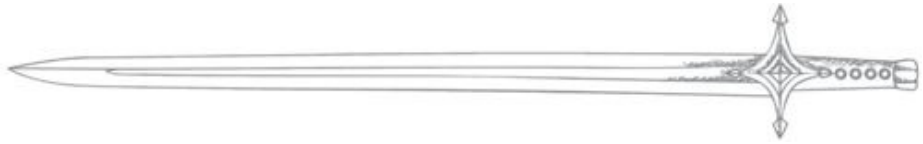
Com uma última olhada no conselho, Rythos assentiu. Eu o segui. Não gostei de deixá-los onde pudessem ouvir as palavras venenosas de Verdion, mas não tivemos escolha.

“O que você acha que eles farão?”

Rythos balançou a cabeça, o rosto tenso. "Não sei. Provavelmente, eles deliberarão por horas. A decisão deles não se resumirá ao que é certo ou ao bem versus o mal. Eles passarão o tempo cutucando uns aos outros, usando seu poder político para irritar aqueles que desprezam e questionando se falamos a verdade.”

A frustração me agarrou. Rythos acenou com a cabeça para tudo o que viu em meu rosto.

“Reze a quaisquer deuses em que você acredita para que eles escolham se aliar a nós. Porque se não o fizerem, esta ilha não passará de escombros, e os navios que poderiam nos dar uma chance de lutar nesta guerra serão pouco mais que escombros no fundo do mar.”



ASÍNIA

Por alguns momentos, pareceu que talvez estivéssemos errados. Como se talvez os monstros que espreitam sob a superfície fossem meramente criados a partir da nossa imaginação hiperativa.

Uma criatura escura e escamosa saltou sobre a superfície da água.

chocantemente rápido – e direcionado para Demos.

Minha seta disparou através de sua boca aberta e ela caiu silenciosamente de volta na água com um estrondo – a poucos passos da cabeça de Demos. Ondas frias de terror percorreram meu corpo, meus músculos ficando líquidos.

Ele lançou um único olhar para mim e então se virou, remando em direção à área que vimos pela primeira vez ondulando. Coloquei outra flecha e esperei.

Ao meu lado, Amalra e Elysanth fizeram o mesmo. Nós três ficamos totalmente

em silêncio.

Demos, Horrison, Gwynara, Firion e Nyrik circularam ao redor de Brinlor, protegendo-o de todos os lados enquanto nadavam em direção à enfermaria.

Meus pulmões estavam queimando e lentamente soltei o ar que estava prendendo, girando o pescoço. Se eu estivesse muito tenso, era mais provável que atirasse mais cedo. O que significava que era mais provável que eu errasse.

Eu precisei-

Lá!

Outro lampejo de algo longo, escuro e escamoso, só que desta vez a criatura não saltou da água. Nadou ao lado de Firion, que respondeu atacando com sua adaga.

Lutar na água não deve ter sido fácil. Especialmente sabendo que criaturas letais observavam cada movimento seu. Um brilho de dentes e Gwynara usou seu poder, lançando seu fogo na lateral da criatura.

Embora Gwynara fosse Fae, eu estava relativamente certo de que o fogo de Madinia era muito, muito mais forte. Se ela estivesse aqui, ela poderia ter transformado a maioria desses monstros em cinzas.

A criatura do lago fez um som que causou arrepios na minha pele. Mas atacou novamente. Desta vez, foi Demos quem atacou, acertando-o em um de seus olhos vermelhos.

Brinlor havia chegado à enfermaria. Deve ter sido necessária uma coragem incrível para ele fechar os olhos daquele jeito, confiando que os outros o manteriam vivo. Ele estava murmurando algo baixinho e um brilho branco começou a se espalhar sob a água.

O lago de repente fervilhava de vida.

Era como se os esforços de Brinlor para quebrar a proteção tivessem acordado todas as criaturas nas proximidades. Tive que me manter implacavelmente sob controle, suprimindo o instinto de jogar minha besta de lado e pular na água na tentativa de salvar Demos da criatura que agora estava quase em cima dele.

Não havia inteligência nos olhos dessas criaturas. Regner de alguma forma os amarrou à sua pupila, e não sobrou nada deles, exceto pura raiva e o desejo de matar.

Atirei de novo e de novo e de novo, os outros fazendo o mesmo. Mas eventualmente, tivemos que parar. As chances de acertar um dos nossos eram muito altas. Tudo o que podíamos fazer era assistir, com as entranhas revirando,

os corações batendo três vezes mais.

Era hora de eu entrar na água. Tirei minha adaga da bainha.

“Nem pense nisso!” Demonstrações rugiram.

Para todos os outros, provavelmente parecia que ele estava gritando com o monstro em escamas que tentava passar por ele e chegar a Brinlor. Mas eu percebi o olhar furioso que ele lançou em minha direção.

Mesmo enquanto lutava por sua vida, ele tentava me impedir de arriscar a minha. Cerrei os dentes, mas me concentrei, esperando o momento em que pudesse fazer alguma coisa — *qualquer coisa* — exceto ficar aqui observando.

Firion e Nyrik estavam lutando contra a mesma criatura, tentando atraí-la para longe de Brinlor. A barreira brilhou mais forte, o que deixou todos os seres vivos naquela água em frenesi. Gwynara estava direcionando seu poder para eles, enquanto ao meu lado, Amalra cortou o ar com a mão, atordoando a criatura mais próxima. Ele deslizou para dentro da água.

Um dos outros fae mirou uma bola escura de algo que me aterrorizou. Acertou a criatura, que congelou instantaneamente, caindo no lago.

A enfermaria estava brilhando cada vez mais, e os outros estavam conseguindo evitar que Brinlor fosse muito empurrado. eu avistei

Horrison mergulhava continuamente sob Brinlor, provavelmente protegendo-o de qualquer coisa que estivesse pensando em agarrá-lo por baixo.

Talvez pudéssemos realmente fazer isso.

Alguém gritou. Eu examinei a água. Eu estava observando os outros e perdi Demos de vista.

Eu o perdi de vista.

O medo ameaçou me deixar de joelhos.

Por favor, não deixe que sejam Demos. Por favor.

O braço de Nyrik estava faltando.

Foi a primeira coisa que vi quando meu olhar se fixou no outro homem. Ele gritou novamente, a água escurecendo ao seu redor. E a criatura estava voltando.

Minha pele ficou úmida e avistei minha próxima flecha.

Mas não estava mais interessado em Nyrik. Sua agitação deixou uma lacuna no escudo ao redor de Brinlor. E a criatura mergulhou na brecha.

Atirei, errei e quase acertei Nyrik. A frustração queimou através de mim.

Os outros estavam usando seu poder, mas a criatura era maior e mais rápida que as que estavam na água. O ataque a Nyrik pareceu ter encorajado seus amiguinhos, e eles atacaram imediatamente, com a água agitada.

Eu não consegui. Eu não poderia ficar aqui inutilmente e vê-los perder a vida um por um.

“Precisamos entrar!” Eu gritei.

“Morremos e não sobrará ninguém para devolver aquele amuleto aos outros”, afirmou Amalra.

Demos já estava avançando em direção a Brinlor, seus braços musculosos cortando a água. Minha respiração ficou presa na garganta quando a maior criatura apontou para ele.

A enfermaria iluminou toda a caverna.

E então escureceu mais uma vez.

“Entendi”, gritou Brinlor, com a voz rouca.

"Ir!" Demos gritou.

Eu o perdi de vista no caos repentino. A água se tornou um caldeirão fervilhante, ondas turbulentas cruzando a superfície do lago enquanto todos corriam em nossa direção.

As criaturas estavam se aproximando deles e meu coração batia na garganta, meu corpo inteiro estremecia. Brinlor jogou o amuleto para Demos, que se abaixou

sob um corpo longo e serpentino enquanto saltava no ar. No momento em que ficou livre, ele puxou o braço para trás e o amuleto disparou em nossa direção.

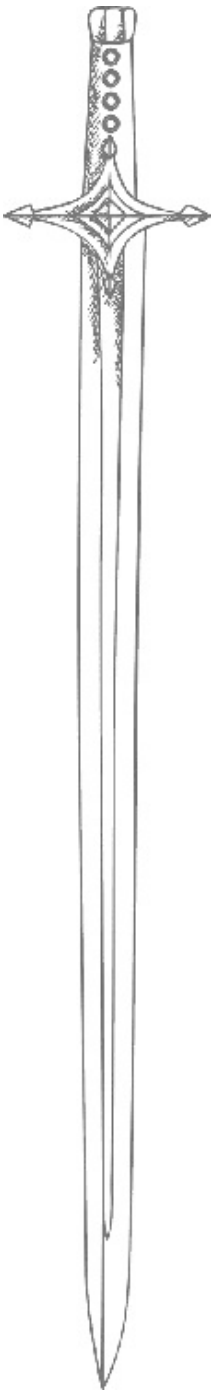
Elysanth agarrou-o no ar ao meu lado, mas não pude comemorar. Eu estava muito ocupado observando Horrison arrastar Nyrik pela água, a luta do outro homem retardando os dois. Demos também viu. Ele se virou, voltando para eles.

Tirei as botas e meu arco caiu ao lado delas em um momento.

Tirando uma flecha da minha aljava, pulei no lago.

20

Madínia



O conselho votou contra nós.

T Não foi nem uma votação apertada. Verdion estava sentado na cabeceira da mesa, um pequeno sorriso brincando em seus lábios.

Milhares — talvez centenas de milhares — de pessoas morreriam. E ele estava perfeitamente satisfeito. Não, ele era presunçoso.

Minhas mãos queimavam, mas eu estava melhorando em controlar o fogo que acendeu dentro de mim.

"Por que?" Rythos exigiu.

“É simples”, disse um homem próximo a Verdion, acariciando sua barba escura. “Embora Sua Majestade possa ter violado nossas leis ao não trazer uma decisão tão importante ao conselho—” ele dirigiu a Verdion um longo olhar, que Verdion ignorou “—sua lógica era sólida. Apesar do seu argumento apaixonado para nos envolvermos numa guerra que não foi criada por nós, fazê-lo colocaria em risco desnecessariamente o nosso próprio povo. O Arslan irá renegociar com Regner.

Explicaremos como nossos pupilos funcionam e comunicaremos nossa expectativa de não nos envolvermos nesta guerra.”

A estupidez de suas palavras me deixou sem palavras.

Um músculo se contraiu na mandíbula de Rythos.

“Saia”, disse Verdion.

Eu plantei meus pés. Eu não ia a lugar nenhum. Abri minha boca, mas a expressão de Rythos tinha... mudado.

Desta vez, o fogo realmente queimou em minhas mãos, meu poder saltando automaticamente para me proteger da ameaça. Vários Arslan olharam carrancudos para mim. Mas era em Rythos que eles deveriam estar prestando atenção.

Sua expressão era perfeitamente agradável. Seus olhos brilhavam e sua cabeça inclinada daquele jeito estranho e feérico que nunca deixava de fazer os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

Minhas mãos queimaram mais. Mas ele não estava olhando para mim. Ele nem estava olhando para o pai. Não, ele estava olhando para o conselho.

E cada um deles parou de falar. Eles estavam olhando para trás.

Meu coração trovejou em meu peito e dei um passo mais perto da porta. Mas eu não conseguia parar de assistir, mesmo quando meus instintos gritavam para eu correr antes que eu também fosse pego por isso.

“Isso me deixa triste”, disse Rythos. “Vim aqui para estender a mão da *amizade* .”

Verdion engasgou. "Não se atreva."

Rythos nem sequer olhou para ele. Eu podia sentir seu poder, seus fios varrendo a sala, procurando pelos mais fracos...

“Serei sua amiga”, falou a mulher de tranças.

"Silêncio!" Verdion rugiu, mas já era tarde demais.

“Não a escolha,” o homem barbudo ao lado de Verdion retrucou. “Eu seria um amigo muito melhor.”

Rythos sorriu e foi terrível. “Todos nós podemos ser amigos, você não acha?”

“Se você fizer isso, será uma declaração de guerra.” Verdion estava tremendo agora.

Rythos lançou-lhe um único olhar. “Esta é a razão pela qual você decidiu que eu era uma ameaça muito grande para poder viver aqui, não é, pai? Eu adoro poder provar que você está certo. Ele se virou para os outros. “Eu tenho uma sugestão.”

“Que tipo de sugestão?” um dos homens perguntou.

“Acho que deveríamos ajudar meus outros amigos.”

“Seus *outros* amigos?” O ciúme sufocou a pergunta do homem. Meu estômago embrulhou.

Rythos sorriu. E mesmo sem o poder pingando dele, era um sorriso impressionante, os dentes muito brancos contra a pele escura. "Sim. Espero que um dia possamos ser todos amigos. Mas para que isso aconteça, precisamos compartilhar.”

"Compartilhar?"

"Sim. Lembra dos navios que eu pedi?

Lentamente, metodicamente, Rythos os guiou através do que ele queria. Seu poder não substituiu completamente a vontade deles. Não, esse era o poder de Vicer. Mas agora que cada membro do conselho o considerava seu melhor amigo, eles estavam dispostos a ouvir o que ele tinha a dizer. Eles estavam dispostos a pensar logicamente e a deixar de lado as suas aspirações políticas. Eles cooperaram entre si porque Rythos pediu a seus *amigos* que trabalhassem juntos.

Eu senti a ameaça de seu poder, mas ele estava sendo muito cuidadoso para

mantê-lo longe de mim. E ainda assim eu não conseguia relaxar, não conseguia matar meu instinto de me preparar para me defender.

O uso de tanto poder estava lhe custando caro. Uma gota de suor apareceu em sua têmpora, sinalizando a tensão. Eu pude entender o porquê. Rythos tinha que garantir que essas pessoas iriam querer cooperar mesmo depois de deixarmos a ilha.

Os olhos de Verdion estavam esbugalhados, mas ele parecia incapaz de falar, como se estivesse consumindo todo o seu poder para não se deixar levar pela *amizade de Rythos* . Mas ele era o único que tinha tal imunidade. O horror brilhou

seu rosto enquanto observava seu conselho votar por unanimidade para que os Arslan se juntassem à guerra.

“Você vai pagar por isso”, ele sibilou entre dentes.

“Provavelmente irei. Anime-se, pai. Você está conseguindo o que queria. Afinal, foi isso que você sempre temeu. A razão pela qual você nunca confiou em mim. Estou satisfeito por poder provar que você está certo.

“Nunca mais volte”, Verdion ofegou.

Um canto da boca de Rythos se ergueu. “Depois que esta guerra for vencida, não tenho planos de fazê-lo.” Ele se virou para o general. “Nos encontraremos para discutir nossa abordagem dentro de três horas. Reúna qualquer pessoa que deva participar de tal reunião.”

Virando-se, Rythos saiu, ignorando os membros do conselho que imploraram para que ele ficasse.

Minha mão tremia quando fechei a porta atrás de mim, seguindo-o para fora.

Eu o vi usar seu poder contra os guardas de Regner no castelo, mas isso...

Ele estava me ignorando, seus passos longos enquanto abria uma porta. Eu o segui para dentro do que parecia ser uma série de quartos para convidados. Em um momento, Rythos desapareceu por outra porta e eu fiquei na entrada, com o coração disparado.

Soou uma ânsia de vômito. Isso continuou enquanto Rythos vomitava, o som quebrado apenas pelo que pareciam soluços ásperos.

Fui até a janela e olhei fixamente para a cidade, rangendo os dentes. Prisca deveria estar aqui. Eu não era exatamente alguém que sabia o que fazer ou dizer nessas circunstâncias.

Finalmente, no que pareceram horas depois, Rythos voltou para a sala. Ele caminhou em direção à janela onde eu estava e, a cada passo, as linhas de tristeza esculpidas em seu rosto desapareceram, até que sua expressão ficou cuidadosamente vazia.

"Você é…"

"Estou bem."

Balancei a cabeça, voltando minha atenção para a cidade abaixo de nós. Se ele quisesse falar sobre isso, ele o faria. Eu não iria pressioná-lo.

Ficamos em silêncio por um longo tempo. Tempo suficiente para que meus pés começassem a doer. Talvez eu devesse deixá-lo em paz.

“Prisca foi minha primeira amiga híbrida verdadeira”, disse Rythos, e eu quase estremeci com a rapidez disso. “Ela não queria nada de mim, exceto amizade.

O tipo de mulher que ela é... a lealdade que ela exala... há muito poucas coisas que eu poderia fazer para perder essa amizade. E eu nunca arriscaria isso.”

“Ela é irritantemente persistente, não é?”

Sua boca se contraiu. “Essa é uma maneira de descrevê-la. Uma vez, quando Lorian e Prisca se conheceram, quando ainda estavam brigando um com o outro, Lorian deu a entender que eu havia usado meu poder sobre ela. Balancei a cabeça e Rythos riu. “Sim, eu deveria saber então que eles eram amigos. A mudança estava tão abaixo dele. Tão diferente do homem que eu conhecia.

“Ele nunca tinha feito uma coisa dessas antes?”

Ele balançou a cabeça. “Lorian não é conhecido por sua sutileza. Quando ele quer alguma coisa, ele vai atrás. Até Prisca. Ela era a única coisa que ele queria, mas não podia permitir-se ter. E isso o torturou. Na época, Prisca e eu ainda nem éramos amigas de verdade. Mas a traição em seus olhos... foi devastadora. Eu nunca iria querer ver essa expressão e saber que a causei. Nem em Prisca, nem em nenhum dos meus amigos.

Eu não poderia ter entendido isso há apenas alguns meses. Agora... agora, eu estava começando.

“Mas você usou isso no conselho do seu pai.”

Nossos olhos se encontraram. Minha voz não continha nenhum julgamento, e algo em sua expressão relaxou quando ele percebeu que eu não estava sendo maliciosa. Afinal, fui eu quem insistiu que Vicer usasse seu poder contra Kaelin Stillcrest. Se ele tivesse…

Um pequeno túmulo apareceu em minha mente, Whirna deitada ao lado, com a voz agonizante.

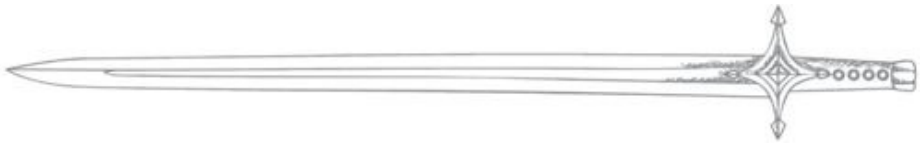
“Eu prometi a ele que o manteria seguro. Era meu trabalho mantê-lo seguro.

Rythos ainda estava me observando. Limpei a garganta. “Eu não culpo você. Eu também teria feito isso.”

“Eu não teria,” Rythos disse. “Há poucos meses, eu nunca poderia imaginar que teria feito uma coisa dessas. Fiquei furioso com a mera sugestão de meu pai de que eu era perigoso demais para ter acesso ao seu conselho. E passei anos acreditando que ele havia me banido injustamente do nosso território.” Ele soltou uma risada sem humor. “Eu poderia ter me poupado anos de angústia e raiva simplesmente admitindo que ele estava certo. Eu era uma ameaça.

Revirei os olhos. “Sim, você era uma ameaça. E se Verdion tivesse se comportado como um verdadeiro líder deveria, em vez de se apegar à mesquinhez por causa de rancores antigos, você provavelmente nunca teria agido diante dessa ameaça.”

Ele ficou imóvel. “É tão simples para você?”



A impaciência tomou conta de mim. “Eu não sou Prisca. Se você quiser palavras suaves sobre como essa escolha não muda nada em seu valor, converse com ela. As pessoas que questionam as suas decisões e se recusam a agir com base em ideias preconcebidas sobre o certo e o errado são inúteis nesta guerra. Se quisermos vencer, precisamos usar todas as armas disponíveis. Vicer... Vicer não usou seu poder, mesmo quando seus instintos provavelmente gritaram para ele fazer isso. E centenas de híbridos pagaram por isso com a vida.” Afastei a imagem daquele pequeno túmulo da minha cabeça mais uma vez e me concentrei em Rythos. “Você acredita que os deuses nos dão nossos poderes por uma razão?”

Ele encolheu os ombros, virando-se para observar um grupo de Arslan caminhando abaixo. Eles pareciam tão... despreocupados, rindo enquanto caminhavam em direção à água. Eu já tinha sido tão despreocupado?

“Eu nunca acreditei em tal coisa”, disse Rythos. “Achei que nossos poderes nada mais eram do que coincidência. E então conheci Prisca. Vi o que ela poderia fazer e percebi que poderíamos realmente ter uma chance de vencer esta guerra.”

Se havia uma coisa em que Prisca era boa era fazer com que as pessoas

acreditassem nela. Certa vez, eu rejeitei o poder da esperança. Mas essa esperança pode ser o que nos fez sobreviver a esta guerra.

“Não acho que os deuses cometam erros. Acredito que eles se interessem demais por algumas de nossas vidas, mas nada é acidental. Por que outro motivo Lorian teria o tipo de poder que tem, quando faria mais sentido pertencer ao rei fae? Você recebeu seu poder por uma razão.

Talvez tenha sido tudo por isso.

“Talvez não tenha sido”, disse uma voz fria atrás de nós.

Eu me virei. O homem parado na nossa frente deve ter se movido incrivelmente silenciosamente para que os sentidos feéricos de Rythos não o notassem. E eu estava apostando que poderia adivinhar como.

Ele era mais alto que Rythos, embora não tão largo. Ele tinha a mesma boca larga, mas seus olhos eram frios.

Rythos enrijeceu. “Brevan.”

O herdeiro Arslan olhou para mim com desdém antes de devolvê-lo para Rythos. Mas eu também não estava interessado nele.

Eu estava muito mais interessado nos guardas reunidos atrás dele.

ASÍNIA

Gwynara nadou em minha direção com a fluidez de um peixe. Eu mal me esquivei dela enquanto ela corria para a costa.

“Saia,” ela engasgou, mas eu já estava mergulhando fundo, faca em uma mão, flecha na outra.

Estava escuro abaixo da superfície – escuro como breu, como se estivéssemos dentro da barriga de algum monstro vasto e letal. A única luz vinha da luz fraca que se acumulava acima de nós, lançando sombras nas profundezas. Captei um movimento com o canto do olho e me virei, mas ele desapareceu antes que eu pudesse atacar.

Um momento depois, pude ver os homens, três deles juntos, as pernas impulsionando-os em direção à costa. Mas o sangue de Nyrik continuou a escurecer a água ao redor deles.

Mais movimento. E desta vez avistei a criatura – cerca de três vezes a largura da maior enguia que já vi, com a boca aberta exibindo fileiras de dentes ferozes. Dentes que ainda seguravam pedaços da carne de Nyrik presos entre eles.

Meus pulmões já começaram a doer. Mas eu podia ver o que aconteceria.

A monstruosa enguia estava esperando abaixo e a qualquer momento se aproximaria na diagonal, surgindo das profundezas do lago. Pouco antes de Demos e os outros chegarem à costa.

Agarrei com força o cabo da minha adaga, dobrei os joelhos e empurrei-os para fora, cruzando a água para encontrá-la.

A criatura serpente era muito, muito mais rápida do que eu. Mas eu estava mais próximo dos outros. E empurrei meu corpo na frente deles, golpeando com a faca.

Ele se esquivou tão facilmente que, se pudesse rir, provavelmente teria rido de mim. Ele recuou, atirando em minha direção, mas eu mantive a flecha cuidadosamente escondida, e no momento em que ela cruzou a distância do meu braço esquerdo, aquela boca escancarada se abriu e pronta para arrancar meus membros do meu corpo...

Enfiei a flecha profundamente no gigantesco buraco vermelho em sua boca aberta.

Ele soltou um barulho tão alto que eu pude até ouvir o som abafado debaixo d'água. Outra criatura se aproximou, correndo em minha direção, e Brinlor a enfrentou com sua espada, seu olhar frenético me dizendo sem palavras para *nadar* .

Meus pulmões estavam gritando comigo agora.

Ar. Deuses, eu precisava de ar. Eu podia ver a superfície acima de mim, a luz fraca tão próxima e, ainda assim, de alguma forma, a milhares de passos de distância.

Dedos fortes seguraram meu pulso, me puxando para cima.

Saí da superfície com um soluço e os olhos de Demos encontraram os meus.

Uma série de emoções passou por seu rosto, quase rápido demais para serem percebidas.

Alívio, terror, fúria, uma necessidade estranha e desesperada. Quase imediatamente, porém, ele virou a cabeça e começou a me puxar em direção à margem.

Um simples olhar para trás me disse que os outros estavam próximos. Juntos, nadamos desesperadamente. Meus dentes batiam com uma mistura de frio e medo.

Gritos soaram. Demos e eu nos viramos e ele me empurrou para trás, me protegendo com seu corpo.

“Nade”, ele ordenou.

Mas não consegui. Porque uma das criaturas emergiu como um golfinho, voando pelo ar em direção a Horrison. Ele mostrou os dentes, preparando sua espada. Mas um monstro escamoso se aproximava pela sua esquerda.

Demos nadou de volta em direção a eles, com a faca na mão. Brinlor se aproximou pela direita, debatendo-se desesperadamente na água na tentativa de proteger Horrison.

Mas foi Nyrik quem usou seu braço bom para dar um soco direto na mandíbula de Horrison. Gritos soaram das fadas e dos híbridos atrás de nós.

Horrison recuou e Nyrik tomou seu lugar, sua expressão sombria ao encontrar seu destino.

A criatura prendeu os dentes em volta de sua garganta, a força de seu salto levando Nyrik para as profundezas do lago abaixo.

Demos atacou a criatura à esquerda, sua espada cortando profundamente sua cabeça. Sua lâmina era tão afiada que deslizou através de escamas e carne, e soltei um pequeno som quando a força de seu golpe o empurrou para baixo da água.

Cheguei talvez a dois passos mais perto dele antes que ele emergisse, virando a cabeça em direção ao espaço onde Nyrik não estava mais nadando.

“Todo mundo fora da água!” ele ordenou.

Duvidei que fosse apenas água que escorria pelo rosto de Horrison enquanto ele nadava em minha direção. Brinlor o seguiu, enquanto Demos esperava, cobrindo as costas. Ele lançou um olhar furioso para mim e eu me virei, indo em direção à costa.

O bastardo teimoso não sairia da água até que eu saísse.

No momento em que saímos e ficamos com falta de ar, eu poderia ter beijado a rocha dura abaixo de nós. Mas Demos já estava me puxando para o meu

pés e me afastando dos outros, atrás de uma das fendas rochosas.

Esperei que ele rosnasse para mim.

Em vez disso, sua boca bateu na minha.

O beijo de Demos foi um castigo. Ele mordeu meu lábio, acalmou-o com a língua e depois passou a língua mais fundo, exigindo entrada em minha boca. Ele deslizou sua mão grande no emaranhado molhado do meu cabelo e me segurou no lugar enquanto seus lábios arrebatavam os meus. Todo o meu corpo aqueceu, ficando relaxado, lânguido, até que tudo que pude fazer foi me abrir para ele e seguir para onde ele me levava.

E então sua boca se suavizou, sua língua acariciando a minha provocativamente. Sua outra mão segurou minha bochecha, antes de deslizar para envolver minha garganta.

Ele não apertou a mão, mas a ameaça estava lá.

Ele se inclinou para trás e eu me aproximei dele, querendo mais. Quando abri os olhos, ele estava olhando para mim, seus olhos ainda segurando um brilho selvagem.

Eu estremeci e sua carranca suavizou. “Você precisa tirar essas roupas molhadas.” Sua voz parecia tão íntima quanto uma mão quente passando pela minha pele nua.

Coloquei uma mão em seu peito, sentindo a batida constante de seu coração.

"Você está com raiva de mim." Eu disse a mim mesmo que não me importava. Pelo menos ele estava vivo.

"Eu sou. Quando vi você entrar naquela água, tive vontade de estrangulá-lo eu mesmo. Ele apertou um pouco a mão e depois me soltou.

E assim, todo o relaxamento desapareceu.

“De nada,” eu rebati.

“Obrigado”, disse Demos gravemente. “Por favor, nunca mais faça isso.”

“Eu não vou.”

Era bastante improvável que algum dia estivéssemos em uma situação que envolvesse um lago escuro, um amuleto feérico e criaturas serpentes cruéis e mortais.

Demos estreitou os olhos, abrindo a boca.

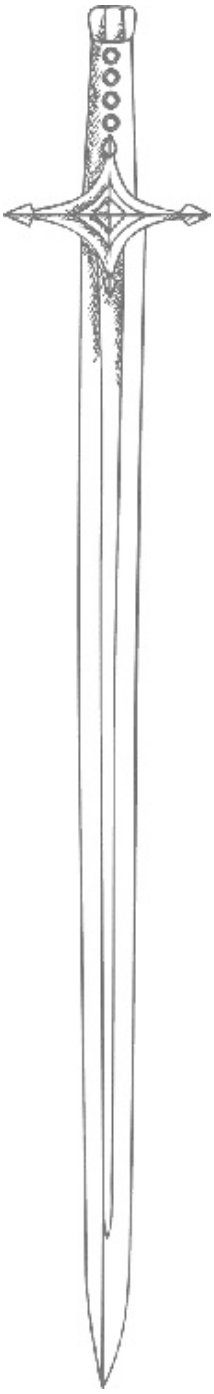
Alguém soltou uma série de palavrões e nós dois nos viramos.

Gwynara ergueu a cabeça, lágrimas escorrendo pelo rosto.

“Não é o verdadeiro amuleto”, disse ela, com a voz embargada. “É uma farsa.”

21

Prisca



primo”, disse Zathrian, aquele sorriso largo nunca deixando seu rosto enquanto ele corria

“Olhe para mim. “Esse disfarce realmente deveria funcionar?” Seu olhar desviou-se para Lorian, e eu me aproximei dele, notando a forma como as orelhas de Lorian já haviam começado a ficar pontudas, a forma como suas maçãs do rosto estavam começando a se afinar. Mas algo que poderia ter sido surpresa passou pelo rosto de Zathrian quando ele avistou Kaliera.

“Não”, eu disse. “Eu apenas queria visitar. E algo me disse que você não nos permitiria passar pelos portões de outra forma.”

Eadric rosnou. “Mate-os.”

Bestas foram repentinamente apontadas para nós de todas as direções. Um relâmpago quebrou o céu enquanto Lorian ficava tenso em resposta.

A minha mente subitamente trouxe-me de volta àquele momento fora de Lesdryn, quando os homens de Regner apontaram as suas próprias bestas para nós. Lorian os fez sentir muito, muito mesmo.

Orivan ergueu a mão. “Este não é o jeito do nosso povo”, disse ele a Zathrian. “Se você matasse o único outro herdeiro do trono híbrido sem uma luta justa, as coisas não iriam bem para você. Na verdade, aposto que seria muito difícil para você convencer esses regimentos a marcharem sob sua bandeira.”

“Você é um traidor. E você vai perder a cabeça por isso — prometeu Eadric.

Mas a maioria dos guardas largaram suas bestas e espadas com as palavras de Orivan, muitos deles olhando fixamente para mim. O sorriso de Zathrian ficou tenso nas bordas.

“Primo,” eu disse. “Eu desafio você.”

“ *Você me* desafia ?” ele riu. “E devo acreditar que os fae bastardos próximos a você não se envolverão no momento em que parecer que você está prestes a morrer?”

Eu sorri para ele. “Lorian, Marth, Galon”, eu disse, sem tirar os olhos de Eadric, “este é o homem que matou Cavis.”

Três rosnados ferozes soaram atrás de mim. “Eu desafio você”, disseram eles em uníssono.

Movimento ao meu lado. Lorian estava virando lentamente a cabeça. Galon revirou os olhos, acenando com a mão. "Multar."

Marth ficou imóvel e seu olhar estava preso ao de Lorian.

“Ele é meu”, disse Marth.

"Eu não acho."

Os olhos de Eadric brilharam, como se tudo isso fosse muito divertido. Mas linhas tensas cercavam seus olhos enquanto duas das fadas mais poderosas da existência se acotovelavam pelo prazer de matá-lo.

Ele ficou mais do que feliz em torturar a mim e a Cavis quando estávamos acorrentados. Quando estávamos presos.

Lorian se inclinou e murmurou algo para Marth. Marth enrijeceu.

Mas depois de um momento longo e tenso, ele assentiu.

Meu próprio olhar deslizou para o homem parado a alguns passos atrás de Eadric.

O homem que enfraqueceu Cavis e eu até que não tivemos chance.

Soltor.

Eu dei a ele um sorriso lento. Ele tentou me ignorar, seus olhos desviando, mas a cor havia sumido de seu rosto.

“Um verdadeiro desafio deve ser justo”, disse Orivan, chamando minha atenção.

Vários soldados assentiram com firmeza. “Isso significa não usar seu poder.” Ele acenou com a mão para Lorian e para mim, depois olhou para Eadric e Soltor.

“Tudo bem,” eu disse rapidamente. Ninguém precisava saber que eu atualmente não tinha energia disponível.

Orivan olhou para Lorian. Lorian assentiu. "Concordo."

O sorriso de Zathrian se alargou enquanto ele olhava para mim. “É assim que você quer morrer, primo?”

Lorian inclinou a cabeça. Um brilho predatório apareceu em seus olhos, sua expressão tensa com ira feroz. O ar ao nosso redor pareceu ficar parado.

Por um longo momento, pareceu que ele não era humano, feérico ou híbrido. Como se ele fosse alguma outra criatura estranha e letal que desejasse ser libertada.

Atrás de nós, Marth soltou um rosnado baixo e ameaçador.

O sorriso do meu primo havia desaparecido.

Lorian se dirigiu a Eadric. “Você enfrentará as repercussões de suas ações?”

Eadric zombou dele. “De todos os Fae que matei, e matei muitos...”, ele piscou para Marth, que deu um passo em direção a ele, “sua morte será minha favorita.”

Este homem... este homem me fez assistir enquanto Soltor cortava Cavis.

Ele garantiu que os últimos momentos do meu amigo fossem cheios de fúria, dor e medo.

Eu gostaria de poder matá-lo.

“Nesse caso”, disse Orivan. “Entre na arena.” Ele olhou para mim. “Espero que você saiba o que está fazendo”, ele murmurou.

Eu esperava que eu também.

Galon se aproximou. “Eu não deixaria você fazer isso se não soubesse que você poderia matá-lo. E você pode. Eu sei que você pode fazer isso, Pris.”

A confiança inabalável de Galon ajudou. Soltando um suspiro instável, eu balancei a cabeça. Lorian se inclinou e deu um beijo suave na minha têmpora.

“Lembre-se do que eu disse quando viajamos para o acampamento híbrido pela primeira vez, gato selvagem.”

“Quando se trata de sua sobrevivência, você trapaceia. Você trapaceia e mente. Você lutar sujo. E você faz o que for preciso para permanecer vivo.”

Endireitei meus ombros. Posso não ter acesso ao meu poder, mas Zathrian o teria anulado de qualquer maneira. E isso? Isso foi pessoal.

Eu podia sentir o medo de Lorian. Não para si mesmo. Para mim. Mas eu sabia que ele acreditava que eu poderia fazer isso. E ele sabia que eu *tinha* que fazer isso. Para o nosso povo.

— Faça-os pagar — murmurou Marth, dando um tapinha nas costas de Lorian. Ele estendeu a mão e apertou meu ombro. E então eu estava seguindo Lorian até a arena.

A notícia se espalhou enquanto conversávamos. Os soldados se reuniram, ombro a ombro do lado de fora da arena. Eles lutaram por espaço, com os olhos arregalados. Vi vários trocando moedas, apostando nos resultados dos desafios. Provavelmente, as chances de eu ganhar não eram consideradas altas. Bom. Eu esperava que quem quer que tenha apostado contra Zathrian ganhasse dinheiro depois disso.

Lorian e Eadric foram para um lado da arena. Eadric disse algo que não consegui entender para Lorian, sua voz era uma provocação baixa. Lorian apenas sorriu. Um sorriso agradável e despreocupado.

Eu estremeci.

“Você veio aqui para tomar meu exército”, disse Zathrian quando nossos olhos se encontraram mais uma vez. Ele desembainhou sua espada.

Eu não disse nada, apenas desenhei o meu.

“Fui treinado desde o momento em que nasci para esse trono. *Eu* tive a magia do tempo. *Eu* deveria ser rei.

Eu o observei. Ele segurava a espada frouxamente, sua postura era tranquila. Minha única chance era usar sua confiança contra ele. “Seus pais queriam minha avó e meus pais mortos para que você pudesse governar. E você teria alegremente permitido tal coisa?

“Eles ignoraram a ameaça que Regner representou durante décadas”, ele sibilou, balançando a espada. Seus braços eram grossos pedaços de músculos, e sua altura lhe daria mais alcance. Se tudo se resumisse a pura força, eu estaria morto.

Eu era rápido, mas apostava que ele também era. Ele teve décadas de treinamento comigo. Eu sabia como jogar sujo, mas provavelmente ele também sabia.

E se eu me permitisse continuar com essa linha de pensamento, ele arrancaria minha cabeça antes que eu chegasse perto de matá-lo.

Ele era legal. Calma. Ele me observou com uma certeza relaxada. Eu tive que sacudi-lo. Desestressá-lo.

“Então, Regner era a ameaça e seus pais decidiram permitir que ele invadisse. Isso parece um pensamento inteligente.”

Ele se lançou sobre mim, balançando a espada. Eu me virei, mas a investida foi uma oportunidade para ele estudar meu jogo de pés. E ele observou de perto.

Zathrian zombou de mim. “Você sabe o que aconteceu quando meus pais perceberam que eu não seria rei? Que sua mãe poderia engravidar afinal? Meu pai quase me matou.”

Minha respiração ficou presa. Isso significava que eu tinha outro irmão mais velho?

Zathrian saltou sobre mim, brandindo sua espada repetidas vezes. Do outro lado

da arena, ouvi Lorian soltar um grunhido baixo. Mas eu não podia me dar ao luxo de olhar em sua direção.

“Não se preocupe primo, essa luta pelo trono continua entre nós. Aquele bebê morreu antes de respirar pela primeira vez.”

Algo em meu peito se contraiu, mas empurrei a emoção para baixo para abordar mais tarde.

“Como seu pai poderia ter pensado que a culpa era sua?” A pergunta era em parte para enervá-lo, mas outra parte de mim simplesmente não entendia.

“Ele não era como seu pai. Seu pai teria te amado se você fosse completamente impotente. O meu queria governar nosso reino através de mim.”

"Desculpe."

Eu era. Deve ter sido horrível crescer assim. Isso não justificava nenhuma das escolhas de Zathrian, não lhe dava o direito de se aliar a Regner e tentar tomar minha coroa. Mas talvez, se não fosse pelo pai, Zathrian teria sido um homem melhor.

Sua risada foi vazia e ele me lançou um olhar incrédulo. “Você sente muito? Justo quando finalmente comecei a fazer com que os mais velhos me ouvissem, eles

descobri que você estava vivo. Passei minha vida inteira aprimorando minha magia e planejando como salvaria nosso povo de Regner, e no momento em que souberam que você existia, nada disso importou.

Ele atacou novamente. Sua espada bateu na minha, a força dela fazendo meu braço doer. Eu não poderia continuar a enfrentar seus ataques com minha própria espada.

Mas eu precisava de uma tática melhor. Ele era muito forte.

"Você acha que eu queria isso?" Eu gritei. “Eu queria dar a coroa para você no momento em que descobri que era minha. Eu nunca quis ser rainha. Tudo que eu queria era uma família. Mesmo que os mais velhos não tivessem escolhido você, eu teria apoiado você. Eu teria abdicado no momento em que nosso povo estivesse seguro.”

Sua boca se abriu e, por um momento, ele pareceu verdadeiramente atordoado. Deixei escapar uma risada rouca e amarga. “Mas você nunca veio até mim. Em vez disso, você matou o homem que enviamos, deixou Eadric trabalhar com Regner para me sequestrar e garantiu que ele matasse meu amigo. E então... então você matou Lorian. Mesmo que eu pudesse perdoar todo o resto, nunca

conseguiria perdoar isso.” A raiva tomou conta de minhas entranhas enquanto as lembranças me assaltavam. Zathrian, de pé naquele navio, segurando aquela porra de espelho. Lorian, despedaçado, junto com minha capacidade de raciocínio.

A expressão de Zathrian endureceu. “Então vamos terminar isso, primo.”

Ele golpeou rápido e forte, sua espada cortando em um amplo arco. Mas eu estava esperando por isso. Afinal de contas, Galon me preparou repetidamente para tais ataques, até que minha resposta foi mecânica. Inclinei-me para trás, a espada assobiando acima da minha cabeça. E então mergulhei baixo, golpeando sua coxa.

Ele gritou uma maldição. Minha lâmina brilhava vermelha com seu sangue.

“Você quer saber o que eu acho? Eu acho que você é um covarde. Um pirralho de mente fraca que poderia ter tido uma família, mas escolheu o poder. Não precisava terminar assim. Mas vai. E Demos, Telean e eu nunca mais pensaremos em você.

Zathrian rosnou para mim. Ele atacou rápido, baixando a espada à minha esquerda. Não tive escolha a não ser enfrentá-lo com minha própria lâmina.

Mas ele era forte. Então, tão forte.

E deixei cair minha espada.

Porra.

Os olhos de Zathrian brilharam de triunfo. “Você sabe o que vou fazer com seu irmão? Vou fazer com que sua morte pareça pacífica em comparação com a dele.”

Eu ri dele. O som era difícil de expelir com meus pulmões congelados e meu coração galopando no peito. “Nós dois sabemos que Demos vai matar

você. Todos os guardas do mundo não impedirão meu irmão de arrancar sua cabeça.”

Corte, corte, corte. Zathrian apontou sua espada em minha direção e eu me esquivei de cada golpe, até parecer que estava fugindo dele. Tive uma lembrança repentina de outra arena e de outro homem que tinha certeza de que eu nunca seria a rainha híbrida.

Dessa vez, eu usei meu poder.

Desta vez, eu provaria que não precisava disso.

Deslizando para o lado, empurrei o braço que segurava a espada de Zathrian para longe de mim e dei um soco na garganta dele. Foi um soco perfeito, meus dois primeiros socos afundando no local que Galon me ensinou. Meu primo ficou boquiaberto como um peixe em terra firme, com uma das mãos agarrada ao pescoço. Mas ele se recuperou mais rápido do que eu esperava, estendendo uma perna para me fazer tropeçar.

Eu desci. Mas eu o levei comigo.

Ele perdeu sua própria espada. Juntos, rolamos vários passos para a direita, quase batendo em Lorian e Eadric.

E Soltor .

A multidão rugiu. Eu bloqueei tudo, menos meu primo, bem ciente de que Lorian poderia mais do que cuidar de si mesmo e eu era quem tinha mais probabilidade de morrer aqui.

Mas não houve chance de Eadric lutar de forma justa. Não contra Lorian.

E Lorian estava seguindo o plano. Se ele entrasse e usasse seu poder para matar Eadric e Zathrian, quase não haveria chance de que os híbridos aqui nos seguissem.

Não pude deixar de ver Soltor abrir um corte profundo no pescoço de Lorian.

E de repente eu estava naquela cela novamente.

Não era Lorian sendo cortado em pedaços. Foi Cavis.

Cavis que estava sangrando e *morrendo* .

“Prisca!” Lorian rugiu.

Mãos arranhando minha garganta. Mãos de Zathrian.

Respirei fundo frenéticamente e balancei o cotovelo, acertando seu queixo. Ele amaldiçoou, e eu usei seu momento de desatenção para me libertar, ficando de joelhos.

Até que ele puxou violentamente meu cabelo.

“Puxar o cabelo?” Rosnei, chutando-o como uma mula. "Seriamente?" Ele se esquivou do meu primeiro chute, mas o segundo o acertou no peito.

Não havia muito poder nisso, no entanto. E ele agarrou meu cabelo novamente, puxando minha cabeça para trás. Se eu sobrevivesse a isso, estaria cortando

tudo.

Ele se inclinou sobre mim. Seus olhos ficaram enlouquecidos. O tempo pareceu parar quando Zathrian olhou para mim e, por um momento, seus olhos clarearam.

E então eles estreitaram.

Eadric começou a rir. Soltor estava machucando Lorian. Não precisei olhar para a direita para saber isso. Lorian nunca usaria seu poder aqui depois de concordar em não fazê-lo.

Mas Zathrian olhou para a direita. Ainda segurando meu cabelo com o punho cerrado, ignorando o soco que dei em seu nariz, ele se inclinou, a mão tateando em busca da espada.

Cada vez que escapei da morte certa, cada pessoa que matei para salvar minha própria vida, cada quase acidente e lição aprendida... todos eles levaram a isso.

Era eu ou ele.

Movimentei-me o mais rápido que já me movi em minha vida, tirando minha adaga da bainha.

E eu mergulhei em sua barriga com tanta força que o guarda cruzado machucou meus dedos.

Por um segundo, nossos olhos se encontraram. E algo que poderia ter sido traição passou pelo olhar de Zathrian. Mas foi imediatamente seguido por uma aceitação assustadora.

“Faça melhor do que eu, primo. Seja o governante que eu gostaria de ser. Traga nosso povo para casa.”

Ele fechou os olhos.

Seu corpo começou a cair para trás, sua mão soltando meu cabelo.

Eu podia ouvir alguém gritando na minha cabeça. Alguém que parecia muito com minha avó. Os gritos eram sem palavras, horrorizados, enfurecidos.

Eu consegui ficar de pé. Minha cabeça girou. E contra todos os meus melhores interesses, contra todo senso de lógica... foi a *minha* vez de começar a gritar. Para um curandeiro.

Ao longe, percebi vários curandeiros correndo em direção a Zathrian. Mas eu já estava me virando, procurando desesperadamente...

Lorian estava coberto de tanto sangue que levei um momento para reconhecê-lo. Os soldados pararam de aplaudir em algum momento e um silêncio abafado tomou conta da arena.

Soltor abriu outro corte profundo no pescoço de Lorian. Derramou sangue. Ele não reagiu, mas eu sabia que isso devia estar machucando-o. Enfraquecendo-o.

Eadric riu. “Não é mais o Príncipe Sanguinário. Agora você está simplesmente ensanguentado.

Ele cortou com sua espada. Lorian deu um passo para o lado, o movimento casual, até mesmo inconseqüente. Mas ainda era incrivelmente rápido. Rápido o suficiente para que Eadric parasse de rir.

Ele acenou com a mão e Soltor atacou Lorian novamente.

Uma raiva fria e implacável deslizou por cada centímetro do meu corpo. Congelando meus ossos. Entorpecendo minha pele. Dançando através dos meus nervos.

Peguei uma das facas que Eadric deixou cair.

E jogou em Soltor.

Eu não tinha nenhum poder de Asinia. Nenhum de minha autoria. Mas era como se os próprios deuses guiassem a lâmina.

E enfiou-o direto no pescoço de Soltor.

Seus olhos encontraram os meus. “Isso é para Cavis”, eu disse.

Soltor ficou boquiaberto. A luz deixou seus olhos. E seu corpo caiu no chão.

Algo apertou em meu peito e senti como se eu pudesse respirar fundo mais uma vez.

Lorian olhou para mim. Suas feridas provavelmente eram agonizantes. Mas ele esperou.

Sim, estou bem.

Seus olhos brilharam de alegria e alívio. E ele se voltou para Eadric.

Eadric atacou Lorian, seu rosto era uma máscara de ódio. Lorian deu um passo para o lado novamente. O movimento fácil.

E eu entendi.

Ele ainda não tinha terminado com Eadric porque queria fazer dele um exemplo. Ele queria que todos os híbridos que assistiam vissem que, mesmo com a trapaça de Soltor, Lorian se recusaria a usar sua própria magia.

Porque ele não precisava.

Ele golpeou com sua espada, sua velocidade e mira eram de tirar o fôlego enquanto a ponta de sua espada cortava o rosto de Eadric. Eadric gritou, colocando uma mão na bochecha arruinada.

“Isso também é para Cavis.”

Enquanto Lorian o esculpia, repetidas vezes, do jeito que Soltor cortou Cavis e a si mesmo, as palavras de Eadric passavam pela minha cabeça, sua voz era uma provocação baixa.

“Você está sentado aí, meio drogado, preso em ferro fae, mas você está planejando ativamente meu assassinato, não é?

Lorian cortou o braço de Eadric. Eadric rugiu e se lançou sobre ele.

“Você simplesmente não sabe quando ceder, não é?”

Lorian sorriu, sua espada aparando facilmente a de Eadric. E ao afastar a espada do outro homem, ele inverteu o movimento, cravando a lâmina na coxa de Eadric.

Eadric uivou.

"Eu vou quebrar *você."*

Lorian gesticulou para ele atacar novamente. Eadric hesitou. Olhando ao redor para os soldados observando, ele lançou-se contra Lorian mais uma vez.

Lorian passou a espada pelas costelas de Eadric. Outra ferida superficial. Mas eu sabia por experiência própria o quanto isso iria doer.

“Não me refiro apenas fisicamente. Eu vou quebrar sua mente. Quebre seu espírito. Isso é o mínimo que você merece.”

Lorian olhou para mim. O que quer que ele tenha visto em meu rosto fez sua expressão se enrugar de preocupação. Eadric aproveitou sua distração e brandiu a espada, abrindo um ferimento ao longo do braço da espada de Lorian.

“Não há limite para a dor que você sofrerá. A dor que seu amante sentirá sofrer. Nós iremos curá-lo de novo e de novo e de novo, e será a sua mente que quebra diante do seu corpo. É muito mais agradável assim.”

Lorian estava se movendo. Eu ouvi Eadric gritar. Mas eu estava de volta àquela cela.

E Eadric estava apontando para Cavis.

“ Machucar ele. Machucá-lo tanto que ela não tem escolha a não ser nos contar o que quero saber.”

“Não gosto quando meu tempo é desperdiçado. Então essa mentirinha vai custar você."

“Se você agir como um animal, será tratado como um.”

E então Cavis estava se aproximando dele. Sua expressão pacífica. Cheio de aceitação. *“ Diga a eles que os amo, Prisca.”*

Engasguei com um soluço e foi o suficiente para me trazer de volta ao presente. Eu não poderia desmoronar aqui. Não na frente das pessoas que eu esperava liderar.

Então, levantei minha cabeça e observei. E lentamente, metodicamente, Lorian desmontou Eadric.

Quem disse que a vingança não ajudou estava mentindo. Assistir Eadric tropeçar e ofegar foi delicioso. Quando seus olhos se arregalaram e ele percebeu que estava prestes a morrer, algo dentro de mim começou a se curar.

Isso não traria Cavis de volta. Mas todos nós podíamos olhar a filha nos olhos e dizer-lhe que os homens que mataram o pai dela estavam mortos. E que eles sofreram.

Mas a expressão de Lorian ficou fria. Remoto. Algo dentro de mim doeu.
“Acabe com ele, Lorian,” eu disse.

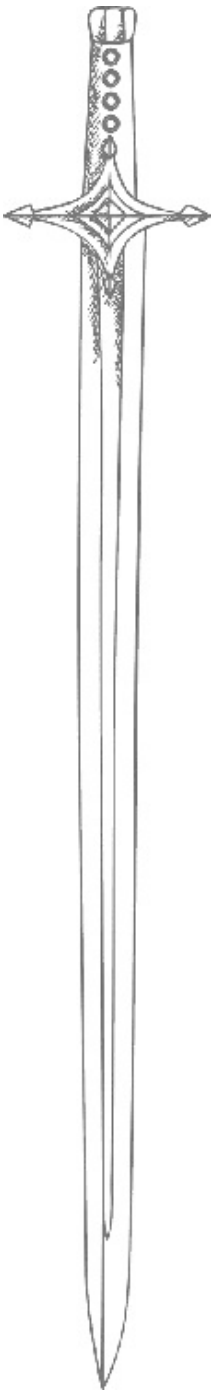
Sua lâmina era um borrão. E a cabeça de Eadric rolou para longe de seu corpo.

Exausto, levantei meu olhar.

“Como desejar, Sua Majestade.” A voz de Lorian ecoou pela multidão.

Ele caiu de joelhos, baixando a cabeça.

E o mesmo aconteceu com todos os outros.



Erguendo a cabeça, passei o olhar pelos híbridos. Todos eles caíram de joelhos, curvando-se para Prisca. Ninguém se mexeu.

Meus olhos encontraram os dela.

Ela ficou no meio da arena. Seu rosto estava machucado, um olho inchado. Sua pele estava preocupantemente pálida, o sangue espalhado sobre ela servindo como um toque singular de cor. Seus lábios tremeram um pouco e, por um breve

momento, ela parecia tão solitária que eu queria pegá-la em meus braços e carregá-la para fora daqui.

Em vez disso, fortaleci minha coluna e lentamente inclinei minha cabeça novamente.

“Vossa Majestade”, repeti.

E observei enquanto ela se reconstruía mais uma vez. Seu queixo se projetava, a cabeça erguida e os ombros retos.

“Levante-se,” ela ordenou.

Todos se levantaram.

Prisca ficou em silêncio por alguns momentos. Mas ela tinha a atenção de todos.

“Existem maneiras melhores de viver do que lutar contra o terror constante. Do que ser enganado e roubado, preso e assassinado. E há formas piores de morrer do que lutar pela liberdade, ao lado das pessoas que amamos.

Nosso povo merece uma vida diferente. Uma vida melhor. Cada um de vocês merece viver em liberdade. Você merece ver seus filhos aprenderem como usar a magia à medida que crescem. Você merece viver em paz.

O orgulho rugiu através de mim até quase tremer. Esta mulher. Ela era tudo que eu poderia querer. Ela era muito mais do que eu merecia.

E eu a manteria segura até o dia em que morresse.

Aplausos estouraram. Notei aqueles que não torceram. E eu sabia que Galon e Marth estavam fazendo o mesmo.

Fui até ela e ela estendeu a mão. Ele tremeu um pouco quando eu o engoli.

“Você deixou Zathrian vivo.”

Ela engoliu em seco. “Veremos se os curandeiros conseguem mantê-lo assim.” Seu olhar procurou meu rosto, uma pequena ruga aparecendo entre suas sobrancelhas. “Foi um erro. Eu sei isso. Mas eu não conseguia matá-lo. Depois de tudo que ele fez... eu estava muito fraco.”

"Não. Você foi misericordioso. São coisas muito diferentes.”

Ela balançou a cabeça e eu apertei sua mão com mais força. “Se ele pegasse uma espada e atacasse minhas costas desprotegidas agora, o que você faria?”

Essa linha entre suas sobrancelhas se aprofundou. “Eu observaria você cortá-lo,”

ela disse, como se de repente eu tivesse me tornado muito estúpido e ela estivesse preocupada com minha mente.

“Estou ferido.”

O pânico brilhou em seus olhos e eu agarrei sua mão com mais força. “Nesta situação”, esclareci. “Estou ferido e lento e não vou vê-lo chegando.

O que você faria?

“Eu o mataria.”

Balancei a cabeça, levantando a outra mão para passar o polegar ao longo de sua testa até que sua carranca desaparecesse. “Essa é a diferença entre fraqueza e misericórdia, gato selvagem. Mesmo depois de tudo que você viu e de tudo que foi feito com você, seu coração ainda é tão grande. Você ainda é gentil. Você ainda vê o que há de bom nas pessoas, não importa quão pouco haja.”

Um toque de cor surgiu em suas bochechas. Ela abriu a boca e então seus olhos se arregalaram mais uma vez quando seu olhar pousou no meu pescoço. Eu sabia o que ela podia ver. Soltor atingiu particularmente fundo na lateral da minha garganta.

“Você ainda está sangrando, Lorian. Você precisa de um curador.

Ela olhou ao redor, assim que Galon e Marth se aproximaram.

Galon passou o braço em volta de Prisca. Ele não era alguém que abraçava os outros com frequência, mas a apertava para perto. “Orgulho de você,” ele murmurou em seu ouvido.

Marth deu um tapinha nas costas dela, pigarreou várias vezes, enxugou um olho e abaixou a cabeça.

Observei os soldados agrupados ao nosso redor. Muitos deles olhavam, enquanto outros falavam em voz baixa. Tínhamos este exército, mas depois do veneno de Zathrian, a parte mais difícil seria mantê-lo.

Orivan caminhou em nossa direção. Quando ele olhou na direção de Zathrian, seu olhar demorando-se nos curandeiros que lutaram para salvar sua vida, algo que poderia ter sido tristeza deslizou por seu rosto.

Prisca poderia ter a lealdade de Orivan agora, mas ela pertencia primeiro a Zathrian. Eu ficaria de olho no general híbrido.

“Eu gostaria de fazer um tour”, disse Prisca antes que Orivan dissesse uma palavra.

Ele olhou para a túnica dela, ainda manchada com o sangue da prima. Mas ele não discutiu. "Claro."

Ao meu lado, Galon assentiu com aprovação. Prisca era jovem, mulher, e todos sabiam que ela havia sido criada como humana, em uma das aldeias de Regner. Ela não podia se dar ao luxo de mostrar um pingo de fraqueza.

Os soldados já estavam dispersos de volta às suas tarefas e, quando saímos da arena, muitos deles imediatamente entraram em fila para retomar o treinamento, os curandeiros levaram Zathrian para trabalhar nele em outro lugar.

O acampamento se espalhava eficientemente por uma extensão de terra ampla e plana – o local perfeito para tal reunião, considerando o quão perto estávamos da Cidade Amaldiçoada, ao norte, e das Montanhas Normathe, ao sudeste. A tenda de comando estava estacionada a cem palmos à esquerda da arena, no centro do acampamento, com as paredes de lona esticadas contra estruturas de aço. Ao seu redor, as tendas dos soldados de alta patente estavam meticulosamente alinhadas e igualmente espaçadas.

Mais adiante, as tendas dos soldados estavam dispostas em fileiras organizadas, criando uma uniformidade que falava de ordem e controle. Os caminhos entre cada linha eram retos e claros.

Conreth aprovaria.

Orivan nos conduziu até a periferia do acampamento — passando pela área do ferreiro, onde o som do martelo na bigorna enchia o ar. Pela seção dos cozinheiros, onde a fumaça saía das fogueiras, e ao lado das tendas médicas, onde os curandeiros se movimentavam de um lado para outro, provavelmente tentando salvar a vida de Zathrian.

Enquanto Orivan falava sobre as instalações, o cronograma e o treinamento, eu inspecionava o arsenal e as tendas de suprimentos. Eles foram estrategicamente posicionados para facilitar o acesso e guardas estavam estacionados do lado de fora de cada um deles.

Perto dali, cavalos bem alimentados eram levados de e para os estábulos temporários.

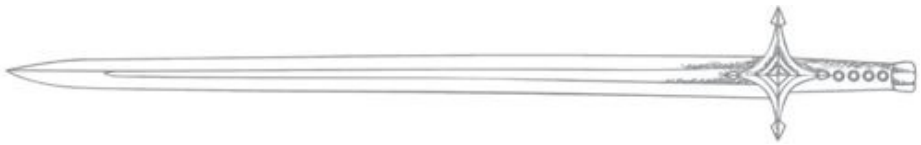
Olhei para Galon, que me deu um aceno de aprovação. Se houvesse sessenta mil soldados híbridos neste campo, eu me sentiria confiante de que venceríamos esta guerra. Mas pelo menos os vinte mil que tínhamos pareciam bem treinados e disciplinados.

Orivan nos conduziu até as tendas que haviam sido reservadas para Eadric e Zathrian.

No momento, eles estavam sendo retirados às pressas de seus itens pessoais e novas roupas de cama trazidas. Prisca manteve o olhar em Orivan.

“A decisão de trabalhar com Regner nunca foi popular entre os regimentos híbridos”, disse ele. “Embora seu primo pudesse ter toda a intenção de atacar Regner no final, ele obviamente não poderia informar nosso povo sobre sua duplicidade planejada. E muitos deles têm idade suficiente para se lembrarem daquele dia em que os pais dele destruíram as nossas proteções. Haverá, é claro, reclamações daqueles que o apoiam como rei.” Ele hesitou.

“Uma demonstração do seu poder pode ser excepcionalmente útil nesse caso.”



As mãos de Prisca se curvaram ao lado do corpo, mas ela assentiu. Chegaria o momento em que ela teria que contar a Orivan sobre a perda de seu poder. Mas ambos tínhamos concordado que o nosso domínio sobre este exército seria demasiado instável para arriscarmos tal conversa até que fosse necessário.

“Por enquanto, preciso de um curandeiro para meu marido”, disse ela, olhando para meu pescoço. Um lampejo de satisfação percorreu meu peito com o termo.

Orivan assentiu. "Feito."

Depois de um momento, ele hesitou, abrindo a boca, mas eu também terminei.

Parei de ver o tremor começando nas mãos de Prisca. Parei de observar a forma como o olhar dela disparou como se não conseguisse decidir onde pousar.

Ela desempenhou seu papel perfeitamente. Mas ela estava em choque.

Eu me afastaria de qualquer maneira que Prisca precisasse enquanto governava nosso povo. Mas quando se tratava da saúde dela, eu não faria tais concessões.

“Sua Majestade precisa de algum tempo para se recuperar. Ela se encontrará com você mais tarde.

Pegando a mão de Prisca, levei-a para dentro da tenda.

ASÍNIA

“É uma farsa?” — exigiu Amalra.

Demos ficou completamente, totalmente silencioso. Quando ele estendeu a mão, Gwynara colocou o amuleto nela.

“Quão perto está a correspondência?” ele finalmente perguntou.

“É perfeito. Se eu não pudesse sentir que não tem magia, teria pensado que era real. Se Brinlor fosse Fae, ele saberia dizer. Ela enviou-lhe um olhar de desculpas. Brinlor balançou a cabeça, olhando para a água como se ainda esperasse que Nyrik emergisse. O calor queimou o fundo dos meus olhos.

“É possível que *seja* um dos amuletos, mas já foi drenado?”

“Não”, disse Gwynara. “Se Regner soubesse como drenar completamente um amuleto fae, não haveria guerra, porque todos nós já estaríamos mortos.”

Um pouco da cor desapareceu das bochechas de Demos. Sua mão se fechou em punho ao seu lado e ele devolveu cuidadosamente o amuleto para Gwynara. Tive a sensação de que ele estava se contendo para não jogá-lo de volta na água.

“Conheço apenas uma pessoa com a capacidade de replicar algo tão bem”, disse ele. “E ele é um híbrido que já nos ajudou muitas vezes. Se Regner chegou até ele, qualquer pessoa ao seu redor corre perigo mortal.”

Meu olhar encontrou o dele. Ele estava pensando em Finley. Eu não queria acreditar. E eu sabia que isso partiria o coração de Prisca.

“Precisamos sair daqui”, disse Brinlor. “Os outros estarão prontos para atacar.”

“Temos certeza de que o amuleto não está escondido em algum outro lugar aqui?” Perguntei. “Se derrubarmos a mina…”

O som de repente veio da pedra na mochila de alguém.

Gwynara saltou para ele.

“Não sei onde vocês estão”, a voz de Yan ecoou pela caverna. “Mas só posso esperar que você ainda esteja vivo. Nossos espiões me enviaram um pombo.

Uma das carruagens de Regner foi avistada perto, cercada por guardas.

Algo me diz que o amuleto está naquela carruagem.”

“Eles o levaram através de um túnel escondido”, eu disse. “Achávamos que estávamos criando uma distração. Mas éramos nossa própria distração.” Minha respiração ficou superficial e me forcei a abrir os punhos.

"Onde eles estão?" Demos exigiu, levantando a mão enquanto esperávamos pela resposta.

“Eles estão se movendo para sudeste. Em direção a Mistrun.

“Nunca iremos cortá-los”, disse Gwynara, com o rosto pálido. “Isso tudo foi em vão…”

“Vamos *isolá* -los”, declarou Demos. Suas palavras, a força em sua voz, o olhar firme em seus olhos... tiveram um efeito instantâneo. Os lábios de Gwynara se firmaram e ela assentiu, pegando sua mochila. Brinlor endireitou os ombros, desviando o olhar errante da água. Os outros pareceram se desenrolar de onde estavam congelados em dolorosa descrença.

Reunindo nossas mochilas, nos movemos o mais rápido que pudemos. Ninguém estava preocupado em esconder nossos rastros ou ficar quieto no caminho de volta para a entrada.

Cada segundo que atrasávamos era também mais um segundo que o verdadeiro amuleto estava viajando para mais perto de Regner.

Como tudo chegou a isso?

Poderíamos ter Tor para ajudar com as proteções de Regner, mas sem o amuleto, não tínhamos esperança de matar o próprio Regner. De alguma forma, o destino dos quatro reinos dependia de conseguirmos recuperar a distância perdida e roubar o amuleto da carruagem sem morrer no processo.

E então, corremos.

Tive sorte de ser mais baixo do que a maioria dos outros, embora quase tenha batido a cabeça numa parte particularmente baixa da rocha acima de nós.

Em algum lugar na minha frente, alguém estava usando a pedra para se comunicar com Yan.

O fedor dos monstros assaltou meu nariz quando de repente estávamos a poucos passos de onde eles estavam sendo mantidos. Meus olhos lacrimejaram, mas continuei me movendo, até que finalmente, *finalmente* , saímos cambaleando da mina.

O ar lindo, vivificante e fresco acariciou meu rosto, e reservei um único momento para respirar fundo.

Mas os outros continuaram correndo até subirem a margem e olharem para a mina abaixo deles. Corri atrás deles e Demos se inclinou, oferecendo a mão enquanto eu descia alguns passos. Bati minha mão na dele, permitindo que ele

me puxasse para perto dele.

Deuses, meus pulmões doíam.

“Agora você verá por que as ordens de Yan eram para conservar seu poder”, disse Demos, apontando para a mina. Ele nem parecia sem fôlego.

Colocando as mãos nas coxas e inclinando-me ligeiramente para recuperar o fôlego, observei.

No início, nada aconteceu. Mas então, lentamente, minha pele arrepiou. Vários pássaros de repente decolaram das árvores atrás de nós com um bater de asas selvagem.

Começou como um estrondo baixo, aumentando rapidamente à medida que o chão começou a tremer abaixo de nós. O tremor se transformou em balanço, que se tornou a terrível sensação do mundo se movendo sob meus pés. Como um só, todos nós nos afastamos do banco.

Rochas antigas gemeram sob a tensão.

Olhei ao redor, mas todos estavam focados na mina.

O tremor se transformou em um movimento brusco para frente e para trás. Peguei a mão de Demos instintivamente e ele agarrou a minha com força. Um estalo ensurdecedor ecoou, seguido por vários outros. A rocha desmoronou, a mina desmoronou, até que tudo que pude ver foi uma nuvem de poeira.

No momento em que o chão parou de tremer, Demos me puxou atrás dele.

Nosso grupo se posicionou ao nosso redor, correndo para a floresta.

“Como você sabia que isso funcionaria?” Eu ofeguei.

“A maneira como a rainha descreveu a mina. Parecia que grande parte da rocha havia sido escavada — e algo me dizia que Regner não estava muito preocupado com estruturas de suporte. Yan é capaz de fazer a terra se mover—

não por muito tempo, e ele ficará esgotado por dias, mas parecia a maneira mais fácil de matar o que precisava ser morto.

Tantas criaturas que viviam e respiravam há poucos momentos desapareceram. Mas o mesmo aconteceu com as garras que nos teriam dilacerado. As asas que nos teriam levado para o alto antes de nos levar à morte.

Alguém estava gritando alguma coisa e Demos ergueu a mão.

“Guardas de ferro!” Yan estava gritando através da pedra. “Eles tinham um grupo deles esperando nas proximidades. Eles estão vindo atrás de você.

Todo o meu corpo ficou instantaneamente coberto de suor gorduroso. Mas Demos apenas estendeu a mão. "Mapa."

Alguém colocou em suas mãos. Ele o ergueu, aproximando-se de nossa área e nos afastando quando nos aproximamos demais, bloqueando sua luz. Seu dedo cravou no pergaminho e depois desceu.

“Vamos viajar pelo rio”, disse ele. “É rápido, está perto e nos levará à única estrada que eles podem seguir para o sul com uma carruagem. Os guardas de ferro não vão esperar por isso. Eles permanecerão nas trilhas da floresta e, se os deuses estiverem sorrindo para nós hoje, sentirão completamente a nossa falta.

Meu coração gaguejou. “Prisca quase morreu naquele rio.”

“Estava muito mais frio meses atrás, quando ela entrou na água”, destacou Demos. “Eu conheço esta área e o rio não é tão rápido aqui. Contanto que fiquemos juntos, ficaremos bem.”

Era perigoso, mas era a nossa única esperança. E confiei no Demos para tomar a decisão mais estratégica.

Brinlor soltou um suspiro. “Perfeito”, disse ele. “Eu esperava passar mais algum tempo em água fria.”

Demos já estava devolvendo o mapa. "Vamos."

Corremos até que eu pudesse ouvir a água mesmo com a respiração ofegante, nossos passos batendo ao longo do caminho da floresta. Meu estômago embrulhou, mas em segundos estávamos descendo a colina. Tropecei, recuperei o equilíbrio e atravessamos a linha das árvores e chegamos à margem do rio.

Aqui, o rio Dytur corria rapidamente, mas não apresentava o mesmo perigo mortal que a seção perto da nossa aldeia. Lá, a água estava branca em

lugares cheios de pedras e fluindo tão rápido que às vezes ainda ficava chocado com o fato de Prisca ter sobrevivido. Aqui, o rio se movia rapidamente, de forma constante, mas não era selvagem. Estávamos mais longe das montanhas daqui e eu não conseguia me lembrar da última vez que choveu.

Demos não hesitou. Em um momento, ele agarrou meu pulso e entrou, puxando-me com ele para dentro da água.

Meus dentes batiam. O rio não estava tão frio quanto eu imaginava — comparado ao lago dentro da mina, era quase morno — mas meu corpo lutava

para lidar com a constante onda de adrenalina.

Com um único olhar para os outros, Demos assentiu, chutando-me e puxando-me ainda mais para dentro da água.

Não pela primeira vez, fui forçado a admirar a sua estratégia. Eu sabia que parte disso era sua magia, mas grande parte também era sua mente.

O rio nos arrastou — empurrando cada um de nós contra alguma rocha ocasional, mas isso era de se esperar. Demos e Brinlor observavam cada curva cuidadosamente, provavelmente comparando-as com suas imagens mentais do mapa.

Os guardas viajavam pela estrada principal em direção ao sul. O que significava que, dependendo da velocidade com que viajássemos, havia uma chance de estarmos à espreita.

Se perdêssemos eles…

Se errássemos, nossa única chance seria Yan. Talvez ele pudesse criar algum tipo de distração ou encontrar uma maneira de desacelerar a carruagem. Meu coração disparou com o pensamento. Os soldados que guardavam o amuleto seriam alguns dos melhores de Regner.

Qualquer um que os retardasse morreria.

O rio estava fresco, depois frio e depois gelado. Estremeci, concentrando-me em ficar perto dos outros. Toquei o fundo algumas vezes, usando as pernas para sair do leito do rio. Ninguém falou, todos nós em um silêncio sombrio.

Regner nos enganou mais uma vez. Fiquei feliz que Nyrik não soubesse que o amuleto era falso antes que aquela criatura o puxasse para as profundezas daquele lago. Pelo menos ele morreu acreditando que era um herói. Que ele tinha feito algo incrível pela guerra. Que suas ações foram importantes.

Uma nuvem espessa e escura pareceu invadir minha cabeça, tornando-a nebulosa. E de repente senti como se um grande peso tivesse caído sobre meu peito. Demos aproximou seu corpo. Ele não disse uma palavra. Ele não precisava. Mas um de seus braços me envolveu e flutuamos juntos, ambos perdidos em pensamentos.

Ao dobrarmos a esquina seguinte, Demos balançou a cabeça e me conduziu em direção à margem do rio. Obviamente, ele tinha visto algum marco que reconheceu. Tudo que eu sabia era que estava mais do que pronto para sair da água.

Parecia que levávamos metade do rio conosco enquanto rastejávamos para fora,

com a água escorrendo de nossas roupas. Estava ainda mais frio fora da água, mas Demos agarrou minha mão e imediatamente começou a correr.

“Você não precisa me arrastar com você,” murmurei. “Eu não vou me perder.”

“Se eu não mantiver você perto o suficiente para tocá-lo, você poderá arriscar sua vida novamente.”

Quem precisava de roupas secas? Acontece que a fúria pode mantê-lo igualmente aquecido.

Abri a boca para rosnar uma resposta, mas alguém soltou um canto de pássaro e Demos se agachou, me puxando para baixo com ele.

Olhei ao meu redor. Todos os outros atingiram o chão ao mesmo tempo.

“A carruagem está se aproximando”, alguém murmurou atrás de nós. “Temos que pegar a estrada agora.”

Com isso, corremos, todos tropeçando, tropeçando e sibilando xingamentos frustrados. Não haveria tempo para traçar estratégias. Não há tempo para avaliar cuidadosamente planos potenciais. A ideia do que isso poderia significar me deixou enjoado de terror.

No momento em que chegamos à estrada, Demos se agachou atrás de um arbusto denso e frondoso. Vários outros desapareceram, enquanto outros ainda atravessavam a estrada.

Demos finalmente soltou minha mão, puxando a espada da bainha. “Fique aqui”, disse ele.

Quando não respondi imediatamente, ele se virou para mim, com os olhos selvagens.

"Por favor."

A frustração guerreava com a lógica. A lógica venceu e eu balancei a cabeça. Eu usaria minha besta e faria o que pudesse daqui.

A carruagem vinha em nossa direção pela estrada, puxada por quatro cavalos, cercada por dez guardas, também a cavalo.

Impossível. Era ridículo pensar que poderíamos fazer isso na nossa condição atual.

Rachadura!

Um dos fae derrubou uma árvore na frente da carruagem. Rudes maldições masculinas soaram e um cavalo empinou, desviando a atenção dos guardas.

Nosso povo não hesitou.

Eles não deixaram o medo inundá-los, não deixaram que a improbabilidade de sua sobrevivência os fizesse questionar esse ataque.

Nem por um segundo.

Eles atacaram como uma tempestade, cercando a carruagem por todos os lados, trabalhando juntos como se já tivessem praticado esse ataque mil vezes antes.

Um guarda com um poder semelhante ao de Galon enviou uma inundação de água no rosto de Gwynara até que ela caiu sobre ela.

Os outros cobriram Demos enquanto ele se aproximava, visando claramente a carruagem. Estendi a mão por cima do ombro para pegar minha besta, xingando enquanto preparava uma flecha. A madeira estava inchada e deformada, enquanto a corda do arco havia sugado água do rio o suficiente para não esticar como deveria.

Porra.

Mirei de qualquer maneira, sem me surpreender quando meu chute saiu ao lado. Eu me preparei para essa possibilidade, garantindo que ela não atingiria nenhum dos nossos. E, felizmente, os guardas estavam ocupados demais para me atacar.

Respirando fundo, me concentrei, focando no lugar estranho dentro de mim – aquele que me permitia tirar os tipos de fotos que não deveriam ser possíveis. Foi uma sensação de paz completa. Como se eu estivesse flutuando em algum lugar silencioso, onde nada mais existisse.

O próximo guarda atacou Demos, que se esquivou para o lado, brandindo sua própria espada. Minha flecha atingiu o guarda na garganta e ele caiu. O calor se espalhou pelo meu peito. Minha besta pode estar empenada, mas eu ainda posso fazer a diferença.

Demos lançou um único olhar em minha direção, antes de se abaixar sob um flash de luz. Eu não tinha certeza de qual era esse poder, mas quase atingiu a carruagem. Meu pulso acelerou e me forcei a desacelerar a respiração mais uma vez.

Vários guardas amaldiçoaram o guarda alto e barbudo que claramente chegou muito perto de arriscar o amuleto fae roubado com aquela luz estranha. Atirei em outro guarda enquanto eles estavam distraídos. Mas minha flecha atingiu seu ombro em vez de sua garganta. O braço da espada dele, então ele estava pelo

menos incapacitado, mas amaldiçoei a diminuição da tensão na corda do meu arco.

Embora os guardas estivessem inchados com o poder roubado de Regner, eles ainda eram apenas humanos. E eu subestimei os Fae e os híbridos.

Subestimaram a fúria gélida que os impulsionava agora, depois de terem visto Nyrik morrer.

Eu examinei a estrada. Dois dos guardas estavam mortos. Restaram oito deles, e eles lutaram com determinação cruel, dentes arreganhados, espadas balançando.

Gwynara disparou contra um dos guardas e Amalra seguiu-o com um amplo golpe de espada.

Ele se abaixou cuidadosamente para fora do alcance, a espada assobiando perto de sua cabeça.

Eu mirei. Despedido. Perdido.

Porra.

Com um sorriso presunçoso, o guarda atacou, enterrando a espada no peito de Amalra. Não. Deuses, não.

O grito de Elysanth se estendeu pela batalha. Minhas mãos tremiam e abaixei minha besta o tempo suficiente para respirar longa e profundamente várias vezes.

Braços firmes. Mãos firmes. Ou eu seria inútil aqui.

O guarda chutou Amalra com a ponta da espada, girando para encontrar Gwynara. Mas Elysanth já estava lá.

Ela se abaixou, enfiando a espada na virilha dele. Ele abriu a boca e não saiu nada.

Onde estava Demos… Onde ele estava—

Lá.

Ele saltou em direção ao teto da carruagem. Mas seu corpo bateu em uma barreira invisível, que o empurrou para trás com força brutal. Girando no ar, ele chutou, acertando o rosto de um dos guardas. Brinlor se esgueirou por trás do mesmo guarda e enfiou a adaga no local onde a parte inferior da cabeça encontrava o pescoço.

A proteção ao redor da carruagem repelia ativamente qualquer um que tentasse se aproximar dela. E eu já tinha visto isso antes. Os assessores de Regner frequentemente viajavam com guardas que impediam que alguém chegasse perto deles.

A única maneira de quebrá-lo seria matar o guarda que estava usando sua magia para mantê-lo no lugar.

Meus olhos dispararam. Restaram seis guardas. Mas qual deles ocupava a proteção?

Horrison e Firion haviam se escondido atrás de um lado da carruagem e estavam usando-o para se protegerem de um ataque implacável de um guarda que estava enviando algum tipo de poder destrutivo contra eles. Firion inclinou-se em torno de uma das rodas e os ombros do guarda enrijeceram. Os olhos de Firion se arregalaram e ele voltou para trás da carruagem, bem a tempo do poder do guarda bater em uma árvore na estrada atrás dele, explodindo-a em pedaços.

Ele não era o escudeiro.

Colocando outra flecha, esperei, preparado. Um guarda enorme e largo, com pescoço grosso, lutava contra Demos com sua espada. Hesitei, minha besta levantada. Mas por mais que eu quisesse atirar nele, aquele guarda também não era o escudeiro.

Os escudos exigiam concentração. Foco. Mesmo que ele tivesse recebido magia roubada, era improvável que o guarda fosse capaz de lutar contra alguém como Demos enquanto mantivesse o escudo no lugar.

Elysanth ergueu a espada, protegendo a irmã ferida. Um dos guardas avançou em direção a Elysanth, com um largo sorriso no rosto. Meu coração pulou no meu peito.

Brinlor estava lá para recebê-lo e suas espadas se chocaram.

Alívio percorreu meu corpo. Continuei digitalizando. E meu olhar se fixou no guarda na parte de trás da carruagem.

Menor que os outros guardas, ele empunhava uma espada que era estranhamente longa para ele, como se estivesse tentando compensar. Enquanto eu observava, ele deu vários passos em direção a Horrison, que havia perdido a espada e lutava corpo a corpo com um guarda que ainda tinha a sua.

Ele iria atacar Horrison por trás. Eu mostrei meus dentes.

Mas ele recuou, aproximando-se mais uma vez da carruagem.

"Eu peguei você." Eu tinha acabado de encontrar o escudo deles. E ele não parecia exatamente transbordar de coragem.

O plano aproximado surgiu em minha mente, totalmente formado. Não tive tempo para me questionar.

Demonstrações—

Eu o avistei no momento em que ele enterrava a espada na barriga do guarda maior.

“Demos!” Eu gritei.

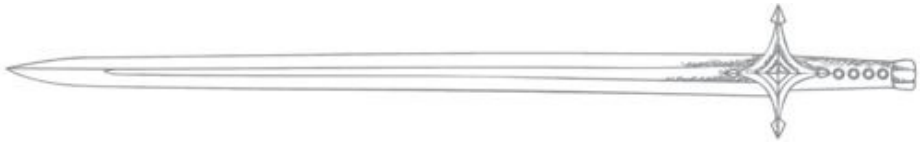
Ele se virou, com os olhos arregalados. E seus olhos brilharam quando ele viu que eu não estava ferida ou sangrando, mas sim o distraindo.

Minha besta estava em minhas mãos, meu arco preparado, então não consegui gesticular corretamente. Eu tinha que torcer para que ele conseguisse.

E então eu exuberantemente balancei minha cabeça em direção ao guarda com a espada muito longa. O guarda que se virou para mim quando chamei o nome de Demos.

Eu dei a ele um sorriso sombrio que eu esperava que estivesse cheio de más intenções. Ele engoliu em seco, voltando para a carruagem. Mas ele não poderia ir mais longe sem encontrar Firion e Brinlor, que tinham acabado de matar outro guarda.

Movimento.



Demos, rondando em direção ao amuleto. Eu não podia arriscar olhar para ele.

E então ampliei meu sorriso, deixando minha flecha voar em direção ao guarda.

Ele fez o que eu esperava que ele faria. O que quase qualquer um faria, mesmo que não admitisse para si mesmo.

Minha flecha chegou a centímetros de seu rosto e foi repelida com tanta violência que quase atingiu Gwynara enquanto ela lutava corpo a corpo, seu próprio poder claramente esgotado.

O guarda arrancou sua proteção da carruagem e a envolveu em si mesmo.

Meu peito apertou até que eu quase pudesse sentir o gosto de cada batimento cardíaco.

Mas Demos já estava se lançando pela porta que havia aberto.

Coloquei outra flecha, mirando no guarda, que me deu um sorriso maroto ao atingir seu escudo mais uma vez.

As demos ainda não haviam sido lançadas.

Eu precisava continuar distraindo-o.

Minha flecha seguinte foi longe e o sorriso do guarda cresceu.

Bom. Continue olhando para mim, seu idiota.

Continue olhando para mim e não para Demos, que saltava livre, com uma caixa nos braços. Alegria pura e não filtrada tomou conta de mim com a visão.

Demos desapareceu e continuei a atirar no guarda, distraindo-o do fato de que Demos agora tinha o amuleto.

Mas Firion chutou o guarda contra quem ele estava lutando contra uma das rodas da carruagem. E o guarda bateu na madeira. Ele soltou uma maldição, chamando o nome de alguém, e o escudeiro mudou a proteção de si mesmo para o que ele deveria estar guardando.

Mas já era tarde demais.

Demos já estava rolando para fora da carruagem. E quando ele jogou o precioso artefato, a mão de Gwynara já estava no ar, esperando para pegá-lo.

No momento em que ela colocou o amuleto na cabeça, os guardas restantes de Regner pegaram fogo.

MADÍNIA

O irmão de Rythos ordenou que fôssemos acorrentados em sua masmorra. Eu zombei dele, minhas palmas aquecendo, mesmo quando meu coração disparou no peito. Eu poderia matar alguns dos guardas. Talvez até o próprio Brevan, dependendo do seu poder. Mas eles nos matariam logo depois.

Ainda assim, talvez esse fosse um final melhor do que aquele que envolvia desaparecer em sua masmorra até que a guerra encontrasse esta ilha e os soldados de Regner chegassem para matar quem restasse.

“Madínia,” Rythos disse.

Eu olhei para ele. A expressão em seu rosto me incentivou a cooperar. “Use seu poder”, eu disse.

“Ele está fora.” A expressão de Brevan era terrível enquanto observava as chamas queimarem em minhas mãos. “Se ainda não, então estará em breve. Sugiro que você pense com muito, muito cuidado.”

Minhas chamas queimaram mais alto. “Talvez seja você quem deva pensar com cuidado.”

Um dos guardas deu um passo à frente, com os olhos atentos. Rythos pegou meu pulso. “Por favor, Madínia.”

A fúria queimou através de mim, mais quente que as chamas em minhas mãos. "Você realmente vai deixá-lo nos trancar?"

A mandíbula de Rythos apertou. “Vou confiar que meu irmão eventualmente começará a pensar logicamente.”

O irmão em questão deu-lhe um sorriso frio.

Eu dei a ele meu sorriso mais venenoso em troca. “Algo me diz que ele não nasceu com essa habilidade.”

O sorriso de Brevan desapareceu.

“Ande”, ele disse. “Ou meus guardas vão obrigar você.”

Dei mais uma olhada a Rythos. Ele apenas me olhou.

Eu não confiava facilmente. E ignorando cada instinto que ruge para mim fugir desta ilha...

Pode ser o maior erro da minha vida.

Mas se Rythos estava nos convencendo a cooperar com seu irmão, ele devia ter algum tipo de plano. Então, eu caminhei.

Eu esperava uma cela como aquelas de que ouvi falar embaixo do castelo de Regner.

E eu tinha relativa certeza de que tal masmorra poderia ser encontrada nesta ilha. Mas a posição de Rythos claramente lhe dava direito a uma cela um pouco mais tolerável. E fui empurrado para dentro da cela com ele.

Com aproximadamente vinte pés de largura e comprimento, continha duas camas, um par de cadeiras de madeira e uma mesa perto das barras da cela, e

uma divisória que podia ser aberta, separando as camas para alguma aparência de privacidade – pelo menos uma de cada uma. outro. Um minúsculo banheiro, também dividido próximo ao fundo do quarto. Um dos guardas de Brevan olhou para mim de uma forma que me avisou que eu não teria muita privacidade.

“Você poderia pelo menos ouvir o que temos a dizer?” Rythos exigiu quando a cela se fechou atrás de nós.

Brevan estudou Rythos. E havia algo perturbador em seu olhar.

Este era o tipo de Fae sobre o qual fui avisado, mesmo quando criança. Remoto, sem emoção, cruel. Seus olhos estavam assustadoramente vazios.

“Não”, ele disse. “Eu não acredito que vou.”

A boca de Rythos se abriu e a compreensão surgiu em seus olhos. Eu queria dar um soco na garganta dele. Ele acreditava que seu irmão ouviria se ao menos ele jogasse junto e permitisse que ele nos trancasse aqui.

“Você vai morrer”, eu disse.

O olhar de Brevan se voltou para mim. “Sugiro que você evite me ameaçar.”

“Ah, *eu* não vou fazer isso.” Embora eu estivesse fantasiando fazer exatamente isso. As barras desta jaula haviam reprimido minha magia até que eu mal conseguisse sentir uma única brasa. “Seu pai covarde causou isso a si mesmo, mas todos vocês pagarão por isso.”

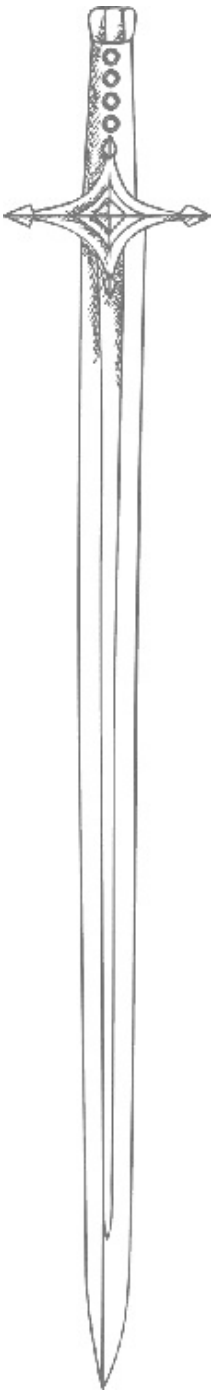
Brevan olhou para Rythos mais uma vez.

“Irmão,” Rythos disse com voz rouca. "Por favor."

Brevan se virou e foi embora.

23

A rainha



Não importa o homem, e não importa sua lealdade, eventualmente ele sempre poderá ser subornado, chantageado ou enganado.

O guarda da minha tenda não era diferente.

Ele era jovem, tinha uma barba rala e uma voz que falhou quando o chamei horas depois de o Príncipe Sanguinário ter ordenado que eu fosse acorrentado nesta tenda.

“Sim… sua… sua majestade?”

Ofereci-lhe um sorriso gentil, apontando para as correntes em meus pulsos.

“Certamente não haveria mal nenhum em me permitir uma breve caminhada?”

Ele engoliu em seco, olhando ao redor. “Terei que perguntar ao meu superior, Vossa Majestade.”

Eu dei a ele um aceno cheio de tristeza e forcei um rubor a subir ao meu rosto.

“No mínimo… preciso cuidar de algumas necessidades pessoais.”

Seu rubor combinava com o meu.

Um soldado híbrido corando como uma noiva nervosa. Eu mal reprimi um revirar de olhos.

“Claro, Vossa Majestade.”

Suas mãos grandes tremiam quando ele puxou a chave, destravando as pesadas algemas de uma das minhas mãos. Com um olhar de desculpas, ele garantiu que a outra algema permanecesse presa em meu pulso esquerdo, a corrente pendurada livremente.

Eu não disse uma palavra. Embora eu estivesse ansioso para mandar alguém cortar sua garganta.

Pequenos passos.

Eu não poderia usar meu poder com o ferro feérico envolvendo meus pulsos. Mas, pelo menos, eu poderia determinar em que tenda eles mantinham a prima de Prisca.

Eu assisti a luta entre eles. Um dos lacaios feéricos de Lorian ordenou que um guarda me vigiasse, mas eu ainda tinha visto o modo como Prisca lutou e rolou pela arena para provar que era digna da coroa híbrida.

Enquanto isso, o Príncipe Sanguinário mais uma vez fez jus ao seu nome.

Prisca parecia totalmente ridícula, parada naquela arena, vestida com roupas de criada, o rosto pálido e as mãos cobertas de sangue. E ainda assim os híbridos se ajoelharam diante dela.

Mas que escolha eles tiveram? Zathrian estava sangrando atrás dela.

A herdeira híbrida estava provando ser pouco mais que uma selvagem – como eu

sempre soube.

“Por aqui, Vossa Majestade.”

Ignorei os escárnios enquanto o guarda me levava até a latrina. Minhas bochechas queimaram de fúria enquanto eu cuidava dos negócios como um animal, o guarda parado a vários passos de distância, olhando para o céu, com as bochechas vermelhas.

Se eu tivesse nascido homem, com a força de um homem, poderia ter usado a corrente pendurada nesta pesada algema para estrangulá-lo.

Em vez disso, limpei delicadamente a garganta, permiti que ele me levasse até uma estação para lavar as mãos e olhei para ele com os olhos arregalados.

“Por favor… minhas pernas estão com cãibras. Você poderia fazer a gentileza de me acompanhar em uma curta caminhada?

Ele hesitou, olhando ao redor. Depois de um longo momento, ele pegou a outra ponta da minha corrente, segurando-a na mão.

Como. A. Trela.

“Suponho que estaria tudo bem”, disse ele com um aceno decisivo.

Imaginei sua cabeça rolando para fora de seu corpo.

“Obrigado,” eu murmurei.

Deixei que ele escolhesse o caminho, olhando para ele como se não tivesse nenhum destino verdadeiro em mente e simplesmente quisesse esticar as pernas. "Qual o seu nome?"

“Previs, Sua Majestade.”

“Meu nome é Kaliera.”

Seu rubor viajou do pescoço até as bochechas. Olhei ao redor.

“Este acampamento parece bem organizado.”

"Isso é." Ele não disse mais nada, seu olhar constantemente procurando por soldados de alto escalão. Estava claro que eu não conseguiria mais informações dele até mais tarde.

Mas algo muito mais importante chamou minha atenção.

Várias fileiras de tendas à nossa esquerda estava um dos fae... Galon.

Ele disse algumas palavras a um soldado híbrido, que olhou para ele como um cachorro esperando uma guloseima de seu dono.

O soldado híbrido assentiu, respondendo com algumas palavras de sua autoria. E enquanto Galon se afastava, o soldado híbrido permaneceu postado fora da tenda, com a mão na espada.

Abaixei a cabeça quando Galon desapareceu.

Minha mente estava correndo enquanto Previs me levava de volta para minha tenda, novamente me acorrentando ao grosso mastro de ferro feérico enfiado profundamente na terra.



Isso ainda não acabou.

Eu simplesmente precisava falar com Zathrian.

MADÍNIA

Fazia dois dias. Eu só sabia disso porque nossa cela ficava perto da porta principal trancada. E cada vez que os guardas traziam nossas refeições, eu conseguia vislumbrar um único vislumbre de liberdade quando eles abriam aquela porta.

Até agora, eles não estavam tentando nos confundir nos dando refeições em horários estranhos.

Rythos falou pouco. Fui eu quem andou por horas. Aquele que torcia minhas mãos, deixava minhas refeições intactas e respirava fundo — meu peito estava tão apertado que parecia que eu não conseguia respirar fundo.

“Você deveria tentar comer alguma coisa”, disse Rythos quando a próxima refeição foi entregue.

Meu estômago revirou e olhei para o pão, as frutas, o queijo e os bolos doces que haviam sido trazidos para nós.

Realeza.

Algo me disse que Prisca não tinha comido assim quando foi capturada pelos

homens de Regner.

Ainda assim, ela pelo menos recebeu ossos de galinha para ajudá-la a escapar. A fechadura da nossa cela só poderia ser aberta por uma chave específica, infundida com magia. Eu sabia porque questionei Rythos incansavelmente sobre possíveis rotas de fuga.

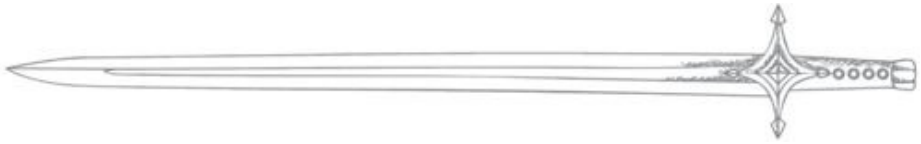
Ele limpou a garganta e me virei para encontrá-lo olhando para mim com expectativa.

Ele acenou com a cabeça em direção à comida.

Eu mal resisti à vontade de jogar nele.

“Talvez você não devesse ter me impedido de nos tirar daqui,” eu rebati.

Rythos fez uma careta para mim. “O guarda que deu um passo à frente tem uma forma única de magia. Ele teria drenado suas forças até que você não conseguisse andar direito.”



Estremeci com o pensamento.

Então me virei para andar um pouco mais.

“Eles podem estar mortos”, eu disse em tom de conversa. "Todos eles. Eles morrerão, esperando que cheguemos com as naves Arslan. Seus últimos pensamentos serão se perguntar onde estamos...

"Suficiente!" Rythos rugiu, ficando de pé.

Peguei a faca de queijo e segurei-a com força na mão, recusando-me a permitir que aquela mão tremesse. Talvez eu não consiga acessar meu poder, mas eu iria —

Os lábios de Rythos se contraíram.

Enojado, joguei a faca de queijo de volta na mesa.

“Qual é o seu plano?”

“Meu irmão vai voltar,” Rythos disse calmamente. “E eu vou colocar um pouco de bom senso nele. Ele é um homem lógico.”

“Esse é o seu plano?” Esperar que seu irmão fosse lógico era a razão pela qual estávamos nesta cela.

Ele encontrou meu olhar e a fúria queimou em seus olhos. “O que você gostaria que eu dissesse, Madínia? Eu estraguei tudo. E todos que amamos vão pagar o preço. Bem, todos *que eu* amo. Você não se importa com ninguém além de você mesmo.

Suas palavras tiraram o ar dos meus pulmões com mais eficácia do que um soco no estômago.

A expressão de Rythos imediatamente ficou arrependida. "Desculpe. Isso estava fora de questão. É totalmente falso. Eu nem sei por que disse isso.”

Ignorando-o, fui até minha cama e deitei de costas, olhando para o teto enquanto começava a reconstruir minhas defesas.

E se meus olhos ardiam como se estivessem em chamas, isso não era da conta de ninguém, apenas meu.

ASÍNIA

Viajar por Eprotha causou arrepios na minha pele.

Os regimentos que tivemos tanto cuidado em evitar...

Eles não estavam mais lá.

Regner havia movido seu exército. Provavelmente, eles já estavam marchando para o sul, em direção a Gromália.

Tudo o que podíamos fazer era torcer para que o exército de Rekja conseguisse detê-los. E que quando chegássemos ao nosso próprio exército, seríamos capazes de enfrentá-los.

Se Herne e os seus rebeldes se juntassem aos nossos números como prometido. Se Conreth trouxesse mais fadas de suas terras. Se Pris, Lorian e os outros pudessem usar as naves de Daharak conforme planejado para transportar o maior número possível de híbridos para nos encontrar.

Se. Se. Se.

Demos escreveu a Vicer ordenando a prisão de Finley, deixando claro que esperava que ele fosse tratado com cuidado e respeito. Vicer era um bom homem e garantiria que Finley não fosse alvo de ninguém em busca de vingança.

Eu tinha tanta certeza de que Demos estava errado sobre Finley ser quem replicou o amuleto. Tinha *que* haver alguém com um poder semelhante.

Mas quando recebemos uma mensagem afirmando que Finley não estava em lugar nenhum, não pude mais negar. Três dias depois, recebemos outra mensagem. Finley foi encontrado caminhando para o norte ao longo de uma das principais estradas comerciais e foi finalmente preso pelo nosso povo.

Ainda mais preocupante, a mensagem de Vicer confirmou que ele ainda não havia alcançado a passagem de Asric - embora o pequeno batalhão enviado por Prisca e Demos já tivesse eliminado os soldados que Regner havia posicionado prontos para emboscar qualquer híbrido que tentasse a passagem. Os três mil híbridos que Prisca enviou com Vicer foram atormentados pela má sorte, o que os atrasou significativamente. Aparentemente, tudo que poderia ter dado errado deu errado. Embora Vicer já tivesse criado um acampamento temporário na entrada da passagem, ele não estaria bem abastecido o suficiente para o número de híbridos que chegariam agora todos os dias. Os híbridos precisavam chegar com comida, barracas e, claro, armas.

Quando conhecemos Telean na pequena aldeia que havíamos combinado, ela estava praticamente vibrando de impaciência.

Todos nós estávamos mais do que prontos para desfrutar de uma refeição quente que não fosse preparada no fogo. Mas eu estava muito nervoso para aproveitar. Mesmo sabendo que Regner havia transferido seus exércitos para outro lugar, eu estava ciente de que

sempre houve a chance de um dos humanos aqui reconhecer um de nós e nos entregar.

Mas Telean escolheu bem esta aldeia. Eu já tinha ouvido rumores sobre as mentiras de Regner, e o santuário havia virado cinzas. Não havia sinais de guardas, assessores ou sacerdotisas.

Passamos uma noite na aldeia e, apesar da minha ansiedade, caí num sono tão profundo que, quando Gwynara me acordou na manhã seguinte, pisquei para ela por tanto tempo que ela riu de mim.

Continuamos viajando. Demos usava o amuleto pendurado no pescoço e a visão dele atraiu pelo menos o fantasma de um sorriso em Telean. Mas todos nós estávamos mais do que prontos para nos encontrarmos com Prisca e os outros.

Três dias depois, Telean exigiu que encontrássemos um santuário.

“Um santuário?” Perguntei. "Por que?"

“Isso é problema meu.” Ela franziu a testa para mim.

“Muitos deles foram queimados”, murmurou Demos, ajustando um de seus estribos.

“Nem todos eles.”

“Se não estão queimados, é provável que estejam vigiados”, rebateu ele, contornando o cavalo para verificar o outro estribo.

“Eu sei como evitar chamar a atenção”, ela retrucou.

Abri a boca e ela me lançou um olhar duro. “Estamos prestes a marchar para a batalha. Se desejo falar com os deuses, é meu direito.”

A probabilidade de Demos permitir que Telean marchasse para a batalha era quase a mesma que eu aprender a voar. Olhei para Demos a tempo de perceber o pequeno sorriso brincando em sua boca.

“Eu não tinha percebido que você tinha se tornado tão piedoso recentemente.” Demos arqueou uma sobrancelha.

Telean apenas olhou para ele até que seu sorriso se tornou um sorriso completo.

“Encontraremos um santuário para você, tia.” Algo em meu peito relaxou. Fazia muito tempo que eu não via aquele sorriso.

Como prometido, Demos encontrou um santuário para ela. A minha respiração era tensa e superficial enquanto Demos e eu nos encolhíamos na floresta perto do santuário, observando Telean aproximar-se. Esta aldeia era maior do que a maioria, e os guardas de Regner tinham um forte controle sobre as pessoas daqui. Eles se moviam ao redor, os olhos disparando enquanto passavam o dia, sem se atreverem a fazer nada que pudesse chamar o tipo errado de atenção.

Era uma aldeia de mulheres e crianças, com a maioria dos homens recrutados para a guerra de Regner.

Horrison declarou a excursão de Telean um risco desnecessário e recusou-se a participar dela. Ele não estava errado. Firion e Brinlor estavam providenciando cavalos frescos para que pudéssemos viajar mais rapidamente, enquanto Elysanth provavelmente estava na taverna mais próxima.

Fomos forçados a deixar a irmã dela com curandeiros humanos em Eprotha.

Demos sabia que eles eram leais, mas não havia nenhuma maneira de Amalra ter sobrevivido tempo suficiente para levá-la a um curandeiro Fae ou híbrido.

O guarda que esfaqueou sua irmã usou ferro feérico. Demos disse a Elysanth para ficar com Amalra, mas ela recusou, afirmando que sua irmã iria querer que ela se vingasse.

Demos olhou para mim e seus olhos caíram para minha boca. Esta foi a primeira

vez que estivemos sozinhos em dias. À noite, eu dormia ao lado de Gwynara, enquanto ele ocasionalmente dormia algumas horas e depois insistia em ficar acordado como sentinela.

Eu... senti falta dele. Tínhamos passado a maior parte dos nossos dias juntos no acampamento de Herne e eu sentia falta daquelas longas caminhadas. Senti falta de fazer planos para o acampamento. Senti falta de vê-lo olhar para mim do jeito que às vezes fazia...

Foco. Eu tive que me concentrar. Os guardas perto do santuário pareciam entediados. A minha flecha já estava posicionada e apontei diretamente para o guarda mais próximo de Telean.

Mas ambos a ignoraram enquanto ela passava pelas largas portas de madeira. Eu soltei um suspiro.

“De todas as vezes que minha tia encontrou sua fé”, murmurou Demos.

“Tenho certeza de que muitas pessoas encontram sua fé durante a guerra.”

Ele me enviou um olhar divertido. “Você encontrou o seu?”

“Não”, eu disse imediatamente. "Você?"

Demos pareceu pensar sobre isso. “Nunca tive problemas em acreditar nos deuses. Eu apenas luto para acreditar que a existência deles seja benéfica para nós.”

Apesar da minha insistência de que não havia encontrado nenhum tipo de fé, me peguei olhando ao redor, como se os deuses pudessem nos ouvir e estivessem prestes a nos derrubar. Demos se aproximou, levantando meu braço para estudar um hematoma perto do meu cotovelo. A sensação de sua mão grande e calejada em minha pele fez com que a antecipação me arrepiasse. Fez meu coração disparar e meu peito esquentar. Quando ele soltou meu braço, imediatamente desejei seu toque mais uma vez.

Telean permaneceu no santuário por muito tempo. Tempo suficiente para que eu tivesse que lutar contra a voz em minha mente. A voz que insistia que algum tipo de mal havia acontecido com ela. Demos já estava tenso, provavelmente planejando como mataríamos os guardas. Seu olhar permaneceu fixo nas portas, como se desejasse que sua tia saísse.

Um bater de asas soou acima da minha cabeça. Eu congelei. Um pombo estava voando do céu, diretamente para onde estávamos escondidos.

Demos soltou uma série de xingamentos baixos e violentos. Mas estávamos presos. Um dos guardas estava carrancudo, observando o pombo disparar em

nossa direção.

Contanto que não houvesse nenhuma proteção bloqueando nossa localização, os pássaros treinados pelas fadas poderiam nos encontrar com sua própria magia estranha. Infelizmente, eles não tinham compreensão da importância da sutileza. E qualquer pessoa que observe um pombo voar propositalmente em direção a um arbusto na beira de uma floresta perto de um santuário – que estava sendo guardado devido a uma série de ataques a outros iguais…

Eu não era um guarda.

Nem Demos.

Mas eu não permitiria que Telean morresse aqui.

O guarda inclinou a cabeça.

E Telean saiu pela porta.

O guarda ainda estava olhando para nós. Minha mão apertou minha besta e mirei em sua garganta. Telean resumiu a situação com um simples olhar.

E então ela apertou o peito, caindo de joelhos.

“Por que, por que, por quê?” ela lamentou.

Cada pelo do meu corpo se arrepiou, como se Lorian tivesse direcionado seu poder diretamente para mim.

“O que eu faço?” Eu gritei.

Demos ficou em silêncio. Puxei a corda da minha besta. “Demos!” Eu sibilei. “Eu atiro?”

"Segurar."

Seu tom era tão inflexível quanto a rocha em que eu estava me equilibrando.

Os guardas estavam vigiando Telean. Ela balbuciou algo sobre sua filha perdida. Sobre os híbridos malignos e as fadas perversas.

O primeiro guarda olhou em nossa direção mais uma vez. Mas Demos estava segurando o pombo na mão. Eu mal respirei.

“Levante-se,” um dos guardas rosnou. O outro guarda disse algo baixo demais para eu ouvir, mas pude ouvir sua risada zombeteira. E aquela risada me disse que a distração de Telean tinha funcionado.

Ela cambaleou e se levantou, enxugando o rosto com as mãos. E então ela cambaleou na direção oposta à nossa, ainda cambaleando com os pés instáveis. Minhas mãos tremiam com o quão perto estávamos de lutar por nossas vidas.

Demos e eu lentamente voltamos para a floresta. Nós dois olhamos para o pombo em sua mão.

Ele assentiu e eu desamarrei a mensagem de sua perninha, desenrolando-a.

Demos se aproximou e eu não pude deixar de sentir seu cheiro.

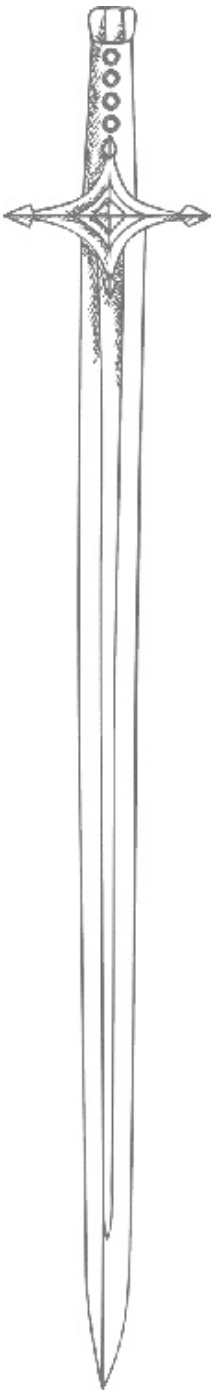
A mensagem era de Rekja. Nossos generais estavam deslocando nosso próprio exército para o norte. E o regimento de Rekja conseguiu expulsar os soldados de Regner de Gromalia. Esta guerra seria travada em Eprotha e não em Gromalia.

Eu sorri, levantando meu olhar para Demos.

Mas ele não estava sorrindo. Em vez disso, um músculo latejou em sua bochecha e seus olhos estavam duros. “Não faz sentido”, disse ele, e seu tom fez uma bola de pavor se expandir por todo meu estômago. “Simplesmente não faz sentido.”

24

Prisca



sinia e Demos encontraram o amuleto. Pelo tom da carta de Asinia, tinha sido ainda mais difícil do que o esperado. Mas proporcionou a todos nós uma esperança muito necessária.

Passamos vários dias entendendo tudo o que podíamos sobre o exército que agora lutaria por nós. Todas as manhãs, Lorian, Galon e Marth treinavam com eles, analisando os quatro mil soldados que compunham nossa vanguarda, os três mil arqueiros, a unidade de cerco e os soldados de infantaria restantes.

À tarde, aprendemos logística. De acordo com Orivan, os anciões garantiram que este exército estivesse bem abastecido e organizado antes de permitir que Zathrian assumisse o controle.

Dentro de três dias, estaríamos nos movendo para o sul, preparados para atacar o exército de Regner pelo norte, enquanto Daharak atacava pelo mar e as fadas, os híbridos e os Gromalianos marchavam através de Gromalia. Ela saiu para se encontrar com seus capitães e solidificar suas próprias ordens, deixando-nos o navio em que havíamos chegado.

Levaria semanas para transportar tantos soldados através do Passo Normathe e através de Eprotha. Mas, segundo Asinia, os regimentos que teríamos combatido no caminho para sul já não estavam lá, tendo já começado a marchar para Gromália.

De manhã, eu estava sentado do lado de fora da nossa tenda, respondendo à mensagem de Asinia. Algum sentido me fez olhar para cima e encontrei Lorian rondando em minha direção.

Deve ter sido mais tarde do que eu esperava.

“Como foi o treinamento?”

“Eles estão em boa forma. Galon está esperando você em uma hora.

Eu balancei a cabeça. “Alguma notícia do Arslan?”

Como esperado, ele balançou a cabeça.

Nossas mensagens para Rythos e Madinia não estavam sendo entregues ou ambos estavam com sérios problemas. A mandíbula de Lorian apertou. O pânico percorreu meu intestino.

Marth havia parado de dormir. Ele praticamente implorou a Lorian que o enviasse atrás de Rythos. Mas se o seu povo se voltasse contra eles, ou se Regner tivesse montado algum tipo de armadilha, Marth também cairia nela.

Eu levantei minha mensagem mais recente. “Conreth espera marchar em breve.

Aparentemente, ele teve algumas disputas com os guardas do território que precisavam ser resolvidas para conseguir os soldados que precisava.”

Quando a pele de Lorian brilhou e seus olhos ficaram meio selvagens, fiquei feliz por nenhum daqueles guardas estar aqui neste momento.

Se eles foram a razão pela qual o exército de Conreth não chegou a tempo...

Marth caminhou em nossa direção. O suor escorria pelo seu rosto e ele o enxugou com as costas do braço.

“Seu primo quer falar com você. Ele diz que tem informações que você precisa ouvir.

Zathrian havia sobrevivido. Os curandeiros chegaram até ele a tempo. Eu não sabia o que faria com meu primo. Talvez eu estivesse apenas prolongando o inevitável — e o melhor para todos nós seria que ele morresse. Breve.

Mas…

“Faça melhor do que eu, primo. Seja o governante que eu gostaria de ser. Traga nosso pessoas para casa.”

Eu suspirei. Eu estava mais uma vez atribuindo a ele boas qualidades que ele realmente não tinha.

Zathrian sabia que estava acabado. Ele sabia que nunca seria rei. Conversar com ele era como lidar com uma víbora furiosa e esperar que ela não atacasse.

“O que você acha que ele quer?”

Marth encolheu os ombros. “Seja o que for, fico feliz em arrancar-lhe essa informação.”

Lorian se inclinou para perto. “Você não precisa vê-lo, gato selvagem. Eu sei que isso machuca você.

Se Zathrian realmente tivesse informações que nos ajudariam a vencer esta guerra, eu teria que falar com ele. Se ele estava brincando comigo, que assim seja.

“Eu farei isso.”

Os olhos de Lorian brilharam. “Eu irei com você.”

"Não. Vou falar com ele a sós.

Eu sabia o suficiente sobre homens poderosos para saber que seus egos só aumentavam quando homens com ainda mais poder estavam por perto. Seria mais provável que Zathrian deixasse escapar algo importante se eu o cutucasse, enquanto a presença de Lorian o enfureceria ou o deixaria taciturno. E... alguma parte de mim precisava enfrentar Zathrian sozinha.

Ou talvez fosse simplesmente porque eu sabia que Lorian queria Zathrian morto quase tanto quanto queria que Eadric morresse.

E eu não poderia culpá-lo.

Lorian estudou meu rosto. O que quer que ele tenha visto lá o fez acenar com a cabeça.

Quando Galon percebeu que eu estava indo em direção à tenda de Zathrian, ele apontou a cabeça para o soldado que estava de guarda e tomou seu lugar. Se Galon estava cansado, não havia sinal disso em seu rosto. Eu poderia ter pensado que era um exagero ter um dos nossos guerreiros feéricos mais fortes protegendo um homem que estava preso nos mesmos ferros feéricos que eu usei uma vez, mas claramente, Galon não iria correr nenhum risco.

Ele franziu a testa. "Você é…"

Eu balancei a cabeça. "Estou bem."

Ele olhou para além de mim, como se estivesse procurando por Lorian, e eu dei de ombros. “Eu preciso fazer isso sozinho.”

“Eu não gosto disso.”

“Vou ligar se precisar de alguma coisa.” Meu tom era inflexível. Galon soltou um suspiro, mas assentiu.

“Primo,” Zathrian disse quando entrei.

Eles o acorrentaram a um grosso poste de metal no chão. Eu sabia, sem olhar, que seria feito de ferro feérico, assim como as correntes que prendiam as pesadas algemas em volta de seus pulsos.

Meus próprios pulsos doeram com a visão.

Eu encontrei seu olhar. "O que você quer?"

Suas narinas dilataram-se e ele me lançou um olhar impaciente. Por um único momento, ele me lembrou tanto de Demos que tive que desviar o olhar.

Os dois homens não se pareciam. Demos tinha cabelos escuros e olhos âmbar, enquanto Zathrian era loiro com olhos azuis. Demos tinha uma construção maior, enquanto Zathrian parecia poder correr por dias.

Mas alguns de seus maneirismos eram tão parecidos...

“Você pode não acreditar em mim, mas tenho em mente os melhores interesses do nosso povo.”

Eu sufoquei uma risada. “É por isso que você se aliou a Regner?”

Ele me deu um sorriso condescendente que me fez querer pegar minha faca.

“Nós dois sabemos que eu estava planejando traí-lo quando chegasse a hora certa.”

“Mas primeiro, você eliminaria os Fae e quaisquer híbridos que não cooperassem?”

Silêncio. Eu balancei minha cabeça. “Se você tivesse conseguido quando derrubamos a barreira, Regner agora seria tão poderoso quanto um deus. O que você estava planejando fazer então, Zathrian? Como você o teria impedido?

Desta vez, foi ele quem desviou o olhar. Soltei uma risada amarga e seus olhos se voltaram para os meus. “Você quer saber a verdade? A verdade é que eu sabia que não tínhamos hipótese de matar o Regner. Todo o meu plano era esperar até que ele

Eu estava ocupado matando os Fae e trazendo o máximo de pessoas que pude para o nosso reino.

Eu olhei para ele, atordoado. “Então o que? Você levantaria as proteções e ninguém poderia sair? E quem não conseguisse ficaria preso aqui, esperando para ser massacrado?

“Não foi um plano perfeito”, ele resmungou. “Mas se os mais velhos tivessem cooperado, eu teria garantido que eles me ajudassem a levar para casa o máximo possível de híbridos enquanto Regner estava distraído. Enquanto ele pensasse que eu estava me aliando a ele, ele não me via como uma ameaça.”

“Mas não era apenas o Fae que ele mataria, não é? Eu também acabaria convenientemente morto, assim como Demos – acabando com qualquer um que pudesse desafiar você pelo trono. E qualquer um que lutasse sob a nossa bandeira morreria neste continente também.”

Sua boca se apertou. “Sim”, ele admitiu. “Esse era o meu plano.”

"Ótimo." Recuando, olhei ao redor de sua tenda. “Espero que tenha valido a pena.”

“Você não está ouvindo, Nelayra,” ele rosnou quando recuei um passo em direção à entrada. E então ele franziu a testa. “Onde está o seu poder?”

A pergunta foi tão inesperada que mal escondi minha hesitação. Mas seus olhos se arregalaram.

Limpei a garganta. “Não tenho certeza do que você está falando.”

“Meu poder me permite sentir a magia do tempo para… anulá-la. E ainda assim eu nunca senti seu poder quando você chegou... Minha nuca coçou com a forma como sua voz sumiu.

“Acabou.” Não fazia sentido mentir. Meus aliados sabiam que eu não poderia acessar meu poder. E logo todos os híbridos aqui também o fariam.

“Desapareceu *?* ” Ele soltou um som sufocado em algum lugar entre diversão e desgosto.

"Sim. Provavelmente por causa do que fiz quando…”

“Quando eu ajudei a matar sua companheira Fae.”

"Sim." Estudei o rosto de Zathrian. Eu não tinha certeza do que estava procurando.

Seja o que for, não encontrei.

Ele ficou em silêncio por um longo momento. “Essa foi a maior falha lógica nas mentiras do próprio Regner, você sabe.”

"O que você quer dizer?"

“A ideia de que os deuses poderiam tomar nosso poder, mesmo que o oferecêssemos.”

Sentei-me na cadeira de madeira ao lado da entrada da tenda. "Eu não entendo."

“Os deuses estão sujeitos às suas próprias leis, assim como nós.” Ele me lançou outro de seus olhares depreciativos. “É claro que, como você foi criado como humano, você só interagiu com pessoas com expectativa de vida muito mais limitada, o que significava que eles eram facilmente enganados pelas mentiras de Regner. Mas os deuses não podem aceitar o que deram.”

Ele estava brincando comigo. Mas uma parte de mim não pôde deixar de perguntar: “Se os deuses não podem tirar meu poder, então para onde ele foi?”

“Eu não disse que eles não podem esconder magia. Afinal, eles podem brincar conosco de todos os tipos de maneiras diabólicas.” Ele ergueu as mãos acorrentadas. “Como esta experiência já provou”, disse ele amargamente.

Revirei os olhos. “Sim, *você* é a verdadeira vítima nesta guerra. Você está dizendo que os deuses esconderam minha magia de mim?

“Estou dizendo que isso é o máximo que eles poderiam fazer. Mas aquilo que pode ser escondido também pode ser encontrado. Talvez você realmente não

quisesse encontrá-lo. Ou talvez você simplesmente não tenha se esforçado o suficiente.”

Meu estômago revirou, pequenas manchas apareceram diante dos meus olhos. "Eu não acredito em você."

Ele encolheu os ombros. “Você não precisa. Mas você sabe o que eu acho? Acho que você acordou sem o seu poder e, subconscientemente, agarrou-se a isso como o castigo que os deuses lhe deram por voltar no tempo aqueles poucos segundos.

Uma parte de você ficou aliviada ao pensar que a perda do seu poder era o seu castigo. Porque isso significava que sua punição não envolveria a perda de mais ninguém que você amasse nesta guerra.”

A bile subiu pela minha garganta. Tropeçando em meus pés, me virei para ir embora.

"Espere."

Eu balancei minha cabeça. Atrás de mim, suas palavras vieram mais rápidas.

“Sim, posso ter ficado preso em minha própria necessidade desesperada de governar. Sim, posso quase ter lhe custado o homem que você ama. E tenho certeza que você me odeia por isso. Mas você tem que ouvir. Para o nosso povo.” Sua voz estava desesperada agora, falhando na última palavra.

Lentamente, me virei. “Você tem dois minutos.”

E ele começou a falar.

A realização gotejou em mim. Lentamente, meus membros ficaram pesados, como se o pavor tivesse se infiltrado neles. Parecia que eu estava sonâmbulo saindo de sua tenda.

Ao longe, ouvi a voz de Galon. Mas tudo que eu conseguia pensar era em chegar até Lorian.

E então ele estava lá. Seu corpo enorme envolveu o meu, me puxando para seus braços.

"O que aconteceu?" ele rugiu.

Eu me dei um único momento para pressionar minha cabeça em seu peito, absorvendo um pouco de sua força.

“Foi um truque,” eu sussurrei. Meus olhos encontraram os de Lorian: “Regner

moveu suas forças para Gromalia e deixou nossos espiões saberem de sua arma. Ele queria que pensássemos que ele estava atacando em todas as frentes para remover nossas proteções, para que dividíssemos nossa atenção. Na verdade, ele estava preparando seus exércitos, reunindo seus monstros, movendo o último amuleto para a capital... Minha voz falhou.

O rosto de Lorian ficou severo. Era como se até aqueles olhos verde-escuros perdessem um pouco da cor.

“Ele está indo para a passagem.” Sua voz estava rouca quando ele fez a conexão. “Ele vai matar todos os híbridos que estão tentando voltar para Lyrinore.”

A doença aumentou, arranhando minha garganta. Eu ofeguei por isso. “Qualquer um que não possa lutar. Mulheres com filhos pequenos. Os doentes. O velho. Ele vai assassinar todos eles.”

O horror disso me envolveu. Regner desferiria um golpe que não só mataria os mais vulneráveis — as pessoas que juramos manter seguras — mas...

como nossos soldados encontrariam forças para lutar, sabendo que haviam perdido todos que amavam?

“Você acredita em Zathrian?”

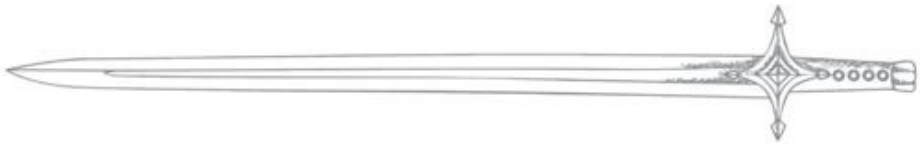
"Nesta? Eu faço. Ele disse... ele disse que algo estranho estava acontecendo no mar. E se... e se Regner estiver usando a mesma magia que escondeu sua frota de Daharak para colocar seu povo em posição?

Lorian amaldiçoou, esfregando a mão no rosto. “Precisamos verificar”, disse ele.

“Vamos enviar mensagens aos nossos espiões imediatamente. Enquanto esperamos uma resposta, precisamos avisar os outros. Mas Prisca... não há tempo suficiente.”

Minha garganta estava tão seca que mal conseguia falar. “Asinia, Demos, Telean… eles precisam saber. Precisamos dizer a eles para chegarem ao Asric Pass.

Os soldados que protegem o nosso povo esperam que Regner tenha deixado um ou dois regimentos para isolá-los. Eles não estarão preparados para enfrentar todas as suas forças. Precisamos enviar uma mensagem para Tymriel e para o resto dos anciãos também. Se eles realmente querem ajudar nosso povo, esta é a chance deles.”



Lorian me puxou de repente, até entrarmos em uma das tendas centrais. Um grande mapa estava pendurado em uma das paredes de lona e eu olhei para o Passo Asric. Eu deveria ter enviado mais soldados. Por que não enviei mais?

Lorian apontou para o centro de Eprotha – e para os regimentos que Regner havia estacionado lá. “Pensamos que eles iriam se mudar para o sul.” Ele correu o dedo em direção às terras feéricas. “Mas eles atacarão por trás.” Ele moveu o dedo para a entrada do Passo Asric, entre Eprotha e as terras feéricas.

“Fiquei me perguntando o que Regner estava esperando. Agora sabemos. Ele estava esperando nossa ordem de evacuação. Quando nosso povo estaria se movendo em direção à passagem.”

Minha cabeça girou. Milhares dos nossos mais vulneráveis, juntamente com um terço do nosso exército... ficariam presos entre as forças de Regner.

“Vicer levou apenas três mil soldados híbridos para ajudar na evacuação.”

“Regner posicionará mais soldados na costa.”

“Sim”, eu disse. “Assim que ele nos matar, seu plano é usar as naves que ele manteve escondidas para invadir o reino híbrido mais uma vez, destruindo todos os híbridos ainda vivos.”

LORIANO

Orivan estava sombrio. Silencioso. Nós imediatamente contamos a ele o que Regner estava planejando, e ele ficou parado, com as mãos nos quadris enquanto contemplava os híbridos passando o dia ao nosso redor. Prisca parecia em estado de choque, como se não conseguisse conciliar o que acabara de saber. Eu não poderia culpá-la. Mesmo depois de tudo que vi e fiz, uma parte de mim se recusava a acreditar na extensão do mal que Regner havia cometido.

Apertei a mão dela. “Eu quero encontrar as bruxas. Eles permitiram que seu primo montasse acampamento tão perto do território deles por um motivo.”

E as mulheres de pedra eram conhecidas por estarem perto dos mortos. Havia uma chance de um deles ajudar a reverter o que quer que estivesse acontecendo comigo.

Por mais que eu quisesse ver Cavis, não podia me dar ao luxo de me distrair com a morte que havia exercido neste continente. Não com Prisca cercada por

aqueles que poderiam ser inimigos. Se Cavis estivesse aqui, ele me incentivaria a fazer o que fosse necessário para mantê-la segura, assim como fez com sua própria esposa e filho.

Seu olhar percorreu meu rosto. Eu não poderia contar a ela sobre as bruxas

conexão com os mortos. Não na frente de Orivan. Mas depois de um longo momento, ela assentiu. "Você quer que eu vá com você?"

Sim. Eu a queria comigo a cada segundo de cada dia, com uma ferocidade que ocasionalmente me desconcertava, mesmo agora.

Mas as olheiras sob seus olhos contrastavam de forma preocupante com a aparência pálida de sua pele. Ela estava tão pálida que algo me cortou dentro de mim.

“Fique aqui, gato selvagem.” Olhei para Galon, que acenou para mim. “Tente descansar um pouco. Não vou demorar.

Ela franziu a testa, os dentes marcando o lábio inferior. Mas ela não discutiu.

Isso, mais do que tudo, me encorajou a me apressar. Se ela não estivesse descansando quando eu voltasse, eu mesmo a arrastaria para nossa barraca.

“Eu vou com você”, disse Marth.

Eu fiz uma careta, mas Galon poderia mais do que lidar com qualquer um que tentasse atacar Prisca. E ela tinha acabado de provar que poderia lidar com eles sozinha, mesmo sem seu poder.

Orivan providenciou alguns cavalos para nós.

“As bruxas são perigosas”, disse ele enquanto caminhávamos em direção aos estábulos do acampamento. “Permita-me enviar alguns dos meus melhores homens com você.”

Marth bufou – provavelmente com a ideia de que eu precisava da proteção de soldados híbridos. Enviei-lhe um olhar assassino.

“Nós podemos lidar com as bruxas. Obrigado."

A surpresa brilhou nos olhos de Orivan, deixando claro que ele não esperava boas maneiras do Príncipe Sanguinário. Mas em poucos minutos estávamos montando duas éguas seladas e voltando para a Cidade Amaldiçoada. Havia um frio no ar tão perto das montanhas, e meu pescoço coçou com a sensação de milhares de olhos nos observando partir.

Cavalgamos em silêncio por um tempo. Marth fez uma careta para longe. Ele estava profundamente infeliz há muito tempo. E era hora de falar sobre isso.

Meu pescoço coçou um pouco mais.

“As mortes de Eadric e Soltor serão suficientes?” Eu perguntei a ele. “Will Regner?”

Ele não me perguntou do que eu estava falando. Ele sabia. E ele também não mentiu para mim.

"Não. Nunca será suficiente.”

"Porque você se culpa."

Ele encolheu os ombros, recusando-se a olhar para mim. Meu temperamento se agitou.

“Eu vi Cavis,” eu mordi. Eu não tinha contado isso a Galon ainda. Era uma conversa que eu queria ter quando estivéssemos em algum lugar tranquilo.

Em algum lugar onde poderíamos chorar. Mas Marth precisava saber agora.

Lentamente, Marth virou a cabeça. E seus olhos eram um deserto.

“Não estou brincando”, rosnei. “Você sabe que eu nunca brincaria sobre isso.”

A compreensão surgiu em seu rosto. Mesmo quando estava mais deprimido, Marth era rápido. “Porque você morreu. E Prisca trouxe você de volta.

“Eu não simplesmente morri. Eu quebrei. Meu coração não simplesmente parou, ele deixou de existir completamente. Talvez seja por isso que agora estou vendo e ouvindo os mortos. Ou talvez seja porque Prisca enfureceu os deuses com suas ações, e esta é a consequência.”

Marth olhou para mim com fome. "Diga-me."

“Eu ouvi a voz dele a princípio. Na noite em que você foi esfaqueado em Sorlithia. Eu fiz uma careta para o lembrete. “E então, no dia em que me casei com Prisca, ele ficou ao nosso lado por um breve período.”

Marth desviou o olhar, mas não antes de eu perceber a umidade em seus olhos.

“Ele estava focado principalmente em Prisca. Mas ele olhou para você. E ele sorriu aquele sorriso torto. Você conhece qual.

Marth apertou os lábios e assentiu, ainda olhando para frente. Conduzi meu

cavalo contornando um pedaço de pedra caído na trilha. Já estávamos perto da cidade.

“Ele não disse uma palavra sobre culpar você. Ele não franziu a testa ou fez uma careta. Ele usava essa expressão. Meio impaciente, meio divertido. Era o mesmo olhar que ele usava toda vez que você se atrasava para nos encontrar porque estava rolando para fora da cama de alguma mulher.

Os ombros de Marth caíram.

"E então na minha noite de núpcias." Eu não contaria tudo isso a ele. Isso foi para mim. “Eu era assombrado pelos mortos. Cavis me ajudou a aceitar minhas ações. E naquela noite, depois que Prisca foi dormir, ele voltou.”

Eu olhei para Marth. “Cavis não perdoa você”, eu disse, e seu

ombros tensos mais uma vez. “Porque não há nada para perdoar. Não sei por que ele não passou para o que vem a seguir, mas não é porque ele precisa de alguma coisa sua, exceto que você pare de se culpar. Você presta um péssimo serviço a ele quando reduz o sacrifício dele a algo que você poderia ter evitado.”

Marth olhou para mim agora. E seus olhos estavam úmidos. “Não sei como seguir em frente. Eu não-"

“Você começa lamentando Cavis. Você tem estado tão ocupado se culpando pela morte dele que não celebrou a vida dele nem aceitou o fato de que ela acabou. Só há uma coisa que ele quer de você. Um dia, quando tudo isso acabar, ele quer que você ensine Piperia a pular pedras. Do jeito que ele te ensinou anos atrás.”

Seus lábios se apertaram, mas ele assentiu.

Esperançosamente, ele pensaria sobre o que eu havia dito. Foi tudo que pude fazer.

Além disso, chegamos à entrada da Cidade Amaldiçoada.

A última vez que estivemos aqui, nós quatro negociamos com as bruxas de pedra um tipo especial de musgo que ajudaria em nossos planos de entrar furtivamente no castelo de Regner. Nada mudou muito. Para a Cidade Amaldiçoada, pelo menos.

Outrora uma grande capital, estava agora reduzida a um cenário assustador de decadência e desolação. Eu tinha ouvido falar dos edifícios majestosos que existiam aqui, das ruas animadas e das pessoas prósperas. Agora, não passava de um destroço de ruínas desmoronadas, os esqueletos dos edifícios projetando-se do chão como ossos quebrados.

Ossos e folhagens selvagens que haviam recuperado a terra, rastejando sobre grande parte das pedras caídas. O ar ainda estava carregado de poeira e um vento triste sussurrava pelos restos da cidade. Eu morreria antes de admitir isso para Marth, mas esse lugar sempre fez os pelos dos meus braços se arrepiarem.

As bruxas sabiam que estávamos aqui. Eles sempre souberam. Ao contrário da nossa última visita, eles não jogaram.

Eles surgiram das ruínas, sua pele cinzenta combinando com a pedra que restou enquanto eles avançavam pesadamente em nossa direção. Assim como antes, um deles usava uma coroa de turmalina.

Abaixo de mim, meu cavalo se mexia inquieto enquanto eu observava a bruxa. Esta não era a mesma rainha com quem eu havia negociado originalmente.

Porque aquela rainha estava à nossa esquerda, gritando silenciosamente.

“Você matou aquele que anteriormente usava aquela coroa,” eu disse, meu olhar demorando-se na turmalina

“Ela quebrou sua palavra.” A bruxa virou o rosto para olhar para uma das outras, e eu a reconheci então. Foi este quem sussurrou no ouvido da rainha quando ela recorreu à extorsão no último momento do nosso acordo. Foi essa bruxa das pedras que convenceu a rainha a mudar de ideia e honrar o acordo original.

“E você estava envolvido no plano de contar a Regner quem ele era?”

— perguntou Marth.

"Não. Quando soube de sua duplicidade, desafiei-a pela coroa.”

“E por que você faria isso?”

A turmalina em sua coroa brilhava quando ela inclinava a cabeça daquele jeito lento que as bruxas se moviam.

“Porque ouço as pedras caídas nos rios. As pedras eram usadas para calçar ruas e construir casas. Ouço os sussurros da pedra que você chama de Trowth e ouço as pedras usadas para construir castelos e arsenais por todo este continente.”

“Você ouve nossas mensagens?” Irritação passou por mim. Irritação e algo mais sombrio. Algo que fez a bruxa piscar para mim, uma expressão que poderia ser medo passando por seu rosto cinzento. Muitas vezes eu me perguntei sobre a capacidade das bruxas de de alguma forma saber exatamente o que um negociador estava procurando antes de abordá-las. Mas sabendo que eles estavam ouvindo tudo o que nosso povo dizia enquanto usavam pedras de trowth...

De repente, eles se tornaram uma ameaça muito, muito maior.

“Só quem usa esta coroa pode ouvir”, disse ela rapidamente. “E eu sei apenas o que as pedras escolhem passar para mim. Há duas razões pelas quais você veio aqui hoje.”

"Sim."

“Você pode ver os mortos.”

Eu balancei a cabeça.

“E mesmo que você tenha bloqueado aqueles que desejam o seu mal, você ainda quer saber como fazer isso parar.”

Várias bruxas murmuraram. O cavalo de Marth mudou para a esquerda e eu peguei Marth olhando carrancudo para eles.

“Eles simplesmente se perguntam por que você rejeitaria tal presente”, disse a rainha.

“Na maior parte, não é um presente. Os mortos aparecem sem aviso e parecem tão vivos quanto você e eu. Eles são... uma distração.

Isso foi um eufemismo.

“Há alguém que pode remover esse poder de você”, disse ela. “Um dia, ele virá até você em busca de ajuda. Mas não será assim durante muitos anos. Enquanto isso, dou-lhe este conselho… Os mortos têm apenas o poder que você lhes dá.”

Marth bateu palmas lentamente. “Que profundo.” A rainha bruxa o ignorou.

Enterrei a decepção que me atingiu. Assim que Cavis encontrasse a paz, eu encontraria uma maneira de reverter essa maldição. E se não, eu viveria com isso. Enquanto isso, tínhamos uma guerra para vencer.

“E Regner?” Perguntei.

“O rei humano atacará os mais vulneráveis.”

"Sim."

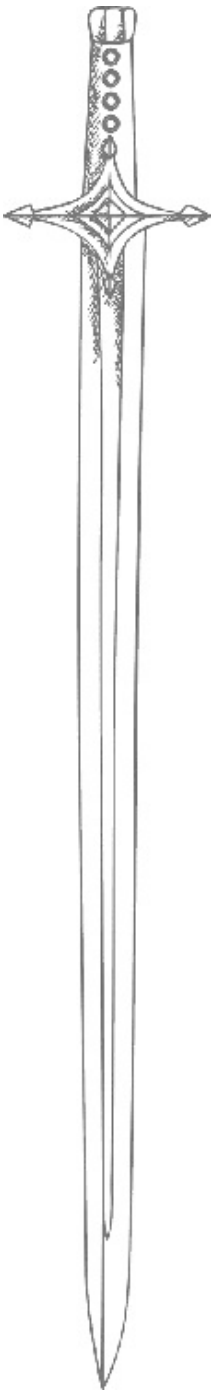
“Você quer saber os planos dele.”

"Sim."

“Então vamos negociar.”

25

A rainha



Não demorou muito para mover um campo de guerra inteiro. Ainda assim, os híbridos trabalhavam rapidamente, o barulho aumentando ao longo do dia enquanto os soldados chamavam uns aos outros, cavalos e carroças passando ruidosamente pela minha tenda. Pelo som constante de farfalhar ao meu redor,

ficou claro que algumas das outras tendas já estavam sendo guardadas.

Provavelmente só teria uma chance de falar com Zathrian. Assim que saímos deste lugar, marchamos para a batalha. Prisca deixar o primo vivo foi uma tolice, mas totalmente esperado. E ela viveria para lamentar sua misericórdia.

Felizmente, Previs ainda era o guarda do lado de fora da minha tenda durante o dia. À noite, outro guarda assumiu o comando – um híbrido mais velho, de rosto sombrio e rude, com uma barba grisalha salpicada, que se recusou até mesmo a me reconhecer.

Previs continuou a me levar até a latrina e até me levou para esticar as pernas apenas para fazer algum exercício. A certa altura, Marth pisou forte, atacando o guarda com um olhar frio.

"O que você está fazendo?"

"T-levando-a para a latrina."

Os olhos frios de Marth encontraram os meus. "Estou de olho em você."

Eu inclinei minha cabeça, olhando para trás com frieza. Quando não respondi, ele bufou, afastando-se.

Mas os outros soldados acostumaram-se a me ver andando pelo acampamento, com Previs ao meu lado.

Duas vezes já passamos direto pela tenda que eu tinha certeza que estava segurando Zathrian. Vários guardas foram colocados do lado de fora e todos olharam para mim como se eu fosse uma cobra na grama.

O esqueleto de um plano veio à mente.

Previs havia relaxado, destravando as algemas dos meus pulsos e deixando-as totalmente para trás. Fiz questão de deixá-lo ver as irritações e hematomas que eles causaram quando caminhamos no dia anterior, estremecendo enquanto acariciava a pele macia. E eu mantive meu braço no dele enquanto caminhávamos, como se fôssemos dois amigos passeando em um jardim.

O idiota parecia gostar disso.

O ferro Fae não afetava os humanos da mesma forma que afetava os híbridos e os Fae. Então, embora as algemas fossem pesadas e difíceis de manejar, elas não diminuíram meu poder. A pequena quantidade de magia disponível para mim permaneceu inteiramente consistente.

Mas eu poderia trabalhar com isso.

No que diz respeito a Previs, eu tinha a menor bexiga em quatro reinos. Mas eu precisava de cada caminhada para planejar minha distração. E ele parecia mais do que feliz em me levar até a latrina – em vez de ficar do lado de fora da minha tenda, ao sol.

Tudo que eu precisava era de uma simples diversão. Há dois dias eu estava esperando pela menor distração. Algo que eu pudesse fazer para desenhar os soldados

atenção.

Cada vez que fazíamos nossa pequena caminhada, meu olhar se voltava em todas as direções, segurando o braço de Previs com mais força até que ele me lançou um olhar preocupado.

O pânico começou a abrir um buraco no meu peito. Eu estava ficando sem tempo. Uma onda de atividades transformou o acampamento ordenado em um caos organizado. A grande tenda de comando já estava sendo desmontada, os soldados trabalhando em uníssono para dobrar lonas pesadas e desmontar as estruturas de suporte.

A maioria das tendas ao nosso redor estava sendo desmontada, cada pedaço de lona, cada estaca e estaca estavam sendo embalados de forma eficiente, os soldados híbridos

movimentos precisos. Sacos de cama e pertences pessoais eram enrolados e guardados em mochilas, enquanto tendas e outros suprimentos eram carregados em carrinhos de espera. Os soldados gritavam ordens uns para os outros, suas vozes estrondosas superando o barulho do equipamento e o farfalhar das lonas.

É claro que ninguém achou por bem me dizer quando marcharíamos.

Mas era evidente que em breve estaríamos em movimento e eu não teria outra oportunidade de colocar os meus próprios planos em prática.

“Vossa Majestade?”

Virei-me para oferecer a Previs um sorriso gentil, mantendo meu olhar baixo para que ele não visse a fúria que provavelmente queimava meu rosto.

Alguém começou a xingar rudemente. Eu levantei minha cabeça.

Um soldado conduzia seu cavalo em direção aos estábulos. Foi fácil ver o que havia acontecido, uma aba da tenda quebrada, voando ao vento.

Enquanto eu observava, o cavalo balançou a cabeça com tanta força que arrancou a corda do soldado que caminhava com ele.

Um casco fez contato com o ombro do soldado enquanto ele empinava, fazendo-o voar. O cavalo disparou em nossa direção, deslizando pela fileira de tendas.

A gritaria se transformou em gritos de pânico. O que se transformou em xingamentos e – em um caso – em um grito estridente.

Previs tentou me puxar para a direita. Soltei meu braço e mergulhei para a esquerda. E então eu rolei.

Eu não teria outra chance como essa. Esta foi uma distração fornecida pelos próprios deuses. Prova de que meu caminho planejado foi aprovado por eles.

A certa altura, os híbridos trocaram meu vestido imundo por roupas de soldado. Fiquei completamente enojado por ser forçado a andar por aí vestido com calças compridas e uma túnica. Agora, eu mais do que apreciei o fato de não ter sido forçado a lidar com todo aquele tecido enquanto rastejava pelo espaço entre duas tendas.

O cavalo ainda não havia sido capturado, mas seria em breve. E aqueles soldados voltariam a sua atenção para o facto de eu estar desaparecido.

Me mexi mais rápido, mantendo a cabeça baixa. A essa altura, eu já sabia a rota exata para chegar à tenda de Zathrian vindo de qualquer lugar do acampamento. Quando eu estava a várias fileiras de distância, não conseguia mais engatinhar sem chamar a atenção. Aqui, os soldados olhavam com interesse para o caos à nossa direita, mas continuavam a cumprir as suas tarefas.

Ficando de pé, caminhei propositalmente, mas não muito rápido. Meu coração estava na boca enquanto me dirigia para a fileira que me levaria atrás da tenda de Zathrian. Mas todos estavam muito envolvidos em suas tarefas e na distração que o cavalo havia causado para prestarem muita atenção em mim. Provavelmente ajudou o fato de eles terem me visto andando por ali muitas vezes com Previs.

Quase tropecei em uma corda que segurava uma das estacas da tenda no lugar, mas tomei isso como um sinal, caindo de joelhos ao me aproximar da tenda de Zathrian. A lona estava tão esticada que era difícil levantá-la, e fui forçado a lutar com ela, com suor escorrendo pela minha testa enquanto enfiava um braço por baixo da tenda.

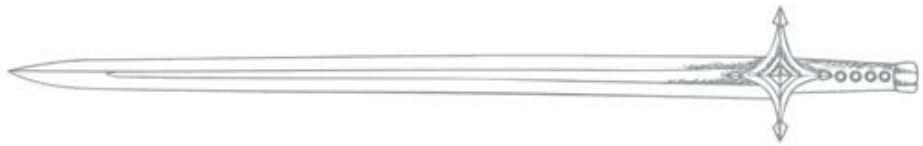
Nenhum som veio de dentro da tenda. Meu sangue virou gelo. Eu escolhi a barraca errada? Eu teria apenas uma chance nisso.

Levantei a lona o suficiente para enfiar a cabeça por baixo dela, consciente de que se um soldado nervoso estivesse esperando nesta tenda, poderia ser a última coisa que eu faria.

"Bem, bem, bem." Zathrian sorriu, apoiando-se em um cotovelo como se estivesse escolhendo se deitar e não porque estivesse acorrentado ainda mais perto do longo poste de metal do que eu. “Por que não estou surpreso em ver você entrando furtivamente na minha tenda?”

Com isso, empurrei com todas as minhas forças. Se alguém visse minhas pernas penduradas na lateral desta tenda, eu estaria morto.

“Não temos muito tempo.”



Zathrian ergueu uma sobrancelha enquanto observava a poeira que me cobria. "Tenho certeza."

“Você ainda deseja levar sua coroa?”

Toda a diversão deixou seu rosto. "Você veio aqui para me provocar?"

"Não. Vim aqui para negociar com você. Ainda é possível que você e eu sejamos os únicos a governar no final disso.”

Ele inclinou a cabeça, mas permaneceu em silêncio.

Eu dei a ele um olhar frio e calmo. O visual que aperfeiçoei na corte de Regner. “Falei com meu filho. Ele usará seu poder para o propósito correto quando chegar a hora.”

Zathrian sentou-se. “Estou ouvindo.”

ASÍNIA

Demos estava certo.

O fato de Regner ter permitido que Rekja expulsasse seus soldados de Gromalia não fazia sentido.

Até que recebemos a mensagem da Prisca e de repente as peças se encaixaram.

Os soldados que Rekja pensava que estavam recuando estavam realmente se movendo para o oeste, em direção à passagem de Asric – onde massacrariam os híbridos que viajavam em direção à passagem há semanas.

Regner esperou como uma aranha insidiosa enquanto movíamos nosso pessoal

para sua teia. Como ele deve ter rido quando finalmente começamos a enviar nosso pessoal para a passagem.

Exatamente onde ele os queria.

Aquela nuvem pesada caiu sobre mim mais uma vez, minha mente lenta e espessa como neblina.

Cabia a Demos contar à tia os verdadeiros planos de Regner. E como sempre, ele não hesitou. Não adiei a tarefa. Nem tentei realmente suavizar o golpe. Porque não era isso que Demos era.

E ainda assim, a tristeza escureceu-lhe os olhos quando Telean ficou branco. Ela cambaleou e ele pegou sua mão, conduzindo-a até uma cadeira em seu quarto.

“Claro”, disse ela, e sua voz estava sem vida. “É claro que ele mataria primeiro os mais vulneráveis de nós. Para que o resto de nós perca toda a esperança.”

Ao lado da janela, Gwynara estava pálida. “Todas aquelas crianças…”

“Mapa”, disse Demos.

Gwynara abriu a porta de Telean, chamando Brinlor. Ele apareceu de volta com um mapa na mão e, juntos, o ajudamos a estendê-lo sobre a mesa baixa.

“Quando viajamos em direção à mina, os regimentos de Regner estavam aqui, aqui e aqui.” Demos enfiou o dedo em vários pontos de Eprotha.

“Eles mudaram de local desde que Lorian iniciou sua matança quando Prisca foi capturada, mas nunca consegui entender por que Regner estava reunindo seus soldados no centro de Eprotha.”

Eu balancei a cabeça. “Quando viajamos de volta para encontrar Telean, não havia sinais desses regimentos.”

“Sim”, disse Demos. “Se ele os tivesse movido para o sul, nossos batedores os teriam notado. Sem falar que Rekja teria enviado mensagens implorando por ajuda. Mas em vez disso, Regner retirou os seus soldados *de* Gromália.”

“Nosso próprio exército estava marchando para o norte para se encontrar com o regimento de Rekja”, apontei. “Talvez Regner não estivesse preparado.”

Demos balançou a cabeça. “Temos no máximo vinte mil soldados em Gromália. Um terço deles são fadas, mas Regner teria feito concessões a isso com sua magia roubada.

“Ele sabia que estávamos posicionando nossos exércitos em Gromalia”, eu disse.

"Sim. E suas aranhas estão por toda parte. Regner precisava saber que Conreth também se juntaria aos nossos exércitos. Sem mencionar a frota de Daharak movendo-se para o sul...” A voz de Demos ficou fria de raiva. “Ele está apenas enviando alguns de seus soldados para o Passo Asric. O restante deles se moverá para noroeste em direção às Montanhas Normathe. Milhares de seus soldados tomarão a maldita passagem de Normathe e impedirão que nosso povo use o túnel híbrido para Lyrinore. Nosso povo não terá para onde ir.”

Meus pulmões paralisaram e a sala pareceu recuar, até que o mapa era tudo que eu conseguia ver.

“Precisamos movimentar nosso exército”, disse Telean. Ela parecia ter envelhecido dez anos. Meu coração doeu.

Estudei o mapa enquanto segurava meu lado para baixo. “Para onde? Se transportarmos os híbridos através do Passo Asric, eles acabarão no lado ocidental do continente. Prisca acha que Regner atacará do Mar Adormecido, o que significa que nosso povo ficará preso entre seus navios e seu exército marchando do leste através da passagem. Se o nosso exército marchar atrás deles, poderemos matar os soldados de Regner na retaguarda das suas linhas, mas o nosso povo ainda será massacrado.

Demos apenas assentiu. Seus olhos percorreram o mapa.

“Ordenamos que eles viajem por Eprotha e pelas montanhas Normathe antes que o exército de Regner possa tomá-la”, disse Demos.

"Você está louco?" Suas palavras trouxeram Telean de volta à vida.

“Eles não podem marchar pelo meio de Eprotha.”

"Por que não?" Demos enfiou o dedo no meio do reino humano. “Como acabamos de ver, os regimentos de Regner não foram encontrados em lugar nenhum.”

“Porque eles vão viajar pela passagem de Normathe”, eu disse, olhando para ele.

"Eles são. Mas acho que podemos vencê-los lá.”

"Como?"

“Leva tempo para mover cinquenta mil soldados humanos. Eles precisam descansar com mais frequência e por mais tempo do que os híbridos e as fadas. Regner já tem problemas de moral. E vamos desacelerá-los muito mais. É hora de enviar uma mensagem para Natan.”

Meu coração disparou. “Ele queria desacelerar o exército, mas também queria

usar seu povo durante a batalha. Para criar o caos nas falas de Regner…”

Deixei minha voz sumir. Não precisei dizer a próxima parte da frase.

Que se o povo de Natan tivesse sucesso, provavelmente seria capturado e morto muito antes de enfrentarmos Regner.

“Se não desacelerarmos esse exército, não haverá batalha. Haverá apenas um massacre. O povo de Natan já tem espalhado desinformação, incitado lutas internas e perturbado as comunicações. Agora, eles começarão a sabotar equipamentos, adulterar suprimentos e atacar generais.”

Um suor escorregadio brotou na minha nuca. Se fossem pegos, estariam mortos. E ainda assim, se suas táticas pudessem nos dar pelo menos algumas horas para levar nosso exército primeiro ao Passo Normathe...

“Ainda levará algum tempo para o nosso exército viajar para o norte”, disse Demos. “Então, precisamos chegar até Vicer e os três mil híbridos que estão com ele. Protegeremos a entrada do Passo Asric e ganharemos o máximo de tempo que pudermos até que a ajuda chegue.”

O silêncio tomou conta da sala.

Foi uma loucura. No mínimo, foi audacioso, arriscado e perigoso.

Mas era nossa única chance. Não havia outra forma de posicionar o nosso exército ao longo da costa para proteger o nosso povo.

“Logística,” Telean resmungou.

Demos suspirou. “Kaelin Stillcrest disse que a passagem pelas Montanhas Normathe é mais perigosa do que a Passagem Asric, mas era seu único plano caso eles fossem atacados. É claro que esse plano dependia de seus batedores perceberem que os guardas de Regner estavam a caminho vários dias antes de realmente atacarem.” Sua expressão escureceu e sua mão apertou levemente o canto do mapa antes de soltar o punho, alisando o pergaminho.

“Precisamos que Rekja marche com o resto do nosso exército”, disse Demos em meio ao silêncio. "Agora. Se cortarem para oeste através de Gromalia até Eprotha, perto de Crawyth, evitarão o regimento de Regner. De lá, eles seguem para o norte.”

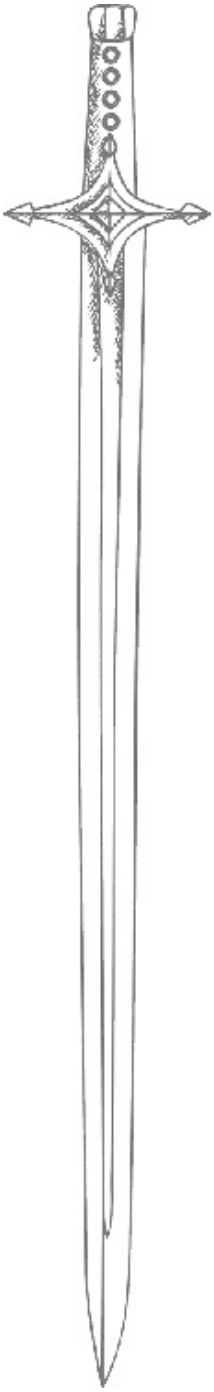
— Eles vão ficar exaustos — disse Telean, com os olhos austeros.

“Eles vão”, disse Demos. “Estamos lutando para colocar nossos exércitos no lugar.

E quando chegarem, estarão cansados de viajar tão rapidamente. O moral estará baixo e os suprimentos também. Regner está conseguindo exatamente o que queria.”

26

Asínia



Não levamos mais um dia e meio para nos encontrarmos com Vicer e os híbridos.

Havíamos viajado a maior parte da noite, parando apenas para permitir que os cavalos descansassem e dormindo algumas horas.

Encontramos o acampamento deles a um dia de viagem do sopé das Montanhas Asric, ao longo da fronteira entre Eprothan e Fae. Os círculos sob os olhos de Vicer eram tão escuros que pareciam quase tinta, e eu o envolvi em um abraço.

Ele me deu um tapinha nas costas. “É bom ver você, Asinia.”

“Onde podemos conversar?” Demos perguntou.

Vicer nos levou até sua tenda. Firion criou uma proteção de som e Demos acenou com a cabeça em agradecimento. O resto de nós sentou-se no chão. Até mesmo os Fae pareciam exaustos pelo quanto nos esforçamos para chegar até Vicer.

Mas Demos se virou e colocou a cabeça para fora da tenda. “Eu preciso de Stillcrest,”

ele disse para alguém. “Traga-a aqui.”

Quando ele se virou para nos encarar, seu olhar encontrou o de Vicer. "O que aconteceu?"

Fios de cabelo de Vicer se soltaram do rabo de cavalo baixo que ele normalmente usava, e ele os tirou do rosto.

“Finley não era a única aranha em nossas fileiras. As armas começaram a desaparecer, os cavalos ficaram mancos de repente, o mingau causou um surto de intoxicação alimentar tão extenso que perdemos um dia inteiro de marcha. O tempo mudou e todos pareceram ficar doentes novamente ao mesmo tempo. Tentamos manter aqueles que estavam tossindo separados dos outros, mas... — Sua voz foi sumindo.

“Você tem suas suspeitas?” Demos perguntou.

"Sim. Tenho pessoas de maior confiança vigiando qualquer pessoa suspeita de ser uma das aranhas de Regner, mas preciso ter certeza absoluta de que não estão prendendo inocentes. Ele soltou uma risada amarga. “Você pensaria que poderia ajudar o fato de que as teias de Regner geralmente aparecem em rostos, pescoços e gargantas assim que suas aranhas começam a cumprir suas ordens. Mas é horrível para o moral. Os soldados começaram a nutrir desconfiança nas pessoas com quem dormem e marcham ao lado.

Quando o mingau ficou sujo, um dos cozinheiros cortou a própria garganta logo depois de todos terem sido servidos. E cada centímetro do seu rosto estava coberto por uma teia negra."

Minha cabeça girou com a imagem que suas palavras evocaram. Certa vez, Demos me disse que a confiança era tudo na guerra. Você tinha que confiar que o soldado ao seu lado manteria a linha até o momento de sua morte. Se ele se virasse para correr, os outros também o fariam, e tudo estaria perdido. As batalhas ao longo da nossa história foram vencidas e

perdido com base não apenas em armas, clima ou localização. Mas também pela coragem, amizade e bravura.

Os lábios de Demos se estreitaram. "Envie uma mensagem para Rekja," ele ordenou a Firion.

"Diga a ele para proteger Tor com tudo o que ele tem. Não quero ninguém perto dele, exceto Rekja e Thora."

Minha boca ficou com água. Claro. Com tantas aranhas começando a se revelar, era provável que uma delas estivesse perto de Tor. E qualquer um que fosse magicamente obrigado a proteger Regner saberia que Tor era atualmente a maior ameaça ao rei humano.

Firion assentiu, saindo da tenda enquanto Kaelin Stillcrest entrava. Eu não pensei que ela pudesse parecer muito pior do que da última vez que a vi.

Mas eu estava errado.

Ah, ela ganhou o peso necessário desde o casamento de Prisca e Lorian. Mas suas bochechas estavam encovadas e ela parecia sonâmbula. Não havia vida em seus olhos. Nada exceto determinação fria.

Stillcrest não disse uma palavra e Vicer não olhou para ela.

Demos contou-lhes sobre os planos de Regner para atacar os híbridos na passagem.

Stillcrest fechou os olhos, o rosto perdendo a cor.

E vice…

Ele se dobrou como uma marionete com os fios cortados. Seus joelhos enfraqueceram até que Demos saltou para frente, guiando-o para baixo até que ele se sentasse no chão.

Os olhos de Vicer se encheram de lágrimas e, pela primeira vez desde que o

conheci, seu rosto era uma máscara de pura e implacável desesperança. Meu intestino se apertou. Depois de tudo que Vicer tinha visto e feito pelos híbridos em Eprotha e Gromalia, este era o momento que poderia quebrá-lo.

“Não tivemos tempo suficiente”, Vicer disse estupidamente. “Assim que os soldados de Regner morreram, os anciãos começaram a conduzir qualquer um que conseguisse passar pela passagem até o túnel que os levaria para casa. Mas a viagem até ao primeiro acampamento foi longa e perigosa. E a chuva tornou a passagem traiçoeira. Menos da metade das pessoas que pensávamos que conseguiriam atravessar a passagem se mudaram para o outro lado das montanhas. O restante está esperando no acampamento temporário na entrada da passagem. E mais híbridos chegam lá todos os dias.”

A urgência me colocou de pé e olhei para ele. “Você precisa avisar os híbridos que esperam na entrada da passagem. Eles não terão muito tempo para chegar ao túnel antes que a frota de Regner chegue.”

Demos recorreu a Stillcrest. “Preciso que você conte aos nossos generais tudo o que sabe sobre a passagem pelas montanhas Normathe. Qualquer detalhe que você possa lembrar. Qualquer coisa que possa ajudar nosso pessoal a viajar pela cordilheira mais rapidamente.”

Ela assentiu. Seu olhar disparou ao redor até encontrar o meu. A repentina intensidade em seus olhos foi quase chocante.

“Todos nós vamos morrer, não vamos?”

Eu me assustei. Ela ainda estava olhando para mim, como se não pudesse confiar em nada que Vicer ou Demos diriam. Eu abri minha boca.

E isso me atingiu.

Sim. Havia uma boa possibilidade de morrermos. Quando fiquei preso na masmorra de Regner, não tive nada em que me concentrar, a não ser na minha morte iminente. Mas agora... agora eu tinha voltado minha atenção para tudo, exceto para a realidade da batalha que estava por vir. Eu não tinha me permitido compreender a realidade do que nossos números significavam em comparação com os de Regner.

Até este momento.

O olhar de Stillcrest queimou o meu. Engoli em seco e sua expressão ficou vazia.

“Vamos chegar à passagem antes do regimento de Regner. E vamos manter a linha até que a ajuda chegue”, disse Demos.

Stillcrest assentiu. Mas seu olhar caiu no chão. Ele não respondeu à pergunta dela. E isso foi uma resposta em si.

“Sei que você está viajando o mais rápido possível, dadas as circunstâncias”, disse Demos a Vicer. “Mas precisamos que este acampamento se mova novamente ao amanhecer. Aqueles que não puderem viajar ficarão para trás, mas espera-se que sigam amanhã. Não temos tempo a perder.”

Vicer assentiu. “Estávamos planejando partir ao amanhecer de qualquer maneira. Existem algumas tendas vazias para você. Vou te mostrar onde eles estão.”

Eu o segui com gratidão, mais do que pronta para tentar bloquear o mundo e dormir algumas horas. As tendas ficavam perto da de Vicer, e não fiquei totalmente surpreso quando Demos pegou minha mão e me levou para dentro da tenda que ele havia designado. Ele se sentou no banquinho e sua cabeça caiu para frente, até encostar na minha barriga. Passei meus dedos pelos cabelos dele.

“Eu deveria ter previsto isso”, disse ele.

“Eu não sabia que você era uma vidente,” eu disse suavemente.

Ele bufou, mas não levantou a cabeça.

“Simplesmente não entendo como Regner chegou ao nosso pessoal. Eles não são crianças.”

Arranhei suavemente seu couro cabeludo com as unhas e ele arqueou a cabeça como um gato. “Ele está empunhando aquele grimório de maneiras novas e ainda mais aterrorizantes.

Escondendo todos aqueles navios para que ele pudesse afundar metade da frota de Daharak… Se ele tivesse conseguido fazer isso meses atrás, a própria Daharak já estaria morta.”

Demos levantou a cabeça. Seus olhos estavam um pouco vidrados, mas clarearam enquanto ele me observava. “Quanto mais ele usa o grimório, mais ele pode fazer com ele.”

Lentamente, ele se levantou. “É por isso que ele quer ir para a guerra agora. Ele é o mais forte que já foi. E alguma parte dele deve saber que o deus das trevas está vindo buscar aquele grimório. Regner precisa solidificar o seu domínio neste continente antes que isso aconteça.”

O desespero me corroeu. Se Demos sentiu algum indício dessa emoção, não era evidente. Seus olhos estavam firmes e focados.

“Eu não vou deixar você morrer. Você sabe disso, não é?

Eu abri minha boca. Fechei. Abri mais uma vez. “Demonstração…”

“Eu vi seu rosto naquela tenda. Quando Stillcrest disse que morreríamos. E quero que você saiba que farei o que for preciso para mantê-la viva, Asinia.

Você vai sobreviver a isso. Eu prometo.

“Não faça isso, Demos. Não me prometa isso. Eu conhecia esse homem bem o suficiente para saber que ele cumpria sua palavra. Somente os deuses sabiam o que ou quem ele sacrificaria para cumprir essa promessa.

Ele apenas me deu um sorriso triste.

“Não era assim que eu queria que fizéssemos isso,” ele murmurou, empurrando para trás uma mecha de cabelo que havia se soltado da minha trança. “E eu sou o único culpado por perder tanto tempo. Continuei dizendo a mim mesmo que mais tarde haveria mais tempo para me tornar o homem que você merecia. Eu tinha certeza de que, uma vez que ganhássemos esta guerra, eu poderia fazer isso corretamente. Eu poderia cortejá-lo.

Ele se inclinou ainda mais perto, até que estávamos a centímetros de distância. Seus dedos traçaram suavemente meu rosto, seu olhar seguindo cada traço, como se estivesse memorizando.

Olhos verde-dourado encontraram os meus e minha respiração ficou presa.

“Eu não estava sendo completamente honesto quando disse que não sabia o que queria. Que não me deixei pensar no que virá depois desta guerra. A verdade é que quero saber que você está seguro. Que você está feliz e realizado. Que



você está criando roupas lindas e vivendo a vida que sempre sonhou naquela vila. E se ainda estou respirando, quero fazer parte dessa vida.”

Meu coração batia tão forte que eu podia ouvi-lo em meus ouvidos. Minha visão nadou. “Você estará respirando. Prometa-me.

Ele sorriu, parecendo subitamente mais jovem. E pude ver um indício do homem que ele poderia ser um dia, quando não passasse esses dias consumido pela guerra e pela morte. Um homem que sorria frequentemente, que usava a sua mente estratégica de forma a melhorar a vida das pessoas, em vez de melhorar a vida das pessoas. Um homem que voltava para casa todas as noites e me beijava generosamente antes de cair no chão para brincar com nossos filhos.

Eu pude ver aquela vida. Estava tão perto que quase pude tocá-lo. E, no entanto, também parecia um sonho impossível.

“Eu prometo”, disse ele. "Eu estarei lá. Se você me aceitar. Ele segurou minha bochecha, seu polegar gentilmente enxugando uma lágrima que havia escorregado. “Agora, me prometa.”

“Eu prometo.”

Ele moveu a mão para a parte de trás da minha cabeça e eu mergulhei em seu beijo, respirando seu cheiro. Nunca poderia imaginar que Demos seria a única pessoa de que eu precisava. Mas olhando para trás agora…

Desde o momento em que nos conhecemos, e ele me intimidou e me convenceu a comer, forçando-me a sobreviver todas as noites naquela cela, isso sempre foi inevitável.

“Aham.” Alguém tossiu fora da tenda. Claramente, Demos era necessário.

Queria abraçá-lo, exigir que quem estivesse esperando nos deixasse em paz.

Mas estávamos em guerra.

Demos se afastou com um longo suspiro. “Descanse um pouco.” Ele olhou ao redor. “Fique aqui.” *Na minha tenda*, seus olhos disseram quando encontraram os meus. *Onde você pertence.* “Vejo você em breve.”

PRISCA

Asinia e Demos estavam com o amuleto.

Nos últimos dias, repeti esse pensamento inúmeras vezes, até que pareceu ecoar em minha mente. Os exércitos demoraram para se mover. E esse sentimento de impotência, a vontade de *fazer* alguma coisa, estava me destruindo.

Mas agora tínhamos os três amuletos e o Tor. Eu tinha que acreditar que seria o suficiente para matar Regner e acabar com esta guerra.

Meu cavalo se mexeu embaixo de mim, provavelmente sentindo minha ansiedade. Ao meu lado, Lorian olhou em minha direção. A preocupação brilhou em seu olhar enquanto ele passava os olhos pelo meu rosto.

Acenei para ele e ele se virou na sela, examinando os soldados formados em suas linhas atrás de nós, com carroças de suprimentos na retaguarda.

Felizmente, estávamos arrumando o acampamento, prontos para marchar para o sul. Ainda assim, descobrir a verdade sobre os planos de Regner nos encheu de

uma nova urgência. Eu enviei dezesseis de nossos híbridos mais poderosos na nave de Regner, esperando que eles alcançassem nosso povo com rapidez suficiente para nos ganhar tempo.

Minha mão encontrou minha ampulheta. Tempo. Tudo se resumia ao tempo.

Nos últimos dois dias, marchamos para o sul da Cidade Amaldiçoada, parando apenas para dormir enroscados em volta de fogueiras todas as noites. À luz daquelas fogueiras, ouvi os soldados híbridos falarem de guerra. Eles falaram de grandes heróis mortos há muito tempo. Eles contaram histórias sobre batalhas passadas, cada relato se tornando mais estranho que o anterior. Eles riram, se vangloriaram e zombaram gentilmente daqueles que nunca haviam entrado em um campo de batalha.

Meus dentes quase batiam de medo cada vez que eu pensava no que estava por vir. E olhei para aqueles soldados - muitos dos quais estariam na linha de frente - e me perguntei como eles podiam falar tão facilmente da morte e do horror da guerra.

Se não fosse pela sua recusa em permanecer na realidade daquilo que iriam enfrentar, estes pais, irmãs, mães e filhos estariam a pensar nas pessoas que os poderiam abandonar, juntamente com aqueles que poderiam deixar para trás.

E assim, parecia que eles se concentraram na glória potencial da batalha.

Quando mencionei essa teoria para Shara, um soldado corpulento com uma longa cicatriz no lado esquerdo do rosto, ela assentiu. “Bravura é uma escolha. No entanto, você não pode esperar até o momento em que precisar ser corajoso para alcançar essa coragem. Porque se você não estiver cuidando dele de propósito, construindo-o, você pode descobrir que ele não está lá quando você precisa dele. Você deve atiçar o fogo da coragem pouco a pouco, dia após dia, para que eles queimem por muito tempo.

antes de você precisar deles. E você alimenta ou apaga esses incêndios – atiçando as chamas ou apagando-as – com as palavras que diz a si mesmo. E com as palavras que você permite que outros falem sobre você na sua presença.”

Agora, enquanto meu cavalo avançava, deixei-me ouvir as palavras que vinha dizendo a mim mesmo desde que acordei naquela cabana depois de trazer Lorian de volta. As palavras que eu havia preenchido o máximo que pude.

E minhas bochechas queimaram.

Eu era um trapaceiro. Uma mulher que ignorou as leis dos humanos e dos deuses. Alguém que violou as regras mais fundamentais do seu próprio poder. Eu era arrogante e orgulhoso — recusando-me a admitir que minhas ações eram de alguma forma erradas. Porque Lorian viveu, e isso era tudo que importava

para mim.

A felicidade que senti foi roubada. Lorian estava sendo assombrado pelos mortos por minha causa.

E…

Respirei fundo. Deuses, doía examinar esses pensamentos.

Mas eu cavei mais fundo.

Aquela pequena voz na minha cabeça me provocou sobre como nada disso precisava acontecer. Recebi uma profecia que estudei noite e dia. Se eu tivesse entendido o que estava acontecendo *três segundos antes* , Lorian nunca teria sido atingido pelo poder de seu irmão.

Eu falhei. E então encobri meu próprio fracasso enganando os deuses.

E eu faria isso de novo.

“O que foi, gato selvagem?” Lorian murmurou.

“Eu só estou... pensando.”

Eu podia sentir sua preocupação, mas não conseguia olhar para ele.

Não quando me senti tão indigno.

Fechando brevemente os olhos, cutuquei o local onde deveria estar meu poder.

Ainda nada. E ainda assim, em algum momento ao longo do caminho, minha fúria e frustração se transformaram em resignação. Depressão. Eu aceitei que meu poder se foi, pensando apenas em como lidaria com a perda dele.

E então, olhei por cima do ombro esquerdo, para onde Zathrian estava cavalgando ao lado de Kaliera, ambas as mãos algemadas, a corrente levando à sela de Galon.

Os olhos do meu primo encontraram os meus e ele ergueu uma sobrancelha.

“Se você de alguma forma sobrevivesse a isso, o destino exigiria uma igualdade sacrifício. O tipo de sacrifício que iria assombrar você.”

Quando meu poder não retornou, presumi que esse fosse o sacrifício. E mesmo que eu esperasse e desejasse que isso voltasse, para nos ajudar nesta guerra...

Zathrian estava certo.

Sua voz passou pela minha mente mais uma vez.

“Eu não disse que eles não podem esconder magia. Afinal, eles podem brincar conosco em todos tipos de maneiras diabólicas.”

Eu pesei meu poder contra a vida de Lorian e os considerei iguais.

Eu estava mais do que disposto a trocar um pelo outro se isso significasse que Lorian viveria.

Então, os deuses me enganaram.

“Aquilo que pode ser escondido também pode ser encontrado. Talvez você não tenha realmente quero encontrá-lo. Ou talvez você simplesmente não tenha se esforçado o suficiente.”

Assim como fiz naquela tenda, tentei afastar as palavras de Zathrian.

Mas eles continuaram a me insultar.

“Você sabe o que eu acho? Eu acho que você acordou sem o seu poder, e você inconscientemente se agarrou a isso como o castigo que os deuses lhe deram por voltar no tempo aqueles poucos segundos. Alguma parte de você ficou aliviada com o pensamento de que a perda do seu poder foi o seu castigo. Porque isso significava que sua punição não seria envolver perder alguém que você amou esta guerra.”

Se ele estivesse certo…

Minhas mãos apertaram as rédeas e meu cavalo balançou a cabeça. Eu imediatamente afrouxei meu aperto, acariciando seu pescoço.

Eu não sabia se conseguiria viver com a ideia de ter ficado aleijado durante esta guerra.

Lorian disse algo em voz baixa para Galon.

E então estávamos parando. Nossos olhos se encontraram e percebi que ele estava parado ao lado do meu cavalo, estendendo a mão.

Eu permiti que ele me ajudasse a descer.

“Uma breve pausa,” ele disse cuidadosamente. “Para os soldados descansarem os pés.”

Eu balancei a cabeça. “Eu preciso de um momento,” eu engasguei.

A frustração brilhou em seu rosto. Lorian não estava acostumado a se sentir impotente. E ele não gostaria de pensar em mim fora de vista. Ainda assim, eu sabia que ele permitiria isso, apenas porque sentia que algo estava muito errado.

Fiz uma curta caminhada até um bosque próximo. Quando eu estava fora de vista, respirei fundo.

De alguma forma, eu rejeitei o mesmo poder que me permitiu salvar a vida de Lorian, de repente com medo de usá-lo novamente de uma forma que faria Telean sentir nojo de mim. Uma forma que colocaria mais pessoas em risco.

Depois que o acampamento de Stillcrest foi atacado, foi como se uma parte de mim tivesse decidido que a culpa era do meu poder. Mesmo que tenham sido as escolhas que fiz com esse poder que levaram a essas consequências.

"Você é meu sangue. E espero melhor da minha neta do que um rainha que entrega seu poder a qualquer um *."*

Minha avó me avisou. Tanto quanto ela pudesse. E logo após essa conversa, entreguei meu poder – tanto minha magia do tempo quanto minha autonomia – aos deuses.

Fechei os olhos. E desta vez, eu não apenas estimulei meu poder. Não puxei os fios que normalmente vinham tão facilmente para mim.

Não, eu agarrei uma espada metafórica e golpeei cegamente tudo o que estava me impedindo de sentir minha própria magia.

E de repente, eu *pude* sentir isso. O mais leve sussurro do meu poder, escondido, mas não roubado. Uma onda inebriante percorreu minhas veias.

Meu poder não desapareceu.

Não havia desaparecido. Estava simplesmente preso atrás de uma parede de pedra e ferro feérico.

Os deuses o esconderam. Mas eu encontrei. E eu o libertaria.

Uma parte de mim ainda desejava que os deuses realmente tivessem tomado meu poder, mesmo agora. Porque a ideia de contar a todos que eu amava que eu tinha feito isso comigo mesmo...

A náusea percorreu meu corpo e eu ofeguei.

Meu poder desapareceu. Como se nunca tivesse estado lá.

Não. Não, não, não!

Concentrei-me na lâmina da minha espada, afiando-a com cada gota de força de vontade que tinha. Prolongando-o com pensamentos sobre os híbridos que nos esperam.

Fortalecendo-o com a raiva que queimava dentro de mim. Retirando minha espada, coloquei tudo em meu próximo golpe. A lâmina atingiu a pedra e o ferro da parede. E a parede começou a desmoronar.

Ouvi um soluço sair da minha garganta, mas mantive os olhos fechados, mesmo quando de repente fui envolvido por uma profunda e fervente poça de desgosto.

Zathrian estava certo. Ninguém tinha feito isso comigo. Os deuses não tomaram meu poder. Eu não tinha queimado.

Não, eu *me aleijei* . O que foi muito, muito pior.

me tornei indefeso. Eu *me tornei* uma vítima.

E se eu não tomasse cuidado, construiria aquele muro mais alto em torno do meu poder, usando minha própria auto-aversão.

Eu podia sentir isso agora – como uma nuvem negra espessa e raivosa, pousando sobre a pedra e o ferro feérico à minha frente.

Não importa o quanto eu destrua aquela parede, ela será reconstruída. De novo e de novo e de novo.

Meu peito doeu e respirei fundo e trêmulo, procurando uma nova abordagem.

Encostado na árvore, deixei os sentimentos horríveis e venenosos inundarem meu corpo. Meu estômago revirou, meus membros formigaram e minha garganta ficou obstruída.

Pela primeira vez, não afastei esses sentimentos. Não fingi que a voz na minha cabeça não existia.

Senti toda a vergonha, nojo, fúria e desamparo.

O mundo não acabou. Os sentimentos não me mataram. Eles vieram em ondas, recuando cada vez mais.

E então... por alguns segundos... eu estava em paz.

Os sentimentos ainda estavam lá, mas de alguma forma silenciados. Eu poderia pensar em torno deles.

Permitindo que os sentimentos me inundassem se quisessem - porque eu poderia

lidar com eles - busquei meu poder.

E saltou sobre mim como um cachorrinho que ficou sozinho por dias.

Eu peguei para mim, mas não precisei. Meu poder era forte e profundo... tão profundo que era como se estivesse apenas esperando que eu o reconhecesse mais uma vez.

Agarrando a ampulheta pendurada no pescoço, respirei fundo novamente, abrindo os olhos.

Eu nunca concordei em seguir as regras dos deuses. Eu não me importei que eles dissessem que o que eu tinha feito com meu poder era proibido.

Tudo o que importava era o que eu poderia fazer com meu próprio poder. Quaisquer possibilidades que esse poder me desse eram minhas para explorar.

Eu estava cansada de me sentir culpada por usar o que nasci para exercer. Se houvesse a menor chance de poder usá-lo da mesma maneira para salvar alguém que amava — e não morrer —, eu faria isso de novo.

A náusea me invadiu. Eu precisava falar com Lorian. Eu teria que contar a ele o que tinha feito. Quanto eu quase nos custou. Por um longo momento, eu

lutou com a vergonha disso. Captei movimento com o canto do olho.

“Você pode vir,” eu resmunguei.

Lorian estava instantaneamente na minha frente.

"O que é?"

“Eu recuperei meu poder.”

Ele assentiu.

“Você não parece surpreso. Você sabia que estava lá, não é? Por um momento, a traição me sufocou. Mas fazia sentido. Galon e Marth também deviam saber. De acordo com meu primo, a única razão pela qual eu não conhecia as limitações dos deuses era porque cresci com os humanos.

“Seu esgotamento foi muito real. Mas à medida que isso continuava, eu sabia que os deuses estavam pregando algum tipo de truque.”

Dei um passo para trás com muito cuidado. Lorian parecia como se eu tivesse batido nele.

"Por que você não me contou isso?"

“O que você acha que teria acontecido se eu lhe dissesse que você poderia acessar seu poder? Que os deuses provavelmente estavam escondendo isso de você? Eu vi você com dor de cabeça todos os dias enquanto tentava usá-lo.”

“Eu teria sido consumido por isso”, admiti. “Eu teria me permitido marinar em meu próprio desgosto. Eu teria questionado cada decisão.”

Lorian segurou minha bochecha. “Alguma parte de mim se perguntava se os deuses realmente haviam tomado seu poder, gato selvagem. Eles estão muito interessados em você. E se fosse esse o caso, você precisava aprender que seria igualmente merecedor de sua coroa sem ela. Ele olhou para mim, estudando meu rosto. Uma leve carranca apertou sua testa. “Mesmo agora, depois de tudo que passamos, uma parte de você pensou que eu iria te atacar quando você me contou.”

A negação passou por mim e agarrei sua camisa. "Não. Não pensei que você se voltaria contra mim. Mas eu estava nervoso. Eu nunca iria querer desapontar você.

“Achei que tinha sido claro, gato selvagem. Não há nada que você possa fazer.

Nada que você pudesse me contar, nenhuma vergonha grande demais para você compartilhar comigo.

Enrolando meus braços em volta de seu pescoço, eu o puxei. Lorian não hesitou, seus lábios acariciando os meus enquanto seus braços se apertavam ao meu redor.

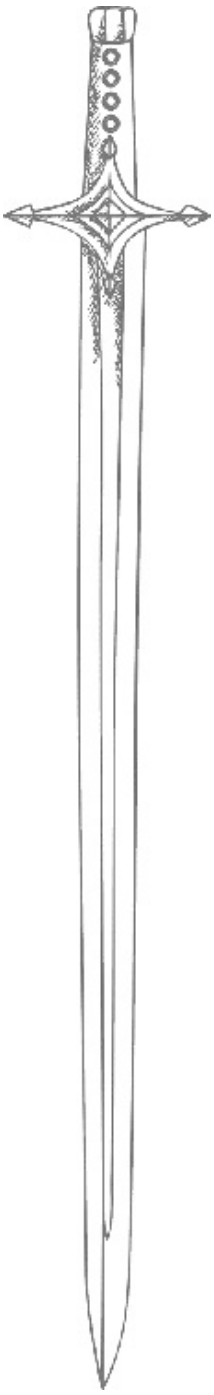
“Precisamos voltar,” murmurei contra sua boca.

Relutantemente, ele me levou de volta ao meu cavalo. Galon transmitiu a mensagem de que estávamos prestes a começar a marchar mais uma vez.

Assim como as primeiras gotas de chuva atingiram meu rosto.

27

Madínia



ythos continuou tentando conversar. Eu o ignorei, contando o tempo com base nas refeições que recebíamos. Eventualmente, porém, comecei a perder o controle. Tudo que eu sabia era que já estávamos aqui há muito tempo.

Tempo suficiente para que Prisca e os outros pudessem estar na linha de frente sangrando e morrendo, enquanto estávamos presos aqui, enlouquecendo lentamente.

Um grunhido baixo e masculino soou. Rythos havia passado as pernas pelas barras da nossa jaula e estava pendurado de cabeça para baixo fazendo abdominais. Quando a porta principal da cela se abriu, ele quase caiu.

Eu sorri. Rythos se desembaraçou das barras e encostou-se nelas. Sua insistência em tocar as barras feitas de ferro feérico provavelmente fazia parte de algum jogo que ele estava jogando com seu irmão. Se isso o machucou, era impossível dizer pelo olhar predatório em seus olhos.

A mulher que entrou no corredor era pelo menos um palmo mais alta do que eu e parecia ter passado os dias no campo de batalha, brandindo a espada. Ela usava um vestido cinza escuro e, quando sorriu para mim, vi Rythos em seu sorriso.

“Primo”, disse ela, aproximando-se das grades.

“Miric. Esta é Madínia.

Ela me deu um aceno de cabeça. Mas o sorriso dela desapareceu e ela zombou de Rythos.

"Você realmente estragou tudo desta vez."

“Estou ciente.”

“Verdion e Brevan me enviaram aqui para convencê-lo a cooperar com eles. Finja que estou fazendo isso e me diga exatamente o que aconteceu *e* o que você estava pensando.”

Apesar da situação, uma onda de diversão passou por mim. Qualquer mulher que pudesse dar ordens a um dos Fae dominadores era uma força a ser reconhecida.

Rythos contou tudo a ela. Quando ele chegou à parte sobre Verdion concordar em cooperar com Regner muito antes de sabermos que a guerra era uma possibilidade, os olhos de Miric ficaram assombrados.

“E seu irmão não vê problema nisso?”

“Meu irmão não é rei. Ainda."

Ela acenou com a mão. “Isso não significa que ele não tenha influência. Lorian e os outros... eles estarão esperando por você.”

“Eles estarão esperando por *nós* . Pela frota de navios Arslan que pode determinar se algum de nós sobreviverá a esta guerra.”

Ela soltou um suspiro trêmulo. Rythos encostou-se nas barras.

“Exatamente como devo cooperar?”

“Eles querem que você remova sua magia do conselho.”

Eu me assustei. “Sua magia ainda está funcionando?”

"Sim. Meu primo se tornou mais poderoso desde que se foi.”

Ela lançou-lhe um olhar afetuoso. “O conselho continuou a desconsiderar as ordens de Verdion e Brevan e está preparando a frota para a guerra.”

Meu coração disparou e me virei para Rythos. “Quanto tempo mais esse poder durará?”

"Não sei. Eu esperava que fosse tempo suficiente para que meu irmão pelo menos ouvisse o que temos a dizer.”

E então a verdadeira conversa começou a acontecer. Rythos e Miric começaram a falar usando as mãos. Eu já tinha visto essa língua antes: um dos filhos de um servo no palácio de Regner havia perdido a audição ainda jovem em um acidente. Mas eu nunca aprendi como me comunicar com ela.

Rythos olhou para mim. “Madinia geralmente tem muito a dizer sobre essas situações.” Ele olhou para as mãos e depois para a porta.

Estávamos sendo ouvidos. E tudo o que disséssemos seria relatado ao seu irmão e pai.

Eu entendi a dica. E eu andei pela cela, soltando um discurso que vinha segurando há dias. As condições eram inimagináveis. Eu não tinha tomado *ar* fresco. Minha primeira apresentação aos Arslan provou que eles eram um povo intolerante, monótono e arrogante que não merecia a bela ilha onde viviam.

Miric riu disso, perdendo a concentração. Rythos me lançou um olhar.

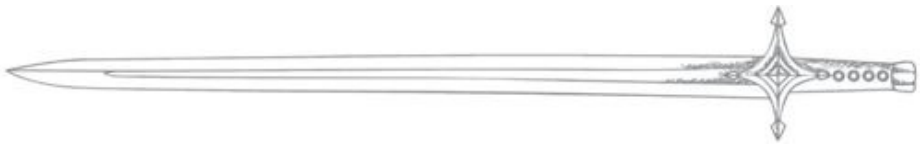
Então, mudei para tópicos mais importantes. Contei a ela — e a quem quer que estivesse ouvindo — tudo o que tinha visto enquanto morava no castelo de Regner. Eu contei a ela como realmente foi crescer em sua corte como um híbrido. E eu disse a ela o quanto ele odiava os Fae – *todos* os Fae.

Alguém bateu na porta com o punho fechado. Falei mais rápido. Eu não seria silenciado. As mãos de Rythos e Miric se moveram tão rapidamente que eram quase um borrão. Eu podia vê-los se interrompendo, balançando a cabeça, planejando alguma coisa.

E então o guarda abriu a porta. Suas mãos congelaram e Miric virou-se para o guarda.

“Sugiro que você pense no que eu disse, Rythos”, disse Miric, seguindo o guarda Arslan em direção à porta.

"Eu vou."



ASÍNIA

Acordei com uma cama vazia. A marca no travesseiro ao meu lado me dizia que Demos havia dormido ao meu lado a noite toda. E eu nem tinha notado.

Eu fiz uma careta, rolando para fora da cama para me vestir. Quando coloquei a cabeça para fora da tenda, ficou claro que Demos tinha me deixado dormir até tarde. A maioria das barracas ao redor da minha já havia sido embalada. Amaldiçoando, calcei as botas, peguei minha capa e armas e pedi desculpas ao soldado que esperava.

Demos estava cuidando do meu cavalo quando o encontrei. Seu olhar acariciou meu rosto enquanto me aproximava.

"Você comeu?"

Eu balancei minha cabeça. “Vou comer em algumas horas.”

Ele enfiou a mão no bolso da capa e tirou um pacote bem embrulhado, entregando-o para mim. Meu peito aqueceu.

Peguei metade do pão e da carne seca, devolvendo-lhe o resto. Ele balançou a cabeça, mas aceitou.

“Você não me acordou ontem à noite,” murmurei.

"Você precisava dormir."

Eu engoli. Depois de tudo que Demos disse... ele estava se afastando de mim mais uma vez?

"Pecado." Ele pegou meu braço. “Eu queria que você descansasse. Hoje será um longo dia e você parecia tão exausto. Além disso, gostei de ver você dormindo na minha cama.

Minhas bochechas esquentaram e ele me deu um sorriso lento. “Da próxima vez que eu colocar você na minha cama, você não vai dormir por horas”, ele

murmurou, e minhas coxas ficaram tensas.

Colocando a mão na minha bota, ele me ajudou a montar.

Vicer enviou um pombo para avisar os híbridos de nossa chegada iminente, e os batedores de Vicer relataram que os soldados de Regner chegariam ao anoitecer de amanhã.

Viajamos rapidamente e era mais difícil respirar à medida que o terreno subia até o sopé das montanhas. Mantive meu manto enrolado nos ombros durante a maior parte da viagem, embora o sol parecesse penetrar em minhas roupas e a brisa trouxesse um calafrio que dançava em minha pele. Algumas horas antes do anoitecer, chegamos ao acampamento onde um grupo de híbridos esperava por nós a centenas de passos da passagem.

O rosto de Tibris foi o primeiro que vi, Herne ao seu lado. Pulei do cavalo, tropeçando alguns passos enquanto minhas pernas protestavam por andar depois de tantas horas na sela.

Ele jogou os braços em volta de mim. E eu o segurei por um longo momento. Demos se aproximou de nós e eu abracei Herne enquanto Demos e Tibris se cumprimentavam.

Herne enrijeceu um pouco e depois relaxou em meu abraço.

“É bom ver você.”

Demos assentiu. “Você não precisava vir nos conhecer.”

“Sim, nós fizemos.” Tibris lançou a Herne um olhar cheio de orgulho e adoração.

“Desde a nossa chegada, passamos cada minuto montando armadilhas para qualquer inimigo que se aproximasse.” Toda a alegria desapareceu de seu rosto. “Nós realmente não pensamos que precisaríamos de tais armadilhas. Eles foram apenas uma precaução.”

“Agora, eles vão salvar vidas”, disse Vicer, com seu cavalo trotando atrás de nós.

Tibris sorriu para ele.

“Como os híbridos souberam como se aproximar?” Demos perguntou.

“Tivemos sentinelas postadas todos os dias. Eles permitem que nosso pessoal passe e lhes dizem como permanecer seguros.”

Tibris gesticulou e nós o seguimos, Demos e eu conduzindo nossos cavalos.

Cada um dos híbridos que esperavam seguiu um caminho diferente, e nosso pequeno exército se separou em grupos que seguiram esses híbridos. Demos não parecia satisfeito com o tempo adicional que levaria para chegarmos ao acampamento, mas até ele soltou vários assobios baixos enquanto Tibris explicava algumas das armadilhas pelas quais passamos.

Muitos deles estavam escondidos sob camadas de folhas e galhos. Os poços profundos eram revestidos de espinhos ou deixados vazios para quebrar os membros daqueles que tinham o azar de cair. Mas também havia centenas de buracos menores e mais rasos, cuidadosamente escondidos e esperando que soldados desavisados quebrassem um tornozelo.

As favoritas de Demos eram as armadilhas para toras oscilantes, acionadas por fios. Grandes troncos balançavam das árvores e, de acordo com

Herne, a força foi capaz de derrubar vários soldados de uma só vez—

e retardando os soldados atrás deles.

Barricadas com pontas foram plantadas em vários pontos, principalmente em passagens estreitas entre as árvores. Redes ocultas enlaçariam o inimigo, e o pessoal de Herne até encontrou uma maneira de fazer com que certas árvores caíssem quando acionadas.

Uma satisfação sombria me inundou quando Tibris e Herne apontaram cada armadilha. Cada soldado que não conseguiu chegar até os híbridos era um soldado que não conseguiu matar um de nosso povo.

“Dê-nos uma atualização”, disse Demos.

Tibris olhou por cima do ombro para ele. “Com bom tempo durante o dia, um híbrido médio leva de seis a oito horas para atravessar a passagem. Obviamente, pode demorar muito mais se estiverem viajando com crianças. No momento em que recebemos a mensagem de Prisca, enviamos o maior número possível de híbridos, mas ainda há centenas de pessoas movendo-se pelas montanhas.

“Enviamos mensagens para todos os nossos contatos, dizendo a todos os híbridos que planejavam viajar para cá para ficarem onde estão. Mas quem já viajava ainda está chegando. Acabamos de receber um grupo esta manhã. Esta é a entrada do acampamento”, anunciou Tibris enquanto nos aproximávamos de uma pequena inclinação. Abaixei a cabeça, evitando um galho baixo, e passei o olhar pelo acampamento.

Aninhado nas Montanhas Minarete, este lugar sempre foi um refúgio temporário. Agora, era evidente que muitos outros híbridos estiveram aqui recentemente – e que muitos desses híbridos fugiram. As tendas eram uma colcha de retalhos de lona e tecido, agrupadas em grupos. A maioria dessas tendas estava vazia,

cercada por uma variedade de roupas, utensílios de cozinha e brinquedos infantis – deixados onde foram deixados momentos antes dos híbridos terem tomado o Passo Asric.

O ar estava pesado com o cheiro de pinho e terra, que se misturava com os sussurros enfumaçados das fogueiras. Vários pequenos riachos cercavam a clareira, a melodia borbulhante era um contraponto calmante à tensão que pairava no ar.

Os híbridos que permaneceram nos deram sorrisos vacilantes enquanto caminhávamos pelo acampamento. A notícia provavelmente se espalhou e eles sabiam o que estava por vir.

Eles também cozinharam para os soldados enquanto esperavam. E ao lado de um enorme pote preto estava Margie — a mulher que se tornara quase uma mãe para Vicer. Prisca ficaria aliviada em saber que ela estava bem.

Enquanto observávamos, Margie ordenou que os soldados formassem filas para o jantar – uma simples refeição de pão duro, carne fria e um ensopado que parecia ter mais água do que sabor. Ainda assim, os soldados aceitaram suas rações com gratidão, acenando em agradecimento aos outros híbridos que prepararam a refeição para eles.

Demos ficou na extremidade do acampamento, observando enquanto os soldados faziam o seu melhor para se prepararem para a batalha que tinha pela frente, sem aterrorizar as mulheres e as crianças, os doentes e os idosos. Sua expressão era pensativa, sua mente claramente voltada para a estratégia mais uma vez.

Um grupo de crianças se aproximou, suas expressões eram uma mistura de curiosidade e admiração. Eles moviam-se com a energia despreocupada dos jovens, um forte contraste com os preparativos sombrios que aconteciam ao nosso redor.

“Você é o príncipe”, disse uma garotinha, não mais do que sete invernos. Seu cabelo encaracolado emoldurava seu rosto como a juba de um leão, sua postura ousada e queixo erguido.

Atrás dela, um garoto um pouco mais velho mexia na bainha da camisa, seu olhar percorrendo Demos e o chão.

Demos olhou por cima do ombro, como se procurasse outra pessoa. Então ele apontou para seu peito. “Quem, eu?”

"Sim, você!" Essa garota era mais nova que a primeira e segurava uma boneca surrada enquanto espiava por trás do ombro da garota ousada.

Ao lado dela, gêmeos seguravam as mãos um do outro com força, sua excitação

era palpável enquanto observavam com os olhos arregalados.

"Tem certeza?" Demos perguntou.

"Sim! Minha mãe disse.

“Bem, nesse caso, suponho que devo estar.”

Uma voz feminina começou a gritar e as crianças fugiram.

Demos olhou para mim. “Você ainda vai me querer quando eu for um príncipe, Sin?”

Ele perguntou casualmente, mas vi um lampejo de vulnerabilidade em seus olhos.

A diversão guerreou com um estranho tipo de ternura dentro de mim. Foi uma sensação que eu nunca senti antes.

“Você sempre foi um príncipe. Além disso, minha melhor amiga se tornou rainha e acasalou com o Príncipe *Sanguinário* . Isso é muito mais impressionante.”

Ele riu. “É melhor você não deixar Prisca ouvir você chamá-lo assim.”

Eu sabia o que ele estava fazendo. Focando em um futuro que poderemos ter. Isso ajudou.

Demos virou-se, examinando o acampamento mais uma vez. “Precisamos nos encontrar com os outros.”

Assenti, voltando à realidade enquanto o seguia até onde Tibris havia montado sua tenda de curandeiro.

Telean, Stillcrest e Vicer já estavam esperando. Todos os três pareciam tão exaustos quanto eu.

Herne e Tibris entraram na tenda e Tibris fez um gesto para que Telean se sentasse na cama. Ela devia estar muito cansada porque realmente aceitou a oferta. Sentei-me no chão e os outros se juntaram a mim.

“Os navios de Regner foram avistados movendo-se para o sul. Ele não os está mais escondendo. Provavelmente, ele está conservando magia. As serpentes marinhas impedirão que os navios atravessem o Mar Adormecido até que Rothnic derrube nosso protegido – o que sinalizará às serpentes que elas não devem atacar. Quando a barreira cair, Regner atacará do norte e do leste, bloqueando a chance de nosso povo chegar ao túnel.”

Um pânico doentio instalou-se em meu peito. Minha garganta se contraiu e forcei minha expressão a permanecer neutra, respirando através do pior.

“Como funciona o túnel, afinal?” Herne perguntou.

“Quando, quando Prisca o usou para visitar os anciãos... num minuto ela estava lá e no outro não”, eu disse. “Mais tarde, perguntei a ela o que aconteceu e ela disse que acabou de cair em um longo túnel. Acho que talvez a ilha possa sentir os híbridos... e suas intenções.”

Tibris assentiu. “Eu mesmo vi isso. Assim que chegam ao local correto na península, eles não retornam.”

“Nosso reino tem magia própria”, disse Telean. “E os anciãos estarão no túnel, garantindo que nosso povo seja levado com segurança para Lyrinore.”

Demos levantou-se. “A primeira coisa que os Eprothans farão é bloquear o acesso a esse local. E quando isso acontecer, teremos centenas – senão milhares – de híbridos para proteger. Existe algum lugar para eles se esconderem?”

Tibris limpou a garganta. “Existem várias cavernas do outro lado das montanhas. Poderíamos transportar os doentes, os jovens e os feridos para essas cavernas.”

Stillcrest franziu a testa. “Eles ainda ficarão presos até que possamos abrir caminho para o túnel.”

“Mas pelo menos eles não estarão esperando na passagem”, disse Demos, voltando até nós. “A passagem é estreita demais para que nossos soldados tentem se mover

ao redor deles, e se os Eprothans conseguirem passar por nossos soldados, será uma carnificina dentro da passagem.

“ *Quando* ”, disse Stillcrest. “Você quer dizer *quando* os Eprothans conseguirem passar por nossos soldados.”

Cerrei os dentes para que eles não batessem.

Demos encontrou seus olhos. "Sim. Quando. Manteremos a fila aqui para dar ao nosso pessoal o máximo de tempo possível para passar pela passagem. Quando não houver outra opção, recuaremos.” Ele olhou para Herne. “E seu povo armará tantas armadilhas quanto possível dentro da passagem para os soldados que o seguem.

Armadilhas que podemos terminar de colocar em segundos.”

Os olhos de Herne brilharam.

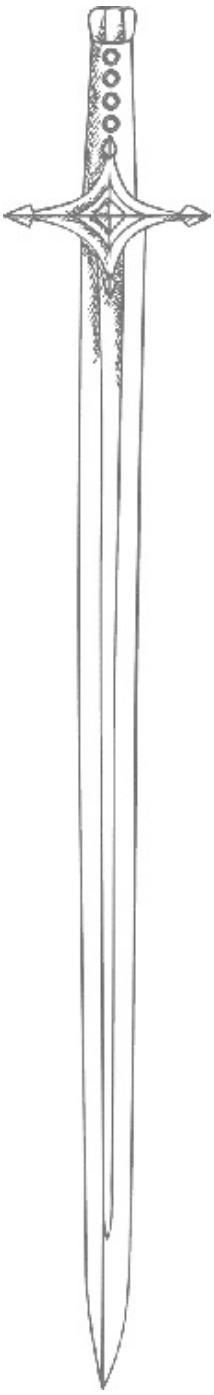
“Amanhã, enviaremos todos os híbridos restantes para a passagem. Aqueles que não puderem andar serão carregados pelos nossos soldados. O resto de nós passará o dia preparando este acampamento para um cerco.”

"E então?" Perguntei.

“E então esperamos que cheguem reforços. De algum lugar.”

28

Prisca



A tempestade repentina trouxera três dias de chuva torrencial, o cheiro salgado do oceano dominado pelo aguaceiro inesperado e incessante.

À nossa direita, a extensão infinita do mar se estendia em direção ao horizonte, sua superfície tumultuada sob o céu cinzento enquanto ondas agitadas e espumosas batiam contra a costa.

À nossa esquerda, o sopé das Montanhas Normathe assomava como silhuetas

sombrias, com o seu manto verdejante de árvores e arbustos obscurecido pela chuva.

Ocasionalmente, a terra subia acentuadamente, dando lugar a afloramentos rochosos que se projetavam como os espinhos de uma fera antiga. Os afloramentos rochosos escorriam riachos, e o caminho sob nossos pés tornou-se um trabalho árduo através de lama e poças. A marcha rítmica dos nossos soldados foi substituída por salpicos e xingamentos enquanto todos escorregávamos e tropeçamos.

O ar estava pesado com a umidade, cada respiração que eu respirava carregada com a umidade que grudava na minha pele. A chuva encharcava capas e uniformes, e o frio penetrava em nossos ossos.

A frota de Daharak sobreviveria a esta tempestade? Ou estaríamos sozinhos quando finalmente chegássemos à foz do Asric Pass?

À medida que o crepúsculo se fundia com a escuridão da noite, começamos a miserável tarefa de montar acampamento sob a chuva implacável. O chão encharcado tornou-se um mar de lama que ameaçava sugar as tendas. Cada estaca martelada na terra acabou nadando em uma poça rasa. Vários soldados ficaram boquiabertos ao me ver tentando montar minha própria tenda enquanto Lorian se encontrava com Galon.

Quando Marth assumiu, não protestei.

Dois dias depois, a chuva ainda não dava sinais de diminuir. À noite, inundava as tendas, apesar dos nossos esforços para forrá-las com capas e cobertores.

Galon e um grupo de cerca de vinte híbridos com poder semelhante ao dele removeram o máximo de água possível. Mas essa água foi rapidamente substituída à medida que o dilúvio continuava.

A visibilidade foi reduzida a meras sombras na neblina, os contrafortes meio escondidos pela densa neblina. Aqueles que tinham cavalos foram forçados a conduzi-los através de rios traiçoeiros de lama, que logo se transformaram em torrentes de água caindo em perigosos riachos de água e detritos em movimento rápido. Deslizamentos de rochas e lama eram uma ameaça constante, a chuva soltava a terra e tornava nosso caminho perigoso.

Galon e os outros continuaram direcionando a água tanto quanto possível.

Mas eles rapidamente esgotaram seu poder, com linhas profundas de exaustão em seus rostos.

O moral despencou. Rostos que há poucos dias estavam iluminados com determinação agora estavam marcados pela miséria. Até as tarefas mais simples

tornaram-se árduas – aqueles que tinham ligação com o fogo podiam acendê-las para cozinhar, mas a lenha logo ficou encharcada e a chuva implacável abafou todas as chamas. As refeições eram feitas frias, durante a caminhada, sem as brincadeiras habituais.

A comunicação foi reduzida a sinais manuais e comandos gritados.

Lorian dividiu o exército em seções, dando a cada uma uma pedra para comunicação. Aqueles que marchavam perto da retaguarda suportaram o pior do tempo, os milhares de botas que vieram antes deles transformando a lama em poças profundas e traiçoeiras.

Essa quantidade de chuva, tão perto das montanhas, nesta época do ano…

Todos os soldados que marchavam conosco sabiam que aquilo era incomum.

“O que eles estão dizendo?” — perguntei a Lorian enquanto conduzíamos nossos cavalos por um trecho particularmente lamacento do caminho.

Ele ficou em silêncio por um longo momento. Porque ele queria me proteger, lembrei a mim mesma. E, no entanto, não podíamos nos dar ao luxo de poupar os sentimentos de ninguém, especialmente os meus.

“Loriano. Eu preciso saber.

“Galon está cuidando disso, gato selvagem.”

“Posso lhe dizer o que eles estão dizendo”, disse Kaliera com desdém.

Virando-me, olhei por cima do ombro. Ela sentou-se em seu cavalo, que atualmente estava sendo liderado por um soldado. Previs, acho que o nome dele era.

Lorian fez um som de alerta com a garganta. Kaliera não ouviu ou optou por não prestar atenção.

“Eles estão dizendo que você está amaldiçoado. Que os deuses estão nos punindo por segui-lo — anunciou ela, com a voz alta o suficiente para passar pelas primeiras filas de soldados atrás de nós.

“Você não está entendendo”, disse Marth. “ *Você é* um prisioneiro.” Ele olhou para mim. “Tem certeza que não quer que eu a mate?”

Previs ficou tenso. Ah. Ela havia chegado até ele. Eu deveria ter esperado isso.

Ao lado de Marth, o olhar de Galon permaneceu no soldado. Ele também percebeu.

“Não”, eu disse. “Prometemos a Jamic que não faríamos.” Uma lembrança do filho que ela afirmava amar tanto. O filho atualmente com o irmão de Lorian.

Mesmo assim, Kaliera me deu um sorriso presunçoso. A água escorria pelo seu rosto. “Por que exatamente estamos seguindo você?” Ela olhou por cima do ombro para onde

Zathrian conduzia seu próprio cavalo, as pesadas algemas em seus pulsos tilintando contra a corrente entre eles. “Afinal”, disse Kaliera, levantando a voz até quase gritar, “você não tem mais acesso ao seu poder”.

Os olhos de Zathrian encontraram os meus. E ele sorriu.

A visão disso deixou meus dentes tensos. A fúria quente rugiu através de mim. Talvez eu apenas tivesse imaginado aquela voz gritando para eu não matá-lo. A decisão já estava se revelando um erro.

Seu sorriso desapareceu.

Estávamos viajando sob um afloramento raso, em um esforço para evitar o pior da chuva. E permitiu-me ouvir os sussurros que irrompiam entre os soldados que marchavam na linha da frente. Esses sussurros se transformaram em murmúrios.

Lorian avançou alguns passos, verificando se havia algum deslize ou bloqueio no caminho. Mas um momento depois, ele estava de repente ao meu lado, seu movimento tão rápido que eu sobressaltei, assustando meu pobre cavalo.

Galon acalmou meu cavalo, murmurando para ela enquanto Lorian olhava para Kaliera. Olhei por cima do ombro e encontrei o Fae que todos conheciam como o Príncipe Sanguinário. Suas maçãs do rosto pareciam mais nítidas, suas orelhas mais pontudas e seus olhos ardiam com uma raiva mal contida.

Kaliera congelou. Sua pele lentamente perdeu a cor, e um leve tremor a percorreu enquanto ela encarava sua morte de frente.

O olhar de Lorian desviou-se dela, piscando em advertência sobre os soldados na linha de frente.

Eles ficaram em silêncio.

Mas já era tarde demais. Eu não tinha dúvidas de que as palavras de Kaliera estavam percorrendo nosso exército.

“Previs, troque com Reon,” Galon ordenou.

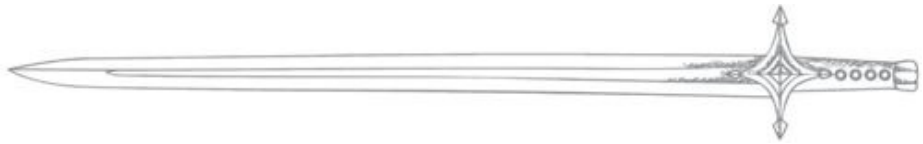
O soldado assentiu imediatamente. Mas ele deu uma última olhada em Kaliera enquanto se virava.

Os olhos de Galon permaneceram nele.

“Precisamos continuar andando”, eu disse. Eu deveria ter explicado o veneno de Kaliera. Deveria ter ordenado que apenas os soldados mais experientes e leais interagissem com ela.

Lorian se inclinou para frente, ignorando nossos olhos enquanto dava um beijo gentil na minha bochecha. Surpreendentemente, meus olhos queimaram.

Eu estava apenas cansado. Foi só isso.



Mas enquanto continuávamos marchando em direção aos nossos amigos e familiares, que mesmo agora poderiam estar morrendo sob o ataque de Regner…

O pensamento insidioso passou repetidamente em minha mente.

Talvez os deuses estivessem nos punindo.

Ou talvez estivessem me punindo por recuperar meu poder. E todos os outros sofreriam por isso.

ASÍNIA

Esta noite seria nossa última chance de dormir antes de lutarmos por nossas vidas. No momento em que o sol se pôs, todos, exceto as sentinelas postadas, rastejaram para dentro de suas tendas, descansando o máximo que puderam. Eu me peguei andando pelo acampamento, ouvindo uma das crianças chorar enquanto sua mãe o acalmava.

Eu nunca pensei muito em ser mãe. Agora, com Demos, eu quase conseguia ver esse futuro — bem a tempo de aceitar que as chances de viver o suficiente para isso eram baixas.

Ironia.

“Assínia.”

Virei-me para encontrar Demos parado ao meu lado. Eu não o via há algumas horas quando ele se encontrou com Herne e Vicer. Eu voltei minha atenção para ajudar Tibris a preparar os híbridos restantes para viajar amanhã.

Agora, Demos me lançou um olhar tão acalorado que quase corei. Mas foi

temperado por uma ternura profunda que fez meu coração palpitar no peito.

Ele estendeu a mão. “Você virá à minha tenda?”

Eu sabia o que ele estava perguntando. Estávamos compartilhando uma barraca desde que chegamos, mas quando Demos caiu nos cobertores ao meu lado, eu raramente acordava. Quando o fiz, ele adormeceu instantaneamente.

Não hesitei, imediatamente pegando sua mão. "Sim." O ar estava úmido esta noite, algo que parecia incomum tão perto das montanhas, mas

A tenda de Demos era aconchegante, com um único orbe de luz dançando acima de nossas cabeças e vários cobertores pendurados em lugares estratégicos para proteger contra quaisquer ventos frios.

Demos se virou para mim. Segurando seu rosto, passei meu polegar ao longo de uma das pequenas cicatrizes em sua bochecha. Ele virou o rosto para minha mão, acariciando minha palma.

“Você é uma mulher incrível, Asinia. Eu soube disso no momento em que vi você lutando para sobreviver naquela cela. Eu sabia disso quando você lutou contra a dor do ferimento na cabeça para chegar até Prisca. E eu soube disso quando você me puxou por cima do ombro e carregou meu peso morto pela floresta à noite.

Minha pele ficou úmida com a lembrança. Eu pensei que iria perdê-lo.

Mesmo agora, às vezes eu me sobressaltava de pesadelos em que o *havia* perdido.

“Você é forte”, disse ele, trazendo minha mente de volta a este momento. “Você é leal. Você é tão linda que às vezes dói olhar para você. Quando vi Tor… trouxe muitas lembranças. Memórias de estar indefeso quando perdi as pessoas que amava. E eu te afastei. Sinto muito por isso.

Seus olhos escureceram, mas permaneceram sérios enquanto ele me observava.

“Eu te perdôo”, eu disse. “Mas você precisa se perdoar.”

Ele me deu um leve sorriso. “Um dia, talvez.”

Inclinando-se, ele deu um beijo suave na minha testa, na ponta do meu nariz, nos meus lábios. Eu abri para ele, e ele passou um braço em volta de mim, me puxando para perto, até que eu pudesse sentir o calor dele contra mim.

Eu fiquei tenso.

Demos imediatamente levantou a cabeça.

"Problema?"

“Eu só... já faz muito tempo. E apenas uma vez.”

Seu sorriso estava envolto em luxúria, temperado por algo mais suave.

“Então podemos ir devagar. Eu posso... saborear você.

Pegando minha mão mais uma vez, ele a virou, pressionando os lábios na pele sensível ao longo da parte interna do meu pulso. Sensação pura dançou ao longo do meu braço, e ele beijou até a parte interna do meu cotovelo.

Meus dedos dos pés se curvaram. E Demos deu um passo mais perto, me guiando de volta para sua cama.

Os nervos vibraram no meu estômago. Eu queria isso há tanto tempo. Parte de mim estava preocupada com a possibilidade de sermos interrompidos novamente. Mas Demos estava olhando para mim com olhos que pareciam ver dentro da minha alma. E sua boca se curvou como se tivesse encontrado exatamente o que procurava.

Minhas mãos tremiam quando as levantei até sua túnica, tentando empurrá-la por cima de sua cabeça. Demos obedeceu, revelando uma extensão de pele lisa e dourada deslizando sobre músculos ondulantes.

Seu corpo musculoso poderia ter sido intimidante se eu não tivesse visto o cuidado com que ele manejava aquela forma grande. Ele conhecia sua força e fazia concessões sem se desculpar pelo que os deuses lhe haviam dado.

E por que ele se desculparia? Sem camisa, ele próprio parecia um deus.

“Seus olhos estão um pouco vidrados, Sin.” Sua voz gotejava humor. Humor e satisfação presunçosa. Encontrei seus olhos, as bochechas esquentando, mas seu sorriso era quase... tímido.

Suas mãos não estavam, no entanto. Eles já estavam puxando minha túnica pela cabeça, deslizando provocativamente pela faixa flexível que cobria meus seios.

Um dia, eu quis usar um lindo vestido e renda para esse homem.

"O que você está pensando?"

Eu disse a ele, e seus olhos esquentaram. “Só de ver você assim já quase me deixa de joelhos. Tenha misericórdia antes de fazer promessas como essa.”

Seus braços flexionaram quando ele os deslizou para minha bunda, e minha respiração engatou quando ele me levantou, me abaixando lentamente na cama.

“Você pertence a este lugar”, disse ele. “Espero que você saiba no que está se inscrevendo, Sin, porque estou me sentindo possessivo.”

Quando ele se inclinou perto o suficiente para tocá-lo, minhas mãos o encontraram novamente, acariciando seu peito, suas costas. Suas pálpebras caíram meio mastro.

“Bom”, murmurei. “Porque também estou me sentindo possessivo.”

Inclinando-se, ele beliscou meu queixo, o movimento tão inesperado que eu ri. Minha risada se transformou em um silvo quando ele deslizou pelo meu corpo, seus dentes provocando suavemente enquanto ele acariciava com a língua lugares que eu não sabia que poderiam ser tão sensíveis.

Soltei um gemido ofegante e ele ficou imóvel.

“Faça esse som de novo.”

Minhas bochechas brilharam e eu fechei a boca.

Demos me deu um sorriso lento e malicioso. “Acho que vou ter que obrigar você.”

Sua boca caiu e desta vez eu mal respirei. Um leve tremor começou em meus membros, e Demos murmurou uma maldição, olhos verde-dourados encontrando os meus. Ele deslizou as mãos até o cós da minha legging.

"Sim?"

Sem fôlego, balancei a cabeça. Seu olhar nunca deixou meu rosto enquanto ele os rolava para baixo, ajudando-me a me livrar deles. Seus olhos permaneceram nos meus enquanto sua boca abaixava, pressionando beijos em meus quadris, estômago, parte interna das coxas.

Outro gemido e suspiro, e eu o senti sorrir contra minha pele.

E então eu estava nu para ele, e ele soltou um som áspero.

Seu hálito quente acariciou minha pele e eu estremeci.

"Diga-me que você quer isso."

“Você sabe que sim.” Deslizando minhas mãos em seu cabelo escuro, sorri.

Sem hesitar, Demos afastou minhas coxas e deixou cair a boca em meu núcleo.

Minhas bochechas queimaram. "Oh!"

Seus olhos reviraram e olharam para mim. Ele não se mexeu.

Até…

Um golpe longo e perverso de sua língua.

“Ahh.”

Ele riu contra mim, e isso criou uma sensação totalmente nova. Uma sensação que me fez arquear, ofegante por ele.

“Você tem um gosto tão bom”, ele murmurou. E então ele estava me lambendo, sua língua circulando meu clitóris. Um dedo empurrou dentro de mim e eu gemi.

Outro dedo, e o mundo se estreitou até que tudo que eu pudesse ver, tudo que eu pudesse sentir, era *ele* .

Ele variou a pressão, seu ritmo. O suor começou a escorrer pela minha pele. Meus mamilos estavam tão duros que doíam.

“Demonstrações.”

Era como se o nome dele fosse a chave. Abaixando a boca para mim mais uma vez, ele não parou dessa vez. Não parei até gritar seu nome novamente, meu clímax trovejando através de mim, sem parar.

Quando voltei a mim, ele estava parado na frente da cama, sem calças. E ele estava olhando para mim como se eu fosse tudo o que ele sempre quis.

Seu pênis era longo e grosso. Intimidante, se eu fosse honesto. Mas quando olhei para ele, fiquei com água na boca.

Demos praguejou quando eu rolei, rastejando em direção a ele.

“Hoje não.”

“Eu quero fazer você se sentir bem.”

“Você faz. Deuses, você faz. Mas eu quero você demais. As palavras foram uma admissão severa. “E eu preciso estar dentro de você.”

Ele me encontrou na cama, sua mão deslizando em meu cabelo e me segurando no lugar enquanto ele tomava minha boca. Minhas coxas apertaram e deslizei

minha mão para baixo, circulando seu pênis.

“Você é grande.”

“Eu vou caber.”

Minhas costas bateram na cama e Demos abriu bem minhas coxas, acomodando-se entre elas. “Nós vamos no seu ritmo. Você precisa parar…”

“Eu não vou.”

Ele me deu uma olhada. Era o mesmo olhar que ele muitas vezes me lançava na arena de treinamento logo antes de murmurar sobre mulheres teimosas, e eu engasguei com uma risada.

E então ele estava empurrando dentro de mim, e minhas unhas estavam cravadas em seus antebraços.

Ele congelou.

"Estou bem. Eu acabei de…"

Inclinando-se, ele acariciou meu pescoço. Eu podia senti-lo tremendo agora, podia sentir sua necessidade. Mas ele não se moveu um centímetro. Exceto pela mão que ele deslizava pela minha barriga.

Quando ele encontrou meu clitóris sensível, engasguei. O suspiro se transformou em um gemido, que Demos captou com a boca. Inclinei meus quadris, precisando dele dentro de mim.

“Shhh, Sin. Devagar."

Mas eu não precisava de lentidão. Sua mão era leve como uma pena contra mim e ele não se *movia* .

Envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura, eu me inclinei para ele, e ele empurrou dentro de mim.

Ele congelou novamente.

“Não pare,” eu rosnei.

Levantando a cabeça, ele encontrou meus olhos. E ele não parou.

Inclinando-me para acariciar meu clitóris cada vez que empurrava, Demos finalmente pegou o que queria.

Me dando o que eu *precisava* .

Eu ofeguei, e ele encontrou minha boca, acariciando sua língua contra a minha, até que a necessidade de respirar fosse secundária à minha necessidade por ele.

Todo o meu corpo parecia uma chama ardente. E Demos elevou essas chamas enquanto seu pau grosso mergulhava em mim, arrastando-o lentamente para fora, e

então dirigiu novamente. Ele atingia um novo ângulo a cada vez, até encontrar um ponto que me fez apertar ainda mais em torno dele.

“Aí, hein?”

Apoiando-se em um braço, ele segurou meu rosto com o outro, me observando até que uma parte de mim quisesse se esconder. Mas ele não estava analisando cada reação de um lugar distante. Não, cada vez que eu gemia, ofegava ou ficava tenso, sua expressão ficava mais tensa, seus olhos brilhavam mais. E meu corpo ganhou vida de uma forma que nunca havia acontecido antes, como se pequenas faíscas estivessem percorrendo todos os meus nervos.

“Eu quero séculos com você.” Ele deu um beijo em minha boca, suas estocadas aumentando em velocidade. “Assim.”

Ele deslizou a mão para a parte de trás da minha cabeça, embalando-a enquanto seus lábios acariciavam os meus.

"Eu te amo."

As palavras eram duras. Quase solene.

Minha respiração ficou presa e minha liberação atingiu como uma tempestade, meu corpo estremecendo enquanto o prazer passava por mim.

Amaldiçoando, Demos foi mais fundo, prolongando meu clímax, até que ele ficou tenso e eu senti calor, senti-o pulsando dentro de mim enquanto seus braços apertavam meu corpo, me segurando com força.

“Eu também te amo,” eu engasguei. Ele levantou a cabeça. Mas agora que as palavras saíram, eu não conseguia acreditar que esperei tanto tempo. "Eu também te amo."

Cochilamos um pouco, nenhum de nós falando sobre o que aconteceria amanhã. E então Demos mudou, dando um beijo na minha têmpora.

“Espere aqui,” ele murmurou.

Quando ele voltou, eu estava quase dormindo, com as pálpebras pesadas.

O ar fresco da noite entrou na tenda quando Demos entrou e eu estremeci ao me sentar.

Pela primeira vez desde que o conheci, Demos parecia quase... inseguro.

Baixei meu olhar para a besta em sua mão e me joguei na cama. "O que aconteceu? Estamos sob ataque?

"Não." Atravessando a sala, ele estendeu-o para mim. “Encomendei isto para você antes de partirmos. Pedi a Tibris que trouxesse com ele.”

Minha mão tremia quando peguei a besta. Elaborado com atenção meticulosa aos detalhes, combinava perfeitamente beleza e letalidade.

A coronha foi esculpida em algum tipo de madeira escura. Fosse o que fosse, parecia resistente, mas surpreendentemente leve em minhas mãos. Sua superfície era tão lisa que

parecia quase seda quando passei a mão por ela, quebrada apenas por um padrão delicado gravado na madeira.

Os membros da besta eram flexíveis, mas foram reforçados com alguma coisa. Eu podia sentir a força quando pressionei um deles. E a corda do arco... ela zumbia suavemente quando eu a puxava, o som era quase familiar.

Passei meus dedos pelo mecanismo de gatilho. Eu poderia dizer que o lançamento seria tão suave quanto manteiga.

“Você vai precisar...”

Suas palavras foram interrompidas quando olhei para ele, meus olhos cheios de lágrimas.

Eu nunca tinha recebido um presente como esse antes. Um presente que foi tão... *eu* . Um presente que combinava beleza com necessidade e foi criado para facilitar minha vida.

“Você gostou”, ele sorriu.

“É incrível, Demos, de verdade.”

Ele me entregou uma aljava nova cheia de flechas elegantes. “Para acompanhar.”

Eu os peguei, colocando-os ao lado da cama. “Você encomendou isso em Gromalia. Antes de sairmos do castelo.

Ele assentiu.

Eu o observei um pouco mais. Eu estava tão confusa com ele. Tão irritado. Eu entendi que ele estava sofrendo depois de ver Tor, mas odiei que ele estivesse me afastando. Parecia que ele só se importava comigo às vezes.

Mas mesmo enquanto nos preparávamos para a guerra, ele pensava em mim.

Olhei de volta para a besta em meus braços. Ele poderia ter encomendado algo simples. Resistente. Mas ele dedicou um tempo para garantir que fosse algo que eu acharia bonito. Meu estômago embrulhou e o sorriso que surgiu em meu rosto era tão grande que minhas bochechas doeram.

"Eu amo isso."

"Bom. Eu coloquei um feitiço de proteção dentro dele."

Claro que sim.

Enterrando minha mão em sua camisa, eu o puxei para mais perto, demonstrando minha apreciação com um beijo. Nosso beijo se aprofundou e, antes que eu percebesse, eu estava montando nele com um desespero enlouquecido.

Cochilamos por mais algumas horas, fizemos amor mais uma vez e, na próxima vez que abri os olhos, a tenda estava iluminada.

O ar em meus pulmões congelou e levei alguns momentos para entender o que isso significava.

O sol estava nascendo.

Demos acariciou minhas costas. “Eu não vou deixar nada acontecer com você.”

Levantei minha cabeça, encontrando-o olhando para mim. Cada vez que ele me dizia isso, eu ouvia o que ele dizia. Que ele priorizaria minha vida em detrimento da dele.

"Parar. Eu não quero pensar assim. Não quero que *você* pense assim."

Ele apenas me observou. Meu coração batia forte na garganta e todo o meu corpo parecia que de repente era pequeno demais. Demos era o tipo de homem que se sacrificaria pelas pessoas que amava num piscar de olhos. Ele mal conhecia Pris antes de atirar uma flecha em Tibris - tudo para que ela não tivesse que enfrentar a perda do irmão que conhecia há mais tempo que ele.

Sentei-me, rolando para fora da cama. Eu precisava me mudar. Precisava fazer algo a respeito da fúria desenfreada que queimava através de mim ao pensar que

Demos não estaria aqui quando tudo isso acabasse.

Ele estava de pé um momento depois, minha mão na dele. "Pecado."

“Quero que você se concentre em permanecer vivo”, eu disse.

Ele pressionou os lábios em minha bochecha, meu queixo, meu pescoço. “Claro que vou.”

Seu tom foi ligeiramente ofendido. Provocando. “Estou ansioso para ter você só para mim.”

Demos se afastou para vestir suas roupas. Eu fiz o mesmo. E mesmo com as correntes latentes fervilhando nesta tenda conosco…

Preparar-me para o dia com ele pareceu natural. Como se já fizéssemos isso há anos.

Calcei as botas e peguei minha besta, ainda admirando-a. Quando levantei a cabeça, percebi os lábios de Demos se curvarem, mas ele também parecia... orgulhoso.

“Você deveria trabalhar com isso”, disse ele. “É uma arma nova. Você precisa sentir isso.”

“Eu tenho tempo?”

Ele caminhou em minha direção e minha pele formigou quando ele me deu um de seus sorrisos. "Eu vou cobrir para você."

Sua boca encontrou a minha e o mundo desapareceu por apenas alguns momentos.

Mas as botas começaram a passar pela nossa tenda e ele suspirou contra meus lábios. “Vejo você em breve.”

Quando ele saiu, olhei ao redor da tenda vazia, com a besta na mão, e simplesmente absorvi tudo o que havia acontecido.

Tínhamos um futuro. Eu sabia que sim. E eu não deixaria Regner tirar isso de nós.

Agarrando minha nova aljava, saí da tenda, caminhando até a pequena área de treinamento para a qual um dos funcionários de Vicer me indicou.

O espaço era pouco mais que uma clareira estreita para esgrima, com um único alvo preparado para arqueiros. Estava mais silencioso aqui, as vozes tensas do

acampamento pouco mais que um murmúrio enquanto eu pegava minha primeira flecha e a carregava.

A besta era surpreendentemente leve e ainda assim seu equilíbrio era perfeito. Ele cabia em minhas mãos como se tivesse sido criado especificamente para elas – como se Demos tivesse de alguma forma medido a largura das minhas palmas, o comprimento dos meus dedos.

A corda do arco era feita de um material que não reconheci. Era flexível e forte, recuando suavemente com muito menos esforço do que eu estava acostumado.

O mecanismo de mira foi refinado, facilitando o alinhamento dos meus tiros. Eu já poderia dizer que isso melhoraria minha precisão de longa distância.

Soltei o ferrolho. A flecha cortou o ar com desvio mínimo, seu vôo quase imune à leve brisa que eu quase compensei.

Eu não precisei compensar.

Obrigado.

Santos deuses. Esta besta era melhor que sexo.

Bem, melhor do que sexo com qualquer pessoa que não seja Demos.

Eu ri para mim mesmo enquanto enfiava a mão na aljava pendurada no ombro para pegar minha próxima flecha. Eu estava completamente envolvido na ideia de passar o resto da minha vida com o príncipe híbrido autocrático e superprotetor. Irmão do meu melhor amigo.

Pelo menos eu sabia que Prisca ficaria encantada.

Obrigado.

Cada flecha voou certeiramente, a construção superior da besta minimizando as variáveis usuais que afetavam minha precisão — mesmo quando eu permitia que meu poder escorresse do lago profundo dentro de mim. Seu peso mais leve significava que meus braços e ombros não ficariam tão tensos durante a batalha, e o mecanismo mais suave reduziria o desgaste dos meus dedos.

O alvo ficou turvo na minha frente e meus olhos arderam. Isso ainda me abalou —

que mesmo quando era impossível conversar com ele, Demos providenciou para que essa arma fosse criada só para mim. Era uma arma fae – eu já sabia.

E para mim, foi impagável.

Caminhando até a floresta, arranquei as flechas, maravilhando-me com elas enquanto as guardava. Eu já havia demorado muito, mas valeria a pena hoje mais tarde, quando eu instintivamente conhecesse as capacidades desta besta.

Voltando para todos os outros, observei o grupo de híbridos reunidos na extremidade do acampamento. Eles se amontoavam, as mães carregando os filhos nos braços, os idosos ajudados por aqueles que eram jovens demais para lutar. Tibris ficou na frente deles, falando devagar e com cuidado, com Herne ao seu lado. Tibris deve ter dito algo engraçado, porque várias pessoas riram e parte da tensão pareceu desaparecer.

E então Telean atravessou o acampamento, com a bolsa de lona pendurada no ombro. Ela estava murmurando para uma mulher de cabelos escuros com os olhos mais azuis que eu já vi. Ameri. Esse era o nome dela. Só nos tínhamos visto algumas vezes antes, mas nunca tinha visto uma expressão tão intensa no rosto dela.

Com um aceno de cabeça, Telean despediu-se de Ameri, que saiu correndo.

Telean foi primeiro para Tibris. Seu rosto ficou sério e ele acenou com a cabeça para tudo o que ela disse. Quando ele gesticulou para mim, ela se virou.

Eu a conheci no meio do caminho.

“Você manterá Demos seguro.” Não foi uma pergunta.

“Sim,” eu prometi. “Vou mantê-lo seguro.”

“Teleano.” A voz de Demos estava cheia de advertência, mas ouvi a tristeza por trás dela.

Nós dois nos viramos. Ele colocou as mãos nos quadris, mas Telean acenou com a mão no ar. “Vocês manterão um ao outro seguro”, ela emendou. “Agora venha e me dê um beijo.”

Uma estranha inquietação tomou conta de mim enquanto eu o observava se inclinar e envolvê-la em seus braços. Uma única lágrima rolou por seu rosto e ela o agarrou com tudo o que tinha.

Alguém gritou e ela se desvencilhou dele. “Mate Regner,”

ela ordenou.

"Vamos."

Com um último olhar para mim, ela se virou e se juntou ao grupo reunido na extremidade do acampamento. Momentos depois, eles começaram a sair do

acampamento em direção à passagem, com um grupo de soldados híbridos viajando com eles.

Várias vozes chamavam umas às outras à minha direita. Enquanto eu observava, um grande grupo de soldados puxou um enorme tronco de árvore para fora da floresta e para dentro da clareira. Eles o pousaram com um baque, imediatamente saltando para a próxima árvore. E o próximo.

Pulei para me posicionar para ajudá-los a rolar um dos baús maiores pelo acampamento. Essa árvore se tornou a base do muro do outro lado.

Trabalhamos por horas. Os troncos das árvores formavam uma parede tosca, mas eficaz.

A curva natural da floresta significava que as árvores se aninhavam umas contra as outras de forma um tanto estranha, deixando lacunas que eram ao mesmo tempo uma vulnerabilidade e um ponto de vista vantajoso. Comecei a cortar galhos, entrelaçando-os nas aberturas para criar uma malha densa de madeira e folhas.

Enquanto trabalhávamos, tive consciência de Demos afiando armas, parando para dar uma palavra atenciosa a um grupo de soldados, trabalhando com Herne para planejar nossa defesa.

E a cada minuto que passava, minhas mãos tremiam e minha boca ficava ainda mais seca, até que me vi engolindo continuamente meu odre de água.

Ainda faltavam horas para o pôr do sol quando um dos batedores chegou, com a respiração ofegante e os olhos arregalados.

“Eles estão quase aqui.”

Outro grande grupo de híbridos chegou há pouco tempo. Eles deram uma olhada na barricada e seus olhos se encheram de pavor. Várias famílias entraram correndo na passagem.

Eles não morreriam hoje.

Eu disse as palavras repetidamente.

A menininha que me acenou por cima do ombro da mãe, jovem demais para compreender o perigo que corria. Ela não morreria hoje.

O grupo de garotos, com os lábios trêmulos, que se ofereceu para ficar e lutar

— apenas para Demos se agachar e dizer-lhes gentilmente que precisava de soldados tão corajosos para proteger os outros no caminho através da passagem.

Eles não morreriam hoje.

A mãe do acampamento que insistiu em cozinhar uma última refeição para o máximo de soldados que pudesse, antes de Tibris fazê-la partir – seus olhos se encheram de lágrimas enquanto observava os soldados se posicionarem.

Ela não morreria hoje.

Minha cabeça girou e de repente eu estava nos braços de Demos.

Sua boca caiu sobre a minha e soltei um soluço sufocado, minhas mãos agarrando sua camisa, puxando-o para perto.

Alguém o chamou e ele se afastou, com o olhar ainda no meu rosto. Meu corpo doía com a perda de seu calor. “Sem riscos estúpidos.”

“De você também.”

Ele assentiu. Seu olhar varreu meu rosto. E ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

“Em posição, Sin.” Demos se virou, caminhando em direção às nossas parcas linhas de frente.

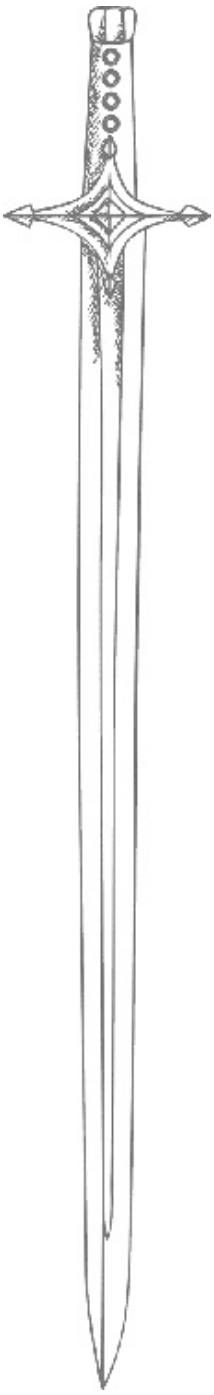
Gritos soaram. Um dos soldados de Regner encontrou uma das armadilhas de Herne.

O terror me atingiu.

Eles estavam aqui.

29

Asínia



A maioria dos soldados de infantaria de Regner viajou pelas montanhas Normathe.

M Mas ainda havia pelo menos dez mil soldados marchando em nosso

acampamento.

As armadilhas que Herne e Tibris montaram desaceleraram o exército de Regner.

Mas a maioria dos soldados simplesmente passou por aqueles que haviam caído, deixando-os para seus curandeiros.

Nossa barricada nos dava pouca cobertura. Poderíamos não estar protegidos numa fortaleza ou num castelo, mas mantivemo-nos no terreno elevado e os grandes rochedos perto do início do desfiladeiro proporcionavam aos nossos arqueiros bons locais para esperar.

E espere, eu fiz.

No momento em que a bota do primeiro soldado Eprothan cruzou a linha invisível que delineei em minha cabeça, coloquei minha primeira flecha e atirei na garganta dele.

Meu chute foi suave, rápido, quase sem esforço. Parecia errado admirar minha nova besta enquanto o soldado sangrava sua vida abaixo de nós.

Mas ainda assim dei um golpe rápido e apreciativo.

Esses homens vinham aqui para matar mulheres e crianças. Os doentes e os velhos. Eu me endureci e atirei novamente. E novamente.

Também escondidos atrás de pedras e árvores próximas, os outros arqueiros também atiraram. Aqueles que não atingimos chegaram à nossa linha de frente.

Demos dividiu nossos melhores escudeiros, colocando alguns deles perto das linhas de frente e os restantes na retaguarda, perto da entrada da passagem. Se caíssemos — recusei-me a pensar na palavra *quando* — aqueles escudeiros se manteriam firmes, comprando os híbridos dentro da passagem o máximo de tempo que pudessem.

Soldados humanos com poderes de ataque lançaram esses poderes em nossas proteções. Daqui, pude ver quatro híbridos com magia defensiva espalhados por nossas linhas de frente. Um deles se encolheu e um mar de fogo de repente varreu nosso flanco direito, imediatamente encharcado por um híbrido que usou algum tipo de poder aquático.

O escudeiro reconstruiu sua proteção e todos os quatro mantiveram a linha. Tive um vislumbre de um soldado Eprothan gritando em suas linhas de frente – provavelmente um general cada vez mais frustrado com o desperdício de poder. Rolei meus ombros.

Os soldados mais próximos foram drenados de magia e substituídos duas vezes

antes que nossos escudeiros não pudessem mais manter suas proteções. Demos rugiu uma ordem e correu de volta em nossa direção.

Atirei mais rápido do que jamais havia atirado antes. Mesmo enquanto eu escolhia cada alvo, a visão de Demos, Tibris e Herne lutando juntos ficou impressa em minha mente.

mente. Stillcrest lutou como uma mulher possuída a apenas alguns passos de distância deles. Madinia nos contou sobre suas ideias estranhas sobre os papéis femininos e masculinos na guerra – mais comuns entre os humanos. Mas claramente, ela deixaria essas ideias de lado agora.

Quando o arqueiro ao meu lado se inclinou demais para a direita e foi atingido por um tiro de Eprothan no coração, não houve tempo para lamentar. Inclinando-me, peguei sua aljava, coloquei-a sobre o ombro e coloquei minha próxima flecha.

Começamos a sofrer perdas. Um dos arqueiros à minha esquerda gritou um nome quando uma mulher caiu, sua voz cheia de horror e tristeza.

As lâminas se chocaram, os ataques mágicos foram repelidos e depois escaparam, matando qualquer um que não conseguisse ser protegido.

Mas tínhamos poder próprio e Demos libertou as fadas e os híbridos.

Enquanto eu sentia saudades de Madinia, Gwynara e os outros estavam diminuindo a linha de frente de Regner.

E ainda assim, os soldados Eprothan continuaram chegando.

Peguei outra flecha, meus olhos procurando automaticamente o melhor alvo. Um soldado fixou seu olhar em Stillcrest, enquanto ela derrubava um dos homens perto dele. Ele abriu caminho em direção a ela, um homem enorme, enorme em sua armadura.

Minha flecha o atingiu no braço. Ele quebrou a ponta e continuou se movendo.

Minha cabeça girou.

“Stillcrest”, gritei. “Demos!”

Nenhum deles conseguia me ouvir por causa do som da batalha.

Atirei novamente, mas o soldado disparou para a direita. Os ombros de Stillcrest ficaram tensos e vi o momento em que ela percebeu que ele a tinha como alvo.

Ela se virou, balançando a espada.

Ele combinou com sua própria espada. Minha próxima flecha o atingiu na abertura de sua armadura, logo abaixo da axila.

A espada de Stillcrest quebrou sob a dele. Ela se abaixou, recuando, mas era tarde demais.

O soldado Eprothan enfiou a espada entre as costelas dela. Minha flecha o atingiu no rosto e ele caiu.

Eu me preparei para correr. Eu poderia levar Stillcrest para Tibris. Eu pudesse-

Vicer já estava arrastando Stillcrest enquanto Demos e Herne intervinham para ocupar seus lugares. Vicer havia conseguido chegar atrás das linhas de frente quando parou, ajoelhando-se ao lado de Stillcrest.

Não consegui ouvir o que ela disse a ele enquanto o sangue escorria de sua boca.

Mas eu li seus lábios quando ele pegou a mão dela. *"Eu perdôo você."*

Sua cabeça caiu para trás. Ela se foi.

Meu peito ficou vazio. Eu não tinha gostado da mulher. Mas ela merecia coisa melhor que isso. Todos nós merecíamos viver o suficiente para corrigir nossos erros.

Vicer inclinou a cabeça por um único momento. E então ele foi forçado a se libertar quando um soldado Eprothan avançou em sua direção.

A espada de Demos cortou o pescoço do Eprothan e eu avistei meu próximo alvo.

O sol começou a afundar abaixo da linha das árvores. Nossa linha de frente perdeu terreno até ficar posicionada atrás da barricada.

Eles seguraram os Eprothans por horas. Até que mal conseguíamos mirar nossas flechas, a maior parte da luz desapareceu. O nó na minha garganta era tão grande que parecia ter se espalhado pelo meu peito, a dor era constante.

Alguém de repente estava me colocando de pé. Meu chute foi ao lado e eu xinguei. O rosto de Demos apareceu na minha frente.

“Está na hora”, disse ele. “Temos que recuar. A maioria dos híbridos já deve ter passado pela passagem. Herne garantiu que Tibris saísse mais cedo. Quando chegar ao fim, certifique-se de que todos os que não conseguiram chegar ao túnel estejam bem escondidos nas cavernas.”

Eu balancei a cabeça. Então eu congelei.

“Quando *eu* chegar ao fim?”

“Nesta luz, com o terreno mais elevado, alguns bons soldados podem segurar aquela entrada por horas.”

O terror me envolveu, quase me deixando de joelhos. Claramente, Demos se autodenominava um daqueles bons soldados.

“Sou um bom soldado”, resmunguei.

O sorriso de Demos foi lento, malicioso e totalmente inapropriado. “Você *é* um bom soldado”, ele ronronou.

Eu rosnei para ele. “Eu sei o que você está fazendo.” Mais uma vez, ele estava tentando me distrair. Mas ele não conseguia me distrair do pensamento dele parado a apenas alguns passos da passagem, com um regimento inteiro atacando-o.

O canto de sua boca levantou. “Sempre aconteceria assim, Sin.”

Fiz um pequeno barulho entrecortado e Demos me puxou para seus braços. Ele não me deu nenhuma garantia falsa, no entanto. Em vez disso, ele praticamente arrastou

eu em direção à passagem. Claramente, ele desistiu de me bajular e estava se movendo direto para uma arrogância agressiva e dominadora.

Eu não fiquei surpreso. Esse tipo de comportamento era muito mais natural para ele.

“Você vai fazer isso, Asinia.” Sua voz era sombria. “Você vai sobreviver a esta guerra. E se eu não estiver por perto, você vai encontrar um homem que te faça feliz. Você vai se tornar uma costureira renomada e ter filhos exatamente iguais a você, e vai viver uma vida longa, cheia de paz e felicidade.”

“Seu filho da puta,” eu engasguei. “Como você *ousa* ?”

Demos esperou que um grupo de outros arqueiros passasse correndo e então continuou me puxando atrás deles.

“Eu posso andar,” eu rosnei.

Ele me soltou. "Bom. Ir."

Não pude resistir a chutar a canela de Demos. Ele franziu as sobrancelhas e de repente ele pareceu magoado — como se minha bota fosse feita de chumbo —, mas apontou para a passagem. Minha garganta engrossou até parecer que eu não

conseguia respirar fundo. Mas Demos estava indefeso, observando-me, e os soldados Eprothan ainda estavam chegando.

Sem outra palavra, eu fui.

Minha raiva durou aproximadamente três minutos.

Eu conhecia Demos bem o suficiente para saber que ele planejou que aquela raiva durasse as horas que eu levaria para atravessar a passagem. Ele imaginou que eu iria queimar aquela raiva a noite toda, usando-a para me levar adiante.

Se eu fosse Prisca ou Madinia, talvez tivesse acontecido.

Mas passei a maior parte da minha infância costurando cuidadosamente pontos perfeitos no canto da nossa sala principal, enquanto os humanos mais ricos zombavam da casa que minha mãe havia construído. Enquanto falavam incansavelmente sobre como os corruptos morreriam.

Se eu tivesse me permitido aproveitar minha raiva, ela teria me queimado vivo muito antes de Regner ter tido a chance.

Eu me tornei muito bom em guardar aquela raiva para examinar mais tarde.

Então, eu faria isso agora. Mas, ah, Demos ficaria muito infeliz quando retirássemos aquela raiva para olharmos juntos.

Respirando longa e lentamente, concentrei-me em por que ele queria que eu fosse embora – para salvar minha vida – e o que eu precisava fazer para salvar a dele.

Ele estava certo sobre uma coisa. A entrada da passagem era estreita o suficiente para que apenas quatro ou cinco pessoas pudessem caminhar lado a lado. Aqui, as montanhas estavam tão próximas que parecia que eu poderia esticar os braços e tocá-las de cada lado.

Enquanto eu hesitava, um grupo de soldados passou correndo por mim. Reconheci um deles como o arqueiro que gritou pela mulher que morreu na linha de frente. Seus olhos estavam vermelhos, seu rosto inchado. E ainda assim ele me ofereceu um sorriso gentil.

“Eu sei que você está com medo”, disse ele. “Mas você tem que seguir em frente.”

"É muita gentileza da sua parte. Mas não vou seguir em frente. Estou subindo.

Ele levou um único momento para entender o que eu iria fazer. E então ele assentiu. “Eu vou com você.”

Eu seria um hipócrita se tentasse impedi-lo. E eu poderia usar a ajuda.

"Multar. Ajude-me a encontrar o melhor caminho para subir."

Primeiro, ele parou vários outros arqueiros. "Precisamos de suas flechas", disse ele.

Uma delas abriu a boca para protestar. Então ela percebeu o que estávamos fazendo. Com um aceno de cabeça que deixou claro que ela estava maravilhada com a nossa estupidez, ela entregou metade das flechas em sua aljava.

O mesmo fizeram os outros arqueiros.

"Que os deuses estejam com você", disseram eles. E então eles se foram.

Eu olhei para o homem. Ele olhou de volta.

"Meu nome é Cryton", disse ele.

"Assínia."

Ele apontou para a rocha à nossa direita. "Acho que esse é o melhor caminho. Está perto o suficiente da entrada para que não tenhamos que subir por muito tempo. Vê como desce aqui?

Eu vi. Eu já podia ouvir o choque das espadas enquanto nossos soldados recuavam em nossa direção. Ou tínhamos que avançar ou subir. Se ficássemos aqui, estaríamos no caminho deles.

Os Eprothans trouxeram orbes leves com eles. Sem o brilho daqueles orbes, nunca teríamos conseguido. Fui primeiro, meu coração martelando no peito enquanto um grito de dor soava a poucos passos de distância.

Minha respiração era frenética e tensa.

"Dedos das mãos e dos pés", disse Cryton abaixo de mim. "Apenas lembre-se de cavar o máximo que puder."

Assenti, embora ele provavelmente não pudesse ver na penumbra. Mas levantei a mão, procurando cada pequeno agarre, montículo, rachadura. A pedra cortou minhas mãos, deixando-as escorregadias, e pressionei-as com mais força na pedra. Minha nova besta bateu em meus ombros, ameaçando me desequilibrar. Mas a sensação fez o rosto de Demos brilhar diante dos meus olhos. O orgulho em seus olhos quando percebeu o quanto eu gostei. O fato de ele ter encontrado um presente tão perfeito para mim.

Eu cavei mais fundo. Quando me atrevi a olhar para cima, empurrando com mais

força os pés na rocha, pude ver uma pequena saliência, talvez dez palmos acima da minha cabeça.

Esculpido pelos elementos, proporcionaria espaço suficiente para nós dois nos posicionarmos e desfrutarmos de uma vista desobstruída – desde que a saliência não desmoronasse abaixo de nós.

Mais alguns passos subindo a rocha até que eu pudesse alcançá-la, esticando minha mão esquerda para o alto. Minha mão deslizou e a mudança no equilíbrio sacudiu o resto do meu corpo, deixando minha boca cheia de medo.

Mas meu olhar se fixou em outro ponto um pouco mais abaixo – não tão fácil de entender, mas funcionaria. Lentamente, com cuidado, concentrei-me em cada dedo da mão e do pé, pressionando-os contra a rocha.

Minhas pernas começaram a tremer.

“Você consegue”, murmurou Cryton. “Vamos fazê-los pagar, Asinia.”

Eu não tinha mais raiva ou vingança naquele momento. Mas o que eu tive foi terror. Terror para Demos, que pode estar sangrando e morrendo agora mesmo.

Deixando escapar um soluço estrangulado, joguei minha mão por cima da borda e para o cume. Meus braços doíam, mas me levantei e me mudei para Cryton.

Por um momento, lutamos por espaço enquanto ambos pegávamos nossas bestas e aljavas. E então, coloquei minha primeira flecha.

Tínhamos um ponto de vista perfeito.

E abaixo de mim, Demos lutou pela sua vida.

Três Eprothans o imobilizaram, com a pedra em suas costas. Todo o meu corpo estremeceu e Cryton colocou a mão no meu braço.

“Não é tão ruim quanto parece”, ele sussurrou.

Um dos soldados deu um passo à frente e depois parou, hesitando. Ah.

o prenderam . Ele se posicionou estrategicamente, com a pedra nas costas. Cada soldado precisava de espaço para atacar, mas com os três tão próximos, Demos poderia facilmente notar qualquer mudança na linguagem corporal que alertasse.

de um ataque iminente. Quando os soldados faziam algum movimento, eles se atrapalhavam.

Eles não tiveram escolha senão atacar como um só.

Minha primeira flecha atingiu o soldado mais próximo na lateral do pescoço. Demos o libertou com um chute e vi o momento em que ele percebeu o que eu tinha feito.

Ele nunca olhou para cima. Mas ele matou os outros dois com raiva renovada. E os próximos três Eprothans que atacaram depois disso.

Tudo bem. Minha fúria também havia retornado. Porque foi aqui que Demos decidiu morrer. Ele sabia que eventualmente o braço da espada se cansaria e seus movimentos ficariam mais lentos. Ele estava simplesmente tentando levar consigo o máximo de Eprothans que pudesse.

Cryton e eu atiramos flecha após flecha. Os soldados não esperavam e vários deles caíram, dificultando a vida dos que estavam atrás deles, que ainda tentavam entrar na passagem.

Cryton voltou sua atenção para os Eprothans que ainda tinham um pouco de magia, enquanto eu atirava implacavelmente nos soldados mais próximos.

Eles perceberam nossa posição rapidamente e seus próprios arqueiros começaram a revidar. Nós dois abaixamos a cabeça e várias flechas atingiram a rocha atrás de nós. Minhas mãos queriam tremer, mas cerrei os dentes, forçando-os a se firmarem.

E então os Eprothans começaram a gritar.

Não os soldados mais próximos de nós.

Mas a retaguarda dos Eprothans.

Eles estavam sob ataque.

O primeiro fio frágil de esperança passou por mim. Por favor. *Por favor.*

“Quem é?” Cryton murmurou.

"Não sei." Olhei para longe, onde orbes feéricas lançavam uma luz fraca sobre os soldados de infantaria dos Eprothans. “Eu acho que eles são humanos. Eles não estão usando uniformes ou armaduras…”

Os Eprothans começaram a se dispersar. Nossos soldados correram para a passagem e Cryton e eu continuamos atirando, até que a maior parte da linha de frente decidiu não segui-los. Um de seus generais gritou para eles reformarem as linhas, e a flecha de Cryton atravessou seu olho.

Eu estremeci.

Isso foi o suficiente para nos ganhar algum tempo. Quem quer que estivesse atacando, permitiria que Demos e os outros passassem pelo passe.

"Vamos."

Estranhamente, descer pela encosta da rocha foi mais fácil do que subir. A alguns passos do chão, soltei-me, esperando que meus pés tocassem o caminho.

Em vez disso, caí nos braços de alguém.

O pânico tomou conta de mim, mas foi a boca de Demos que pegou a minha em um beijo breve e quente.

“Um dia desses você aprenderá a seguir minhas ordens.”

“Quem é? Quem está atacando?”

Ele balançou a cabeça com uma risada atordoada. “Caddaril, o Cutelo e seus criminosos. Ele deve ter reunido vários milhares de homens. Aposto que a maioria deles abandonou o exército de Regner ou desapareceu bem na época em que o recrutamento foi anunciado.

Demos acenou com a cabeça para Cryton, e junto com o restante do Demos

“bons soldados”, corremos para a passagem.

Herne nos ensinou o que fazer com suas armadilhas e, juntos, colocamos uma pedra vermelha escura no lugar, cobrimos vários buracos bem cavados e colocamos as cordas.

E então corremos.

A passagem se estreitou e só tínhamos um único orbe de luz entre nós.

Gwynara esperou por nós e meu peito se aliviou ao vê-la, viva.

Mas ela estava claramente sem magia e simplesmente nos deu um aceno de cabeça aliviado.

Nossa corrida se tornou uma corrida, que se tornou uma marcha lenta.

As horas passaram principalmente em um silêncio exausto. Demos continuou segurando minha mão, recusando-se a soltá-la. “Perdemos mais da metade dos híbridos com os quais chegamos”,

ele me disse a certa altura, sua voz era um murmúrio baixo e sem vida.

Pelo menos mil e quinhentos híbridos esperando por uma nova vida. Pela liberdade.

Perdido.

Uma voz veio da pedra de alguém. Demos tirou-o do bolso. Obviamente, estávamos próximos, mas pelo som monótono da voz nos chamando, eles já estavam tentando há algum tempo.

“Aqui”, disse Demos.

A voz ganhou vida. "Ajuda. Precisamos de ajuda. Os navios de Regner estão se movendo para o Mar Adormecido para derrubar a barreira. E em terra... as criaturas... ah, deuses, não!

A voz foi cortada.

As montanhas ao nosso redor pareceram desabar e minha mente ficou em branco.

Sem dizer uma única palavra, começamos a correr mais uma vez.

Parecia que levava anos para chegar ao fim da passagem. Até mesmo Gwynara começou a cambalear conosco, sua graça natural de fada não era páreo para sua exaustão. A trilha fazia um ângulo para cima e depois para baixo. E então suba mais uma vez.

De repente, a rocha que nos rodeava pareceu cair. E por um momento, tudo que pude ver foi uma tapeçaria de estrelas acima de nós. Minhas pernas tremiam devido ao nosso ritmo incansável e, depois dos confins silenciosos e opressivos da passagem, a energia frenética dos soldados que se preparavam mais uma vez para o ataque era chocante.

Mas além daqueles soldados, algumas centenas de passos à nossa direita, uma presença escura e oleosa escorria pelo chão.

Pisquei e a verdade do que estava vendo pousou sobre mim como uma pedra.

Terrovianos. Milhares de criaturas feéricas de quatro patas que Regner distorceu para obedecer a todos os seus caprichos.

“Eles já estão lá há algum tempo”, disse um dos soldados. “Provavelmente aguardando um sinal.”

Demos assentiu. “Isso é o que Regner faz. Ele visa o moral. Então, quando a batalha chega aos seus inimigos, eles mal têm força e coragem para invocar.”

Passei meu olhar sobre nossos soldados. Eles estavam exaustos. Ficava claro a cada piscada longa e lenta. Mas eles não estavam sem coragem. Eles não tinham falta de bravura. Mesmo agora, sabendo o que estava para acontecer, eles estavam formando suas linhas, prontos para morrer para proteger os híbridos escondidos nas cavernas próximas.

Algo em meu peito se contraiu. Talvez eles nunca consigam ver o mundo que esperávamos criar.

Mas eles acreditavam naquele mundo o suficiente para sacrificar tudo para que outros o vivenciassem.

“Bem,” eu disse, lambendo meus lábios repentinamente secos. “Foi bom termos matado o último de seus skyrions.”

Algumas pessoas riram disso. Demos me cutucou e percebi que ele estava me guiando para uma colina considerável. Era quase uma anomalia geográfica, montando guarda entre a passagem na montanha e o mar. Coberto por uma colcha de retalhos de gramíneas e arbustos baixos, oferecia a melhor vista possível da área. Formações rochosas naturais e árvores dispersas forneciam alguma cobertura e já estavam sendo montadas tendas para generais e curandeiros.

Minhas coxas queimaram enquanto eu o seguia pela encosta escarpada da colina.

“Alguma coisa está acontecendo!” uma voz gritou.

A frota de Regner foi posicionada à distância. Milhares de navios, pequenos o suficiente daqui para parecerem tão inofensivos quanto botes.

Mas um navio solitário aproximou-se vindo do norte, rumo à costa. Também era um dos navios de Regner, mas estava sendo seguido por pelo menos dez outros navios — quase como se estivesse sendo perseguido.

Uma briga estourou entre os navios. Mesmo daqui, pude ver a faísca das armas quando todos os capitães de Regner se voltaram contra aquele único navio.

Uma estranha inquietação deslizou entre minhas costelas.

O navio explodiu. Ninguém falou. E tive a horrível sensação de que quem quer que estivesse naquele navio viera nos ajudar.

Um dos navios de Regner moveu-se muito para o sul – cruzando uma linha invisível. Uma cauda longa e escamosa escorregou da água e bateu no casco repetidas vezes. Uma vingança selvagem tomou conta de mim quando o navio começou a afundar.

Enquanto essas proteções permanecessem ativas, as serpentes veriam qualquer navio em suas águas como um ataque.

Mais navios de Regner permaneciam à distância.

Demos enrijeceu. “Eles estão tentando mudar as proteções. Eu posso sentir isso.

Estremeci.

Quase imediatamente, um dos arqueiros trouxe uma pedra de trow para Demos.

Ele olhou para isso. "Relatório."

“O batedor que contatou você…” disse a voz. “Ele chegou muito perto de uma das criaturas. Isso... o levou.

Desviei o olhar. Por baixo dos murmúrios dos soldados, pude ouvir o barulho das ondas contra a costa. E observei enquanto a primeira luz do amanhecer rastejava no horizonte, pintando o céu com pinceladas suaves de rosa e laranja.

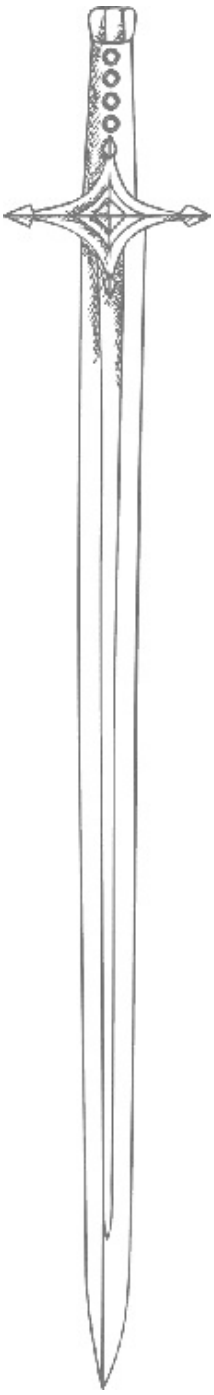
A luz iluminou os navios de Regner no norte, incapazes de se aproximar até que derrubassem as proteções do nosso reino.

Voltando meu olhar para o nascer do sol, ignorei a silhueta dos navios inimigos contra o pano de fundo brilhante do sol. Ignorei o número impressionante de faixas tremulando ameaçadoramente na brisa matinal. Ignorei os rosnados dos terrovianos e a maneira como cada pelo do meu corpo ficou em posição de sentido.

Por um breve momento, observei o sol subir acima da água. E parecia um presente.

30

Asínia



seu povo morreu corajosamente. Com armas nas mãos e fúria nos olhos. Com os dentes à mostra e os escudos erguidos enquanto protegiam os mais vulneráveis.

Mas ainda assim, eles morreram.

E morreu.

E morreu.

Quando Demos começou a xingar continuamente, eu sabia que Regner havia conseguido mudar as proteções de Lyrinore. Nosso reino estava indefeso.

E os navios de Regner começaram a navegar para o sul sem repercussões – exatamente quando os terrovianos atacaram. Nossas próprias proteções só eram úteis para ataques mágicos e, portanto, nossos guardas estavam escondidos, onde poderiam fazer algum bem quando os soldados de infantaria de Regner viessem atrás das crianças híbridas.

Cryton e eu estávamos empoleirados em uma rocha com cerca de um metro e meio de altura. E juntos, atiramos nas criaturas repetidas vezes.

“Eles não gostam de água”, disse Cryton de repente, erguendo a cabeça.

Eu assisti. Ele estava certo. Qualquer terroviano que chegasse perto da água do mar fugiria instantaneamente para trás, para longe de seus parentes, enquanto continuavam a atacar.

Meu coração bateu forte quando peguei a pedra que Demos havia deixado conosco.

“Leve-os em direção ao mar!” Eu gritei. “Eles odeiam a água salgada.”

Demonstrações não responderam. Procurei por ele, meu olhar o encontrou lutando na frente, despachando terrovianos tão rápido que sua espada era um borrão. Mas ele deve ter ouvido minha voz vindo da pedra em sua túnica, porque começou a rugir instruções. Lentamente, nosso povo começou a empurrar os terrovianos em direção à costa. Mais e mais criaturas começaram a fugir.

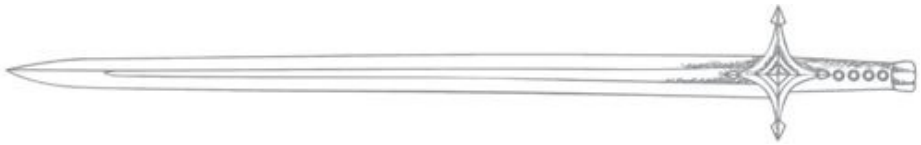
Mas não foi suficiente.

Na vasta extensão do mar, mais frota de Regner havia chegado. Eles sabiam que estávamos aqui e sabiam que tínhamos uma localização melhor, mesmo que estivéssemos em uma terrível desvantagem numérica. Quando atacassem, marchariam juntos, exterminando-nos com precisão metódica.

“Que porra é essa?” Cryton gritou.

Virei minha cabeça na direção que ele estava apontando. A algumas centenas de passos de nós, onde Prisca caiu no túnel para o nosso reino...

Vynthar correu em nossa direção. E pelo menos outros quinze Drakoryx saíram com ele.



Meu coração disparou. Lembrei-me de Telean me dizendo que restavam tão poucos Drakoryx, que ver apenas um era considerado um evento especial.

Claro, se eles não considerassem você digno, também seriam a última coisa que você veria.

O Drakoryx atacou os terrovianos com uma crueldade que fez as criaturas feéricas parecerem mansas em comparação. Os híbridos que nunca os tinham visto ficaram visivelmente chocados, mas imediatamente rugiram em aprovação.

Continuei atirando. Mas eu estava quase sem flechas.

A névoa encheu minha cabeça, um peso pesado pressionando minha nuca.

Alguém começou a aplaudir com voz rouca. Outros aderiram.

Lutei para ter uma visão melhor, quase caindo da pedra.

Minha garganta doeu terrivelmente. Meu lábio inferior tremeu até que cravei meus dentes nele. Mas não consegui esconder as lágrimas que rolavam pelo meu rosto em rios gêmeos.

Ao longe, atrás dos terrovianos, Prisca e Lorian cavalgavam em nossa direção, com Galon e Marth ao seu lado.

Rekja cavalgou perto de Prisca e Lorian, Thora de um lado, Tor do outro.

E atrás deles estava um exército.

O exército que de alguma forma conseguiu atravessar a passagem antes dos soldados de infantaria de Regner. Fae, humanos e híbridos marchando juntos por uma vida melhor.

E no Mar Adormecido… a frota de Daharak Rostamir colidiu com os navios de Regner.

MADÍNIA

Eu perdi a noção do tempo novamente.

Quando Miric saiu, Rythos estava sentado na minha cama. Lentamente, num sussurro tão fraco que eu mal o ouvi, ele retransmitiu a conversa.

Miric tentaria encontrar uma forma de nos tirar daqui. Mas isso levaria algum tempo. Tempo que Rythos precisava usar para distrair seu irmão. Para negociar com ele.

Embora o primo de Rythos tivesse avisado que Brevan viria “em breve”,

ainda se passaram horas antes que o príncipe Arslan passasse pela porta principal da cela.

“Você sabe o que eu quero,” ele disse, encontrando os olhos de Rythos.

“Meu poder apenas permite que o conselho sinta amizade, Brevan. Se continuaram a trabalhar para preparar a nossa frota, talvez seja porque realmente sentem que é necessário.”

“Então remova seu poder e deixe-nos ver o que acontece.”

"Eu vou."

O triunfo brilhou no rosto de Brevan, quase rápido demais para que eu pudesse captá-lo. Mas eu tive.

“Seu pai mandou você aqui?” Eu sorri para ele. “Por que ele mesmo não desce?”

Brevan me ignorou. Mas várias pequenas linhas apareceram perto de seus olhos.

Tensão.

Rythos me lançou um olhar de advertência antes de se voltar para seu irmão.

“Vou remover qualquer poder restante do conselho”, admitiu Rythos, e considerei encontrar a faca de queijo mais uma vez. “Mas só se você concordar em ouvir o que tenho a dizer.”

A fúria assolou os olhos de seu irmão. “Eu sei o que você vai dizer. Você quer nossa frota para seu próprio uso. Mesmo depois de deixar esta ilha há tantos anos, você acredita que agora pode voltar e levar o que quiser.”

Rythos olhou para ele. “Isso é o que você acha que é?”

A expressão de Brevan ficou plana mais uma vez. Mas Rythos soltou uma risada incrédula. “Isto não é uma luta pelo poder. Trata-se do futuro deste continente.”

Seu irmão fez uma pausa. Depois de um longo momento, ele acenou com a mão. “Então fale.”

E então Rythos falou. Ele contou ao irmão sobre conhecer Prisca e saber que ela

era a herdeira híbrida. Ele lhe contou sobre o domínio que Regner tinha sobre seu reino - mas que nunca seria suficiente. Ele contou-lhe sobre a invasão de Gromalia e como Rekja foi forçado a conceder a estrela brilhante do reino aos soldados de Regner.

Ele lhe contou sobre Prisca e Lorian e seu acasalamento e casamento.

Ele lhe contou sobre a barreira e como derrubá-la devolveu o poder a milhares de humanos.

Brevan trouxe uma cadeira a certa altura e comida foi entregue para todos nós. Eu esperava que ele perdesse o interesse agora, mas ele era claramente um homem de palavra, porque gesticulou para Rythos continuar.

Provavelmente Brevan estava simplesmente brincando com ele.

Mas Rythos contou-lhe sobre as aranhas. Ele lhe contou sobre Cavis e exatamente o que aconteceu com o homem que ele considerava um verdadeiro irmão. Os olhos de Brevan brilharam com isso e Rythos simplesmente continuou falando. Ele contou-lhe sobre o sacrifício de Cavis e avisou-o sobre quantas aranhas Regner tinha em vários tribunais.

Finalmente, Rythos ficou em silêncio, com a voz rouca.

Mas não antes de contar uma última coisa ao irmão.

“Se você nos ajudar, prometo que nunca mais voltarei.”

Brevan o estudou. E eu não conseguia ler sua expressão. “Isso seria muito fácil.”

A confusão passou pelo rosto de Rythos.

“Você nunca *deseja* voltar”, esclareceu Brevan. “Para você ficar longe e viver uma vida tranquila e com pouca responsabilidade seria uma recompensa. Um que você não ganhou.

“Ele passou a vida lutando pelo futuro dos quatro reinos”, rosnei. “O que exatamente você fez?”

Brevan me ignorou, embora aquelas linhas tivessem aparecido perto de seus olhos mais uma vez.

Seu olhar estava firme enquanto olhava para Rythos. “Quando esta guerra for vencida, você não irá para o reino híbrido com seus amigos. Você não viverá seus dias em luxo indulgente. Não, você voltará aqui. E você servirá abaixo de mim quando eu for coroado.

“Seu maldito bastardo,” eu respirei.

Brevan olhou para mim então. “Eu sugiro que você segure a língua.”

Rythos respirou fundo e estremecendo. E observei enquanto ele imaginava seu futuro – a vida que ele *ganhou* com cada gota de sangue derramada pelos híbridos e pelas fadas. A dor curvou os ombros e torceu a boca. E Rythos deixou esse futuro passar.

“Eu concordo”, disse ele.

Passamos tanto tempo tão próximos que até a maneira como Rythos respirava me irritava. E ainda assim meu estômago embrulhou com a desesperança sombria em seus olhos.



Brevan assentiu. “Nesse caso, ordenarei que os membros do conselho venham aqui amanhã.”

Rythos ficou de pé. “Amanhã é tarde demais. Brevan, por favor...

“Terá que servir.”

Ficando de pé, ele se virou e saiu do corredor.

PRISCA

Regner não estava aqui. Mas ele estava perto.

Eu praticamente podia senti-lo enquanto nosso exército marchava em direção à ampla costa onde seus monstros haviam imobilizado nosso povo. Pelo canto do olho, avistei Tor cavalgando como se tivesse nascido na sela, Rekja ao seu lado. O príncipe Gromaliano o protegeu pessoalmente em todos os momentos desde que partimos.

Olhos verdes selvagens encontraram os meus. E a firmeza neles acalmou o pior do meu medo. “Você está pronto, gato selvagem?”

"Sim."

O poder de Lorian desapareceu dele, o fogo feérico incinerou pelo menos dez mil criaturas rosnantes.

Puxando os fios do meu poder, congelei o tempo para que as criaturas que permaneciam muito próximas do nosso povo se arriscassem a usar o fogo feérico.

E também parei o tempo para o fogo fae.

Isto teria sido impossível há apenas algumas semanas, quando derrubámos a barreira. Agora, era como se eu tivesse assumido o meu poder de uma forma que nunca imaginei que pudesse.

Galon incitou seu cavalo a avançar, com a água pronta. Marth já tinha um enorme saco de lona com pó de damasco e, enquanto observávamos, ele o jogou para o alto.

Bem no caminho da água de Galon. Ele absorveu o fogo feérico de Lorian, garantindo que quando o tempo recomeçasse, ele não se espalharia para a floresta – e para o nosso próprio povo.

"Ir!" Marth gritou.

Gritos e gritos de alegria frenética soaram enquanto nossos soldados passavam, matando tantos terrovianos quanto podiam enquanto estavam vulneráveis.

Kaliera parecia ter provado algo terrível.

Eu dei a ela um largo sorriso. Eu não queria desperdiçar uma gota do meu poder provando meu valor. Porque eu precisava disso para isso.

Zathrian soltou uma risada. Eu o ignorei, cutuquei meu cavalo e cavalguei em direção aos meus irmãos.

"Mais rápido!" Marth rugiu.

Cascos e botas batiam na areia dura, aumentando o ritmo, mas permanecendo em sincronia.

Eu estava tentando fazer isso parecer fácil. Como se não tivesse me custado. Mas, deuses, aconteceu. Parar o tempo para tantas criaturas e mantê-lo por tanto tempo…

E ainda assim... se eu não tivesse sido incapaz de usar meu poder por tantas semanas, não teria tido força suficiente para manter o tempo como refém por tanto tempo.

Nosso exército estava apenas na metade de suas linhas quando tive que soltar os fios. Eu não podia correr o risco de me queimar. Não antes de matarmos Regner.

Preparando-me, olhei por cima do ombro.

Num momento, os terrovianos estavam massacrando o nosso povo.

E no momento seguinte, milhares de nossos soldados lutavam em seus lugares, desde a orla da floresta até a vasta extensão de areia.

“Em direção ao mar!” alguém rugiu dos híbridos que esperavam à nossa frente.

“Vire-os em direção ao mar.”

Lorian usou seu raio agora, lançando um raio azul longo e arrepiante do lado oeste da ilha, perto da floresta, através da areia.

Terrovianos tocados pelo poder de Lorian morreram instantaneamente. Aqueles que foram forçados a voltar para perto da água do mar viraram-se e fugiram.

Eu pisquei. Foi isso-

Lá.

Impedindo que os terrovianos fujam em direção ao nosso povo…

Um grupo de Drakoryx.

Vynthar os liderava enquanto rosnava ameaçadoramente, recusando-se a ceder um único centímetro de terreno. Engoli um soluço. Meu amigo não nos abandonou.

Não, ele foi reunir o restante de sua espécie.

E ao lutarem connosco aqui hoje, eles estavam a arriscar a sua extinção.

“Eles reformarão as linhas quando os soldados de Regner chegarem”, disse Lorian. “Mas, por enquanto, alcançamos o que precisávamos.”

Gritos e risadas e gritos de alegria irromperam quando chegamos aos híbridos perto da passagem. Fomos direcionados para uma colina que parecia ser uma extensão das montanhas, e Demos passou os braços em volta de mim.

Chegamos a tempo. Meu coração disparou e, por um momento, pude esquecer todo o resto, exceto o fato de que ele ainda estava vivo.

“Essa foi uma entrada e tanto”, ele retumbou.

“Achei que você iria gostar”, me afastei. “Tíbris? Asínia? Vicer?

“Todos vivos.”

Minha respiração estremeceu em meus pulmões, meus joelhos enfraqueceram. Mas apesar da alegria que iluminara sua expressão, seus olhos estavam inexpressivos.

Meu sorriso vacilou. “Quantos, Demos?”

“Dois terços dos híbridos que você enviou com Vicer. Eles morreram protegendo nossos mais vulneráveis.”

O calor queimou o fundo dos meus olhos. “Enviamos dezesseis híbridos à nossa frente.

Algumas de nossas pessoas mais poderosas.”

“Eles estavam em um dos navios de Regner?”

"Sim."

“Algo deu errado. Vimos Regner matá-los.”

Fechei os olhos. Orivan estava convencido de que os híbridos eram alguns dos melhores escudeiros do nosso exército. Mas Regner estava preparado para eles.

“Pris?” A voz de Demos era suave.

Eu abri meus olhos. Este não era o momento de desmoronar. Isso viria mais tarde.

Ele pressionou algo frio em minha mão e eu olhei para baixo. O amuleto. Minha garganta apertou. "Obrigado."

“Eu não teria conseguido sem Asinia.” Ele olhou por cima do meu ombro e eu girei.

Asinia, Tibris e Vicer caminharam no meio da multidão, abrindo caminho entre as tendas e algumas fogueiras já acesas. Atrás deles, vislumbrei um homem que devia ser Herne.

Caminhava com o passo de quem está acostumado a dar ordens.

Nossos olhos se encontraram e ele lançou um único olhar para Tibris.

Naquele olhar, vi uma espécie de afeto confuso. Como se Herne não tivesse certeza de como ele veio parar aqui, mas ele ficaria enquanto Tibris estivesse ao seu lado.

Eles me alcançaram e, enquanto eu abraçava Asinia e Tibris, a pedra pesada que carregava nas entranhas desapareceu. Tibris recuou. “Pris, isso é

Herne.”

Herne me lançou um olhar firme. E ele inclinou a cabeça. "Majestade."

“Me chame de Prisca. Obrigado por manter meu irmão seguro.

O humor brilhou nos olhos de Herne e, ao lado dele, a postura de Tibris relaxou visivelmente.

“Você trouxe seus rebeldes”, eu disse.

"Eu fiz. Você deu a todos nós algo em que acreditar.”

“Vossa Majestade?” uma voz rouca disse. Eu me virei.

“Dashiel?”

Ele sorriu para mim. Eu mal o reconheci do tempo que passou na masmorra de Regner. Eu prometi a ele vingança pela morte de seu irmão. E agora ele estava pegando. E ao lado dele…

“Margie!” Já fazia muito tempo que não via a mulher que considerava Vicer seu filho adotivo. Ela deu um tapinha nas minhas costas quando eu a abracei.

“É bom ver você. Avise-me quando precisar de algo para comer.

Demos soltou um xingamento baixo e eu me virei. Ele estava olhando para o chão abaixo de nós, onde alguns de nossos soldados ordenaram que Zathrian e Kaliera descessem dos cavalos.

“Você não matou Zathrian?”

Limpei delicadamente a garganta. “Achei que sua prisão teria mais impacto.”

Demos revirou os olhos.

Eu ignorei isso. “Onde está Telean?”

“Nós a evacuamos do acampamento híbrido esta manhã. Ela deveria estar atualmente segura em uma das cavernas – se ela realmente seguisse as ordens pela primeira vez.”

“Ela não fez isso.”

Sorri com o tom descontente da minha tia, virando-me para encontrá-la ao lado de Lorian. Ela colocou as mãos nos quadris e, embora a exaustão marcasse seu rosto, seu olhar se suavizou quando encontrou o meu.

Demos apenas suspirou. Mas seus olhos brilharam quando ele olhou para trás.

“Rostamir passou.”

“Ela fez. Nenhum sinal de Conreth ou Rythos?

"Não."

Meu estômago revirou. Voltei meu olhar para nossos soldados, onde nossos generais formavam suas linhas. Os navios de Regner estavam atualmente preocupados em se defender da frota de Daharak. Mas quando nos encontramos com

Rekja, ele nos disse que os soldados Eprothan estavam apenas algumas horas atrás deles, atravessando as Montanhas Normathe.

E seus números…

Mesmo sem os terrovianos, era garantido que Regner enviaria trovejantes de volta para nós, os Eprothans nos superavam em número, pelo menos dois para um.

Mas não eram apenas os números que precisávamos. Conreth usava um dos amuletos das fadas. O que significava que não poderíamos matar Regner sem ele.

Blynth passou, acenando para Demos, e eu sabia que em breve eles estariam discutindo estratégia. Aparentemente, quando Rekja soube da morte dos Eprothans

verdadeiros planos, ele convenceu o general a começar a mover nosso exército para o norte.

Embora Blynth tenha conhecido Rekja em sua capital, eles também tomaram uma bebida em nosso casamento. Então ele confiou no príncipe Gromaliano o suficiente para ordenar que nossos soldados marchassem antes de receber minha mensagem confirmando a ordem.

Telean ergueu a mão. “Tônicos para os olhos,” ela disse, distribuindo frascos para cada um de nós sem sentidos feéricos. “Eles foram criados para durar alguns dias.”

Minha tia estava sempre pensando nesse tipo de coisa. Peguei meu frasco

enquanto os outros faziam o mesmo e bebi, fazendo uma careta. O que quer que tenha sido adicionado para a longevidade deu-lhe um sabor amargo e estragado. “Obrigado, Telean.”

Olhei ao redor. Lorian mudou-se para falar com Rekja.

“Se tivermos apenas algumas horas, precisamos aproveitá-las ao máximo”, disse Demos, devolvendo o frasco vazio a Telean. “Ninguém dormiu ontem à noite. Estou ordenando que nosso pessoal descanse em turnos até que nossos batedores relatem o avistamento dos soldados de infantaria de Regner. Enquanto isso, coloquei três dos meus guardas mais confiáveis no Tor. Ninguém vai chegar até ele, Pris.

Minha respiração estremeceu fora de mim. Não ficaria surpreso se Regner soubesse que o poder de Tor era nossa única esperança.

“Os híbridos que conseguiram passar pela passagem?” Perguntei.

“Eles estão nas cavernas. Eu queria tentar levá-los até o túnel quando chegássemos, mas... um dos terrovianos matou um batedor que chegou perto demais. Não há como eles terem sobrevivido.”

“Os mais velhos?”

“Nada deles ainda.”

A amargura inundou minha boca, mas eu engoli. Demos estava me observando de perto. “Quero lhe mostrar uma coisa”, disse ele. "Me siga."

O olhar de Lorian imediatamente encontrou o meu quando ele me notou saindo. Ele estava ao meu lado um momento depois e eu estendi o amuleto.

Seus lábios se curvaram e ele entregou a Galon, que era o mais próximo. Ambos os amuletos brilharam à luz do sol quando Galon os colocou na cabeça.

“Já volto”, eu disse.

Lorian não parecia feliz, mas acenou com a cabeça para Demos.

A floresta não era tão exuberante ao longo desta parte da costa, pois ficava um pouco ao sul, onde atraquei da última vez que estive neste continente. A vegetação rasteira e desgrenhada prendeu-se às minhas botas enquanto Demos me levava para longe da colina onde havíamos montado acampamento. Mas em poucos minutos ouvi vozes.

“Existem centenas de cavernas aqui”, disse Demos. “Alguns deles são abrigos mais rasos do que qualquer outra coisa. Outros são profundos e largos o

suficiente para abrigar vinte ou trinta híbridos.”

Em uma das cavernas, uma criança estava rindo — uma daquelas gargalhadas que fazia qualquer um que estivesse ao alcance da voz sorrir. A primeira caverna estava parcialmente escondida pelas árvores e arbustos, situada no terreno mais alto, onde a floresta encontrava a base da montanha. A entrada da caverna era protegida por folhagens pendentes, dificultando a localização.

Eu olhei para dentro. Vários olhos arregalados encontraram os meus.

“É a rainha”, sibilou um garotinho. “Eu conheci o príncipe também.”

“Não fiz.”

“Também fiz!”

Demos se inclinou sobre meu ombro.

"Ver! É ele!

Escondi meu sorriso.

“Shh,” uma mulher de aparência atormentada os silenciou. Ela inclinou a cabeça.

“Vossa Majestade.”

“Você precisa de alguma coisa?”

“Os outros garantiram que teríamos comida e cobertores suficientes para alguns dias. Obrigado." Seu terror era evidente em seus olhos arregalados, no tremor de seu lábio inferior. Mas ela olhou para as crianças que nos observavam de perto e endireitou os ombros, firmando a boca.

“Se tivermos a chance de movê-los para o túnel, todos vocês podem estar prontos?”

A mulher me deu um aceno de cabeça, seus olhos cinzentos brilhando na penumbra.

“Vamos nos mover rapidamente.”

"Fique seguro."

"Você também. Que os deuses o abençoem.

Demos balançou a cabeça e eu o segui para fora da caverna. "Por que você queria que eu os visse?" Perguntei.

“Porque eu vi seu rosto quando você soube quantas pessoas havíamos perdido.

E vamos perder mais milhares, Pris. Se Rythos e Conreth não chegarem a tempo… estaremos todos mortos. Todos nós. Não restará ninguém para salvar.”

Respirei fundo. “E você queria me lembrar que as crianças dependiam de nós?”

"Não." Sua boca se firmou. “Queria lembrar a vocês que estamos lutando por mais do que apenas nossas vidas. Cada decisão que tomarmos se resumirá a uma questão: isso garantirá um futuro às crianças de Lyrinore?

Olhei para outra caverna, não tão bem escondida quanto as outras, mas guardada por dois soldados híbridos que inclinaram a cabeça para nós. “E aquela caverna?”

A boca de Demos se apertou. “Prisioneiros.”

“Que tipo de prisioneiros?” Teríamos levado alguns soldados de Regner?

“Aranhas.” Demo hesitou. “Finley está lá, Prisca.”

Encontrei seus olhos. Demos me contou o que Finley fez. Como ele usou sua magia de replicação para Regner. Nenhum de nós conseguiu descobrir a linha do tempo de quando isso ocorreu. Mas ninguém ficou de olho em suas idas e vindas. Porque ninguém suspeitava dele. E claramente, todos nós chegamos à conclusão errada sobre a magia negra de Regner.

Ele não precisava mais distorcer a mente do nosso povo quando eles eram crianças. Ele agora poderia fazer isso com qualquer pessoa de qualquer idade.

"Eu quero vê-lo."

Demos assentiu, como se já esperasse por isso.

“Ele nos ajudou de muitas maneiras, Demos. Ele provou repetidamente que estava do nosso lado.” Eu podia me ouvir. Podia ouvir a negação em minha voz. Mas…

“Cavis também,” Demos disse, sua voz gentil. “Regner chegar até Finley não o torna mau, Pris. Significa apenas que não podemos confiar nele até encontrarmos uma maneira de reverter a magia suja de Regner. E precisamos mantê-lo onde possamos vê-lo.”

A caverna estava escura, iluminada apenas por alguns orbes de luz. Finley era o prisioneiro mais próximo da entrada da caverna. No momento em que o vi, encostado na parede da caverna, com a cabeça apoiada nos joelhos, tive que suprimir meu instinto para ordenar imediatamente que ele fosse solto.

Ele só tinha visto dezesseis invernos.

E então ele levantou a cabeça. Demos se inclinou e afastou uma mecha de cabelo castanho encaracolado de Finley. A teia rastejou por sua têmpora, desaparecendo na linha do cabelo e aparecendo através da orelha.

E seus olhos... O garoto tímido que reproduziu minha adaga se foi. Agora, seus olhos estavam atordoados, confusos, quase vazios. Exatamente como foi o caso de Cavis.

Minha cabeça girou e tropecei.

“Pris...” Demos pegou meu braço e me puxou para fora da caverna.

"Desculpe." A bile subiu pela minha garganta e eu ofeguei, reprimindo a vontade de vomitar.

“Não se desculpe”, disse ele. “Eu deveria ter pensado… sou eu quem está arrependido.”

“Quantos mais?”

"Não sei. Há outras dez aranhas comprovadas naquela caverna, e algumas outras morreram enquanto viajavam com Vicer e os híbridos.

Kaliera e Zathrian caminharam em nossa direção, cercados por três guardas. Eu consegui reprimir minhas emoções quando interagi com eles. Mas vê-los caminhando em nossa direção como se *estivessem* incomodados, observando meu primo, que era um traidor de nosso povo por opção , logo após ver Finley, cujo testamento havia sido roubado dele...

O olhar de Zathrian encontrou o meu e imediatamente se desviou.

“Demos”, disse ele. “Coloque uma espada em minha mão.”

A expressão de Demos era fria. “Então você pode usá-lo para nos apunhalar pelas costas?”

“Vou manter as algemas. Apenas deixe-me lutar pelos híbridos. Por favor."

Desespero e falsa sinceridade brilharam em seus olhos. Ele não passava de um mentiroso de língua melosa.

“Você nunca lutou pelos híbridos um dia na sua vida”, disse Demos.

“Por que você começaria agora?”

Devo ter feito algum tipo de som, porque Demos encontrou meus olhos.

“Você não pode estar falando sério.”

Zathrian sorriu. Porque ele pensou que eu era mole. Fraco.

Olhei para ele e seu sorriso desapareceu. “Ele é um inconveniente”, eu disse a Demos, meu olhar ainda em nosso primo. “Uma ponta solta. Que tipo de futuro ele terá em nosso reino depois de tudo que fez? E não quero começar o meu governo matando um membro da família. Ele sabe que se tentar alguma coisa, Lorian fará com que sua morte dure *anos* . Em vez disso, deixe-o morrer lutando.”

Eu lhe mostrei misericórdia. Morrer com uma espada na mão era mais do que ele merecia. Certamente minha avó não poderia esperar mais do que isso. Zathrian e eu nos encaramos por um longo momento. Finalmente, ele assentiu, com uma expressão tensa.

“Tudo bem,” Demos rosnou. “ *Ela* não vai a lugar nenhum”, disse ele aos guardas de ambos os lados de Kaliera. Ela deu ao meu irmão aquele olhar frio e arrogante que eu tinha visto muitas vezes enquanto estava em seu castelo.

“Observe-a como você observaria uma cobra venenosa rastejando em direção a um de seus filhos”, eu disse.

Kaliera olhou para mim agora e quase pude vê-la planejando minha morte.

Dei a ela um sorriso frio enquanto Demos acenou com a cabeça para um dos guardas, que soltou Zathrian, deixando as pesadas algemas em suas mãos. Eles iriam impedi-lo de interferir no meu poder, mas ele realmente seria capaz de brandir uma espada.

Se ele quisesse morrer lutando enquanto fingia que realmente tinha os interesses do nosso povo no coração...

Multar. Precisávamos de todos os soldados que pudéssemos conseguir neste momento.

Zathrian ficou em silêncio enquanto seguia Demos e a mim para fora da floresta e até a costa. A apenas cem passos daqui, o chão tornou-se areia dura. Mais algumas centenas de passos e ficou macio. Essa areia drenaria a energia dos nossos soldados a cada passo.

Marth deu uma olhada em Zathrian e balançou a cabeça para mim.

Franzi o nariz para ele e ele riu.

Lorian apareceu ao meu lado. Inclinando-se, ele sussurrou algo no ouvido de Zathrian. O rosto do meu primo perdeu a cor, até ficar quase cinza.

Lorian deu-lhe um sorriso selvagem e deu-lhe um tapa nas costas.

Demos gesticulou para um dos soldados dar uma espada a Zathrian, e Lorian ficou tenso, aproximando-se ainda mais de mim.

Uma buzina soou.

Maldições ásperas seguiram-se de todos ao meu redor. Eu mal percebi. Eu estava muito ocupado observando o restante do exército de Regner aparecer no norte.

Eles vieram em um fluxo interminável, como um rio escuro fluindo do coração frio das montanhas, suas armaduras negras engolindo a luz. Ao chegarem à praia, era como se estivessem rastejando pela areia como piolhos, sua armadura combinando perfeitamente com a pele escura e oleosa dos terrovianos.

Mas foi o barulho que substituiu meus batimentos cardíacos, deixando meus joelhos fracos.

A marcha deles era um estrondo constante e opressivo. Um lembrete de como

fortemente estaríamos em menor número. Do meu ponto de vista, era fácil ver a formação deles cortando a paisagem, à medida que o exército se alinhava linha após linha.

Todo o meu corpo ficou dormente. Mas nossos soldados me observavam de todas as direções. Eu não podia me dar ao luxo de demonstrar um pingo de medo. Nem uma única gota de fraqueza. Forçando meus joelhos trêmulos a se endireitarem, levantei a cabeça, curvando os lábios ao ver o exército de Regner.

Lorian se aproximou, o calor de seu corpo era um conforto silencioso.

“Eles ainda estão vindo,” eu sussurrei, sabendo que ele ouviria.

"Sim."

Lorian nunca suavizou a verdade para torná-la mais palatável para mim. Ele não estava prestes a começar agora.

Mas ele estaria ao meu lado até o fim. Disso eu não tinha dúvidas.

Seus olhos encontraram os meus. “Está na hora.”

Um arrepio tomou conta de mim quando vesti a armadura que Lorian havia encomendado para mim.

Minhas palmas ficaram escorregadias de suor. A náusea percorreu meu estômago enquanto eu olhava para nosso povo, formando filas que pareciam se estender por milhares de passos – até que imaginei o dobro desse número marchando em nossa direção.

Meu olhar encontrou o de Rekja. O rei gromaliano olhou para mim com calma, recusando-se a ceder ao medo ou à desesperança.

Não houve separação entre os soldados que usavam listras verdes gromalianas em seus capacetes e aqueles que não usavam. Nosso povo lutaria lado a lado e viveríamos ou morreríamos de acordo com esta decisão.

Milhares de olhares ainda estavam presos ao meu rosto. Eu podia senti-los. Podia sentir suas esperanças e medos.

Os soldados de infantaria de Regner continuaram a chegar à costa. Mas Regner não conseguiu resistir a dourar seus capacetes. O sol brilhou no ouro.

“Esse ouro tornará mais fácil ver quem matar”, disse Orivan, aproximando-se de mim. Tanto ele quanto Blynth consideraram atacar agora, enquanto Regner ainda formava suas linhas. Mas Rekja e Demos venceram a discussão.

Precisávamos de cada segundo que pudéssemos encontrar. Porque todos nós ainda tínhamos esperança de que chegassem reforços.

“Tor?” Perguntei.

“Seguro”, disse Demos. “Ele sabe o que fazer. E ele vai esperar pelo nosso sinal.

“Vossa Majestade!” alguém gritou.

E foi então que eu vi. Mesmo com o encanto que Telean me tinha dado, era impossível dizer o que estava a tropeçar na nossa direcção.

Ou quem.

Eu fiz uma careta, apertando os olhos. Era um homem. Um homem que cambaleou na areia, quase caindo.

Minha respiração ficou presa na garganta e comecei a correr.

Lorian me tirou do ar. “Não, Prisca.”

Vicer avançou, colidindo com Demos, que bloqueou seu caminho. Vicer soltou uma série de palavrões. “É Natan, seu bastardo frio.”

“Regner está esperando que você vá até ele,” Demos rosnou. “Seus arqueiros

estão preparados. Esperamos até que ele esteja perto o suficiente para que nossas proteções possam cobrir você.”

Apertei os olhos para longe. Natan avançou tão lentamente que ficou claro que ele estava gravemente ferido.

“Pegue Tibris,” eu engasguei.

Movimento atrás de mim. Alguém se virou e correu.

“Esta foi minha decisão”, disse Demos suavemente. “Eu disse a ele para atrasá-los.

Natan sabia exatamente o que estava fazendo, Prisca. Ele conhecia os riscos.”

Eu não conseguia falar. Não sem lágrimas escorrendo pelo meu rosto. E eu não permitiria que nossos soldados vissem isso. Mas, deuses, eu queria que cada pessoa em todos os quatro reinos soubesse que a razão pela qual o exército de Rekja chegou antes do de Regner foi por causa do homem corajoso que mancou em nossa direção.

Ele nos deu o tempo tão necessário. E ele pagou por isso.

Nathan não usava camisa. O que tornou mais fácil ver as adagas que haviam sido cravadas em seu peito e estômago. Finas linhas pretas curvavam-se daqueles punhais, indicando veneno. Seus pés estavam ensanguentados e suas mãos estavam amarradas nas costas.

“Tibris está aqui”, sussurrou Demos. “Só mais alguns momentos, Pris.”

Parecia que se passaram anos antes de Natan estar sob nossa proteção. No momento em que conseguiu fazê-lo, vários dos nossos soldados saltaram para a frente, agarrando-o quando ele caiu de joelhos e cortou-lhe a corda dos pulsos.

Os soldados de Regner instantaneamente aplicaram seu poder nessas proteções. Mas Tibris e Vicer já haviam passado por Demos, agachados ao lado de Natan.

Eu os segui, caindo no chão.

Os olhos de Nathan encontraram os meus. Ele tentou falar, mas não conseguiu.

“Água,” Vicer exigiu.

Alguém lhe entregou um odre. Natan tomou alguns goles.

“Precisamos remover as facas”, disse Tibris, segurando as mãos contra o peito de Natan. “Mas precisamos de outro curandeiro para ajudar. O veneno…”

Nathan pegou sua mão. "Nós dois... sabemos... não... estamos vivendo... isso."

“Sim, você está,” eu disse, virando a cabeça. "Curador!"

Um dos curandeiros fae avançou. Quando ela viu Natan, ela respirou fundo.

Natan baixou o olhar para as adagas em seu torso. “Vale a pena”, disse ele.

“Natan...” Minha voz falhou.

“Casa”, ele sussurrou.

“Sim”, disse Vicer, pegando sua mão. Por que ele não estava fazendo alguma coisa?

Por que ele não estava—

“Vamos enterrar você em casa.” O rosto de Tibris estava angustiado, seus olhos vazios. Nathan era seu amigo mais antigo. Se houvesse algo a ser feito, ele o faria.

Não . *Por favor,* não.

Natan sorriu para Tibris e Vicer. Ele virou aquele sorriso para mim.

Ele ainda estava sorrindo quando morreu.

Meu sangue gelou. Eu me levantei. “Pedra”, eu disse.

Demos devia saber que eu não estava pedindo uma pedra de trowth. Em vez disso, ele me entregou uma pequena pedra vermelha, projetada para fazer minha voz ser transmitida por uma grande multidão.

“Isso é o que Regner faz”, eu disse. Minha voz tremia de raiva e me forcei a firmá-la. “Ele cria perdas e depois se deleita com isso. Ele cria mentiras e depois gosta da falta de confiança. Ele cria desesperança e se beneficia das vidas perdidas para isso.

“Mas não é isso que *fazemos* . Criamos alegria. Criamos amizade. Criamos vida, amor e esperança. E quando precisamos — quando alguém nos obriga — criamos *a morte* . Hoje, faremos com que Regner se arrependa de ter escolhido atingir nosso pessoal. Faremos com que ele se arrependa da dor, da perda e da desesperança que exerceu durante séculos. Defenderemos nossos reinos e nos recusaremos a ceder à loucura do rei Eprothan.”

Aplausos soaram, nossos soldados ergueram suas espadas no ar. Haveria tempo para luto mais tarde. Por enquanto, eu não podia me dar ao luxo de deixar o mal

de Regner me mastigar. Entreguei a pedra de volta para Demos. Ele disse algo na pedra e nosso povo começou a marchar.

À nossa frente, os soldados de Regner faziam o mesmo.

A maior parte de seu flanco esquerdo era composta por terrovianos. Lorian matou muitos de seus skyrions quando atacaram Sorlithia, e Asinia e Demos claramente cuidaram do resto quando destruíram a mina de Regner. Mesmo que o pensamento me agradasse, me vi olhando para as criaturas de quatro patas rosnando esgueirando-se em nossa direção.

Eu sabia por que Regner os colocou mais perto da floresta. Para as montanhas.

Porque quando ele atravessasse nosso exército, essas criaturas seriam as mais adequadas para caçar qualquer um que pensasse em fugir. Eles farejariam híbridos nas cavernas, na floresta ou fugindo pela passagem.

“Precisamos matar os terrovianos rapidamente.”

“Sim”, disse Demos. Ele acenou com a cabeça para Vynthar e os outros Drakoryx que rondavam em direção aos terrovianos. “E nós iremos.”

Perto dali, Lorian estava conversando com Galon e Marth.

“Para Cavis”, disse ele.

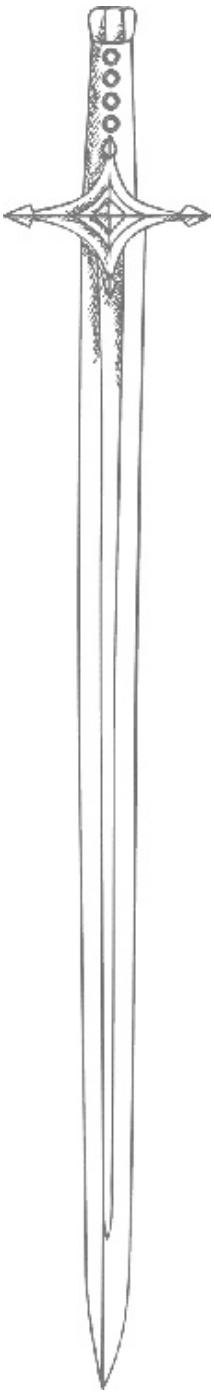
“Para Cavis.” A voz de Marth estava rouca.

“Para Cavis,” Galon concordou. “E para nós.” Seu olhar passou pelos soldados antes de pousar no corpo de Natan, Tibris e Vicer ainda ao seu lado.

“Para todos nós.”

31

Prisca



os mais velhos marcharam em direção aos seus inimigos, armas nas mãos, escudos erguidos. alguém rugiu e nossos arqueiros dispararam, o céu se enchendo de flechas pretas. Algumas dessas flechas pertenciam a Asinia, e me permiti reservar um momento para implorar aos deuses que a mantivessem segura.

As flechas pousaram. Algumas de nossas proteções cederam e, onde caíram, nosso povo morreu. Mas o mesmo aconteceu com o exército de Regner.

Demos ordenou que qualquer fae, humano ou híbrido que possuísse poder de longa distância suficiente mirasse primeiro nos terrovianos. Nossas proteções nos protegeriam da magia e nos protegeriam contra flechas com pontas de ferro feérico por algum tempo, mas apenas a proteção de Regner oferecia proteção contra ataques físicos.

Os dois exércitos colidiram um contra o outro num choque de aço, poder e sangue.

Tanto Demos quanto Lorian me disseram para esperar. Para usar meu poder com moderação.

Estrategicamente. Eu poderia tê-los rejeitado, mas a lógica deles era sólida. Então fui forçado a assistir nosso povo morrer violentamente, tão perto de sua terra natal.

Atrás de nós, qualquer pessoa que não estivesse lutando ou cuidando dos feridos construía uma grande barricada com madeira da floresta. Se tivéssemos que recuar, isso ofereceria pelo menos um pouco de proteção.

Enviamos nossas mensagens para Tymriel e os outros anciãos. Em algum momento desta batalha, teríamos que mover os híbridos das cavernas para os túneis. Porque era apenas uma questão de tempo até que Regner soubesse que eles estavam lá. E porque se perdêssemos esta batalha, não haveria ninguém entre os híbridos e os Eprothans.

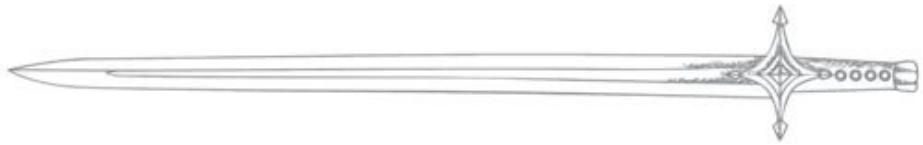
“Os híbridos mais antigos e as fadas falavam da guerra como se fosse algo repleto de aventura. Uma saga repleta de heroísmo e emoção”, disse uma voz atrás de mim, interrompendo meus pensamentos sombrios. Eu me virei. Ameri se aproximou, com o olhar voltado para a batalha.

“Eles têm que fazer isso”, eu disse. “Ou ninguém que tenha vivido isso jamais entraria em um campo de batalha novamente.”

Ela assentiu e, quando seu olhar encontrou o meu, seus olhos estavam úmidos. “Parte de mim gostaria de ter treinado como os soldados. Então eu poderia fazer a diferença.”

“Você salvou mais vidas durante esta guerra do que quase qualquer outra pessoa.”

O poder de Ameri não foi feito para a dura luz do dia da batalha. Foi feito para becos escuros e para o silêncio sombrio da noite. Para trocas silenciosas escondidas sob o manto da escuridão, onde uma única mensagem poderia matar um



inimigo ou um resgate furtivo poderia salvar uma vida. Ela poderia estar destinada a ser um dos heróis anônimos desta guerra. Só que eu sabia como ela trabalhava com Vicer na cidade, contrabandeando híbridos e nos fornecendo informações. Se sobrevivêssemos, eu garantiria que todos soubessem o quanto ela contribuiu.

Seu olhar permaneceu em um homem perto da frente. E havia tanto desejo em seus olhos que me vi virando a cabeça.

Ah.

A única maneira de Vicer ter usado seu poder de forma eficaz seria se pudéssemos de alguma forma colocá-lo furtivamente em um dos generais de Regner.

tendas. Como isso era impossível, ele lutou espada contra espada nas linhas centrais, Dashiel ao seu lado. Eu sabia que cada soldado que Dashiel derrubou era por seu irmão Thayer, que não teve chance quando seu poder irrompeu.

Mas Vicer lutou por todos os híbridos e humanos. Pelas vidas que ele não pôde salvar e pelas que poderá salvar hoje.

"Você deveria dizer a ele como você se sente."

“Se sobrevivermos a isso, talvez eu consiga”, disse Ameri suavemente. Ela se virou e foi embora.

ASÍNIA

Flecha após flecha voou da minha nova besta. Ao meu lado, Cryton prendeu seus próprios parafusos um pouco mais devagar. Mas o que lhe faltava em velocidade, ele compensava em distância, a parte superior do corpo musculosa lhe dava uma força incrível.

Visamos nossas próprias linhas, atingindo o maior número possível de soldados de Regner, enquanto nossos híbridos mais poderosos continuavam a concentrar seu próprio poder nos terrovianos.

Regner não se preocupou em proteger os humanos em sua linha de frente. Eles eram a distração. Os corpos que cansariam nosso próprio povo bem a tempo de seus soldados mais experientes e poderosos tomarem seus lugares.

Os humanos na frente seriam os mais pobres de Eprotha. Estes eram os aldeões entre os quais cresci. As pessoas que viveram sem energia própria durante a maior parte de suas vidas. Os pais e filhos que foram recrutados e que não tiveram escolha senão lutar pelo seu rei. Alguns deles nem sequer seriam capazes de ler o aviso de recrutamento que lhes foi entregue.

Sufoquei um soluço e minha mão tremeu violentamente quando peguei minha próxima flecha.

“Eu sei”, disse Cryton severamente ao meu lado. “Eu sei, Asinia, mas são eles ou as crianças escondidas naquelas cavernas. Deixe seus rostos desfocados e finja que são apenas alvos.”

Tentei. Mas não consegui.

Mesmo assim, continuei atirando até meu braço doer, até minha nova besta parecer pesada como pedra. E a parte mais covarde de mim ficou aliviada quando os exércitos se enfrentaram e não podíamos mais atirar desta posição sem arriscar o nosso próprio povo.

Mais de nossos arqueiros estavam estacionados nas montanhas atrás de nós, fazendo o mínimo que podiam para desacelerar os soldados de Regner. Virei-me para Cryton.

“Você precisa se juntar aos outros.”

"Venha comigo."

“Você sabe que não posso.”

Seus lábios se estreitaram. “Então que os deuses cuidem de você.”

Eu dei a ele um sorriso trêmulo. “Vejo você quando isso acabar.”

Ele se virou e desceu da rocha. Escolhi um alvo final, um humano que avançava em direção a um de nossos híbridos, com um rosnado no rosto.

Meu raio o acertou na garganta.

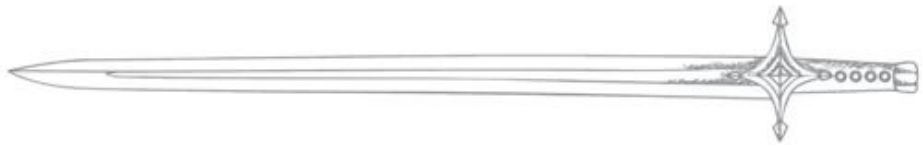
E então tudo que pude ver foi a armadura prateada do nosso povo enquanto eles cerravam fileiras. Enquanto eles marchavam e matavam. Ao longe, avistei um ocasional capacete preto com toques de ouro, perto demais do nosso próprio povo para que eu pudesse mirar.

Mas eu podia ouvir o choque áspero das espadas, o baque das flechas atingindo os escudos de madeira e a carne, os gritos de arrepiar os cabelos.

Pude ver o lampejo de magia, pontuado pelos gritos guturais de agonia que se seguiram.

Eu podia sentir o cheiro do suor do medo que pairava no ar, misturando-se com a fumaça acre das fogueiras dos Eprothans à distância.

Mas por trás desses aromas estava o sabor salgado da brisa do oceano. A fragrância doce e terrosa da floresta às nossas costas. De vez em quando eu ouvia



o bater das ondas contra a costa.

Parecia quase ridículo que a morte reinasse nesta extensão infinita de céu, areia e mar. Acima de nossas cabeças, gaivotas circulavam. Logo, eles seriam substituídos por corvos, banqueteando-se com cadáveres.

E no vibrante mar azul-esverdeado, os navios eprothanos que a frota de Daharak não conseguia alcançar estavam ancorando nas águas rasas e enviando botes de soldados para remar em nossa direção, movendo esses soldados até a costa, onde se juntaram ao acampamento de Regner atrás de suas linhas.

Um desses navios aproximou-se do local onde Fenreth, amigo de infância de Rythos, havia morrido há muito tempo, quando Prisca visitou nosso reino. Em breve, os soldados de Regner tentariam desembarcar e entrar em Lyrinore por aquele túnel.

Mas aquele túnel tinha sua própria magia, e tive a sensação de que isso faria com que aqueles humanos sentissem muito, muito mesmo.

Enquanto eu observava, um dos navios de Daharak deslizou agilmente em torno de um dos de Regner, e o navio revestido de ouro foi envolto em fogo e magia, a fumaça subindo para escurecer o céu sem nuvens.

Assim que outro navio Eprothan se aproximou da costa, demorando-se por muito tempo. Como se estivesse nos provocando.

E quando o navio se virou para exibir o mastro, pude perceber porquê.

PRISCA

Lorian, Galon e Marth invadiram o campo de batalha. Eles eram tão mortais que tive que me forçar a desviar os olhos e me concentrar no resto do nosso exército.

“Regner está muito seguro”, murmurou Blynth. “Temos que enfurecê-lo e depois convencê-lo de que não tem nada a perder nos provocando. Precisamos de um tiro certeiro.”

Mas não poderíamos tirar aquela foto sem o amuleto que Conreth usava no pescoço.

Agora, Blynth começou a xingar violentamente. Desviando minha atenção da batalha, segui seu olhar.

Um navio Eprothan aproximava-se da costa. Mas, ao contrário dos outros mais ao norte de nós, não parecia estar atracando para adicionar soldados às linhas de Regner.

Não, este navio estava provocativamente próximo por um motivo totalmente diferente.

Amarrado ao mastro do navio estava pendurado o corpo brutalizado de uma das serpentes marinhas que guardaram nosso reino por tantos anos.

Há apenas alguns meses, fiquei em transe, observando uma dessas criaturas magníficas deslizar pela água, emergindo apenas para mostrar suas enormes asas. Ele olhou para mim com olhos dourados inteligentes que pareciam ver o fundo da minha alma.

Meu estômago embrulhou. Meu coração se partiu. Todo o meu corpo se contraiu, até que tudo o que consegui ouvir foi o líquido agitando-se em meus ouvidos.

Seria esta a mesma serpente? Ou foi um dos membros da sua família? Talvez um amigo?

Essas majestosas feras aquáticas impediram Regner de invadir meu reino por todos esses anos. E agora seu povo estava desfrutando de sua vingança mesquinha.

Minha raiva era infinita, como se pudesse me engolir inteira.

Mas a raiva exigia energia. Esperança necessária. E eu estava gradualmente me esgotando dessas coisas.

Eu deveria ter entendido o que Regner estava realmente fazendo. Quando soubemos do plano dele, já era tarde demais.

O que aconteceria quando Conreth chegasse, apenas para encontrar todos nós já mortos?

Como Rythos continuaria sem seus irmãos, se ele ainda estivesse vivo?

E Madinia… Regner e Rothnic tornariam sua morte horrível se a encontrassem depois disso.

“Vossa Majestade. Nelayra!”

Blynth novamente. Virei lentamente a cabeça, encontrando seus olhos.

O general estremeceu.

Mas ele ergueu a mão, apontando.

Um dos soldados de Regner foi plantado na linha de frente. Só que ele estava protegido com segurança por uma barreira tão espessa que brilhava à luz do sol.

Ao seu redor estava um grupo de humanos que claramente deveriam ser pouco mais que forragem.

O soldado usava uma faixa vermelha sob o ouro em seu capacete - claramente alguma designação que Regner havia criado. Ele ergueu um braço enluvado e, quando apontou, nossos soldados *derreteram* .

Pele e ossos liquefeitos, até onde – até um momento atrás – pessoas vivas e respirando lutavam por suas vidas, agora não havia nada mais do que poças de sangue e *outras coisas,* vazando sob armaduras prateadas vazias.

Atrás de mim, ouvi uma ânsia de vômito.

Mas captei o momento em que a cabeça de Galon virou para a direita, em direção ao soldado.

Exatamente onde Demos já estava mirando pela esquerda, sua espada abrindo caminho através de qualquer um que ousasse ficar em seu caminho.

Eu queria mais do que isso para meu irmão. Acho que ele queria mais do que isso para si mesmo. E ainda assim não havia dúvida de que uma parte dele ganhou vida no campo de batalha. A parte mais selvagem e cruel.

Galon e Demos nunca lutaram juntos. Ah, eles podem ter lutado uma ou duas vezes, mas nada que pudesse explicar a maneira como Demos instintivamente mirou nos humanos entre o soldado que empunhava a morte e Galon – ainda a poucos passos de distância.

Ele os derrubou com dois golpes em uma sucessão tão rápida que parecia quase como se eles simplesmente tivessem tropeçado e caído. Bem a tempo de Galon lançar seu poder sobre os soldados restantes que protegiam seu alvo. A proteção brilhou, lutando contra a magia de Galon. Mas Demos chegou perto o suficiente.

Assim como aquele braço enluvado surgiu mais uma vez.

Eu não hesitei. Aproveitando meu poder, congelei o tempo por um breve momento. Apenas o tempo suficiente para Demos atacar com sua espada, eliminando a ameaça para sempre.

A cabeça do soldado rolou para longe de seu corpo. Galon e Demos olharam em minha direção, com rosnados idênticos.

O tempo recomeçou.

“De nada,” eu murmurei.

Atrás de mim, Blynth fez um barulho engasgado. Soou suspeitamente como uma risada.

“Vossa Majestade!” A voz estava em pânico e eu me virei, desviando o olhar para as tendas atrás de mim, onde um jovem soldado enxugava o sangue do rosto ao se aproximar.

"Quem?" Eu perguntei, o pavor se acumulando em meu estômago.

“Orivan.”

"Leve-me até ele."

O general híbrido foi arrastado para a tenda de Tibris. E ainda assim meu irmão não estava trabalhando nele. Nossos olhos se encontraram e Tibris balançou a cabeça.

"O que aconteceu?" Eu exigi.

O soldado me seguiu até dentro da tenda do curandeiro. “Ele viu Yars cair. O general era amigo do pai de Yars. Ele treinou aquele garoto desde o dia em que ele conseguiu empunhar uma espada.” Ele passou a mão no rosto e só conseguiu espalhar mais sangue na bochecha. “Acho que talvez o general tenha enlouquecido, Majestade. Ele saltou para a batalha como se ainda fosse um jovem.”

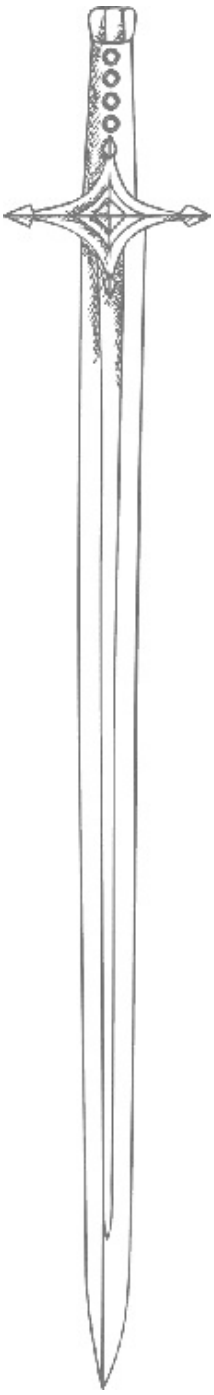
Tibris gesticulou para que ele avançasse. “Você precisa de pontos para esse corte.”

Suas vozes se transformaram em um murmúrio enquanto eu olhava para o que restava de Orivan. A espada larga quase o cortou ao meio. Ele não teve chance.

Virando-me, saí da tenda. E a matança continuou.

32

Prisca



uando nossos soldados contaram histórias de batalha enquanto viajávamos para cá, fiquei tentado a ouvir o que eles não disseram.

Eu tentei separar suas palavras, para me preparar para o quão horrível seria essa

batalha.

Mas nada me preparou para o cheiro de sangue pesado no ar.

Nada me preparou para os gritos brutais dos feridos e dos moribundos.

E nada me preparou para esse papel – quando eu seria forçado a não fazer nada além de observar.

Apesar do nosso plano, em breve eu não teria escolha a não ser me juntar à batalha e usar meu poder para ganhar o máximo de tempo possível para meu povo. Tempo suficiente para eles correrem o mais rápido e o mais longe possível.

Deixei meu olhar vagar para Lorian, meu peito apertando.

Sua cabeça de repente girou. E ele não foi o único. No campo de batalha, Marth começou a rugir, sua espada cortando tão rápido que era um borrão de sangue e morte.

Galon sorriu, apontando para trás de mim.

Eu me virei. Ao longe – até agora, tive que apertar os olhos, apesar do tônico para os olhos que tomei – marchando em fileiras organizadas, armadura prateada brilhando ao sol…

O exército feérico de Conreth. Ele marchou com seu exército pelas terras feéricas do noroeste e pelas montanhas Minarete.

Nosso povo lutou com vigor renovado enquanto o exército marchava em nossa direção.

A alguns passos de distância, alguém soluçava, agradecendo aos deuses.

A cor sumiu do rosto de Blynth, e o severo general de repente pareceu mais abalado do que eu já o vira.

Ele aceitou sua morte, percebi. Ele havia aceitado a situação e agora Conreth oferecia um pequeno vislumbre de esperança.

Os soldados fae não perderam tempo. Sem outra escolha, eles marcharam direto para nossas linhas, lutando ombro a ombro com nossos próprios soldados enquanto seu poder atingia os Eprothans.

No momento em que Conreth chegou perto o suficiente, joguei meus braços em volta dele.

O amuleto que ele usava tilintou na minha armadura.

Conreth ficou rígido, a sua surpresa era evidente. Mas sua mão veio acariciar meu ombro. “Meu exército está exausto”, disse ele. “Caiu uma nevasca precoce e tivemos que acampar por três dias. Jamic ajudou lá. Ele se virou para olhar para Jamic, que se aproximou de mim com uma confiança fácil. Claramente, deixá-lo com Conreth foi a escolha certa.

“Mas estamos aqui”, disse Conreth. Seu olhar deslizou por cima do meu ombro, e eu sabia, sem olhar, que Lorian havia deixado o campo de batalha para os fae de Conreth.

Eles tiveram uma conversa curta e silenciosa.

“Bom momento,” Lorian disse finalmente.

Conreth assentiu bruscamente, algo que poderia ter sido uma decepção em seus olhos.

Alguns de seu povo se separaram do resto do exército, vindo em nossa direção. Meu coração bateu alegremente. “Os guardas,” eu respirei.

“Todos menos Verdion”, confirmou Conreth. “Suponho que você não tenha ouvido...”

“Não,” Lorian soltou. “Nenhuma palavra de Rythos.”

Conreth inclinou a cabeça e seus olhos ficaram vazios. Ele estava observando alguém de perto.

Sylvielle.

O olhar do rei fae se voltou para o exército de Regner. Mas não eram os soldados que ele estava vigiando. Não, seu olhar permaneceu nos terrovianos.

Virei-me para Lorian. Mas ele estava observando seu irmão. E pela expressão em seus olhos, ele chegou a alguma conclusão.

“Sylvielle,” Lorian ronronou, e eu quase estremeci com o tom agudo de sua voz, o sorriso cruel e frio que ele deu a ela.

Ela usava uma armadura verde-escura que parecia escamas de cobra, o cabelo trançado para trás em uma coroa que circundava sua cabeça enquanto ela se apoiava na barricada de madeira. Nosso pessoal estava estendendo-o o mais rápido que podia. Um dos híbridos lançou-lhe um olhar impaciente enquanto tentava martelar um pedaço de madeira atrás dela.

Os olhos de Sylvielle brilharam. "Sim?"

“Faça-me um favor e caminhe em direção aos nossos arqueiros.”

Ela fez beicinho. "Por que?"

"Porque eu pedi para você."

Qualquer um que realmente conhecesse Lorian teria ouvido a morte em seu tom. Mas Sylvielle claramente só ouviu a carícia. Ela me lançou um olhar vitorioso sob os cílios e se virou, caminhando em direção a eles.

“O que estou perdendo?” Eu exigi, minha voz baixa.

“Shh,” Lorian disse. "Assistir."

Sylvielle se aproximou, cada passo sinuoso, seu corpo criado para atrair o olhar masculino. Cerrei os dentes, olhando para Lorian e Conreth. Mas eles não estavam olhando para ela.

Não, eles estavam observando os terrovianos mais uma vez.

E assim que Sylvielle chegou ao alcance, todos os terrovianos no campo de batalha pareceram ficar imóveis.

Olhando para ela.

Voltando-se para nós, Sylvielle olhou para Conreth e Lorian, enviando um sorriso venenoso em minha direção. Quando ela os encontrou olhando além dela, ela olhou por cima do ombro.

Seus olhos estavam arregalados de horror quando ela se virou para nós.

“Vossa Majestade,” ela murmurou, correndo em nossa direção.

Conreth soltou um grunhido como o de um animal ferido. Atrás dele, Romydan, Thorn e Caliar o ecoaram.

Um diretor. Um deles. Esta foi a prova. Prova de que ela havia dado criaturas feéricas a Regner. Prova de que aquelas criaturas tinham uma ligação profunda com ela.

"Por favor!" ela gritou.

Conreth ergueu a mão. Seu poder a cortou e ela se quebrou em um milhão de pedaços.

Assim como Lorian fez.

O mundo escureceu ao meu redor. Lorian amaldiçoou, me puxou e passou os braços em volta do meu corpo trêmulo.

"Estou bem." Minha voz parecia muito distante. Mas não tive tempo de desmoronar. Eu me mexi e ele me soltou.

Ele teve que voltar para a frente. Os guardas também. Virei-me e encontrei Conreth me observando.

“Sinto muito”, disse ele.

“Não fique. Pelo menos sabemos que ela não pode causar mais danos agora.”

“Prisca”, disse Lorian.

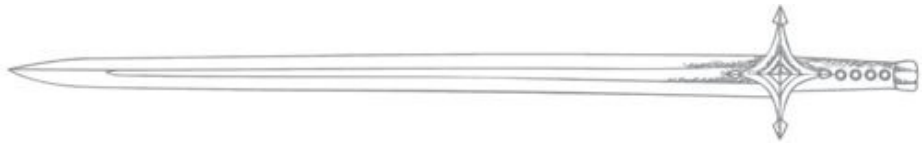
“Olha”, alguém chamou. “Alguns dos terrovianos estão fugindo.”

Eles estavam certos. Centenas de criaturas pareciam ter respondido à morte de Sylvielle com terror cego. Esse terror estava se sobrepondo a qualquer poder que Regner usara para fazê-los obedecer às suas ordens.

A visão me ajudou a reconstruir minhas paredes.

"Ir. Por favor. Falaremos sobre isso depois — prometi, minha voz era um murmúrio baixo.

Lorian me puxou para perto mais uma vez, deu um beijo suave em meus lábios e se afastou, seu irmão seguindo seus passos.



A RAINHA

Os sons da batalha continuaram indefinidamente.

Depois que Zathrian convenceu Prisca a colocar uma espada em sua mão (e eu nunca entenderia como ele conseguiu *isso)* , fiquei aqui sozinho, com dois guardas postados do lado de fora da minha caverna.

“Preciso usar o banheiro”, gritei a certa altura.

“Mije-se”, um deles respondeu com uma risada baixa antes de voltarem a me

ignorar mais uma vez.

Como isso aconteceu?

Mesmo enquanto fazia a pergunta, eu sabia a resposta.

Pelysiano . O homem que considerei leal por tantos anos. E sua mãe vadia.

Cada passo que eles permitiram — não... *incitaram* — que eu desse, garantiu que eu acabaria aqui como um dos prisioneiros do meu inimigo.

Durante anos, acreditei na lealdade de Pelysian. Mesmo quando vi a maneira como ele começou a olhar para mim. Mesmo quando ouvi o que ele não disse no espaço entre suas palavras. Ainda assim, eu estava convencido de que ele perceberia que eu só queria o que era melhor para este continente e para as pessoas que nele vivem.

"Você!" um dos guardas disse.

Batidas duplas. Como se dois corpos tivessem caído no chão.

Jamic entrou na caverna. “Olá, mãe.”

Meus olhos se encheram de lágrimas. “Como você sabia?”

“Pelysian me disse que você estaria aqui.”

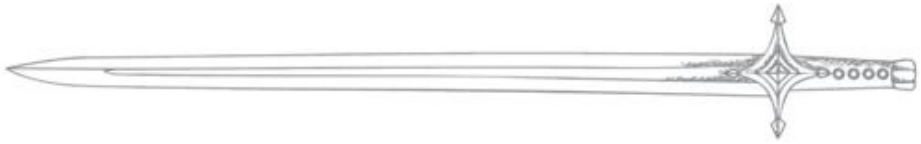
Eu estava errado, então. É errado questionar a lealdade de Pelysian.

Não era tarde demais. Meu filho estava aqui, me libertando. Finalmente estaríamos juntos.

Mas Jamic estava agachado ao meu lado e seus olhos pareciam velhos demais para seu rosto. Antigo de uma forma que me fez estremecer.

E quando ele falou, ficou claro que esperava ser obedecido.

“Jamic...”



Balançando a cabeça, ele me entregou a adaga. “Você sabe o que precisa fazer.”

Minha mão tremia quando ele a alcançou. E então ele o afastou vários

centímetros até que nossos olhos se encontraram mais uma vez. “Não me faça arrepender disso.”

“Você não vai.”

No final, seríamos Jamic e eu governando este continente.

E ninguém jamais ousaria nos machucar novamente.

PRISCA

Os corpos estavam espalhados pelo campo de batalha como frutas apodrecendo num pomar.

Nossos feridos eram levados para locais seguros sempre que possível — levados para tendas de curandeiros, onde eu sabia que Tibris estava salvando tantas vidas quanto podia.

Eu tinha ouvido de Asinia que Telean havia se plantado lá com ele e estava ajudando como podia.

Lorian enviou Marth e Galon para mim. E eles me prenderam entre eles enquanto avançávamos em direção às linhas de frente. Era hora de usar meu poder.

Lorian usou muito de seu próprio poder transformando milhares de terrovianos em cinzas quando chegamos. Mas ele ainda atacou repetidamente, seu raio atingindo o mais poderoso de Regner.

Quando ele passou a usar apenas sua espada, eu sabia que Lorian estava conservando o que restava de seu poder para Regner.

Eu podia sentir o gosto de sujeira, suor e sangue em minha língua, infiltrando-se em cada um dos meus suspiros em busca de ar em meio ao ataque implacável.

Acima de nossas cabeças, o sol quase desapareceu, um pesado manto de cinzas e fumaça pairando baixo no céu.

Não sobrou nada além da cacofonia de aço colidindo contra aço, as faíscas de magia atingindo as proteções e os gritos angustiados dos caídos. Sob meus pés, a areia endurecida foi agitada até que cada passo

foi uma luta. A exaustão tomou conta de mim, refletida nos rostos de cada soldado que lutava em ambos os lados.

Alcançando os fios do meu próprio poder, ofeguei, segurando o mais forte que pude. Nossos soldados haviam se acostumado com o modo como seus inimigos

continuavam de forma anormal agora, e eles sabiam que tinham que matar o maior número possível deles enquanto eu controlava o próprio tempo.

A cada ataque, nosso povo se reunia, eliminando aqueles que nos matariam de bom grado.

E ao deixar o tempo recomeçar, vi a morte onde antes havia vida. Ouvi gritos enquanto os soldados Eprothan lutavam ao lado de seus amigos em um momento, apenas para vê-los mortos a seus pés no momento seguinte.

O campo de batalha tornou-se um banho de sangue. Um horror tão grande que parte de mim se perguntava como seria para mim uma vida depois disso. Eu veria esses homens em meus pesadelos pelo resto dos meus dias.

Mas mesmo com toda a morte que exercemos, não foi suficiente. Estávamos sendo forçados a recuar, pois nossos números eram simplesmente muito pequenos contra o exército de Regner.

"Agora!" Lorian rugiu e eu agarrei a ampulheta em volta do pescoço. Eu não precisava mais lutar com a ampulheta para drenar meu poder de forma lenta e constante. Foi como se descobrir meu poder escondido dentro de mim tivesse desbloqueado alguma nova faceta de controle.

Demos de repente estava ao meu lado enquanto nossos soldados avançavam. Ele me puxou para trás, acenando para Lorian, que gritou algo para Marth e Galon. Um momento depois, Lorian estava recuando comigo enquanto os outros avançavam em um mar de sangue, lançando-se em direção às linhas de frente.

Demos me puxou para onde nossos arqueiros haviam se posicionado. Asinia parecia exausta enquanto enfiava várias flechas em sua aljava. Quando olhei entre nossa barricada e a batalha que travava ao norte, ficou evidente quanto terreno havíamos perdido.

Hevdrin e Blynth se aproximaram. Ambos os generais pareciam sombrios.

“Estamos em grande desvantagem numérica”, disse Demos. “Temos que pensar de forma inteligente.

Tenho que pegar Regner de surpresa de alguma forma.”

Hevdrin enxugou o rosto suado com as costas do braço. “O que você está sugerindo?”

“Colocamos tudo no nosso flanco esquerdo. E batemos forte.”

Com a água a oeste, os soldados de Regner não teriam para onde ir

— ao contrário dos soldados mais próximos das montanhas, que podiam virar-se e fugir.

“Levamos soldados das linhas de retaguarda para canalizar para o flanco esquerdo”, continuou Demos. “Aqueles que estão na frente devem se manter firmes. E não ceder um centímetro.”

O sangue foi drenado do meu rosto. Pude ver o que Demos queria fazer e fazia sentido lógico e perfeito. Mas também pode matar—

“E quanto a Vicer, Herne e os outros?” Asinia exigiu, arrancando as palavras da minha boca. “Eles estão lutando exatamente onde você deseja atrair mais soldados.”

Meu estômago ficou vazio. O homem que tanto sacrificou pelo nosso povo. E o homem que meu irmão amava.

A mandíbula de Demos se firmou. “Temos que confiar que eles aguentarão um pouco mais. Temos que diminuir o exército de Regner antes de recuarmos. E a melhor maneira de fazer isso é quebrar suas linhas e deixar seus soldados em pânico.

Caso contrário, Regner permanecerá protegido. Ele não aparecerá até achar que estamos quase terminando. E se não quebrarmos suas linhas, realmente terminaremos em breve.”

Ao meu lado, Lorian puxou seu odre e me entregou. "Bebida,"

ele ordenou.

"O que você acha?" Eu perguntei a ele.

“Acho que é a decisão mais difícil que você terá que tomar na vida, gato selvagem. Mas é o tipo de tática que pode nos salvar. Estamos perdendo. Neste ponto, é apenas uma questão de tempo.”

“Nós quebramos o flanco direito deles e isso pode nos dar uma chance de chegar até Regner”, eu disse.

Mas se isso não funcionasse, qualquer pessoa no nosso enfraquecido flanco direito morreria.

Não. Eu não poderia me dar ao luxo de pensar assim.

Voltei meu olhar para o mar, onde os navios de Regner atacavam a frota de Daharak com ferocidade brutal. Os piratas de Daharak tinham defendido o nosso reino até agora, mas o inimigo era implacável, os números absolutos faziam

inclinar a balança, explorando lacunas e fraquezas.

Na água, as serpentes marinhas agora reagiam, batendo com as caudas nos cascos de Regner. Mas cada um dos navios Eprothanos carregava orgulhosamente uma daquelas serpentes mortas penduradas em seu mastro.

“A queda da proteção pegou as serpentes de surpresa”, disse Demos, com a voz pesada de tristeza.

“Quantos você acha que sobraram?”

Ele engoliu em seco. “Aqueles que os humanos conseguiram matar? Eles são os bebês.

Fechei os olhos contra suas palavras, mas fui forçado a abri-los mais uma vez enquanto várias pessoas inspiravam profundamente.

Muitos dos navios de Daharak estavam em chamas, e o mar ao redor deles era um cemitério de destroços flutuantes. E os navios de Regner estavam se afastando de nós.

Em direção ao nosso reino.

“Os anciãos prepararam o nosso povo”, disse Demos, mas a sua voz era sombria. “Os Eprothans não encontrarão nenhum híbrido perto da costa. O que eles encontrarão são armadilhas cruéis que os manterão ocupados até terminarmos isto.”

Firmando meus lábios, eu balancei a cabeça. Demos voltou-se para os outros.

“Para que isso funcione, precisamos ter certeza de que estamos prontos. As pedras de trowth nos ajudarão a nos comunicar no campo de batalha, mas o barulho e o caos nas linhas de frente ainda dificultarão isso.”

Lorian olhou para a batalha e apertou a mão na espada. “Nosso exército é altamente disciplinado e bem treinado, mas ainda levará tempo para realinhar as forças sem confusão ou quebra da formação.”

“O terreno e a visibilidade são bons”, rebateu Demos. “Nossos maiores problemas são velocidade, tempo e risco de exposição. Se for muito lento ou mal cronometrado, os comandantes de Regner perceberão o que estamos fazendo e atacarão com força nosso flanco direito no momento em que sentirem fraqueza.” Os olhos de Demos encontraram os meus.

“É aqui que você entra, Pris. Quanta energia você ainda tem sem queimar?”

Meu coração disparou e minha pele de repente ficou muito tensa.

“Se você puder garantir que nossos soldados estejam prontos para agir, eu lhes darei o tempo que precisarem.”

Lorian assentiu. “O Bazinith”, disse ele. “Foi para isso que eles treinaram.

Leve-os para a linha de frente do flanco esquerdo para liderar o ataque conosco. Agora."

Demorou para mover os soldados do flanco direito para o esquerdo. A notícia teve que se espalhar e nosso povo começou a se mover lentamente para a esquerda. Foi uma bagunça. Estava desorganizado. Mas logo, enquanto eu estava na colina acima da batalha, com Lorian lutando mais uma vez na linha de frente, pude ver a reestruturação acontecendo.

Precisávamos de uma distração para esconder exatamente o que estava acontecendo. E Conreth deu para nós. Ele atacou com seus guardas, lançando seu poder no flanco esquerdo de Regner repetidas vezes.

Isso drenaria a maior parte do que lhes restava. Um dos generais feéricos já estava gritando algo para Conreth – provavelmente implorando para que ele recuasse. E ele estava certo. Se o rei fae caísse...

Mas Conreth o ignorou, seu poder cruel e mortal cortando criaturas com quatro pernas e aquelas com apenas duas.

Meus olhos arderam com os gritos. Mas Demos de repente estava ao meu lado. “Pronto, Pris?”

"Preparar."

"Agora!" Ele rugiu a palavra em sua pedra de trowth, e eu me esforcei, pequenos pontos aparecendo em minha visão enquanto eu agarrava minha ampulheta e desejava que meu poder me desse mais. Depois de usar tanto poder, eu estava cansado, minhas mãos tremiam, meus olhos brilhavam. Meus joelhos vacilaram e agarrei o braço de Demos para me equilibrar.

O fio quebrou.

Não consegui segurar o tempo por muito tempo – talvez um minuto no máximo. Nossos soldados ainda se moviam das linhas centrais e do flanco direito. Conreth e os outros atacavam com tudo o que tinham. Esperançosamente, a distração deles ajudaria a esconder meu próprio fracasso.

Não foi suficiente. *Eu* não fui suficiente.

“Nelayra.”

Cerrei os dentes ao som da voz de Zathrian. Ele deveria estar na linha de frente, com uma espada na mão.

Demos virou lentamente a cabeça. “O que ele está fazendo aqui?”

“Eu o trouxe”, disse Telean.

Olhei por cima do ombro. Demos manteve o olhar em Zathrian, que estava ao lado de Telean, com os ombros retos e a cabeça estranhamente inclinada, como se estivesse se preparando para um golpe.

Os olhos de Demos se encheram de desdém. “Quando precisarmos de alguém para neutralizar o poder de Prisca, avisaremos você.” Ele se voltou para a batalha. “Pronto para ir de novo?” ele me perguntou.

"Sim."

“Neutralizar não é tudo que posso fazer”, disse Zathrian atrás de nós. “Permita-me mostrar a você. Por favor."

Demos o ignorou. Mas... Telean perguntou. E ela estava me dando aquele olhar calmo e firme que exigia que eu ouvisse. “Você precisará de seu poder para ajudar a tirar Regner de suas proteções”, disse ela. “Se você usar tudo isso agora, estamos condenados. Você sabe que eu não pediria isso a você se não fosse necessário.

Não, Telean nunca esperaria que eu trabalhasse com o homem que arriscou o nosso reino, a menos que soubesse que isso poderia realmente fazer a diferença. Meu olhar caiu para seus pulsos e suspirei. Minha tia já havia removido as algemas que ele usava.

"Multar."

Demos não discutiu. Mas ele sacou a adaga, a mão apertada em torno do punho, como se estivesse se esforçando para não cravá-la no coração de nosso primo.

Zathrian apenas acenou com a cabeça para Demos. "Preparar."

Demos levantou a loja com a outra mão. "Agora."

Estendi a mão para o fio do meu poder e um vento frio passou por mim.

O choque foi quase suficiente para me fazer largar o fio do meu poder. Mas aquele vento frio parecia tornar *mais fácil* levantar aquele fio de alguma forma. Eu puxei meu poder para mim e o segurei. E desta vez… foi mais leve. Era como se o fio estivesse equilibrado e eu apenas tivesse que segurá-lo com cuidado. Minha visão não ficou embaçada. Meus joelhos não tremeram. Eu

ainda podia sentir o esgotamento, mas desta vez foi moderado, reforçado pela rajada gelada do poder de Zathrian.

Demos deve ter me sentido sacudido, porque agarrou meu braço. "Aguentar,"

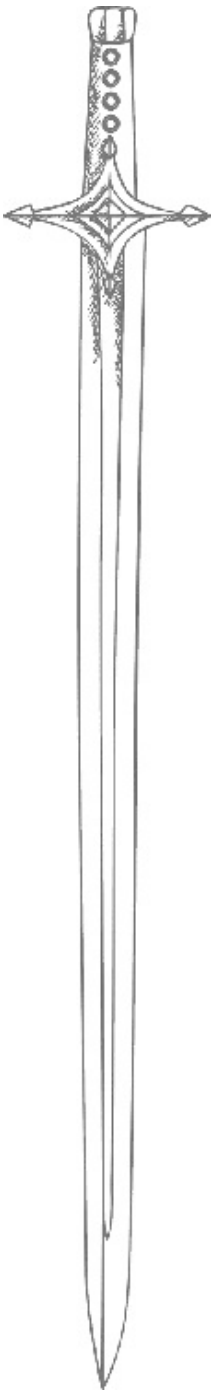
ele insistiu.

E junto com o primo cujos pais foram responsáveis pela perda dos meus, o primo que matou meu marido e companheiro enquanto me desafiava pelo meu trono...

Mantivemos o tempo como reféns e demos ao nosso povo tudo o que tínhamos.

33

Prisca



À minha direita, Demos rugiu ordens para a pedra, escolhendo os melhores momentos possíveis para eu usar meu poder. À minha esquerda, Zathrian despejou tudo o que tinha em mim e eu aceitei com prazer o que ele tinha a oferecer.

Nós três éramos os últimos da linhagem da minha avó.

Eu esperava que ela estivesse assistindo. E eu esperava que mesmo que

morrêssemos hoje, alguma parte dela ficasse orgulhosa.

Finalmente, justamente quando eu estava convencido de que esta tinha sido a pior decisão possível... Uma sugestão de movimento no flanco direito de Regner.

Graças ao tónico ocular de Telean e ao terreno que havíamos perdido, pude ver as expressões de pânico dos generais de Regner enquanto os seus soldados caíam e morriam.

Enquanto outros se viraram para correr.

E ainda assim, não foi suficiente. Regner estava seguro atrás de seus soldados.

Por agora.

O ar estava denso com o cheiro de ferro e sangue, o cheiro metálico deslizando pela minha língua e ardendo em minhas narinas. Demos ergueu a mão.

"Suficiente. Conserve o que sobrou."

Minha cabeça girou vertiginosamente. Ao meu lado, Zathrian se inclinou e ofegou, colocando as mãos nas coxas. "Kaliera está planejando algo", disse ele.

"Ela tem alguém do lado de fora. Um homem chamado Pelysian. Ela se sente confiante de que ele virá buscá-la para libertá-la. Então ela pode matar você.

Eu olhei para ele. Se ele estava me contando isso agora, era porque planejava se juntar a ela.

Demos amaldiçoou. "Vou pedir para alguém verificar os guardas dela", disse ele.

Eu abri minha boca.

"Vossa Majestade!" Blynth veio até nós. Seus olhos estavam meio selvagens. "Nós ouvimos dos mais velhos. Chegou a hora."

Engoli em seco, meu estômago revirando. Tanta coisa pode dar errado…

"Pris!" Asínia gritou.

Eu me virei, examinando a distância. E um soluço sufocado saiu da minha garganta.

Centenas de navios Arslan começaram a surgir das profundezas da água, diretamente atrás da frota de Regner.

Rythos e Madinia fizeram isso acontecer.

Os navios de Regner começaram a pegar fogo. Exceto que eles não estavam apenas queimando. Não, eles estavam virando cinzas .

Madínia esteve aqui.

E ela ficou *furiosa.*

"Que é aquele?" Zathrian perguntou atrás de mim.

Não pude deixar de rir, imaginando a reação de Madinia quando soube quem era Zathrian. “Eu sugiro que você se torne escasso.”

Asinia chegou até nós com um largo sorriso no rosto. E Demos a pegou no colo, sua boca caindo sobre a dela.

Fiquei boquiaberto. Isso era novo. Telean ficaria satisfeito. Ela murmurou sobre como os dois estavam perdendo tempo. Eu me virei, procurando por minha tia.

Mas ela havia desaparecido. Provavelmente, ela não suportava ver os navios de Regner rompendo as linhas de Daharak, com seus soldados preparados para massacrar nosso povo em seu próprio reino.

Um estranho tipo de pânico começou a tomar conta do meu peito. Ela provavelmente estava bem.

Mas…

“Alguém viu Telean?”

Demos encolheu os ombros, despreocupado. Eu o cutuquei com o cotovelo. “Quando você a vir, encontre uma maneira de mantê-la com Tibris,” ordenei. Eu não tive a chance de ver como ele estava, mas não tinha dúvidas de que ele faria bom uso dela e a manteria segura.

“Vou ficar de olho nela”, disse Asinia.

Demos assentiu, mas seu olhar estava fixo em um esquife que se movia em direção à parte rasa.

Madinia ficou ao lado de Rythos. Seu poder restante seria melhor gasto aqui, onde ela poderia nos ajudar a chegar até Regner, e Rythos claramente determinou o mesmo.

A prima de Rythos estava atrás deles, e sua proteção se manteve facilmente enquanto eles caminhavam em nossa direção. No momento em que desembarcaram na praia, os soldados de Regner desistiram de suas tentativas de cortar seu poder através daquela barreira.

Finalmente, Madinia chegou até nós. Surpreendentemente, ela abraçou cada um de nós, algo pesado no bolso da capa batendo na minha armadura. O olhar de Asinia caiu sobre ele e ela abriu a boca, os olhos brilhando—

“Precisamos de você na frente”, Demos disse a ela. “Graças aos híbridos, recuperamos a península. E claro, graças ao Arslan, os navios de Regner não poderão invadir o nosso reino. Isso significa que temos o túnel e é hora de retirar os híbridos. Prisca, você fica aqui, pronta para intervir se os Eprothans perceberem o que estamos fazendo. Mas não use seu poder a menos que não haja outra opção.”

Madinia tirou sua capa, revelando sua própria armadura.

“Eu aceito isso”, disse Margie, entregando a cada um de nós um odre de água enquanto pegava a capa de Madinia e a jogava em uma das tendas atrás da barricada.

Margie entregou a cada um de nós um pedaço de pão e uma maçã. Ela não poderia estar no campo de batalha, mas estava determinada a ajudar à sua maneira.

A comida e a água ajudaram.

Os olhos de Madinia encontraram os meus. “Leve nosso pessoal para casa.”

"Eu vou. Tome cuidado."

Com um aceno de cabeça, ela se foi, caminhando em direção ao campo de batalha.

“Onde está Jamic?” Demos levantou a voz.

"Aqui." Jamic apareceu imediatamente ao seu lado. Comparado com o resto de nós, ele parecia descansado, e eu quase podia sentir seu poder se espalhando pelo ar como fumaça.

“Você precisa estar pronto”, eu disse a ele.

“Estou pronto”, disse ele gravemente. Havia algo estranho no olhar dele.

Tor apareceu ao seu lado. “Eu também estou pronto.”

“Concluímos isso e então atacamos”, eu disse.

Neste exato momento, nosso povo estava saindo das cavernas, reunindo-se na orla da floresta. Ao nosso sinal, eles correriam para salvar suas vidas.

Esperei, meu coração batendo de forma irregular enquanto olhava para a península.

Movimento.

Rivenlor apareceu primeiro, com a cabeça aparecendo acima da areia, como se tivesse sido enterrado embaixo dela. Tor estava perto o suficiente de mim que o senti sacudir quando Rivenlor foi seguido por Sylphina, Gavros, Tymriel e Ysara.

A dor arranhou meu peito. Mas cada um deles sabia o custo de tal poder. E eles foram insistentes.

Como um só, os anciãos se viraram para enfrentar o exército de Regner. Eles uniram as mãos, os lábios se movendo enquanto canalizavam uma magia antiga.

A voz de Demos trovejou na floresta atrás de nós.

"Ir!"

Os híbridos escaparam da floresta. Alguns dos nossos soldados carregavam crianças, segurando-as perto enquanto corriam pela areia. Os mais velhos nos avisaram que esse tipo de poder não duraria. O poder de esconder tantos híbridos dos Eprothans exigiria tudo o que eles tinham para dar.

Milhares de híbridos, tropeçando na areia, ficando de pé, carregando crianças e idosos, carregando doentes.

Tymriel caiu de joelhos antes de cair no chão. Os outros apertaram suas mãos e continuaram cantando.

Gavros caiu em seguida, seguido por Ysara.

Meu coração pulou na garganta e me preparei para congelar o tempo. Alguns dos híbridos estavam apenas na metade do caminho do túnel.

Vicer apareceu, carregando uma criança em cada braço, os dentes à mostra num rosnado feroz. Atrás dele, os soldados híbridos que havíamos deixado para proteger as cavernas carregavam outros, todos eles avançando em direção aos anciões.

Sylphina desmaiou. Mas os mais velhos ainda apertaram as mãos, continuando a cantar. Apenas Rivenlor permaneceu de pé e mesmo daqui pude ver seu corpo tremendo.

Respirei fundo. Usar o que resta do meu poder aqui poderia nos deixar sem maneira de matar Regner. Mas eu não poderia ver centenas de híbridos perderem

suas vidas quando os anciões não conseguiam mais continuar cantando.

Um uivo soou, seguido por vários outros.

Vynthar apareceu, correndo junto com os híbridos. Um após o outro, mais Drakoryx se juntaram a ele.

O que ele era…

Rivenlor caiu. Os soldados de Regner começaram a lançar seu poder na barreira que protegia os híbridos enquanto corriam em direção à entrada do túnel – nosso povo de repente ficou visível para os Eprothans mais uma vez. Mas o nosso flanco esquerdo manteve a linha, dando tudo o que tinha pelos mais vulneráveis.

E quando o poder dos Eprothans passou por nossas proteções, o Drakoryx saltou para proteger os híbridos. Protegendo-os com seus corpos.

Eu usei meu poder contra Vynthar uma vez e isso não o impactou em nada.

Agora, eles se livraram da maioria dos ataques. Mas eles também estavam brigando há horas.

E quando um dos Drakoryx caiu, ele não se levantou.

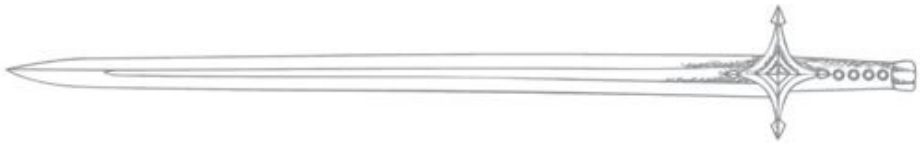
Nem o seguinte.

Eu levantei minhas mãos. Asinia os pegou, balançando a cabeça lentamente. Lágrimas escorreram pelo seu rosto.

Um por um, os Drakoryx caíram, até restarem apenas sete.

O último híbrido – uma mulher que mancava enquanto corria – foi puxado para dentro do túnel.

Os anciãos estavam perto da entrada do túnel, com as mãos ainda entrelaçadas e os corpos imóveis. O sacrifício final para trazer o nosso povo para casa.



Como um só, Vicer, os soldados restantes e todos os Drakoryx restantes correram de volta para a batalha, visando aqueles que ousariam tentar matar os mais inocentes.

“Vossa Majestade.”

Blynth caminhou em minha direção com uma pedra de trowth na mão. “Algo aconteceu”, disse ele. “Os soldados de Regner, especialmente seus generais, estão apertando a barriga e caindo de joelhos.”

Eu olhei para ele.

“E imediatamente perdendo a cabeça”, esclareceu. “Nosso pessoal está aproveitando ao máximo a situação.”

"Tóxico?"

“Não sei, mas parece provável. Talvez seu amigo Natan tenha conseguido fazer mais do que pensávamos.”

A tristeza ameaçou me afogar ao pensar em Natan. “Eles são os mais seguros atrás das proteções de Regner”, Blynth continuou apressadamente. “Com a morte deles, está criando o caos atrás de suas linhas. É isso, Nelayra. Este deve ser o empurrão final.”

LORIANO

Prisca lutou como uma guerreira.

Se sobrevivêssemos a isso, eu encomendaria um retrato dela, com os dentes à mostra, os olhos brilhando como dourados enquanto ela matava selvagemente por seu reino.

Perto dali, o poder brutal de Conreth congelou e destruiu grupos de soldados a cada vez. À nossa direita, os guardas de Conreth haviam rompido as linhas de frente, lutando profundamente entre os soldados graduados de Regner. Rekja usou seu próprio poder para explodir as torres que os humanos construíram para seus arqueiros.

E esse foi *Brevan* lutando ao lado de Rythos. Balancei a cabeça, atordoado. Se houve algo que eu nunca esperei ver, foram os irmãos Arslan lutando juntos no mesmo lado.

Alguém conseguiu um ataque insidioso atrás das linhas de Regner. A cada poucos minutos, um dos generais de Regner tropeçava, com os olhos vidrados.

Ocasionalmente, eles caíam no chão, já mortos. Na maioria das vezes, o nosso povo aproveitava-se da sua fraqueza.

Anotei cada morte.

E cada vez, encontrei uma coisa em comum.

Esses generais bebiam em seus odres antes de morrer.

Eles tiveram tempo para fazer isso, já que a maioria deles não estava lutando na frente.

Tóxico.

E esse veneno estava mudando a maré. Sem os generais usando seu poder roubado... sem eles gritando ordens, os humanos na linha de frente...

aqueles que foram forçados a lutar e morrer pelo homem que os aleijou magicamente começaram a se virar e correr.

Imediatamente, um dos generais de Regner atacou-os com seu próprio poder sombrio. Sombras que se contorciam na pele de seus próprios soldados, escorrendo por suas gargantas para sufocá-los.

Morto. Ele estava morto.

Nossos olhos se encontraram e a luz sádica deixou seu olhar. Gradualmente, o medo e a compreensão o substituíram.

Dei-lhe um sorriso lento, sem me preocupar em tirar os olhos dele enquanto erguia minha espada para bloquear o golpe de uma faca pela direita, chutando e acertando minha bota na barriga do humano.

O general recuou, mas não havia para onde ir. Ele olhou por cima do meu ombro. E ele estava sorrindo enquanto eu cortava seu pescoço com minha espada.

O pavor afundou em meus ossos.

“Loriano!”

Essa era a voz de *Cavis* .

Eu me virei, procurando desesperadamente pelo meu gato selvagem.

Prisca estava muito longe. Eu disse a ela para ficar perto, mas ela disparou vários passos para a direita para colocar um híbrido ferido em pé.

Balançando minha espada, eu voltei em direção a ela, meus instintos me incitando cada vez mais rápido.

Uma tempestade negra de poder deslizou pela ala de Galon como se fosse neblina. Ele reforçou a proteção, mas já era tarde demais. Eu sabia que era tarde demais.

“Prisca!” Eu rugi. Eu bati minha bota em um peito humano, dei uma cotovelada no rosto de outro e cortei minha espada no pescoço de outro enquanto

ele se lançou sobre mim.

Prisca não poderia ter me ouvido por causa do som da batalha.

Mas ela se virou para mim, com os olhos arregalados de plena realização.

Era como se ela estivesse usando seu poder para desacelerar o tempo enquanto mais poder sombrio avançava em sua direção.

Um rugido surdo encheu minha cabeça. Minha visão ficou acinzentada.

Prisca virou-se para enfrentar a ameaça.

Conreth voou pelo ar. O poder das trevas atingiu-o quando ele caiu sobre Prisca, ambos caindo no chão. Conreth não se mexeu.

Sua pele lentamente começou a ficar cinza.

Marth o pegou nos braços um momento depois. Ele arrancou o amuleto do pescoço de Conreth e jogou para mim. Eu o peguei, colocando-o sobre minha cabeça para pendurá-lo junto com o meu.

Marth começou a correr. Rythos derrubou um soldado que se lançou em direção a Prisca.

No momento em que ela estava segura, ele correu atrás de Marth. Pelos sorrisos fáceis que surgiram entre nossos inimigos, Rythos estava usando seu poder para manter ambos protegidos de ataques.

O pânico esculpiu meu peito. Prisca soluçou entre dentes, ficando de pé enquanto eu lutava para voltar para ela.

Conreth parecia morto.

Cheguei até Prisca, puxando-a contra meu peito.

Um soldado humano se lançou contra mim e morreu instantaneamente, minha espada cortando antes que eu percebesse que tinha me movido. O próximo soldado morreu da mesma maneira. E o próximo. Um buraco se abriu ao nosso redor.

Seguro. Prisca estava segura.

“Loriano!” Galon rugiu. Ele apontou para a direita.

Caliar atacou com seu poder, visando a liderança de Regner na retaguarda. Eu não tinha dúvidas de que o próprio Regner estava em uma das tendas a cem passos de distância, cuidadosamente protegida.

Os generais de Regner levantaram algo. Pisquei e Caliar desapareceu...

nada além de uma espiral de fumaça subindo no ar onde, segundos atrás, uma das pessoas mais poderosas de Conreth — um diretor — estivera.

Aquele *maldito* espelho.

Nossas próprias linhas começaram a afundar.

Mas agora sabíamos onde estava o espelho de Regner. Perto o suficiente para que ele pudesse usá-lo para garantir que sua proteção pessoal permanecesse impenetrável, ao mesmo tempo que permitia que seus generais mais importantes se protegessem.

Gritos soaram, elevando-se acima do barulho da batalha. E, ao contrário de quando o exército de Conreth chegou, estes não eram gritos de júbilo. Não, eram gritos de consternação, horror e desesperança.

Preparando-me, apertei os olhos na direção das mãos pontiagudas e virei

cabeças. Mesmo com meus sentidos feéricos, teria sido difícil ver exatamente quem estava se aproximando.

Mas eu conhecia aquela caminhada enganosamente lenta e cambaleante.

As bruxas moveram-se para o sul, perto do mar. Ao contrário dos terrovianos, eles não tinham problemas com água salgada. Eles se moviam casualmente, como se estivessem simplesmente aproveitando o clima.

Logo, eles estavam alinhados com o corpo principal do exército de Regner.

Prisca se libertou de mim.

“Porra”, ela disse, sua voz pesada de pavor. Ela levantou as mãos, provavelmente prestes a tentar nos ganhar um pouco de tempo. Mas eu me aproximei.

“Confie em mim, gato selvagem. Esta é a distração que precisamos para chegar atrás da barricada. E Regner não será capaz de se conter. Ele nos seguirá.” Eu levantei minha voz para um rugido. “Essas cadelas de pedra nos traíram mais uma vez!”

A presença das bruxas pareceu revitalizar as enfraquecidas linhas de frente de Regner.

Os Eprothans atacaram com uma nova fúria.

Os olhos de Prisca encontraram os meus.

"Cair pra trás!" ela gritou. Nossos soldados praguejaram e percebi a traição em vários rostos próximos. Traição e terror.

Uma vez dada a ordem, aconteceu rapidamente. Assim como as linhas de Regner foram quebradas, as nossas também. E nossos soldados correram para a barricada. Havíamos perdido tanto terreno que eles não tinham muito para onde correr. Muitos deles correram para a península, visando o túnel que poderia levá-los para casa.

Isso era o que queríamos. Mais da metade dos soldados restantes de Regner fugiram. A maioria dos nossos soldados usaram todo o seu poder e lutaram apenas com espada e escudo.

Precisávamos que eles fossem embora. Não precisava de nada entre nós e a retaguarda de Regner.

"Seu maldito covarde!" Zathrian rugiu para Prisca. E apesar do nosso plano, minha mão coçava de vontade de cortar sua garganta.

Prisca reservou tempo para os homens restantes de Regner. E Galon, Demos, Madinia, Asinia… todos nós gritamos para que nosso povo *corresse* .

Prisca nos deu tempo suficiente para que nossos guardas colocassem o poder restante em nossos escudos enquanto todos corriam pelo campo de batalha.

“Não seguirei uma rainha que convoca uma retirada exatamente no momento errado,”

um soldado cuspiu.

Demos estava caminhando em minha direção. Ele estendeu a palma da mão, batendo na nuca do soldado. "Ir."

O soldado foi.

Agarrei a mão de Prisca, puxando-a comigo em direção à barricada onde os outros estavam posicionados. E nós assistimos.

Lá estava ele. Eu podia ver o rei Eprothan à distância, atrás de suas linhas, cercado por seus generais. E, claro, protegido por aquele espelho.

Ele pensou que tínhamos terminado. Ele queria ver Prisca morrer. Precisava ver isso acontecer sozinho.

E essa seria a sua queda.

“Lorian, olhe!”

Eu segui seu olhar. Na água, os destroços da frota de Regner queimaram.

Esperançosamente, Rostamir conseguiria trazer alguns de seus piratas aqui a tempo de ajudar na luta.

Dei um beijo na bochecha de Prisca. “Eu voltarei.”

Ela assentiu distraidamente, com a testa franzida.

Arrancando o amuleto de Conreth do meu pescoço, caminhei até onde Brevan estava observando Regner à distância.

Ele me encarou com um longo olhar. “Espero que você saiba o que está fazendo.”

Eu não me incomodei em responder a isso. Mas estendi a mão, a joia azul do amuleto brilhando à luz do sol.

Seu olhar caiu sobre ele. E imediatamente voltei para o meu. Seus olhos estavam cautelosos.

“Pegue.”

Três amuletos.

Três de nossas fadas mais poderosas.

Conreth havia caído. Eu não tinha ideia se ele ainda estava vivo. Rythos e Marth haviam partido, provavelmente ao seu lado. Esperançosamente, eles voltariam a tempo, mas…

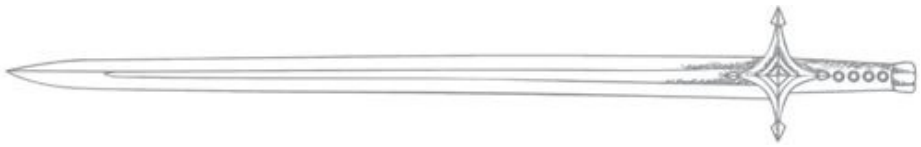
Mas essa escolha parecia *certa.*

Brevan engoliu em seco, sua expressão dizendo sem palavras o que aquela ação significava.

Eu confiava nele para usar o amuleto para matar nosso maior inimigo.

Se ele quisesse, ele poderia se voltar contra nós. Mas ele ouviu Rythos. Ele trouxe seu povo aqui para defender os Fae.

Os olhos de Brevan aqueceram. E ele acenou para mim, colocando o amuleto na cabeça.



Acenei de volta, virando-me para encontrar Prisca.

“Isso foi uma coisa boa que você fez.”

Fiquei tenso, meus olhos encontrando os de Telean.

Ela sorriu para mim. Era o mesmo sorriso que ela sempre usava perto de mim.

Um pouco perturbada, como se ainda não conseguisse entender exatamente como sua sobrinha acabou com o Príncipe Sanguinário.

Mas eu sabia que ninguém mais poderia vê-la.

A tristeza atingiu-a, espessa e profunda.

Tão profundo quanto o ferimento cruel em seu pescoço.

Eu esperava que a morte dela tivesse sido rápida.

“Foi você. O veneno. Os generais.

“Gastei até a última moeda que tinha com esses ingredientes”, ela sorriu. “Ameri nasceu para essas tarefas. Mas eu sabia que apenas um de nós sairia. Negociei com os deuses para manter Nelayra viva e sempre morreria hoje. Estou feliz por ter morrido fazendo algo que fez a diferença. Diga a ela para verificar a bolsa de curandeiro de Tibris.”

Meu peito apertou. Esta mulher era mais corajosa do que quase qualquer pessoa naquele campo de batalha. "Obrigado. Por mantê-la viva.

Ela inclinou a cabeça. “Cuide do nosso povo, Sua Majestade.”

Minha garganta apertou. O título foi mais que um reconhecimento. Da parte dela, foi um presente inestimável.

Tudo o que pude fazer foi acenar com a cabeça. Mas Telean já estava desaparecendo, seu olhar voltado para algo além de mim. Além de todos nós. Seus olhos brilharam, seu rosto ficou radiante e de repente ela parecia uma jovem mais uma vez.

E então ela se foi.

ASÍNIA

A nossa retirada pode ter sido planeada, mas também foi muito necessária.

A batalha continuou a ser intensa, só que agora Regner também tinha as bruxas – aquelas criaturas enormes e mortais que se aproximavam de nós.

Meu sangue ficou espesso e lento, meus membros ficaram subitamente pesados.

Mas Lorian estava examinando aquelas bruxas de onde ele estava em frente à barricada, com a mão de Prisca na sua. E como eu estava observando ele, vi sua boca se curvar.

Voltei-me para as bruxas bem a tempo de vê-las se virar. Mãos de pedra atingiram carne e ossos enquanto atacavam o flanco direito de Regner.

Soldados humanos fugiam aos milhares, dando-nos um caminho direto para o rei Eprothan. Enquanto isso, os piratas de Daharak chegavam à praia, correndo em direção ao nosso próprio exército.

Foi isso.

"Agora!" Prisca gritou.

Tor estava perto da barreira de madeira, cercado por Rekja, Herne e Demos. Seu rosto estava totalmente branco, mas ele ergueu a cabeça, mirando seu poder diretamente na proteção de Regner. A proteção brilhou em branco em resposta e uma pequena rachadura apareceu.

Regner sorriu. Com um aceno de mão, sua ala se reformou e a rachadura desapareceu.

Tor mirou repetidas vezes. A náusea aumentou em minha garganta, enquanto Regner rebatia todas as vezes.

Esperávamos ter uma chance sem tentar quebrar um artefato oferecido pelos deuses.

Ao meu lado, Prisca soltou uma série de palavrões, levantando uma pedra perto da boca. “Diga a todos que puderem ser dispensados para usarem qualquer magia que lhes reste para atingir quaisquer generais que cercam Regner. Prepare todos os três amuletos para atingir o espelho. Agora."

Em poucos instantes, Lorian, Galon e Brevan estavam juntos, cada um deles usando um amuleto. Como um só, eles direcionaram seu poder através das fileiras restantes de Regner, diretamente no espelho.

Jamic adicionou seu poder. E deuses, que poder ele tinha. Seu cabelo voou para trás do rosto e aquele poder bateu no espelho. Qualquer que fosse o treinamento que ele fez com Conreth... tudo se resumia a isso.

O espelho brilhou. Uma pequena rachadura apareceu no vidro.

Eu podia ver o desespero no rosto de Prisca enquanto ela usava os restos de seu próprio poder. Depois da forma como ela usou isso para comprar ao nosso flanco direito o tempo que precisávamos, pensei que ela não teria mais nada.

Marth e Rythos retornaram depois de tirar Conreth do campo de batalha e brandiram suas espadas contra qualquer um que tentasse atacá-lo.

ataque, abrindo caminho em direção a ela.

À nossa esquerda, avistei Daharak empunhando uma espada – pelo menos cem piratas lutando com ela.

Mas nunca seríamos capazes de matar Regner enquanto aquele espelho o protegesse. Dentro de horas, qualquer terroviano que restasse estaria festejando conosco.

A menos que eu tenha feito alguma coisa. Algo tão aterrorizante que fez um arrepio se espalhar pelos meus ossos.

Comecei a tremer. Uma onda de náusea subiu pela minha garganta.

Se eu fizesse isso, não haveria tempo para aceitar minha decisão.

Mas os gritos dos moribundos penetravam profundamente nos meus ouvidos e na minha mente, onde ecoavam continuamente.

Prisca estava a poucos passos de distância agora. Meu sangue latejava em meus ouvidos e era como se a batida do tambor chamasse a atenção de Prisca.

Seus olhos encontraram os meus.

“Eu sei como quebrar o espelho”, gritei para ela. “Diga a eles para esperarem apenas alguns minutos. Eles saberão quando precisarão tentar novamente.”

Prisca abriu a boca e eu balancei a cabeça.

“Não pergunte como posso fazer isso. Não temos tempo. Você tem que confiar em mim.

Alguém me empurrou e Marth apareceu de repente, passando por nós para enfrentar a ameaça.

Prisca olhou para mim. Mas ela não hesitou. As palavras eram fáceis de ler em seus lábios.

"Faça isso."

Virando-me, corri para trás da barricada. Madinia estava sentada em um tronco virado, com Tibris ao seu lado. O sangue escorria do lado do pescoço dela enquanto ele trabalhava para fechar a ferida.

“Eu preciso voltar”, disse ela.

“Não até eu terminar. Preciso contar a Prisca?

Madinia estava pálida, com as mãos tremendo enquanto tomava alguns goles de água. Mas ela ainda fez uma careta.

“Um minuto”, disse Madinia.

“Três minutos.” O tom de Tibris era implacável. “Se isso fosse um pouco mais profundo, não estaríamos tendo essa conversa.”

Os olhos de Madinia encontraram os meus. “O que você está fazendo aqui?”

Passei por ela e entrei na tenda, tirando o orbe do bolso de sua capa. Eu soube instantaneamente o que ela estava carregando quando ela

nos abraçou. E não me surpreendeu nem um pouco que Daharak Rostamir não quisesse a tentação disso perto dela.

Agarrei o orbe azul enquanto corria de volta para a batalha.

“Assínia!” Madinia estava gritando, correndo ao meu lado agora. Tibris ficaria furioso com ela.

Dei uma olhada para a minha esquerda, mas Madinia não conseguiu contornar os soldados à nossa frente a tempo de me impedir. Tudo que eu tinha para oferecer a ela era um único sorriso trêmulo.

A arma exigia alguém de coração puro. Eu tinha matado. Muitas vezes.

Eu não estava conseguindo sobreviver a isso.

Eu queria me tornar famoso. Para ser uma lenda. Para fazer um nome para mim.

Eu queria reconhecimento. E se eu fizesse isso, ninguém jamais saberia. Foi amargamente irônico.

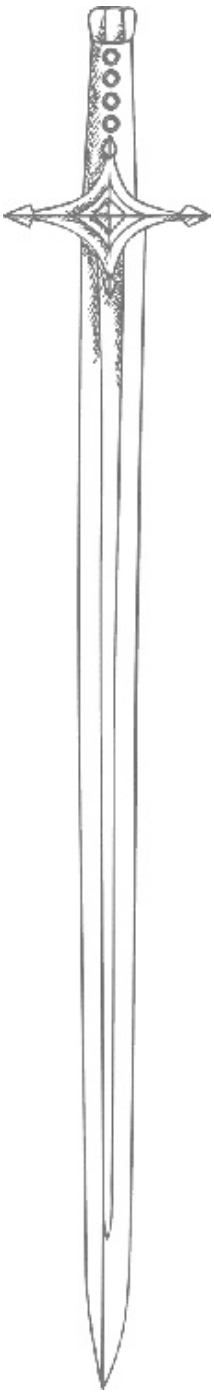
Mas *eu* saberia. E milhares de pessoas viveriam. Esse era um preço que eu estava disposto a pagar.

Eu prometi a Demos que não haveria riscos estúpidos.

Desculpe.

34

Prisca



sinia nos pediu para esperar, mas não podíamos esperar muito mais. Lorian olhou para Ame enquanto o exército de Regner continuava avançando. Em breve, iríamos

-

Madinia agarrou meu braço e eu estremeci. A lateral do pescoço e a armadura estavam cobertas de sangue. “Temos uma chance!” ela gritou, me sacudindo

violentamente o suficiente para que Lorian se virasse para dar-lhe um rosnado selvagem.

“Asinia está indo em direção ao espelho”, disse Madinia, ignorando-o. Afastei a confusão e a descrença. Asinia me pediu para confiar nela. Ela deve ter algum tipo de plano.

“Qualquer pessoa entre Asinia e o espelho está morta. Tire nosso pessoal.

Agora."

Lorian deve ter nos ouvido, porque gritou a ordem para Marth, que a transmitiu pela linha.

Foi isso. Nossa única chance. Tivemos que atacar agora.

Procurei na bolsa em volta da minha cintura minha pedra de trowth e a entreguei a ela.

Madinia aceitou, virando-se para repetir a ordem.

E Demos começou a gritar o nome de Asinia. Onde ela estava? Onde-

Correndo pela direita, sua armadura prateada contrastando com todo o preto, Asinia correu em direção às linhas de frente de Regner.

Demos estava abrindo caminho em direção a ela, derrubando brutalmente qualquer um que cruzasse seu caminho. Rythos e Marth pularam para seus lugares, protegendo Tor.

Asinia avançou para o limite das linhas de Regner, evitando por pouco os soldados humanos que fugiam para as montanhas. Um deles a atacou, e ela se abaixou, rolou e ficou de pé.

Um caminho foi aberto entre Demos e Asinia. Seus olhos eram selvagens. Parecia que o stress da guerra, o horror desta batalha, tinha quebrado alguma coisa em Asinia.

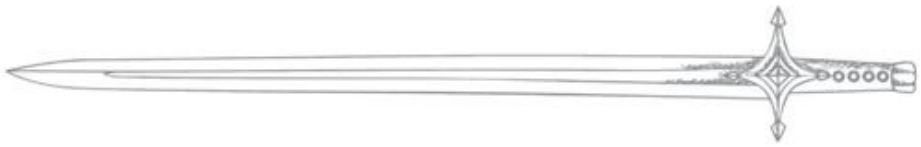
E meu irmão... seus gritos... a agonia em sua voz penetrou profundamente em meu peito.

“Madinia...” Minha voz falhou.

“Não, Prisca. Você tem que confiar nela.

E eu sabia. Um buraco se abriu dentro do meu peito quando a compreensão me atingiu. Asinia estava fazendo algo que não poderia voltar atrás.

Memórias passaram diante dos meus olhos.



Na primeira vez, Asinia perguntou à mãe se eu poderia ficar para jantar, porque ela sabia que tínhamos pouca comida.

A mistura de esperança e fúria nos olhos de Asinia quando ela percebeu que eu tinha ido buscá-la na masmorra de Regner.

A tensão tensa entre ela e Demos, lentamente se transformando em algo profundo, algo precioso.

E a forma como ela estreitou os lábios há apenas algumas semanas, referindo-se a si mesma como um risco.

A voz de Telean soou na minha cabeça. *"Ela era minha melhor amiga. Nós éramos deveria ter séculos."*

Não . *Por favor,* não.

ASÍNIA

Eu me aproximei do leste. Os soldados humanos que fugiam para as montanhas prestaram pouca atenção em mim enquanto eu avançava paralelamente ao espelho de Regner.

O orbe esquentou em minha mão, como se soubesse o que eu estava prestes a fazer. E isso realmente me atingiu então. Eu ia morrer. E provavelmente também mataria milhares de soldados humanos — alguns dos quais foram forçados a lutar nesta guerra.

Talvez essa fosse a ironia de usar esta arma – e a razão pela qual ninguém sem um coração puro poderia sobreviver – porque qualquer pessoa que realmente tivesse um coração puro nunca pensaria em fazer tal coisa.

De alguma forma, usar a arma foi totalmente instinto. Eu sabia o que tinha que fazer.

E então me concentrei em Regner atrás de suas linhas, sua expressão era uma máscara distorcida de ódio.

Terror cego percorreu meu corpo. Eu não queria morrer. O orbe esfriou um pouco e me forcei a me concentrar na batalha à minha frente.

E imaginei o mundo depois da morte de Regner.

Um mundo melhor. Um mundo feliz. Um mundo onde nosso povo pudesse ser livre.

Talvez... talvez não importasse muito se eu não estivesse aqui para ver isso – não se isso significasse que meus amigos viveriam.

Meu medo desapareceu. E era como se eu estivesse acima do meu corpo, observando minhas próprias ações.

Alguém correu comigo. Uma das fadas de Conreth. Ele abriu caminho através de qualquer um que tentasse se aproximar. E estranhamente, foram as palavras de Lorian que circularam pela minha mente enquanto eu corria em direção a Regner.

“Acho que essa deve ser a pior parte de morrer. Deixando as pessoas que você amor e arrependimento.

Meu único arrependimento foi não ter tido mais tempo. Mas eu nunca poderia me arrepender de ter perdido minha vida para salvar a deles. E de repente, a ideia de que eu queria glória ou notoriedade durante esta guerra... Era bobagem agora. Tudo o que eu realmente queria era saber que todos sobreviveriam. Eu não precisava de prestígio.

E então eu estava me virando, e o orbe estava esquentando mais uma vez – desta vez ficando tão quente que era como se pudesse sentir minha determinação.

Olhei para o Fae que me protegeu por tanto tempo.

"Correr."

Ele não discutiu. Ele simplesmente se virou e saiu correndo.

“Não acho que sejam as memórias da sua vida que você vê quando morre. EU acho que são das pessoas que você mais sentirá falta. As pessoas que fizeram sua vida vale a pena viver. E às vezes, se você tiver sorte, você vê a única pessoa que você desafiaria o destino e ficaria por... se pudesse.

Lorian estava certo. Porque mesmo que eu estivesse fazendo isso por Pris e todos os outros, foi o rosto de Demos que brilhou diante dos meus olhos e permaneceu enquanto eu cerrava os dentes e forçava minhas mãos a segurarem firme enquanto minhas palmas começavam a queimar, até meus olhos lacrimejarem e minha os pulmões doeram com um soluço reprimido.

E então eu o ouvi. O rugido que Demos soltou ecoou pelo campo de batalha. “Assínia!”

“Isso trouxe muitas lembranças.” Sua voz passou pela minha mente.

“Memórias de estar indefeso quando perdi as pessoas que amava.”

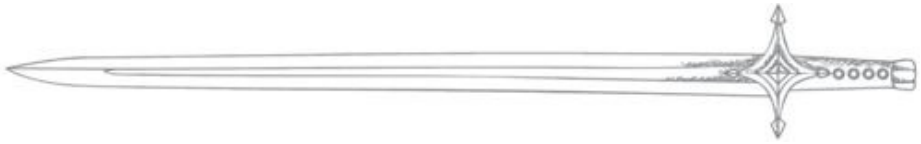
Eu me odiei por fazer isso com ele novamente.

Mas ele viveria. E foi o suficiente.

E então fui eu quem gritou enquanto a queimação nas palmas das mãos se espalhava por todo o meu corpo.

Cada criatura viva entre mim e o espelho se desintegrou.

Minha visão ficou branca.



MADÍNIA

Uma luz branca brilhante brilhou ao redor de Asinia, direcionada diretamente para o espelho.

Qualquer um que ainda tivesse poder para usar se juntou a ela, junto com Lorian, Brevan e Galon, que canalizaram o poder de seus amuletos. Jamic balançou em pé, enquanto Tor continuou a atacar Regner, proporcionando uma distração.

Minha visão estava manchada, minha mente lutando para compreender o que eu estava vendo.

Qualquer um que estivesse entre Asinia e o espelho estava...

Perdido.

Os soldados de Regner correram para salvar suas vidas.

Prisca também estava correndo.

A expressão de Lorian era de agonia enquanto a observava, mas ele não conseguia parar. Não foi possível remover seu poder do espelho.

O rosto de Prisca se contraiu. E então ela começou a gritar como se estivesse sendo estripada. Porque sua melhor amiga – a amiga pela qual ela se sacrificou tanto…

Asinia caiu no chão, os olhos abertos e vazios, a pele sem cor.

O espelho quebrou.

Demos caiu de joelhos ao lado dela. "Pecado." Sua voz falhou e ele a embalou, um uivo saindo de sua garganta.

Prisca não parava de gritar.

E então Tibris estava lá, lágrimas escorrendo pelo seu rosto enquanto ele balançava a cabeça.

Agarrando os ombros de Prisca, eu a sacudi. A apenas alguns passos do espelho, Regner estava de pé, com o rosto roxo e os olhos cheios de fúria enquanto rugia para um de seus generais.

“Agora, Prisca.”

Minha voz era áspera, as palavras grossas em torno do nó na minha garganta. Seus olhos vermelhos encontraram os destroços do espelho. E então eles cortaram para mim.

Pela primeira vez, tive realmente medo da rainha híbrida.

“Você *sabia* ,” ela sibilou.

“Asinia escolheu,” eu rebati. “E quanto mais você esperar, maior será a chance de o sacrifício não valer nada. Então, mate nosso inimigo e acabe com esta guerra, Sua Majestade.”

O olhar que ela me deu foi arrepiante. Mas a dor havia deixado seu rosto. Em seu lugar havia uma espécie de frieza remota. Uma expressão que fez arrepios subirem na minha pele.

Agarrando sua ampulheta, ela congelou o tempo para Regner e apenas para Regner.

Ninguém falou enquanto Prisca atravessava o espaço entre eles. Eu mal respirei.

Seu rosto estava tenso e pálido, as lágrimas ainda secando em suas bochechas. Mas seus olhos estavam cheios de ira gelada.

Ela soltou o tempo no momento em que puxou a espada.

Os olhos de Regner se arregalaram.

E Prisca enterrou aquela espada em seu peito.

Ele engasgou, sua expressão incompreensível. E lentamente, seu rosto começou a mudar. Seu nariz se alongou, seus olhos adquiriram um tom azul escuro, suas bochechas ficaram mais estreitas. Essas eram as características que ele teria se não tivesse matado e substituído os meninos que fingia serem seus.

Meus olhos encontraram Jamic. Ele olhou sem compreender para Regner. Como se sua mente não conseguisse conciliar o que estava vendo.

Regner caiu no chão. Sem vida.

E assim, o rei Eprothan estava morto.

Prisca se virou e foi embora, com os olhos cheios de angústia e desespero.

Asinia ainda segurava o orbe, mesmo na morte. Demos estava enroscado ao lado dela e rosnou para nós quando nos aproximamos.

Quando ele olhou para mim, eu estremeci.

Daharak se aproximou de mim. “Eu sei quando um homem quer matar alguém, e sugiro que você entre no meu navio mais cedo ou mais tarde.”

Eu balancei a cabeça. “Que bom que você está vivo.”

"Você também. Desculpe pelo seu amigo.

Desta vez não neguei que Asinia era uma amiga. Um buraco profundo e escuro estava se abrindo dentro do meu peito.

Prisca sentou-se ao lado de Asinia e pegou-lhe na mão. Seu rosto estava tão sem vida quanto o de Regner.

E então o orbe começou a brilhar mais uma vez.

“Está esquentando!” Tibris disse.

Lorian agarrou Prisca e arrastou-a, ignorando sua luta.

Herne agarrou Tibris, que o amaldiçoou, mas permitiu que ele o puxasse vários metros do corpo de Asinia.

Demos não se mexeu. Sua irmã gritou por ele e ele ainda não se mexeu.

Daharak ficou tenso. “De coração puro”, ela riu, mas foi amarga. “Talvez sejam os deuses que decidam essas coisas.”

O que ela—

A luz brilhou até que várias pessoas gritaram. Fechei os olhos com força.

E quando os abri novamente, Demos segurava o corpo de Asinia e balançava mais uma vez.

Só que desta vez ela o estava segurando. Seus olhos se abriram e vi algo *mais* dentro deles.

E então desapareceu. “Por favor, diga-me que Regner está morto”, disse ela.

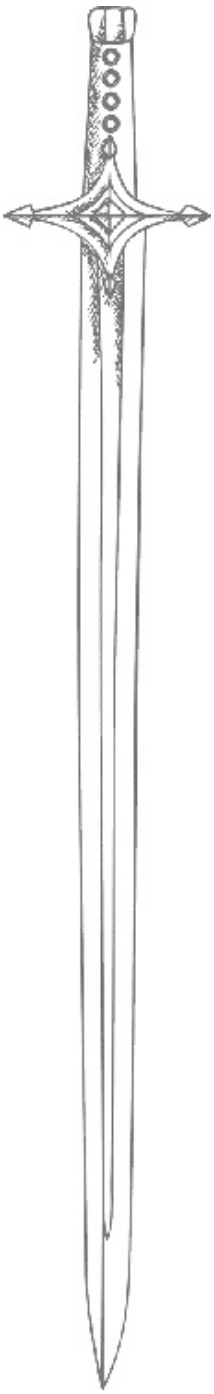
Prisca estava imediatamente ao seu lado. “Você está com tantos problemas.”

Ela abraçou Asinia e as duas começaram a chorar.

Daharak respirou fundo entre os dentes e eu segui seu olhar. Ela não estava olhando para Prisca e Asinia. Não, ela estava olhando para a praia onde os generais de Regner estavam reunidos perto de seu corpo.

35

A rainha



Egner estava morto.

R Eu já tinha visto isso do meu esconderijo na floresta. E ainda assim, era difícil de acreditar. A rainha híbrida estava ocupada demais chorando o luto por sua amiguinha para pegar o grimório.

Zathrian deveria matá-la neste exato momento.

Todo o meu corpo tremeu. Eu estava tão, tão perto de conseguir tudo o que sempre quis.

Eu praticamente podia sentir o grimório me chamando de onde estaria escondido dentro da capa de Regner.

Tymedes caiu de joelhos perto da borda da floresta, a incredulidade estampada em seu rosto enquanto observava seus soldados se virarem e recuarem.

Rothnic sangrou muito em um braço, tropeçando como se estivesse bêbado. Perto dali, os patriarcas restantes formavam um círculo. Eles estariam planejando seus próximos movimentos. Debatendo quem ficaria com a coroa de Regner. E no momento em que tivessem a oportunidade de matar o meu filho, eles aproveitariam.

A menos que eu os mate primeiro.

Eu mapeei minha abordagem. Tymedes teve que morrer primeiro. Caso contrário, no momento em que ele me viu – ou Jamic – estaríamos mortos.

Havia uma chance de os outros Patriarcas entrarem na linha no momento em que percebessem que eu estava de volta. E quando eu tivesse o grimório, eles seriam forçados a se curvar diante de mim.

Rothnic era perigoso demais para ser deixado viver. Ele já estava tropeçando mais perto do corpo de Regner.

Ele não estava tão ferido quanto fingia.

Não, ele sabia sobre o grimório. E ele estava prestes a aceitar.

Eu tive que atacar *agora*.

Tymedes enrijeceu quando me aproximei dele, com a lâmina que meu filho me dera presa em sua garganta.

“E então termina assim”, disse ele, com a voz morta. “Morto pelo herdeiro híbrido.”

“Não exatamente,” eu assobiei.

Ele ficou tenso, inclinando a cabeça até que seus olhos encontraram os meus. E aqueles olhos estavam arregalados. "Você?" Ele soltou uma risada sufocada. "Claro que seria você."

Achei que cortar sua garganta seria mais satisfatório. Mas enquanto sua força vital jorrava sobre minhas mãos, tudo que eu queria era mais.

Ele estava sufocando com o próprio sangue, mas ainda assim conseguiu rir.

O som causou um arrepio na minha espinha e eu me virei.

Jamic estava a poucos passos de distância, com os olhos arregalados enquanto me observava massacrar Tymedes.

“Você disse que iria fugir.” Seus olhos... Eles estavam tão feridos que era como se ele fosse aquele garotinho mais uma vez.

"Eu sei." Minha voz soou fraca e desesperada até para mim. “Mas estou fazendo isso por nós.”

“A cadela matou Tymedes!” Rothnic gritou, de repente não mais atordoado.

“Mate o menino. Agora!"

Uma expressão estranha surgiu no rosto do meu filho. Uma expressão que parecia quase... resignação.

Meu intestino apertou. Jamic não esperava sobreviver à guerra. Tudo o que ele queria era que o governo de Regner acabasse.

Um homem saiu da floresta, chamando minha atenção. Até os patriarcas ficaram em silêncio.

“Pelysiano?”

A leveza varreu meu corpo. Este homem era pouco mais que um fantoche de sua mãe. Mas se ele estava aqui, era porque tinha um plano. Não acabou.

Rothnic riu. “Eu queria fazer isso há anos,” ele sibilou. Ele levantou uma mão.

Meus olhos encontraram os de Pelysian.

E a compreensão tomou conta de mim.

Ele não estava aqui para me ajudar a governar. Ele estava aqui para me ver morrer.

“Jamic, corra!” Minha voz era um grito desesperado. Eu só precisava ganhar um pouco de tempo para ele. Tempo suficiente para desaparecer na floresta. Saltando em direção a ele, avistei grandes olhos verdes já cheios de lágrimas.

Ele não precisava chorar. Eu poderia-

Dor. Tanta dor. Queimando minhas costas e minhas entranhas.

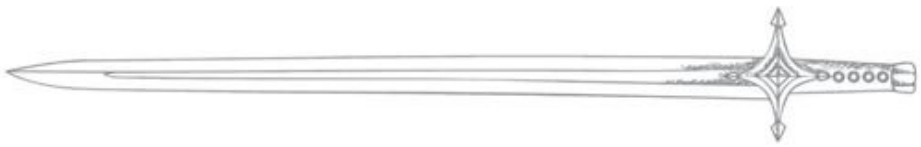
Eu esperava que a magia batesse em mim.

Em vez disso, foi uma flecha de uma besta. E pelo ácido que varreu meu corpo, aquele raio foi envenenado.

Caí no chão, a agonia ardendo em cada centímetro do meu corpo. Eu gritei, me contorcendo.

Alguém riu.

A risada foi interrompida abruptamente, fazendo meu coração despencar até o estômago.



O tempo congelou. O herdeiro híbrido havia chegado.

Meu olhar encontrou o de Jamic. “Pegue… grimório.”

Pelysian entrou na minha frente, quebrando minha linha de visão.

“Ajude-nos,” eu murmurei.

Ele simplesmente balançou a cabeça. “Nelia sabia que você precisava morrer aqui. Ela deu sua vida para garantir que isso aconteceria. Para garantir que você ajudaria os outros a encontrar o amuleto e matar o rei.”

Nélia…

A dor estava cegando agora. Um brilho de pena brilhou nos olhos de Pelysian.

Não. Isso... não era justo. Eu só precisava de mais *tempo* .

"Por que?" Eu engasguei.

“Você nunca iria parar. Você foi distorcido pela maldade de Regner. E se você sobrevivesse, você teria distorcido seu filho. Nosso povo sofreria por isso.

E eu nunca permitiria que isso acontecesse.”

Meus olhos queimaram. Meu filho suportou tudo o que Regner o fez passar e de alguma forma permaneceu *bem.* Mas essa bondade era uma espécie de fraqueza. E ele seria vítima de ataques.

“Proteja-o.”

"Eu vou." A expressão de Pelysian ficou tensa. “Se você tivesse escolhido diferente. Eu tinha... esperanças em você. Para nós.” Sua expressão endureceu. “Em tempos de guerra, sacrifícios devem ser feitos. Adeus, Sua Majestade.”

Seu olhar passou de mim para Prisca. Eu já fui até ele. Já nada mais do que um cadáver. Mas a tristeza brilhou em seus olhos quando olhou para Jamic.

Meu filho de repente estava tropeçando em minha direção, sua expressão perdida fazendo-o parecer tão jovem que meu coração se partiu novamente.

PRISCA

Meu poder escapou do meu alcance. Os patriarcas amaldiçoaram, recuando.

E Galão…

Galon matou todos eles, sua espada os cortou em pedaços.

Ele se moveu tão rapidamente que levei um momento para entender o que ele tinha feito.

Meu estômago embrulhou. Eu estava tão, tão cansado da morte. Mas eles já haviam tentado matar Jamic e ele ainda não foi coroado.

O herdeiro Eprothan sentou-se ao lado de sua mãe, afastando o cabelo de Kaliera do rosto.

Foi uma morte ruim. Longas gavinhas negras se formaram sobre sua pele, veneno devastando seu corpo. Ela estremeceu de agonia.

Mas ela morreu olhando para a única pessoa que amou.

Talvez tal morte não tenha sido tão ruim, afinal.

O homem ao lado dele estava olhando para Daharak, que lhe lançou um olhar estreito. “O que você está fazendo aqui?”

“Mãe me enviou.”

Este era Pelysiano. E ele apenas assistiu Kaliera morrer com calma.

Daharak pareceu aceitar isso, mas seu olhar disparou entre ele e o corpo de Kaliera.

Lentamente, Jamic se levantou. E ele estava olhando para Madinia.

“Meu poder não foi devolvido às fadas quando eles usaram os amuletos,”

Jamic disse. “Há algo… diferente nisso.”

Espinhos deslizaram pela minha pele. Ao meu lado, Lorian olhou para Jamic como se ele fosse agora uma nova ameaça.

Mas Jamic ainda estava falando.

“Você se lembra daquela promessa que você me fez? Que você faria algo por mim?

Madínia assentiu. "Eu faço."

A ansiedade passou um dedo gelado pela minha espinha.

“Você manterá sua promessa?”

"Sim."

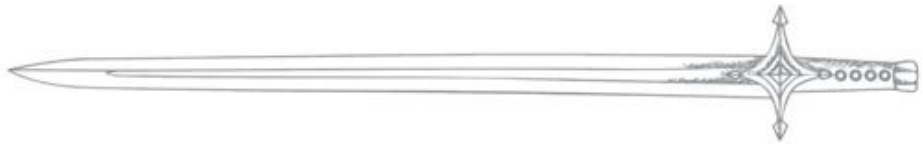
“Então você sabe o que precisamos fazer.”

Jamic estendeu a mão. Todos nós ficamos parados e assistimos. Asinia, envolta nos braços de Demos, Tibris, com a mão agarrada à de Herne. Marth, Galon, Rythos, Vicer, todos os generais e vários soldados curiosos.

Madinia pegou a mão de Jamic.

E ele a conduziu em direção ao corpo de Regner.

Eu puxei os fios do meu poder.



Nada.

Girando, encontrei Zathrian me observando. Seus olhos brilharam de tristeza.

"Seu maldito bastardo."

Demos mostrou os dentes e se lançou sobre meu primo.

Zathrian se abaixou e rolou para longe.

“Apenas espere,” ele retrucou. E diferentemente do campo de batalha, quando

ele me chamou de covarde, não havia desdém ou fúria em sua voz agora.

Não, estava cheio de frustração perplexa.

“Deixe-o”, eu disse.

Demos praguejou, virando-se contra mim.

Mas seus olhos se arregalaram. Ao meu lado, Lorian deu um salto para frente, levantando a mão.

Mas Madinia já havia pegado o grimório. Jamic segurou uma das mãos dela e sua pele brilhou levemente. Ele estava canalizando poder para ela.

Ah, deuses.

“Não abra!” Lorian rugiu.

Ela o ignorou, abrindo-o. Jamic usou a outra mão para equilibrar o grimório e Madinia virou as páginas rapidamente, como se procurasse alguma coisa. Os olhos dela…

“Os olhos dela estão ficando pretos”, alguém gritou. “Ela está perdida. Mate-a antes que ela se torne uma ameaça como Regner.”

“Não,” eu resmunguei. "Não." Minha voz saiu mais alta desta vez enquanto estudava o rosto de Madinia. Sim, seus olhos estavam escuros e suas mãos tremiam – como se a tensão a estivesse destruindo. Mas não havia nenhum rubor vitorioso em sua pele. Ela não estava comemorando o fato de ter o livro escuro. Não, ela parecia friamente irritada como sempre, como se estivesse a segundos de rosnar para todos nós.

Ela ainda era *ela* .

“Dê a ela um momento”, eu disse.

Demos rosnou. “Você sempre deu corda demais a ela.”

“Não,” eu disse enquanto ela levantava a cabeça. "Você nunca deu a ela o suficiente."

MADÍNIA

O poder surgiu através de mim rapidamente, inebriante e viciante. Meus nervos vibraram com uma nova consciência, como se estivessem ganhando vida.

Um estranho tipo de calor tomou conta do meu corpo. Dentro de mim, algo que

estava dormindo... algo que eu nunca havia reconhecido... abriu um olho.

Não houve dor. Minha mandíbula não cerrou mais enquanto eu cerrava os dentes contra a dor das minhas feridas. Meu poder veio até mim facilmente, incitando-me a queimar e destruir.

Eu era poder. Eu estava forte. Eu *renasci.*

“Midínia!” Alguém estava gritando. Eu fiz uma careta, olhando para o livro em minhas mãos. Havia algo que eu deveria fazer.

O poder me alcançou, sedutor, envolvendo minha pele e acariciando. De alguma forma, era... familiar.

Foi a familiaridade que cortou a névoa.

Eu entendi agora exatamente por que Regner se tornou quem ele se tornou. Não era uma desculpa – ele escolheu abraçar tudo o que este grimório oferecia.

Mas eu não queria participar disso.

Meu poder veio até mim facilmente e fechei os olhos, visualizando-o como um orbe de fogo. A magia do grimório estava se infiltrando em minha mente, sussurrando sobre todas as mudanças que poderíamos fazer. O *bem* que poderíamos fazer juntos.

Eu derramei meu fogo na nuvem negra de magia e algo sombrio rugiu de volta para mim.

Momentos. Eu teria apenas alguns momentos.

Desesperadamente, continuei folheando as páginas. Eu não conseguia explicar exatamente como sabia, mas tinha certeza de que a página que eu precisava iria...

Lá.

Parecia brilhar, atraindo minha atenção para ele.

As palavras eram estrangeiras – uma língua que minha boca nunca pretendeu falar – mas vieram até mim com facilidade.

Por um momento único e aterrorizante, me perguntei se o livro havia me enganado.

Mas o poder sombrio e malévolo parecia uivar o seu descontentamento.

As palavras saíram da minha língua como se eu as tivesse falado todos os dias da minha vida.

Regner usou pedras oceartus para roubar, transportar e doar poder humano.

Ele usou a maldição de suas teias para transformar aqueles que amavam sua família e amigos em traidores.

Eu desfaria o que ele tinha feito. *Este* seria o meu legado antes de deixar este continente.

Eu falei a palavra final. O livro fechou com um estrondo. Por um momento, parecia que nada havia acontecido.

E então os gritos soaram.

O horror me cortou. Mas…

Os gritos eram de júbilo. Comemorativo. Alegre.

Faíscas começaram a surgir do corpo de Regner. E de todos os generais próximos.

Ao longe, de volta ao nosso acampamento, rebeldes humanos erguiam as armas no ar. Muitos deles brilhavam com magia.

Eu consegui. Eu tirei o poder de onde ele não deveria estar e o devolvi àqueles a quem ele realmente pertencia.

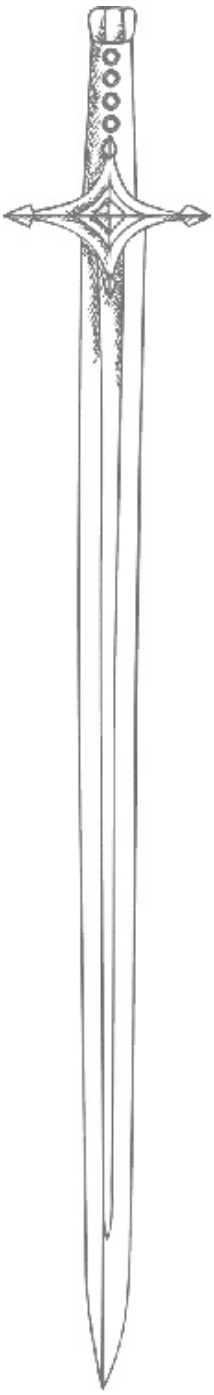
Meus joelhos dobraram. Jamic caiu no chão. E foi Demos quem segurou meu braço. Ele acenou para mim, seus olhos cheios de... respeito.

Prisca mancou até mim. E ela estava usando aquela pedra vermelha mais uma vez enquanto falava. “Que isso seja conhecido em todos os quatro reinos. O poder humano foi devolvido por Madinia Farrow.”

Estremeci e ela riu, o som ecoando pela costa.

36

Prisca



a guerra acabou. Regner estava morto. Voltamos em direção ao nosso acampamento e TI olhou sem ver os restos do campo de batalha.

E os corpos.

Por um longo tempo, simplesmente fiquei parado, com os braços de Lorian em volta de mim enquanto eu tremia, a dor e o horror me inundando até parecer que poderiam me arrastar para baixo.

“Nós vencemos,” murmurei contra sua camisa. “Eu deveria estar feliz.”

Ele acariciou meu cabelo. “Você será. Por enquanto, sinta-se como precisar, gato selvagem.

Lentamente, me afastei dele. Meu rosto estava molhado e olhei para a praia, onde os outros estavam reunidos.

“Eu preciso ver Telean. E Tibris.

Lorian se encolheu.

E meu coração se abriu.

Seus olhos encontraram os meus e seu rosto era tudo que eu conseguia ver.

"Qual deles?" As palavras eram roucas.

“Teleano. Sinto muito, Prisca. Ela era a razão pela qual os generais de Regner estavam morrendo envenenados. Ela entrou furtivamente no acampamento deles com Ameri.

"Você a viu."

"Sim. Ela deixou algo para você na bolsa de curandeiro de Tibris.”

Todo o meu corpo ficou gelado. “Demonstrações.”

“Eu vou encontrá-lo.”

Afastando-me de Lorian, subi a colina.

“Prisca.”

Passei meus braços em volta de Tibris e balancei. E então eu me afastei.

“Eu preciso da sua bolsa de curandeiro.”

Com uma carranca confusa, ele o entregou.

O pergaminho havia sido dobrado cuidadosamente e guardado em um dos bolsos de couro.

A tristeza me cortou com garras venenosas, até parecer que era eu quem estava murchando e morrendo. Lorian entrou na tenda, Demos atrás dele.

O rosto do meu irmão estava branco.

E quando nossos olhos se encontraram, ele pareceu perceber que era verdade. Caindo na cama do curandeiro, ele enterrou a cabeça nas mãos.

Tibris olhou para nós. E então ele fechou os olhos. “Teleano.”

Minha mão tremia quando entreguei a carta a Lorian.

"Você poderia…"

“Qualquer coisa, gato selvagem.”

Ele sentou ao meu lado. E então ele leu.

Nelayra e Demos,

Se você está lendo isso, então tudo correu de acordo com o meu plano.

Conhecer vocês dois foi um presente que eu nunca imaginei que pudesse ter. E o vínculo estreito que você formou é tudo o que sua mãe poderia ter desejado.

Nelayra,

Eu não estava mentindo no dia do seu casamento. eu poderia entender exatamente por que você escolheu usar seu poder de maneira tão perigosa.

Por que, no calor do momento, quando você assistiu o amor do seu vida morrer na sua frente, você desafiou as leis dos deuses - até mesmo sabendo que haveria repercussões. Fiquei furioso. Mas eu não culpar você. Conforme discutimos, posso ver exatamente por que você fez a escolha que você fez.

Um amor como o seu e o de Lorian é raro. Você tem todo o direito de agarre-se a isso com tudo em você.

Quando você me disse que viu sua mãe e sua avó que dia - e o que eles disseram a você - minha decisão veio a mim instantaneamente.

Eu estou velho. Estou cansado. Sinto falta das pessoas que amo. Sua mãe era minha melhor amigo. Mesmo depois de todos estes anos, encontro-me constantemente procurando o rosto de sua mãe no meio da multidão ou procurando pergaminho para escrever para ela.

Eu sei que Yorin espera por mim também. E quando eu ver sua mãe e avó novamente, será sabendo que eu estava capaz de poupar-lhe um pouco de dor. Me perder será difícil. Mas eu tive uma vida longa e - se tudo acontecesse como eu pretendia - eu morreu enquanto trazia nosso povo para casa. Não consigo pensar em nenhuma maneira melhor de passar meus últimos momentos.

Eu te conheço, Nelayra. E eu sei que sua mente permanecerá o fato de não ter visto nosso reino crescer. Isso depois tudo, nunca cheguei a pisar em Lyrinore. Mas posso garantir-lhe,

Estarei observando enquanto você assume seu trono. E eu me considero sortudo que pude ver você se tornar a rainha que deveria ser.

Diga a Asinia que sinto muito. Mas ela não precisa de mim para ensiná-la - ela só pensa que ela faz. Espero que ela abra seu negócio dentro do ano.

Demonstrações,

Tenho certeza que você se sente enganado. Tenho certeza que você está furioso com o fato que você, sem suspeitar, me ajudou naquele dia em que encontrou o santuário para mim. Sim, eu negociei com os deuses. E não, eu não tenho lamenta.

O pior período da minha vida foi saber que você estava naquele masmorra e eu não consegui chegar até você. Que você tinha que cuidar do seu amigos - as pessoas que você considerava família - massacrados e nunca saiba por que você foi poupado. De vez em quando eu me perguntava se isso poderia fui mais gentil em deixar você ir.

E então conheci Nelayra.

Você é o general que nosso povo precisa há tanto tempo. Mas eu Recomendo que você se lembre de que você é mais do que apenas um general. Quando a paz chega, você deve abraçá-la. Quando o amor está ao seu alcance, você deve agarrá-lo com as duas mãos.

É hora de depor sua espada e viver. Você é mais do que apenas aquela espada. Você também é um homem. E Asinia não vai esperar para sempre.

Eu amo muito vocês dois. Eu odeio ter que deixar você. Mas isso é certo que os jovens sobrevivam aos velhos.

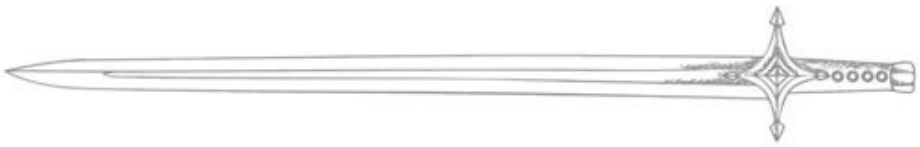
Viva uma vida da qual você terá orgulho de contar a todos nós quando vermos você de novo.

– Teleano.

A tristeza me engoliu e caí em sua barriga escura. Queria pensar em Telean num lugar melhor. Um lugar onde seus ossos não doíam e suas articulações não ficavam rígidas todas as manhãs. Um lugar onde ela estava com minha mãe e minha avó – e finalmente, finalmente com o homem que ela amava.

Um dia, em breve, eu seria capaz de pensar em minha tia dessa maneira e sorrir.

Mas agora…



Tudo o que conseguia pensar era que era terrivelmente injusto e Telean deveria estar aqui e ela nunca conseguiria ver a nossa terra natal e como se atrevia a deixar-me a mim e a Demos quando mal a tínhamos encontrado e, pelos deuses, doía *respirar* ...

Nunca tivemos paz com ela. Nunca passamos longas horas sentados conversando, nós três, sobre assuntos que não estivessem relacionados à guerra e à morte.

E agora nunca faríamos.

PRISCA

Naquela noite, fui coroado sob as estrelas em um reino que não era o meu. Mas os mais velhos deixaram instruções. Aparentemente, eles acharam necessário garantir que meu papel como rainha fosse formalizado imediatamente.

Mesmo depois de todas as nossas divergências, lamentei o fato de que eles não conseguiriam ver nosso povo voltar para casa. E egoisticamente, desejei que eles estivessem por perto para me ajudar a formar minha corte. Para ajudar nosso povo a se estabelecer em seu reino.

Lorian seria coroado dentro de uma semana. Os conselheiros sentiram que o nosso povo teria uma desculpa para celebrar o fim da guerra e o início de uma nova vida para todos nós.

Minha avó usou esta coroa. Minha mãe o teria usado se Regner não tivesse invadido. Várias pessoas ficaram boquiabertas ao vê-lo, e eu sabia que era um exemplo glorioso do requintado artesanato e da rica história do nosso reino.

Enfeitada com joias, a coroa era fria e pesada. Eu preferia muito mais o diadema que Lorian me deu. Mas eu entendi o símbolo pelo que era.

Uma promessa de que entendi o verdadeiro peso desta coroa. E que eu suportaria isso pelo meu povo.

Então, abaixei a cabeça, repeti os votos que Blynth leu e prometi amar e proteger meu reino.

E assim que foi feito, a coroa foi guardada em segurança enquanto voltávamos

nossa atenção para os mortos e feridos.

O amigo de Asinia, Cryton, não sobreviveu. Eu nunca o conheci, mas ela sentou-se ao lado de seu corpo e chorou, Demos ao seu lado.

A magia de Tibris estava tão esgotada que ele não conseguia mais curar nem mesmo o menor corte. Herne o forçou a descansar, e eu cuidadosamente escondi um sorriso quando meu irmão curandeiro – que era tão obcecado em cuidar dos outros – foi arrastado para uma tenda, com um tônico para dormir derramado em sua garganta.

“Suponho que você esteja furioso”, disse Herne ao sair da tenda.

"Furioso? Não. Você acabou de provar que é perfeito para meu irmão. Bem-vindo à família.

Ele olhou para mim, claramente atordoado, e tive pena dele. "Você deveria descansar também."

Com um aceno de cabeça, ele desapareceu em sua tenda.

Virei-me para procurar Lorian, acenando para Galon enquanto ele passava. Só estávamos separados há alguns minutos, mas depois de hoje, eu o queria ao meu lado.

Mas…

Zathrian sentou-se na extremidade do acampamento, ignorado por todos. Nossos olhos se encontraram e ele se levantou, caminhando em minha direção.

Galon mudou de direção, seguindo em nossa direção.

Eu suspirei. “Ele não vai me machucar.”

“Você está cansado. Estamos todos cansados, — Galon murmurou. “Ele deveria estar acorrentado em algum lugar.”

Zathrian o ignorou, o que era impressionante dada a quantidade de ameaça que Galon exalava.

“Jorvik”, Zathrian me disse. “Ele está morto, não está?”

Olhei para Galon. "Vá embora."

Ele estreitou os olhos, claramente tendo alguma deliberação interna. Com um juramento baixo, ele se virou e voltou em direção a uma das fogueiras.

Voltei minha atenção para Zathrian. “Sim”, eu disse. “Daharak me disse que o navio foi atingido por um dos Regner e não teve chance.”

A tristeza escureceu seus olhos. Claramente, Jorvik tinha sido importante para ele de alguma forma. "Desculpe."

“Foi ideia dele chegar tão perto de você.” A voz de Zathrian era baixa. “Eu disse a ele que era estúpido, mas ele achou que isso poderia te abalar o suficiente para fazer você cometer um erro. Em vez disso, apenas deixou você mais determinado. Não foi?

"Sim."

Ficamos em silêncio por um momento, e os sons das ondas ao longe fizeram meus olhos ficarem pesados.

“Eu estive me perguntando uma coisa,” murmurei.

"Eu também. Responderei sua pergunta, se você responder a minha."

"Negócio."

“Eadric,” eu disse. “Quando ele nos torturou, pareceu… pessoal. Como se ele me odiasse.

“Ele fez. O pai dele estava apaixonado pela sua mãe. Quando ela conheceu seu pai, ficou claro que ela nunca seria capaz de amar o pai de Eadric. Claro, Eadric nasceu anos depois, mas a amargura do pai permaneceu. Ele se tornou amigo do meu pai.”

Eu poderia imaginar os dois meninos aprendendo a odiar minha família à medida que cresciam. Isso não desculpava nada do que eles tinham feito, mas... ainda doía imaginar as pessoas que eles poderiam ter sido sem aquele ódio.

"Obrigado por me contar."

Zathrian apenas assentiu. E seu olhar deslizou na direção da água, como se ele não suportasse olhar para mim quando fazia sua pergunta.

“Ouvi dizer que você viu nossa avó quando voltou no tempo.”

Não havia nada de malicioso em sua pergunta. Não, ele apenas parecia... cansado.

"Eu fiz."

Ele manteve o olhar fixo na escuridão, a voz cuidadosamente neutra. “Você...

Você acha que talvez um dia ela possa se orgulhar de mim? Mesmo depois de tudo que fiz?

Meus olhos queimaram. “Eu ouvi a voz dela naquele dia quando lutamos em sua arena. Ela estava gritando, completamente enfurecida. Ela não queria você morto.

Provavelmente porque ela sabia que você usaria seu poder para nos ajudar. Ela podia ver o que havia de bom em você, Zathrian. Não sei se isso significa alguma coisa para você…”

Ele ainda não olhou para mim. Mas o canto da boca dele se ergueu. “Isso significa o suficiente”, disse ele.

Um inconveniente, eu liguei para ele. Uma ponta solta. Eu disse que ele não tinha futuro em nosso reino e vi como minhas palavras o atingiram, mesmo quando ele tentou esconder isso.

“Há um lugar para você em Lyrinore. Se você quiser.

Zathrian lançou um olhar em minha direção. Depois de um longo momento, seus olhos se arregalaram. “Você está falando sério, não é?”

“Por que eu não estaria?”

“Porque eu matei seu companheiro. Seu marido. Porque Eadric matou seu amigo. Porque eu teria felizmente matado você. Porque sou uma ameaça ao seu trono.”

Um rosnado mortal cortou a noite. Zathrian se encolheu.

Eu apenas suspirei. “Lorian—”

“Conte a ela novamente sobre como você é uma ameaça,” ele sussurrou, inclinando-se sobre meu ombro.

Olhei em direção ao fogo. Galon olhou teimosamente para mim.

Suspirando novamente, voltei-me para a postura dos homens. Dei uma cotovelada no estômago de Lorian e meu primo ficou boquiaberto com a ação.

“Você disse que *teria* me matado com prazer”, eu disse a Zathrian. "Você ainda sente o mesmo?"

"Não. Você não precisa acreditar em mim. Mas não.

“Então a oferta permanece. Mas haveria regras em vigor.” Afinal, este era o

mesmo homem que matou um homem inocente simplesmente por vigiá-lo sob nossas ordens. O mesmo homem que teria assassinado todos que eu amava. Um dia, talvez eu consiga perdoar. Mas eu nunca esqueceria.

“Um voto de sangue”, eu disse.

Lorian irradiava aprovação.

Zathrian apenas olhou para mim, como se ainda não conseguisse entender.

“Deixe-me saber sua decisão antes de partirmos amanhã”, eu disse. Pegando Lorian pela mão, eu o afastei.

— A propósito, aquela coroa ficou bem em você, gato selvagem — Lorian murmurou em meu ouvido. Ah. Uma mudança de assunto para que eu ignorasse seu comportamento desequilibrado.

Multar.

“Você tem um correspondente esperando na capital”, eu disse. “Então não se sinta muito presunçoso.”

Ele pareceu magoado com isso, mas beijou minha bochecha. “Rythos quer falar com você. E então você deveria dormir um pouco.

Os Arslan não perderam tempo em pegar seus mortos e voltar para casa.

Madinia nos contou como ela e Rythos foram pegos tentando escapar com Miric – e a frota. Por razões que ainda não conseguiam entender, Brevan desafiou o pai e escolheu lutar conosco.

“Mas se ele tentar fazer Rythos cumprir esse acordo, eu irei castrá-lo,”

Madinia murmurou.

Rythos estava esperando perto da água, com as mãos nos bolsos. Ele me ofereceu um leve sorriso quando me aproximei, mas sua expressão era tensa.

“Brevan... ele decidiu que eu voltaria para a ilha em troca dos navios Arslan, mas por algum motivo, ele mudou de ideia.”

“Essa era a barganha de que Madinia estava falando.”

Ele assentiu. “Eu nunca poderei voltar para Quorith. Eu não quero. Mas... há algo que preciso lhe contar.

Esperei e ele suspirou. “Eu fiz o que jurei que nunca faria. Usei meu poder no

conselho do meu pai.”

Ficou claro pela expressão em seu rosto que ele não precisava de garantias suaves.

“Você usaria esse poder no meu conselho?”

Ele recuou. “Claro que não. Se você acredita que eu iria...

"Eu não. Mas preciso que você acredite também. Sem o Arslan, há uma boa chance de termos perdido esta guerra.” Fiz um gesto através do mar em direção ao reino híbrido. “Regner teria invadido mais uma vez e, desta vez, teria matado todos os híbridos que restassem. Seu poder é lindo e terrível. Lamento que você tenha que usá-lo. Mas não sinto muito por você ter feito isso.

Ele soltou um suspiro trêmulo. Depois de um longo momento, ele tentou sorrir. “Acho que traumatizei Madinia.”

Eu ri. “Um pouco de medo provavelmente é bom para ela.”

“Ela empunhou aquele grimório e devolveu o poder aos humanos”, disse Rythos.

“Não foi só isso que ela fez”, disse uma voz rouca.

Eu me virei, meus olhos encontrando o castanho escuro. Finley.

A teia havia desaparecido de seu rosto. Seus olhos estavam ligeiramente sombreados, mas alertas.

Foi agridoce. Eu pude ver isso na maneira como Rythos olhou para o lugar vazio na têmpora de Finley onde a teia estava. Se Cavis tivesse vivido...

Ele estaria livre agora. Sua vida seria sua.

"Todos eles?" Rythos perguntou.

Finley assentiu. “Todas as aranhas que eu vi. Seu irmão nos deixou ir”, ele me disse. “Mas eu quero me desculpar.”

Ele era um garoto quieto quando o vi pela última vez. Agora, ele parecia ter envelhecido uma década da noite para o dia.

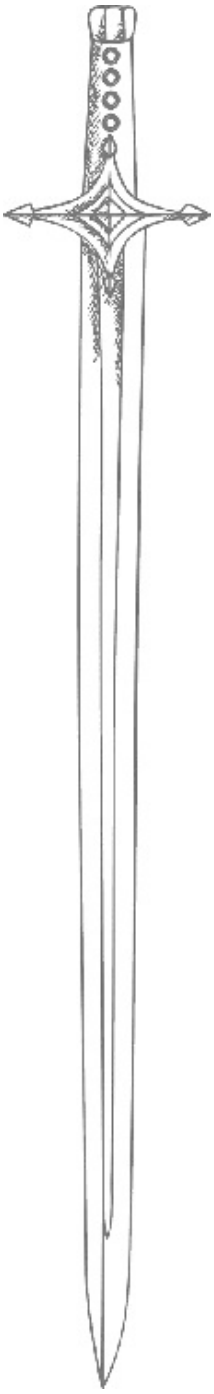
“Eu não quero seu pedido de desculpas.”

Ele se encolheu e eu suspirei. “Porque não há nada pelo que se desculpar. Agora, temos que encontrar uma maneira de seguir em frente. Para aproveitar ao máximo as vidas que foram poupadas.” Apertei a ampulheta pendurada no

pescoço. “E valorizar cada momento.”

37

Loriano



olhou para Conreth na cama do curandeiro. Dez dias foi muito tempo para os Ifae lutarem por suas vidas. Especialmente quando essa pessoa era seu rei.

E, no entanto, a única razão pela qual meu irmão sobreviveu foi provavelmente por causa de sua proteção pessoal e do amuleto que ele usava no pescoço. Eu insisti em trazê-lo para cá, para Lyrinore, onde poderia ter certeza de que ninguém tentaria matá-lo enquanto ele estivesse vulnerável.

Sua pele sempre foi pálida, mas agora parecia que toda a vida havia sido drenada dele. Ele estava tão imóvel, tão silencioso que parecia quase morto.

Uma mão invisível deve ter segurado minha garganta. Porque de repente eu estava achando difícil respirar.

“Por que, Conreth?”

Ele era o rei fae. Ele não tinha herdeiro. Ele sabia exatamente o quão importante era permanecer vivo. Daí sua confiança em Renit. E ainda assim, ele salvou a vida de Prisca.

E ele próprio quase morreu.

“Porque antes de eu ser o rei fae e você ser o Príncipe Sanguinário, éramos irmãos.” Os olhos de Conreth se abriram, turvos de dor. "Já que você está preocupado ao lado da minha cama, presumo que Regner está morto?"

Minha garganta apertou. “Não estou preocupado,” murmurei. “Esse poder teria matado Prisca.”

Eu meio que esperava que ele defendesse suas ações com o fato de que precisávamos da magia do tempo dela para matar Regner. Eu me preparei para essas palavras.

“Eu nunca teria permitido que seu companheiro morresse. Não se eu pudesse impedir.

Inclinei a cabeça, levantei uma sobrancelha e olhei para ele.

Conreth soltou uma risada sufocada e estremeceu, levando a mão ao peito.

“Vou convocar um curandeiro.”

“Não, Lorian, espere.” Ele tentou se sentar, fez uma careta e relaxou mais uma vez, com o suor escorrendo pela testa. “Esta guerra foi a pior coisa que qualquer um de nós já viveu – desde que os nossos pais morreram”, disse ele. “E ainda assim, não consigo me arrepender. Alguma parte de mim está quase grata por isso. Não por causa da morte ou do desespero, mas porque finalmente fui forçado a ver você.

Para nos ver. Observar como você é com Galon e o papel que ele desempenha

em sua vida, o papel que deveria ter sido meu, me fez perceber tudo o que perdemos.

“Conreth—”

Ele ergueu a mão. “Eu realmente sinto muito, Lorian.”

“Você já se desculpou.”

“Não corretamente. Me desculpe, fiquei tão preocupado com o que significava usar a coroa e esqueci o que significava ser seu irmão.”

Eu não queria fazer isso. Não queria ter essa conversa.

Nem pensei que precisaria disso. E ainda assim... O homem naquela cama não era um rei cruel. Ele foi o homem que salvou a vida de Prisca. O mesmo homem que me trouxe para seus aposentos e leu para mim para manter meus pesadelos sob controle, tantos anos atrás.

“Eu te perdôo,” eu disse asperamente.

Olhos azul-gelo estudaram meu rosto, como se procurassem a mentira em minhas palavras. Mas eu o perdoei. Eu o perdoei no momento em que ele salvou o amor da minha vida, preparado para perder o seu.

“Emara está aqui”, eu disse, e seus olhos brilharam. “Ela se afastou quando eu a forcei a tomar um pouco de ar fresco. Ela não ficará impressionada por você ter acordado ao som da minha voz e não da dela.

Outra risada sufocada. "Vá encontrar minha esposa."

Emara estava muito frenética para não se impressionar. Ela passou correndo por mim, entrando no quarto e, quando a porta se fechou, ouvi-a começar a chorar.

Ele foi para a guerra sem ela, deixando-a governar seu reino. E então ele quase morreu.

Eu balancei minha cabeça. Emara iria fazê-lo sentir muito, muito mesmo.

Agora, onde estava meu gato selvagem?

O castelo foi mantido em condições relativamente boas, com uma ala completa para os curandeiros usarem seu poder para qualquer pessoa na cidade que precisasse dele.

Embora os mais velhos tenham garantido a conclusão da manutenção básica, o castelo estava vários séculos desatualizado, com grande parte da mobília e das

cortinas precisando ser substituídas.

Quando os híbridos souberam que sua rainha estava se estabelecendo aqui, eles varreram o castelo como uma tempestade, e grupos deles estavam reunidos em vários pontos, franzindo a testa para paredes rachadas e discutindo melhorias planejadas.

Eu comecei a me esgueirar. Caso contrário, fui cercado, atraído por discussões sobre as diferenças entre dois formatos de azulejo, os benefícios das cortinas creme versus brancas.

Nossas vidas já estavam se tornando comuns. Com problemas normais. Bem, por mais normais que fossem nossos problemas, considerando que ainda tínhamos que formar nossa corte e supervisionar a colonização de milhares de híbridos neste reino.

Mas… a ideia desses tipos de problemas… eu me deleitei com isso.

Ainda assim, esperei até que o grupo de híbridos virasse a esquina antes de entrar em nossos quartos. Daselis e Erea saíram apressadas, acenando para mim. Embora Prisca lhes tivesse oferecido praticamente qualquer posição que desejassem, eles insistiram em trabalhar com ela ali mesmo.

E lá estava Prisca, parada na varanda, olhando para o nosso reino.

Ela olhou por cima do ombro para mim e sorriu quando fechei a porta e atravessei a sala. “Você decidiu entre tinta azul cobalto e cerúleo?”

Envolvendo meus braços em volta dela, acariciei sua bochecha. “Por que é que essas mulheres pensam que sou eu quem deveria responder a essas perguntas?”

Todo o corpo de Prisca tremeu. E um estranho som de bufo saiu de sua garganta.

“O que você fez?” Mordi sua orelha e a virei em meus braços.

“Posso ou não ter dito a todos que você realmente gosta de tomar decisões tão importantes.”

"Você. Fez. O que?"

Ela sorriu e era tão linda que minha respiração ficou presa na garganta.

“As pessoas que permaneceram neste reino não interagiram muito com as fadas. E você é... você. Eu queria que as pessoas vissem que você poderia ser paciente e interessado. Que você não é tão assustador, afinal.

Ela olhou para mim através dos cílios, seus dedos brincando com um dos botões

da minha camisa.

De repente, vi muitas decisões sobre móveis no meu futuro.

"Multar. Mas você me deve.

Seus olhos esquentaram, mas círculos escuros permaneciam abaixo deles. Prisca ainda estava de luto pelas pessoas que perdemos. Todas as noites, antes de dormir, ela lia a carta de Telean.

“Eu só estava pensando…” ela disse.

Eu mordi sua orelha. “Sempre perigoso.”

“Sobre as bruxas. O que você deu a eles para atacar Regner?

“A Cidade Amaldiçoada.”

"Eu não entendo."

“A maldição será abandonada agora que a guerra acabou e o seu povo está livre. Se Jamic quisesse, ele poderia reconstruí-lo. Eu disse a eles que não deixaria um único prédio permanecer no território que eles reivindicaram.”

“E o que Jamic disse?”

“Ele beliscou a ponta do nariz e disse: 'Tudo bem, tenho muitas outras coisas para resolver.' Talvez precisemos visitá-lo em breve.

Jamic foi recentemente coroado, já trabalhando para remover a podridão de Eprotha e garantir que os soldados humanos que invadiram as cidades—

prejudicar pessoas inocentes - nunca mais tive a oportunidade de fazer tal coisa.

"Vamos."

Sua boca estava virada para baixo e eu não gostei disso.

“Estou recebendo meu pagamento agora”, eu disse.

"É assim mesmo?"

Pegando sua mão, levei-a para o banheiro.

"O que você está-"

“Você está tomando banho, gato selvagem. Você precisa relaxar. Estes são os

meus termos.”

“Mandona”, ela murmurou, mas não protestou enquanto eu a ajudava a tirar o vestido. “Você se juntará a mim?”

Eu endureci instantaneamente. "Não."

Ela franziu a testa por cima do ombro para mim, e eu bati em sua bunda redonda e exuberante.

"Em."

Sua expressão ficou perversa e quase a derrubei sobre a banheira.

Então ela fez uma pausa, segurando meu rosto. "Eu te amo."

“Eu também te amo, gato selvagem. Agora entre na banheira.

Ela sorriu para mim. Minha boca encheu de água quando ela entrou na água, e eu suspirei quando ela se recostou, a água acariciando sua pele corada, o vapor subindo para trazer um brilho às suas bochechas.

Seu sorriso se transformou em um sorriso malicioso. “Tão carrancudo,” ela murmurou.

Eu me virei, saindo do banheiro. Localizando um roupão transparente sobre a cama, entreguei-o a ela, mantendo os olhos desviados, como se eu fosse um menino de dezesseis invernos.

A risada baixa de Prisca me seguiu porta afora.

Entrando no corredor, encontrei uma empregada que trouxe o que eu precisava.

Ocupando-me acendendo velas e aquecendo o óleo perfumado com meu poder, ignorei cuidadosamente os sons da água caindo do banheiro.

E então Prisca abriu a porta.

Ela usava o roupão. Agarrou-se às suas curvas, exibindo mais do que escondia, e minha boca encheu de água quando meu olhar caiu para seus mamilos duros.

“Ontem, quando você tirou uma soneca, senti sua falta”, admiti. “Ficamos separados por no máximo uma hora, e me vi olhando ao redor da sala como se estivesse procurando por você.”

Sua boca se curvou, seus olhos brilhavam dourados, e eu atravessei a sala, pressionando meus lábios suavemente em sua testa.

“Parece que podemos ter um problema”, disse ela. "Porque quando acordei, fiquei instantaneamente irritado por você não estar lá."

Inclinei-me para trás o suficiente para encontrar seu olhar. “Isso é constrangedor.”

“Humilhante”, ela concordou. “Nunca vamos contar a ninguém.”

"Negócio."

Ela deu uma risada baixa e eu peguei sua boca, engolindo seu gemido. Ela espalmou a mão contra meu peito, em seguida, enrolou-a na minha camisa, me puxando para mais perto.

Minhas mãos já haviam encontrado o laço do seu roupão, e ele caiu no chão, exibindo a pele quente e macia de Prisca. Provoquei seu lábio inferior com os dentes, mordiscando suavemente, depois a apoiei em direção à cama.

Meu sangue estava quente, latejando em meus ouvidos. Mas eu tinha planos. E ela não iria arrancar o controle de mim ainda.

Ela estava levantando minha camisa na tentativa de me tirar dela, e eu a puxei pela cabeça, apreciando seu som baixo de contentamento. Ela pegou minhas calças e eu a girei até que ela ficasse de frente para a cama.

"O que você está fazendo?"

“Deite-se de bruços, gato selvagem.”

Ela olhou por cima do ombro para mim. Quando levantei uma sobrancelha, ela se inclinou, mantendo seus movimentos dolorosamente lentos enquanto se arrastava para a cama.

Eu rosnei. “Pequena provocação.”

Ela soltou uma risada baixa e provocadora, e eu parei um momento para absorver a visão dela. Um momento para memorizar a curva de sua bunda, as lâminas afiadas de seus ombros, a linha suave de suas costas.

Um momento para deleitar-se com o fato de que ela era minha.

"Você vai ficar olhando para mim a noite toda?" Seu tom ficou mal-humorado. Mas ela se mexeu na cama, claramente querendo sentir minhas mãos nela.

Coloquei óleo quente na palma da mão, acariciando os ombros de Prisca. Ela soltou um suspiro que se transformou em um gemido estrangulado quando encontrei um ponto particularmente apertado entre o ombro esquerdo e o

pescoço.

“Deuses…”

Sorri, cavando meu polegar um pouco mais fundo, observando sua resposta com cuidado para avaliar a pressão certa. Eu ansiava por isso há algum tempo – a chance de provocar um pouco da tensão que ela carregava todos os dias. A oportunidade de acariciar sua pele macia, deixá-la flácida e relaxada.

Depois de alisar os nós de seus ombros e pescoço, desci, usando movimentos longos e abrangentes ao longo de sua coluna, sentindo os músculos doerem e saltarem quando encontrei os lugares que lhe causavam dor. Eu fiz uma careta.

"Você deveria ter me dito que estava dolorido."

“Mmmmff.”

Eu sorri, passando para a parte inferior das costas, a base da coluna, a parte superior da bunda. Ela estremeceu e eu a provoquei, minhas mãos correndo levemente sobre sua pele delicada, até que ela se mexeu impacientemente.

“Algo que você quer, gato selvagem?”

Ela rosnou.

Voltei até seus ombros e depois me concentrei em seus braços. Ela soltou um som de desagrado, mas fiquei muito mais descontente quando descobri a rigidez e o inchaço no braço da espada.

“Um curandeiro poderia ter cuidado disso”, resmunguei.

“Eu não preciso de um curandeiro. Eu tenho você.

Encontrei alguns lugares em seu braço que a deixaram tensa e a acalmei, resolvendo o pior dos nós. Mas eu a arrastaria até aquele curandeiro na primeira oportunidade.

Seu braço esquerdo não estava tão ruim. No momento em que acariciei cada um de seus dedos, ela estava se mexendo inquieta.

Então desci até suas coxas, usando os mesmos movimentos longos e abrangentes.

Ela ficou mole mais uma vez e soltou um som que era quase um ronronar quando alcancei sua primeira cria.

No momento em que massageei sua outra perna, descendo até os dedos dos pés,

sua pele brilhava com óleo e ela respirou profundamente. A pequena linha de tensão entre as sobrancelhas havia desaparecido.

Um orgulho selvagem rugiu através de mim.

Ela abriu os olhos.

"Obrigado."

Eu quase ri. “Você não me agradece por isso, gato selvagem. Sou eu quem deveria estar lhe agradecendo.”

Um lado de sua boca se levantou. “Nesse caso, de nada.”

Inclinando-me, mordi suavemente sua bunda. Ela engasgou, se mexeu e eu deslizei a mão por baixo dela para encontrá-la escorregadia.

Ela ficou de joelhos e eu coloquei uma mão em suas costas, mantendo seu rosto pressionado no travesseiro.

“Fique aí.”

Mergulhando minhas mãos no óleo, segurei seus seios, acariciando, apertando e sacudindo seus mamilos até que ela gemesse. Deslizei uma mão para baixo e ela abriu bem as pernas, arqueando as costas.

“Você está pronto para mim, não está, gato selvagem? Você está sempre pronto para mim.

“Sempre,” ela murmurou, empurrando sua bunda de volta para mim enquanto eu a acariciava. “Por favor, Lorian. Eu preciso de você dentro de mim. Agora."

Eu a acariciei um pouco mais, mantendo meu toque leve, garantindo que ela permanecesse equilibrada no limite. Eu queria continuar a provocá-la, mas acariciar cada centímetro de sua pele me deixou quase louco de luxúria.

Eu não me incomodei em tirar minhas calças, simplesmente as abaixei, um rosnado saindo da minha garganta enquanto Prisca empurrava sua bunda contra meu pau.

“Não me faça esperar.” Sua voz era alta e delicada. Geralmente era quando eu mais gostava de provocá-la.

Hoje não.

Virando-a, eu a rolei em cima de mim, até que ela estivesse olhando para mim, com o cabelo caindo sobre os ombros, os olhos arregalados. Mas ela não hesitou.

Suas mãos encontraram meu pau, e eu controlei meu autocontrole enquanto ela o levantava e depois se abaixava lentamente.

Nós dois gememos.

Seu calor forte e úmido, a visão dela, a pele lisa e brilhante à luz das velas, os olhos tão dourados, a cabeça inclinada para trás enquanto ela se aproximava de mim.

Ela apertou meu pau como um torno e minhas mãos agarraram seus quadris. Mesmo quando ela estava por cima, não pude deixar de assumir o controle, levantando-a até mergulhar dentro e fora dela.

Ela começou a tremer, seus mamilos rosa pálido tensos e tensos. Levantando minha cabeça, eu a guiei para perto, prendendo minha boca em torno de um daqueles mamilos, minha mente ficando em branco enquanto ela me apertava ainda mais.

“Lorian...”

Eu empurrei nela, e ela soltou um daqueles pequenos suspiros que me deixaram louco.

Seu suspiro se transformou em um gemido longo e imundo, e eu quase gozei.

Rangendo os dentes, eu a inclinei até saber que estava atingindo aquele ponto perfeito dentro dela. Prisca enlouqueceu, arqueando as costas, estalando os quadris enquanto perseguia seu prazer.

Essa foi minha visão favorita.

“Será assim pelo resto de nossas vidas”, prometi. “Você e eu, assim, para sempre. Eu nunca vou deixar você ir, gato selvagem.”

Seus olhos se abriram em fendas, ardendo de paixão.

“Você é meu. E eu sou seu. Até o fim dos tempos.”

Ela assentiu, sem fôlego agora. Todo o seu corpo tremia e foi preciso tudo o que eu tinha para me conter.

Deslizando uma mão pelo seu corpo, encontrei seu clitóris. Ela me montou como se tivesse nascido para isso. Minha mão acariciou mais rápido, e sua boca se abriu em um grito silencioso.

“Goze para mim, gato selvagem.”

Ela se contraiu firmemente ao meu redor enquanto seus olhos reviravam, todo o seu corpo enrijecendo. Guiei seus quadris para baixo, para cima, para baixo e gozei com tanta força que vi estrelas.

Prisca caiu, deitada em meu peito enquanto nós dois ofegávamos para respirar.

Eu gentilmente acariciei suas costas, apreciando a sensação dela mancando e saciada enquanto ela estava deitada em mim.

Cochilamos um pouco, até que Prisca levantou a cabeça, piscando. Quando ela começou a se desembaraçar de mim, apertei minhas mãos.

“E onde você pensa que está indo?”

Ela levantou uma sobrancelha. “Eu tenho coisas para fazer.”

Eu também. E fiquei muito ressentido com tudo o que nos impedia de passar os próximos dias assim.

Prisca sentou-se, balançando as pernas para fora da cama. “Eu provavelmente deveria me vestir.”

Com isso, ela tirou sua bunda perfeita da cama. Seus quadris rolaram enquanto ela caminhava em direção ao armário, e eu estava ao lado dela antes de perceber que tinha me movido.

“Lorian,” ela disse em advertência, mas seu nariz enrugou enquanto ela sorria.

“Tudo bem,” eu murmurei. “Eu preciso falar com Rythos de qualquer maneira.”

"Vejo você hoje à noite."

Desta vez, dei a minha opinião enquanto passeava pelo castelo. Não uma, mas duas vezes. E eu até sorri.

Prisca estava certa. Pude ver a mudança – a forma como as pessoas relaxavam quando falavam comigo. Apenas alguns dias atrás, fui coroado rei híbrido e

queria que as pessoas aqui soubessem que eu não era apenas alguém que lutaria por eles no campo de batalha. Eu era alguém a quem eles poderiam levar suas petições e queixas. Alguém que queria que eles tivessem uma vida longa e plena.

Talvez eu nunca tivesse previsto que seria rei de qualquer reino, mas esta era a vida pela qual lutamos tanto.

Quando finalmente saí do castelo, passei meu olhar pelo terreno. Eles foram mantidos arrumados, embora Demos tivesse decidido que uma grande parte dos

jardins seria transformada em arena de treinamento.

Um santuário já havia sido construído. Eu não gostei da ideia, mas não se parecia em nada com a zombaria da religião que Regner havia criado. Era apenas um lugar tranquilo para quem precisasse. E a Alta Sacerdotisa de Regner havia se estabelecido aqui.

Por mais que Jamic gostasse de Mona, ele ainda não sentia que poderia garantir a segurança dela em seu reino.

E Mona era uma criatura solitária que queria principalmente passear pelos jardins.

Ocasionalmente, ela parecia estar olhando para longe, perdida em memórias. Os tipos de lembranças que drenavam a vida de sua pele.

Quando isso acontecia, Prisca ou Asinia geralmente a pegavam pela mão e a levavam de volta aos seus aposentos. Mais recentemente, porém, foi Rythos, entre todas as pessoas, quem deu o braço ao dela e a acompanhou para fora dos jardins.

Sem surpresa para quem conhecia meu gato selvagem, Zathrian estava trabalhando no castelo.

Eu supervisionei seu voto de sangue. Zathrian nunca a trairia. Porque mesmo que um dia ele se sentisse tentado a machucá-la, agora ele não poderia.

Vynthar apareceu entre duas árvores. Ele olhou para mim, mas não falou. No momento estávamos “brigando”, como Prisca gostava de chamar. A criatura decidiu que seu lugar apropriado seria cochilar na cama dela.

E eu estava me sentindo mais do que um pouco territorial.

Mostrei a ele meus dentes. Ele rosnou de volta. Nós dois nos viramos e seguimos caminhos separados.

Encontrei Rythos e Marth sentados perto do pequeno lago atrás do castelo, Piperia encostada no ombro de Marth enquanto Sybella observava a poucos metros de distância.

De vez em quando, depois de uma dessas tardes com Piperia, Marth desaparecia por um tempo. Mas na maioria das vezes, ele colocava Piperia sob seu



braço e arraste-a para os estábulos ou para uma das salas de estar para brincar com suas bonecas.

Eu me aproximei silenciosamente o suficiente para que eles ainda não tivessem me sentido. E o calor se espalhou pelo meu peito quando Marth jogou uma pedra, fazendo-a saltar pela água. Piperia ainda era muito jovem para pular, mas ela mesma jogou uma pedra, batendo palmas e batendo os pés enquanto ela respingava.

Senti movimento com o canto do olho.

E lá estava ele.

Observando com olhos enevoados, um meio sorriso curvando sua boca.

Sybella olhou ao redor e me perguntei se alguma parte dela sabia que ele estava ali. E se ela sentiria a perda dele quando ele realmente se fosse.

Porque era isso. Eu poderia dizer pela alegria no rosto de Cavis enquanto Rythos fazia cócegas em Piperia, jogando uma pedra ridiculamente grande só para fazê-la gritar.

Dei um passo mais perto de Cavis e seus olhos encontraram os meus – sonhadores mais uma vez. “Cuide deles.”

Erguendo a mão em um aceno final, ele se virou, seus passos medidos enquanto desaparecia de vista.

ASÍNIA

Eu imaginava que assim que a guerra terminasse, nossas vidas seriam perfeitas.

Ninguém me avisou que o resultado seria repleto de tristeza e perda, intercalados com lampejos de alegria e gratidão que me deram vontade de cair de joelhos e chorar.

Eu ainda acordava no meio da noite, tremendo de pesadelos que eram reais demais. Tão real que Demos ocasionalmente me levava para fora, para que eu pudesse sentir o vento no rosto e lembrar que havíamos passado por isso.

Pelo menos alguns de nós tivemos.

Eu não fui o único a achar difícil. Todos nós estávamos lidando com a situação à nossa maneira. Vicer mudou-se para um pequeno apartamento perto do cais, precisando

passar um tempo sozinho. Eu sabia que ele ainda estava processando a morte de

Stillcrest. Ainda se culpando pelo ataque à vila híbrida.

Prisca raramente dormia. Eu sabia que Lorian estava preocupado. Mas ela sorriu mais do que eu já tinha visto e já estava se adaptando ao seu papel de rainha.

Demos lamentou profundamente Telean. Nos primeiros dias depois de chegarmos, o simples fato de ouvir o nome de sua tia o fez enrijecer e sair do quarto onde estava sentado.

E havia também os híbridos que nasceram em Gromalia ou Eprotha. Este reino poderia ser sua herança, mas ainda era novo.

Felizmente, aqueles que conseguiram sobreviver à primeira invasão de Regner sabiam a sorte que tiveram. E os híbridos aqui acolheram todo o nosso povo, garantindo que tivessem tudo o que precisavam para começar uma nova vida.

Mas todos nós estávamos superando isso juntos. Há poucos dias, viajamos até os destroços da nossa aldeia. O lugar onde tudo isso começou.

Tibris, Demos, Prisca, Vicer, Lorian e eu fomos acompanhados por Lina, que finalmente lamentou seus avós.

E lá enterramos Natan e Thol. Eu não sabia na época, mas Lorian usou uma centelha de seu poder para proteger o corpo de Thol dos predadores e da decomposição. O homem conhecido em todo este continente pela sua crueldade deu dignidade a Thol na morte e permitiu-nos dizer adeus a ele num dia claro de verão, sob a copa da floresta.

Prisca estava sentada do lado de fora da casa abandonada e abandonada que um dia fora sua casa. Ela encontrou um pedaço de tecido de um vestido. Um vestido frequentemente usado pela mulher que uma vez ela chamou de mamãe. E ali, naquele degrau de madeira quebrado, ela soluçou nos braços de Lorian.

Certa vez, acreditei que não havia nada de heróico na guerra. Agora, eu sabia que isso trazia à tona o melhor e o pior de todos. Quando pensei em heróis, pensei em Natan e nas horas preciosas que ele nos proporcionou. Pensei em Conreth, salvando a vida de Prisca. Pensei em Telean, lutando da única forma que fazia sentido para ela.

Pensei em nosso povo arriscando tudo para manter vivos os híbridos escondidos naquelas cavernas.

"Pecado."

A voz de Demos era suave. Gentil. Eu tinha ido embora novamente. Quando tudo que eu realmente queria era estar aqui.

Parado no mercado em Celestara – a capital de Lyrinore.

Cercado por híbridos que passavam o dia em silêncio. Alguns deles

pulou com o barulho alto ocasional. Outros olhavam para o mundo com olhos assombrados. Mas um grupo de crianças corria sob uma enorme fonte, com suas risadas estridentes ecoando pela praça.

Demos entrelaçou seus dedos com os meus e eu encontrei seus olhos. "Desculpe."

Ele beijou minha têmpora. Um suporte silencioso.

Tor partiu esta manhã, voltando para a família em Gromalia. Ele planejava trazer a esposa e os filhos com ele e pediu a Demos que os conhecesse. Não foi muito, mas foi um começo.

Nos dias que se seguiram à batalha, mal nos falamos. Seu olhar estava fechado quando ele olhou para mim, como se ao usar o orbe eu tivesse quebrado tudo o que poderíamos ter sido.

Até que uma noite, ele veio até mim. E oh, como ele se enfureceu.

Ele me contou exatamente o que tinha feito com ele me ver deitada ali. Saber que escolhi morrer para salvar todos os outros. Ele me disse que nada do que ele suportou até aquele momento o machucou tanto quanto me ver longe deste mundo. Ele me disse que alguma parte dele me odiava por isso.

E que demoraria para ele me perdoar, mesmo sabendo que teria feito exatamente a mesma coisa em meu lugar.

Então, eu ouvi. E quando ele se aninhou ao meu lado, eu hesitantemente coloquei meus braços em volta dele. Até que ele chorou. Na manhã seguinte, levamos um dos navios de Daharak para o meio do mar adormecido e eu joguei o orbe nas profundezas do oceano, onde nunca mais poderia ser usado.

Todos nós tínhamos cicatrizes. As demos também levariam tempo para desaparecer. Até então, eu poderia esperar pelo seu perdão.

“Eu tenho algo para mostrar a você,” ele rosnou.

Quando ele olhou para mim daquele jeito, meu peito ficou mais leve até parecer que eu poderia voar para longe. Ontem, eu explorei o que parecia ser cada centímetro desta cidade com Prisca, até que nossos pés doeram e a voz de Prisca ficou rouca devido às muitas conversas que ela teve com qualquer um que fosse corajoso o suficiente para se aproximar dela. Lorian insistiu em enviar Galon atrás de nós – uma ameaça para qualquer um que chegasse perto demais.

Mas hoje foi para Demos e para mim. Um passeio lento, absorvendo os aromas e sons da cidade.

"O que é?"

Ele me bateu no nariz com o dedo. “Uma surpresa.”

Ele estava... nervoso?

Vários híbridos acenaram para Demos, e ele acenou para eles enquanto me conduzia pelas ruas de paralelepípedos, onde não pude deixar de olhar para criaturas aladas...

não maiores que meu polegar – seus corpos prateados brilhando à luz do sol enquanto disparavam pelo ar.

E então Demos parou.

Olhei ao redor. Ficamos em uma rua lateral tranquila, perto o suficiente do mercado da cidade para atrair aqueles que haviam terminado suas tarefas do dia, mas longe do pior da agitação. À minha esquerda, uma livraria me chamou e tomei nota da localização. À minha direita, funcionava uma pequena padaria e, quando um freguês abriu a porta, o cheiro de pão recém-assado me deu água na boca.

Aninhado entre a livraria e a padaria havia um prédio despretensioso. A pintura, antes vibrante, havia desbotado para um tom azul suave, e a porta de madeira apresentava arranhões e lascas que vinham com o tempo. Grandes janelas estavam embaçadas pela poeira, mas o sol tentava corajosamente preencher o espaço interno.

Demos deu um passo à frente, tirou uma chave do bolso e destrancou a porta com um clique suave.

"O que você está fazendo?"

Ele apenas puxou minha mão, me guiando para dentro. O interior era espaçoso e vazio, com piso de madeira desgastado e teto alto.

Sua expressão continha uma estranha mistura de esperança e expectativa. “Achei que isso poderia ser o começo de algo novo para você. Para nós. Um lugar onde você poderá iniciar aquele negócio com que sempre sonhou.”

Para mim?

“Não há pressão ligada a isso, Sin. Sem limite de tempo. Havia algum dinheiro guardado para nós – uma herança criada para Prisca e para mim e mantida em

segurança. Comprei o prédio, mas o seu nome está na escritura. Use-o para vender suas criações. Use-o apenas para ter um lugar para costurar ou tecer ou o que quiser. Inferno, coloque fogo se quiser," ele rosnou quando eu não respondi.

Comecei a chorar.

Seus braços me cercaram instantaneamente. "Desculpe. É demais. Você não quer isso. Você queria fazer isso sozinho.

"Pare de falar", eu lamentei.

Ele fechou a boca, mas eu praticamente podia sentir a miséria irradiando dele.

Me recompondo, levantei minha cabeça. "Demos… esta é a coisa mais incrível que alguém já fez por mim. Quero estrangulá-lo por gastar tanto dinheiro, mas também quero roubar essa chave antes que você mude de ideia."

Um sorriso lento surgiu em seu rosto e ele enfiou a chave no bolso do meu vestido. "Atenciosamente, Asinia. Não importa o que aconteça. Mesmo que um dia você decida me deixar. Se você decidir que quer outra pessoa.

Todo o ar pareceu desaparecer da sala. Eu fiz uma careta para ele. "Por que eu *faria* isso?"

"Não vou exigir que você diga as coisas que disse na noite anterior, quando pensou que iria morrer."

Eu estreitei meus olhos para ele. "Isso é muita coisa da sua parte."

Sua mandíbula apertou. "Estou tentando ser razoável sobre isso."

Perfurando meu dedo em seu peito, eu olhei para ele. "Eu não preciso que você seja razoável. Eu te amo, seu idiota. Nada mudou para mim. Se mudou para você…"

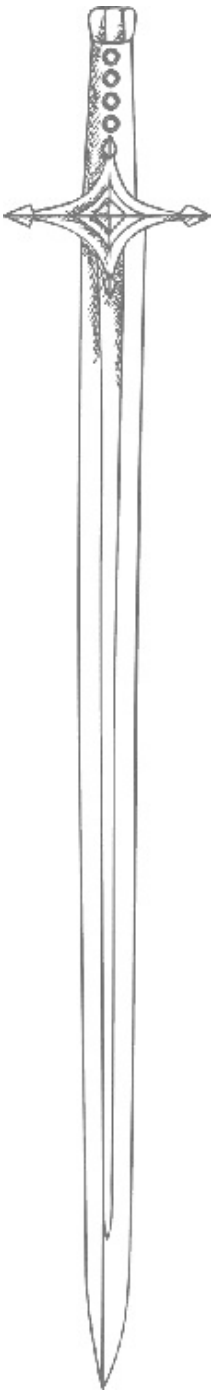
Pegando minha mão, ele deu um beijo suave em meu dedo. Nada mudou para ele.

Ele queria me ajudar a realizar meus sonhos.

"Então," eu disse, arregaçando as mangas enquanto me virava para examinar o espaço ao nosso redor, a porta que dava para o que provavelmente era uma sala dos fundos. "Você quer explorar?"

EPÍLOGO

Prisca



ibris soltou uma risada vibrante que rolou em nossa direção. Ele estava parado no final do Tdock, com a mão de Herne entrelaçada na sua. Enquanto eu observava, meu irmão se inclinou, pressionando os lábios nos de Herne.

Mais tarde hoje, Tibris estava planejando propor casamento. Ele foi inspirado pelo meu casamento. E ele queria compartilhar seu amor por Herne com o mundo.

Margie já havia desenvolvido carinho pelos dois e sem dúvida insistiria em ajudar com a comida.

Fiquei tão animado por ele que tive medo de falar com Herne caso deixasse escapar alguma coisa.

“Você não pode ignorar o que está acontecendo, gato selvagem.” A voz de Lorian era baixa e divertida.

Suspirando, voltei minha atenção para o motivo de estarmos aqui.

Ao meu lado, Madinia riu. Eu a ignorei por mais alguns momentos, e sua risada se tornou uma risada completa.

Daharak estava na proa de seu navio, lançando um olhar cauteloso para duas serpentes marinhas que dançavam entre as ondas. Seu irmão Pelysian estava ao seu lado. Junto com a mãe deles – a vidente que conheci naquele dia nos quartos de Kaliera – ele trabalhou nos bastidores para moldar o futuro deste continente.

Eu sabia que esse dia chegaria. A guerra foi vencida. Nosso povo estava seguro. Até as aranhas de Regner estavam livres de sua teia.

E ainda assim…

Soltei um suspiro, finalmente olhando para Madinia. Como sempre, ela usava as leggings de couro que ela preferia, embora eu tenha ficado satisfeito em ver que ela estava usando as botas novas que eu lhe dei de presente para esta viagem. Sua capa tremulou ao vento e ela a envolveu.

“Fique,” eu disse, minha voz tensa. “Fique conosco, Madínia. Precisamos de você.

Pela primeira vez, Madinia sorriu para mim sem restrições. Seu sorriso era amplo, lindo... quase ofuscante. Os pertences dela já estavam naquele navio e, apesar do meu apelo, eu sabia que ela nunca ficaria.

“Eu preciso ir, Prisca. Sinto uma coceira nos pés e um desejo dentro de mim de conhecer outras terras. Certa vez pensei que esta parte do mundo não passava de morte e horror. Você me ensinou que é muito, muito mais que isso. Mas há outros lugares também.”

Meus olhos ardiam, mas eu entendi. Havia algo de selvagem em Madinia. Algo que foi cuidadosamente controlado durante todos esses anos. Mas ela roeu a coleira pouco a pouco, até que finalmente arrebentou.

E agora ela estava livre.

“Eu voltarei”, disse ela. Hesitante, ela pegou minha mão. “Voltarei *um* dia.”

"Promessa." Minha voz estava grossa.

“Eu prometo.”

“Não espere muito.”

Ela sorriu novamente. E então ela se virou e caminhou em direção ao navio de Daharak.

Meu olhar capturou um homem que apareceu mais adiante no cais. Ele ficou tão imóvel que era como se fosse uma estátua, as mãos plantadas nos quadris, a linguagem corporal concentrada. Algo na maneira como ele olhou para Madinia fez minha pele arrepiar.

A capa de Madinia tremulou ao vento, revelando o grimório guardado em seu bolso interno.

O homem ficou estranhamente imóvel. E então ele estava caminhando em direção a ela.

Daharak desceu até a metade da prancha de embarque, com um sorriso malicioso no rosto. Ela disse algo que fez Madinia rir, e o homem hesitou por um breve momento.

Madinia subiu na prancha e o homem começou a correr.

A realização bateu em mim. Eu conhecia aquele homem. Eu estive preso com ele uma vez, nas celas de Regner.

Calisiano.

Ele iria pegar Madinia. E algo me disse que se isso acontecesse seria muito, muito ruim.

Parei o tempo com um pensamento. Mas só para ele.

Daharak acenou para mim. Madinia se virou, levantando a mão, e me forcei a acenar de volta, como se eles não estivessem levando consigo o menor pedaço do meu coração.

“Eles estarão de volta,” Lorian murmurou em meu ouvido, seus braços me envolvendo.

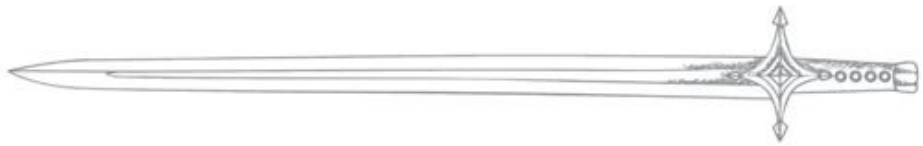
"Eu sei. Enquanto isso, tenho alguém para questionar.

Eu me mexi em seus braços, virando-me para examinar Calysian.

Meu coração parou.

Ele se foi.

A mãe de Pelysian, Ravynia, estava por perto, com o olhar voltado para o navio. Por alguma razão que nenhum de nós conseguia entender, ela escolheu fazer do nosso reino o seu



lar. Talvez fosse porque era menos provável que ela fosse incomodada aqui. Eu certamente estava farto de videntes e de suas profecias para toda a vida.

“Essa garota vai se arrepender de ter deixado este lugar”, disse ela.

Meu coração voltou a bater e eu olhei para ela. “Madinia terá uma vida longa, cheia de felicidade e aventura.”

Ela apenas franziu a testa para mim. “Ela vai, traumatizada pela vida e armada com um dos grimórios do deus das trevas. Você libertou uma mulher que tem potencial para se tornar um monstro.”

O aperto de Lorian aumentou em mim. “Cuidado com suas palavras, mulher.”

“Você a *viu* se tornar um monstro?” Perguntei.

A vidente balançou a cabeça lentamente. “O futuro dela está atualmente fechado para mim.”

Soltei um suspiro e Ravynia fez uma careta. “Isso não é uma coisa boa, garota.”

“A vida de Madinia é dela”, eu disse. “Todas as nossas vidas são nossas.”

Ela resmungou novamente, virando-se. Mas eu já estava olhando para o homem que mudou tudo para mim.

“Minha vida é sua”, ele me lembrou. “Todas as vidas.”

Eu sorrio para ele. “Todas as vidas.”

LORIANO

Prezado L,

Obrigado pela sua atualização recente. Eu gosto de ouvir como você está me estabelecendo como rei, embora uma parte de mim ainda esteja chocada com a forma como facilmente você fez a transição de "mercenário" para monarca.

Você ficará satisfeito em saber que segui seu conselho. Enquanto o pai gostava pensar que permitir aos guardas o poder de autodeterminação evitaria a necessidade de uma mão mais forte, ele estava errado (e até mesmo admitir tal coisa é desconfortável). Quando precisávamos de nosso territórios para se unirem e enfrentarem a ameaça apresentada por Regner, eles optamos por jogar jogos de poder oportunistas, o que nos custou um tempo precioso.

Eles aprenderam agora que o que pode ser dado, também pode ser recebido ausente.

Com notícias mais felizes, Emara me conta o primeiro fae-híbrido-humano a escola estará pronta para abrir na primavera. Eu admito, eu estava em dúvida quando ela me apresentou a ideia. Mas ela - com entusiasmo apoio de sua própria rainha - não deveria ser dissuadido. Apenas alguns dias atrás, ela me convenceu a visitar, e devo admitir, imaginando jovens estudantes tão ansiosos para deixar os horrores da guerra para trás e se concentrar no futuro… isso me deu esperança.

E como ambos aprendemos, a esperança vale mais que o ouro depois guerra.

Espero que Prisca esteja bem. Passe adiante meu amor. Você pode dizer isso a ela, sim, Vou discutir os acordos comerciais, ela não para de me enviar mensagens sobre.

Faremos uma visita depois que a escola abrir, na primavera.

C

Prezado C,

Esta não será uma carta longa. Prisca está insistindo para irmos à casa de Asinia nova loja. Ela ainda não deu um nome, mas já conseguiu convencer todos nós a doarmos nosso tempo para demolir as paredes, limpar a poeira e montando prateleiras.

Eu conheço minha gata selvagem e ela também vai querer visitar sua escola.

Falarei com ela hoje sobre uma visita.

Mas isso é gentileza suficiente. Você tem tomado o tônico curandeiro te deu? Seus pulmões foram curados? O que seu curador dizer sobre o cansaço?

eu

Prezado L,

Emara está grávida. Na verdade, eu comecei a pensar tal coisa pode nunca acontecer. Alguma parte de mim acreditava que morrer sem um herdeiro no lugar pode ser minha punição por desafiar os deuses

desejos e abandonando meu companheiro. Mas Emara é a mulher que amo, a mulher que sempre amei. E nosso amor criou gêmeos. (Eu posso imagine você rindo enquanto lê esta carta.)

Enquanto nós dois esperamos ter filhos saudáveis, Emara deseja um menino e uma garota. Meu? Estou esperando por dois meninos. Irmãos que vão amar uns aos outros e crescer juntos e viver suas vidas como melhores amigos.

E não importa qual gêmeo venha primeiro – e se torne meu herdeiro – eu prometo ensiná-los a permanecerem de coração aberto e calorosos, e a não veja ameaças onde não há nenhuma. Juro que meu segundo filho não seja responsável por seus deveres como Príncipe Sanguinário. E se eu morrer, eles não apenas terão um ao outro, mas também tem você e Prisca.

O futuro pai mais agradecido.

C

PS: Os pulmões estão bem. O curandeiro me deu tudo certo. Agora eu sei por que seu companheiro te chama de mãe galinha.

Prezado C,

Prisca está sentada ao meu lado, com o rosto molhado de lágrimas, um largo sorriso nos lábios. face. Ela pediu que eu mandasse lembranças para vocês dois e disse que iremos visite no horário mais conveniente para você.

Piperia simplesmente entrou em nosso quarto, escapando da mãe uma vez. de novo. Ela está atualmente roendo uma das mesas com seus poucos dentes como se ela fosse um filhote de lobo disfarçado.

A ideia de meu irmão formal e contido lidando com dois dos essas pequenas criaturas ao mesmo tempo... Bem, devo admitir, eu ri e sorriu. Parabéns, irmão. Você foi verdadeiramente abençoado e Mal posso esperar para conhecê-los. Beije sua linda esposa por mim.

O tio mais orgulhoso de todos os quatro reinos.

eu

O FIM

Agradecimentos:

Quando sonhei acordado com a série Kingdom of Lies, não poderia imaginar que tantos leitores sentiriam tão fortemente esses personagens quanto eu. E enquanto escrevo estas palavras, sabendo que este é o fim da série, sinto uma sensação ao mesmo tempo triunfante e agridoce.

Para Weiner: Há uma razão pela qual você foi uma das primeiras pessoas a quem contei quando comecei a escrever ficção. Muito do que sei sobre amizade feminina, aprendi com você e com nosso relacionamento mal-humorado e melhor amigo.

Obrigado por seu apoio incansável, seu eterno otimismo e seu perverso senso de humor. Também estou muito animado para trabalhar com você daqui para frente!

À minha família e amigos: Obrigado pelo seu entusiasmo, pelo seu apoio, mas acima de tudo, pelo seu amor.

Para minha incrível agente, Kimberly: Você fez *muito* por esta série.

Obrigado pelo seu entusiasmo e, o mais importante, pela sua paciência e disposição em explicar as coisas várias vezes enquanto aprendo a navegar por um lado totalmente novo da publicação.

Obrigado aos meus incríveis editores. Dawn e Lisa por serem tão flexíveis, mesmo quando estendo meu prazo e *ainda estamos* sob pressão.

Para Fay, Elli, Angela e Deb, eu não conseguiria fazer isso sem vocês.

Obrigada a Bianca do Moonpress, pelas minhas capas incríveis, à Amy pela formatação e à @Samaiya. art por mais uma vez criar lindas artes de personagens para este livro.

Mais importante ainda, obrigado a todos que se arriscaram nesta série. Sinto-me incrivelmente sortudo por poder fazer isso todos os dias, e tudo graças a leitores como você, que tornam tudo isso possível. Espero que você esteja tão animado com os próximos livros quanto eu ;)

Estácia x

ISSO É SÓ O COMEÇO

Encontre-nos online e participe da conversa

TWITTER/X

twitter.com/penguinukbooks

FACEBOOK

facebook.com/penguinbooks

Instagram

instagram.com/penguinukbooks

YOUTUBE

youtube.com/penguinbooks

PINTEREST

pinterest.com/penguinukbooks

LINKEDIN

linkedin.com/company/penguin-random-house-uk

TIK TOK

tiktok.com/@penguinukbooks

Para os livros mais recentes, recomendações, entrevistas com autores e muito mais

Inscreva-se na newsletter da Penguin

Conheça mais sobre o autor e descubra

sua próxima leitura em **Penguin.co.uk**



LIVROS DE PINGUIM

Reino Unido | EUA | Canadá | Irlanda | Austrália

Nova Zelândia | Índia | África do Sul

A Penguin Books faz parte do grupo de empresas Penguin Random House cujos endereços podem ser encontrados em global.penguinrandomhouse.com.

Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos da América pela Bingeable Books LLC 2024

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha pela Penguin Books 2024

Direitos autorais © Bingeable Books LLC, 2024

O direito moral do autor foi afirmado Design da capa por Moonpress/ www.moonpress.co

Imagens da capa © Depositphotos

Mapa de Sarah Waites da The Illustrated Page Design Design de interiores da Imagine Ink Designs

ISBN: 978-1-405-96766-2

Este e-book é material protegido por direitos autorais e não deve ser copiado, reproduzido, transferido, distribuído, alugado, licenciado ou executado publicamente ou usado de qualquer forma, exceto conforme especificamente permitido por escrito pelos editores, conforme permitido pelos termos e condições sob os quais foi adquirido. ou conforme estritamente permitido pela lei de direitos autorais aplicável. Qualquer distribuição ou utilização não autorizada deste texto pode constituir uma violação direta dos direitos do autor e do editor e os responsáveis podem ser responsabilizados legalmente.











de

Sua porta de entrada para conhecimento e cultura. Acessível para todos.

z-library.se singlelogin.re go-to-zlibrary.se single-login.ru

Canal oficial do Telegram

Acesso Z

https://wikipedia.org/wiki/Z-Library

Esboço do documento

- Sobre o autor
- Página de título
- Dedicação
- Mapa
- Epígrafe
- Prólogo: Prisca
- 1: PRISCA
- 2: A RAINHA
- 3: LORIANO
- 4: MADÍNIA
- 5: A RAINHA
- 6: PRISCA
- 7: MADÍNIA
- 8: PRISCA
- 9: MADÍNIA
- 10: PRISCA
- 11: LORIANO
- 12:PRISA
- 13: PRISCA
- 14:PRISA
- 15:PRISA
- 16:PRISA
- 17:PRISA
- 18: ASÍNIA
- 19: MADÍNIA
- 20: MADÍNIA
- 21:PRISA
- 22: LORIANO
- 23: A RAINHA
- 24:PRISA
- 25: A RAINHA
- 26: ASÍNIA
- 27: MADÍNIA
- 28:PRISA
- 29: ASÍNIA
- 30: ASÍNIA
- 31:PRISA
- 32: PRISCA
- 33: PRISCA
- 34:PRISA
- 35: A RAINHA
- 36: PRISCA

- 37: LORIANO
- Epílogo: Prisca
- Agradecimentos
- Direitos autorais